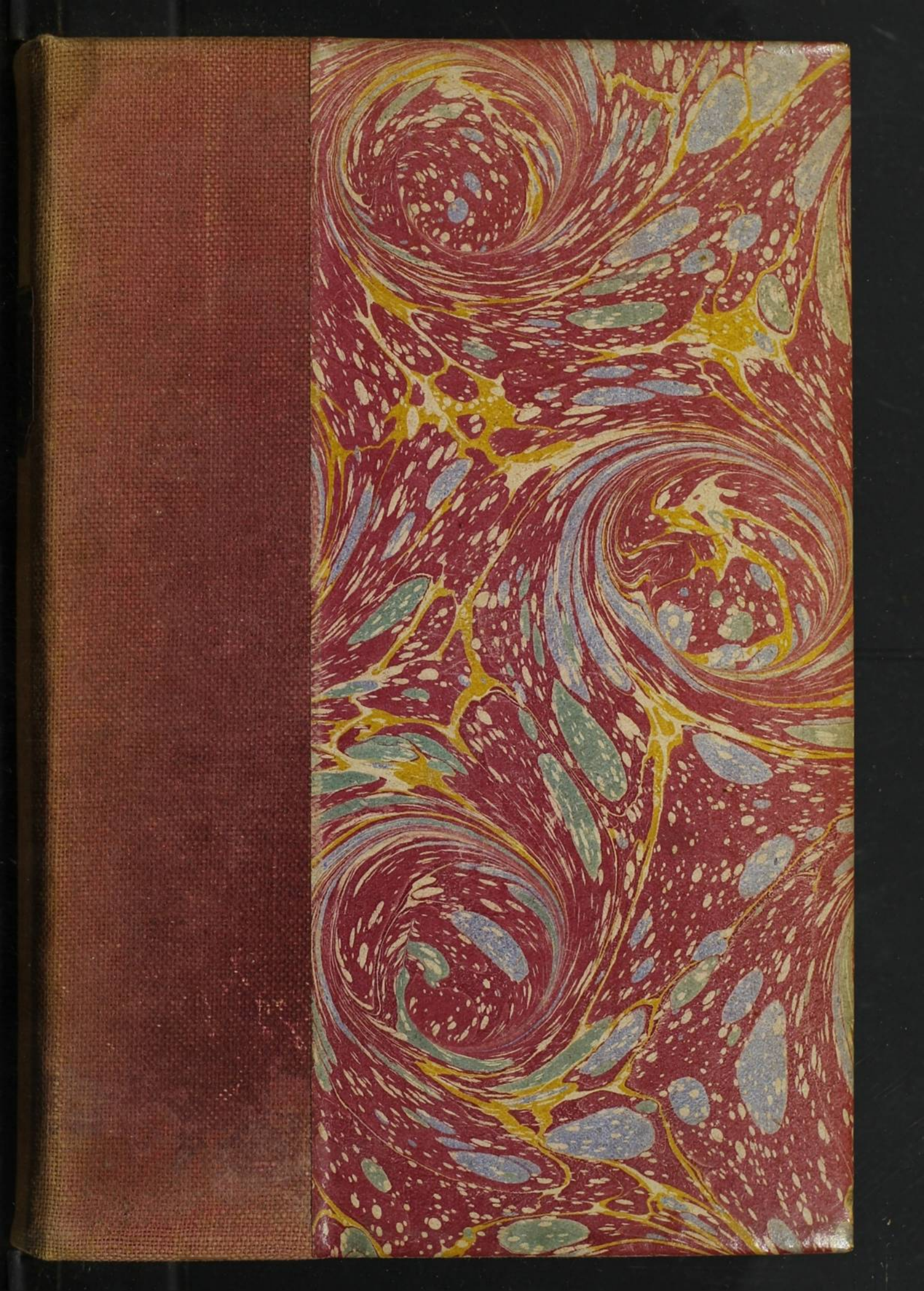
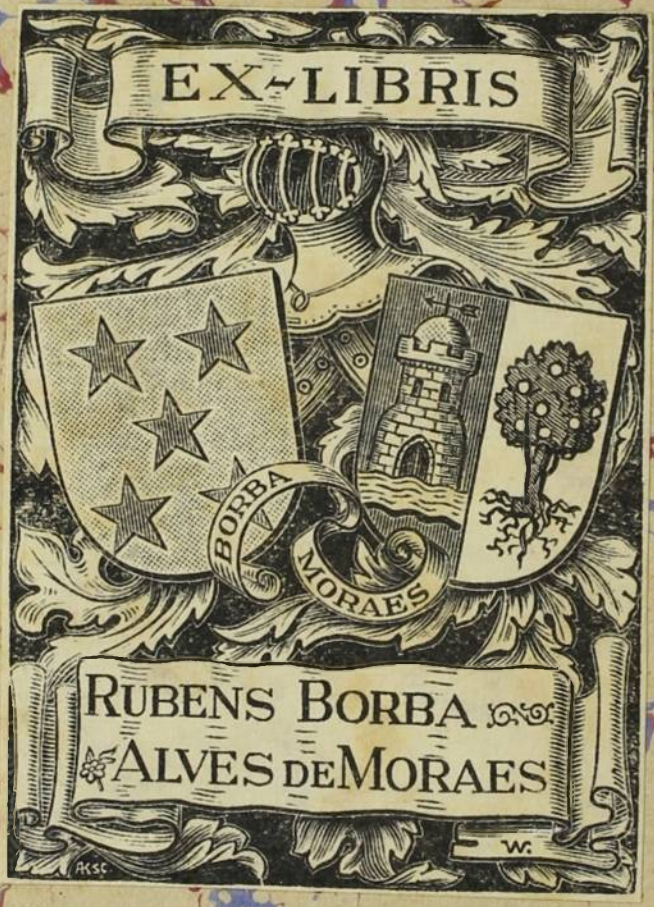
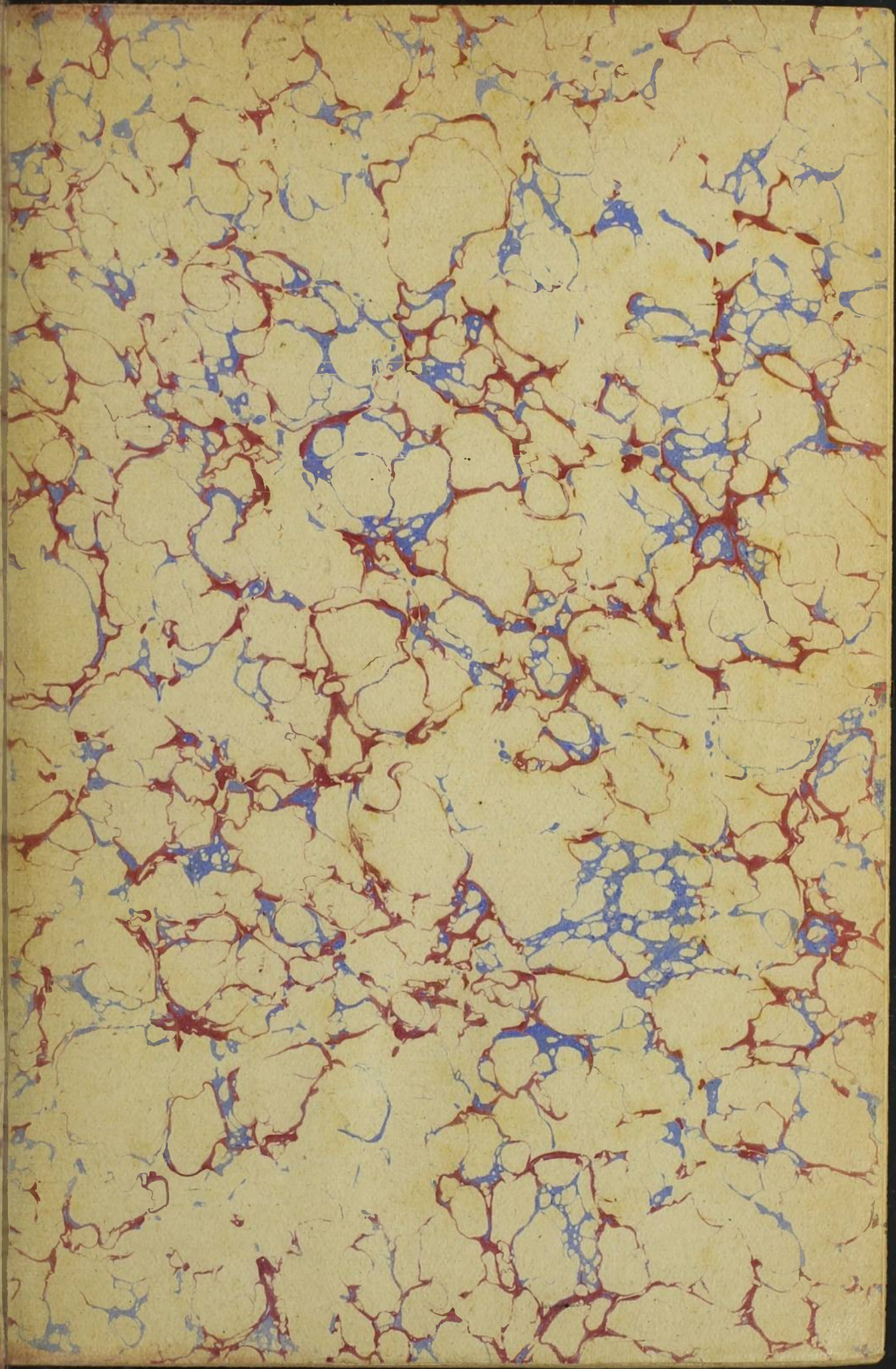



EX-LIBRIS
BORBA
MORAES
RUBENS BORBA
ALVES DE MORAES



PUBLICAÇÕES DA ACADEMIA BRASILEIRA
Coleção Afrânio Peixoto

I — LITERATURA

Florilegio
da
Poesia Brazileira

ou

collecção das mais notaveis composições dos poetas brazileiros falecidos, contendo as biographias de muitos delles, tudo precedido de um

Ensaio Historico Sôbre as Lettras no Brazil

TOMO I



RIO DE JANEIRO
1946

FLORILEGIO
DA
POESIA BRAZILEIRA

TOMO I

PUBLICAÇÕES DA ACADEMIA BRASILEIRA
Coleção Afrânio Peixoto

I — LITERATURA

FLORILEGIO
DA
POESIA BRAZILEIRA

ou

collecção das mais notaveis composições
dos poetas brazileiros falecidos,
contendo as biographias
de muitos delles,

tudo precedido de um

ENSAIO HISTORICO SÔBRE AS LETTRAS NO BRAZIL

TOMO I



RIO DE JANEIRO
1946

A Academia Brasileira de Letras não é responsável pelas opiniões manifestadas nos trabalhos assinados em suas publicações oficiais.

NOTA PRELIMINAR

Francisco Adolfo de Varnhagen, o grande historiador, teve o seu violino de Ingres: a literatura. Teve mesmo a pieguice de querer ser poeta e cometeu um mediocrissimo "Caramurú"... Mas, no violino, ao menos na produção erudita, foi um "virtuose" de merecimento. É que a erudição confina com a história, a sua predestinação.

Desses pecados dá notícia a nota bibliográfica que para esta edição, escreveu Clado Ribeiro Lessa, honroso discípulo do mestre, que lhe vai honrando a memória. Aqui apenas queremos falar do "Florilégio".

Distingue-se essa antologia das numerosas outras em vernáculo, que interessam ao Brasil. Desde os "Júbilos da America", Lisboa, 1754, do "Parnaso" de Januário da Cunha Barbosa, ou Joaquim Norberto, ou Mello de Moraes, às coletâneas com a de Vasconcellos, ou Pereira da Silva, ou Regueira Costa, às selectas escolares de Laet e Fausto Cardoso, Werneck e outros, o "Florilégio" de Varnhagen, se distingue, literàriamente, como obra de ótima erudição, digna do autor da "História Geral". Não que seja mesmo uma colecção de "flores", uma antologia, ou uma selecta literária que apenas, na escolha, denunciaria o gôsto literário do co-

lecionador. Não. O "Florilégio" é mais, e melhor, do que denuncia o seu título. É um "arquivo" literário. Não um ramalhete efêmero: um hervário científico, transmissor de conhecimento e capaz de permitir uma "sistemática". Não obra apenas agradável de artista, senão obra séria de crítica e erudição ou história literária.

E aí, "história", mesmo literária, estaria Varnhagen com a sua intuição ou, afrontando a ênfase, com o seu gênio. Até com os seus defeitos, de grande historiador, que foi e é, embora êsses defeitos.

Não é que enunciando um facto verdadeiro, embora controvertido, Varnhagen, que tinha diante dos olhos o documento, que conseguira, "esquece" de o citar, omitindo a prova e se dando ao luxo de querer ser aprovado, sob palavra? Seus grandes discípulos, Capistrano ou Garcia, vão mourejando por citar e revelar êsses documentos, em que se apoiou o mestre para suas afirmações categóricas.

Um exemplo apenas, e que importa ao "Florilégio". Em 1923 celebrou-se o centenário de Gregório de Matos. Teria o poeta nascido na Bahia a 7 de abril de 1623. Esta data fôra aceita por Januário da Cunha Barbosa, José Maria da Costa e Silva, Teixeira de Mello, Pereira da Silva, Valle Cabral, Sacramento Blake, Sílvio Romero, Araripe Júnior, Fausto Barreto e Carlos de Laet, Xavier Marques, que arrastou a Academia Brasileira. Entretanto, tranquilamente, sem apresentar documento, Varnhagen, no "Florilégio" dava outra data, 20 de dezembro de 1633. Sílvio Roméro pôde, então, "decidir": "Varnhagen dá, por engano, 1633".

Confiado, entretanto, no mestre, mesmo sem documento apresentado, e tendo, pela Comissão de Publi-

cações desta Academia, de contribuir para a publicação das obras completas do poeta, na "Lírica" de Gregório de Matos, em 1923, pude dizer, no prefácio: "séculos depois, até quase o seu terceiro centenário"... quase porquê mestre Varnhagen me transferia a celebração para 1933.

Com efeito, Varnhagen tinha o documento: estava no "Codice" manuscrito de obras do poeta, que hoje está na Colecção Varnhagen, do Itamaratí, onde leu: "os Pais que por illustres e catholicos foram bem celebrados o derão à luz em 20 de Dezembro de 1633".

Posteriormente adquiri, em Lisboa, dois velhos Códices manuscritos, de obras de Gregório de Matos, que destinei à Biblioteca Nacional, onde, no I, à página 4, na biografia do poeta pelo licenciado Manoel Pereira Rebello, se lê: "Nasceo na Bahia ao Cruzeiro de São Francisco da parte do Nascente em casas cuja figurada cornija de romanas medalhas, ainda hoje as distingue caprixosamente nobres, os Paes, que o derão à luz em 20 de dezembro de 1633, forão Gregorio de Mattos, fidalgo da série dos Escudeiros em Ponte de Lima, natural de Arcos de Val de Vez, e Maria Guerra, matrona geralmente conhecida de respeito, em toda a cidade".

E as "Obras Completas" de Gregório de Matos, iniciadas em 1923, data "centenária", dos outros, aí começadas com a I — "Sacra", 1923; II — "Lírica", 1923; depois a III — "Graciosa", 1930; IV — "Satírica", 1930; V — "Satírica", 1930; remataram, no "centenário", de Varnhagen, com a VI — "Última", em 1933.

Outro facto, no mesmo "Florilégio" que se poderá tomar como intuição, mas que, bem examinado, é uma certeza, é aquele da supressão de Bento Teixeira, e sua

"Prosopopéia", geralmente havido como o iniciador da poética e da literatura nacional e a que Varnhagen não concedeu sequer menção. O nosso autor disputa tenazmente a Portugal vários dêsses poetas, até o próprio Gonzaga, enquanto tem dúvidas. Aqui mesmo Garcia o corrige, acertando a nacionalidade lusitana de dois ou três dos incluidos indevidamente; o próprio Varnhagen o faz, quanto a Gonzaga, rectificando no seu texto o engano de sua introdução. Porém, quanto a Bento Teixeira e a sua "Prosopopéia", Varnhagen não teria dúvida, tanto que nem o menciona... Ele só, contra toda gente...

Seria documentado em Botelho de Oliveira, que cita, expressamente, e que se tem, a si próprio, por "ser o primeiro filho do Brasil que faça publica a suavidade do metro... que o não sou em merecer outros maiores creditos na Poesia"? Portanto, para Botelho de Oliveira, Bento Teixeira não seria "filho do Brasil" e Varnhagen nele acreditava, pois devia, no século XVII, sabê-lo mais do que nós. E é o que apura Rodolfo Garcia, informado pela *Primeira visitação ás partes do Brasil pelo licenciado Heitor Furtado de Mendonça* (*Denunciações de Pernambuco*), que Bento Teixeira era natural do Porto... Varnhagen, sumàriamente o excluiu de um "Florilégio" da Poesia Brasileira, porquê o sabia lusitano.

Estão aqui dois documentos de nosso asserto: Varnhagen nunca diz coisa de oitiva. Ainda quando não cite o seu documento. Isso ocorre dezenas de vezes, em sua mesma "História Geral". É, entretanto, documentável e as dezenas de vezes tem sido documentadas, principalmente por seu discípulo Rodolfo Garcia, o número um dos Varnhagenianos.

Ora, o historiador, colaborou, principalmente, no "Florilégio", antes arquivo, já o disse, que antologia. De numerosos escritores brasileiros, dificeis de manuseio, é o "Florilégio" quase que o original, pois aí apenas se encontram produções raras e dispersas. O "Florilégio" é um pequeno tesouro da literatura nacional.

E não só pelo que representa de arquivo e museu. Pela introdução geral e pelos prefacios parciais. Deles, disse Capistrano de Abreu ser "um esboço de História literária onde tem ido beber muitas vezes sem confessá-lo todos os que se têm ocupado do assunto." (Malícia, porém verdade, documentavel, também). Pelo gosto e sizo da crítica e dos juizos. Pela opiniões do sabedor e historiador, que ocorrem, aqui e ali, e mostram nos menores incidentes, o grande escritor e grande sábio, a quem tudo importa. Finalmente pelo demorado carinho que deu o autor a este livro.

Com efeito, o "Florilégio" tem os dois primeiros tomos datados de Lisbôa, 1850. O terceiro, à distância, já é de Madrid, 1853. Nesse terceiro rarissimo ha variantes: o exemplar da Biblioteca Nacional não confere com o exemplar, de posse pessoal do historiador, que está na Coleção do Itamaratí conferido para esta edição. Neste o "Appendice" tem rosto que diz: "Vienna, Typographia do filho de Carlos Gerald, 1872".

Os pequenos tomos, in-12, constam: tomo I, de prologo, introdução, numeração romana até LIV, indo a árabe do texto até 359 pp.; o t. II, advertencia, até IV pp., de 365 a 720 pp., incluindo notas e índice; t. III, prefação, sem numeração, começando o texto, que vai até 310 pp. além de apendice, addenda, índice geral, errata, várias páginas. Neste III tomo, depois de pags. 240 há um "suplemento primeiro" contendo alguns poemas

mais de autores contemplados nos dois primeiros tomos, e que se devem ajuntar em outra edição nos lugares competentes" (foi o que fizemos nesta), desaparecendo pois, daqui, o suplemento primeiro.

Tendo distribuido o conteudo do dito "suplemento primeiro", "de autores já contemplados nos dois primeiros tomos e que deve ajuntar em outra edição nos logares competentes (p. 241, t. III), o que fizemos, desapareceu, por ordem de Varnhagen, êsse "suplemento", o que alterou a composição do III volume e as dos outros, I e II: por isso, a distribuição da matéria pelos três tomos, da presente edição, não corresponde a dos três da edição anterior. A presente edição compensa esta alteração com os indices reais, dos três tomos da edição princeps e um completo da nossa edição, com a distribuição de tôda a matéria pelos nossos volumes.

Entretanto, anos depois, conseguiu Varnhagen matéria para um suplemento "segundo", que em 1872 imprimiu em Viena, com numeração independente do texto anterior dêsse III volume, indo de 1 a 106, que não obstante encadernou com as 310 páginas precedentes, formando um exemplar rarissimo, como dissemos, só conhecendo o do próprio autor, hoje na coleção Varnhagen, da Biblioteca do Itamaratí. Êsse "suplemento segundo" (de autores vivos) não podendo ser distribuido como o primeiro pelos autores já contemplados no I e II, vai, aqui mesmo, como suplemento. Parece teve dúvida ulterior sôbre Bento Teixeira, pois figuram aí algumas estancias de Bento Teixeira "Pinto". Isso não tem maior importância, pois alguns dos novos foram reconhecidos portuguêses.

A mais se ajuntam, para a tentativa da Academia Brasileira, ora realizada, esta introdução, "nota preli-

minar" de nosso hábito nas publicações acadêmicas, de nossa responsabilidade; a "bibliografia das obras literárias de Francisco Adolfo de Varnhagen, Barão e Visconde de Porto Seguro", da competência de Clado Ribeiro Lessa; e finalmente, e principalmente, as biografias, notas e pesquisas sobre os autores de Varnhagen, ou do "Florilegio", ao cabo de alguns capítulos, confirmações ou emendas ao grande escritor e erudito, por discípulo amado, Rodolfo Garcia, escolhido por Capistrano de Abreu, o Varnhageniano numero um — que legou ao nosso colaborador o zelo sagrado por tudo que interessa à glória e ao respeito de uma obra, que é parte avultada do patrimônio nacional. Só êle, com aquela modestia, e mais, aquela exactidão "varnhageniana", podia executar trabalho tão modesto e tão dedicado, com essas notas, da presente edição, que prolongam, confirmando ou corrigindo um texto, como merece o nosso autor, e merecia esta obra sua, história, arquivo, museu, de tanto encarecimento pelo assunto e pela autoria, tornando-a acessível, presente e atual grande obra, entretanto de original aspecto somenos.

O Povo, porém, não se engana: tão disputado é o "Florilegio", que os dois primeiros voluminhos que não se encontram jámais nas livrarias, são, nos antiquários, cotados acima de dois contos de réis. E são raros os biblófilos que os possuem: os três, rarissimos...

Portanto, esta publicação, da Academia Brasileira, é das que a honram e, prestando-lhe homenagem, honram a memória do grande Francisco Adolfo de Varnhagen, Visconde de Porto Seguro, primeiro dos nossos historiadores, e dos mais notáveis — pelo "Florilegio" e outras obras literárias de erudição —, dos mais notáveis dos nossos mestres críticos.

Finalmente, a Academia Brasileira honra a si mesma, pois que Varnhagen é dos nossos patronos, um dos nossos deuses-lares...

AFRÂNIO PEIXOTO.

P. S. — A ortografia do Autor é conservada fielmente, tanto na Introdução, como no texto. Quanto a da Nota preliminar e das outras notas, que constituem matéria nova, adotou-se, como é de razão, o sistema oficial da Academia.

As notas do Autor, em uma e outra parte do livro, são guardadas como nele estão. Quanto as que agora se fazem, as da Introdução vão no final dela, com numeração romana: as do texto, entre cancelos, ficam nos lugares competentes, dispensada a numeração, com a sigla R. G.

BIBLIOGRAFIA

Obras literárias de Francisco Adolfo de Varnhagen, Barão e Visconde de Porto Seguro

EM VERSO:

1) *Pergunta de H. Heine: trad. do alemão por V.* — Versos brancos no tomo VIII (1844) do "O Panorama", pag. 224, (13 de Julho). Uma nota diz ter sido a tradução feita a bordo da barca "Conde de Palma" em Abril de 1841, época em que sabemos estava Varnhagen em viagem de regresso a Portugal.

2) No album da Sra. D. Francisca, esposa do Conselheiro Paulo Barbosa, ao partir esta de Paris para S. Petersburgo, onde seu marido ia exercer as funções de Ministro do Brasil: 4 quadrinhas heptasílabas, datadas de 7 de Junho de 1847, a ½ hora da manhã. Inéditas. O album mencionado pertence hoje ao sr. Americo Jacobina Lacombe.

3) *Romance do Conde de Barcellos,* composição em quadrinhas pentassílabas, inserta na edição das *Trovas e Cantares de um códice do XIV.º século, Madrid, MDCCCXLIX,* como *Appendice I.º,* pags. 321-325.

4) *O matrimonio de um Bisavô ou O Caramurú (Romance histórico brasileiro)*: composição em quadrinhas, no mesmo gênero da anterior. Impressa pela primeira vez no *Florilegio da Poesia Brasileira, tomo III, Madrid, 1853,* pags. 227-240, foi reeditada em volume de minúsculo formato, em papel cartão amarelo, provavelmente em 1859:

O Caramurú, romance histórico brasileiro, por F. A. de Varnhagem (sic). *Rio de Janeiro. Typ. de Pinto de Sousa, Rua dos Ciganos n.º 43 e 45* — 32 páginas e duas estampas.

5) *Cinco de Maio,* ode à morte de Napoleão, de Alexandre Manzoni, traduzida em quadras portuguezas. Saíu pela primeira vez em *Lysia Poetica (Rio de Janeiro, F. O. Q. Regadas, 1857-1858; Teixeira & C., 1858-1859) 2.ª séric,* pags. XCIX-CII. Reimpressa no opúsculo:

Cinco de Maio — Ode heroica de Alexandre Manzoni e tres versões portuguezas, Rio de Janeiro, Moreira, Maximino & C., 1885, pags. 33-39 e 61-66 (notas). As duas outras versões foram feitas por José Ramos Coelho e D. Pedro II.

Ficções em prosa:

1) *Chronica do Descobrimento do Brasil,* novela histórica baseada na carta de Pero Vaz de Caminha. Foi impressa pela primeira vez no "O Panorama", tomo IV (1840), pags. 21-22 (18 de Jan.); 33-35 (1.º de Fev.); 43-45 (8 de Fev.); 53-56 (15 de Fev.); 68-69 (29 de Fev.); 85-87 (14 de Março); 101-104 (28 de

Março); com a assinatura *F. A. V.* no último folhetim. Saíu em volume pela segunda vez no mesmo ano, com alguns retoques:

O Descobrimento do Brasil, chronica do fim do decimo-quinto século; por Francisco Adolpho de Varnhagen. Segunda edição authentica, revista, correcta e accrescentada pelo autor. Rio de Janeiro, Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e Comp. Rua do Ouvidor, n.º 65. 1840 — 8.º peq. de 70 — I páginas.

2) *Amador Bueno, drama épico e historico-americano (Em quatro actos e tres mutações), Lisboa, edição particular, 1847,* — 12.º. Teve segunda edição:

Amador Bueno ou a Corôa do Brazil em 1641, drama epico-historico-americano, pelo autor de Sumé e de outras composições litterárias. A acção se passa na outr'ora villa de S. Paulo, no Brazil. No verso: *Madrid: 1858 — Imprenta del Atlas, à cargo de D. A. Perez Dubrull, calle de San Bernardino, 7* — 4.º de 4 (inms.) — 16 páginas.

3) *Sumé, lenda mytho-religiosa americana, recolhida em outras eras por um Indio moranduçara, agora traduzida e dada à luz por Um Paulista de Sorocaba,* no "O Panorama", tomo XII (1855), pgs. 347-351 (3 de Novembro). No mesmo ano, não sabemos si antes ou depois de sair no "O Panorama", imprimiu-se num artístico folheto em Madrid, na *Imprensa de V. de Dominguez; Hortaleza, 67* — 8.º de 39 páginas. Em 1856 saiu também no periódico *Abelha,* do Rio de Janeiro, n.º 9.

PÁGINAS DESCRITIVAS:

1) *Rio de Janeiro,* descrição corográfica da cidade, no "O Panorama"; tomo IV (1840), pags. 153-155 (16 de Maio); 177-178 (6 de Jun.); 241-242 (1.º de Ag.); sem assinatura; tomo VIII (1844), pags. 163-166 (25 de Maio); 218-220 (13 de Jul.); 295-296 (21 de Set.); 311-313 (5 de Out.).

Os folhetins de 25 de Maio e 13 de Julho estão assinados *V*. No primeiro destes o autor confessa sê-lo tambem dos demais sob o mesmo título publicados no tomo IV do periódico, e que êle se identifica com Varnhagen prova-se por:

a) mostrar ser brasileiro nato, o que era raro. Talvez fosse o sorocabano o único, entre os colaboradores do "O Panorama";

b) declarar-se amigo e consocio (do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro) do conego Januário da Cunha Barbosa, condições notoriamente preenchidas por Varnhagen;

c) referir-se a sua ausencia de Portugal em fins de 1840, justamente quando sabemos ter vindo o escritor ao Imperio, a fim de pleitear o reconhecimento de sua cidadania brasileira.

2) *Gruta Admiravel,* descrição de uma caverna de estalactites em Matogrosso, no "O Panorama", tomo IV (1840), pags. 193-195 (20 de Junho); assinado *F. A. V.*

3) *Brazil. A Picada do Matto Virgem* (*Fragmentos d'uma viagem ao sertão*), no "O Panorama", tomo V, (1841) pags. 221-223 (10 de Jul.). Assinada *F. A. V.* em nota.

4) *O Santo Milagre de Santarém*, na "Revista Universal Lisbonense", vol. I — (1841-1842), n.º 25. Informação de Tancredo Paiva.

5) *Em serviço ao Norte da Europa* (*Páginas não officiais*), *pelo Visconde de Porto Seguro, delegado official do Brasil no Congresso Estatístico de S. Petersburgo em 1872 e membro da Commissão Permanente do mesmo nas sessões de 1873 em Vienna e 1874 em Stockholmo. — Stockholm, 1874. P. A. Worstedt & Söner.* No fim: *Stockholmo, 28 de Ag. de 1874. Visconde de Porto Seguro.* — 8.º de 16 páginas.

História e Crítica Literárias:

1) *Bibliografia* — Noticia sobre a *Cultura e Opulencia do Brasil por suas drogas e minas, etc.;* ass. *A.*, no "O Panorama", tomo V (1841), pag. 208 (26 de Junho).

2) *Sá de Miranda*, noticia biográfica e crítica, no "O Panorama", tomo V (1841), pags. 252-254 (7 de Agosto); 278-279 (28 de Ag.); assinado *F. A. V.*, com retrato do poeta.

3) *Bibliographia*: Noticia sobre a *Collecção de varios escriptos inéditos politicos e literários de Alexandre*

de Gusmão, etc. no "O Panorama", tomo V (1841), pag. 392 (4 de Dez.); assinado *V.*

Suponho seja este artigo de Varnhagen pelos motivos seguintes:

a) estar assinado com a inicial do seu apelido.

b) versar sobre a edição das cartas de um ilustre brasileiro, e principalmente, paulista como êle.

c) mostrar-se o articulista conhecedor da *Memoria sobre os Gusmões,* então inédita, e que só dois anos mais tarde viria a imprimir no Rio de Janeiro seu autor o Visconde de S. Leopoldo. Muito dificilmente se daria essa circunstância com quem não tivesse estado pela época no Brasil, como sucedera a Varnhagen, consocio do titular do Instituto Histórico.

d) apresentar uma particularidade sintática pouco vulgar, mas que encontrei pelo menos uma vez empregada pelo sorocabano: o uso enfático do verbo numa enunciação, quando seria perfeitamente dispensavel. Veja-se:

"Os que desejarem ter mais noticia da obra valer-se-ão para isso do meio mais aconselhado pelos bons mestres: — *é* o da leitura (*art. cit.* do "O Panorama")."

Compare-se com a passagem seguinte dos *Épicos Brasileiros*:

"... desse fato que ao povo interessou, e

pela forma que lhe interessou, já ele tem registado a história n'um arquivo muito mais popular, e não menos duradouro que os documentos escritos em pergaminho: — *é* o da tradição (pags. 416-417)."

4) *Relatorio e Parecer apresentado ao Conservatorio Real de Arte Dramatica em Lisboa, por uma commissão especial, àcerca das peças submetidas às provas públicas em 1841, e por elle em sessão publica approvado unanimemente*. Saíu na "Revista Universal Lisbonense", vol. I (1841-42) pags. 329 e segs., e em avulso: *Lisboa, Imprensa Nacional, 1842* — 4.º de 14 páginas. O parecer tem tambem a assinatura de F. S. Margiochi.

5) Bibliographia Portugueza (Critica à *História de Portugal* de Schaeffer) na "Revista Universal Lisbonense", vol. I (1841-42), n.º 2, pag. 23. Informação de Tancredo Paiva.

6) *Epicos Brasileiros, Nova edição. 1845*. No verso: *Lisboa: Na Imprensa Nacional* — 16.º de 449 paginas e 1 folha de *correcções a fazer*.

Contem o *Uraguay* de José Basilio da Gama e *O Caramurú* de Fr. José de Santa Rita Durão. De Varnhagen, cuja assinatura aparece à pag. 449, são as notas aos dois poemas, em substituição às originais dos autores, as biografias de Basilio e de Durão, um fragmento da monografia *O Caramurú perante a Historia* e *Apostila àcerca desta Edição*.

7) Prefacio ao livro *Luiz de Sousa, von J. B. de Almeida Garrett. Aus dem Portugiesischen in's Deut-*

sche übertragen von W. L. (Wilhelm Lückner). *Frankfurt am Mein, August Osterrieth, 1847* — 8.º de VIII-116 páginas.

Foi Varnhagen quem aconselhou o Conde Lückner, diplomata dinamarquez acreditado em Lisboa, a verter para o alemão o drama do amigo comum Garrett, e o ajudou no trabalho da revisão.

8) *Trovas e Cantares de um códice do XIV século: ou antes, mais provavelmente, o Livro das Cantigas do Conde de Barcellos (Com dois fac-similes).* No verso: *Na imprensa de D. Alexandre Gomez Fuentenebro, rua de las Urosas,* n.º 10 — 8.º de xlij-340 páginas.

De Varnhagen é a *Introducção,* datada de 10 de Julho de 1849; o *Appendice I°* contendo o *Romance do Conde de Barcellos;* o *Appendice 4.º,* constante de um *Glossario de algumas vozes antiquadas, menos conhecidas, que se usam nestas cantigas,* e a *Advertencia Final.*

A esta publicação adicionou o editor literário um *Post-Scriptum* assinado e datado de *Madrid, Novembro de 1850,* (mesmo formato, pags. 339-370), e *Novas Páginas de Notas às "Trovas e Cantares", isto é, à Edição de Madrid do Cancioneiro de Lisboa, attribuido ao Conde de Barcellos,* assinado *F. A. V.* e impresso em *Vienna, 1868: Na Imp. de C. Gerold Filho,* pags. 371-400.

9) *Florilegio da Poesia Brasileira ou collecção das mais notaveis composições dos poetas brasileiros fallecidos, contendo as biographias de muitos delles, tudo precedido de um Ensaio Historico sobre as Lettras no Brasil.* — 3 vols. in-12.º. Os dois primeiros têm no rodapé do frontespicio *Lisboa. Na Imprensa Nacional. 1850,* e

somam LVI-720 páginas de numeração seguida, além de uma *Advertencia* no 2.º vol. com IV paginas; o tomo III tem a declaração *Madrid: Imprensa da V. de D. R. J. Dominguez; R. Hortaleza, numero 67. 1853,* com IV-311 páginas de texto.

A maioria dos exemplares que aparecem no mercado vêm com o tomo III incompleto, com 288 páginas apenas. Ha exemplares dêle (não sei si tambem dos dois primeiros volumes) nos quais, em seguida às palavras do frontispicio *Imprensa da V. de D. R. J. Dominguez, 1853,* vêm as seguintes: *À venda no Rio de Janeiro em casa de Eduardo e Henrique Laemmert. Rua da Quitanda, n.º 77.*

Varnhagen, já então Barão de Porto Seguro, acrescentou ao livro um *Appendice, Vienna, 1872,* com 102 páginas e que é extremamente raro. Pertencem-lhe na obra àcima o *Prologo,* a *Introducção — Ensaio Historico sobre as lettras no Brasil* e as biografias dos poetas contemplados, na maioria já impressas em varios numeros da *Revista do Instituto Historico e Geográfico Brasileiro* e no *Epicos Brasileiros,* sendo que outras o foram posteriormente no referido periódico. O *Ensaio sobre as letras,* com o título mudado para *Historia da Litteratura Brasileira,* foi reproduzido nos *Elementos de Litteratura, Rio de Janeiro, 1856, I vol.* (unico publ.), por A. J. de Mello Moraes, esse *fecundo editor das cousas patrias* como o chamava Varnhagen.

10) Biografia do *Dr. Antonio de Moraes Silva,* na "Revista do Instituto Historico", t. XV (1852), pgs. 244-247; na 2.ª ed.: pags. 242-245.

11) *Antonio José da Silva,* na "Revista Popular", t. VIII (Out.º e Dez.º de 1860), pags. 358-359).

12) *Carta ao Sr. Dr. L. F. da Veiga àcerca do autor das "Cartas Chilenas" escripta por F. A. de Varnhagen.* No fim: *Rio de Janeiro, 30 de Novembro de 1867* — 8.º de XV páginas.

Impressa no mesmo papel, formato e tipos que a edição das *Cartas Chilenas* feita por Luiz Francisco da Veiga em 1863, na Casa Laemmert, e para ser apensa e encadernada com esse livro, como tive ocasião de observar em varios exemplares, trata-se evidentemente de uma impressão de Eduardo e Henrique Laemmert. Foi incluida em nota à *História Geral do Brasil,* edição Capistrano-Garcia, tomo IV, pags. 421-425.

13) *Marilia de Dirceu, nova edição, precedida de uma breve noticia crítica do auctor e do livro, por F. A. de Varnhagen. Rio de Janeiro, A. G. Guimarães, 1868.* — 8.º.

Só se imprimiram as primeiras páginas, segundo informou Tancredo Paiva a Basilio de Magalhães.

14) *Cancioneirinho de Trovas Antigas colligidas de um grande cancioneiro da Biblioteca do Vaticano, precedido de uma Notícia Crítica do mesmo grande cancioneiro, com a lista de todos os trovadores que compreende, pela maior parte portuguezes e gallegos. Vienna. Typographia I. e R. do E. e da Côrte. MDCCCLXX.* — 8.º de 47-CXXXVIII-139 a 170 páginas.

São da autoria de Varnhagen a *Noticia Crítica,* assinada *F. A. V.* e as *notas*. Teve 2.ª edição, *mais cor-*

recta, datada de MDCCCLXXII (m. I. e tip.). O frontispicio de ambas as edições é a duas côres.

15) *Da Litteratura dos Livros de Cavallarias. Estudo breve e consciencioso: com algumas novidades àcerca dos originaes portuguezes e de algumas questões correlativas, tanto bibliographicas e linguísticas como históricas e biographicas, e um fac-simile. Vienna. Na imprensa do Filho de Carlos Gerold. 1872.* No verso. *Edição por conta do autor.* — 8.º de VIII-250 páginas, com um fac-simile a duas côres, assim como o frontispicio. À pag. VIII figura a sigla *F. A. V.* e a data: *Vienna, 2 de Janeiro de 1872.*

16) *Memorial das Proezas da Segunda Tavola Redonda e a edição Triunfos de Sagramor: Pelo autor do estudo "Da Litteratura dos Livros de Cavallarias". Vienna. Na Imprensa do Filho de Carlos Gerold. 1872.* — 30 pags. — 1 folha de *retoques e errata.*

Na opinião de Varnhagen este opúsculo destinava-se a ser encadernado com o numero anterior, pois foi impresso no mesmo papel e formato, e a folha de *retoques e errata* que traz não se refere ao texto do opúsculo a que vem apenso e sim ao do outro. À pag. 24 vem a data *Vienna, 2 de abril de 1872*, e a sigla *V.*

17) Carta sobre a *Prosopopéa* de Bento Teixeira, dirigida de Vienna, a 8 de Outubro de 1872, ao Conselheiro Manuel Francisco Correia, Ministro dos Negocios Extrangeiros, e publicada no "Diario Official", de 6 de Nov.º do mesmo ano.

18) Carta dirigida de Vienna, a 23 de Dezembro de 1872 ao Conselheiro Manuel Francisco Correia, Mi-

nistro dos Negocios Extrangeiros, e artigo sob o título *O Peregrino da America e o seu autor, natural de Cayrú, Juizo Crítico,* no "Diario Official do Imperio", n.º 52, de 5 de Março de 1873. Transcrito sob a epígrafe *Movimento Literário* no "Diario de Pernambuco" de 9 e 10 de Abril seguinte.

As cartas e artigo constantes dos itens 17 e 18 foram reimpressas nas "Publicações do Archivo Nacional", vol. XXVI, com separata de 300 exemplares, com o título:

Cartas de Varnhagen sobre a Prosopopeia de Bento Teixeira Pinto e sobre "O Peregrino da America" de Nuno Marques Pereira, dirigidas ao Conselheiro Manoel Francisco Correia, Ministro dos Negocios Estrangeiros, datadas de Vienna aos 8 de Outubro de 1872 e 23 de Dezembro de 1872, respectivamente.

A carta sobre o "Peregrino da America" foi também incluida na 6.ª edição dessa obra, feita pela Academia Brasileira, (*Rio de Janeiro, 1939, vol. II,* pags. VII-XVIII).

Escritos de Polêmica motivados por publicações de caráter literário:

1) *Theophilo Braga e os antigos romanceiros de trovadores: Provarás para se juntarem ao processo.* No fim: *Vienna, 2 de Fevereiro de 1872. V. — Na imprensa do Filho de Carlos Gerold. Edição por conta do autor.* — 8.º de 24 páginas sem frontispicio.

2) Artigo contra Theophilo Braga e Adolpho Coelho a respeito do livro "Da Litteratura dos Livros de Ca-

vallarias" no "Diario Popular" de Lisboa, n.º 2030, de 24 de Junho de 1872.

3) *O Sr. Varnhagen e alguns críticos portuguezes,* nota previa da redação e carta a José Carlos Rodrigues, contra críticas e injurias de Theophilo Braga, datada de Vienna, 17 de Fevereiro de 1874, e assinada *Varnhagen, Barão de Porto Seguro*. Foi impressa no "O Novo-Mundo" de Nova-York, n.º de 23 de Maio de 1874 (vol. IV, n.º 44) pag. 143.

A nota previa, embora impressa sob a responsabilidade da redação, foi escrita pelo proprio Varnhagen, segundo se verifica da carta que escreveu a J. C. Rodrigues particularmente, datada de 9 de Abril, e saiu no vol. XIII, pag. 103-104 da "Revista do Instituto Historico e Geográfico de S. Paulo". Aliás, o estilo e os elogios que aí aparecem ao historiador, acompanhados de referencias acrimoniosas aos seus contendores, por si sós revelariam a pena do interessado, tanto mais que aí se faz uso de um proverbio castelhano aplicado a detratores desprezíveis, e que já empregara na polêmica com Abreu e Lima em 1846: *Para obras tales suelen ter los maestros oficiales*. A Carta-aberta foi reimpressa em "Euclydes", t. II (1940), pags. 19 e 49-50. O original dela, assim como a carta particular de 9 de Abril e outras ao mesmo destinatario existem na seção de manuscritos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, coleção Ottoni, com a cota de catálogo I-36,5,92.

NOTA ADICIONAL. O "Catalogo de la Biblioteca Varnhagen" acusa ainda, como inéditos de caracter presumidamente literário:

a) Notas àcerca de Chile y Ecuador,
b) Viagem ao Chimborazo,

que não se encontram, todavia, no espolio dos livros e manuscritos, que pertenceram à biblioteca e arquivo do Ministerio das Relações Exteriores.

Varnhagen tencionava publicar um diário da sua excursão ao Planalto Central, feita em 1877, no que foi impedido em consequência de grave enfermidade contraída durante a viagem, e que o levou à sepultura. (Cf. o artigo sob o título *Aos que se proponham viajar pelo sertão,* publicado no "Vulgarizador" de 1.º de setembro de 1877, pags. 37-38. Informação de Tancredo Paiva).

Clado Ribeiro de Lessa.

FLORILEGIO

DA

Poesia Brazileira,

OU

COLLECÇÃO DAS MAIS NOTAVEIS COMPOSIÇÕES
DOS POETAS BRAZILEIROS FALECIDOS.
CONTENDO AS BIOGRAPHIAS
DE MUITOS DELLES,

TUDO PRECEDIDO DE UM

ENSAIO HISTORICO SÔBRE AS LETTRAS
NO BRAZIL.

TOMO I.



LISBOA

NA IMPRENSA NACIONAL.

1850.

Fac-simile do frontespicio da edição princeps *do Tomo I do "Florilegio" — 1850*

PROLOGO

Inimigos do monopolio litterario, não podemos resistir á tentação de repartir com o público tantas poesias ineditas ou raras, por antigas ou por extraviadas, que as investigações a que nos temos votado sôbre a história da America nos haviam deparado.

Decidimo-nos logo a fazer dellas collecção, e vista a impossibilidade, e quasi inutilidade de publicar tudo, resolvemos dar á imprensa o que nos pareceu mais a proposito. Desde logo conhecemos o pêso da responsabilidade que sôbre nós recaía, constituindo-nos juiz para a escolha; mas cobrámos fôrças ao considerarmos a vantagem que sempre resultará da empreza, e ao adoptarmos uma regra para preferir estas áquellas poesias, que nos alivia de grande parte de tal responsabilidade. Como o enthusiasmo que temos pela America, onde vimos a luz, e a fé no desenvolvimento futuro de sua poesia, era um dos nossos estimulos, julgámos dever dar sempre preferencia a esta ou áquella composição mais limada, porém semi-grega, outra embora mais tosca, mas brazileira, ao menos no assumpto. Esta decisão nos facilitou a empreza, e cremos que esta collecção adquirirá com isso mais interêsse para o leitor europeu, ao passo que deve lisongear o americano, vendo que vai já para dois seculos ha-

via no Brazil quem julgava que se podia fazer poesia sem ser só com coisas de Grecia ou Roma.

Como não tratavamos de offerecer modelos de arte poetica, preferimos, em logar do methodo do *Parnaso Lusitano*, o de apresentarmos as poesias pela ordem chronologica dos auctores, cuja biographia precedesse sempre as composições de cada um. Estas últimas, bem como a introducção, que contém um pequeno ensaio da história litteraria no Brazil, foram escriptas com alguma repugnancia ao ver que deviamos em muitos assumptos ser os primeiros a votar, quando o público é em poesia tão competente juiz. Mas era preciso dar ao livro a necessaria unidade; e por outro lado, essencial é que nos vamos aproveitando destas pequenas tentativas, a fim de formarmos de uma vez estylo para empreza maior, a que devemos dedicar a idade madura, se Deus antes nos não chamar da vida.

O leitor perdoará a pretenção do titulo que vai no rosto. Intitulâmos este livro — *Florilegio da Poesia Brasileira* — mas repetimos que não queremos por isso dizer, que offerecemos o melhor desta, porém sim (com alguma excepção) o que por mais americano tivemos. Escolhemos as flores, que julgámos mais adequadas para o nosso fim, embora seja alguma menos vistosa, outra pique por alguns espinhos, esta não tenha aroma, aquella pareça antes uma descorada *orchydea*, e aquell'outra uma parasyta creada com ajuda de seiva alheia, etc.

Não chamamos *Parnaso* a esta collecção, pelo mesmo motivo de estarmos um pouco em briga com a mythologia, e por devermos distinguil-a de outra anterior, que leva aquelle titulo.

Cumprindo adoptar uma regra para os que deviam ter entrada na nossa collecção, fizemos prevalecer a do

nascimento no Brazil, por ser o princípio mais geral que (salvo casos mui especiosos ou de pretendidas argucias) instinctivamente em nossos animos prevalece, quando se trata até das províncias do mesmo reino, em que a patria natal prefere sempre á terra em que nos estabelecemos, bem como em direito internacional, quando não ha declaração em contrário, a nacionalidade de origem prefere á do domicilio.

Por esta razão excluimos Pinto Brandão e Diniz, embora escrevessem versos sôbre assumptos do Brazil. Marcial, os Senecas, Lucano, e varios imperadores bem se criaram e viveram em Roma; e, sem embargo, pelo seu nascimento os mesmos escriptores romanos lhes chamam *hispanos,* não esquecendo jámais sua origem.

Em ninguem está mudar o nascimento, nem ser insensivel á ternura do coração, quando este lhe bate ao lembrar-se da terra onde quiz Deus que viesse ao mundo...

Aqui desejaria alguem que entrassemos na questão da divisibilidade das litteraturas portugueza e brazileira, o que varios julgam impossivel, em consequencia da uniformidade da lingua. Repugnará sempre a nosso ânimo entrar em tal questão, por nos parecer que os argumentos de parte a parte poderão correr o risco de sair pedantes, ou demasiado escholasticos, sem falar dos mal entendidos preconceitos de amor proprio nacional n'uma questão litteraria.

Seja-nos porém, permittido deixar aqui consignadas algumas dúvidas, cuja solução offerecemos aos que neguem a possibilidade — a naturalidade da divisão das duas litteraturas.

1.ª Deverão deixar de figurar, nas histórias litte-

rarias da Prussia e de Portugal, as obras dos eminentes escriptores Humboldt e Pinheiro Ferreira, só porque estes, para terem mais leitores, as escreveram em francez?

2.ª Desalistaram-se da litteratura portugueza o bispo Osorio e Paiva de Andrada, porque escreveram em latim?

3.ª É, por ventura, tão verdadeira, tão estricta essa identidade da lingua? Não ha no Brazil nomes do paiz ali conhecidos, e cujo objecto é mais ou menos poetico, dos quaes em Portugal a sua pronunciação dizem que excita o riso? Lembremo-nos dos receios que neste sentido tinha o A. do *Caramurú* ao publicar o seu poema, e lembremo-nos mais dos que certo censor tinha de que provocassem o riso tantos nomes do Brazil, como v. gr. *jacarandá*, palavra esta em que ha nada menos de quatro *aa*. (1)

---

(1) Já vamos ver que o nosso censor, quando tal disse, tinha pouco presente a nossa prosodia, e talvez estava com muita disposição para rebentar de riso; mas o que é mui verdade, é que com a sua expressão emitiu elle a opinião do vulgo. Dissemos que o censor não tinha presente a prosodia, porque ha na lingua portugueza muitas palavras com quatro *aa*, e até com cinco, que estamos certos o censor haverá dito e escripto, sem ser atacado do accesso de riso, que lhe deu o triste páu *jacarandá*, do qual um simples pedaço a outros terá feito chorar. Por certo que o censor em sua vida não terá deixado de empregar algumas das palavras — *acabará, afastará, alastrará* — em outras em que pâra mais a syllaba final é accentuada, e os *aa* estão bem nusinhos, e nem ao menos uma vez disfarçados com um nasal. Pois se lhe falarmos de palavras com cinco *aa*, v. gr. *alapardada*, como não rirá o censor? Assim uma *casaca alamarada, barata, farta d'abas*, com quinze *aa* juntinhos, devia ser uma coisa para fazer morrer de riso. E se ella tivesse como era possivel, *casas falsas, mangas largas, lã má, fraca, rala, clara*, etc., teriamos trinta e um *aa*, que bem podiam dar volta á cabeça do censor.

Entendamo-nos: ésta opinião do vulgo, que acha tambem em Portugal mui ridiculo um dos nomes de mais glória para o Brazil — O Ipiranga — prova que a poesia brazileira tem que declarar-se independente da mãi-patria: pois desgraçado do poeta do Brazil que, ao chegar-lhe a inspiração, tivesse que mandar consultar um de seus filhos, que nunca tivesse ido á America (pois a estes se acostuma o ouvido como é natural), se tal ou tal palavra lhe promove o riso, como o *jacarandá* ao censor.

Longe de nós o consignar a idéa de que no Brazil não se deve, e muito estudar os classicos portuguezes e a grammatica. — Pelo contrário, reputâmos essa necessidade urgentissima, ao vermos que os nossos melhores escriptores, — os que mais agradam ao Brazil, foram os que mais os folhearam.

A este respeito remettemos o leitor pâra o que diremos na introducção, acêrca do estudo dos classicos, e lembrâmos que Byron, com seu grande genio, e Irving e Cooper, com serem poetas tão originaes e americanos, só conseguiram tão brilhante nome, depois de haverem estudado muito, e muito, os livros antigos e modernos da litteratura ingleza.

5 de Junho de 1847.

INTRODUCÇÃO

ENSAIO HISTORICO SÔBRE AS LETTRAS NO BRAZIL

Ao descobrir-se a America, ou antes, ao colonisar-se ella, durante o seculo XVI, achavam-se no seu maior explendor as duas nações do extremo occidental da Europa, que nisso se empenhavam: assim as linguas e litteratura, sempre em harmonia com a ascendencia e decadencia dos estados, como verdadeira decoração que são de seus edificios, tocavam então o maior auge.

Com effeito o castelhano e o portuguez, que tiveram a sorte de passar primeiro que outras linguas do velho ao novo continente, subiam então pelas suas litteraturas á cathegoria de linguas, graças ao impulso que lhes davam os respectivos centros governativos.

O portuguez puliu-se sem degenerar quasi nada de sua filiação gallego-asturiana, nem corromper o valor das articulações latinas. O castelhano, procedente da mesma filiação, só chegou áquelle resultado, depois de arabisar-se muito, de adoptar o gutural arabe, e de alterar insensivelmente outras articulações latinas. O portuguez de

hoje é o mais legitimo representante do antigo castelhano, e do dominio romano na Hespanha; e o castelhano moderno serve a comprovar quanto o dominio de uma nação estrangeira pode fazer variar um idioma já bastantemente formado (1).

Mas apesar dêsse polimento da lingua e litteratura portugueza, na epocha em que se colonisava o Brazil, como se as lettras se encolhessem com medo do Atlantico, não passam ellas com os novos colonos. Não era no Brazil que os ambiciosos de glória tratavam de buscar loiros para colhêr, pois que essa ambição elevada se satisfazia melhor na Africa ou na Asia. Ao Brazil ía-se buscar cabedaes, fazer fortuna; e as miras do litterato alcançam mais alto: não é aos gôsos, nem mesmo ás glórias terrenhas a que aspira — é á glória immortal.

Os troncos colonisadores não trazem, pois, da arvore-mãi seiva poetica bastante, para produzirem fructos com ajuda do clima e da terra. A actividade intellectual, que emigrava da metropole, nem bastava toda para se estender pelos Algarves d'Além, e pela India, onde feitos heroicos se passavam. Os acontecimentos que na Asia e na Africa se representavam, eram eternisados em verso por um Camões, um Côrte-Real, um Vasco Mousinho; e em prosa por um Gaspar Corrêa, um Castanheda, e um Barros. A unica obra que nesse primeiro seculo se es-

(1) Veja-se a este respeito, o que dizemos na introducção do livro — *Trovas e Cantares*, etc. — publicado em Madrid em 1849. A excursão que posteriormente fizemos à Galliza, serviu para confirmar-nos na opinião ha muito assentada, de que esta provincia não só na lingua, como nos trages, nos usos e costumes, não parece mais que uma continuação do norte de Portugal. Esta verdade poderá melhor apreciar o portuguez, que depois de haver estado em Castella passa do Minho á Galliza.

creveu com mais extensão sôbre o Brazil, só ultimamente se imprimiu: referimo-nos á do colono Gabriel Soares, cujo trabalho, feito em 1587, foi o fructo da observação e residencia de dezesete annos na Bahia; tantos como como passara na Persia o naturalista Ctesias, que foi quem primeiro fez conhecer aos gregos as riquezas naturaes da Asia. Ao Brazil não passavam poetas; é, pois, necessário esperar que elle se civilise, e que os poetas ahi nasçam e vigorem seus fructos. Os indigenas tinham um genero de poesia, que lhes servia para o canto: os seus poetas, presados até pelos inimigos, eram os mesmos musicos ou cantores, que em geral tinham boas vozes, mas eram demasiadamente monotonos: improvisavam motes com voltas, acabando estas no consoante dos mesmos motes. O improvisador, ou improvisadora garganteava a cantiga, e os mais respondiam com o fim do mote, bailando ao mesmo tempo, e no mesmo logar em roda, ao som de tamborís e maracás. O assumpto das cantigas era em geral as façanhas de seus antepassados; e arremedavam passaros, cobras e outros animaes, trovando tudo por comparações, etc.

Eram tambem grandes oradores, e tanto apreciavam esta qualidade, que aos melhores faladores acclamavam muitas vezes por chefes. Os missionarios jesuitas, conhecendo estas tendencias, trataram de empregar a musica e a poesia como meios de cathequese. Nos seus collegios começavam logo a ensinar a cantar aos pequenos cathecumenos filhos da terra, e, mais tarde, compunham até comedias, ou *autos sacros,* para elles representarem; e dahi proveio o primeiro impulso da poesia e do theatro no Brazil. Assim a respeito deste último succedeu neste paiz o mesmo, que nos seculos anteriores se passára na

Europa; pois como é sabido o theatro na idade média se conservou e se aperfeiçoou depois, occupando-se exclusivamente de assumptos religiosos, como até se deprehende da lei das Partidas.

Na America Hespanhola succedeu diversamente. A Hespanha não tinha Africas, nem Asias; as suas Indias eram só as occidentaes. Do territorio hispano não havia já mouros que expulsar, e ás Indias tinham de passar os que queriam ganhar glória. Assim em quanto Camões combatia em Africa, e se inspirava em uma ilha dos mares da China, Ercilla, soldado hespanhol no occidente, deixava gravada uma oitava sua no archipelago de Chiloe; e, quando os *Lusiadas* viam a luz (1572), havia já tres annos que corria impressa a 1.ª parte da *Araucana*. Os passos de Ercilla eram no Chile seguidos por Diego de Santistevan Osorio, e Pedro d'Oña (já filho d'America), que em 1605 publicou em dezenove cantos o seu *Arauco Domado*. Já então, se tinha organisado em Lima uma *Academia Antartica*, e havia na mesma cidade uma typografia, na qual em 1602 Diogo d'Avalos y Figueroa imprimiu a sua *Miscelanea Austral y Defensa de Damas*, obra que faz lembrar a *Miscelanea Antartica y origen de Indios*, que o presbytero Miguel Cabello Balboa deixou manuscripta. Da mencionada *Academia Antartica* nos transmitte em 1608 os nomes de muitos socios a introducção, feita por uma senhora, ás Epistolas d'Ovidio por Pero Mexia. Ahi se mencionam, como mais distinctos arcades, Mexia e os mencionados Oña, Cabello e Duarte Fernandes. Por esse tempo compunha tambem em Lima Fr. Diego de Hojeda a sua epica *Christiada*, publicada em 1611, e Fernando Alvares de Toledo o seu *Puren Indomito*, que nunca se imprimiu (I). A regularmo-nos

pelos tons dos cantos do berço, estes montuosos paizes da America Occidental deveriam ter que representar um importante papel, no desenvolvimento futuro da literatura americana.

O Mexico não deixava tambem de participar do estro iberico; mas aqui com ar de conquistador, e não com fórmas nacionaes, como no Chile, onde o proprio poeta soldado é o primeiro, não só a confessar, mas até a exaltar generosamente as proezas do mesmo Arauco, que elle combatia com armas. Com razão diz a tal respeito D. Gabriel Gomes:

"Al valiente Araucano
"Alonso venció y honró: la ira
"Recompensó la lyra."

Nem sequer um canto de bardo se levantou a favor do, por enganado, não menos heroe, tão sympathico Montezuma.

Com o titulo de elegias canta Juan de Castelhanos, em milhares de fluentes oitavas, a história dos hespanhoes, que desde Colombo mais se illustraram na America.

Gabriel Lasso (1588) e Antonio Savedra imaginaram epopeas a Cortez; mas foram tão mal succedidos, como seculo e meio depois o mexicano Francisco Ruiz de Leon.

O pequeno poema *Grandeza Mexicana*, publicado no Mexico em 1604 pelo, ao depois bispo Balbuena, auctor da epopeia — *El Bernardo* — é, apesar de suas hyperboles e exagerações sempre poeticas, o primeiro trecho de bôa poesia, que produziu a vista dêsse bello paiz, que logo se começou a corromper, primeiro com falsidades na

guerra, depois com a sêde do oiro. Fôrça é confessar que a obra de Balbuena é, de todas as que temos mencionado, a que mais abunda em scenas descriptivas, por se haver elle inspirado, mais que todos os outros, de um dos grandes elementos, que deve entrar em toda a elevada poesia americana — a magestade de suas scenas naturaes. Todos os demais poetas queriam ser demasiado historiadores, no que caíu algum tanto o proprio Ercilla, e muito mais outros que chegam a ter a sinceridade de assim o declarar. Dêste número, foi Savedra, e o capitão Gaspar de Villagra, que em 1610 publicou em Alcalá (em trinta e quatro cantos de verso sôlto, aos quaes melhor chamára capitulos) a sua — *Historia de la Nueva* (sic) *Mexico* — e nesta descreve os feitos do Adiantado Oñate e seus companheiros. Mais poeta nos parece que seria o Pe. Rodrigo de Valdez, de quem possuimos a Fundação de Lima; mas infelizmente escripto em quadras, que deviam ser a um tempo hespanholas e latinas, é ás vezes obscuro; e, com mira de fazer heroico o panegyrico, o deixa apparecer antes, a trechos, demasiado empolado.

Buenos Ayres, de si terra pouco hospitaleira, occupou as attenções de Martim del Barco Centenera. Mas a *Argentina* é tambem mais uma dessas histórias em verso que um poema.

Não cabe aqui seguirmos a história das produções poeticas, nos paizes que hoje constituem as differentes republicas hispano-americanas; comtudo deixaremos consignado, que tanta seiva emprestada de pouco lhes valeu, por seccarem talvez as arvores antes que as raizes fossem assás vigorosas, para nutrir novos rebentões. Por nossa parte fazemos votos para que uma tal litteratura se eleve á eminencia de que é susceptivel: o altiloquo He-

redia, e o mimoso Placido abriram o caminho — não ha mais que seguil-o. Haverá quem o siga? Quanto a nós temos nisso inteira fé: quando as ambições se cancem por si mesmas, quando chegue o desengano de que a politica actual quebranta a alma, e deixa um vago no coração, o genio terá que buscar, na cultura do espirito, o mais seguro e mais glorioso refugio.

Lancemos as vistas para o nosso Brazil. Deus o fade igualmente bem, para que aqui venham as lettras a servir de refugio ao talento, cançado dos esperançosos enganos da politica! Deus o fade bem, para que os poetas, em vez de imitarem o que leem, se inspirem da poesia que brota com tanta profusão do seio do proprio paiz, e sejam antes de tudo originaes — americanos. Mas que por este americanismo não se entenda, como se tem querido prégar nos Estados Unidos, uma revolução nos principios, uma completa insubordinação a todos os preceitos dos classicos gregos e romanos, e dos classicos da antiga mãi-patria. Não. A America, nos seus differentes estados, deve ter uma poesia, principalmente no descriptivo, só filha da contemplação de uma natureza nova e virgem; mas enganar-se-ia o que julgasse, que para ser poeta original havia que retroceder ao *abc* da arte, em vez de adoptar, e possuir-se bem dos preceitos do bello, que dos antigos recebeu a Europa. O contrário podia comparar-se ao que, para buscar originalidade, despresasse todos os elementos da civilisação, todos os preceitos da religião, que nos transmittiram nossos pais. Não será um engano, por exemplo, querer produzir effeito, e ostentar patriotismo, exaltando as acções de uma caterva de canibaes, que vinha assaltar uma colonia de nossos antepassados só para os devorar? Deu-nos Deus a inspi-

ração poetica para o louvarmos, para o magnificarmos pela religião, para promover a civilisação, e exaltar o ânimo a acções generosas; e serão amaldiçoados, como diz o nosso poeta religioso,

> ..... os vates em metro perigosos
> Que abusaram da musa .....
>
> (*Assumpção*, c. 2.°).

Infeliz do que della se serve para injuriar sua raça, seus correligionarios, e por ventura a memória de seus proprios avós!

Mas voltando aos tempos em que deixámos as lettras e a poesia entregues aos desvelos dos Jesuitas: é, sem dúvida, que dos collegios dêstes que se haviam apoderado da instrucção da mocidade sairam os primeiros humanistas, e os primeiros poetas que produziu o Brazil.

Nessas aulas se educaria primeiro o franciscano Vicente do Salvador, nascido na Bahia em 1564, e auctor de uma história do Brazil, que existe manuscripta (II); nas mesmas estudaria o seu compatriota, o Pe. Domingos Barboza (III), que escreveu em latim um poema da *Paixão*. Dellas sairiam os dois amigos de Vieira — Martinho e Salvador de Mesquita (IV), dos quaes o primeiro imprimiu obras em Roma (1662-1670), e o segundo deixou tragedias e dramas sacros. Dellas saíu, finalmente, o escriptor paulistano Manoel de Moraes (V), queimado em estatua pela Inquisição.

Mas (1) é singular como a actividade litteraria só

---

(1) Por muitas rasões deixámos de contar como poeta brazileiro a Rolim de Moura, auctor dos *Novissimos*, se bem que haja opiniões que o deem nascido no Brazil, crença esta, de que nos aproveitámos em outro logar.

começa depois que a guerra dos hollandezes, despertando, por assim dizer, os animos, os distrahiu da exclusiva occupação de ganhos e interêsses mesquinhos, para occupar-se mais em apreciar as artes do engenho. Toda a guerra de alguns annos, quando bem dirigida, convem de tempos a tempos ás nações, para as despertar de seu torpor. O sangue é fecundo, quando bem derramado, e a conquista de glórias é tão necessaria a um povo-nação, como o augmento de suas rendas.

O Pe. Vieira, com seu genio vivo e grande eloquencia, foi, por meio de seus sermões, um dos mais poderosos agentes, que contribuiram para a regeneração moral, e, até, litteraria da nova colonia. As suas lições e os seus estimulos, deram ainda aos pulpitos, além de outros prégadores brazileiros (1), Antonio de Sá (VI) e Eusebio de Mattos. Este foi além disso o primeiro brazileiro, que se deu á poesia religiosa. E, por uma notavel singularidade, a guerra contra os hollandezes, que foi um tonico para o povo, que serviu de motivo de inspiração a Vieira de muitos de seus rasgos mais eloquentes, que lembrou mais uma comedia (2) ao immortal Lope de Vega, essa mesma guerra foi a causa de que passasse ao Brazil um dos maiores homens, que contam nos annaes de litteraturas Portugal e Castella: referimo-nos a D. Francisco

---

(1) Neste número se devem contar Fr. Ruperto de Jesus, Fr. Manoel da Madre de Deus. Pe. Sebastião do Valle, Fr. José Pereira de Sant'Anna, Pe. Angelo dos Reis, além dos escriptores ecclesiasticos, Luiz Botelho do Rosario, José de Oliveira Serpa e Valentim Mendes, e outros.

(Vid. Barb.)

(2) Ainda está inedita, e a possuia ha pouco tempo Mr. Rich, em Londres. João Antonio Corrêa publicou em 1670 outra comedia, sobre o mesmo assumpto. (VII)

portuguez B. Machado 2/589

Manoel de Mello, que, como testemunha de vista, escreveu por esta occasião a Epanaphora bellica, sôbre a expulsão dos mesmos hollandezes de Pernambuco (VIII).

Algum tempo depois da acclamação do duque de Bragança, um filho do Brazil Diogo Gomes Carneiro (IX), foi nomeado chronista geral dêste paiz, a quem o novo monarcha brindou com o titulo de principado na pessoa do herdeiro do throno.

Antes de passarmos adiante, diremos em poucas palavras as nossas opiniões ácêrca do accento do Brazil, que não obstante variar em algumas entoações e cacoetes segundo as provincias, tem sempre certo *amaneirado*, differente do accento de Portugal, pelo qual as duas nações se conhecem logo reciprocamente; a não ser que os nascidos em uma passassem a outra em tenra idade, sôbre tudo desde os oito aos dezeseis annos. Alguma observação a este respeito nos chegou a convencer, que as differenças principaes que se notam na pronunciação brazileira, procedem de que a lingua portugueza no Brazil, desde o princípio, se *acastelhanou* muito. Estas differenças, que principalmente consistem na transposição dos possessivos, no fazer ouvir abertamente o som de cada uma das vogaes, sem fazer elisões no *e* final, nem converter o *o* em *u*, e em dar ao *s* no fim das syllabas o valor que lhe dão os italianos, e não o do *sh* inglez, ou do *sch* allemão (1), esta alteração na pronúncia, que se estende

(1) Em Portugal pronuncia-se v. gr. *bashtar*, no Brazil silva-se o *s*: basstar. No Brazil diz-se ô bôbô, e não *u bôbu* como em Portugal; tambem se diz como em castelhano *apârtâ-te dê ahí*, e não *apárta-t'd'ahi*. Algumas provincias do Brazil dizem á italiana *di* por *dê*; mas é vicio provincial. Em Portugal diz-se: *Dasme isso?* — e não: *Mê dás isso?* como no Brazil, á maneira do castelhano *Mê dás eso?*

até a alguns modismos e usos, procedeu não só de que os primeiros descobrimentos e colonisação foram feitos com ajuda de castelhanos, como de que para a recuperação da Bahia contra os hollandezes passaram outros muitos, que ahi ficaram estabelecidos; além disso no interior da provincia do Rio Grande fala-se hoje pelo menos tanto hespanhol como portuguez, e o contacto dos negociantes de gados e *tropeiros* com estes paizes, fez que se adoptasse delles quasi tudo quanto é nomenclatura da gineta, por exemplo — lombilho, etc.

Dadas estas razões, parece obvio que a pronunciação ou accento peculiar ao Brazil, já na epocha de que nos vamos occupar, seria a mesma que hoje. Havia de ser pois a do Pe. Vieira, pelo menos creado no Brazil desde mui moço. Tambem sería a pronunciação de Eusebio de Mattos, que nunca do Brazil saiu, e talvez mesmo a de seu irmão Gregorio de Mattos, poeta satyrico, de que adiante trataremos com mais extensão.

Desejáramos agora dar algumas amostras das primeiras cantigas religiosas ensinadas pelos Jesuitas; ou

---

De castelhanos e não de portuguezes, passou ao Brazil o uso frequente das palavras *venda, posada, sitio, pantâno, libra* em vez de *tenda, estalagem, quinta, pântano, arratel,* etc., e *vice verça* passou o haver-se abandonado como em castelhano *rapaz,* e não se dizer *rapariga*; mas sim *moço* e *moça*. A palavra *xacra* para dizer quinta, veio da America hespanhola. O mesmo se pode dizer de muitos usos, v. gr. da construcção das casas no sertão, similhantes ás das duas Castellas, ao alugar estas aos mezes (*Arenas,* c. 22) e não aos annos, e meios annos, como no Reino. Mui hespanholas são certas exclamações, v. gr. — Que disparate! Que bôbáda, etc.; e ainda mais hespanhol é o uso de substituir por carinho o verdadeiro nome da pia, por outros de familiar convenção: assim em Hespanha os *Josés* são *Pepes* entre os amigos, e no Brazil são *Jucas* e *Cazuzas;* assim os *Franciscos* são em Hespanha *Pacos, Quicos, Panchos* e *Curros,* e no Brazil são *Chicos,* etc.

d'alguma modinha das que devia entoar a bella colona, sentada junto ao rio, a gosar da suave viração da tarde! — Mas só o tempo poderá recolher esses monumentos da primitiva poesia nacional.

Quanto aos Jesuitas sabemos que em 1575 fizeram representar em Pernambuco o *Rico Avarento e Lazaro Pobre,* que produziu o effeito de darem os ricos muitas esmolas. Nos annos de 1583 e seguintes não temos mais que ler a narrativa da visitação ás differentes provincias do Pe. Christovão de Gouvêa, escripta por Fernam Cardim (X), para nos convencermos dos muitos progressos (2) que haviam feito os discipulos dos Jesuitas, que na Bahia tinham já um *curso d'artes,* e duas classes de humanidades. Na obra de Cardim se lê tambem (pag. 30) como ouviram os indios representar um dialogo pastoril em lingua brazilica, portugueza e castelhana, lingua esta que falavam com *muita graça.*

Cardim nos dá noticia de uns versos compostos então ao martyrio do Pe. Ignacio de Azevedo, além de muitos epigrammas que se faziam sôbre varios assumptos: tambem nos reffere uma procissão das onze mil virgens, em que estas iam dentro de uma náu á vella (por terra) toda embandeirada, disparando tiros, com danças, e outras *invenções devotas e curiosas,* celebrando depois o martyrio dentro da mesma náu, descendo a final uma nuvem do céu, e sendo as martyres enterradas pelos anjos, etc.; tambem o mesmo descreve a representação de certo dialogo (que se julgava composto por Alvaro Lobo) sôbre cada palavra da Ave-Maria (XI).

---

(2) "Pelas aldêas dos filhos dos indios, já muitos tangiam frauta, viola, cravo e officiavam missa sem canto de orgão, coisa que os pais estimavam muito". (Cardim, pag. 47).

Os escassos fragmentos que chegaram a nós de poesias principalmente religiosas em lingua guarani não pertencem á presente collecção.

Das modinhas poucas conhecemos; e essas insignificantes, e de epocha incerta, a não ser a bahiana:

"Bangué, que será de ti!"

glosada por Gregorio de Mattos: essa mesma sabemos ser antiga, mas não foi possivel alcançal-a completa.

Não deixaremos de commemorar a do *Vitú*, que cremos ter o sabor do primeiro seculo da colonisação, o que parece comprovar-se com ser em todas as provincias do Brazil tão conhecida. Diz assim:

"Vem cá Vitú! Vem cá Vitú!"
— Não vou lá, não vou lá, não vou lá! —
"Que é delle o teu camarada?"
— Agua do monte o levou: —
"Não foi agua, não foi nada,
"Foi cachaça que o matou"

Igualmente antiga nos parece a modinha paulista:

Mandei fazer um balaio,
Para botar algodão: etc.

Cabe agora occupar-nos do primeiro poeta, que se fez notavel no Brazil. Foi o satyrico Gregorio de Mattos, que já em Coimbra, onde se formou, e depois em Lisboa nas Academias dos *Singulares* e na dos *Generosos*, a que pertenceu, começára a manifestar as tendencias de seu genio. Passando ao Brazil, terra que, segundo elle, o criára para "mortal veneno", o descontentamento e mal estar o irritaram a ponto tal, que em vez de satyrico, era

muita vez insolente. Se nas descripções das festas ou caçadas, em geral demasiado prolixas, nos entretem e diverte, nas sátyras pessoaes temos sempre que lamentar, que o poeta ultrapasse os limites da decencia, e que algumas vezes deixe de ser cavalheiro. A maledicencia que emprega contra o governador Antonio Luiz, a par dos elogios que de sua administração nos deixou Botelho, e principalmente Rocha Pitta fazem acreditar que não a justiça, mas a vingança, o movia contra esse representante do poder.

Poderiamos ácêrca dos seus versos satyricos dizer o que de outras cantigas analogas diz um illustre contemporaneo: — "Eram verdadeiros fascininos; eram jambos de Archiloco refinados; eram estocadas de varar até ás costas, e catanadas de abrir em dois até aos arções; íam os nomes estendidamente; íam pelo claro as baldas públicas e secretas, até os defeitos involuntarios: os do corpo e os da geração, isto tão sem resguardo nos termos, que até as obscenidades se despejavam com um desembaraço digno de Catullo, Marcial, ou Beranger." (1)

Mattos, pelas tendencias do seu caracter, fez-se, não discipulo, mas escravo imitador de Quevedo; portanto assim como succede a este, se muitos lhe acham graça e chiste, outros o acharão em opposição com o decoro de engenho: em vez de senhor e gracioso, o encontrarão

(1) "A estas composições que o apparecimento dos offensores e dos offendidos torna quasi de todo indiffreentes á volta de poucos annos, tira a velhice que lhes vemos uma graça e accrescenta outra: tiralh'a fazendo com que o chiste de várias allusões a coisas passadas e esquecidas já para nós não seja chiste, e lh'a accrescenta, descobrindo-nos algo dos costumes de outra idade, que tanto mais nos apraz enxergar, quanto mais remota se nos vai esvaecendo por essas trevas do preterito." (Castilho).

truão e chocarreiro; quando quer ser philosopho, o acharão cynico. Como de Quevedo, o estylo é cortado e desigual: a par de um bello conceito, traz Mattos uma sandice, um disparate, ou uma indecencia. Sua imaginação era talvez viva, mas descuidada. O seu genio poetico faisca, mas não inflamma; surprehende, e não commove; salta com impeto e fôrça, mas não vôa, nem atura na subida.

Com Quevedo, e com os poetas portuguezes dessa epocha, cultiva os assoantes sôbre tudo nos romances. Os hespanhoes ainda hoje em dia conservam essa meia rima: em portuguez foi ella inteiramente abandonada; e quanto a nós com rasão.

Não é este o logar mais apropriado para entrar na questão da conveniencia ou não conveniencia do uso dos assoantes na poesia portugueza: harmoniosa e bella é a nossa lingua, para no heroico elevado contentar-se com o sôlto. Os redondilhos que são para poesia menos elevada, tornam-se monotonos, se a rima os não abrilhanta; e nos lyricos menores até ás vezes se requer que aquella seja aturada. Só aos ouvidos mais delicados é dado apreciar a arte do assoante (1), e por esta rasão nunca elle será popular.

Das poesias, que damos por litigiosas, entre os dous irmãos Mattos, confessamos que nos inclinamos a que sejam pela maior parte de Fr. Eusebio. Ha nellas em geral mais uncção religiosa, e mais viva crença, que é natural ao genio do poeta satyrico. Quando muito, será

(1) Para dar-se assoante é essencial a paridade de vogaes nas duas últimas syllabas, v. gr. *campo* com *razo; bello* com *sceptro*, etc.

de Gregorio a glosa á *Salve-Rainha,* entretenimento similhante ao de Quevedo, glosando o *Padre-Nosso*.

Seguia-se neste logar tratarmos d'um poema descriptivo dos sertões brazileiros — *O Descobrimento das Esmeraldas* — obra composta em 1689 por Diogo Grasson Tinoco (XII), e da qual era heroe Fernam Dias Paes. Infelizmente de tal poema não conhecemos mais que as estancias 4.ª, 27.ª, 35.ª e 61.ª, que Claudio Manoel da Costa transmitte nas notas da sua *Villa Rica*. Fazemos votos para que o manuscripto que possuiu Claudio ou algum outro, venha a apparecer em Minas, e seja dado ao prelo.

Bernardo Vieira Ravasco (XIII), filho da Bahia, irmão do Padre Antonio Vieira, deixou muitas poesias manuscriptas; mas parece haverem-se perdido. Outro tanto terá succedido aos *Autos Sacramentaes,* que compoz seu filho Gonçalo Ravasco (XIV), e á comedia *A Constancia e o Triumpho*, de José Borges de Barros (XV), ao depois Vigario Geral da Bahia. Fazemos aqui muitas vezes resenha destas obras, que não conhecemos, para chamar sôbre ellas a importancia, a fim de que se publiquem se se chegam a encontrar.

Manoel Botelho de Oliveira foi o primeiro brazileiro, que do Brazil mandou ao prelo um volume de poesias. Ahi confessa elle a existencia de outros poetas, que haviam então no Brazil, e são seguramente esses contemporaneos, de cujas poesias apenas se conhecem os titulos. Botelho de Oliveira talvez nascesse poeta, e não lhe falta imaginação, como se conhece quando segue sua natural inspiração, nos momentos em que não quer ser demasiado *culto*, como então se dizia, e nós hoje diriamos *contorcido*. O peior que elle fez foi querer demasiado imitar os poetas d'Italia, e Hespanha (expressões suas) dessa epocha; pois insensivelmente toma por modêlo a Gongora, e

Gongora, apesar do seu grande talento, nunca podia imitar-se, pois cousas que elle diz, só elle as sabia dizer com arte. Botelho tinha nimia erudição para poder obedecer sempre ás proprias inspirações, e encher todo o seu extenso volume da *Musica do Parnasso* (que á imitação talvez de D. Francisco Manoel dividiu em *choros*), com mais composiçõse similhantes á sylva, em que descreve a pittoresca ilha bahiana da *Maré*. Quiz passar pela vaidade de compor nas quatro linguas portugueza, castelhana, italiana, e latina, e melhor fôra ter-se estreado n'uma bem. Ao seu castelhano falta-lhe sempre o geito de tal; nem que escrevesse primeiro em portuguez, e depois lhe cambiasse as terminações. No italiano e latim, a difficuldade da empreza prendeu-lhe a veia poetica. Nas suas obras se comprehendem duas comedias, uma das quaes *Hay amigo para amigo* já antes fôra publicada anonyma entre as *Famosas*. É o titulo da outra — *Amor, enganos y zelos*, tres inimigos d'alma, diz a comedia, que se dão nos amantes e no mundo todo. O enredo destas duas composições é mui insignificante; nem sequer o A. soube para ellas inspirar-se com os soccorros de Calderon, e outros poetas dramaticos dessa epocha. Em ambas fala-se de amor e mais amor; mas em ambas ha pouca paixão. Na primeira um amigo cede a outro a dama, por quem ambos estavam apaixonados. Nota-se de uma e outra, que o A. possuia mui pouca arte, ou pouco conhecimento deste genero de litteratura dialogada: em vez de pôr em dialogo o que lhe convem, tira-se de cuidados, e manda muita vez cada qual á scena dizer o que lhe aconteceu, e o que intenta fazer. Além disso as jornadas ou actos são em geral demasiado extensos. Em defensa, porém, do A., cumpre-nos dizer que elle por certo nunca destinou para o theatro estas composições, a que chama *Des-*

cante comico reduzido em duas comedias, titulo que lhe quadra, pois vê-se uma certa fórma para servir de pretexto a dizerem-se, segundo o gôsto da epocha, descantes de trocadilhos e conceitos amorosos, ou com pretenções de taes; pois mal das finezes amatorias que não foram inspiradas por algum sentimento, ou alguma reminiscencia da paixão do amor: — Se existiu de véras a *Anarda* de Botelho, duvidamos que se enternecesse com taes declarações desenxabidas. Além da sylva, acima mencionada, das comedias e das poesias amorosas, deixou-nos Botelho várias canções, um panegyrico em 34 estancias ao marquez de Marialva, que nos parece digno, com mais algumas outras suas composições, de ser condemnado, para nos servirmos de uma expressão querida na epocha em que elle viveu, a afogar-se no Lethes.

Quasi contemporaneo a Botelho de Oliveira deve ter sido o auctor, que no *Florilegio* designamos pelo nome de *Anonimo Itaparycano,* e hoje temos a certeza que era o Pe. Fr. Manoel de Santa Maria Itaparica (XVI), da ordem seraphica, e que ainda vivia em 1751, em que consagrou várias composições aos funeraes do rei D. João 5.º. Filho da bahiana ilha de Itaparica, não só disso se presou no seu nome, como nos seus versos, por pouco merecimento que se encontre nessa descripção da ilha de Itaparica. O *Eustachidos,* tão recommendado pelo assumpto, que tem sido escolhido para empreza de mais de um poeta, contém algumas bellas oitavas, não inferiores ás do moderno poema castelhano do Pe. Fr. Antonio Montiel (1), que começa com as tres bellas oitavas seguintes:

---

(1) *Eustaquio ò la Religion laureada,* Malaga, 1796 — 2 tomos.

Divina Musa, inspira favorable
Conceptos á mi mente confundida:
Dime, ¿quien fue el varon inimitable,
Que en paz y guerra, en la muerte y vida,
Siempre glorioso, siempre inalterable,
En una y otra suerte padecida,
Con exemplo notable de heroismo,
Sopo vencer al mundo, y á si mismo?
Aquel hombre, mayor que la fortuna,
Y que á pesar del tiempo y del olvido,
Roma se acordará de ser su cuna;
Buen amigo, buen padre, buen marido;
Ni la desgracia le abatió importuna,
Ni la felicidad le ha envanecido:
Aquel, que problemático ha dexado,
Si fue mas infeliz, que afortunado.
Dime, pues, ¿cómo Eustaquio haya podido
Llenar la tierra y mar de sus hazañas?
¿Cómo despues de poco haya caido
De tanta altura? ¿cómo tan extrañas
Aventuras sufrió!? ¿cómo ha perdido
El fructo de su amor y sus estrañas?
¿Como ha pagado su valor el suelo?
¿Cómo ha premiado su virtud el cielo?

Cabe aqui fazer menção de um jesuita, filho do Rio de Janeiro, que então se exercitava na poesia latina. O Carmen *De Sacchari opificio* de Prudencio do Amaral, (XVII), só foi impresso no fimdosecu no fim do seculo passado, e corre encorporado nos quatro livros *de rebus rusticis brazilicis,* em que José Rodrigues de Mello (XVIII) trata da cultura da mandioca e outras raizes, da do tabaco, etc. Cumpre reconhecer que a obra brazileira tem menos desenvolvimento do que a de Raphael Landivar, auctor de quinze livros latinos, que podemos chamar Georgicas Mexicanas. O mencionado Amaral nos

deixou o *Stimulus amandi Dei param,* que julgamos nunca foi impresso; e em prosa são seus os elogios dos Bispos e Arcebispos, que acompanham as Constituições da Bahia.

Mais tarde tambem se exercitou na poesia latina o Pe. Francisco d'Almeida (XIX), natural da Cachoeira, o qual no seu *Orpheus brazilicus* trata das virtudes do Pe. José de Anchieta.

Gonçallo Soares da Franca (XX) e o Pe. João Alvares Soares (XXI) occuparam-se de algumas insignificantes poesias à morte de D. Pedro 2.º, que correm impressas. O primeiro começou a *Brazilia,* poema sôbre o descobrimento do Brazil; o segundo é o erudito Soares Bahiense, A. do *Progymnasma Litterario.*

Contentemo-nos com fazer menção da pernambucana D. Joanna Rita de Sousa (XXII) e de Luiz Canelo de Noronha (XXIII), do qual diz Brito de Lima:

> *"Nas loas do Parnaso as brancas aves*
> *Avantajou no harmonico e sonoro*
> *Luiz Canelo, que em metrica harmonia*
> *É modulado cysne da Bahia".*
>
> (*Poem. fest.* pag. 141).

Este Brito e Lima foi um dos poetas da Bahia, que mais versos conseguiu fazer imprimir: dedicava-os á adulação, e naturalmente o publical-os corria por conta dos adulados. Conseguiu por isso mais fama e glória?

Desgraçado do poeta, que, em vez de seguir a inspiração, a busca em assumptos alheios a elle, para lhes prestar servil acatamento!

Cabe aqui consagrar algumas linhas á memória dos paulista Alexandre de Gusmão (XXIV) e de seu irmão Bartholomeu Lourenço (XXV), o voador, ambos os

quaes cultivaram as lettras. Do primeiro não comprehendemos, em nossa collecção, nenhuma das composições ou traducções poeticas, que sem a necessaria authenticidade, correm em seu nome, por nos parecerem todas ellas inferiores a tão grande homem. Queremos antes ver Alexandre de Gusmão, presenteando sua patria com a colonisação das ilhas de Santa Catharina e Rio Grande, com as providencias sôbre o quinto do oiro, e com a confecção do grande tratado de limites de 1750. É nestas obras, e em quanto esse illustre politico escreveu, para as levar a effeito, que se pode sondar o genio dêste brazileiro. Seu irmão não foi entendido no seu tempo: contra a sua invenção choveram sátyras, e até uma comedia manuscripta vimos nós no Porto, expressamente feita naquelle tempo para o ridicularisar. Não admira, quando essa, e ainda peior, tem sido a sorte de tantos outros homens de genio.

Pouco diremos neste logar do desgraçado Antonio José, remettendo o leitor para a sua biographia, e para os trabalhos que sôbre suas obras terá talvez já ora publicado o nosso amigo, o Sr. Pontes.

Para o fazer figurar na nossa collecção, separamos de suas óperas alguns versos, que publicamos, talvez sem a ordem e as explicações necessarias, e sem que se refiram ao Brazil. Basta-lhe que, por mais de um seculo, haja o publico esquecido o seu nome, não se declarando este nas óperas, e apellidando-as *do judeu;* basta que a Santa Inquisição se vingasse do que elle escreveu, queimando-lhe o corpo! É de saber, que o pai de Antonio José, o mestre em artes, João Mendes da Silva (XXVI) natural, como seu filho, do Rio de Janeiro, tambem cultivava a poesia; mas, por infelicidade, nunca se imprimiram as obras que se lhe attribuem. Barboza menciona um

officio da cruz em verso; a fabula de Leandro e Ero, em oitavas rimadas; um hymno a Santa Barbara; e finalmente um poema *Christiados*. Notámos que na maior parte dos assumptos se conteem, pelo menos nos titulos a não serem parodias, profissões de fé anti-judaicas. Dedicar-se-ia elle, pois, a taes composições, só para que o não perseguissem? É certo que João Mendes morreu advogado da casa da supplicação, quando a mulher e o filho soffriam os tratos dentro da Inquisição. Se as taes obras foram compostas para defender-se das perseguições destas, desculpemos-lhes a hypocrisia; mas cremos que não seriam ellas obras de inspiração, porém poesias de cálculo; e em tal caso a perda de taes manuscriptos não deve muito lamentar-se. É sabido que *Christiados* fôra o titulo de um poema latino do Bispo Balbuena, de cujo manuscripto se apoderaram os hollandezes, quando assaltaram a ilha de Porto Rico.

Ao referirmo-nos ás óperas, ou antes sarsuelas de Antonio José, cumpre dizer que não nos consta, que fossem jámais representadas em theatros do Brazil. Exigiam ellas (como os *vaudevilles* francezes de hoje) comicos, vozes e musicos, o que não era facil encontrar em tempo, em que ainda na Bahia não havia theatro regular, nem comicos de profissão. Só por occasião de festas se davam extraordinariamente representações, mas de comedias, entremezes, e um pouco de dança; e esses algumas vezes em hespanhol. Temos informação das representações, feitas em duas dessas festas; e se bem sejam de epocha um pouco anterior á da óperas de Antonio José, julgamos a noticia curiosa para não deixarmos de aqui a dar. Em Janeiro de 1717 sabemos que se representaram na Bahia *El Conde de Lucanor*, e os *Affectos de Odio y Amor* de Calderon; em 1729, com a noticia dos

casamentos dos principes, representaram do mesmo Calderon — *Fineza contra fineza; La fiero, el raio y la piedra;* e *El monstro de los jardines;* e além diso *La fuersa del natural,* e *El desden con el desden,* de Moreto. Não negamos boa escolha nas producções acima; mas haveria ali, mesmo na capital do Estado, actores capazes de desempenhal-as? Eis quando, para nol-o contar, é para sentir que já não vivesse Gregorio de Mattos.

Estamos chegados ao momento de dever dar conta da primeira sociedade litteraria regular, que teve o Brazil, a *Academia dos Esquecidos* (XXVII), creada na Bahia em 1724, sob a protecção do vice-rei, Vasco Fernandes Cesar de Menezes, ao depois conde de Sabugosa. O nome de esquecidos tomaram talvez os socios da circumstancia de não haverem sido lembrados os seus na *Academia de História,* que se creára em Lisboa em 1720. Daquella Academia chegou a fazer memória o *Mercurio histórico de França* dêsse mesmo anno; mas os trabalhos dellas eram de pouca importancia, a regularmo-nos por alguns manuscriptos que foram parar á bibliotheca dos frades d'Alcobaça, e tivemos occasião de consultar; a saber: dissertações dos desembargadores Luiz de Sequeira da Gama, e Caetano de Brito e Figueiredo; outra do Dr. Ignacio Barboza Machado; e uma sôbre a história ecclesiastica do acima mencionado Gonçalo Soares da Franca. Já que falámos da Academia de História, cumpre dizer que della foi socio o bahiano Sebastião da Rocha Pitta (XXVIII), que em 1730 publicou uma História do Brazil, que se recommenda pela riqueza das descripções, e elevação do estylo, que ás vezes são taes, que mais parecem de um poema em prosa. Antes tinha dado á luz varios escriptos, e composto poesias, pelas quaes pouco se recommenda o auctor bahiano. O Pe. João de

Mello (XXIX), jesuita pernambucano, tambem publicou em 1742 um livrito de poesias, que apenas tivemos occasião de ver. O mesmo nos succede com as do fluminense Manoel José Cherem, publicadas em Coimbra, e com o culto metrico á Senhora da Conceição, do Secretario d'Estado do Brazil, José Pires de Carvalho. Todas tres possuia um amigo nosso, portuense, mas não nos foi possivel obter delle que nol-as remettesse para nos servirem nesta noticia. Mais felizes fomos com impressos de Fr. Francisco Xavier de Santa Theresa, da Academia de História, e das dos Applicados; mas estas exclusivamente panegyricas de um Bispo do Porto, e de um dos Duques de Cadaval nada teriam com o *Florilegio*. É, porém, para sentir que em Olinda já em tempo de Jaboatão não se achassem os manuscriptos do poema ao Espirito Santo, e a tragicomedia de *Santa Felicidade e seus filhos,* por cujas obras poderiamos ajuizar do genio do poeta. Este escriptor bahiano era tido por bom prégador. Do Geneathliaco, composto a uma senhora, pelo pernambucano Manoel Rodrigues Corrêa de Lacerda, dos escriptos do Conego João Borges de Barros, nada podemos aventurar. O livro dêste ultimo — *Relação Panegyrica* dos funeraes (que consagrou á Bahia) á memória de D. João 5.º contém muitas poesias de brazileiros, as quaes excluimos da nossa collecção, não por falta de merecimento, mas por julgal-as só proprias de uma *Miscellanea* (1).

(1) Naquelle livro se encontram poesias do mesmo Barros, do Pe. José de Oliveira Serpa, e de Silvestre de Oliveira Serpa, de Fr. Henrique de Sousa, de José Pires de Carvalho, de Jeronymo Sodré Pereira, do coronel Sebastião Borges de Barros, de Santa Maria Itaparica, e de muitos outros.

Na cidade do Rio de Janeiro, onde em 1735 se tinha começado a organisar uma sociedade litteraria (XXX), que não vingou, volveu-se em 1752 a tratar de outra, que chegou definitivamente a organisar-se, com o nome de *Academia dos Selectos* (XXXI). O mesmo succedeu mais tarde no vice-reinado do marquez do Lavradio, á *Sociedade litteraria,* que sob seu auspicios se creou (XXXII). Cinco annos antes da fundação da Academia dos Selectos, em 1747, fôra ahi estabelecida por Antonio da Fonseca uma typographia (XXXIII), em que se imprimiu uma pequena relação composta por Luiz Antonio Rosado, e tambem, segundo se crê, o livro — *Exame de Artilheiros* do lente da Escóla militar, José Fernandes Pinto Alpoim. Esta typographia emudeceu logo, ou porque a fizeram calculadas medidas de uma politica desconfiada, ou porque não poderia por si mesma sustentar-se, o que não é para crer, quando tantas outras havia já em várias cidades, muito inferiores da America Hespanhola (1).

O Rio, pelo seu commercio, pelo talento de seus filhos, patenteado em Coimbra, e sôbre tudo por se achar mais central para acudir de Pernambuco á Colonia do Sacramento, já tinha sôbre a Bahia uma grande preponderancia, quando em 1763 o marquez de Pombal para ali transferia a séde do *vice-reinado*.

Mas foi mais que tudo a provincia de Minas, que (por ser patria d'uns litteratos, e residencia de outros) imprimiu um novo e grande impulso na regeneração da

(1) Ao Mexico levára a primeira typografia, em tempo do governador D. Antonio de Mendonça (no fim do primeiro terço do seculo XVI) um lombardo de Brixia, chamado João Paulos. Em Lima se imprimiam já pastoraes e cathecismos, durante o mesmo seculo XVI, etc.

litteratura brazileira. Se esta nascêra da actividade de uma guerra de armas, agora, um seculo depois, outra guerra com os elementos, com as brenhas e entranhas da terra para extrahir-lhe o oiro nellas escondido, produziu a regeneração litteraria que já traz em si mesma o cunho de ser nascida daquelles sertões do coração do Brazil.

Eram filhos dessa provincia, mas della ausentes, José Basilio e Durão; eram nella nascidos e achavam-se ahi residentes Claudio, e Alvarenga Peixoto; Gonzaga desempenhava o logar de ouvidor em Villa Rica; Silva Alvarenga vivia no Rio de Janeiro; o irmão dêste, e Antonio Caetano d'Almeida, irmão de José Basilio tambem: todos formavam uma especie de Arcadia, que se chamou Ultramarina.

Se bem dêstes poetas Claudio é o mais antigo, trataremos antes dos ausentes, não só por darmos noticia de suas epopeas d'assumpto brazileiro, como por deixarmos ou outros para os attender, conjuntamente, nos fataes acontecimentos posteriores.

E primeiro trataremos de José Basilio, e do seu *Uraguay*. Esta epopea é das modernas de mais merecimento, se bem que o A. com a pressa não lhe désse todo o desenvolvimento. José Basilio tinha-se familiarisado muito com a litteratura classica e italiana, e deixou nisso frequentes reminiscencias, espalhadas pelo poema. O A. do *Uraguay*, principalmente se extremou pelo talento da harmonia imitativa, pelo mechanismo da linguagem, sabendo sempre adoptar os sons ás imagens. Ás vezes faz correr os versos fluidos e naturaes; outras, como nas falas de Cacambo, demora no verso de proposito, porque deseja representar distancia, socêgo, ou brandura. Se a imagem é audaz e viva, como quando fala Cepé, faz precipitar os versos: até dirieis, que em casos duros e de

batalhas, etc., sabe fazel-os roçar asperamente uns com outros.

Durão deixou-nos o *Caramurú*. Este poema mais acabado que o anterior, é de facil e natural metrificação, e dicção clara e elegante; nelle o poeta só pelo seu genio conseguiu fazer heroe um individuo, que estava longe de o poder ser. Entretanto cumpre dizer, que se da Iliada se colhem estimulos de valor: se a Eneida commove á piedade; se o Orlando inspira sentimentos de cavalleirosa abnegação; se os Luziadas exaltam o patriotismo, e a Jerusalém é um modêlo de prudencia e conselho, o poema Caramurú offerece um typo de resignação christã, e de virtudes conjugaes. O Caramurú ganhará, de dia para dia, mais partido, e chegará talvez a ser um dia popular no Brazil.

Claudio deve considerar-se o primeiro poeta mineiro, por direitos de antiguidade: pois já em 1751 em Coimbra começou a imprimir algumas poesias: depois de ir a Minas, serviu de secretario do Govêrno, correu os sertões com o governador Lobo, e foi protegido do conde de Valladares.

Deixou-nos Claudio mais de cem sonetos, vinte eglogas,, muitas epistolas, alguns epicedios e romances lyricos, e um heroico, além de cantatas e cançonetas em italiano: pulsou a lyra, orçando pelo sublime na sua saudação á Arcadia Ultramarina; mas no poema *Villa Rica*, não acertou bem com a embocadura da trombeta epica. Nos sonetos faz muita vez recordar a Petrarcha; as suas eglogas parecem em tudo modeladas sôbre as de Garcilasso. Era Claudio, como este, exacto na impressão, e como elle amante da litteratura italiana. Mais delicados e ternos que sublimes, um e outro eram como nascidos para a egloga e elegia. As obras de Claudio devem estu-

dar-se como modelos de linguagem; é, porém, de temer, que o genero bucolico em que mais abunda, venha a convidar poucos á sua leitura.

Alvarenga Peixoto era dotado de grande genio poetico, e o pouco que delle nos resta é bastante para lamentarmos que nos não deixasse muito mais, ou por ventura que não appareça o mais que comporia. O seu canto geneathliaco em 19 estancias, e a magnifica composição com que convida D. Maria I a passar-se á America, são por si sós bastantes para lhe tecer eterna corôa de poeta.

Gonzaga (1), cuja Marilia de Dirceu já vai sendo traduzida em todas as linguas, acabando de sêl-o em castelhano, a rogo nosso, pelo amigo o Sr. D. Enrique Vedia, distingue-se pela ternura dos affectos, e pela naturalidade da versificação. Ninguem como elle a nosso ver tirou tanto partido, para expressar seus sentimentos, de tudo quanto o rodeava, inclusivamente na prisão, com a imagem da morte perante os olhos.

Se Gonzaga (Dirceu) nos deixou um cancioneiro por nome *Marilia*, temos outro de Silva Alvarenga (Alcindo) intitulado *Glaura*. Á maneira de Petrarcha, um e outro constam de duas partes: no primeiro canta o poeta os seus amores, na segunda chora a perda delles: Dirceu pela sua prisão, e destêrro; Alcindo, como Petrarcha, pela morte do objecto amado.

Silva Alvarenga, a quem devemos os melhores ensaios feitos de intento n'um genero erotico novo, tinha grande amor á poesia, e elevadas ambições de poeta. É

(1) Ao imprimirmos estas linhas, temos por averiguado um facto, que a conhecel-o antes houvera privado o Florilegio das obras dêste poeta: Gonzaga nascêra no Porto, foi baptisado na freguezia de S. João; antes de ir a Villa Rica, havia servido em Portugal em três varas diferentes.

correcto na linguagem, poetico nas imagens, natural, sensivel, e melodioso nas redondilhas, mas nem sempre altiloquo no heroico. Seus ensaios eroticos de côr americana perdem por monotonos, e convertem ás vezes o poeta n'um namorado chorão e *baboso*. Seu irmão João Ignacio, passava por ser o A. (1) da famosa ode a Albuquerque, que ultimamente se deu de presente (não sabemos com que fundamento) a Vidal Barbosa.

Do irmão de José Basilio da Gama, nada podemos dizer, por não conhecermos composição alguma sua.

O governador Luiz da Cunha de Menezes não soubera ganhar as sympathias da capitania, cujo govêrno lhe fôra confiado em 1783. O seu genio vaidoso, os seus erros administrativos, e o prestar-se elle em pequenas cousas ao ridiculo, deram assumpto para a violenta sátyra que em nove epistolas, intituladas *Cartas Chilenas*, contra elle escreveu um dos poetas de Villa Rica. A facilidade da metrificação, a naturalidade do estylo, e a propriedade da linguagem fariam attribuir esta obra a Claudio, a não desmentirem da sua penna, algumas expressões chulas e pouco decorosas. Tão pouco nos atrevemos a attribuil-as a Alvarenga Peixoto, de quem nenhuns versos possuimos dêste genero: é, porém, sem duvida que os taes versos eram de pessoa exercitada em o fazer, e não havia então em Minas poetas neste caso mais que os dois, e Gonzaga, que fica excluido, por se fallar delle nas mesmas cartas. As epistolas suppõem-se dirigidas por Critillo a um Dorotheu (Theodoro?) que estava na Côrte. Correm precedidas de uns versos de outro auctor, que em certo logar nos previne a favor da

(1) Veja as *poesias ineditas*, impressão em 1811, tom. 3.º, pag. 11.

nomeada de Critillo, como escriptor conhecido. Não faltam nas cartas verdades que deviam de ser duras aos ouvidos não só do governador presente, como até de todos os mandões maus que lhe succedessem. A sátyra foi escripta provavelmente em 1786, isto é, depois das festas por occasião dos casamentos dos infantes de Portugal e Hespanha.

As cartas *chilenas*, que melhor podemos chamar *mineiras*, são o corpo de delicto de Cunha de Menezes, cujo desgovêrno foi a origem da primeira fermentação em Minas, para a conspiração em que appareceram complicados como chefes e cabeças os poetas de que ultimamente fizemos menção, Claudio, A. Peixoto, e em apparencia Gonzaga. Talvez nenhuma outra história litteraria offereça a novidade de se ver assim inseparavel d'uma conspiração politica, em que, segundo parece, tiram os poetas a principal parte.

Em 1788 succedeu a Menezes no govêrno o Visconde de Barbacena, e á sua chegada correu a voz de que ia forçar a capitania ao pagamento de 700 arrobas de oiro, que ella devia pela lei da capitação. Entretanto as idéas de conspiração e revolução, originadas no govêrno anterior, haviam amadurecido, e a noticia de que se ia violentar o povo a satisfazer aquelle tributo, fez-se espalhar como conveniente para fazer rebentar a revolução, que os conspiradores imaginavam, teria tão feliz exito como a que se acabava de levar a effeito nos Estados-Unidos, graças á grande protecção que estes encontraram da parte da França e Hespanha contra a Grã-Bretanha.

Alvarenga Peixoto estava enthusiasmado pelo futuro da nova nação; improvisou-lhe a bandeira, e propoz as providencias que deviam adoptar para crear partido,

e para resistir á guerra que infallivelmente, dizia elle com razão, devia ter logar. Mas, como succede tantas vezes, alguns conspiradores converteram-se em delatores. Antes de rebentar a revolução foram todos os suspeitos réos presos, e depois julgados (1). Claudio matou-se no carcere, enforcando-se com uma liga. Alvarenga Peixoto foi sentenciado á morte, e Gonzaga, talvez innocente á conspiração, a degredo por toda a vida para as Pedras Negras em Angola. Estas sentenças foram commutadas, por uma Carta Régia de perdão, a daquelle em degredo perpetuo ao principio para Dande, e depois para Ambaca; e a dêste em dez annos de degredo para Moçambique. O poeta portuguez Diniz foi um dos juizes signatarios destas sentenças de seus collegas.

Já neste seculo, principalmente desde o Marquez de Pombal, vemos filhos do Brazil occupando os primeiros cargos do Estado, e outros distinguindo-se com escriptos que ganharam nomeada. João Pereira Ramos, um dos reformadores da Universidade, é guarda-mór do Archivo da Torre do Tombo. Seu irmão, o Bispo de Coimbra, D. Francisco de Lemos, é Reitor e reformador da Universidade; D. José Joaquim Justiniano Mascarenhas foi feito Bispo do Rio de Janeiro, sua terra natal; o baculo de Pernambuco confiou-se a D. Francisco da Assumpção e Brito, natural de Marianna; e depois a D. Fr. Diogo de Jesus Jardim, do Sabará, e mais tarde a D. José Joa-

(1) Foi esta a quinta sedição formal, que desde o princípio dêste século teve lugar em Minas, sendo a primeira em 1708, dirigida por Nunes Vianna; a segunda sete annos depois, por Domingos Rodrigues do Prado, em Pitangui; a terceira em 1720, primeiro sôbre a casa da fundição, e depois proclamando alterações na forma da administração, etc.; a quarta em 1756 foi prevenida em tentativa. Vej. Rev. do Inst. 1.º da Segunda Serie, pag. 54 e seg.

quim d'Azevedo Coutinho, de Campos. D. Thomaz da Encarnação, natural da Bahia, é A. de uma conhecida História Ecclesiastica, publicada em Coimbra em quatro tomos. O franciscano Jaboatão, nascido na Villa dêste nome, publicou uma história da sua ordem seraphica no Brazil; Pedro Taques d'Almeida Paes, e Fr. Gaspar da Madre de Deus, escreveram memórias históricas sôbre a sua Provincia de S. Paulo; José Monteiro de Noronha, do Pará, em cuja Sé foi vigario capitular, era um ecclesiastico de bastante saber. Na Advocacia distinguiram-se os Doutores Ignacio Francisco Silveira da Motta, Saturnino, e como magistrado fez-se muito notavel o Desembargador Velloso. Além dos advogados mencionados, outro havia de quem nos restam algumas composições poeticas, além de outras que possuem seus netos: só tres publicamos do poeta fluminense Mendes Bordallo. Igual nome não daremos, mas sim o de simples versejador a outro fluminense, cuja condição humilde foi para nós grande recommendação para o contemplarmos. Referimo-nos ao çapateiro Silva. Os seus versos devem guardar-se, e podem alguns ler-se.

Tambem nas sciencias alguns brazileiros ganharam celebridade nesta epocha: Alexandre Rodrigues Ferreira, o Humboldt brazileiro em suas extensas viagens pelos sertões do Pará; José Bonifacio d'Andrada, de cujas poesias adiantando trataremos, agora viajando como mineralogico pela Europa; do mesmo modo que o seu patricio (natural do Sêrro do Frio) o naturalista Manoel da Camara Bittencourt (1), e o fluminense Antonio de

(1) Vej. a sua biogr. no Tom. 4.º da *Revista* do Instituto Histórico do Rio de Janeiro. [2.ª edição, ps. 515/518, da autoria do Dr. J. F. Sigaud].

Nola, ao depois lente em Coimbra; Coelho de Seabra escrevendo tratados de chimica, além de muitas dissertações scientificas (2); Conceição Velloso, trabalhando em uma grande *Flora Fluminense*, e deixando impressos muitos tratados compostos, ou traduzidos; o Dr. José Vieira do Couto, naturalista em Minas; Manoel Jacinto Nogueira da Gama (ao depois Marquez de Baependy) distinguindo-se em Coimbra nas mathematicas, do mesmo modo que Francisco Villela Barbosa (Marquez de Paranaguá), e vindo ambos reger cadeiras dessas sciencias (1). Pires da Silva Pontes encarregado dos tratados de limites e de levantamentos de cartas no Brazil; e José Fel. Fernandes Pinheiro (V. de S. Leopoldo) já magistrado, e occupando-se de traducções de obras que podiam ter applicação á industria do Brazil; Silva Feijó naturalista empregado em explorações nas Ilhas de Cabo-Verde; José Pinto d'Azevedo, medico distincto da escola de Edimburgo, e outros de menos nomeada.

Nos fins dêste seculo um filho da Bahia, que nesta cidade professou o ensino da grammatica, José Francisco Cardozo, compoz em latim um canto heroico sôbre a expedição dirigida contra Tripoli e commandada pelo chefe de divisão Donald Campbell, para que o bey entregasse uns francezes ahi refugiados. O A. não era d'imaginação mui rica, seus versos estão longe da perfeição, e o mesmo estylo é em geral pouco poetico; mas este poema

---

(2) Além das que apontámos em sua biographia, publicada pelo Instituto do Rio [IX, ps. 261/264] temos que mencionar a memoria sôbre a cultura do arroz, que se imprimiu em 1800; outra dêste mesmo ano sôbre os prejuizos das sepulturas nos templos.

(1) Poemas de Francisco Villela Barbosa, natural do Rio de Janeiro, e estudante de mathematica na Universidade de Coimbra, 1794 — 127 pag. 8.°.

teve a honra de ser vertido em verso portuguez por Bocage, o poeta mais harmonico que tem dado Portugal; assim a obra de Cardozo ganha muito em ser antes lida na traducção portugueza. Rematemos o que falta dizer dos poetas dêste seculo XVIII, com um que se pode dizer concluiu com elle seus dias: alludimos ao pardo Caldas Barboza. E com referencia á sua biographia no Florilegio, diremos que este cantor de viola, como se lhe tem querido chamar, merece mais consideração do que se lhe tem dado até agora. Além de que se ensaiou em todo o genero de poesia, deixou-nos a par de muitas composições insignificantes, outras que lhe devem conferir o nome de poeta. Possuimos delle elegantes quintilhas, harmonicas estrophes, e alguns sonetos, nos quaes só o muito desejo de criticar poderá encontrar senões.

Não é por certo seu merito a comparar com o seu *chará* tambem ecclesiastico — o sublime Sousa Caldas. Conta-se que aquelle reconhecia tanto essa superioridade, que uma vez, encontrando ao ultimo em sociedade, improvisou a tal respeito a seguinte quadra: (1)

"Tu és Caldas, eu sou Caldas;
Tu és rico, e eu sou pobre;
Tu és Caldeira de prata;
Eu sou Caldeira de cobre."

Sousa Caldas é talvez o poeta brazileiro que mais erçou pelo sublime, e tambem com seus versos lyricos menores sabia ser festivo. Como poeta sagrado rivalisa com

(1) Esta quadra, apesar da liberdade da idéa da *Caldeira*, não é destituida de merito para um improviso. O cobre e a prata alludiam não só aos sons dos dous metaes, como á côr dos dois poetas.

elle, não pelo sublime e correcto, mas pela viveza das imagens, colorido, e facilidade de expressão, o auctor da epopea sagrada, a *Assumpção da Virgem*.

Fr. Francisco de S. Carlos, teve a coragem de se abalançar neste seculo a tratar um tal assumpto, e só pela fecundidade de seu engenho poderá sair bem da empreza. Com muita arte envolve a America e suas grandezas neste assumpto divino, passado em tempos em que aquella não era, é verdade, conhecida dos christãos, mas já era do Eterno, e o podia ser do Archanjo seu nuncio. Igualmente a idéa de pôr no Paraizo terreal os fructos da America, isto é, o verdadeiro jardim da terra, é bellissima e original.

Na *Assumpção* ha mais poesia que no *Uraguay* e no *Caramurú;* mas as rimas pareadas serão fataes á popularidade do poema e glória do poeta, sempre que algum leitor animado pelo assumpto piedoso, ou prevenido em favor do genio poetico do A., se dedique boamente á sua leitura, sem fazer reparo a um que a outro logar de menos castigado estylo. Infelizmente ao poeta faltou-lhe em vida não só outro poeta amigo a quem pudesse dar a censurar suas composições. E devemos crer, pelo que elle proprio nos diz, que dos outros em vez de estimulo só recebia signaes de indifferença; e até ao fim do poema se achára sósinho, sem mais valimento que o da sua musa: queixando-se a esta, nos diz:

"Aquelles mesmos, que nos meus suores
Deveriam ter parte são peiores.
Surdos se teem mostrado, e indifferentes
A tão nobres vigilias... Vê, que gentes,
Que estima pelas musas, que alto brio
Produz do teu Janeiro o illustre Rio."

(C. 8.º, pag. 211).

Quanta reputação e quanta glória não podéra ter adquirido um dos poderosos de então, se houvesse querido, e sabido proteger um pobre frade, que com taes versos implora a benevolencia da posteridade! Sem aguardar para mais longe, já os que nascemos depois, quasi condemnamos todos os que então figuravam no Rio, e com quanto prazer, com quanta glória para elle, não citaramos aqui o Mecenas, se algum tivesse querido então sêl-o!

De Manoel Joaquim Ribeiro, professor regio de Philosophia em Minas Geraes, possuimos alguns sonetos, e várias lyras, e lástima é, que tantas destas composições não passem de puros encomios á pessoa do Capitão General. Vê-se que Ribeiro quiz tomar por modêlo a Dirceu, e fôrça é dizel-o que ás vezes o imitou, na graça e naturalidade, que chega a illudir-nos.

Ao fazermos menção de Minas nesta epocha, é impossivel deixar no olvido a exacta e ingenua descripção desta Provincia, feita em quadras pelo Alferes miliciano Lisboa. As suas outras composições patrioticas, e contra a invasão franceza em Portugal, nem sequer tiveram voga na epocha de enthusiasmo em que se deram á luz.

Mineiro era tambem o Pe. Silverio, chamado da Paraopeba. Suas composições são recommendaveis pela muita originalidade, e quando se collijam fornecerão uma pintura de muitos usos de nossos sertanejos.

Mais para o interior, em Goyaz, pulsava a lyra de Pindaro o sublime Cordovil, de quem devemos sentir que não sejam conhecidas maior número de producções. Tendencia ao sublime se descobre tambem nas composições que temos do bahiano Luiz Paulino. Mais que estes se distinguiu posteriormente no lyrico elevado o pernambucano Saldanha, cantando os principaes heroes que diri-

giram a restauração da sua provincia contra o jugo hollandez. Infelizmente Saldanha parece não ter tido mais modêlo, que as odes pindaricas de Diniz, que já demasiado se parecem umas ás outras.

Restava occuparmo-nos mais extensamente dos ultimos quatro auctores poetas, com que termina o nosso Florilegio. D'alguns outros modernos, falecidos, não possuimos composições bastantes; e dos vivos não ousamos nós julgar, e muito menos a par dos mortos. Assim Deus faça subsistir por muito tempo os motivos porque deixamos aqui sem exame as poesias dos Pedra Branca e Alves Branco, dos Odorico Mendes, e de tantos outros poetas talentosos de nossos dias. Reservando-nos, pois, o projecto de publicar um supplemento a esta collecção, quando tenhamos juntado os materiaes para elle, egualmente promettemos para o futuro um *album,* contendo duas ou tres das composições ou trechos de poesias, que cada um dos poetas, que a nós se dirijam, e que são convidados neste logar, creia preferiveis ás outras suas.

Os quatro auctores referidos, que terminam o nosso Florilegio, são José Bonifacio, Paranaguá, Januario, e Alvaro de Macedo: os laços de amizade e veneração, que a elles nos prendiam, e nos ligam ás suas familias, quasi nos apertam o pulso, e fazem que a mão trema ao escrever delles um juizo critico — prematuro talvez. Digamos antes de tudo, que nenhum dêsses brasileiros talentosos cultivou a poesia senão por distracção de mais serios estudos. José Bonifacio era naturalista; Paranaguá mathematico; Januario prégador; e Alvaro profundo nos estudos da vária philosophia; e todos elles dedicaram grande parte da sua actividade e tempo aos afans da politica, já como deputados e ministros, já como escriptores e jornalistas. De cada um dêstes dois ulti-

mos não pode contar a litteratura mais que um pequeno poema, com escasso desenvolvimento; de Paranaguá faltam ao publico a maior parte das composições, com a correcção com que as ia limando no decurso de sua vida, sobre tudo as primeiras que publicou em Coimbra no seculo passado. Não sabemos como haverá modificado a sua *Primavera,* tão notavel pelo estylo e metrificação, mas onde faltava muita côr americana. Sentimos que o poeta fluminense preferisse entre as quadras do anno a que na Europa é mais risonha, e fizesse menção de se ter acabado o frio do vento norte, quando o frio no Brazil não vem desse lado; e que se lembre da flor da amendoeira, pois se ha esta árvore em algum jardim de aclimatação, não é para nós um indicio da primavera, etc. As composições amorosas, quando não abundam em nomes mythologicos, e sôbre tudo as heroicas ao Fundador do Imperio, e que ouvimos recitadas da propria bocca do poeta, cremos que irão á posteridade com unanime louvor, e darão a Paranaguá mais glória, do que a *Primavera,* a que, por falta de outros modelos do A., demos a preferencia.

José Bonifacio não se póde classificar como poeta: não pertence a nenhuma escola, se bem que se educou na classica; não se affeiçoou a nenhum genero, mas em todos se ensaiou; não poetava por amor da arte, mas por fugir do tedio em horas que não queria pensar em sciencias, nem em politica. Isto em nada se oppõe a que não sejam de superior merito algumas poesias que nos deixou. Parece que juntamente com o brazileiro Mello Franco muito concorreu para a confecção do poema satyrico da Universidade de Coimbra — *O Reino da Estupidez.*

Se o conego Januario merece nos differentes ramos da litteratura brazileira uma reputação muito maior, do

que a que lhe dão suas obras, na poesia, sôbre tudo, os seus serviços foram maiores, do que os que indica o seu *Nictheroy*. Januario foi o primeiro collector de poesias brazileiras, que promoveu o gôsto pelas lettras americanas, e dellas foi na imprensa, na tribuna e até no pulpito estrenuo e acerrimo campeão. Seu estro descobriu elle, principalmente, em producções anonymas, que por ora ao menos não podem pertencer á litteratura, pelas muitas personalidades que encerram, nascidas de paixões politicas, ás quaes não foi estranho na idade madura este activo ecclesiastico.

Alvaro de Macedo era um moço de saber, e conhecedor profundo da lingua e litteratura ingleza, e desta grande admirador. *A Festa de Baldo,* apesar de seus defeitos, que consistem em faltas de desenvolvimento de certos pensamentos, e no prosaismo de alguns versos, é o nosso primeiro poema heroi-comico.

A muita convivencia que, na qualidade de collega, com Macedo tivemos, e a amisade que a elle nos ligava, nos permittiram quasi que assistir á composição dos ultimos dois cantos do seu poema, ao qual, a pedido nosso, o auctor decidiu dar uma côr *mais americana* na parte descriptiva; e lastimamos que não désse ainda mais desenvolvimento a este nosso pensamento, quando quasi simplesmente nomeia as fructas, etc.

A obra de Macedo ganhará, talvez, de dia para dia, mais popularidade, e d'aqui a menos de um seculo figurará no paiz, e na litteratura mais do que hoje. Nella nos legou o auctor uma verdadeira imagem da sua maneira sincera de pensar em religião, em politica, em proceder social e domestico, em tudo finalmente. Nella nos apresentou um espelho do seu caracter, que conciliava á profissão de principios severissimos, com um trato tão

alegre e galhofeiro, quanto lh'o consentiam as queixas que tinha contra a sorte, que pouco o favorecera na carreira que abraçára. Essas queixas, reunidas á sua compleição debil, lhe quebrantaram a existencia aos quarenta e dois annos de idade. Faleceu em Bruxellas, onde servia como representante do Brazil.

F. A. DE VARNHAGEN.

NOTAS

(I) O *Puren Indomito*, poema de Fernando Alvarez de Toledo, foi publicado pela primeira vez por D. Diego Barros Arana, Paris & Leipzig, 1862, in-8.º de VIII-488 pp. Há outras edições modernas — Conf. Antonio Palau y Dulcet, *Manual del librero hispano-americano*, I, ps. 59, Barcelona, 1923.

(II) Frei Vicente do Salvador, no século Vicente Rodrigues Palha, nasceu na Bahia, filho de João Rodrigues Palha e de Micia de Lemos. Segundo Jaboatão, *Catálogo Genealógico*, ps. 469, foi batisado na Sé a 28 de janeiro de 1567. Essa data, conferida com a sua declaração ao dar por terminada a *História do Brasil*, em 20 de dezembro de 1627, de que já era de sessenta e três anos, faz recuar de um triênio sua idade, por isso que, filho de família católica, não se concebe passasse pagão tanto tempo. Está certa, portanto, a data que consigna o Autor — 1564 — para seu nassimento.

Vicente Rodrigues Palha estudou no Colégio dos Jesuítas da Bahia e doutorou-se em ambos os direitos na Universidade de Coimbra. Foi cônego, vigário geral e governador do bispado da Bahia e ali professou em 30 de janeiro de 1600, com o nome de Frei Vicente do Salvador, de sua cidade natal. Foi o sétimo custódio e prelado maior da custódia baiana, antes de ser elevada à província, Jaboatão, *op. et loc. cit.*

Frei Vicente do Salvador escreveu a *Crônica da Custódia do Brasil*, que terminou em 1618, nunca publicada e considerada como perdida; e a *História do Brasil*, que dada por finda em 1627 levou mais de dois séculos e meio ignorada nos arquivos portugueses, somente revelada em 1881 por Capistrano de Abreu, em circunstâncias que têm algo de maravilha. A primeira tentativa de publicação realizou-se no *Diário Oficial do Império*, em 1886,

de que se fez o n. V dos *Materiais e Achegas para a História e Geografia do Brasil*, compreendendo os dois primeiros livros dos cinco de que se compõe, — Rio de Janeiro, na Imprensa Nacional, 1887, e depois, integralmente, nos *Anais da Biblioteca Nacional*, vol XIII, 1888, com edição em separado, 1889.

A edição definitiva teve a *História do Brasil* de Frei Vicente do Salvador, por Weiszflog Irmãos, São Paulo-Rio, 1918, revista por Capistrano de Abreu, iluminada pelos extraordinários *Prolegômenos*, apostos a cada um dos cinco livros, e que por si só constituem o mais aprofundado estudo que ainda se fez das fontes utilizadas pelo historiador seiscentista, pondo-as em dia com os novos documentos aparecidos e com as monografias sobre os diferentes períodos e fatos. Há outra edição da *História* pelos mesmos Editores e nos mesmos lugares, 1930. Frei Vicente do Salvador é patrono da cadeira n. 10 dos membros correspondentes da Academia Brasileira.

(III) Domingos Barbosa nasceu na Bahia. Pertenceu à Companhia de Jesus e tornou-se conhecido pelo poema, que escreveu, dedicado à Paixão do Salvador. Faleceu em 22 de novembro de 1685. — Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana*, I, ps. 708; Serafim Leite, *História da Companhia de Jesus no Brasil*, I, ps. 533, Lisboa, 1938.

(IV) Martinho e Salvador de Mesquita eram irmãos, filhos de Gaspar Dias de Mesquita, natural do Rio de Janeiro, o primeiro nascido em 1633 e o outro em 1646. Martinho na adolescência passou a Roma, onde se doutorou na Universidade da "Sapientia", em 1661; seguiu-o o irmão, que freqüentou o Seminário Romano. — Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana*, III, ps. 441/442 e 669.

Gaspar Dias de Mesquita deve ser um dos deputados da junta da Companhia Geral do Comércio que assinaram, em 8 de março de 1649, o contrato, em virtude do qual os cristãos-novos sentenciados pelo Santo Ofício de Lisboa, que concorressem para os fundos da Companhia, ficavam isentos da confiscação. — Conf. Varnhagen, *História Geral do Brasil*, III, ps. 95, nota.

(V) Manuel de Morais, natural da vila de São Paulo, devia ter nascido em 1596 para ter a idade de cinquenta anos, que declarou em 25 de abril de 1646, — *Processo do Padre Manuel de Morais*, in *Revista do Instituto Histórico*, LXX, parte 1.ª ps. 61. Estudou no Colégio da Companhia de Jesus, na Bahia; em 1622 ou 1623, acompanhou o provincial do Brasil em uma visita a Pernambuco; em 1630 era superior de uma das aldeias de índios a cargo dos Jesuitas. Ao rebentar a guerra holandesa prestou no

princípio bons serviços aos pernambucanos; depois bandeou-se para o inimigo. Embarcou para a Holanda, onde casou duas vêzes e teve geração de ambos os matrimônios. Em 1639 foi denunciado ao Santo Ofício em Lisboa, processado à revelia e queimado em efígie, em auto de fé realizado a 6 de abril de 1642. Em dezembro dêsse ano regressou a Pernambuco e pôs-se a negociar com pau-brasil. Ao saber da insurreição dos pernambucanos foi dos primeiros que aderiram ao movimento; mas não tardou em ser preso pelo mestre de campo Martim Soares Moreno, que o remeteu ao governador geral Antônio Teles da Silva, na Bahia, e daí foi enviado para Lisboa, onde respondeu novo processo perante o tribunal da Inquisição, de que conseguiu escapar. Nada mais se sabe a seu respeito desde o dia em que, milagrosamente, recuperou a liberdade. Manuel de Morais é figura de relevo nas letras seiscentistas, embora de sua obra extraviada só se conheçam fragmentos através de autores holandeses, e uma *Resposta que deu o licenciado Manuel de Morais a dizerem os olandeses que a paz era a todos util, mas a Portugal necessaria*, etc., impressa por Afonso d'E. Taunay, *Anais do Museu Paulista*, I, ps. 119/133. — Conf. Varnhagen, *História Geral do Brasil*, II, ps. 344/345, nota.

(VI) Antônio de Sá nasceu no Rio de Janeiro em 26 de julho de 1620 e no mesmo local faleceu em 1 de janeiro de 1678. Pertenceu à Companhia de Jesus e foi prégador notavel, considerado como digno sucessor de Antônio Vieira. De seus *Sermões vários* há uma opulenta coletânea, impressa por Miguel Rodrigues, Lisboa, 1750. — J. Carlos Rodrigues, *Bibliotheca Brasilicnse*, ns. 2153 a 2166, cita diversos outros sermões impressos, todos sumamente raros.

(VII) A comédia *El Brasil restituido*, foi publicada a primeira vez pela Real Academia Espanhola, na grande coleção das *Obras* de Lope de Vega dirigida por M. Menéndez y Pelayo, tomo XIII, ps. 75/106, Madrid, 1902.

O original dessa comédia, autógrafo, depois de haver pertencido ao escritor espanhol D. Fernando de la Serna, passou a fazer parte da rica coleção de papeis relativos à história da América, que juntou Mr. O'Rich, cônsul dos Estados Unidos em Espanha durante o reinado de Fernando VII.

A nota do Autor refere-se ao documento da coleção O'Rich, em Londres, posteriormente transferido para a Biblioteca Nacional de Madrid, onde se conserva.

(VIII) A *Epanáfora Bélica*, de D. Francisco Manuel de Melo, narra a derrota da armada espanhola do almirante D. Antônio de Oquendo pela holandesa comandada pelo almirante Mar-

tin Harpertzoon Tromp nas Dunas de Inglaterra, em 1639. A *Epanáfora* a que o Autor quis referir-se, é a *Triunfante*, que versa sôbre a restauração de Pernambuco em 1654 e o fim do domínio holandês no Brasil. Essa é a quinta e última das *Epanáforas de vária história portuguêsa*, Lisboa, 1660, com duas reedições, sendo a terceira revista e anotada por Edgar Prestage, na coleção *Sscriptores Rerum Lusitanorum* (Série C), Coimbra, 1931.

(IX) Diogo Gomes Carneiro nasceu no Rio de Janeiro em *1618*, conforme J. M. Pereira da Silva, *Os Varões illustres do Brasil durante os tempos coloniaes* II, ps. 311, Paris, 1876, ou em *1628*, de acôrdo com Manuel Joaquim de Macedo, *Anno Biographico*, I, ps. 173, Rio, 1876; mas a data da publicação da *Oração apodixica* adiante referida — 1651 — parece afinar melhor com a do Conselheiro que, apesar dos pezares, em matéria histórica, péca menos do que o romancista.

Segundo Innocencio, *Diccionario Bibliographico Portuguez*, II, ps. 159, parece que Gomes Carneiro era formado em Direito; Sacramento Blake, *Diccionario Bibliographico Brasileiro*, II, ps. 178, por conta própria, o doutora em Leis pela Universidade de Coimbra. Por decreto de 8 de maio de 1658 foi nomeado cronista da América, mercê confirmada pela provisão de 1 de junho de 1661. Pela carta régia a 8 de junho de 1663 determinou-se que o ordenado do cronista do Estado do Brasi fôsse pago pelas Câmaras da Bahia, Pernambuco e Rio de Janeiro. A 22 de novembro de 1672 o cronista, parece, ainda estava no desembolso de seus ordenados. Cerca de quatro anos ainda viveu Diogo Gomes Carneiro, pois Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana*, I, ps. 654, dá sua morte como sucedida a 26 de fevereiro de 1676, seu corpo sepultado no Colégio de Santo Antão de Lisboa. Sua primeira obra publicada foi a *Oração apodixica aos scismaticos da Patria*, etc., Lisboa, 1651. Ha algumas versões de sua autoria publicadas, e um *Memorial da prática do Montante*, inédito. Sua *História do Brasil*, labor de tantos anos, ficou concluida, mas perdeu-se, ou anda extraviada nos arquivos lusos.

— Conf. Varnhagen, *Historia Geral do Brasil*, III, páginas 151/154, nota.

(X) Fernão Cardim nasceu em Viana do Alvito, arcebispado de Evora, filho de Gaspar Clemente e de sua mulher D. Inês Cardim. A data de seu nascimento é incerta: demora entre 1540 e 1548. Entrou para a Companhia de Jesus em 1555. Já era professo dos quatro votos e ministro do Colégio de Evora, quando foi designado, em 1582, para companheiro do Padre visitador Cristóvão de Gouveia; passou a Lisboa em princípios de outubro

daquele ano e ali esteve cinco meses até que, a 5 de março de 1583 embarcou para o Brasil. A introdução dos *Tratados da Terra e Gente do Brasil* (Rio de Janeiro, J. Leite & C.ª, 1925), resume a vida e a obra desse extraordinário Jesuíta.

Fernão Cardim faleceu na Bahia a 27 de janeiro de 1625.

(XI) O Padre Alvaro Lobo, segundo Fernão Cardim, compôs em Portugal um diálogo sôbre cada palavra da Ave-Maria, que foi representado por ocasião da visitação do Padre Cristóvão de Gouveia, na Bahia. — Conf. Fernão Cardim, *Tratados da Terra e da Gente do Brasil*, ps. 339/340. — Esse padre não veio ao Brasil.

(XII) Sôbre Diogo Grasson (ou Garção) Tinoco bem pouco se conhece. Sua naturalidade, lusa ou paulista, permanece duvidosa. O que é certo é que viveu em São Paulo e entre paulistas na segunda metade do século XVII, e acaso tomou parte em algum dos primeiros bandos que devassaram a região das Minas, conforme sugere Afonso d'E. Taunay, in *Anais do Museu Paulista*, II, ps. 59, São Paulo, 1925. Veja o estudo de Afrânio Peixoto — *O primeiro épico nacional — um precursor de Bilac*, in *Revista da Academia Brasileira*, ano XXI, n. 105, setembro de 1930. — Os votos do Autor, para que o manuscrito do *Descobrimento das Esmeraldas*, que possuiu Cláudio Manuel da Costa, ou algum apógrafo do poema, viesse a aparecer, não se cumpriram, e provavelmente nunca se cumprirão.

(XIII) Bernardo Vieira Ravasco nasceu na Bahia, filho de Cristóvão Vieira Ravasco e de D. Maria de Azevedo, e irmão do Padre Antônio Vieira. Batisado na Sé do Salvador a 3 de julho de 1619. Foi o primeiro secretário de estado da Bahia, por nomeação de D. João IV, alcáide-mor da cidade de Assunção do Cabo-Frio. Não casou, mas de D. Felipa Cavalcanti de Albuquerque, filha de Lourenço Cavalcanti e de sua primeira mulher D. Ursula Feio, teve filhos bastardos. Outra filha de Lourenço Cavalcanti, D. Maria, foi amante de D. Francisco Manuel de Melo, quando esteve degredado na Bahia, e dele houve uma filha, que se expôs em certa casa rica de Cotegipe. Voltando a Portugal, D. Francisco Manuel recolheu D. Maria ao convento das Odivelas, onde foi religiosa de autoridade. — Jaboatão, *Catálogo Genealógico*, ps. 61, 261/262. — Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana*, I, ps. 537/539, traça minuciosa biografia de Bernardo Vieira Ravasco, e menciona suas obras, que nunca foram publicadas, entre as quais: — "*Poesias Portuguezas e Castelhanas* de varios metros, das quaes se podião formar 4. tomos de justa gran-

deza, scriptas da propria mão do author, como as vio meu irmão o Doutor Ignacio Barbosa Machado, quando exercitava o lugar de Juiz de Fora e Provedor da Cidade da Bahia."

Seus méritos de poeta foram louvados por Gregório de Matos, *Lírica*, ps. 92/96, edição da Academia Brasileira de Letras. Bernardo Vieira Ravasco faleceu na Bahia em 20 de julho de 1697, dois dias após seu irmão, o Padre Antônio Vieira.

(XIV) Gonçalo Ravasco (Cavalcanti de Albuquerque) nasceu na Bahia, filho do secretário de Estado Bernardo Vieira Ravasco com D. Felipa Cavalcanti de Albuquerque. Succedeu a seu pai no oficio de secretário, foi fidalgo da casa real, alcáide-mor da cidade de Assunção de Cabo-Frio e comendador da Ordem de Cristo; por vêzes governou a Bahia como vereador mais velho e Juiz de Fóra. — Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana*, IV, ps. 401, traz sua biografia, e diz que escreveu diversas obras poéticas, sendo as mais estimaveis: *Tres Autos Sacramentaes*, que não foram impressos.

Gonçalo Ravasco faleceu na Bahia a 9 de outubro de 1725, quando contava a provecta idade de oitenta e seis anos.

(XV) José Borges de Barros nasceu na Bahia a 18 de março de 1657, filho do capitão João Borges, que militou na guerra holandesa, e de D. Maria de Barros. Entrou para a Companhia de Jesus, da qual, obrigado de seus achaques, saiu passados seis anos, para continuar seus estudos na Universidade de Coimbra. Aí recebeu o grau de bacharel nos Sagrados Cânones. De volta à Bahia foi mestre-escola da Sé, desembargador da Relação Eclesiástica, vigário geral e juiz dos resíduos. Passando segunda vez a Portugal, ali desempenhou vários cargos e teve a nomeação de arcebispo de Goa, que não chegou a ocupar, falecendo a 10 de maio de 1719. Do que deixou escrito e não publicado fêz menção Barbosa Machado *Bibliotheca Lusitana*, IV, ps. 201.

(XVI) Sôbre o *Anônimo Itaparicano* (Frei Manuel de Santa Maria Itaparica), veja nota *infra* no texto.

(XVII) Prudêncio do Amaral nasceu no Rio de Janeiro em 1675, filho de Gonçalo Gomes Diniz e de D. Marta do Amaral. Entrou para a Companhia de Jesus a 30 de julho de 1690; foi professor do Colégio da Bahia e fêz profissão nesse Colégio a 15 de agosto de 1709. Faleceu no Colégio do Rio de Janeiro a 27 de março de 1715.

Escreveu: *De Sacchari opificio*, Pisauri, M.DCC.LXXX, ex Typ. Amantina, in-4° de 27 pp., — edição devida à diligência do

Padre Jerônimo Moniz, baiano, de São Francisco, que possuia o manuscrito, e o "poliu, acrescentou e ilustrou com notas", Serafim Leite, *História da Companhia de Jesus no Brasil*, I, ps. 437. — *De Sacchari opificio Carmen* teve logo outra edição, a que se lhe juntou o poema *De rusticis Brasiliæ Rebus Carminum*, do Padre Joseph Rodrigues de Melo, Romæ, M.DCCLXXXI, ex Typographia Fratum Puccinelliorum. Do Padre Joseph Rodrigues de Melo, português, do Porto, adiante se tratará.

Teve outra edição por Martius, *Flora Brasiliensis, seu enumeratio plantarum in Brasilia*, II, Stuttgart, 1829. Mais outra, na Bahia, por João Gualberto Ferreira dos Santos Reis, que traduziu os cantos de Prudêncio do Amaral e de Rodrigues de Melo e os publicou (texto e tradução), com o título complexivo de *Geórgica Brasileira*, constuitindo o III tomo de suas *Poesias*, Bahia, 1830.

Por último apareceram esses poemas sob o título de *Geórgicas Brasileiras* (Cantos sobre cousas rústicas do Brasil — 1781). Versão em linguagem de João Gualberto Ferreira dos Santos Reis. — Biografias e notas de Regina Pirajá da Silva e Nota Preliminar de Afrânio Peixoto, — nas Publicações da Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro, 1941.

Prudêncio do Amaral escreveu ainda: *Catalogo dos bispos que teve o Brasil até o anno de 1676*, etc., impresso nas *Constituiçoens primeyras do arcebispado da Bahia*, de D. Sebastião Monteiro da Vide, Coimbra, 1720. Na Biblioteca Nacional de Lisboa se guarda, manuscrita, Códice 3.786, uma *Descriptio epica moles saccharis*, em carmes latinos, da autoria de Prudêncio do Amaral, provavelmente a mesma obra *De Sacchari opificio*, segundo parece a J. Lúcio de Azevedo, *Épocas de Portugal Econômico*, ps. 278, nota.

— Veja Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana*, III, ps. 629; Charles Sommervogel, *Bibliothèque de la Compagnie de Jesus*, I, ps. 263.

(XVIII) José Rodrigues de Melo era português, nascido no Pôrto, a 24 de janeiro de 1723. Militou na Companhia de Jesus, e demorava no Colégio da Bahia, quando foi atingido pelo decreto da expulsão dos Jesuitas do Brasil e Portugal. Em Roma publicou o seu poema *De Rusticis Brasiliæ Rebus*, como ficou dito em nota anterior sôbre Prudêncio do Amaral. O Padre José Rodrigues de Melo faleceu em Roma, a 4 de agosto de 1789.

(XIX) Francisco de Almeida nasceu na Bahia. Entrou para a Companhia de Jesus em 1721. Escreveu o poema intitulado *Orphaeus Brasilicus*, em honra de Joseph de Anchieta, Lisboa,

1737. Faleceu em Roma, a 13 de novembro de 1761. — Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana*, II, ps. 99, e IV, ps. 125. Serafim Leite, *História da Companhia de Jesus no Brasil*, I, ps. 536.

(XX) Gonçalo Soares da Franca nasceu na Bahia, filho de Luis Barbalho Negreiros e de D. Luisa Côrte-Real. Batizado a 10 de janeiro de 1678, Jaboatão, *Catálogo Genealógico*, ps. 309. Estudou no Colégio dos Jesuitas da Bahia. Foi vereador em 1701, fez-se padre do hábito de São Pedro. Foi acadêmico supranumerário da Real Academia Portuguesa e um dos fundadores da Academia Brasilica dos Esquecidos, onde teve o encargo da redação da História Eclesiástica. Escreveu obras poéticas, tanto líricas como heróicas, mencionadas por Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana*, II, ps. 406, e também um poema heróico do descobrimento do Brasil, intitulado *Brasilia*, cujo primeiro canto foi lido na Academia dos Esquecidos, Barbosa Machado, *op. cit.*, IV, ps. 152.

(XXI) João Alvares Soares [da Franca], nasceu na Bahia em 8 de setembro de 1676, filho de Rafael Soares da Franca e de D. Catarina de Sousa Barbalho. Seu pai foi homem rico na Bahia e senhor do engenho Paraná-mirim, Jaboatão, *Catálogo Genealógico*, ps. 247. João Alvares estudou no Colégio dos Jesuitas da Bahia, onde recebeu o grau de mestre em artes. Sentou praça de soldado no terço de infantaria da guarnição da Bahia de que era mestre de campo seu irmão Antônio Soares da Franca, e do qual foi alferes e capitão. Abandonou depois a vida militar pela eclesiástica, recebendo ordens de presbítero em 1718. Escreveu o livro *Progymnasma Literario e Thesouro de Erudiçam Sagrada e Humana para enriquecer o Animo de prendas, e a Alma de virtudes*, etc., de que saiu à luz apenas o primeiro tomo, Lisboa, 1736, in-fol. de 15 fls. + 690 pp. Prometia mais quatro tomos, que não concluiu por falta de saúde. Jaboatão, *loc. cit.*, chama esse livro *Soares Bahiense*, mas este é o apelido literário do autor, de cuja lavra ha mais quatro sonetos castelhanos e um sermão, publicados.

Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana*, II, ps. 586/587.

(XXII) D. Rita Joana (não Joana Rita) de Sousa nasceu em Olinda, Pernambuco, em 12 de maio de 1696. Era filha do Dr. João Teixeira Mendes. Fazem honrosa menção dessa pernambucana o Padre Manuel Tavares, *Portugal ilustrado pelo sexo feminino*, etc., ps. 99, Lisboa, 1734 (este livro saiu com o nome de Diogo Manuel Ayres de Azevedo, que dizem ser o de um irmão do autor); D. Domingos de Loreto Couto, *Desaggravos do Brasil e*

Glórias de Pernambuco, in *Annaes da Biblioteca Nacional*, vol. XXV, ps. 169/170, e Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana*, III, ps. 636.

As obras dessa escritora nunca foram publicadas; faleceu ela aos vinte e três anos de idade, em abril de 1719.

(XXIII) Luis Canelo de Noronha nasceu na Bahia, em 1689, filho de Francisco Canelo e de D. Francisca de Noronha. Foi capitão dos estudantes na cidade do Salvador e vereador do Senado da Câmara. De sua produção literária dá conta Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana*, III, ps. 76.

(XXIV) Alexandre de Gusmão nasceu na vila de Santos, São Paulo, em 1695, filho do cirurgião-mor do presídio da vila Francisco Lourenço e de sua mulher D. Maria Alvares. Estudou no Colégio dos Jesuítas de Santos e formou-se em Direito na Universidade de Coimbra. Faleceu em Lisboa, a 31 de dezembro de 1753. A vida e as obras desse excelso brasileiro excedem aos moldes destas notulas. Basta aqui consignar seu nome imortal.

Alexandre de Gusmão é patrono da cadeira n. 1 dos membros correspondentes da Academia Brasileira.

(XXV) Bartolomeu Lourenço de Gusmão nasceu na vila de Santos em 1685, e era irmão de Alexandre de Gusmão. Estudou no Colégio dos Jesuitas da vila natal e formou-se em Cânones na Universidade de Coimbra. Tornou-se célebre pela invenção do balão aerostático, do que lhe veio a antonomásia de *Padre Voador*.

É, como seu irmão, figura de extraordinário relêvo, que não pode ser tratada em uma simples nota. Sobre sua vida gloriosa Afonso d'E. Taunay escreveu e publicou três opulentas e sábias monografias, que são modelos de pesquisa e erudição. Bartolomeu Lourenço faleceu em Toledo, Espanha, a 18 de novembro de 1724.

(XXVI) João Mendes da Silva nasceu no Rio de Janeiro, filho de André Mendes da Silva e Maria Henriques. Graduado mestre em Artes e formado na Faculdade dos Sagrados Cânones, foi advogado da Casa de Suplicação de Lisboa. Foi o pai de Antônio José da Silva, o poeta. Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana, IV*, ps. 186, considera João Mendes da Silva um dos mais insignes poetas do seu tempo, e enumera suas obras, entre as quais o poema líriso *Christiados — Vida de Christo Senhor*, além das mais a que o Autor se refere.

João Mendes faleceu em Lisboa, a 9 de janeiro de 1736, com oitenta anos de idade.

(XXVII) Sôbre a Academia Brasilica dos Esquecidos, veja Varnhagen, *História Geral do Brasil*, IV, ps. 84/86, nota.

(XXVIII) Sebastião da Rocha Pita nasceu na Bahia, a 3 de maio de 1660, filho de João Velho Gondim e de D. Beatriz da Rocha Pita. Seus primeiros estudos foram feitos no Colégio dos Jesuitas da Bahia, continuando-os na Universidade de Coimbra, onde se formou em Cânones. Voltando a Bahia, teve o posto de coronel do regimento privilegiado de infantaria das ordenanças da cidade, lavrou canas em fazenda de sua propriedade nas margens do Paraguaçu e foi vereador da Câmara; era cavaleiro professo da Ordem de Cristo e fidalgo da casa real. Escreveu a *História da América Portugueza*, etc., Lisboa, 1730, com duas reedições no século passado.

Rocha Pita faleceu na Bahia, a 2 de novembro de 1738. — Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana*, III, ps. 700; *Revista do Instituto Histórico*, XII, ps. 258/276.

Rocha Pita é patrono da cadeira n. 8 dos membros correspondentes da Academia Brasileira.

(XXIX) João de Melo nasceu no Recife, Pernambuco, em 1706, filho de João Fernandes da Silva e de Isabel Gomes de Figueiredo. Entrou para a Companhia de Jesus em 12 de fevereiro de 1721, no Colégio da Bahia. Foi pregador notável e cultivou a poesia em português e em latim. — Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana*, II, ps. 699.

(XXX) A Academia dos Felizes reuniu-se pela primeira vez a 6 de maio de 1736, no palácio do governador, que era então o brigadeiro José da Silva Paes, por ausência de Gomes Freire de Andrada. Dessa efêmera sociedade literária, além dos nomes do presidente, que era o físico-mor Dr. Mateus de Saraiva, e do secretário, Dr. Inácio José da Mota, conhece-se apenas o do fluminense Dr. Simeão Pereira de Sá, autor da *História Topográfica e Bélica da Colônia do Sacramento*, impressa pelo Liceu Literário Português, com a admirável introdução de Capistrano de Abreu, Rio de Janeiro, 1900. — Conf. Varnhagen, *História Geral do Brasil*, IV, ps. 72/75, nota.

(XXXI) A Academia dos Selectos não foi propriamente uma associação literária, mas assembléia de literatos (que também em outros tempos se intitulava *academia*), para um fim determinado e eventual. Dizia-se — fazer academia, isto é, reunir poetas e letrados, para celebrar um feito, louvar um herói, ou adular um poderoso. O objeto da Academia dos Selectos, levada

a efeito no Rio de Janeiro, em 1752, de que foi secretário o ex-ouvidor de Paranaguá, Dr. Manuel Tavares de Sequeira e Sá, limitava-se a exaltar o governador Gomes Freire pela sua nomeação para primeiro e principal comissário régio na negociação do tratado de limites da América do Sul. As produções da Academia foram reunidas no livro *Jubilos da América, na gloriosa exaltação, e promoção do Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor Gomes Freire de Andrada. — Collecção das obras da Academia dos Selectos, que na Cidade do Rio de Janeiro se celebrou em obsequio e applauso do dito Excellentissimo Heroe. — Dedicada ao Senhor José Antonio Freire de Andrada....* pelo Doutor Manuel Tavares de Sequeira e Sá. — Lisboa, na Off do Dr. Manuel Alvares Solano, 1754, in-4°.

(XXXII) Deve referir-se à Sociedade Científica, instituída no Rio de Janeiro sob os auspicios do Vice-Rei Marquês do Lavradio, por proposta de seu médico Dr. José Henriques Pereira. Instalou-se a 18 de fevereiro de 1772. — Veja Varnhagen, *História Geral do Brasil*, IV, ps. 342/343, nota.

A Sociedade Literária foi fundada com o consentimento do Vice-Rei Luis de Vasconcelos, em 6 de junho de 1786, sob a presidência do cirurgião Ildefonso José da Costa Abreu, sendo seus estatutos redigidos pelo poeta Silva Alvarenga; no primeiro aniversário de sua fundação estava sob a presidência de Joaquim José de Ataíde, de quem é o discurso que celebra o acontecimento. — Veja *Revista do Instituto Histórico*, XLV, parte 1.ª, ps. 69/76.

Foi dissolvida pelo Vice-Rei Conde de Resende.

(XXXIII) De referência à imprensa de Antônio Isidoro da Fonseca no Rio de Janeiro, e matéria correlata, veja o estudo exaustivo de Felix Pacheco e Afonso d'E. Taunay, *Duas charadas Bibliographicas*, Rio, 1931. Veja Varnhagen, *História Geral do Brasil*, IV, ps. 110/112, nota, onde, em súmula, se esclarece a questão relativa aos lugares de impressão e aos impressores do *Exame de Artilheiros* e do *Exame de Bombeiros*, do brigadeiro José Fernandes Pinto Alpoim.

RODOLFO GARCIA.

EUSEBIO DE MATTOS

EUSEBIO DE MATTOS

Um dos filhos da America mais distinctos em lettras no seculo 17.º, — e o primeiro, que temos a contar como poeta, é sem duvida Eusebio de Mattos. E nem por isso é seu nome conhecido, apesar de o recommendar Barboza como "insigne prégador assim em a subtileza dos discursos como na vehemencia dos affectos; *poeta vulgar e latino, cujos versos eram tão discretos como elegantes;* musico por arte e natureza, compondo as lettras que acommodava aos preceitos da solfa: arithmetico grande, sendo sempre eleito para arbitro das maiores contas; pintor engenhoso do qual se conservam com estimação particular muitos debuxos: discreto, jovial na conversação; e ultimamente tão consumado em todas as partes que constituem um homem perfeito, que affirmava delle o Padre Antonio Vieira, que Deus se apostára em o fazer em tudo grande, e não fôra mais por não querer." Estas expressões estão em Barboza; mas não é a Bibliotheca senão livro para consultar, e ninguem póde adivinhar o que lá está.

Eusebio de Mattos viu a luz na Bahia em 1629, e ahi morreu em 1692, sem jamais ter visitado outra terra. No calor dos tropicos nasceu, vingou seus fructos e pe-

receu. — Foi o segundo (1) filho de Gregorio de Mattos, e de sua mulher D. Maria da Guerra, senhora de engenho na Patatiba.

A esperteza que logo mostrou nos primeiros estudos fez que os Jesuitas o procurassem attrahir a si, e com effeito entrou na Companhia a 14 de Março de 1644. — Era o Reitor natural de *Cabo Frio,* e ao que parece um tanto aspero com os minoristas. Foi o irmão Eusebio atacado de um pleuriz, pelo qual teve de ser sangrado. E vindo o Reitor com outros Padres visital-o, advertiram que o sangue estava denegrido e como queimado; ao que replicou o nosso irmão enfermo: — "Pois não é queimado de calor, senão do villão do *Frio,* que logo no principio ia dando *Cabo* de mim." — Foi por todos applaudido o conceito, e se augmentaram os creditos do irmão Eusebio. — Seguiram-se novos estudos de humanidades e philosophia: de que era mestre o celebre P. Antonio Vieira, e ainda Eusebio nelles por tal fórma se distinguiu, que veio depois a succeder-lhe no magisterio.

Professando de quarto voto na Companhia em 1664, leu philosophia tres annos, e humanidades uns dez. — "E não só nestas sciencias foi singular (diz o P. Manoel de Sá) mas excellente latino, e bom poeta." Foi grande prégador: a ponto que a Bahia, então acostumada só a apreciar os sermões do grande Vieira, e de seu rival no estylo o P. Antonio de Sá, seguia unanime voto que era superior este ultimo aos outros na voz e accionado, Vieira na logica e clareza das provas, mas que a ambos ex-

(1) O mais velho, Pedro de Mattos de Vasconcellos, grande solphista, foi expulso da Companhia, não proseguiu os estudos que começára em Coimbra, e destinando-se a lavrador, falleceu em 1686. — O mais novo foi o poeta Gregorio de Mattos, de quem em seguida nos vamos occupar.

cedia Mattos em polimento de fraze e subtileza. Se bem que não possamos decidirmos em assumpto tão arriscado, é certo que o *Ecce Homo* de Mattos, isto é, as suas Praticas dos Espinhos, da Purpura, das Cordas, da Canna, das Chagas, e do Titulo de Homem, são bellos, e correctos modelos de estylo sublime, e cheio de uncção religiosa. Lástima é que este livro, digno de estudar-se como bom modelo, seja hoje tão raro, por se haver apenas impresso uma vez.

Eusebio de Mattos não acabou seus dias na Companhia; pelo contrário de vinte e seis annos que foi religioso, talvez só delles metade vestiu a roupeta de Santo Ignacio. Passou para a ordem do Carmo: não diremos em que anno; por que são nelle discordes os auctores. É porém certo que, quando o P. Antonio Vieira voltou á Bahia em 1681, já o achou Carmelita com o nome de Fr. Eusebio da Soledade. Sabendo então que era por culpa dos da Companhia que elle os deixára, exclamou: — "Pois tão mal fizeram que tarde se criarão para a Companhia outros mattos." — E ao explicarem-lhe que o tinham feito para castigar certo escandalo de um filho natural, replicou: — "Creio bem que seja isso intriga; mas que o não fôra, o P. Eusebio tem tal merito, que convinha mais á Companhia sustental-o com filhos e tudo, que privar-se de tão importante soldado."

Era Eusebio como os outros seus irmãos grande musico, e tocava bem harpa e viola. Consta que tambem desenhava primorosamente, e que fazia estampas tão perfeitas que pareciam gravadas.

De suas obras ficaram-nos, além das *Praticas,* impressas em 1677, uma Oração funebre feita em 14 de Julho de 1672 ao Bispo D. Estevão dos Santos; e além de um *Sermão da Soledade,* impresso em sua vida, mais um

tomo delles posthumo, que contém quinze, e devia ser o primeiro da collecção que premeditava fazer dos fragmentos encontrados na sua cella, o seu collega Fr. João de Santa Maria, que lhe chama: "Engenho singularmente fecundo, e em todo genero de lettras divinas e humanas a todas as luzes grande... cujos applausos em sua vida voaram desde a America até a Europa, sendo a meu ver abono assaz realizado merecer as mais vivas attenções do maior orador dos nossos seculos, o P. Antonio Vieira." Ignoramos por que motivos não se continuaria a collecção de sermões, se bem que em verdade os achemos um tanto pezados; e nos fragmentos que nesse tomo sairam impressos, não encontremos o acabamento e belleza de estylo que se nota nas Praticas.

Na ordem do Carmo passou modestamente o resto dos seus dias, até que na propria casa carmelitana da Bahia falleceu, com grande veneração e demonstrações catholicas em 1692, como dissemos, isto é cinco annos antes do seu mestre Vieira, e na mesma idade que depois falleceu o seu irmão Gregorio de Mattos.

Das suas poesias, que nos consta eram copiosas, apenas alcançámos authentica a pequena mostra que publicamos. (1)

[A acrescentar à bibliografia completa de Eusébio de Matos: — *Ecce Homo — Praticas pregadas no Collegio da Bahia ás sextas-feiras á noite, mostrando-se em todas o "Ecce-Homo"*. — Lisboa, por João da Costa, 1677, in-4.° de IV-75 pp.

(1) Temos porém motivos para crer que as outras não estão perdidas, mas só comprehendidas nas de seu irmão Gregorio, por se terem encontrado nos papeis do espolio deste; sendo mui provavel, qàe elle houvesse adquirido as de Eusebio, achando-se na Bahia quando este falleceu, sem outro herdeiro. Dal-as-hemos separadas depois das de Gregorio de Mattos; e se bem que os assumptos, e o estylo pareçam descobrir nellas o auctor do *Ecce*

— *Sermão da Soledade e Lagrimas de Maria Santissima, pregado na Sé da Bahia.* — Lisboa, por Miguel Manescal, 1681, in-4° de 23 pp.

— *Sermões do P. M. Frei Eusebio de Mattos, Religioso de N. S. do Carmo da Provincia do Brasil.* — Parte I, que contem quinze sermões, por Miguel Manescal, 1694, in-4.°, de XXIV-410 pp. [Lisboa].

— *Oração funebre nas exequias do Illmo., e Revmo. Sr. D. Estevam dos Santos, Bispo do Brasil, celebrado a 14 de julho de 1672.* — Lisboa, por Miguel Rodrigues, 1753, in-4° de 54 pp.

Veja Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana*, I, ps. 766.

A biografia de Eusébio de Matos, pelo Autor, lê-se na *Revista do Instituto Histórico*, VIII, ps. 540/543. — Eusébio de Matos é patrono da cadeira n. 9 dos membros correspondentes da Academia Brasileira. — R. G.]

Homo, julgâmos mais prudentes o deixal-as em pendencia. E a pequena amostra que damos por authentica, teria a sorte de estar hoje em litigio se não encontrassemos as provas de sua legitimidade. São dez estancias de que o *Postilhão d'Apollo* (T. 1.º) quiz fazer presente a Vieira Ravasco, attribuindo a Eusebio de Mattos as outras dez primitivas que deram origem á paródia, as quaes temos a certeza de haverem sido dirigidas por Gregorio á sua estimada D. Brites, que outras vezes mais o inspirou.

Parodiando com palavras forçadas outras dez estancias de seu irmão Gregorio de Mattos, no retrato de certa D. Brites, formosa dama da Bahia, por quem o ultimo estava apaixonado.

Quem vos mostrar mudada a *bizarria*,
Da cara, que luz dava á bella *Aurora*,
Creio nenhuma affronta vos *faria*,
Se a morte contemplasse em vós, *Senhora;*
Porque, sem luz vereis naquelle *dia*
A cara que brilhar vêdes *agora*,
Que então haveis de ter, só por *estrella*,
Ver em cinza desfeita a cara *bella*.

Horror então será esse *thesouro*,
Que hoje naufrága em ondas de *cabello*,
Trocando, com mortifero *desdouro*,
Só em fealdade quanto tem de *bello*:
E se por áureo, vence agora ao *ouro*,
Então a terra ha de *convencel-o*
Que quem na vida vive *celebrado*,
Perde na morte as prendas de *adorado*.

Esses olhos, que hoje olham tão sem *tento*,
Então não hão de ser o que hoje *são;*
Por quanto, se hoje são da luz *portento*,
Das trevas hão de ser *admiração*:
Se por tão claros, hoje dão *contento*,
Não hão de dar então *consolação;*
Porque verão o fim a seu *desejo*,
Terminar nas cavernas que eu cá *vejo*.

A bocca, que por ser tão *pequenina*,
Conquista a côr do cravo, e a do *rubi;*
Trocará quanto tem de *peregrina*
Pela mais triste bocca que eu já *vi;*

Eu attendi chamar-lhe alguem *divina;*
Mas confesso, Senhora, que o não *cri;*
Porque entendo, que havia a vossa *bocca,*
Pela de uma caveira fazer *troca.*

(1) Esse aljofar, que agora se *desata*
Para brilhar melhor nesse *rozal,*
Não mostrará do nácar viva *prata*
Quando vir consumido o seu *coral:*
Ostentas, que por golpes de *escarlata,*
Mostram o rutilante do *cristal;*
E então, no descórado do *marfim,*
Dentes só se hão de ver, mas não *carmim.*

O peito, que hoje é fragoa do amor *cégo,*
Não será fragoa então, nem será *peito;*
Porque, por dar á Parca seu *socêgo,*
Perderá quanto tinha de *perfeito:*
Se em algum tempo foi de fogo *emprêgo,*
Então verá em si tão rijo *effeito,*
Que julgará improprio a tudo o *mais,*
Que não chegar a ver prodigios *taes.*

A causa que algum tempo foi *amor,*
Aqui motivará tal odio, e *tanto,*

---

(1) Para mais clareza desta oitava julgámos conveniente transcrever aqui a correspondente, que é, além disso, a melhor das parodiadas.

Ver o aljofar nevado, que desata
A aurora sôbre a galla do rozal;
Ver em rasgos de nácar tecer prata,
E perolas em conchas de coral;
Ver diamantes em golpes de escarlata,
Em pingos de rubim, puro cristal;
E' ver os vossos dentes de marfim
Por entre os bellos labios de carmim.

Que não verá o mundo outro *maior*
Na fabulosa luz do seu *encanto;*
Por quanto, o que causava tanto *ardor,*
Da mesma fealdade será *espanto;*
Sem ver em si figura, nem *sinal,*
Dos dous botões, que tinha de *cristal.*

Das mãos hei de dizer, pois me *aventuro,*
Que se sua belleza agora *mata,*
Seu horror matará então *seguro,*
Quando timido agora *desbarata:*
Que se agora são prata, e cristal *puro,*
Então não hão de ser cristal, nem *prata:*
Pois ossos hão de ser, que vão *formando*
Gadanhos, que vão mortos *sepultando.*

Pôr os olhos na cinta *não me atrevo,*
Porque a vejo de carne *tão succinta,*
Que já me não suspendo, nem me *elevo*
Da belleza que via nessa *cinta:*
De eu a ver, na garganta a morte *levo;*
Porque, por feia a vejo tão *distincta,*
Que não se attende dessa *formosura*
Mais que um osso, que serve de *cintura.*

Do pé ia a falar: *mas tate, tate,*
Que não tem nada o pé de *peregrino:*
Oh loucura de Amor! Oh *desbarate!*
Aqui, minha Senhora, *desatino!*
Quem consumiu o pé; quem lhe deu *máte!*
Mas ai! que a terra o viu tão *pequenino,*
Que por não ver em si sua *pégada,*
O picante do pé, tornou em *nada.*

GREGORIO DE MATTOS GUERRA

GREGORIO DE MATTOS GUERRA (1)

Gregorio de Mattos nasceu na Bahia a 20 de Dezembro de 1633. Seu primeiro nome de baptismo, que se effectuou na Sé daquella cidade a 28 do mesmo mez, foi João; mas ao depois o prelado D. Pedro da Silva lh'o trocou pelo de seu pai.

Seguidos na patria os estudos preparatorios transportou-se á Universidade de Coimbra, onde se distinguiu por seus talentos e veia poetica, com especialidade no genero satyrico. Ahi esteve sete annos, segundo elle proprio diz no adeus a Coimbra, ao acabar de doutorar-se:

Adeus Coimbra inimiga,
Dos mais honrados madrasta,
Que eu me vou para outra terra
Onde vivo mais á larga.

Adeus prolixas escolas,
Com reitor, meirinho, e guarda,
Lentes, bedeis, secretario
Que tudo sommado é nada.

Adeus famulo importuno
Ladrão publico de estrada,

(1) No Tom. 3.º pag. 333 da Rev. do Inst. Hist. do Rio de Jan. vem uma extensa biographia de Mattos, transcripta do Tom. 2.º de Parn. Braz., a qual diverge em alguns pontos desta nossa.

Adeus: comei desses furtos,
Que a bolsa está já acabada.

Adeus ama mal soffrida
Que se a paga vos tardava,
Furtaveis sem consciencia,
Meios de carneiro e vacca.

Adeus amigos livreiros,
Com quem não gastei pataca,
No discurso de sete annos,
De tantas carrancas cara.

.—.

Passando a Lisboa recommendou-se na prática da advocacia pela novidade de seus recursos; exerceu depois com distincção os cargos de juiz do crime e dos orfãos; mas caindo da graça da Côrte, talvez pela vehemencia de seu genio satyrico, regressou á Bahia na idade de 47 annos, quando para ahi voltava entre outros o célebre Antonio Vieira. Diz Gregorio de Mattos que ia então desterrado

"Por um Juiz de má morte"

de quem não tinha apellado a elrei, que elle reconhecia por bizarro, se bem nos informe

"Não vinha muito pago delle".

O poeta Thomaz Pinto Brandão, que tambem embarcou desta vez para a Bahia, refere-se ao nosso Mattos nos seguintes versos:

Procurei ir-me chegando,
A um Bacharel mazombo;

Que estava para a Bahia,
Despachado, e disgostoso,
De lhe não darem aquillo,
Com que rogavam a outros,
Pelo crime de poeta,
Sôbre jurista famoso, etc.

Despachado, diz Pinto Brandão, porque na verdade o primeiro Arcebispo da Bahia, D. Gaspar Barata, que então tambem ia, levou comsigo o mesmo Mattos fazendo-lhe mercê dos cargos de vigario geral (só com ordens menores) e de thesoureiro mór com murça de conego.

O procedimento pouco regrado e maledico do nosso poeta, fez attrahir contra elle grande numero de seus patricios, e dos collegas, de modo que logo que lhe faltou o seu protector, foi pelo novo Arcebispo deposto de todos os cargos. E como não lhe bastasse ver-se assim reduzido á pobreza, levada da paixão pela viuva Maria de Povos, se uniu com ella em consorcio. — Viu-se então obrigado a vender umas terras que tinha; e conta-se de sua extravagancia, que recebendo o dinheiro em um sacco, o despejou n'um canto da casa, donde se ia tirando o necessario para os gastos.

Por fim, malquistado com a mulher, desamparado dos pleiteantes, que temiam seu genio e desproposito, converteu-se retirado a casas de varios senhores do Reconcavo, n'um vadio Diogenes, que aborrecido do mundo de tudo satyrisava com mordacidade. E se por um lado castigava muitos vicios, abusava do genio, e muitas vezes a virtude tambem empeçonhava.

O Governador D. João de Alencastre, que primeiro o quizera levar por bem, teve a final de mandal-o degradado para Angola, a fim de o subtrahir á vingança de um sobrinho de seu antecessor Camara Coutinho, que vi-

nha no corpo delle desforrar-se das satyras, que soffrêra o tio.

Chegou a partir para o desterro, e advogava em Loanda, com bons créditos; mas tendo occasião de prestar algum serviço ao Governador deste reino em um tumulto popular, foi por esse motivo restituido ao Brazil. Aportando em Pernambuco, conseguiu fazer-se ahi mais querido do que na Bahia, até que falleceu reconciliado como bom christão em 1696; e foi sepultado no Hospicio da Senhora da Penha, dessa cidade.

Era Gregorio de Mattos de boa estatura e delgado de corpo; de testa espaçosa, cor clara, olhos grandes, e usava de oculos. Trajava de capa e volta, e punha cabelleira de bandas. — A sua vida, escripta por um contemporaneo collector de suas obras, o bacharel Manoel Pereira Rebello, é um tecido de anecdotas comicas e chistosas, que farão de certo apparecer um dia no tablado com muito bom exito o nosso poeta.

Gregorio de Mattos passou por grande conhecedor de musica, e acompanhava na viola seus improvisos. Pelo que deduzimos de sua propria linguagem, e ás vezes até de descuidadas expressões, foi elle como os seus contemporaneos, grande ledor de livros castelhanos, e bem é de crer que estudasse por Lope, Gongora e outros poetas, cuja leitura era então moda. — Das suas Poesias sacras e profanas possuimos nós uma collecção em 4 volumes, — a mais completa que conhecemos. E em quatro volumes deviam arranjar-se suas obras todas, segundo a vontade do proprio poeta, que na dedicatoria satyrica, que dellas faz ao Governador citado, Camara Coutinho, diz:

> Desta vez acabo a obra,
> Porque este é o quarto tomo —..

.—.

A vós illustre Tocano,
Mal direito e bem giboso,
Pernas de rollo de páu
Antes que se leve ao torno.

A vós dedico e consagro
Os meus volumes e tomos —..

De nenhum auctor brazileiro possuimos pois mais poesias do que deste: e entretanto será talvez delle que maior porção teremos que regeitar; não tantas por insulsas, como quasi todas por menos decorosas. Ainda assim, para não privarmos o publico d'alguns bellos trechos, e para sermos antes favoraveis á memória do poeta (que só desejariamos poder exaltar), fazendo-o apparecer em logares, onde se descobre mais claro o seu estro, fomos obrigados a cortar ás vezes algumas expressões, quando não versos ou até trechos inteiros (1). — Até hoje não nos consta que se tenham publicado dellas mais do que as duas satyras, dois sonetos e algumas decimas que em 1831 imprimiu o nosso defunto amigo Conego Januario no 5.º dos seus cadernos de publicações poeticas, a que dera o nome de *Parnaso Brazileiro*. Podemos ainda mencionar a satyra disfarçada em lyra publicada a pag. 92

(1) Não deixaremos uma linha de reticencias por cada verso omittido por não nos expormos a ver alguma vez uma pagina só de pontinhos. Economisaremos mais espaço convencionando em:

1.º Quando se omitta um ou mais versos, que deviam completar a rima com outros que ficam, dar disso este signal no verso anterior aos omittidos (—..).

2.º Quando n'um verso se supprima alguma palavra, deixar-lhe tantos pontinhos quantas as letras omittidas.

3.º Quando se omittam quadras, decimas, etc. inteiras, supril-as só pelo signal (.—.).

do Tom. 1.º das *Orações Academicas* em 1723, e que começa

"Salve, pater Apollo'

se é que não foi essa composição uma das muitas espurias, em verdade bem no estylo de Mattos, com que os socios da *Academia dos Anonymos* judiariam com o bonacheirão do seu presidente Fr. Simão, — que figurou muito tempo depois do nosso poeta partir para o Brazil, e ahi fallecer.

[Pouco ha que juntar à biografia de Gregório de Matos:

— Em 1691 seu nome aparece entre os irmãos da Misericórdia da Bahia; já era casado com Maria de Póvos, filha legítima de Antônio da Costa Cordeiro, segundo ocorre no *Livro dos Irmãos da Santa Casa*, n. 1, fls. 827, que o Acadêmico Pedro Calmon consultou na Bahia.

— Sua obra foi editada na Coleção Afrânio Peixoto, da Academia Brasileira de Letras, em seis volumes, assim distribuida:

I — *Sacra* (26 sonetos, 36 décimas, quadras e quintilhas), in-8.º, 237 pp. — Rio de Janeiro, 1923.

II — *Lírica* (115 sonetos, 6 oitavas, 42 décimas, 6 romances, 1 endeixa), in-8º, 325 pp. — Rio de Janeiro, 1923.

III — *Graciosa* (30 sonetos, 24 romances, 36 décimas, 3 quintilhas, 3 redondilhas, 2 oitavas, 2 canções, coplas, endeixas, 2 silvas), in-8º, 343 pp. — Rio de Janeiro, 1930.

IV-V — *Satírica* (vol. I, 28 sonetos, 28 romances, 12 epigramas; vol. II, 13 sonetos, 91 décimas, 2 romances, tercetos, 4 quadras, sextilhas, 2 silvas, 2 epigramas), in-8º, 330 pp. e 407 pp. — Rio de Janeiro, 1930.

VI — *Ultima* (39 sonetos, metáforas, 46 décimas, sátira do Padre Lourenço Ribeiro contra o Dr. Gregorio de Mattos Guerra, 15 romances, 1 endeixa), in-8º, 375 pp. — Rio de Janeiro, 1933.

Todos os volumes são precedidos de *Notas preliminares* de Afrânio Peixoto, e contêm estudos sôbre o poeta dos Acadêmicos Constâncio Alves, Xavier Marques e Pedro Calmon.

Da *Licenciosa*, imprópria para a tipografia, tiraram-se duas cópias datilografadas, que se guardam nos reservados da Biblioteca Nacional e da Academia Brasileira, à disposição dos que tenham o gôsto (ou o mau gôsto) por semelhante gênero literário. Gregório de Matos é patrono da cadeira n. 16 da Academia Brasileira. — R. G.]

Ao governador da Bahia, Antonio de Sousa de Menezes, alcunhado o Braço de Prata.

Oh! Não te espantes, dona anatomia,
Que se atreva a Bahia,
Com exprimida voz, com plectro esguio,
Cantar ao mundo esse teu bom feitio:
Que é já velho em poetas elegantes
O cair em torpezas semelhantes.
Da pulga acho que Ovidio tem escripto;
Lucano do mosquito;
Das rans Homero; e estes não desprezo,
Que escreveram materias de mais pêzo
Do que eu, que canto cousa mais delgada,
Mais chata, mais subtil, mais esmagada.
Quando desembarcaste da fragata
Meu dom *Braço de Prata,*
Cuidei que a esta cidade tonta e fátua,
Mandava a Inquisição alguma estatua,
Vendo tão exprimida selvajola,
Visão de palha sôbre um mariolla.
O rosto de azarcão afogueado,
E em partes mal untado;
Tão cheio o corpanzil de godilhões,
Que o julguei por um sacco de melões;
Vi-te o braço pendente da garganta;
E nunca vi prata com liga tanta.
O bigode fanado posto ao ferro,
Ali está n'um desterro;
E cada pello em solidão tão rara,
Que parece ermitão da propria cara.
Da cabelleira me affirmaram cegos,
Que a mandaste fazer no Arco dos pregos.
Olhos ..... sempre á porta,
Me têm esta alma absorta,

Principalmente vendo-lhe as vidraças
Nos grosseiros caixilhos das couraças;
Cangalhas que formaram luminosas,
Com dous arcos de pipa umas ventosas.
De muito cego (não de bem querer),
A ninguem pódes ver;
Tão cego que não vês teu prejuizo,
Sendo coisa que se olha com juizo;
Tu és mais cego que eu que te sossurro,
Que em te olhando não veja mais que um burro.

.—.

Pernas e pés defendem tua cara;
E quem imaginára,
Tomando-te a medida das cavernas,
Se movesse tal corpo com taes pernas?
Cuidei que eras russim das Alpujarras,
E já frizão te julgo pelas garras.
Um cazaquim trazias sôbre o couro,
Qual odre a quem o touro
Uma e outra cornada deu traidora,
E lhe deitou de todo o ventre de fóra,
Tal vinha o teu vestido de enrugado,
Que o julguei por um odre esfuracado.
Na esquerda mão trazias a bengalla;
E ou por fôrça, ou por galla,
Lá no sovaco ás vezes a mettias,
Só por fazer infindas cortezias;
Tirando ao povo, quando te destapas,
Entonces o chapeo, agora as capas.
Os que te vêem ser todo rabadilha,
Dirão que te perfilha
Uma quaresma (chato porsovejo)
Por arênque de fumo ou por badejo;
Sem carne e osso quem ha aqui que crêa,
Senão que és descendente de lamprêa.
Livre-te Deos de um sapateiro ou xastre
Que te temo desastre;
E é que por sovéla ou por agulha,
Armem sobre levar-te alguma bulha;

Em que depositando-te o contracto,
Será n'um agulheiro, ou n'um sapato.
Fundia-se a cidade em gargalhadas,
Vendo as duas entradas
Que fizeste do mar a Santo Ignacio;
E despois do collegio até o palacio, —..
Acolheste a palacio, e sei que logo
Casa armaste de jogo;
Ordenando as merendas por tal geito,
Que a cada jogador dás um confeito:
Dos tafues um confeito é um bocado;
Sendo tu pela cara o enforcado.
Despois déste em fazer tanta parvoice,
Que ainda que o povo risse
Ao principio, cresceu depois a tanto,
Que chegou a chorar com triste pranto
Chora-te um de roubador, de falso;
E vendo-te eu de riso me descalço.
Xinga-te o negro, o branco te pragueja;
E a ti nada te aleija:
E por teu sem sabor e pouca graça,
És fabula do lar, rizo da praça.
Ah! Que a balla, que o braço te levára,
Venha segunda vez levar-te a cara!

Prozapia do governador da Bahia, Antonio Luiz Gonçalves da Camara Coutinho, depois de chegar D. João de Alencastre, seu successor.

Cá veio ao Espirito Santo,
Da Ilha da Madeira, Alves,
Um Escudeiro Gonçalves,
Mais pobretão que outro tanto: —..

Tomou Victoria, a Gradada,
Que então lhe soube agradar.
A tal, era uma tapuya
Grossa como uma giboya,
Que roncava de tipoya,
E manducava na cuya: —..

Pariu a seu tempo um cuco,
Um monstro, digo, inhumano,
Que no bico era tocano,
E no sangue mamaluco:
E não tendo bazaruco
Com que faça o baptizado,
Lhe veio, sem ser rogado,
Um troço de fidalguia,
Pedestre cavallaria,
Toda do bico furado.

O Cura, que não curou
De buscar no kalendario
Nome de santo ordinario,
Por Ambrozio o baptizou:
Tanto o colomim mammou,
E taes fôrças tomou que...
Antes de se pôr em pé,
E antes de estar de vez,
Não falava portuguez,
Mas dizia o seu *cobé*.

Cansado de ver a avôa
Com saias á dependura,
Tratou de buscar ventura,
E embarcou n'uma canôa.
Indo parar a Lisboa,
Presumiu de fidalguia:
Cuidou ser outra Bahia,
Onde basta a presumpção,
Para fazer-lhe um christão
Muchissima cortezia.

Casou com uma rascôa,
Que por elle ardia em chammas,
E era criada das damas
Da Rainha de Lisboa:
Era uma grande pessoa,
Porque tinha um cartapacio
Onde estudava *de espacio*
Todo o primor cortezão;
Que até um sujo esfregão
Cheira a primor de palacio.

Nasceu deste matrimonio
Um anjo; digo, um marmanjo;
Que no simples era um anjo,
E no maligno um demonio:
Deram-lhe por nome Antonio:
Oh! Se o Santo tal cuidára!
Eu creio, que se irritára
O Santo portuguez tanto,
Que deixára de ser santo,
E o nome lhe tomára.

Este pois, por exaltar-se,
Veio reger a Bahia:
Que bom governo faria
Quem não sabe governar-se?
Se elle quizera enforcar-se
Pelos que enforcar queria,
Que bom dia nos daria?
Mas elle, tão mal se salva,
Que quando dava a má alva,
Então tomava o bom dia.

O Ministro ha de ser são,
Justo, e não desabrigado:
Ha de ter odio ao peccado;
E do peccador compaixão.
E se tem má propensão,
Fará justiça com vicio;

E se maior maleficio
Tem, e póde condemnar-me,
Livre-me Deos de julgar-me
O official do meu officio.

Que, porque furte o que coma,
Me enforque, póde passar;
Mas que me mande enforcar
A bengalla de um .....
Quem soffrerá, que Mafoma
Me queime por máo chritão,
Vendo que Mafoma é um cão
Velhaco, de suja alparca,
E o mais fino hereziarca
Que houve entre os filhos de Adão?

Quem na terra soffreria,
Que o fedor de um ataude,
Com biôco de virtude
Simulasse a .....
E de officio, cada dia
Désse ao povo um enforcado;
E que de puro malvado,
Désse esse dia um banquete,
E alegrasse o seu bufete
Com bom vinho, e bom bocado?

Os bens, que os mais bens encerra,
E as glórias todas contém,
É reinar quem reina bem,
Pois figura a Deus na terra.
Eu cuido, que o mundo erra
Nesta alta reputação;
Pois se erra o rei uma acção,
Paga o seu alto attributo
Um tristissimo tributo,
E miserrima pensão.

O principe soberano,
Bom christão, temente a Deus,

Se o não soccorrem os ecos
Pensões paga ao ser humano:
Está sujeito ao tyranno,
Que adulando-o ambicioso,
É aspide venenoso,
Que achacando-lhe os sentidos,
Turbado o deixa de ouvidos,
De olhos o deixa lodoso.

Se fôra elrei informado
De quem o tyranno era,
Nunca á Bahia viera
Governar um povo honrado:
Mas foi elrei enganado;
E eu, como povo, o paguei;
Que é já costume, e já lei
Dos reinos sem intervallo,
Que pague um triste vassallo
As desattenções de um rei.

Pagâmos ver esta hyena,
Que com a voz nos engana;
Pois fala como .....
E como homem condemna:
Uma terra tão amena,
Tão fertil, e tão fecunda,
Que a tornasse tão immunda,
Falta de saude e pão!
Mas fôrça é, que tal mão,
Peste e fome nos confunda.

Pagâmos, que é homem branco,
Racional como um calháo;
Mamaluco em quarto gráo
E maligno desde o tronco.
Apenas se dá um ronco,
Em briga, apenas se falla,
Quando os sargentes, á escalla
Prendem, com descortezia,

Os honrados na enxovia,
Todo o patifão na sala.

.—.

Pagâmos, que tal fomento
Isento de mãos gadunhas,
Não furtasse pelas unhas,
Senão por consentimento:
Porque as quatro vezes cento,
Que se vieram trazer
Ao seu capitão mulher,
Por que o pão suba mais dez,
Não foi furto que elle fez,
Mas deu geito a se fazer.

Pagâmos, ver o prelado
Que se présa de prudente,
Dos serventes de uma gente
Descortezmente ultrajado:
O sobrinho amortalhado
Com tão fidalgos brazões
..... dos calções,
Que fiado em ser valido,
Fez do sangue esclarecido
Tão lastimosos borrões.

Pagâmos, com dor interna
Que entre os passos da Paixão,
Tão devoto da prisão,
Que quer levar a lanterna.
Se entende, que a glória eterna,
Prendendo, ha de merecer;
Fôra melhor entender.
Que o ceu lhe dá mais ganhado, —...

Pagâmos vel-o esperar,
E estar com expectativas
De ser conde de Maldivas,
Por serviços de enforcar:

E como mandou tirar
Um rol de quatro maráos,
Que enforcou por vaganáos;
Cuidei (assim Deus me valha)
Que entre os condes da batalha,
Fosse elle o conde de páos.

Porém, Sua Magestade,
Qual Principe Soberano,
Que não se indigna de humano
Sem damno da dignidade:
Conhecida esta verdade
Que é verdade conhecida,
Fará justiça cumprida,
Para que se lhe agradeça,
Que o máo, na propria cabeça,
Traz a justiça aprendida.

Porque já de antemão,
A seus favores mostremos
O quanto lhe agradecemos
Este Senhor D. João:
Era justo, era razão,
Conforme o direito e lei,
Que elrei ausente da grey,
Outro em seu logar quer pôr,
Que seja governador,
Tão fidalgo como elrei.

Retrato do dito governador A. L. G. da Camara Coutinho.

Vá de retracto
Por consoantes;
Que eu sou Timantes
De um nariz de tocano côr de pato.

Pelo cabello
Começa a obra;
Que o tempo sobra
Para pintar a giba de camello.
Causa-me engulho
O pello untado;
Que, de molhado,
Parece que sae sempre de mergulho.
Não junto as faltas
Dos olhos baios;
Que versos raios,
Nunca ferem senão coisas mui altas.
Mas a fachada
Da sobrancelha,
Se me assemelha
Uma negra vassoura esparralhada.
Nariz de embono,
Com tal sacada,
Que entra na escada
Duas horas primeiro que seu dono.
Nariz que fala
Longe do rosto;
Pois na Sé posto,
Manda na Praça pôr a guarda em ála.
Membro de olfatos;
Mas tão guardados
Que um rei coroado
O póde ter por copa de cem pratos.
Tão temerário
É o tal nariz
Que por um triz
Não ficou cantareira de um armario.
Você me perdoe,
Nariz nefando,
Que eu vou cortando,
E ainda fica nariz em que se assoe.
Ao pé da altura
Do nosso oiteiro

Tem o sendeiro
O que bocca nasceu e é rasgadura.
Na gargantona,
Membro do gôsto,
Está composto
O orgão mais subtil da voz fanhona.
Vamos á giba:
Mas eu que intento,
Se não sou vento
Para poder trepar lá tanto arriba?
Sempre eu insisto,
Que no horizonte
Deste alto monte,
Foi tentar o diabo a Jesus Christo.
Chamam-lhe autores
Por falar fresco,
Dorsum burlesco,
No qual *fabricaverunt peccatores*.
Havendo apostas
Se é gente ou féra
Se assentou que era
Um caracol, que traz a casa ás costas.
De grande, arriba
Tanto se entona,
Que já blazona
Que engeitou ser canastra, por ser giba.
Oh pico alçado!
Quem lá subira,
Pra que vira
Se é Etna abrazador, se Alpes nevado.

.—.

Os pés dão figas
Á mór grandeza!
Por cuja empreza
Tomaram tanto pé, tantas cantigas.
Velha coitada;
Cuja figura,
Na arquitectura
Da pôpa da náo nova está entalhada.

Boa viagem,
Senhor Tocano;
Que para o anno,
Vos espera a Bahia entre a bagagem.

Romance em defensa do dito governador.

Agora sáio eu a campo,
Por vós, meu Antonio Luiz;
Que já fede tanto verso,
Já enfada tanto pasquim.
Que vos quer esta canalha
Torpe, de villãos ruins?
Tanto poeta sendeiro?
Tanto trovador russim?
Se fizestes mau governo,
(Que é certo que foi ruim),
Elles que o façam peior,
Que eu lhes dou de quatro mil.
Que enforcastes muita gente?
Mente quem tal coisa diz:
Gabriel os enforcava,
Que eu com estes olhos vi.
É verdade, que gostaveis
Vós mesmos de vel-os ir;
Sois amigos de enforcados;
Ter-lhes odio, isso é que é ruim.
Esse povo é muito besta;
E não sabe distinguir,
Que o ser amigo é virtude,
E o vicio é não ser assim.
Cada qual gosta o que gosta;
Um carneiro, outros perdiz:
Vós, um quarto de enforcado,
Eu, um quarto de pernil.

Em gostos não ha disputa;
Dai ao demo o povo vil,
Que até nos gostos se metto
A ser dos gostos juiz.
O querer não tem razão,
Que a vontade é mui subtil;
E assim, por onde quer entra,
E talvez não quer sair.
Cada um quer o que quer;
Não ha nisso que arguir:
Fez Deos as vontades livres,
Prendel-as, é frenezim.
Sois amigo de enforcados:
Quem vol-o póde impedir?
Oxalá forcis amigo
De levar o mesmo fim!
Ora vamos á farinha:
Foi pouca, cara e ruim;
Mas vós, não sois sol, nem chuva,
Para haver de a produzir.
Eu confesso que houve fome,
Governando vós aqui:
Sois mofino; e por mofino,
Ficou mofino o Brazil.
Ser mofino, não é culpa,
A fortuna o quiz assim:
Quem é mofino comsigo,
Com os mais ha de ser feliz?
Não vos mandou governar
Elrei farinhas aqui,
As carnes, nem os peccados;
Porém a forca, isso sim.
Valha o diabo a vossa alma,
Cabellos de colomim!
Mandou-vos elrei, acaso,
Desgovernar o Brazil?

.—.

Mandou-vos acaso elrei
A Sodoma? Ou ao Brazil?

E se não estaes em Judéa,
Quem vos metteu a Rabi?

.—.

Ora ide-vos com os diabos;
Que não quero já sair
A campo, por um .....
..... villão ruim.

Descripção de umas festas das onze mil Virgens, em tempo que tinha tomado posse do governo D. João de Alencastre; achando-se presente o mencionado Camara Coutinho seu antecessor, sendo juiz dellas Gonçalo Ravasco, filho do poeta Bernardo Vieira, irmão do celebre Padre Antonio Vieira.

Foi das onze mil Donzellas
Juiz, o juiz mais nobre,
De quanto no Brazil cobre
O manto azul das estrellas.
Nesta festa, sem cautellas,
Gastou com liberal mão;
E para mais devoção,
Usar de escrivão não quiz,
Sendo o primeiro juiz
Que serviu sem escrivão.

Bem mostra que de Bernardo
Tem herdado o natural,
Além de ser principal
O seu ânimo galhardo.
Applausos grandes aguardo,
E de Camena melhor,
Que publiquem seu primor;
Que a minha Thalia nova

Hoje admirações approva
Por mais heroico louvor.

Seis dias de cavalleiros
Ouve, com bastante graça:
Foram bons e máos á praça
Em ginetes e em sendeiros.
Tambem houve aventureiros,
Premios, e mantenedor,
Touros, que foi o melhor;
Porém sem ferocidade;
Que os touros nesta cidade
Não são de muito furor.

E pois eu chronista sou
Desta grã festividade,
Tenho de falar verdade
E dizer o que passou.
Agaste-se quem andou
Mal, que a mim se me não dá:
Sem saber não fossem lá;
E se lhe der isso espanto,
Quando eu fizer outro tanto,
Tambem de mim falará.

Bem sei que é culpa fatal,
E contra a razão sossobra,
Dizer mal de quem bem obra,
E bem de quem obra mal:
Mas nesta festa cabal,
Com meu fraco entendimento,
Aos cavalleiros intento
Julgar, sem odio nenhum,
Applaudindo a cada um
Conforme o merecimento.

Nestes dias festivaes,
Com summa galla e grandeza,

Assistiu toda a nobreza
Dos homens mais principaes:
Ministros, e officiaes
De guerra, e damas mui bellas,
Que em palanques e janellas,
Mostravam como arrebol,
Que estando ali posto o sol,
Bem podiam ser estrellas.

Posto o sol ali se via:
Porém com notavel gôsto,
Quando vi que era sol posto,
O terreiro mais luzia:
Dois soes (1) postos na Bahia
Vi, com differença atroz;
Um, Saturno, que se poz;
Outro, posto na janella;
Sol de luz tão clara e bella,
Que hoje nasce para nós.

Desterrando sombras mil
De um sol, que causou desmaios,
Nasce com benignos raios
Este sol para o Brazil.
Oh quem tivera o subtil
De Apollo! Lyra discreta,
Da Fama a aguda trombeta,
Para que podesse ousado,
Sem temor, nem perturbado,
Descrever este pianeta.

.—.

Com branca e encarnada pluma,
Galan vestido de verde,
Que ainda a esperança não perde
Do neto da clara espuma:

(1) Allusão aos dois governadores presentes.

Capitão de graça summa,
André Carvalho saiu:
Logo o povo se sentiu;
Porque de incidente novo,
Os olhos levou do povo
Quando no terreiro o viu.

N'um branco bruto corria
Mais ligeiro do que o vento;
Tanto que com o pensamento
Correr parelhas podia:
Veloz desapparecia,
Das pernas ao leve abalo;
E não podia julgal-o
O povo que ali se achava,
Se era vento o que levava
Pelos áres o cavallo.

.—.

Não presumam, porque tem,
Que são mais que os pobres, nobres;
Pois ha muitos homens pobres,
Mui bem nascidos tambem:
Ao pequeno não convém
Por pequeno desprezar;
Que se este quizer falar,
Achar póde algum defeito;
Que nenhum ha tão perfeito
Em quem se não possa achar.

Seguia-se um cavalleiro
Ao famozo André Carvalho,
Que levou sem mais trabalho,
De cada golpe um carneiro;
Tambem foi aventureiro
De um premio, mas com defeito
Ao corpo dava um tal geito,
Que ficou pasmado e absorto,

De que fosse ao premio torto,
E o premio ao outro direito.

O famoso Braz Rebello,
Razão é de Marte o apóde;
Pois que dar dias santos póde
Nesta arte ao que for mais bello
E se com louco disvello,
Do que digo alguem se abraza,
Escute a razão que é raza;
E verá se faz espantos,
Que dar possa os dias santos
Quem tem domingos de casa.

Nas lanças que poz muito bem,
Teve de premios ganança;
E certo que pela lança
Não o ha de vencer ninguem.
Dos cavalleiros que tem
Modernos hoje a Bahia,
Leva Braz a primazia;
Porque não ha nesta praça,
Quem se ponha com mais graça.
Fortaleza e bizarria.

.—.

Tambem no Machado falo,
Que é razão por elle acuda;
Pois sempre ao cavallo ajuda,
Mas não o ajuda o cavallo:
Ainda assim posso louval-o,
Dando-lhe varios apódos;
Porque conheço em seus modos,
E muito bem posso affirmar
Que nisto de cavalgar,
Leva vantagens a todos.

Em máo cavallo corria;
Mas um premio mereceu:

Veja-se quem o perdeu,
Que cavalleiro seria.
Aposto que algum diria,
Vendo que as carreiras passa,
Sem fortaleza nem graça:
Que o moço com seu sendeiro,
É nos fumos cavalleiro,
Porém não cá para a praça.

Outro cavalleiro airoso
Andou na festividade,
E vi na velocidade
Com que corre ser Veloso:
Por cavalleiro famoso
A gente o acclamou de novo:
Eu só admirando-o o louvo;
E acho discrição calar;
Que é escusado eu falar,
Quando por mim fala o povo.

O Ripado valoroso,
Andou bem, porém sem sorte;
Porque tem pouco de forte,
Se bem tem muito de airoso.
Perdeu, pouco venturoso,
Mas sem nenhum sentimento,
Um premio, que Braz attento
Ganhou; porque não se atreva
Áquillo, que tambem leva
Com as palavras o vento.

Á mesma festa em outro anno

Clori: nas festas passadas,
Que ás Virgens são permittidas,
Houve quadrilhas corridas,
Parentas de envergonhadas.

Agora as vi tão realçadas
Em este anno derradeiro,
Que na esfera do terreiro,
Apparecia um Brandão,
Que correndo exalação,
Acabava cavalleiro.

Com estas apparições
De cometas tão luzidos,
Nos mirões espavoridos
Eram tudo admirações:
Em maximas conjuncções
De ouro, prata, e de mil côres,
Notei que os festejadores
Faziam com graças summas,
No ar um jardim de plumas,
E na terra um mar de flores.

Sua excellencia (1) assistia,
O conde (2) e toda a nobreza;
E os *padres* por natureza
Lhe faziam *companhia*.
Estava sereno o dia;
A esfera toda anilada;
A agua do mar estanhada;
Brando o vento lizongeiro;
E com tudo no terreiro
Houve grande carneirada.

Em fim: que a festa passada
Tão cheia de cavalleiros,
Se a fizeram dois barbeiros,
Não seria mais sangrada:
Ali vi dar cutilada,
Que todo o ventre dissipa
Do bruto que participa;

(1) Marquez das Minas.
(2) C. do Prado.

E eu disse pasmado e absorto,
Que a catana era do Porto,
Por rilhar sempre na tripa.

Cada qual sem mais tardança,
Á dama a quem mais se applique,
Leva na ponta do pique
O que ganhou pela lança:
Até o padre Ortelança,
Digo, o conego Gonçalo
Se logrou deste regalo;
E eu só na baralha ingrata,
Não vi mantilha de prata;
Que na de ouro já não falo.

Ao Marinho generoso,
Franco o dia e mais escasso,
Concedeu-lhe o galanasso,
Recatando-lhe o ditoso:
E visto que por airoso,
Era Adonis da quadrilha,
Lundum se lhe rende e humilha;
Dando-lhe porque o conforte,
No cravo a primeira sorte,
A segunda na manilha.

Barreto alheio do susto,
Que não implica mostrado,
Nem ao forte o asseiado,
Nem ao galan o robusto:
Luzimento a pouco custo,
Bom ar sem affectação,
Foi julgado em conclusão,
Que a destreza o não disvela;
Pois sem cuidado na sella,
Cahia na capreção.

Muito Eusebio se disvella
Em correr mais que ninguem;

E por correr sempre, e bem,
Nunca se assentou na sella:
Como ha de conter-se nella,
Se correr só pretendia?
Tão propriamente o fazia,
Que, pois estar a correr,
Não podem juntos caber,
Não se assentava, corria.

O valoroso Muniz,
Em galla, cavallo e arreio,
Quanto ganhou pelo asseio,
O perdeu pelo infeliz.
O que eu vi, e a terra diz,
É que de muito adestrado,
Anda tão avantajado,
Que a voz do povo levou;
Com que desde então deixou
O povo mudo e pasmado.

Outro Muniz valentão,
O fez tão perfeitamente,
Que sendo em sangue parente,
Era na destreza irmão:
Pela sorte em conclusão
Deixou de si tal memória,
Que por sua e nossa glória,
Deixando aos demais em calma,
Fez pouco em levar a palma,
Sendo filho da victória.

Do Valentim o cavallo,
Dizia o povo gostoso,
Que era da festa o gracioso;
E eu digo que era o badallo:
Que chegando a ponderal-o
Correndo sôbre a russina,
Revirar a colatrina,
Pérni-aberto para o ar,

Aqui póde accomodar
Mais que um sino, que se empina.

Pois Araujo famoso,
No principio da carreira,
Resvalou-lhe a dianteira
O cavallo de furioso:
Cego, arrojado e fogoso,
Entre uns baêtas metteu-se:
Quem sentado estava ergueu-se;
Porém o baxel violento,
Como ia arrazado em vento,
Deu n'uns baixos, e perdeu-se.

Caiu o moço infeliz,
Houve gritos e alarido:
Sendo que cac o entendido
Em tudo o que se lhe diz.
Ergueu-se em menos de um triz;
E pondo-se na vereda,
Correu com cara tão leda,
Que causou admiração
Em todos; pois já então
Tinha elle com todos quéda.

Um sobrinho de Frisão,
Ao cheiro accudiu dos patos;
Porque é em publicos actos
Muito ousado um patifão:
A rédea prêsa a um arpão;
Nos estribos dous arpéus:
Puz eu os olhos nos ceus,
E disse: que bem podiam
Louvar a Deus os que viam
A cavallo um louva-a-deus.

Uma aguilhada por lança
Trabalhava a meio trote,

Qual moço de D. Quixote,
A que chamam Sancho Pança:
Na cara infame confiança;
Na sella infame pernêta;
E com tramoia secreta,
Ia sôbre o seu jumento,
Pelo arreio e nascimento,
Á bastarda e á ginêta.

Elle andou tão desastrado,
Que para dar-lhe sentido,
O cavallo era o corrido,
Elle o desavergonhado.
Estava o Frisão pasmado,
De gôsto babando o freio;
Por ser da razão alheio,
Ver-se com tão pouco abalo,
Não no centeio a cavallo,
Mas no cavallo o centeio.

A tal filho universal,
Com tres pais, e tres padrastos,
Todo vestido de emplastos,
(Se emplastos o mesmo val:)
Se seguia a um sigarral,
De quem tomaram modellos
Para a corcóva os camellos;
Cuja perna dobradiça,
Sempre a memória me atiça
A rua dos cotovêllos.

No menino Ascanio falo;
Que o pai Eneas ao murro,
Devendo de o pôr n'um burro,
O deixou pôr a cavallo:
Este menino ia ao gallo,
E encontrou-se com a galhofa,
Onde servia de mofa
Os dias que ali gastára,

Se um braço lhe não quebrára,
E o mandaram n'uma alcofa.

Lá vem o Chico ás carreiras,
Dando esporadas crueis,
N'uma sella de alambeis,
Vestido de bananeiras.
Nas laranjadas primeiras
Teve tão adversa estrella,
Que caiu na esparrella,
Não como rôlla em verdade,
Porque a queda foi de frade,
Pois logo agarrou da sella.

Ás festas não deu desmaio
Nenhum destes entremezes;
Que não ha ouro sem fezes,
Nem comedia sem lacaio.
Qualquer correu como um raio,
E fez sua obrigação,
Excepto o boi do certão;
Sendo que algum lhe cobiça
O resistir á justiça,
E dar com a forca no chão.

O lindo Eusebio da Costa,
Escrivão das onze mil,
Por assombrar o Brazil,
Fez tudo de sôbre aposta:
Com os passados deu á costa,
E excedeu a toda a lei;
E assim, eu sempre direi
Hoje, e em toda a occasião,
Que o ser por casto reimão,
Lhe vem de ter mão de rei.

A uma caçada de javalis na villa de S. Francisco

Amanheceu quarta feira
Com face serena e airosa.
O famoso João Barbosa,
Honra da nossa fileira,
Por uma, e outra ladeira,
Desde a marinha té a praça,
Nos bateu com tanta graça,
Que com razões admirandas,
Nos tirou de entre as hollandas
Para nos levar á caça.

O guapo Affonso Barbosa;
Que dos nobres Franças é,
Por filho do dito André,
Rama illustre e generosa:
Já da campanha frondosa
Os mattos mais escondidos
Alvorotava em latidos;
Quando nós de mal armados,
Á vista delle assentados,
Nos vimos todos corridos.

Rasgou um porco da serra;
E foi tal a confusão,
Que em sua comparação,
É coisa de brinco a guerra:
Depois de correr a terra,
E de ter os cães cançados,
Com passos desalentados
Á nossa estancia vieram,
Onde casos succederam
Ja mais vistos, nem contados.

Eu estando de uma grimpa
Vendo a caça por extenso,

Não a fez limpa Lourenço,
E só o porco a fez limpa;
Porque, como tudo alimpa
De cães, e toda a mais gente;
Lourenço intrepidamente
Se poz no primeiro embôrco;
E por não morrer do porco,
Veio a cair sujamente.

Tanto que á fera investiu,
Tentado de valentão,
Armou-se-lhe a tentação,
E na tentação caiu:
A espada, tambem se viu
Cair no chão, ou na rua;
E foi sentença commua,
Que nesta tragedia rara
A espada se envergonhára
De ver-se entre os homens nua.

Lourenço ficou pasmado;
E ainda não tem decidido,
Se está peior por ferido,
Da porca, se por beijado.
"Má porca te beije"; é fado
Muito máo de se passar;
E quem tal lhe fez rogar,
Foi com traça tão subtil,
Que a porca, entre Adonis mil,
Só Lourenço quiz beijar.

Lourenço na terra jaz;
E conhecendo o perigo,
Deu á porca a mão de amigo,
Como quem se punha em paz.
A porca, que era tenaz,
E estava enfadada delle,
Nenhuma paz quiz com elle;

Mas, botando-lhe uma ronca,
Por milagre o não destronca;
E ainda assim, chegou-lhe á pelle.

Ia Ignacio na quadrilha;
E tão de Adónis se blazona,
Que diz, que a porca .....
O envestiu pela braguilha.
Virou-lhe de sorte a quilha,
Que cuidei que naufragava:
Porém tantos gritos dava
Que Felix piloto em charco,
A vara livrava o barco,
Quando o porco o lanceava.

Ignacio nestes baldões
Teve tanto medo, e tal,
Que aos narizes deu signal —...
Trouxe na meia uns pontões
Tão grandes, e em tal maneira,
Que á caça hão de ir por bandeira,
Onde por armas lhe dão,
Em escudo lamarão
Uma porca costureira.

Miguel de Oliveira ia
Com a dianteira alentada:
Dos porcos era a caçada;
E o que fez foi porcaria:
Quando o animal o envestia,
Elle com pé diligente
Se afastava em continente:
Com que o julguei desta vez,
Por mui ligeiro de pés,
E de mãos por mui prudente.

O Pissarro, em um penedo,
Vendo a batalha bizarra,

Era Pissarro em pissarra,
E era mêdo sobre mêdo.
Nunca vi homem tão quêdo
Em batalha tão campal;
Porém, como é figadal
Amigo, hei de desculpal-o,
Com que nunca faz abalo
Do seu posto um general.

Frei Manoel me espantou,
Que o demo o ia tentando;
Mas vi, que a espada tomando,
Logo se desattentou:
Em continente a largou;
Porque soube ponderar, —..
De que só o mestre-esfola
O podia dispensar.

O vigario se houve aqui
C'uma tramoya apparente;
Pois fingiu ter dor de dente,
Temendo o do javali;
Porém folga, zomba e ri,
Ouvindo o successo raro;
E dando-lhe um quarto em claro
Os amigos confidentes,
A fé que teve elle dentes
Para comer do javáro.

Cosme de Moura, esta vez
Botou as chinellas fóra,
Como se ver a Deus fôra,
Sobre a sarça de Moysés.
Tudo viu, e nada fez;
De tudo conta e escarnece:
Com que, mais o prazer cresce
Quando a tragedia interpreta
Lourenço, a quem fez poeta,
Em signal que o enlouquece.

O Silvestre, neste dia
Ficou mettido em um nicho;
Porque como o porco é bicho,
Cuidou que um sapo seria:
Mas agora quando ouvia
O desar dos derrubados,
Mostrava os bofes lavados,
De puras risadas morto;
Porque sempre vi, que um torto
Gosta de ver corcovados.

Bento, que tudo derriba,
Qual valente sem receio,
Pondo agora o mar em meo,
Fogiu para a Cajahiba:
Não quiz a pissarra giba
Nos afilados colmilhos,
Dos javardos tão novilhos;
E se o deixou de fazer
Por ter filhos e mulher,
Que máo é dar caça aos filhos?

Eu e o Moraes ás corridas
Por outra via tomámos;
E quando ao porco chegámos
Era ao atar das feridas:
Com mentiras referidas
De uma e outra arma donzella,
Se nos deu á taramella:
Nós calando, só dissémos:
"Se em taberna não bebemos,
Ao menos folgamos nella."

Ao Comêta apparecido em Março de 168...

Que esteja dando o francez
Camoezas ao romano,
Castanhas ao castelhano,
E figas ao portuguez?
E que estejam todos tres
Em uma scisma inquieta,
Conhecendo-se esta treta
Tanto á vista, sem se ver?
Tudo será, mas a ser,
Effeitos são do cometa.

Que esteja o inglez mui quedo,
E o hollandez mui ufano?
Portugal, cheio de engano?
Castella, cheia de mêdo?
E que o turco viva lêdo,
Vendo a Europa inquieta?
E que cada qual se metta
Em uma cova a tremer?
Será; mas isto assim ser,
Effeitos são do cometa.

Que se ache o francez zombando,
E a India lá padecendo?
Italia olhando e comendo?
Portugal rindo e chorando?
E que o esteja enganando
Quem tão sagaz o inquieta,
Sem que nada lhe prometta?
Será; mas em tal acção,
Segundo a melhor razão,
Effeitos são do cometa.

Que esteja Angola de graça,
E Portugal, cai, não cai?
O Brazil feito Cambray,
E a Hollanda feita caça?

E que jogue o "passa passa"
Comnosco, o turco mahometa,
E que assim nos accommetta?
Será, pois é tão ladino;
Porém, segundo imagino,
Effeitos são do cometa.

Que se vejam, sem razão,
Nos extremos que se veem,
Um tostão feito um vintem,
Uma pataca um tostão?
E que estas mudanças são
Fabricadas com bem treta,
Sem que a fortuna prometta
Melhora no que passamos?
Sim; mas se tal lamentamos,
Effeitos são do cometa.

.—.

Que todo o reino em estaleiro
Esteja; e em triste monção,
Haja pão, não haja pão,
Haja, e não haja dinheiro?
E que se torne em azeiro
Todo o outro, e a prata em peta,
Por certa via secreta?
Eu não sei como isto é:
Porém quanto assim se vê,
Effeitos são do cometa.

Que haja no mundo quem tenha
Guizados para comer;
E traça para os haver,
Não tendo lume, nem lenha?
E que, sem renda, mantenha
Carro, carroça e carreta?
E sem ter aonde os metta,
Dentro em si tanto accommode?

Póde ser; mas se tal póde,
Effeitos são do cometa.

Que vista, quem renda tem,
Gallas custosas por traça;
Supposto que bem mal faça,
E inda que faz mal, faz bem?
Mas que as vista quem não tem
Mais que uma pobre sarjeta,
Que lhe vem pelo estafeta,
Por milagre nunca visto?
Seja; porém sendo isto,
Effeitos são do cometa.

Que andem os officiaes
Como os fidalgos vestidos?
E que estejam presumidos
Os humildes, como os mais?
E que sejam estes taes
Cada um de si profeta?
E que esteja tão inquieta
A cidade, e o povo mudo?
Será; mas, sendo assim tudo,
Effeitos são do cometa.

Que se vejam, por prazeres,
Sem repararem nas fomes,
As mulheres, feitas homens;
E os homens, feitos mulheres?
E que estejam os misteres
Enfronhados na baêta,
Sem ouvirem a trombeta
Do povo, que é um clarim?
Será; porém sendo assim,
Effeitos são do cometa.

Quem não vê, possa ver
Mal no bem, e bem no mal;

E se mêtta cada qual
No que não se ha de metter?
E que queira cada um ser
Capitão, sem ser gineta,
Sendo ignorante jarreta,
Sem ver quem foi, e quem é?
Pois se elle assim se não vê,
Effeitos são do cometa.

Que o pobre e o rico namore;
E que, com esta porfia,
O pobre alegre se ria,
E o rico triste se chore?
E que um presumido more
Em palacios, sem boleta?
E que, sem ter que lhes metta,
Os tenha cheios de vento?
Será; mas iguaes ao intento,
Effeitos são do cometa.

Que ande o tempo como anda;
E que ao som do seu disvello,
Uns bailem o saltarello;
E outros a sarabanda?
E que estando o mundo á banda,
Eu nestas coisas me metta,
Sendo um misero poeta,
Sem ter licença de Apollo?
Será; porém se sou tollo,
Effeitos são do cometa. (1)

---

(1) O cometa a que o poeta se refere é provavelmente o de 1680, a respeito do qual Fr. Jeronymo de Santiago publicou um tratado.

Verdades miudas.

Ouvi, amigo João,
Esta verdade que canto;
Se a verdade causa espanto,
Esta causa admiração:
É certo e sem omissão,
E contra isto não ha nada
Que esta é a verdade usada;
E a de rebuço e de engano
É verdade de magano;
E esta é de gente honrada.

Domingos e dias santos,
Nos manda a igreja guardar;
E os mais dias trabalhar:
As mulheres trazem mantos;
Os doutos estão aos cantos;
Os ignorantes na praça;
Os cachorros vão á caça;
Os gatos lambem as cêas;
Os barbeiros rasgam vêas;
As padeiras fazem massa.

Os homens fazem a guerra;
As mulheres fazem renda;
Os tolos não teem emenda;
Os sapos cavam a terra;
O bezerro sem mãi berra,
Batem bandeira os alferes;
Os pobres buscam haveres;
Os peixes nadam no mar;
As purgas fazem purgar;
Os franciscanos colheres.

Os cavallos comem ervas;
Os despidos andam nús;

Come o gentio cajús;
Os tapuyas são catervas;
Não dormem de noite as servas;
Os macacos fazem momos;
Os escripturarios tomos;
Os namorados passeam;
As fragonas zombeteam;
As limas todas teem gomos.

Todos os ferrões teem ponta;
A agua do mar é salgada;
O hospede logo enfada;
E todo o algarismo é conta;
A náo sem vento não monta;
O badalo dá no sino;
Chorar muito é desatino;
O comer muito enche a pansa;
Bum-bum é agua em criança;
Subir alto, é ir ao pino.

Os caranguejos teem pernas;
Tocado o tambor faz bulha;
O "arre lá" desempulha;
O navio tem cavernas;
O fogo accende as luzernas; —..
Quem degenera não herda;
O carvão todo é de lenha;
É de lã toda a estamenha:
Quem sente roubos tem perda.

Toda a arvore tem folhas;
Pomares produzem fructas; —..
Uma talha são dez polhas;
As botijas levam rolhas;
Toda a neve é branca e fria;
A irmã da mãi é tia;
Tudo o que é de bronze é duro;
Onde não ha luz é escuro;
Quando não é noite é dia.

O sol e o fogo são quentes;
Onde cae a chuva molha;
Quem não tem vista não olha;
Quem trinca tem bons dentes;
Os transversaes são parentes;
O cabello cae com a tinha; —..
Passaro grande é gallinha;
Carregado chia o carro;
Mulher do rei é rainha.

Não ha barbas sem cabello;
A arêa toda é de grãos;
Toca-se a harpa com as mãos;
É animal o camello;
Nenhuma calva tem pello; —..
É marisco o sururú;
Todo o feijão é legume;
Coze-se o comer no lume;
É abóbora o gerimú.

Todo o unguento é mézinha;
Não tem osso o bacalhau;
Papas ralas são mingáu;
Trigo moido é farinha;
Coisa alheia não é minha;
Não ha escada sem degráos;
Os picaros são maráos;
Tem aduellas a pipa;
Embigo é ponta de tripa;
É pintado o rei de páos.

Primeiro foi frango o gallo;
Pelangana é prato fundo;
É redondo todo o mundo;
Tem quatro pés o cavallo;
As luvas não fazem callo;
Nunca mija o papagaio;
O chouriço grosso é paio;

Quem segue a escola, faz gásios;
Quem tópa, acha seus topazios;
Antes de junho foi maio.

Todo o chapeo é sombreiro;
As canoas são de pau;
Tudo o que não presta é mau;
Quem faz barbas é barbeiro; —..
Tem cano a penna de pato;
Filho de pardo é mulato;
Mulheres todos são femeas;
Duas de um ventre são gemeas;
No pé se calça o çapato.

Toda a coisa negra é preta;
Papel de trapos é feito;
Quem não é torto é direito;
O mascarado é careta;
Bordão de velho é muleta;
Tabaco "fumo" é pizado;
O que vai ao espeto é assado;
O pirão duro é taipeiro;
Mareta em mar é carneiro;
Tudo o que é peixe é pescado.

Quem não tem juizo é tollo;
Quem morre fica sem vida;
Perna que é longa é comprida;
Resposta de jogo é bollo;
Negro ladino é crioilo;
Cebo de boi é gordura;
Figado e bofes forçura;
Manteiga é nata de leite;
É oleo tudo o que é azeite;
E todo o vigario é cura.

Sem a lingua não se fala;
Quem não come morre á fome;

Tudo quanto ha tem nome;
O surrão de coiro é mala;
O pão mais trigueiro é rala;
O tatú tem cascas duras;
O doce, e o sal faz seccuras;
As sopas são pão molhado;
São de ferro as ferraduras.

Os bancos servem de assento; —..
Homem de villa é villão;
As pennas voam com vento;
O adro da igreja é bento;
A camisa é roupa branca;
Pau, que fecha a porta, é tranca;
O nariz todo tem ventas;
Tempestades são tormentas;
A cara feia é carranca.

A farinha do Brazil,
Primeiro foi mandioca;
Milho estalado é pipoca;
O gato todo é subtil;
Tres barris mais um barril,
Enchem todos uma pipa;
Não ha casa sem ter ripa;
Ou vara sem cipó;
Quem não tem ninguem é só;
Quem é mole é fraca tripa.

É luzente a espada nova;
A que é velha é saramago;
Homem que gagueja é gago;
Toda a banana é pacova;
Em quem dão leva uma sova;
Coisa que é fresta é buraco;
Agua de flor do sovaco
Parece dar vida a um morto;
O parto sem tempo é aborto;
Cutia não é macaco.

Solimão e rozalgar
Matam, porque são veneno;
Grande doutor foi Galeno;
Quem não tem sizo é alvar;
Entoar solfa é cantar;
Na botica ha ther'bentina;
Criança femea é menina;
Quem ainda é moço é rapaz; —..
Oleo de pau é rezina.

Tabaco pôdre é macaya;
Ave sem penna é morcego;
A agua do rio Mondego
Toda faz ondas na praia;
As mulheres vestem saia;
Os homens usam calções;
Os pretos teem seus bordões;
Tem cinco palmos a vara;
Tantas arrobas de tara
Tem cada um dos caixões.

Agua-ardente é giribita; —..
Não ter saude é doença;
E todo o listão é fita;
A colera logo irrita;
Ganhamús são caranguejos;
Os leitos teem persevejos;
Admirações são espantos;
Todas as casas teem cantos;
Do leite se fazem queijos.

No trunfo ha basto e mais sota;
Dá cartas todo o que é mão;
Tem capuz todo o gabão;
Pelo pé se calça a bota;
Quem não tem voto não vota;
O escrivão porta por fé;
Calça um sapato um só pé;
É tripeiro o que é do Porto;

Todo o defunto está morto;
Ovo em criança é té-té.

Ha pelo entrudo filhozes;
Muitos jejuns na quaresma;
Todo o fedelho é uma lesma;
Acções falsas são atrozes;
Quem tem dentes trinca nozes;
O que quebra está quebrando;
Quem come está manducando;
O que corre vai correndo;
O que bebe está bebendo;
E quem joga está jogando.

O Memento é uma lembrança
Das almas do outro mundo;
A panella tem seu fundo;
E quem herdou teve herança;
O zombar é estar de chansa;
Muitos filhos teve Antonio,
Um é do seu matrimonio,
Que dos outros não sabemos;
Posto que já entendemos
Que o que purga é o antimonio.

Os sapatos levam sola;
A carne de boi é vacca; —..
É redonda toda a bola;
Passarinho na gaiola,
Está preso na cadêa;
O gatinho sem mãi mêa;
Os que são irmãos são manos;
O homem velho tem annos;
A formosa não é feia.

Quem vai só vai solitario;
Quem está farto escusa molho;
O sol tambem tem seu olho; —..
A um calo chamam calvario;

Tem cidades Portugal;
Oiro é o que oiro val;
Pratos de cor teem rebique;
Não se faz renda sem pique;
O ensosso não tem sal.

Peccados mortaes são sete;
E dez são os mandamentos;
Sete são os sacramentos.
O estojo tem canivete.
O frade tem seu topete,
Não paga aluguer de casas.
Os anjos todos teem azas;
Morde o cachorro que é bravo;
O que tem senhor é escravo;
E ganha quem faz mais vazas.

Estas pois, e outras verdades,
Amigo, que aqui vos digo,
São as de que sou amigo; —..
O mais são só asnidades
Desses que dizem rodeios;
Porque só por estes meios
Se fala bem portuguez;
Tudo o mais é ser francez,
E trazer na bocca freios.

A certos sujeitos hypocritas, e murmuradores, sôbre serem viciosos.

D'estes que campam no mundo,
Sem ter engenho profundo;
E entre o gabo dos amigos,
Os vemos em papafigos,
Sem tempestades, nem vento;
Anjo bento!

De quem com lettras secretas,
Tudo o que alcança é por tretas,
Bocalejando sem pejo
Por matar o seu desejo,
Desde a manhã té a tarde:
Deus me guarde!

Do que passêa farfante;
Muito presado de amante,
Por fóra luvas, galões,
Insignias, armas, bastões,
Por dentro pão bolorento:
Anjo bento!

D'estes beatos fingidos,
Cabisbaixos, encolhidos,
Por dentro fataes maganos,
Sendo na cara uns janos,
Que fazem do vicio alarde:
Deus me guarde!

Que vejamos teso andar,
Que mal sabe engatinhar,
Muito inteiro, e presumido,
Ficando o outro abatido
Com maior merecimento:
Anjo bento!

D'estes avaros mofinos,
Que põem na mesa pepinos,
De toda a iguaria isenta,
Com seu limão e pimenta,
Porque diz que queima e arde:
Deus me guarde!

Que pregue um douto sermão
Um alarve, um asneirão;

E que esgrima em demasia
Quem nunca lá na Sofia (1)
Soube pôr um argumento:
Anjo bento!

D'esse santo emmascarado,
Que fala do meu peccado,
E se tem por Santo Antonio,
Mas em lucta com o demonio,
Se mostra sempre cobarde:
Deus me guarde!

Que atropellando a justiça,
Só com virtude postiça,
Se premeia ao delinquente,
Castigando o innocente
Por um leve pensamento:
Anjo bento!

Improviso na rossa

Por bem afortunado
Me tenho nestes dias
Em que habito este monte a par do Dique;
Visinho tão chegado
Ás taraíras frias,
A quem a gula quer que eu me dedique:
Aqui vem o alfinique
Das pretas carregadas —..

Os que amigos meus eram
Vem aqui visitar-me:

---

(1) Rua principal de Coimbra: allusão á Universidade.

Amigos, digo, de uma e de outra casta.
(Oh, nunca aqui vieram!)
E nunca deixam coisa que se gasta.
Outro vem, quanto basta,
Fazer nesta varanda
Chacotas e risadas;
Coisas bem escusadas;
Porque o rizo não corre na quitanda:
Corre de cunho a prata;
E amisade sem cunho é patarata.

A casa é espaçosa,
Coberta, e retelhada
Com telha antiga do primeiro mundo;
Palha sêca e frondosa,
Um tanto refolhada
Da que, sendo erva santa, é vicio immundo.
O torrão é fecundo
Para a tal erva santa;
Porque esta negra terra,
Nas producções que encerra
Cria venenos, mais que boa planta:

Comigo a prova ordeno,
Que me criou para mortal veneno.

A certo letrado em Pernambuco, pequeno e presumido.

Tu és mosquito que cantas,
Pequeno, e bem zunidor;
Dos lençoes malquistador,
Aborrecido das mantas:
Com o ferrão da lingua espantas,
E com a musica enfadas:
Caminhas ás trombetadas,
E não sabemos por onde;

Porque o invisivel te esconde,
Para poupar bofetadas.

Algumas tens tu levado
Nessa mascarilha rara;
Mas nada te sae á cára,
Que és picaro descarado;
Indo daqui escoiçado,
Por tua velhacaria,
Para outra terra baldia
Tornaste, filho de um .....
Como bêsta de retôrno,
Para a mesma estrebaria.

Nada queres que entendamos:
Só tu és sabio devéras:
Tomára, que já morrêras,
Por que nós tambem saibamos:
Isto posto; argumentamos:
Ergo, tu és homem só;
Como argumentava Job
Aos socios que o estavam vendo:
Ergo, em vós outros morrendo,
Toda a sciencia deu nó.

Esse corpinho fanado,
Destilando o seu saber,
Vinha, quando muito, a ter
Uma oitava de letrado:
Se no casco abreviado
Dessa cabeça *merim*
Cabe tão pouco latim;
Como de douto se gaba,
Quem no pêso é uma oitava,
Na medida um salamim?

Tomára já que acabáras,
(Torno a dizer outra vez)

Sendo que morto, talvez
Que saber não nos deixáras:
Tomára que me explicáras,
Porque a raiva se me arranque
Se das sciencias és tanque?
Ou se com Deos contrataste,
E a sciencia lhe tomaste,
Em meu odio, por estanque?

.—.

Ao Padre Manoel Domingues Loureiro, que estando nomeado para ir por capellão para Angola, por não querer ir, o Arcebispo o mandou preso e maltratado.

Para esta Angola, enviado
Vem por fôrça do destino
Um marinheiro ao divino,
Ou mariolla sagrado:
Com ser no monte gerado,
O espirito lhe notei,
Que com ser bêsta de lei,
Tanto o ser villão esconde,
Que vem de *Villa de Conde*,
Morar na casa de el-rei.

Por não querer embarcar,
Com ouzadia sobeja,
Atado das mãos da Igreja
Veio a braço secular:
Aos empuxões a gritar,
Deu baque o padre Loureiro:
Riu-se muito o carcereiro;
Mas eu muito mais me ri,
Pois nunca loureiro vi
Enxertado em limoeiro

No argumento com que vem
Da navegação moral,
Diz bem, e argumenta mal,
Diz mal, e argumenta bem:
Porém não cuide ninguem
Que com tanta matinada
Deixou de fazer jornada;
Porque a sua teima bruta,
O poz de coberta enxuta,
Mas mal acondicionada.

O mestre ou o capitão,
Disse ao padre Frei Ourello,
Que ha de levar um capello,
Se não leva um capellão,
Vinho branco e negro pão,
Diz que no mar fez a guerra:
Logo, então, sem razão berra,
Quando na passada mágoa,
Trouxe vinho como agua,
E farinha como terra.

Com gritos a casa atroa;
E quando o caso distinga,
Quer vomitar na moxinga,
Antes que ..... na proa:
Querem leval-o a Lisboa
Com brandura e com carinho;
Mas o padre é teimozinho,
E ancorado a porfiar,
Diz que não quer navegar
Se não por um mar de vinho.

.—.

Trabalhos da vida humana. — Metafora d'uma flor.

De que serviu tão florida,
Caduca flor, vossa sorte,
Se havia da propria morte
Ser ensaio a vossa vida?
Quanto melhor advertida
Andáreis, em não nascer?
Que se a vida houvera ser
Instrumento de acabar;
Em deixares de brilhar,
Deixaricis de morrer.

Em quanto presa vos vistes
No botão, onde morastes,
Bem que a vida não lograstes,
De esperanças vos vestistes:
Mas depois que flor abristes,
Tão depressa fenecestes;
Que quasi a presumir déstes,
(Se se póde presumir)
Que para a morte sentir,
Sómente viver quizestes.

Fazendo da pompa alarde
Abre a rosa mais louçã;
E o que é galla na manhã,
Em luto se torna á tarde:
Pois a vida mais covarde
Se á mais fragil duração
Renascestes; por que não
Terei de crer fundamento,
Da vossa sombra occasião.

E pois acabais florida,
Bem se vê flor desditosa,
Que a seres tão formosa,
Não foreis tão abatida:

Desgraçada por luzida,
Offendida por louçã,
Mostrais bem na pompa vã,
Ás mãos de tempo cobarde,
Que fenecestes na tarde,
Por luzires de manhã.

Assim pois,, quando contemplo
Vossa vida e vossa morte,
Em vós, flor, da minha sorte
Contemplo o mais vivo exemplo:
Subí da fortuna ao templo;
Mas apenas subí dino,
Quando me mostra o destino,
Que a quem não é venturoso,
O chegar a ser ditoso,
É degráu de ser mofino.

A uns sujeitos, que se prenderam, porque costumavam por sua devoção, ir apedrejar as janellas do palacio; indo um delles, que era mulato, a açoitar.

Senhores, com que motivo
Vos tentastes a fazer,
Sem castigo algum temer,
Arrojo tão excessivo?
(Dizia o algoz compassivo
A um dos da carambola,
Postos em tal corriola)
E a gente que ali se poz,
Via a pé quedo ao algoz
Muitas vezes dar á sola.

Nestas retiradas ruas,
Que fazia o tal madraço,

Sacodia-lhe o espinhaço
C'um par de soletas cruas:
Dáva-lhe nas costas nuas
Palmadas tão bem dispostas,
Que o mulato com as mãos postas
Disse dos açoites dados:
"Sendo dos mais os peccados,
Eu somente os levo ás costas?"

A gente, que isto lhe ouvia,
Por saber do caso atróz,
Instava muito ao algoz,
Lhe dissesse; e elle se ria:
Finalmente proseguia
A dizer o caso a uns poucos,
Que de pasmo estavam moucos,
E alguns delles quasi mudos,
Em ver que quátro sisudos
O officio tomem de loucos.

Diz-lhe mais o algôz pascácio:
Que sem terem nisso medras,
Os quatro atiraram pedras
Ás janelllas de palacio:
E que fazendo *agarracio*
Dos tres escapou só um;
Mas cuidando ser algum
Dos mais ligeiros de pêso,
Fôra o que escapou de prêso,
Mais ligeiro que nenhum.

Um innocente, agarrado
Foi tambem na travessura;
Sendo que não faz loucura
Moço tão bem inclinado:
Outro será castigado
Pela ousadia sobeja;
E porque este vulgo veja,
Se com elle não se engana,

Fez com que pela semana
Não fosse ao domingo á igreja.

Estes outros dous ou trez,
Que se agarraram de noite,
Se é que escaparem do açoite,
Terão por certo galés:
Hão de sentir o revez
D'este excesso que fizeram,
Pois elles assim quizeram;
Mas vejo não sentirão,
Se por castigo, lhes dão
Ir para donde vieram.

Vós, que do caso adversario,
Em seguro vos pozestes;
Porque dos pés vos valestes,
Não sejais tão temerario:
Sêde nisto imaginario,
Pois tambem destes á sola;
Que se n'outra carambola
Vos metteis com amigo Baccho,
Sendo elle ás vezes velhaco,
Dará comvosco em Angola.

Satyra ao confessor do Arcebispo.

Eu, que me não sei calar,
Mas antes tenho por mingoa,
Não se purgar qualquer lingua,
A risco de arrebentar:
Vos quero, amigo, contar,
(Pois sois o meu secretario)
Um successo extraordinario:
Porém fique aqui entre nós.

Confessor ha jesuita,
Que ao ladrão do confessado,
Não só lhe absolve o peccado,
Mas os fructos lhe alcovita.
De precursor de visita,
Que na vanguarda marchando,
Vai pedindo, e vai sommando,
O demo ha de ser algoz:
Porém fique aqui entre nós.

O ladronaço em rigor
Não tem para que dizer
Furtos, que antes de os fazer
Já o sabe o confessor:
Cala-os, por ouvir melhor;
Pois, com officio alternado,
Confessor e confessado,
Ali se barbeam a sós:
Porém fique aqui entre nós.

Ali o ladrão se consente
Sem castigo e sem escusa;
Porque do mesmo se accusa
O confessor delinquente:
Ambos alternadamente,
Um a outro, e outro a um,
O peccado que é commum,
Confessa em commua voz:
Porém fique aqui entre nós.

Um e outro, á mór cautella,
Veem a ser neste incidente
Confessor e penitente;
Porém fique ella por ella.
O demo em tanta mazella,
Diz: faço porque façais;
Absolvo, porque absolvais;
Pacto inominado poz:
Porém fique aqui entre nós.

Não se dá a este ladrão
Penitencia em caso algum;
E sómente em um jejum
Se lhe tira a colação.
Elle estará como um cão
De levar a bofetada;
Mas na cara ladrilhada,
Emenda ou pejo não poz:
Porém fique aqui entre nós.

Mecanica disciplina,
Vem a ter por derradeiro,
O confessor marceneiro,
E o mercador carapina:
E como qualquer se inclina
A furtar o mais furtar,
Se conjura a escavacar
As bolças c'um par de enchós:
Porém fique aqui entre nós.

De tal confessor me abysma,
Que releve, e não se offenda,
Que um padre sagrado venda
O sagrado Oleo da Chrisma.
Por dinheiro a gente chrisma;
E por cera, havendo queixa,
Nem a ..... ainda deixa,
Onde chrismando a mão poz:
Porém fique aqui entre nós.

Que em toda a franciscania
Não achasse um máo ladrão
Que lhe ouvisse a confissão,
Mais que um pade da *Apanhia!*
Nisto, amigo, ha sympathia;
E é, que lhe veio a pêllo,
Que uma vá atando no orêllo,
O que outro mette no coz:
Porém fique aqui entre nós.

Que tanta culpa mortal
Se absolva, não perco o tino;
Pois absolve um theatino
Peccados de pedra e cal:
Que na vida monacal
Quer dar-lhe a filha um debate —..
Vem dar-lhe o pão e a noz:
Porém fique aqui entre nós.

A freiras, com santas sedes,
Condemnadas sáem em pedra,
Quando o ladronaço medra,
Roubando pedra e paredes.
Vós, amigo, que isto vedes,
Deveis a Deus graças dar,
Porque vos fez secular,
E não zote de albernoz:
Porém fique aqui entre nós.

Á parda Marianna Rôla, que mandou em resposta ao A. uma carta em branco.

Tão discreta vos mostrais,
Como amante procedeis,
Quando me não respondeis,
E o coração me entregais:
Se a alma e o coração me dais,
Para que outra expressão
De vosso amor e affeição?
São superfluas certamente
As vozes; quando presente,
Por si fala o coração.

Que importa, que em doce calma,
Vossa penna ou voz não diga
Que queres ser minha amiga
Se o diz coração e alma?

Só vosso amor leva a palma
A todos; só é perfeito;
Pois não cabe com effeito,
Da penna e voz na expressão,
Cabendo no coração,
E em vosso amoroso peito.

Quando em branco o papel vi,
Logo de côres mudei;
Amarello me tornei
Do susto que concebi:
Mas depois que reflecti
No vosso enigma discreto,
Vi que era traça do affecto;
Pois se assim me deixa franco
O limpo papel em branco,
A sorte caiu-me em preto.

Já sei que estou recebido;
Pois se quem cala, consente,
Desta sorte, mudamente
Mostrais haver-me admittido;
Lembrado fui, se esquecido
Logo me considerei
Quando a carta em branco achei,
Dizendo, sem poder ter-me:
Ella deixou de escrever-me?
Pois no tinteiro fiquei.

A traça gabo e agradeço
Do amor, que em vós considero;
Um favor agora espero,
Se mais favores mereço:
Para falar-vos, vos peço
Licença, mui comedido;
Nem temais, que por querido,
Falte ao justo acatamento:
Prometto ser mais attento;
Resta que seja admittido.

Á morte de uma senhora.

Morreste, nimpha bella,
Na florente idade:
Nasceste para flor;
Como flor acabaste!
Viu-te a alva no berço;
A vespera no jaspe;
Mimo foste da aurora;
E lástima da tarde.
O nacar e as alvores
Da tua mocidade,
Foram se não mantilhas,
Mortalha a teus donaires.
Oh! nunca flor nascêras,
Se imitando-a tão fragil,
No ambar de tuas folhas
Te ungiste e te enterraste!
Morreste e logo o amor
Quebrou arcos e carcazes:
Que muito se lhe faltas,
Que logo se desarme?
Ninguem é neste monte,
Ninguem naquelle valle,
O cortezão discreto,
O pastor ignorante,
Que teu fim não lamente,
Dando aos quietos ares,
Já funebres endexas,
Já trágicos romances.
O ecco que responde
A qualquer voz do valle,
Já agora só escutam
Meus suspiros constantes.
A arvore mais forte,
Que gemia aos combates
Do vento que a meneia,
Ou do raio que a parte,

Hoje geme, hoje chora
Com lamento mais grave,
Fôrças de sua estrella,
Mais que a fôrça dos ares.
Os cyprestes já negam
Ás aves hospedagem;
Porque gemendo tristes,
Andam voando graves.
Tudo emfim se trocou,
Montes, penhas e valles;
O penedo insensivel;
O tronco vegetavel.
Só eu constante e firme,
Choro o teu duro trance,
O mesmo, triste sempre
Por toda a eternidade.
Oh! alma generosa,
A quem o ceo triumphante
Usurpou a meus olhos,
Para ser lá deidade!
Aqui onde o Caype
Já te erigiu altares,
Por deosa destes montes,
E por flor destes valles.
Agrario o teu pastor,
Não te formou de jaspes,
Sepulchro ás tuas cinzas,
Tumulo ao teu cadaver.
Mas em lagrimas tristes,
E suspiros constantes,
De um mar tira dois rios,
De um rio faz dois mares.

Retracto de uma dama

Retractar ao bizarro
Quero a Joannica,
Por ser moça galharda,
Bem parecida.
Que os cabellos são de oiro
Não se duvida;
Pois que Joanna é sol,
Que o certifica.
São seus olhos, por alvos,
Alvas do dia;
Que põem de ponto em branco,
A rapariga.
Certo dia a encontrei,
Que alegre ria;
E lhe vi que de prata
Os dentes tinha.
Já entre elles a lingua
Apenas via:
Mas é certo que fala
Como entendida.
A bocca por bem feita,
E pequenina,
Vem-lhe a pedir de bocca
O ser bonita.
Que tem mãos liberais,
Quem o duvida;
Pois sempre ás mãos lavadas,
Dá como rica.
As mangas da camiza
Tem rendas finas;
E lá vi que os seus peitos
Me davam figas.
Ser de peito atacado
Me parecia;
Porque muito pequena
A cinta tinha.

Com um guarda-pé verde
Os pés cobria;
Sendo que tomou pé
Para ser vista.
Sim, julguei que pequenos
Os pés teria;
Porque vi que de firme
Mui pouco tinha.
E com isto vos juro,
Minha menina,
Que vos quero e vos amo
Por vida minha.

Deprecações para a festividade de uns annos.

Pois os prados, as aves, as flores,
Ensinam amores,
Carinhos e affectos;
Venham correndo
Os annos felizes,
Que hoje festejo.
Porque applausos de amor e fortuna
Celebrem attentos
As aves canoras,
As flores fragrantes,
E os prados amenos.
Pois os dias, as horas e os annos,
Alegres e ufanos,
Dilatam as eras;
Venham depressa
Aos annos felizes,
Que amor festeja.
Porque applausos de amor e fortuna
Celebrem deveras
Os annos fecundos,

Os dias alegres,
E as horas serenas.
Pois o ceo, os planetas e estrellas,
Com luzes tão bellas
Augmentam as vidas;
Venham luzidas
Aos annos felizes,
Que amor publica.
Porque applausos de amor e fortuna
Celebrem um dia
A esfera immovel,
Os astros errantes,
E as estrellas fixas.
Pois o fogo, a agua, a terra e os ventos,
São quatro elementos,
Que atentão a idade,
Venham achar-se
Aos annos felizes,
Que hoje se applaudem.
Porque applausos de amor e fortuna
Celebrem contentes
A terra florida,
O fogo abrazado,
O amor furioso,
E as auras suaves.

Aos encantos da vida religiosa

Quem da religiosa vida
Não se namora, e se agrada,
Já tem a alma damnada,
E a graça de Deus perdida:
Uma vida tão medida
Pela vontade dos ceos;
Que humildes ganham trofeos,

E tal gloria se desfructa,
Que na mesa a Deus se escuta;
No côro se louva a Deus?

Esta vida religiosa,
Tão soccgada e segura,
A toda a boa alma pura,
Affugenta a alma viciosa.
Ha coisa mais deleitosa,
Que achar o jantar e almoço
Sem cuidado, e sem sobrosso:
Tendo no bom e mau anno,
Sempre o pão quotidiano,
E escusar o Padre Nosso?

Ha coisa como escutar
O silencio, que a garrida
Toca depois da comida,
Para cozer o jantar?
Ha coisa como calar,
E estar só na minha cella,
Considerando a panella,
Que cheirava e recendia
No gôsto de malvazia,
Na grandeza da tijella?

Ha coisa como estar vendo
Uma, mãi religião,
Sustentar a tanto irmão,
Mais ou menos reverendo?
Ha maior gôsto (ao que entendo)
Que agradar ao meu prelado,
Para ser delle estimado,
Se a obedecer-lhe me animo;
E depois de tanto mimo,
Ganhar o ceo de contado?

Dirão réprobos e réos,
Que a sugeição é fastio;

Pois p'ra que é o alvedrio,
Senão para o dar a Deos?
Quem mais o sujeita aos ceos,
Esse mais livre se vê;
Que Deus (como ensina a fé)
Nos deixou livre a vontade;
E o mais é mór falsidade
Que os montes de Gelboé.

Oh! Quem, meu Jesus amante,
Do frade mais descontente,
Me fizera tão parente,
Que eu fôra o seu similhante!
Quem me vira neste instante
Tão solteiro, qual eu era,
Que na ordem mais austera
Comêra o vosso maná;
Mas nunca direi que lá
Vira a fresca primavera.

A uma menina por ter mandado certos doces.

Para mim, que os versos fiz
De graça, um só doce basta;
Mas já sei que sois de casta
De fazer doces gentis:
E pois a fortuna quiz
Dar-me em premio esta fartura,
Pintada uma formosura;
Agora, por nova empreza,
Digo da vossa grandeza,
Que sois a *vida doçura*.

Vejo a frota da Gayba:
Entrou; e tomando terra,

Achou duas naus de guerra
De comboy á Cajaiba:
Estava eu vendo de riba
Ao Seregipe famoso;
Quando vi, com vento airoso,
Vir entrando pela barra,
Por cabo Ignacio Pissarra,
E por fiscal João Cardoso.

Toda a ilha se alvoroça,
Adivinhando a fartura;
Pois que esta *vida doçura,*
Já fôra *esperança nossa*:
Toda a artilheria grossa
Com que esta ilha guardamos,
Entre vivas disparamos;
E toda a gente de pé,
Com os olhos em Marapé,
Quer gritar *a ti bradamos.*

Partiu-se o doce excellente
Entre os presentes, com arte;
Que entre ausentes não tem parte
O que veio de presente:
Cada qual se foi contente
Velhos, mancebos, meninos;
E estão em rogos continuos,
Pedindo com a bocca toda,
Que o doce façais de boda,
Para que sejamos dignos.

A uma bella parda.

Que pouco sabe de amor
Quem não viu ainda Catôna,
Que é nesta celeste zona,
Astro e luminar maior!

Tambem a violeta é flor,
E mais é negra a violeta;
E se bem póde um poeta
Uma flor negra estimar:
Tambem eu posso adorar
No ceu um pardo planeta.

Catôna é moça luzida,
Que a pouco custo se aceia;
Entende-se como feia;
Mas é formosa entendida.
Escusa-se commedida;
E ajusta-se envergonhada:
Não é tão desapegada,
Que negue a uma alma a esperança;
Porque em quanto não a alcança,
Não morra desesperada.

Pisa airoso e compassado;
Sabe-se airosa mover:
Calça, que é folgar de ver;
E mais calça o pé folgado.
Conversa bem, sem cuidado:
Ri sisuda na occasião:
Escuta com attenção:
Responde com seu desdem;
E inda responde bem,
E bemquista a sem razão.

É parda de tal talento,
Que a mais branca e a mais bella,
Podéra trocar com ella
A côr pelo entendimento.
É um prodigio, um portento;
E se vos espanta ver,
Que adrêde me ando a perder;
Dá-me por desculpa amor,
Que é femea trajada em flor,
E sol mentido em mulher.

Suspiros.

Suspiros! que pretendeis
Com tanto dispendio de ais;
Se quando um allivio achais,
Todo um segredo rompeis?
Não vêdes que a opinião
Sente o segredo perdido;
Porque o allivio adquirido,
Consta a sua perdição?
Não vêdes que, se acompanha
Ao desafogo do peito,
Mais se perde no respeito,
Do que no allivio se ganha?
Não vêdes que o suspirar
Diminue o sentimento;
E usurpais ao rendimento
Tudo quanto dais ao ar?
Mas direis que uma tristeza
Publica a sua desgraça,
Porque o silencio não faça
Inutil sua fineza.
Direis bem; que o padecer
De bella é o pundonor;
E guardar segredo á dôr,
Será agravar seu poder.
Eia, pois, coração louco;
Suspirai; dai vento ao vento;
Que tão grande sentimento,
Não periga com tão pouco.
Quem disser, que suspirais
Por dar á dor desafogo;
Dizei-lhe: que tanto fogo,
Ao vento se accende mais.
Não caleis suspiros tristes.
Que importa pouco o segredo;
E já mais me vereis ledo,
Como algum tempo me vistes.

Declaração d'amor

Sabeis Custodia que amor,
Inda que tyranno, é rei:
Faz leis, e não guarda lei,
Qual soberano senhor.
E assim eu quando vos pesco,
Que talvez vos chego a olhar,
As leis não posso guardar
Que temos de parentesco.
Que vossa bocca tão bella,
Tanto a amar-vos me provoca;
Que por lembrar-me da bocca,
Me esqueço da parentella.
Mórmente, considerando
Vossa consciencia algum dia,
Que nenhum caso fazia
De ser filha ou enteada.
Dera-vos pouco cuidado
Ser eu vosso: mas assim,
Andam hoje para mim,
Vós e o mundo concertado.
Mas eu amo, sem confiança
Nos premios de pretendente:
Amo-vos tão puramente,
Que nem pereo na esperança.
Belleza e graciosidade,
Rendem á força maior:
Mas eu, se vos tenho amor,
Tenho amor e não vontade.
Como nada disto ignoro;
Quizera, pois vos venero,
Que entendais que vos não quero,
E saibais que vos adoro.
Amar o bello é acção,
Que pertence ao entendimento:
Ama-o o conhecimento,
Sem outra humana paixão.
Amar e querer (Custodia)

Soam quasi ao mesmo fim:
Mas differem, quanto a mim,
E quanto á minha prozodia.
O querer é desejar;
A palavra o está expressando:
Quem diz quer está mostrando
A cobiça de alcançar.
Vi e quiz: segue-se logo,
Que o meu coração aspira
A lograr o bem que vira,
Dando á pena um desafogo.
Quem diz que quer vai mostrando
Que tem ao premio ambição;
E finge uma adoração,
Um sacrilegio occultando.
Vil affecto, que ao intento
Foge, com nescia confiança;
Pois guia para a esperança
Os passos do rendimento.
Quão generoso parece
O contrário amor, pois quando
Está o rigor supportando,
Nem penas crê que merece.
Quem á perfeição attento
Adora por perfeição,
Faz que a sua inclinação
Passe por entendimento.
Amor generoso tem
O amor por alvo melhor,
Sem cobiça ao que é favor,
Sem temor ao que é desdem.
Amor ama, amor padece
Sem premio algum pretender;
E anhelando o merecer,
Não lhe lembra que merece.
Custodia: se eu considero,
Que o querer é desejar,
E amor é perfeito amar;
Eu vos amo, e não vos quero...

Cóplas

Já vos ides? Ai meu bem!
Já de mim vos ausentais?
Morrerei de saudades,
Se partis e me deixais.
É forçoso este argumento;
Tem conclusão infallivel:
Ires vós e ficar eu,
Meu amor, como é possivel?
Meu amor, sem vós não sei
Como poderei ficar:
Se vos partis, morrerei
Ao rigor do meu pesar.
Esperai: detende o passo;
Que cada arranco que dais,
Sendo vida da minha alma,
Alma e vida me levais.
Oh que rigoroso transe,
E saudosa despedida!
Já sinto as causas da morte
Com os effeitos da vida.
Lagrimas aljofaradas,
Como assim vos despenhais,
Sem reflectir trannias,
Nem attender a meus ais?
Adeus, de mim muito amada
Prenda, que me dais mil dores:
Como mais não hei de ver-vos,
Adeus, adeus, meus amores.

Dialogo entre o Demonio e a Alma. (1)

Alma — Se o descuido do futuro,
E a lembrança do presente,
É em mim tão continente,
Como do mundo murmuro?
Será porque não procuro
Temer do principio o fim?
Será porque sigo assim
Cegamente o meu peccado?
Mas se me vir condemnado
Meu Deus! que será de mim?

Dem. — Se não segues meus enganos
E os meus deleites não segues,
Temo que nunca socegues
No florido de teus annos:
Vê como vivem ufanos
Os descuidados de si:
Canta, baila, folga e ri;
Pois se os que se não alegraram
Dois infernos militaram,
Bangué! que será de ti?

Alma — Se para o ceu me creastes,
Oh meu Deus, á imagem vossa,
Como é possivel que eu possa
Fugir-vos, pois me buscastes?
E se para mim tratastes
O melhor remedio e fim;
Eu, como ingrato Caim,
Deste bem tão esquecido,
Tendo-vos offendido,
Meu Deus! que será de mim?

---

(1) Parodiando a modinha que se cantava na Bahia:

"Bangué! que será de ti?"

Dem. — Todo o cantar alivia,
E todo o folgar alegra;
Toda branca, parda e negra
Tem sua hora de folia:
Só tu na melancolia
Sem alivio: canta aqui,
E torna a cantar ali;
Que desse modo o praticam
Os que alegres prognosticam
Bangué! que será de ti?

Alma — Eu para vós offensor!
Vós para mim offendido!
Eu já de vós esquecido!
E vós de mim Redemptor!
Ai, como sinto, Senhor,
De tão mau principio o fim!
Se me vales, assim
Como áquelle, que na cruz
Feristes com vossa luz,
Meu Deus! que será de mim?

Dem. — Como assim na flor dos annos
Colhes o fructo amargozo?
Não vês que todo o penozo
É causa de muitos damnos?
Deixa, deixa desenganos;
Segue os deleites, que aqui
Te offereço; porque ali
Os mais, que cantando vão
Dizem na triste canção:
Bangué! que será de ti?

Alma — Quem vos offendeu Senhor?
Uma creatura vossa?
Como é possivel que eu possa
Offender meu Creador?
Triste de mim peccador,
Se a glória que dais sem fim,

Perdida de um serafim,
Se perder em mim tambem!
Se eu perder tão grande bem,
Meu Deus! que será de mim?

Dem. — Se a tua culpa merece
Do teu Deus toda a esquivança,
Folga no mundo, e descança,
Que o arrepender aborrece:
Se o peccado te entristece,
Como já em outro vi;
Te prometto desde aqui,
Que os mais da tua facção,
E tu, no inferno dirão
Bangué! que será de ti?

SONETOS.

A certos enfidalgados

Um calção de pindoba a meia zorra;
Camiza de urucú; mantéo de arára,
Em logar de cotó, arco e tacoára;
Pennacho de guarás, em vez de gorra;
Furado o beiço, sem temer que morra
O pai, que lhe envarou com uma titára:
Sendo a mãi a que a pedra lhe applicára
Por reprimir-lhe o sangue, que não corra.
Alarve sem razão, bruto sem fé:
Sem mais lei que a do gôsto; e quando erra,
De fáuno se tornou em abaeté.
Não sei como acabou, nem em que guerra:
Só sei que deste Adão de Macapé,
Uns fidalgos procedem desta terra.

Bóte a sua casaca de veludo,
E seja capitão sequer dois dias:
Converse á porta de Domingos Dias,
Que péga fidalguia mais que tudo.
Seja um magano, um picaro, abelhudo;
Vá a palacio; e apoz das cortezias,
Perca quanto ganhar nas mercancias;
E em que perca o alheio, esteja mudo.
Ande sempre na casa e montaria:
Dê nova locução, novo epitêto;
E diga-o sem proposito á porfia:
Que em dizendo *facção, pretexto, affecto,*
Será no entendimento da Bahia
Mui fidalgo, mui rico e mui discreto.

Faça misuras de A, com o pé direito:
Os beija-mãos de gafador da pella:
Saiba a todo cavallo a parentella,
O dono, o criador e seu defeito.
Se o não souber, e o vir russim de geito,
Chame o lacaio, e posto na janella,
Mande que lh'o passeie á mór cautella;
Que ainda que o não entenda, se ha respeito
Sáia na armada; soffra lá seus botes:
A ouvir cantar damas mais se applique:
Fale sempre na quinta, pôtro e galgo.
E com isto, e o favor de quatro asnotes,
De prompto ouvir e crer, se porá a pique
De amanhecer um dia um grão fidalgo.

A uma procissão de cinza em Pernambuco.

Um negro magro, em sufilié mui justo;
Dois azorragues de um joá pendentes,

Barbado o Peres; mais dois penitentes;
Seis crianças com azas sem mais custo:
De vermelho o mulato mais robusto;
Tres meninos fradinhos innocentes;
Dez ou doze brixotes mui agentes;
Vinte ou trinta canellos de hombro onusto.
Sem debita reverencia seis andores;
Um pendão de algodão tinto em tejuco;
Em fileiras dez pares de menores:
Atraz um negro, um cego, um mamaluco;
Tres lotes de rapazes gritadores:
É a procissão de cinza em Pernambuco.

Á abundante ilha de Gonçalo Dias.

Oh ilha rica, inveja de Cambaya,
Fertil de peixe, fructas e marisco!
Mais gallegos na praia do que cisco;
Mais cisco nos gallegos que na praia.
Tu, a todo o Brazil podes dar vaia,
Pois tantos lucros dás, e a pouco risco:
Tu abundas aos filhos de Francisco,
Picóte de cação, burel de arraia.
Tu, em côcos dás só á frota o lastro;
Fructa em toneis, a china ás toneladas;
Tu tens a sua carga a teu cuidado.
Se sabe o preclarissimo Alemcastro
Que taes serviços fazes ás armadas,
Creio que fará de ti um grão morgado.

A uma tormenta

Na confusão do mais horrendo dia,
Painel da noite, em tempestade brava,
Do fogo e ar o ser se embaraçava,
Da terra e ar o ser se confundia.
Bramava o mar; o vento embravecia;
A noite em dia, emfim, se equivocava;
E com estrondo horrivel se assombrava
A terra, e se abalava, e estremecia.
Desde os altos aos concavos rochedos,
Desde o centro aos mais altos obeliscos,
Houve temor nas nuvens e penedos;
Pois dava o ceu, ameaçando riscos,
Com assombros, com pasmos e com mêdos,
Relampagos, trovões, raios, coriscos.

Contra os abusos do pulpito.

Via de perfeição é a Sacra Via;
Via do ceo, caminho da verdade:
Mas ir ao ceo com tal publicidade,
Mais que virtude, o deito a hypocrizia.
O ódio é d'alma infame companhia:
A paz, deixou-a Deos á christandade;
Mas arrastar por fôrça uma vontade,
Em vez de caridade, é tyrannia.
O dar pregões no pulpito é indecencia:
Que é de fulano? Venha aqui sicrano;
Porque peccado e peccador se veja...
Só proprio é de um porteiro de audiencia.
E se nisto mal digo, ou me engano;
Eu me remetto á Santa Madre Igreja.

Desenganos da vida humana.

É a vaidade, oh Fabio, nesta vida,
Roza, que da manhã lisonjeada,
Purpuras mil, com ambição doirada,
Airosa rompe, arrasta presumida.
É planta, que de Abril favorecida,
Por mares da soberba desatada,
Florida galeota empavezada,
Sulca ufana, navega destemida.
É náu, emfim, que em breve ligeireza,
Com presumpção de Phenix generosa,
Galhardias aposta com presteza.
Mas ser planta, ser rosa e náu vistosa,
De que importa, se a guarda, sem defeza,
Penha a náu, ferro a planta, tarde a rosa?

Ao mesmo assumpto.

São neste mundo imperio de loucura,
Posse, engenho, nobreza e galhardia,
Os padrões da vaidade, em que confia
A presumpção dos homens sem cordura.
Mas se em cinzas se torna a formosura,
Se em cadaver a muda fidalguia,
É palestra do engenho a campa fria,
Se da riqueza é cofre a sepultura.
És tronco na dureza empenhascado;
És homem, mais que a rocha empedernido;
És marmore na constancia do peccado.
Como vives, ó homem presumido,
Vendo qual ha de ser teu triste estado,
Se és galan, nobre, rico ou entendido.

Estando para morrer.

Pequei, senhor: mas não porque hei peccado,
Da vossa alta piedade me despido:
Antes quanto mais tenho delinquido,
Vos tenho a perdoar mais empenhado.
Se basta a vos irar tanto peccado,
A abrandar-vos sobeja um só gemido:
Que a mesma culpa, que vos ha offendido,
Vos tem para o perdão lisonjeado.
Se uma ovelha perdida, já cobrada,
Glória tal, e prazer tão repentino
Vos deu, como afirmais na Sacra História:
Eu sou, senhor, ovelha desgarrada;
Cobrai-a; e não queirais, Pastor Divino,
Perder na vossa ovelha a vossa glória.

Idem

Meu Deus, que estais pendente em um madeiro,
Em cuja fé protesto de viver;
Em cuja santa lei hei de morrer,
Amoroso, constante, firme e inteiro.
Neste trance, por ser o derradeiro,
Pois vejo a minha vida anoitecer,
É, meu Jesus, a hora de se ver
A brandura de um pai, manso cordeiro.
Mui grande é vosso amor, e o meu delicto:
Porém, pode ter fim todo o peccar,
Mas não o vosso amor, que é infinito.
Esta razão me obriga a confiar,
Que por mais que pequei, neste conflicto
Espero em vosso amor de me salvar.

Ha coiza como ver um "Payayá"
Mui prezado de ser caramurú
Descendente de sangue de tatú,
Cujo torpe idioma é "copebá"!
A linha feminina é cariná,
Moqueca, petitinga, carimá,
Mingáu de puba, vinho de cajú,
Pisado n'um pilão de Pirajá:
A masculina é um Aricobê,
Cuja filha Cobê c'um branco Pahy
Dormiu no promontorio de Pacé:
O branco era um maráo que veiu aqui;
Ella era uma India de Maré,
Copebá, Aricobê, Cobê, Pahy.

LITIGIOSAS

ENTRE OS DOIS IRMÃOS

GREGORIO E EUSEBIO DE MATTOS

LITIGIOSAS

ENTRE OS DOIS IRMÃOS

GREGORIO E EUSEBIO DE MATTOS

Aos tormentos de Christo

Sedenta estava a crueldade humana
De aggravos, e tormentos
Contra a Excelsa Divina Magestade,
Doce emprêgo de amor, summa bondade;
Que conhecendo a sem-razão tirana,
E os bárbaros intentos, entre vicios,
Com que deixando tantos beneficios,
Prodigios e favores;
Os homens lhe pagavam com rigores:
De um fino amor e paciencia armado,
Se entrega a padecer com tal cuidado;
Que o tormento que instantes lhe faltava,
Maior tormento a seus desejos dava.

O odio os inculcava á cega gente;
Pois a um Deus, summo bem Omnipotente,
Rei dos ceos e da terra,
A paz dos anjos, e do inferno guerra;
A cuja voz os orbes se estremecem,
E a agua e ar, terra e fogo lhe obedecem:
Chegam a acclamar rei de zombaria;

E com tal ousadia,
Que usurpando-lhe o culto merecido,
Ao verdadeiro tractam por fingido:
Que até um Deos, que a réo se ha sujeitado,
Como, fingido rei se viu tractado;
Que causa quem se humilha, em baixos peitos
Destruição de cultos e respeitos.

De espinhos a coroa lhe teceram;
E se outra mais cruel tecer poderam,
Fazer-lha de si proprios, não se ignora
Que cada coração espinho fôra.
Setenta e duas fontes caudalosas
Da sagrada cabeça desatadas,
De purpura banhadas
Deixaram frescas rosas,
Não em botão formosas:
E vendo o puro sangue verdadeiro
De Christo, innocentissimo cordeiro,
Cada qual torna a Deus o fabuloso,
Fazendo esperdiçar o precioso;
Pois o divino sangue parecia,
Quando ao rosto descia,
Entre magoas e penas
Chuveiros de rubins sobre assucenas.

Mas quem viu, doce agrado dos meus olhos,
Jámais a flor ferida dos abrolhos?
Porém, como entre romanas mãos se viram,
Da condição de homens se vestiram;
Porque da flor, jámais a formosura
Dos homens entre as mãos viveu segura.

Deixai, Senhor, que sinta o meu cuidado,
Ao verdadeiro amor vel-o vendado;
Pois o que a um Deus mentido
Fez a gentilidade; hoje atrevido
Fazel-o a vós, que sois Deus de verdade!
Oh vã gentilidade!

Se bem, Senhor, com tanta differença,
Que elle sôlto se vê; vós, meu Bem, prêzo:
Ele venerações, e vós desprêzo.
Mas sendo vós, Senhor, lince divino,
Foi cego desatino;
E este injusto rigor soffrer não posso.
Mas permittil-o, foi misterio vosso;
Porque as finezas vendo entre os amargos,
Tapais os olhos por não ver estragos.
E se acaso esses olhos soberanos
Tapais, só por não ver olhos humanos:
Da minha alma tirai a torpe venda,
Porque vendo quem sois, não vos offenda.

Aos açoites de Jesus Christo

Oh céga tyrannia,
Armada de furor e de ousadia,
Que (innocente cordeiro) vos condemna
Do mundo á mais vil pena!
Mas, se por livrar-me dos maiores,
Vos sujeitais dos homens aos rigores;
Com razão devo crer, pelo que vejo,
Satisfaz seu rigor vosso desejo:
Pois, como a vil escravo,
A fineza trocando pelo aggravo,
E vos querem matar, porque não querem.

Á lançada que soffreu Jesus Christo

Sacrilego e arrojado,
Sem vista, e cego de odio um cruel soldado,
Com lança penetrante,

Rompe atrevido o peito mais amante:
Mas, por lavar offensas rigorosas,
Fonte de brancas e encarnadas rosas
A offensa procurou tão apressada
Que pelos olhos dentro d'alma entrada,
Aquelle que não cria no que não via,
Creu no que via, e viu o que não cria;
E com o poder divino,
Lhe deu seu desatino o melhor tino:
Pois vendo o lado aberto a seu respeito,
Em lagrimas desfeito,
O coração de dôr quiz Deus se armasse,
Porque á ponta de lança o ceo ganhasse.

Ao Ecce Homo

Hoje, que tão demudado,
Vos vejo, por meu amor,
Espero, emfim, meu senhor,
Me hei de ver por ganhado.
Satisfazei meu cuidado,
Já que assim vos chego a ver;
Pois só vós podeis fazer,
No mal que sentindo estou,
Que deixe de ser quem sou,
E seja como hei de ser.

Já vejo aos homens clamar
Por vossa morte, impacientes;
E dos tormentos presentes,
Inda a mais querem appellar.
Os termos se hão de trocar,
Que hoje a fé quer advertida,
Vendo em pena tão crescida,
A que é bom que se reporte,

Clamar porque vos dêm morte;
Clamar a vós me deis vida.

Pilatos compadecido
De vos ver como vos via,
Outra condição vestia
Pâra vos mostrar despido.
Eu tambem, amor querido,
Vendo excesso tão atroz,
E o estado em que vos poz
O impio povo ruim;
Já que vos despem por mim,
Me quero eu despir por vós.

Dispam-se contentos vãos,
Loucuras, cegas vaidades;
Atem-se as mãos ás maldades,
Se á bondade lhe atam mãos:
Fiquem pensamentos sãos,
E a soberba se desfaça:
No peito a humildade nasça;
Morra a culpa, que me priva;
Porque não é bem que eu viva
Quando morre o auctor da graça.

Este é o homem (dizia
Pilatos, que se enternece)
Mas quem a Deus desconhece,
Mal conhecer-se podia.
A minha esperança fia
De vós, que alentos lhe dá
Uma fé, que viva está;
Que do amor no desempenho,
Conheça o mal que em mim tenho
E veja o bem que em vós ha.

Correu-se a nuvem sagrada
Dessa vossa vestidura;
E do sol a formosura
Se mostrou toda eclipsada!

A flor, por homens pisada?
Oh que pena me causais!
Pois quando assim vos mostrais,
Conheço, ó pai amoroso,
Que por seres tão piedoso,
A tal piedade chegais

A barbara crueldade
Dos homens, senhor, me admira;
Pois se vestem da mentira
Para despir a verdade:
Não querem ter piedade,
Porque os céga a sem-razão;
Porém, não é muito, não,
Quando o seu rigor os prostra,
Que com paixão se mostra,
Mal póde ter compaixão.

Hoje me guia o destino
A amar-vos; que não é bem
Tenha amor grosseiro a quem
Tem em vós amor tão fino:
Pois, quando a amar-vos me inclino,
Maior culpa amada prenda,
Fôra amar-vos sem emenda;
Porque vendo esse amor vosso,
Se offender-vos ver não posso,
Como é bem que vos offenda?

Salve Rainha glozada

Salve celeste pombinha;
Salve Divina Belleza;
Salve dos Anjos Princeza;
E dos Ceos *Salve Rainha.*

Sois graça, luz e concordia
Entre os maiores horrores;
Sois guia de peccadores
Madre de Misericordia.
Sois divina formosura;
Sois entre as sombras da morte,
O mais favoravel Norte;
E sois da *vida doçura.*
Porto, em que mais se resalve
Nossa fé que sois se alcança:
Sois, por ditosa esperança,
Esperança nossa: salve.
Vosso favor invocâmos
Como remedio o mais raro;
Não nos falte o vosso amparo;
E vêde que *a vós bradâmos.*
Os da patria desterrados,
Viver da patria desejam,
Quereis vós, que della sejam
Deste mundo *os degradados?*
Se Deus tanto agrado leva
De com os homens viver,
Como póde ausentes ver,
Os mesmos *filhos de Eva?*
Humildes vos invocâmos
Com rogos enternecidos;
E a esse amparo rendidos,
Senhora, *a vós suspiramos.*
Se Deus nos perdôa, quando
A nossa culpa é chorada;
Todos, por ser perdoada,
Estão *gemendo e chorando.*
Mas vós, por quem mais se vale
Lirio do valle, chorais?
E o vosso pranto val mais
Neste de lagrimas valle.
Já que tão piedosa sois,
Senhora, com o vosso rôgo,
Alcançai-nos perdão logo;
Apressai-vos: *eia pois.*

Porque desde agora possa
Triumphar qualquer de nós
De inimigo tão atroz,
Pedí, *advogada nossa.*
E em quanto nestes abrolhos
Do mundo, postos estâmos;
De nós, que o caminho errâmos,
Não tireis *os vossos olhos.*
Sejam sempre piedosos
Pâra nos favorecer;
E pâra nos defender
Sejam *misericordiosos.*
Pois remediar nos quereis
De vossos olhos co'a guia,
Gloriosa Virgem Maria
Sempre elles *a nós volvei.*
Livrai-nos de todo o erro,
Pâra que assim consigâmos
Graça, em quanto aqui andâmos,
E depois deste desterro.
E pois vosso filho é a luz,
E alumiar-nos quereis;
Pâra que esta luz mostreis,
Nos amostrai a Jesus.
E se como raio bruto
O fructo vemos vedado;
N'outro paraiso dado,
Veremos o *bento fructo.*
Em nossos corações entre
Seu amor; pois é razão,
Seja meu do coração
O que foi *do vosso ventre.*
De Jericó melhor rosa,
Puro e candido jasmim,
Quereis vós que seja assim,
Oh clemente! oh piedosa!
Tenhamos nossa alegria;
Esta doçura tenhamos;
Pois que tanta em vós achâmos
Oh doce Virgem Maria!

Se quem mais póde sois vós
Chegando a Deus a pedir;
Pâra melhor vos ouvir,
Pedí, e *rogai por nós*.
Que então, os favores seus
Muito melhor segurâmos;
Pois que nelles empenhâmos
A Santa Madre de Deus.
Dai-nos fortaleza e tinos,
Deste mundo contra os sustos;
Porque os bens sigamos justos,
Pâra que sejamos dignos.
E se nos concedeis isto
Que vos pede o nosso rôgo,
Mui dignos nos fazeis logo
Ser *das promessas de Christo*.
Seja pois, divina luz;
Melhor estrella, assim seja,
Para que por vós se veja
Vosso amparo. *Amen Jesus*.

A Soledade da Virgem Maria

Nos braços do occidente, agonisava
Em cristalino leito o pai do dia;
E a noite o negro manto desatava,
E de palidas sombras se vestia:
Quando a sentir saudades me apartava
Do melhor sol a aurora de Maria;
Acompanhando-a em seus mortais retiros
Ancias, penas, cuidados e suspiros
Pérolas, que das conchas divididas,
Baixavam a eclipsados resplendores,
Sendo de um fogo amante produzidas,
Vitais borrifos são das lindas flores;
Pois quando mais da lástima impellidas,
Do prado lisongeam os verdores;

Produzem com mortiferos ensaios,
Magoados abrís, saudosos maios.
A régia flor da rosa bella e pura,
O saudoso pranto em si recebe;
E por dar melhor gala á formosura,
Por copos de coral aljofar bebe;
Quando em Maria a pena mais se apura,
Brancas venturas seu carmim concebe;
Que póde a saudade rigorosa,
Fazer sua belleza venturosa.
Mas ainda assim, sentida e magoada,
A Maria acompanhada em seu tormento;
Que nos braços da pena desmaiada,
Só sente em si com vida o sentimento
Da vida de seus olhos apartada,
Tanto entrega o motivo ao pensamento;
Que o filho a quem lamenta sepultado,
Testemunha é fiel do seu cuidado.
Um ai lisongear a dor queria,
E a mesma dor no peito o embargava;
Porque uma dor a outra reprimia,
Quando um tormento a outro só buscava.
O melhor dos sentidos padecia,
Porque o melhor cuidado lhe faltava;
Sendo do coração em laço estreito,
Centro o sepulcro, e sepultura o peito.
Vendo sem luz o sol, que o mundo adora,
Murcha do prado a flor mais peregrina,
Ficou sem luz a mais suprema aurora,
Sem resplendor a estrella matutina.
Nas saudosas lagrimas que chora,
Firme levanta os creditos de fina;
Porque menos de dor a dor tivera,
Se o pranto um só suspiro interrompera.
Com o tormento a lingua emmudecida,
O coração no peito lhe falava;
E quando o écco n'alma repetia,
Resposta o coração reverberava,
Ai saudade! (o coração dizia)
Ai solidão! (a alma articulava)

Se uma dor, que está viva, é mais violenta,
A alma tem esta dor, que me atormenta.
Já sem a luz do claro sol ausente,
Me tem a saudade em noite escura;
Sendo a pena maior, que esta alma sente,
O ter a sua glória em sepultura.
A dor da solidão é tão vehemente,
E padecel-a tanto o amor procura;
Que quando alivio a tanto mal se achara,
Só por padecer mais, o não buscára.
Oh quanto agora, amado filho, oh quanto
Me lembra, que em Belem, em doces laços,
Vi vosso pranto alívio de meu pranto,
Sendo oriente desse sol meus braços!
Agora, em solitario e triste espanto,
Sigo daquellas lagrimas os passos;
E vem a agradecer lagrimas finas,
Favores de outras lagrimas divinas.
No vosso oriental oitavo dia,
Thesouro de rubins se antecipava;
Pois poucas dilações amor soffria;
Pressa para correr ao sangue dava.
Bem sei daquella dor que então sentia,
Meu bem, que a minha dor profetisava;
Sendo de amor aquelle humilde excesso,
Annuncio á solidão que hoje padeço.
De poderosos reis, pobres pastores,
Em meus braços vos vistes adorado;
Porqu' os vossos divinos resplendores,
Lhe haviam clara luz nas almas dado.
Mas agora sendo alvo dos rigores
Vos vistes pelos homens ultrajado —..
Nos braços de Simião, amor, quizestes
Passar das minhas mãos apresentado;
E como em mãos dos homens vos pozestes,
Logo andou com cuidado o meu cuidado;
Pois pelos homens hoje a ser viestes
Nos braços de uma cruz crucificado;
Para nesse sepulchro, que venero,
Ver a um Deos por querer, que tanto quero.

Já da minha amorosa companhia
Um tempo, oh doce amor, vos apartastes;
E por dar luz a quem a luz não via,
Sendo a luz de meus olhos, me deixastes.
Hoje, por semrazões da tyrannia,
Sem vós fiquei, e vós sem mim ficastes;
Que como estou sem mim, filho querido,
Nem em mim posso achar o que hei perdido.

Como penas procura o pensamento
Neste meu solitario e triste estado,
Quer meu amor, para maior tormento,
Que sem pena imagine o meu cuidado.
Se ao coração as penas dão sustento,
Não seja o coração alimentado;
Pois receio, na pena, encarecida,
Que deem ao coração as penas vida.

Sentindo a dor da vossa soledade,
Oh quem, pura Maria, hoje podéra,
As âncias reprimindo da vontade,
Tornar do peito o bronze em branda cera!
Porque em vossa maior penalidade,
Meu pranto companhia vos fizera;
E se eu sentir a vossa dor me víra
Não sentir como vós é que sentíra.

Tornada a rosa em candida assucena,
Publíca a vossa dor vosso semblante;
A quem o coração, de mágoa e pena,
Mil correios envia a cada instante.
Que suspireis, senhora, o amor ordena
Pelo querido filho, e doce amante:
Suspirai Virgem pura; que eu bem vejo
Ser pena o suspirar, porque é desejo.

Já sem acção nenhuma de vivente
Vos tem a triste dor, que o peito encerra,
Padecendo na lástima presente,
Em campanha de amor, saudosa guerra.
A vossa dor a morte não desmente;
E a vossa pena a vida não desterra;
Que viva estais, da pena magoada;
E morta, porque a vida está apartada.

Em quarta feira de Cinzas

Q'és terra, ó homẽ, e em terra has de tornar-te,
Te lembra hoje Deus por sua igreja:
De pó te faz o espelho, em que se veja
A vil materia de que quiz formar-te.
Lembra-te Deus, que és pó, para humilhar-te;
E como teu baxel sempre fraqueja,
Nos mares da vaidade, onde peleja,
Te põe á vista a terra onde salvar-te.
Alerta, alerta, pois o vento berra;
E se sopra a vaidade e incha o panno,
Na proa a terra teme, amaina, ferra.
Todo o lenho mortal, baxel humano,
Se busca a salvação, tome hoje terra;
Que a terra de hoje, é porto soberano.

GLOZA

Quão elevado vives neste mundo
Com os vicios crueis, a que te apegas.
Sem temeres que ha Deus, e que há profundo
Inferno, para onde mais te chegas!
Homem; não sabes, que do mais immundo
Barro, Deus te formou? Pois como entregas
Toda a vida a deleites, sem lembrar-te
Q'és terra, ó homem, e em terra has de tornar-te?
Essa galla, que ostentas desta vida,
Com tão desvanecido fundamento,
Has de ver brevemente reduzida
Em pó e cinza, que consome o vento.
Repara em tal razão mais advertida,
Da verdade infallivel documento;
E além de eu t'o lembrar, bem é se veja
Te lembra hoje Deus por sua Igreja.
O pai universal, que Deus criou
Então primeiro homem, sem segundo,
Não o fez de um vil pó quando o formou?

Pois que presumes tu que és neste mundo?
Se descendes de Adão; quem te enganou
Em não conhecer teu ser immundo?
Repara em ti; porque hoje Deus e a Igreja,
De pó te faz o espelho em que se veja.
Presumes que ha de ser teu ser eterno?
Depois da morte, não se segue a conta?
Não conheces que ha Ceo, e que ha Inferno,
Onde a minima culpa se desconta;
E pois Deus, como amigo o mais interno,
Hoje com a graça as culpas te desconta;
Repara em ti, verás, para humilhar-te,
A vil materia de que quiz formar-te.
Dize, com que razão te persuades
Com soberba não ter emenda aos vicios?
A morte não respeita magestades:
Todos sentem a tempo os precipicios,
Hoje, repara bem, que com piedades,
Com santo zelo, santos exercícios
Só para do vil mundo retirar-te
Lembra-te Deus que és pó, para humilhar-te.
Qual o lenho, que surva o mar Oceano
Para chegar ao porto dezejado;
E que quando navega mais ufano,
Se vê da tempestade derrotado:
Assim é teu baxel no mar mundano;
Aonde, sem remedio e com cuidado,
Verás o como a vida aqui peleja,
E como teu baxel sempre fraqueja.
Um inimigo grande tens comtigo,
Que é sempre a vaidade: que te tenta,
Foge pois do rancor deste inimigo,
Que só precipitar-te ao mal intenta:
Busca a Deus como brando e doce amigo;
Para que esse tyranno, que te augmenta
Os peccados, com Deus vencido seja
Nos mares da vaidade, onde peleja.
Para que neste mar tanto te alargas,
Se a tempestade á vista tens defronte?

Vê que só de peccados levas cargas,
E que vai teu baxel de monte a monte.
O piloto sagaz a quem te encargas,
Para o rio te leva de Acheronte:
Arriba a traz; que Deus para livrar-te,
Te põe á vista a terra onde salvar-te.

E já que para a terra Deus te guia,
A onde certa tens a salvação,
Não te engane do mundo a fantazia:
Busca esta terra, que é da Promissão.
O vento da vaidade aqui porfia,
Porque não quer que á terra chegues, não:
Olha que sopra muito; toma terra:
Alerta, alerta, pois o vento berra.

Caminha para a terra sem mudança;
Passa este mar de culpas desastrado;
Chegarás logo ao Cabo da Esperança,
De tantos navegantes dezejado.
Em chegares a terra, o bem se alcança;
Vigia, navegando com cuidado,
Se se levanta o mar cruel mundano,
E se sopra a vaidade e incha o panno.

Não busques outra terra, que esta é boa:
Navega em quanto o mar te dá bonança;
Se o vento da vaidade já não sôa,
Cumprida te será tua esperança.
Não ponhas n'outra terra a tua proa;
Navega, sem fazeres mais mudança:
E se em chegar á terra o bem se encerra,
Na proa a terra teme, amaina, ferra.

Se acaso, de mundano mar batido,
Attento o teu baxel chega a tal terra,
Nesta terra ha de ser bem recebido;
Que nesta terra todo o bem se encerra:
Não receies que seja accomettido
Do inimigo cruel, que te faz guerra:
Que nesta terra, livre está do damno
Todo o lenho mortal, baxel humano.

Quem como alma devota enternecida
A esta terra chegar, é de tal sorte

Que além de conservar a eterna vida,
Prezerva a todos de uma escura morte.
E pois Deus como amante, te convida
A salvar-te por este sacro norte;
Se teu baxel periga em mar com guerra,
Se busca a salvação, tome hoje terra.
Desta terra farás um forte muro,
Onde das tentações terás victória:
Se aqui se espera todo o bem futuro,
Por meio desta terra irás á glória.
Esta terra, é do ceo pôrto seguro;
Chega, oh lenho mortal, que está notoria
A salvação que buscas a teu damno;
Que a terra de hoje é porto soberano.

A S. Francisco

Oh magno serafim, que a Deus voaste
Com azas de humildade e paciencia;
E absorto já nessa divina essencia
Logras o eterno bem a que aspiraste!
Pois o caminho aberto nos deixaste
Pâra alcançar de Deus tambem clemencia,
Na ordem singular da penitencia,
D'estes filhos terceiros, que creaste.
A filhos (como pai) olha queridos;
E intercede por nós, Francisco santo,
Para que te sigamos e imitemos.
E assim, desse teu habito vestidos
Blazonemos na terra de bem tanto,
Que depois pâra o Ceo juntos voêmos.

Á canonisação do beato Stanisláu

Na conceição o sangue esclarecido;
No nascimento a graça confirmada;
Na vida a perfeição mais regulada;
E na morte o triunfo mais luzido:
O sangue mal na Europa competido;
A graça nas acções sempre admirada;
A perfeição no breve consumada;
O triunfo no eterno merecido.
Tudo se vinculou ao ser profundo
De Stanisláo; que a glória do seu norte,
Foi ser portento ao ceo, prodigio ao mundo.
Por isso teve a fama de tal sorte,
Que o fazem nella vindos, sem segundo,
Conceição, nascimento, vida e morte.

MANOEL BOTELHO D'OLIVEIRA

MANOEL BOTELHO D'OLIVEIRA

Corriam os primeiros annos do seculo passado quando um velho brazileiro, filho da Bahia, se deliberava a apparecer em público com um volume de poesias. De idade quasi septuagenaria quer legar á posteridade o fructo de suas vigilias, e as provas de que foi um dos applicados que depois das guerras dos hollandezes appareceram a porfiar na tentativa de lançar os fundamentos da Poesia Brazileira. Seus collegas no mesmo intento já estavam mortos; mas delles as obras, que só existiam em mãos de particulares manuscriptas, iam desapparecendo, e o velho septuagenario, a quem nos referimos, quer evitar que o mesmo succeda ás suas. — Em 1703 trata-se das licenças para a impressão. Prosegue esta em Lisboa pelo anno de 1704 na officina de Miguel Manescal, typographo do Santo Officio; e finalmente em principios de 1705 sae a público um volume em 4.º de 340 paginas, com este titulo — *Musica do Parnasso, dividida em quatro côros de rimas portuguezas, castelhanas, italianas e latinas, com seu descante comico reduzido em duas comedias.*

Chama-se o velho autor da obra Manoel Botelho de Oliveira; é capitão mór, e é além disso fidalgo da casa real. Nascido em 1636, fôra por seu pai o capitão de infanteria Antonio Alvares de Oliveira, mandado a Coimbra, estudar a jurisprudencia em tempo de Gregorio de Mattos. Em Portugal se aperfeiçoou na ingua latina, e se dedicou á italiana, e ainda mais á castelhana, que era

então moda, principalmente para os apologistas do Gongora e do gôsto chamado *culto*, que tanto exercitavam os academicos *Singulares* de 1663 a 1665, e haviam exercido annos antes os *Generosos* tendo á sua parte Francisco Manoel.

Botelho de Oliveira regressando á Bahia lá exercêra por muitos annos a advocacia sendo algum tempo vereador da camara da mesma cidade. — O seu nobre porte grangeou-lhe sempre ahi consideração, já para com os governadores, que talvez alguma vez adulava, já para com a demais sociedade, em geral bastante literaria, segundo o proprio Botelho de Oliveira, que nol-o confirma na sua dedicatoria:

"Nesta America, inculta habitação antigamente de barbaros indios, mal se podia esperar que as Musas se fizessem brazileiras; comtudo quizeram tambem passar-se a este emporio, onde, como a doçura do assucar é tão sympathica com a suavidade do seu canto, acharam muitos engenhos que, imitando aos poetas da Italia e Hespanha, se applicassem a tão discreto entretenimento, para que se não queixasse esta última parte do mundo, que assim como Apollo lhe communica os raios para os dias, lhe negasse as luzes para os entendimentos. Ao meu, posto que inferior aos de que é tão fertil este paiz, dictaram as Musas as presentes rimas, que me resolvi expôr á publicidade de todos, para ao menos ser o primeiro filho do Brazil, que faça pública a suavidade do metro, já que o não sou em merecer outros maiores creditos na poesia."

Com estes "maiores creditos" allude seguramente Botelho aos dois irmãos Mattos, e a Bernardo Vieira Ravasco, de quem diz Barbosa vira seu irmão quatro volumes manuscriptos na Bahia; mas infelizmente não chegaram a nosso conhecimento senão algumas poesias in-

significantes em castelhano. — E quem sabe se alludia tambem já a Brito de Lima, e ao Itaparicano, dos quaes adiante nos vamos occupar.

Não fazemos aqui considerações criticas sôbre as composições contidas na *Musica do Parnasso*, pois terão ellas melhor cabida n'outro logar. — Limitemo-nos a sentir que o autor seguisse a maxima de demorar as obras para bem as corrigir, com tanta exaggeração que se reservasse só a publical-as, e provavelmente a corrigil-as de todo, na caducidade. — Se os sons da *Musica* não são desacordes e não dão a conhecer um ouvido cansado, ha muitas poesias que indicam que as faculdades inventivas estavam attenuadas. Não porém nas que escolhemos para amostra.

Manoel Botelho de Oliveira passou a melhor vida aos 5 de Janeiro de 1711. — A sua obra é rara, mas pouco procurada. A Academia de Lisboa declarou-a classica de linguagem no que está em portuguez.

[A biografia de Manuel Botelho de Oliveira pouco há que acrescentar:

— Na Bahia combateu os mocambos de Papagáio, Rio-Pardo e Gameleira, em Jacobina, e obteve o cargo de capitão-mor desses distritos por ter emprestado a quantia de 22.000 cruzados de sua fazenda para a criação da Casa da Moeda, *Anais do Arquivo Público da Bahia*, VI, ps. 203.

— Botelho de Oliveira foi casado primeira vez com D. Antônia de Meneses; enviuvando, contraiu novas núpcias com D. Felipa de Brito Freire, filha de Estêvão de Brito Freire e de sua mulher D. Violente de Meneses, em 24 de janeiro de 1677, Jaboatão, *Catálogo Genealógico*, ps. 112.

— *Musica do Parnasso* e *Ilha de Maré* tiveram segunda edição na Coleção Afrânio Peixoto, da Academia Brasileira, Rio de Janeiro, 1929.

Veja a biografia pelo Autor, *Revista do Instituto Histórico*, IX, ps. 124/126. — Varnhagen, *História Geral do Brasil*, III, ps. 336, nota. Botelho de Oliveira é patrono da cadeira n. 3 dos membros correspondentes da Academia Brasileira. — R. G.]

A ilha de Maré

Jaz em obliqua fórma e prolongada
A terra de Maré, toda cercada
De Neptuno, que tendo o amor constante,
Lhe dá muitos abraços por amante;
E botando-lhe os braços dentro della
A pretende gozar, por ser mui bella.
Nesta assistencia tanto a senhorea,
E tanto a galantea,
Que do mar de Maré tem o appellido,
Com quem présa o amor de seu querido:
E por gôsto das prendas amorosas
Fica maré de rosas,
E vivendo nas âncias successivas,
São do amor marés vivas;
E se nas mortas menos a conhece,
Maré de saudades lhe parece.
Vista por fóra é pouco apetecida,
Porque aos olhos por feia é parecida;
Porém dentro habitada
É muito bella, muito desejada,
É como a concha tosca e deslustrosa,
Que dentro cria a perola formosa.
Erguem-se nella outeiros
Com soberbas de montes altaneiros,
Que os valles por humildes despresando,
As presunmpções do mundo estão mostrando,
E querendo ser principes subidos
Ficam os valles a seus pés rendidos.
Por um e outro lado
Varios lenhos se vêem no mar salgado.
Uns vão buscando da cidade a via,
Outros della se vão com alegria;
E na desigual ordem
Consiste a formosura na desordem.
Os pobres pescadores em saveiros,
Em canoas ligeiros,

Fazem com tanto abalo
Do trabalho maritimo regalo!
Uns as redes estendem,
E varios peixes por pequenos prendem;
Que até nos peixes com verdade pura
Ser pequeno no Mundo é desventura;
Outros no anzol fiados
Tem aos miseros peixes enganados,
Que sempre da vil isca cubiçosos
Perdem a propria vida por gulosos.
Aqui se cria o peixe regalado
Com tal sustancia, e gosto preparado,
Que sem tempero algum para apettite
Faz gostoso convite
E se póde dizer em graça rara
Que a mesma natureza os temperára.
Não falta aqui marisco saboroso,
Para tirar fastio ao melindroso;
Os polvos radiantes,
Os lagostins flammantes,
Camarões excellentes,
Que são dos lagostins pobres parentes;
Retrogrados c'ranguejos,
Que formam pés das boccas com festejos,
Ostras, que alimentadas
Estão nas pedras, onde são geradas,
Em fim tanto marisco, em que não falo,
Que é vario pexerril para o regalo.

As plantas, sempre nella reverdecem,
E nas folhas parecem,
Desterrando do Inverno os desfavores,
Esmeraldas de Abril em seus verdores,
E dellas por adorno apetecido
Faz a divina Flora seu vestido.
As fruitas se produzem copiosas,
E são tão deleitosas,
Que como junto ao mar o sitio é posto,
Lhes dá salgado o mar o sal do gôsto.
As canas fertilmente se produzem,

E a tão breve discurso se reduzem,
Que, porque crescem muito,
Em dôze mezes lhe sazona o fruito,
E não quer, quando o fructo se deseja,
Que sendo velha a cana, fertil seja.
As laranjas da terra
Poucas azedas são, antes se encerra
Tal doce nestes pomos,
Que o tem clarificado nos seus gomos;
Mas as de Portugal entre alamedas
São primas dos limões, todas azedas.
Nas que chamam da China
Grande sabor se afina,
Mais que as da Europa doces e melhores,
E têem sempre a vantagem de maiores,
E nesta maioria,
Como maiores são têem mais valia.
Os limões não se presam,
Antes por serem muitos se despresam.
Ah! se a Hollanda os gozára!
Por nenhuma provincia se trocara.
As cidras amarellas
Caindo estão de bellas,
E como são inchadas, presumidas,
É bom que estejam pelo chão caídas.
As uvas moscateis são tão gostosas.
Tão raras, tão mimosas,
Que se Lisboa as vira, imaginara
Que alguem dos seus pomares as furtára;
Dellas a producção por copiosa
Parece milagrosa,
Porque dando em um anno duas vezes,
Geram dous partos, sempre, em dôze mezes.
Os melões celebrados
Aqui tão docemente são gerados,
Que cada qual tanto sabor alenta,
Que são feitos de assucar e pimenta,
E como sabem bem com mil agrados,
Bem se póde dizer que são lettrados;
Não falo em Valariça, nem Chamusca:

Porque todos offusca
O gôsto destes, que esta terra abona
Como proprias delicias de Pomona.
As melancias com igual bondade
São de tal qualidade,
Que quando docemente nos recreia,
É cada melancia uma colmeia,
E ás que tem Portugal lhe dão de rosto,
Por insulsas aboboras no gôsto
Aqui não faltam figos,
E os solicitam passaros amigos,
Appetitosos de sua doce usura,
Porque cria appetites a doçura;
E quando acaso os matam
Porque os figos maltratam,
Parecem mariposas, que embebidas
Na chama alegre, vão perdendo as vidas.
As romãs rubicundas quando abertas
Á vista agrados são, á lingua offertas,
São thesouro das fruitas entre afagos,
Pois são rubis suaves os seus bagos
As fruitas quasi todas nomeadas
São ao Brazil de Europa trasladadas,
Porque tenha o Brazil por mais façanhas
Além das proprias fruitas, as estranhas.

E tratando das proprias, os coqueiros,
Galhardos e frondosos,
Criam cocos gostosos;
E andou tão liberal a natureza
Que lhes deu por grandeza,
Não só para bebida, mas sustento,
O nectar doce, o candido alimento.
De várias côres são os cajús bellos,
Uns são vermelhos, outros amarellos,
E como vários são nas várias côres,
Também se mostram vários nos sabores;
E criam a castanha,
Que é melhor que a de França, Italia, Hespanha.
As pitangas fecundas

São na cor rubicundas,
E no gôsto picante comparadas
São da America ginjas disfarçadas.
As pitombas douradas, se as desejas,
E para terem o primor inteiro
A ventagem lhes levam pelo cheiro.
Os araçazes grandes ou pequenos,
Que na terra se criam mais ou menos,
Como as peras de Europa engrandecidas,
Como ellas variamente parecidas.
Tambem se fazem dellas
De várias castas marmeladas bellas.
As bananas no mundo conhecidas
Por fructo e mantimento appetecidas,
Que o céo para regalo e passatempo
Liberal as concede em todo o tempo,
Competem com maçãs ou baonesas,
Com peros verdeaes ou camoesas:
Também servem de pão aos moradores,
Se da farinha faltam os favores;
É conducto tambem que dá sustento,
Como se fôsse próprio mantimento;
De sorte que por graça ou por tributo
É fructo, é como pão, serve em conducto.
A pimenta elegante
É tanta, tão diversa e tão picante,
Para todo o tempero accomodada,
Que é muito avantajada,
Por fresca, e por sadia
A que na Azia se gera, Europa cria;
O mamão por frequente
Se cria vulgarmente,
E não présa o Mundo,
Porque é muito vulgar em ser fecundo.
O maracujá tambem gostoso e frio
Entre as fruitas merece nome e brio;
Tem nas pevides mais gostoso agrado
Do que assucar rosado;
É bello, cordeal, e como é molle,
Qual suave manjar todo se engole.

Vereis os ananazes
Que para rei das fruitas são capazes;
Vestem-se de escarlata
Com magestade grata,
Que para ter do Imperio a gravidade
Logram da corôa verde a magestade;
Mas quando tem a corôa levantada
De picantes espinhos adornada,
Nos mostram que entre reis, entre rainhas
Não ha corôa no Mundo sem espinhas.
Este pomo celebra toda a gente,
É muito mais que o pecego excellente,
Pois lhe leva a vantagem gracioso
Por maior, por mais doce e mais cheiroso.

Além das fruitas, que este terra cria,
Tambem não faltam outras na Bahia;
A mangava mimosa
Salpicada de tintas por formosa,
Tem o cheiro famoso
Como se fôra almiscar oloroso;
Produz-se no mato
Sem querer da cultura o duro trato,
Que como em si toda a bondade apura,
Não quer dever aos homens a cultura.
Oh que galharda fruita e soberana
Sem ter indústria humana!
E se Jove as tirara dos pomares,
Por Ambrosia as puzera entre os manjares!
Com a mangava bella a semelhança
Do macujé se alcança,
Que tambem se produz no mato inculto
Por soberano indulto,
E sem fazer ao mel injusto aggravo,
Na bocca se desfaz qual doce favo.

Outras fruitas dissera, porém basta
Das que tenho descripto a vária casta,
E vamos aos legumes, que plantados
São do Brazil sustentos duplicados:

Os mangarás que brancos ou vermelhos,
São da abundancia espelhos;
Os candidos inhames, se não minto,
Podem tirar a fome ao mais faminto.
As batatas, que assadas ou cozidas
São muito appetecidas;
Dellas se faz a rica batatada
Das Belgicas nações sollicitada.
Os carás, que de roxo estão vestidos,
São loyos dos legumes parecidos,
Dentro são alvos, cuja cor honesta
Se quiz cobrir de roxo por modesta.
A mandioca, que Thomé sagrado
Deu ao gentio amado,
Tem nas raizes a farinha occulta:
Que sempre o que é feliz, se difficulta.
E parece que a terra de amorosa
Se abraça com seu fructo deleitosa;
Della se faz com tanta actividade
A farinha, que em facil brevidade
No mesmo dia sem trabalho muito
Se arranca, se desfaz, se coze o fruito;
Della se faz tambem com mais cuidado
O beyjú regalado,
Que feito tenro por curioso amigo,
Grande ventagem leva ao pão de trigo.
Os aypins se aparentam
Co'a mandioca, e tal favor alentam,
Que tem qualquer, cosido ou seja assado,
Das castanhas da Europa o mesmo agrado.
O milho que se planta sem fadigas,
Todo o anno nos dá faceis espigas,
E é tão fecundo em um, e em outro filho,
Que são mãos liberaes as mãos de milho.
O arroz semeado
Fertilmente se vê multpilicado;
Calle-se da Valença por estranha
O que tributa a Hespanha,
Calle-se do Oriente.
O que come o gentio, e a Lizia gente,

Que o do Brazil quando se vê cozido,
Como tem mais substancia, é mais crescido.

Tenho explicado as fruitas e legumes,
Tenho recopilado
O que o Brazil contém pâra invejado,
E pâra preferir a toda terra,
Em si perfeitos quarto AA encerra.
Tem o primeiro A, nos arvoredos
Sempre verdes aos olhos, sempre ledos;
Tem o segundo A nos ares puros,
Na temperie agradaveis e seguros;
Tem o terceiro A nas aguas frias,
Que refrescam o peito, e são sadias,
O quarto A no açucar deleitoso,
Que he do Mundo o regalo mais mimoso.
São pois os quatro AA por singulares
Arvoredos, assucar, agoas, ares.

Nesta ilha está mui ledo, e mui vistoso
Um engenho famoso,
Que quando quiz o fado antigamente
Era rei dos engenhos preminente,
E quando Hollanda perfida e nociva
O queimou, renasceu qual Fenis viva.

Aqui se fabricavam tres capellas
Ditosamente bellas,
Uma se esmera em fortaleza tanta,
Que de abobada forte se levanta:
Da Senhora das Neves se appellida,
Renovando a piedade esclarecida,
Quando em devoto sonho se viu posto
O nevado candor no mez de Agosto.
Outra capella vemos fabricada,
A Xavier illustre dedicada,
Que o Maldonado parocho entendido
Este edificio fez agradecido
A Xavier, que foi em sacro alento
Glória da igreja, do Japão protento.

Outra capella aqui se reconhece,
Cujo nome a engrandece,
Pois se dedica á Conceição sagrada
Da Virgem pura, sempre immaculada,
Que foi por singular mais formosa
Sem manchas lua, sem espinhos rosa.
Esta illha de Maré, ou de alegria,
Que é termo da Bahia,
Tem quasi tudo quanto o Brazil todo,
Que de todo o Brasil é breve apodo;
E se algum tempo Citherea a achára,
Por essa sua Chipre despresára,
Porém tem, com Maria verdadeira,
Outra Venus melhor por padroeira.

Romances em Exdruxulos (1)

Escreveis ao rei monarchico
O mal do estado brazilico,
Que perdendo o vigor flórido,
Se vê quasi paralytico,
Porém vós, como catholico,
Imitando a Deus bonissimo,
Lhe dais a piscina placida
Pâra seu remedio liquido.
O dinheiro é nervo vívido,
E sem elle fica languido,
Fica todo debellissimo.
Em vossos arbitrios optimos
Sois tres vezes scientifico,

---

(1) Publicâmos este romance, não tanto pelo seu merecimento, como por mostrarmos imparcialidade á memoria do governador A. L. da Camara Coutinho, a quem foi dirigido, e o qual tão maltratado deixámos por Gregorio de Mattos.

Dictando o governo de ethico,
Economico e politico,
Aos engenhos dais anelitos,
Que estando de empenhos tysicos,
Tornam em amargo vómito
O mesmo assucar dulcissimo.
Tambem da pobresa misera
Attendeis ao estado humilimo,
Assim como o raio delfico
Não despresa o logar infimo.
Aos mercadores da America
Infundís de oiro os espiritos,
Quando propondes o próvido
Com penna de oiro finisimo.
Pasma em Portugal atonito
Todo o estadista satyrico,
E as mesmas censuras horridas
Vos dão faceis panegyricos.
Se falais verdade ao Principe,
Não temais o zoilo rigido,
Que ao sol da verdade lucida
Não faz mal o valor critico.
O Brazil a vossos meritos
Como se fôra fatidico,
Vos annuncia o sceptro maximo
Sôbre o Ganges e mar Indico.
Sois em vossas obras unico
Pâra maiores, ou minimos,
Sois na justiça integerrimo,
Sois na limpeza clarissimo.
Sois descendente do Camara,
Aquelle Gonçalves inclyto,
Que com discurso astronomico
Sugeitou golfos maritimos.
Sois tambem Coutinho impavido,
Mas vosso couto justissimo,
Não val a homicidas reprobos,
Nem a delinquentes rispidos.
Vosso filho primogenito
Aprende de vós solícito

As virtudes para bellico,
As acções para magnifico.
Em seus annos inda lubricos
Tem verdores prudentissimos,
É com gravidade lepido,
É sem soberba ilustrissimo.
Vivei senhor muitos seculos
Entre applausos felicissimos
Onde nasce Apollo férvido,
Onde morre o pólo frígido.

SONETOS

Aos maus juizes.

Que julgas, ó ministro de justiça?
Porque fazes das leis arbitrio errado?
Cuidas que dás sentença sem peccado,
Sendo que algum respeito mais de atiça:
Pâra obrar os enganos da injustiça?
Bem que teu peito vive confiado,
O entendimento tens todo arrastado
Por amor, ou por odio, ou por cobiça.
Se tens amor, julgaste o que te manda;
Se tens odio, no inferno tens o pleito,
Se tens cobiça é barbara, execranda.
Oh miseria fatal de todo o feito!
Que não basta o direito da demanda,
Se o julgador te nega esse direito.

Á morte do padre Vieira.

Fostes, Vieira engenho tão subido,
Tão singular, e tão avantajado,
Que nunca sereis mais de outro imitado,
Bem que sejais de todos applaudido.
Nas sacras Escripturas embebido,
Qual Agostinho, fostes celebrado;
Elle de Africa assombro venerado,
Vós de Europa portento esclarecido.
Morrestes; porém não; que ao mundo atroa
Vossa penna, que applausos multiplica,
Com que de eterna vida vos coroa;
E quando immortalmente se publica,
Em cada rasgo seu a fama vôa,
Em cada escripto seu uma alma fica.

Á morte do irmão do dito.

Idea illustre do melhor desenho
Fostes entre o trabalho successivo,
E nas ordens do Estado sempre activo
Era o zêlo da patria o vosso empenho.
Ostentastes no officio o desempenho
Com prompta execução, discurso vivo,
E formando da penna o vôo altivo,
Aguia se viu de Apollo o vosso engenho.
Despede a morte, cegamente irada,
Contra vós uma setta rigorosa,
Mas não vos tira a vida dilatada:
Que na fama immortal e gloriosa,
Se morreste como aguia sublimada,
Renasceis como Fenix generosa.

Sôbre a morte dos dois ditos irmãos a um tempo

Creou Deus na celeste architectura
Dois luzeiros com giro cuidadoso,
Um que presidia ao dia luminoso,
Outro que presidisse á noite escura.
Dois luzeiros tambem de igual ventura
Creou na terra o Artifice piedoso;
Um, que foi da Escriptura sol famoso,
Outro, planeta de ignorancia impura.
Brilhando juntos um e outro luzeiro,
Com sábia discrição, sizo profundo,
Não podia um viver sem companheiro.
Succedeu justamente neste mundo,
Que fenecendo aquelle por primeiro,
Este tambem feneça por segundo.

Sobre os males originados pelo ouro.

Canção

Os monarchas sustentam, poderosos,
Co'este metal prezado
Imperios opulentos, generosos:
Porém, tendo nos reis imperio amado,
Executando faceis vituperios,
Tem imperio nos reis, é rei de imperios.

A justiça corrompe verdadeira
No ministro imprudente,
Quebra as regras de justa, as leis de inteira;
Pois esta fórma no interesse ardente,
Não com fiel, mas infiel desprezo
Da cobiça a balança, do ouro o peso.

Inferno se padece lastimoso,
Não se logra ouro claro
Nas graves pretenções do cubiçoso,
Nos obsequios solicitos do avaro;
Um o procura, outro não goza delle,
Este Tantalo está, Sisypho aquelle!

Quando faltava d'ouro a gentileza,
A gente pobre e rica
Lograva idade de ouro na pobreza;
Mas quando n'esta idade se publica
Uns contrarios motivos de impledade,
De ferro idades fez, não de ouro idade.

Qual aspide que entre flores escondido,
Na florida belleza
Brota ao peito o veneno mal-sentido;
Assim pois na luzida gentileza
Mata o metal, matando brilhadores,
Nos luzimentos um, outro nas flores.

Profanando de Danae a vã pureza
Em chuvosos amores,
Apezar de engenhosa fortaleza,
Apezar dos cuidados guardadores,
Murchou na chuva de ouro rigorosa
O modesto jasmin, a virgem rosa!

Entre o logro da paz solicitada
A guerra determina,
Bem que ouro brilha, engeita a paz dourada;
E quando marcias profusões afina,
A paz compra, de sorte que na terra
Guerra se vê de paz, e paz de guerra.

A natureza em vêas escondidas
Cria o metal occulto,
Quiçá piedosa de mortaes feridas;
Mas quando o desentranha humano insulto,

Da mesma vêa d'onde nasce bello
Corre logo a ambição, mana o desvelo.

O rigor se arma, a guerra se refina,
A cubiça se apura,
A morte contra o peito se fulmina,
O engano contra o peito se conjura,
De sorte que accumula o peito humano
Rigor, guerra, cubiça, morte, engano.

Canção, suspende já de Euterpe o metro,
Que em Philis tens para cantar no Pindo
De seu cabello de ouro, ouro mais lindo!

ANONYMO ITAPARICANO

ANONYMO ITAPARICANO

Debaixo desta designação vamos alistar no nosso ensaio de bibliotheca da poesia brazileira outro americano cultor das amenas lettras. Foi elle mesmo quem quiz figurar com tal designação; e ainda que nos fôra possivel romper o anonymo, de proposito o não tentaremos. Na religião e sanctuario das lettras ha mysterios que os seus sacerdotes devem respeitar, quando não attinjam os motivos que teria o seu primitivo mestre para os instituir.

Eis os factos. Veio-nos á mão um livro em 4.º rarissimo, não mencionado em catalogo ou bibliotheca alguma, de 128 paginas (além das 4 no princípio), sem logar, nem anno da impressão, e com o seguinte titulo no rosto: "*Eustachidos. Poema sacro e tragicomico, em que se contém a vida de Sto. Eustachio martyr, chamado antes Placido, e de sua mulher e filhos. Por um anonymo, natural da Ilha de Itaparica, termo da Cidade da Bahia. Dado á luz por hum devoto do Santo.*"

Copiamos textualmente o rosto inteiro, e com a propria orthographia. O livro é todo em oitavas, e é precedido do seguinte prologo:

"Amigo leitor, que tal te considero, pois abres livro "de versos para ler, no que mostras que és inclinado a

"elles; porque só quem sabe da arte, a estima. Saberás "que lendo eu nos meus primeiros annos a vida de Santo "Eustachio, e considerando os periodos admiraveis della, "tive um grande desejo de a escrever em livro parti- "cular, e em metro, cuja cadencia e consonancia causa "mais deleitação aos leitores. Muitas vezes no decurso "de minha vida quiz lançar fóra este pensamento, atten- "dendo á minha insufficiencia, e outras occupações, mas "nunca o pude deixar em muitos annos, até que Deus foi "servido, que désse cumprimento ao meu desejo. Bem "sei, que repararás não declarar o meu nome, ao que res- "pondo, que não busco glória para mim, mas só a acci- "dental para o Santo, e mover aos que lerem á devoção, "imitação, paciencia, fortaleza e conformidade nos con- "tratempos e infortunios desta miseravel vida. Porém "como sabes da minha patria, sendo esta uma pequena "ilha, com pouca, ou nenhuma litteratura, com muita fa- "cilidade, se quizeres, podes vir em conhecimento do Au- "tor. — *Vale.*"

Por este final o poeta que, na parte da glória que lhe caberia por esta composição fez abnegação do seu nome em pró de todos os seus conterraneos, em renome da bahiana ilha sua natalicia, o proprio poeta, dizemos, consente que pela sua naturalidade o descubramos. Ora pois, as lettras, sobretudo as do princípio do seculo passado, a que indubitavelmente pertence o livro por todos os indicios typographicos, não conhecem outro itapari- cano seu cultor, além do Padre jesuita Francisco de Sou- sa, autor da conhecida obra *"O Oriente Conquistado"*, impressa em 1710, isto é, tres annos antes de elle morrer. Contentemo-nos com esta simples indicação, e remettamos para Barboza quem deseje saber a vida deste filho de

Santo Ignacio. Nós aqui só teremos que ver com o *Anonymo Itaparicano,* e com o conteudo do livro, a que nos estamos referindo.

Consta o poema *Eustachidos* de seis cantos, precedidos cada qual de uma oitava por argumento. Não podêmos deixar de crer que foi inspirado na idéia pelo poema latino *"Eustaquius"* de *L'Abbé,* impresso em 1672. Julgámos dignas de ser transcriptas no *Florilegio* a Descripção do Inferno e a Tomada de Jerusalem, e chamam muito a nossa attenção as oitavas (13 a 22) do Canto 5.º, em que o autor se introduz na invenção d'um sonho, que faz narrar da maneira seguinte:

Em um vasto me achei e novo mundo
De nós desconhecido e ignorado,
Em cujas praias bate um mar profundo,
Nunca atégora de algum lenho arado:
O clima alegre, fertil e jocundo,
E o chão de arvores muitas povoado:
E no verdor das folhas julguei que era
Ali sempre continua a primavera.

Dellas estavam pomos pendurados,
Diversos na fragrancia e na pintura,
Nem dos homens carecem ser plantados,
Mas agrestes se dão e sem cultura;
E entre os troncos muitos levantados,
Que ainda a phantasia me figura
Havia um pau de tinta mui fecunda,
Transparente na côr, e rubicunda.

Passaros muitos de diversas côres
Se viam várias ondas transformando,
E dos troncos suavissimos licôres
Em cópia grande estavam dimanando:

Peixes vi na grandeza superiores,
E animaes quadrupedes saltando,
A terra tem do metal loiro as vêas,
Que de alguns rios se acha nas arêas.

E quando a vista estava apascentando
Destas coisas na alegre formosura,
Um velho vi, que andava passeando
De desmarcada e incognita estatura;
Com sobresalto os olhos fui firmando
Naquella sempre movel creatura,
E pareceu-me, se bem reparava,
Que varios rostos sempre me mostrava.

Tinha os cabellos brancos como a neve
Pela velhice muito carcomidos,
E só com pennas se trajava ao leve,
Porque lhe eram pesados mais vestidos;
Andava sempre mas com passo breve,
Posto que os pés trazia envelhecidos,
Um baculo em as mãos accomodava,
Do qual pâra o passeio se ajudava.

Fiquei desta visão maravilhado,
Como quem de taes monstros não sabia,
E logo perguntei sobresaltado
Quem era, que buscava, e que queria?
Elle virando o rosto remendado
Da côr da escura noite e claro dia,
Quem eu era, respondeu, quem procurava,
E que Postero, disse se chamava.

Esta que vês (continuou dizendo)
Terra aos teus escondida e occultada,
Quando eu velho for mais envelhecendo
De um rei grande ha de ser avassallada:

Não te posso dizer o como: e sendo
Esta notícia a outros reservada,
Basta saberes que sem romper muros
Será, passados seculos futuros.

Porém isso não foi o que a buscar-te
Me moveu, e a falar-te desta moda,
Mas de outra coisa venho a informar-te,
Que muito mais do que isto te accommoda:
Bem podes começar della a gozar-te,
Que pâra isso vou andando em roda,
E pâra que não estejas cuidadoso,
Quero dar-te a notícia presagioso.

Naquella (e me mostrou uma grande ilha,
Formosa, fresca, fértil e aprasivel,
A quem Neptuno o seu tridente humilha,
Quando o rigor do Austro é mais sensivel)
Ha de vestir a pueril mantilha,
Depois de nella ter a aura visivel,
Um, que pâra que a ti versos ordene,
Ha de beber da fonte de Hypocrene.

Este pois lá n'um seculo futuro,
Posto que della ausente e apartado,
Porque c'os filhos sempre foi perjuro
O patrio chão, e os trata sem agrado,
Por devoção intrinsica e amor puro,
Talvez do Deus, que adoras, inspirado,
De ti e desses dois dessa pousada
Ha de cantar em lyra temperada.

No mesmo livro, e depois do poema, encontra-se a "*Descripção da ilha de Itaparica, termo da Cidade da Bahia, da qual se faz menção no Canto quinto*", titulo este que se lê em ar de rosto a pag. 105.

Esta descripção consta de 65 oitavas, das quais não pretendiamos publicar as 43 primeiras — por serem destas algumas insulsas e sem interesse — Mas o amor da patria que transpira na 2.ª, os esclarecimentos ácerca da velhice do autor que se lêem na 3.ª, e não menos o desejo de não mutilar um tal canto de assumpto brazilico por esta primeira vez que vai ser conhecido, deliberou-nos a admittil-o na integra no *Florilegio,* certos de que os leitores nol-o agradecerão.

[Na *Introdução,* como se viu, o Autor corrigiu o engano, em que estava, para afirmar com certeza que o Anônimo Itaparicano era o Padre Frei Manuel de Santa Maria Itaparica, natural da ilha desse nome, termo da cidade da Bahia.

— Veja a biografia pelo Autor, *Revista do Instituto Histórico,* X, ps. 240/244; Varnhagen, *História Geral do Brasil,* IV, ps. 90, nota. — R. G.]

Descripção da ilha de Itaparica

1. Cantar procuro, descrever intento
Em um heroico verso e sonoroso
Aquella, que me deu o nascimento,
Patria feliz, que tive por ditoso:
Ao menos com este humilde rendimento
Quero mostrar lhe sou affectuoso,
Porque é de ânimo vil e fementido
O que á patria não é agradecido.

2. Se nasceste no Ponto ou Lybia ardente,
Se no Pindaso viste a aura primeira,
Se nos Alpes ou Etna comburente
Princípio houveste na vital carreira,
Nunca queiras, leitor, ser delinquente,
Que assim mostras herdaste venturoso
Que assim mostras herdastes venturoso
Animo heroico, peito generoso.

3. Musa, que no florido de meus annos
Teu furor tantas vezes me inspiraste,
E na idade, em que vem os desenganos,
Tambem sempre fiel me acompanhaste!
Tu, que influxos repartes soberanos
Desse monte Helicon, que já pizaste,
Agora me concede o que te peço,
Pâra seguir seguro o que começo.

4. Em o Brazil, provincia desejada
Pelo metal luzente, que em si cria,
Que antigamente descoberta e achada
Foi de Cabral, que os mares descorria,
Porto donde está hoje situada
A opulenta e illustrada Bahia,
Jaz a ilha chamada Itaparica,
A qual no nome tem tambem ser rica.

5. Está posta bem defronte da cidade;
Só tres legoas defronte, e os moradores
Daquella a esta vem com brevidade,
Se não faltam do Zephiro os favores;

E ainda quando com ferocidade
Eolo está mostrando os seus rigores,
Pâra a côrte navegam, sem que cessem;
E parece, que os ventos lhe obedecem.

6. Por uma e outra parte rodeada
De Neptuno se vê tão arrogante,
Que algumas vezes com procella irada
Infia o melancolico semblante;
E como a tem por sua, e tão amada,
Por lhe pagar fiel fóros de amante,
Muitas vezes tambem serenamente
Tem encostado nella o seu tridente.

7. Se a deosa Citerea conhecêra
Desta ilha celebrada a formosura,
Eu fico, que a Neptuno promettêra
O que a outros negou cruel e dura:
Então de boamente lhe offerecêra
Entre incêndios de fogo a neve pura,
E se de alguma sorte a alcançára
Por esta a sua Chipre desprezára.

8. Pela costa do mar a branca arêa
É para a vista objecto delicioso,
Onde passêa a nympha Galatêa
Com acompanhamento numeroso;
E quando mais galante se recrea
Com aspecto gentil, donaire airoso,
Começa a semear das roupas bellas
Conchinhas brancas, ruivas e amarellas.

9. Aqui se cria o peixe copioso,
E os vastos pescadores em saveiros
Não receando o elemento undoso,
Neste exercicio estão dias inteiros;
E quando Aquilo e Bóreas procelloso
Com furia os accomette, elles ligeiros
Colhendo as vélas brancas ou vermelhas
Se accomodam c'os remos em parelhas.

10. Neste porém maritimo regalo
Uns as redes estendem diligentes,
Outros com fôrça, indústria e intervallo
Estão batendo as ondas transparentes:

Outros n'outro baxel sem muito aballo
Levantam cobiçosos e contentes
Uma rede, que chamam zangarea
Para os saltantes peixes forte têa.

11. Qual a aranha sagaz e ardilosa
Nos ares fórma com subtil fio
Um labyrinto tal, que a cautelosa
Mosca nelle ficou sem alvedrio,
E assim com esta manha industriosa
Da misera vem ter o senhorio,
Taes são com esta rede os pescadores
Para prender os mudos nadadores.

12. Outros tambem por modo differente,
Tendo as redes lançadas em um seio,
Nas corôas estão postos firmemente,
Sem que tenham do pélago receio:
Cada qual puxa as cordas diligente,
E os peixes vão fugindo para o meio,
Té que aos impulsos do robusto braço
Vem a colher os miseros no laço.

13. Nos baixos do mar outros tarrafando,
Alerta a vista, e os passos vagorosos,
Vão uns pequenos peixes apanhando,
Que para o gôsto são deliciosos:
Em canoas tambem de quando em quando
Fisgam no anzol alguns, que por gulosos
Ficam perdendo aqui as proprias vidas,
Sem o exemplo quererem ter de Midas.

14. Aqui se acha o marisco saboroso,
Em grande cópia, e de casta vária,
Que para saciar ao appetitoso,
Não se duvida é coisa necessaria:
Tambem se cria o lagostim gostoso,
Junto co'a ostra, que por ordinaria
Não é muito estimada, porém antes
Em tudo cede aos polvos radiantes.

15. Os camarões não fiquem esquecidos,
Que tendo crus a côr pouco vistosa,
Logo vestem, depois que são cosidos,
A côr do nácar, ou da tiria rosa:

Os c'ranguejos nos mangues escondidos
Se mariscam sem arte industriosa,
Busios tambem se vêem de musgo çujos
Sernambis, mexilhões e caramujos.

16. Tambem pertence aqui dizer ousado
Daquelle peixe, que entre a fauce escura
O Propheta tragou Jonas sagrado,
Fazendo-lhe no ventre a sepultura;
Porém sendo do Altissimo mandado,
O tornou a lançar são sem lesura
(Conforme nos affirma a antiguidade)
Em as praias de Ninive cidade.

17. Monstro do mar, gigante do profundo,
Uma torre nas ondas soçobrada,
Que parece em todo o ambito rotundo:
Jámais bêsta tão grande foi creada:
Os mares despedaça furibundo
Co' a barbatana ás vezes levantada;
Cujos membros teterrinos e broncos
Fazem a Thetis dar gemidos roncos.

18. Balêa vulgarmente lhe chamâmos,
Que como só a esta ilha se sujeita,
Por isso de direito a não deixâmos,
Por ser em tudo a descripção perfeita;
E para que bem claro percebamos
O como a pescaria della é feita,
Quero dar com estudo não ocioso
Esta breve noticia ao curioso.

19. Tanto que chega o tempo decretado,
Que este peixe do vento Austro é movido,
Estando á vista de terra já chegado,
Cujos signaes Neptuno dá ferido,
Em um pôrto desta ilha assignalado,
E de todo o precioso prevenido,
Estão umas lanchas leves e veleiras,
Que se fazem c'os remos mais ligeiras.

20. Os Nautas são ethiopes robustos,
E outros mais do sangue misturado,
Alguns mestiços em a côr adustos,
Cada qual pelo esfôrço assignalado:

Outro ali vai tambem, que sem ter sustos
Leva o harpão da corda pendurado,
Tambem um, que no officio a Glauco offusca,
E pâra isto Brasilo se busca.

21. Assim partem intrépidos sulcando
Os palacios da linda Panopôa,
Com cuidado solícito vigiando
Onde resurge a solida balêa.
Oh gente, que furor tão execrando
A um perigo tal te sentenceêa?
Como pequeno bicho és atrevido
Contra o monstro do mar mais desmedido?!

22. Como não temes ser despedaçado
De um animal tão feio e tão immundo?
Porque queres ir ser precipitado
Nas íntimas entranhas do profundo?
Não temes, se é que vives em peccado,
Que o Creador do ceo e deste mundo,
Que tem dos mares todo o govêrno,
Desse lago te mande ao lago Averno?

23. Lá intentaram fortes os Gigantes
Subir soberbos ao Olympo puro,
Accommeteram outros de ignorantes
O reino de Plutão horrendo e escuro;
E se estes attrevidos e arrogantes
O castigo não tiveram grave e duro,
Como não temes tu ser castigado
Pelos monstros tambem do mar salgado?

24. Mas em quanto com isto me detenho,
O temerario risco admoestando,
Elles de cima do ligeiro lenho
Vão a balêa horrivel avistando:
Pegam nos remos com forçoso empenho,
E todos juntos com furor remando
A seguem por detraz com tal cautella
Que imperceptiveis chegam junto della.

25. O harpão farpado tem nas mãos suspenso
Um, que na proa o vai arremeçando,
Todos os mais deixando o remo extenso
Se vão na lancha subito deitando:

E depois que ferido o peixe immenso
O veloz curso vai continuando,
Surge cada um com furia e força tanta,
Que como um Anteo forte se levanta.

26. Corre o monstro com tal ferocidade
Que vai partindo o humido elemento,
E lá do pégo na concavidade
Parece mostra Thetis sentimento:
Leva a lancha com tal velocidade,
E com tão apressado movimento,
Que cá de longe apenas apparece,
Sem que em alguma parte se escondesse.

27. Qual o ligeiro passaro amarrado
Com um fio subtil, em cuja ponta
Vai um papel pequeno pendurado,
Voa veloz sentindo aquella affronta,
E apenas o papel, que vai atado
Se vê pela presteza, com que monta,
Tal o peixe affrontado vai correndo
Em seus membros atada a lancha tendo.

28. Depois que com o curso dilatado
Algum tanto já vai desfalecendo,
Elles então com força e com cuidado
A corda pouco a pouco vão colhendo;
E tanto que se sente mais chegado
Ainda com furia os mares combatendo,
Nos membros molles lhe abre uma rotura
Um novo Achylles c'uma lança dura.

29. Do golpe sae de sangue uma espadana,
Que vai tingindo o Oceano ambiente,
Com o qual se quebranta a furia insana
Daquelle horrivel peixe ou bêsta ingente;
E sem que pela plaga Americana
Passado tenha de Israel a gente,
A experiencia e vista certifica,
Que é o Mar Vermelho o mar de Itaparica.

30. Aos repetidos rasgos desta lança
A vital aura vai desamparando,
Té que fenece o monstro sem tardança,
Que antes andava os mares açoutando:

Elles puxando a corda com pujança
O vão da lancha mais perto arrastando,
Que se lhe fiou Cloto o longo fio,
Agora o colhe Láchesis com brio.

31. Eis agora tambem no mar saltando
O que de Glauco tem a habilidade,
Com um agudo ferro vai furando
Dos queixos a voraz monstruosidade:
Com um cordel depois grosso e não brando
Da bocca cerra-lhe a concavidade,
Que se o mar sorve no gasnate fundo
Busca logo as entranhas do profundo.

32. Tanto que a prêsa tem bem subjugada
Um signal branco lançam victoriosos,
E outra lancha pâra isso decretada
Vem soccorrer com cabos mais forçosos:
Uma e outra, se parte emparelhada,
Indo á véla, ou c'os remos furiosos,
E pelo mar serenas navegando
Para terra se vão endireitando.

33. Cada um se mostra no remar constante,
Se lhe não tem o Zephyro assoprado,
E com fadigas e suor bastante
Vem a tomar o pôrto desejado,
Deste em espaço não muito distante,
Em o terreno mais accommodado
Uma trufatil machina está posta
Só para esta funcção aqui deposta.

34. O pé surge da terra para fóra
Uma versatil roda sustentando,
Em cujo ambito logo se encoscóra
Uma amarra, que a vai arrodeando:
A esta mesma roda cá de fóra
Homens dez vezes cinco estão virando,
E quanto mais a corda se repucha,
Tanto mais pâra a terra o peixe puxa.

35. Assim como ésta indústria vão fazendo,
Que se segue ao logar determinado,
E as enchentes Neptuno recolhendo,
Vão subindo por um e outro lado:

Outros em borbotão já vem trazendo
Facas luzidas e o braçal machado,
E cada qual ligeiro se emparelha
Pâra o que seu officio lhe aconselha.

36. Assim dispostos uns, que Africa cria,
Dos membros nús, o couro denegrido,
Os quaes queimou Phaeton, quando descia
Do terrifico raio submergido,
Com algazarra muita e gritaria,
Fazendo os instrumentos grão ruido,
Uns aos outros em ordem vão seguindo,
E os addiposos lombos dividindo.

37. O povo, que se ajunta é infinito,
E ali tem muitos sua dignidade,
Os outros vem do comarcão districto.
E despovoam parte da cidade:
Retumba o ar com o contínuo grito,
Sôa das penhas a concavidade,
E entre elles todos tal furor se accende,
Que ás vezes um ao outro não se entende.

38. Qual em Babel o povo, que atrevido
Tentou subir ao Olympo transparente,
Cujo idioma proprio pervertido
Foi n'uma confusão balbuciente;
Tal nesta torre, ou monstro desmedido,
Levanta as vozes a confusa gente,
Que seguindo cada um diverso dogma
Falar parece então n'outro idioma.

39. Desta maneira o peixe se reparte
Por toda aquella cobiçosa gente,
Cabendo a cada qual aquela parte,
Que lhe foi consignada no regente:
As banhas todas se depoem áparte,
Que juntas formam um acervo ingente,
Das quaes se faz azeite em grande cópia,
Do que ésta terra padece inopia.

40. Em vasos de metal largos e fundos
O estão com fortes chammas derretendo
De uns pedaços, pequenos e fecundos,
Que o fluido licor vão escorrendo:

São uns feios ethiopes e immundos,
Os que estão este officio vil fazendo,
Cujos membros de azeite andam untados,
Daquellas cirandagens salpicados.

41. Este peixe, este monstro agigantado,
Por ser tão grande tem valia tanta,
Que o valor, a que chega costumado
Até quasi mil aureos se levanta.
Quem de ouvir tanto não sae admirado?
Quem de um peixe tão grande não se espanta?
Mas em quanto o leitor fica pasmando,
Eu vou diversas coisas relatando.

42. Em um extremo desta mesma terra
Está um forte soberbo, fabricado,
Cuja bombarda ou machina de guerra
Abala a ilha de um e outro lado:
Tão grande fortaleza em si encerra
De artilheria e esforço tão sobrado,
Que retumbando o bronze furibundo
Faz ameaço á terra, ao mar, ao mundo.

43. Não ha nesta ilha engenho fabricado
Dos que o assucar fazem saboroso,
Porque um, que ainda estava levantado
Fez nelle o seu officio o tempo iroso:
Outros houve tambem, que o duro fado
Por terra poz cruel e rigoroso,
E ainda hoje um, que foi mais soberano
Pendura as cinzas por painel troiano.

44. Claras as aguas são e transparentes,
Que de si manam copiosas fontes,
Umas regam os vales adjacentes,
Outras descendo vem dos altos montes;
E quando com seus raios refulgentes
As doura Phebo abrindo os horizontes,
Tão cristalinas são, que aqui diffusa
Parece nasce a fonte de Arethusa.

45. Pela relva do campo mais viçoso
O gado junto e pingue anda pastando,
O roubador de Europa furioso,
E o que deu o veo de ouro em outro bando.

O bruto de Neptuno generoso
Vai as arêas soltas levantando,
E nos bosques as féras Acteonêas
A republica trilham das Napêas.

46. Aqui o campo florido se semêa
De brancas assucenas e boninas,
Ali no prado a rosa mais franquêa
Olorisando as horas matutinas:
E quando Cloris mais se galantêa,
Dando da face exalações divinas,
Dos ramos no regaço vai colhendo
O clavel e o jasmim, que está pendendo.

47. As fructas se produzem copiosas,
De várias castas e de várias côres,
Umas se estimam muito por cheirosas,
Outras levam vantagem nos sabores:
São tão bellas, tão lindas e formosas,
Que estão causando á vista mil amores,
E se nos prados Flora mais blazona,
São os pomares glória de Pomona.

48. Entre ellas todas tem logar subido
As uvas doces, que ésta terra cria,
De tal sorte, que em número crescido
Participa de muitas a Bahia:
Este fructo se gera appetecido
Duas vezes no anno sem porfia,
E por isso é do povo celebrado,
E em toda a parte sempre nomeado.

49. Os coqueiros compridos e vistosos
Estão per recta serie ali plantados,
Criam cocos galhardos e formosos,
E por maiores são mais estimados;
Produzem-se nas praias copiosos,
E por isso os daqui mais procurados,
Cedem na vastião á bananeira,
A qual cresce, e produz desta maneira.

50. De uma lança ao tamanho se levanta,
Estupeo e roliço o tronco tendo,
As lizas folhas tem grandeza tanta,
Que até mais de onze palmos vão crescendo:

Da raiz se lhe erige nova planta,
Que está o parto futuro promettendo,
E assim que o fructo lhe sazona e cresce,
Como das plantas vibora fenece.

51. Os limões doces muito appetecidos
Estão virgineas tetas imitando,
E quando se vêem crespos e crescidos,
Vão as mãos curiosas incitando:
Em arvores copadas, que estendidos
Os galhos tem, e as ramas arrastando
Se produzem as cidras amarellas,
Sendo tão presumidas como bellas.

52. A larangeira tem no fructo loiro
A imitação dos pomos de Atalanta,
E pela côr, que em si conserva de oiro,
Por isso estimação merece tanta:
Abre a romã da casca o seu thesoiro,
Que do rubi a côr flammante espanta,
E quanto mais os bagos vai fendendo,
Tanto vai mais formosa parecendo.

53. Os melões excellentes e olorosos
Fazem dos proprios ramos galería:
Tambem estende os seus muito viçosos
A pevidosa e doce melancia;
Os figos de côr roxa graciosos
Poucos se logram salvo se á porfia
Se defendem de que com os biquinhos
Os vão picando os leves passarinhos.

54. No ananaz se vê como formada
Uma corôa de espinhos graciosa,
A superficie tendo matisada
Da côr, que Citherea deu á rosa;
E sustentando a corôa levantada
Junto co'a vestidura decorosa,
Está mostrando tanta gravidade,
Que as fructas lhe tributam magestade.

55. Tambem entre as mais fructas as jaqueiras
Dão pelo tronco a jaca adocicada,
Que vindo lá de partes estrangeiras
Nesta provincia é fruta desejada:

Não fiquem esquecidas as mangueiras,
Que dão a manga muito celebrada,
Pomo não só ao gôsto delicioso,
Mas pâra o cheiro almiscar oloroso.

56. Innumeraveis são os cajús bellos,
Que estão dando prazer por rubicundos,
Na côr tambem ha muitos amarellos,
E uns e outros ao gôsto jucundos,
E só bastava para apetecel-os
Serem além de doces tão fecundos,
Que em si tem a brazilica castanha
Mais sabrosa que a que cria Hespanha.

57. Os araçás diversos e silvestres,
Uns são pequenos, outros são maiores:
Oytis, cajás, pitangas por agrestes
Estimadas não são dos moradores:
Aos maracujás chamar quero celestes,
Porque contém no gôsto taes primores,
Que se os antigos na Asia os encontraram,
Que era o nectar de Jove imaginaram.

58. Outras fructas dissera, mas agora
Tem logar os legumes saborosos,
Porém por não fazer nisto demora
Deixo ésta explicação aos curiosos;
Mas com tudo dizer quero por ora,
Que produz ésta terra copiosos
Mandioca, inhames, favas e carás,
Batatas, molho, arroz e mangarás.

59. O arvorêdo desta ilha rica e bella
Em circuito toda a vai ornando,
De tal maneira que só basta vel-a
Quando já está alegrias convidando:
Os passarinhos, que se criam nella
De raminho em raminho andam cantando,
E nos bosques brenhas não se engana
Quem exercita o officio de Dianna.

60. Tem duas freguezias muito extensas
Das quaes uma matriz mais soberana
Se dedica ao Redemptor, que a expensas
Do seu sangue remiu a prole humana;

E ainda que do tempo sinta offensas
A devoção com ella não se engana,
Porque tem uma imagem milagrosa
Da Santa Vera Cruz para ditosa.

61. A Santo Amaro a outra se dedica,
A quem veneraçõcs o povo rende,
Sendo tão grande a ilha Itaparica,
Que a uma só parochia não se extende:
Mas com estas igrejas só não fica
Porque capellas muitas comprehende,
E nisto mostram seus habitadores
Como dos santos são veneradores.

62. Dedica-se a primeira áquelle santo
Martyr, que em vivas chammas foi afflicto,
E ao tyranno causou terror e espanto,
Quando por Christo foi assado e frito:
Tambem não fique fóra de meu canto
Uma, que se consagra a João Bemdito,
E outra (correndo a costa para baixo)
Que á Senhora se dá do Bom Despacho.

63. Outra a Antonio Santo e glorioso
Tem por seu padroeiro e advogado,
Está fundada n'um sitio delicioso,
Que por esta capella é mais amado.
Em um terreno, alegre e gracioso
Outra se fabricou de muito agrado,
Das Mercês a Senhora verdadeira
É desta capellinha a padroeira.

64. Tambem outra se vê que é dedicada
Â Senhora da Penha milagrosa,
Aqui airosamente situada
Está n'uma planicie especiosa.
Uma tambem de S. José chamada
Ha nesta ilha por certo gloriosa,
Junta com outra de João, que sendo
Duas, se vai de todo engrandecendo.

65. Até aqui Musa: não me é permittido
Que passe mais ávante a veloz penna.
A minha patria tenho definido
Com ésta descripção breve e pequena;

E se o tel-a tão pouco engrandecido,
Não me louva, mas antes me condemna,
Não usei termos de poeta experto,
Fui historiador em tudo certo.

FRAGMENTOS

Descripção do inferno

Jaz no centro da terra uma caverna
De aspero, tosco e lugubre edificio,
Onde nunca do sol entrou lucerna,
Nem de pequena luz se viu indício.
Ali o horror e a sombra é sempiterna,
Por um pungente e funebre artificio,
Cujas fenestras, que tu monstro inflamas,
Respiradouros são de negras chamas.

Rodeam este alcançar desditoso
Lagos immundos de palustres aguas,
Onde um tremor e horror caliginoso
Penas descobre, desentranha mágoas:
Fontes geladas, fumo tenebroso,
Congelam ondas e maquinam frágoas,
Mesclando em um confuso de crueldades
Chamas a neve, o fogo frieldades.

Ardente serpe de sulfureas chamas
Os centros gira deste alvergue humbroso,
São as faiscas horridas escamas,
E o fumo negro dente venenoso:
As lavaredas das volantes flammas
Azas compõem ao monstro tenebroso;
Que quanto queimam, despedaça e come,
Isso mesmo alimenta, que consome.

Um negro arroyo em pallida corrente
Irado ali se torce tão furioso,

Que é no que morde horrífica serpente,
E no que inficciona aspide horroroso:
Fétido vapor, negro e pestilente
Exhala de seu seio tão raivoso,
Que lá no centro sempre agonizado
De peste e sombras mostra ser formado.
As densas nevoas, as oppacas sombras
Tanto encapotam a aspereza inculta,
Que em negra tumba, funebres alfombras
Parece a mesma noite se sepulta:
Fantasmas tristes, que tu Herebo assombras,
Terrores causam onde mais avulta
O rouco som de ahullidos estridentes,
O triste estrondo do ranger dos dentes.
Angústias, dores, pena e sentimento,
Suspiros, âncias e penalidades,
Gemidos tristes e cruel tormento,
Furores, raivas, iras e crueldades,
Em um continuado movimento,
Por todo o tempo e todas as idades
Tanto a materia, que críam, destroçam,
Quanto a materia, que destroem, remoçam.
Revolcando-se em chamas crepitantes
Ali está Judas n'uma cama ardente,
No coração tem viboras flammantes,
Na lingua um aspide feio e pestilente:
Geme e suspira todos os instantes,
Blasfema irado, ruge impaciente,
Tendo a seu lado Herodes e Pilatos,
Anás, Caifás e outros mentecaptos.
Jaz em um lago graviolente e immundo
O archisectario arabigo e agareno,
Que perdição quiz ser do quase um mundo,
Patrocinando o vício vil terreno:
De uma parte submerso no profundo,
De si mesmo furor, peste e veneno,
Está Calvino, e de outra agonizando,
Luthero em fogo e agua ardendo e gelando.
Prêso n'um calabouço tenebroso
Está Alexandre em um nevado rio,

Que ainda agora por muito cubiçoso
Temem queira do inferno o senhorio:
Em um volcão de chamas horroroso
Estão Bello, Xerxes, Scevola e Dario,
Aurelio, Cesar e Domiciano,
Augusto, Nero, Tito e Juliano.
Em fim ali de todas as idades,
De todas as nações em desatinos
Se vêem penas à fôrça de crueldades
Homens, mulheres, velhos e meninos:
Uns entre as neves e as voracidades
Do fogo ardente, e alguns entre os malignos
Aspides, butres, viboras, serpentes,
Que os tragam e consomem com seus dentes.
Mas quanto póde a humana fantasia
Cuidar desta masmorra horrenda e escura,
E quanto póde a livre Poezia
Fingir em vã e apocripha pintura,
É uma boa e propria allegoria,
Com uma metaphorica esculptura,
Que o inferno só consiste e o vil gozano
Na pena dos sentidos e do damno.
Em o mais alto deste solio infando,
Em um throno de chamas sempre ardentes,
Jaz Lucifer, a quem estão tragando
Aspides negros, serpes pestilentes;
Elle com ira e com furor bramando
Se despedaça com agudos dentes,
Sendo para seu damno e eterno fado
De si proprio fiscal e algoz irado.
Viboras por cabellos cento a cento,
Por olhos tem dois Etnas denegridos,
Por bocca um crocodilo truculento,
Por mãos dois baziliscos retorcidos,
Por cerebro a soberba e o tormento
Por coração, por membros os latidos,
Por pernas duas cobras sibilantes,
Por pés dois Mongibellos tem flamantes.
Aquillo mesmo crê de que duvída,
Tem fastio do mesmo, que appetece,

O que não quer para isso se convida,
E affecta aquillo tudo que aborrece:
Quando quer repousar então mais lida,
Quando abrandar-se muito se enfurece,
Ancias são gostos, penas desafogo.
Por fogo a neve tem, por neve o fogo.

Destruição de Jerusalem

A romana trombeta deu o primeiro
Signal, e respondeu a gente hebrea;
Ouviu-se o som no Olivete outeiro,
E por toda a montanha de Judéa:
Um povo por triumphante e por guerreiro,
E o outro pelo damno, que recêa,
Puxam pelas espadas reluzentes,
Que no ferir são raios sempre ardentes.

Dos cavallos o estrepito furioso
Fundia a terra, as pedras se arrancavam,
E os inimigos com tremor medroso
Pulverulenta fuga machinavam:
Uns investiam com valor brioso,
E outros batendo as crinas respiravam
Pelos narizes viração ardente,
Mastigavam na bocca a espuma quente.

Já as amêas e torres se assaltavam,
Com furia grande e impeto tremendo,
As bandeiras abertas tremulavam,
Soava do tambor o estrondo horrendo:
As trincheiras e fossos se escalavam,
Os contrarios fugindo, outros morrendo,
Era no horror, assombro e crueldade
O valor raio, a ira tempestade.

De densas setas o ar se condensava
Das meias luas ferreas sacodidas:
E de miudas pedras se obumbrava

Pela circular mão circumduzidas,
A arêa dentre os pés se levantava,
Vagando iam as lanças impellidas,
E n'm confuso eclipse e tenebroso,
Punham á mesma luz manto horroroso.
Das romanas trombetas os clangores
Pelo contorno grande retumbavam,
E com o horrivel som rijos clamores
Os mesmos rios de vapor paravam:
Os pequenos meninos com temores
Nos regaços das mãis se desmaivam,
E ouvindo o eco irado e som terrivel
Temblava o sexo fraco e mais sensivel.
Da morte alguns fugindo, feia e crua,
Aos lugares mais fortes se acolhiam,
E outros passados com a espada nua
No sangue a morte calida bebiam:
Muitos nas torres, casas, praça e rua
Morrendo com valor se defendiam,
E até dos que nas covas se esconderam
Alguns perpetuamente adormeceram.
Quaes as ovelhas lassas e espargidas
No prado ameno, ao pé da clara fonte,
Se acontece que são acommettidas
Dos lobos, que apparecem lá defronte,
Umas mortas ficam e outras mal feridas,
Algumas fogem para a brenha e o monte,
Taes as judaicas gentes pereciam
Entre os Romanos, que se enfureciam.
Muitos ao captiveiro se entregando,
Compaixão e piedade nos pediam,
E a vida humildemente supplicando
Com promptidão as armas offereciam;
Mas outros fortemente pelejando
Nos fortins mais seguros resistiam,
Onde fizeram damnos dolorosos
Os aproches, e arietes forçosos.
As mãis os filhos ternos carregando,
E outros trazendo pela mão fugiam,
E os dourados cabellos desgrenhando

Chorosas as donzellas as seguiam:
Os velhos já não como gateando
Do perigo livrar-se pertendiam,
E áquelles, que escapavam com a vida
Lhes dava o temor azas na fugida.
Não assim tanto os que junto das correntes
Do Nilo egypcio fazem as moradas,
Quando sentem crescerem as enchentes,
Que os innundam com grandes enxorradas,
Correm ligeiros, fogem diligentes
Para as ribeiras inda não banhadas
Como este povo se affastava exangue
Da grande enchente e dos caudaes de sangue.
Aqui caía o levantado tronco
Com som tristonho e lugubre rugido;
Ali estalava o duro muro e bronco
Do furioso ariete impellido:
Por outra parte com estrallo ronco
Se ouvia dos penedos o ruido;
E era cada ruina e cada moto
Monte caído, horrendo terremoto.
Qual o vento boreal tempestuoso,
Quando as ondas maritimas provoca,
E c'um chuveiro negro e proceloso
As espheras penetra, os ares choca,
Ergue a terra em um globo envoltuoso,
Os troncos quebra, despedaça a roca,
Taes dos soldados eram os furores,
Destruindo o que achavam com rigores.
Em arroyos de púrpura banhados
Os disformes cadaveres caíam,
E alguns supinos e outros debruçados
O mesmo sangue callido bebiam:
Muitos em postas feitos e truncados
Tremulos pelo chão saltar se viam,
Tendo nestes de horror tristes transumptos
A pena objectos e a magoa assumptos.
A ira e o valor coadunados
Aos que resistem punem de tal sorte,
Que no ardor de vencer precipitados

Achavam, procurando a vida, a morte.
Com tal crueldade foram destroçados,
Com tal furor e colera tão forte,
Que a vehemencia do eco destes males
Se ouviu nos montes, se sentiu nos valles.
As vozes, os temores, os tormentos,
Dos soldados, dos presos e feridos,
Das virgens, dos meninos, os lamentos,
Os gemidos, os prantos e alaridos,
Pela terra, pelo ar e pelos ventos
Foram vagos, dispersos e espargidos,
E o sol claro, o ar sereno e o ceo enxuto
Vestiu sombras, fez trevas, trajou luto.
Colericos com ira e ardor bramavam
Os capitães romanos victoriosos,
E quanto resistia rechaçavam,
Tyrannicos, crueis e furiosos:
Já de uma vez os vivos se entregavam
Nas mãos dos vencedores gloriosos,
Que por força há de ser executado
O que do ceo está determinado.
Onze vezes cem mil neste conflicto
Do consocio dos vivos se apartaram,
Noventa e sete mil ao grande Tito
Por captivos humildes se entregaram.
Assim se destruiu do antigo rito
A Cidade Princeza e só ficaram
As pedras, onde teve a sepultura
O filho de Maria Virgem pura.
Aquelle templo, que exaltou a fama,
Casa de Deus primeira neste mundo,
Maravilha maior que hoje se acclama
Houve por todo o circulo rotundo,
Destruido com ferro e pela chama,
Abrasado ficou, desfeito e immundo,
Exemplo dando aos homens desta sorte,
Que os marmores tambem padecem morte.

A morte do rey dom João V

Canção funebre

Oh tu grande cidade e populosa,
Que és do Brazil metropole florente,
Hontem tão festival e tão contente,
Hoje porém tão triste e tão saudosa;
Já sei que te moveu a este pranto,
E luto tanto,
A nova triste
Que bem ouviste,
(Oh cruel sorte!)
Da féliz morte
De teu grande monarcha, que reinando
Te foi com novas glórias exaltando!...

Essa tua continua primavera,
Privilegio do clima em que nasceste,
Bem te posso dizer que hoje a perdeste;
Não é agora já o que antes era:
Pouco importam as arvores frondosas
E bem vistosas
Com muitas flores
De várias cores,
E as campinas
Com mil boninas,
Se toda esta frescura e esta belleza
Se confunde com pena e com tristeza.

Cruzando vão os paramos do vento
Sem festejar o sol com melodia,
Os seus habitadores que algum dia
Faziam coro e musico instrumento,
Algum tempo se ouvira a voz canora.
Porém agora
Os passarinhos
Nos seus raminhos

Não dão recreios
Com seus gorgeios;
E só no alto silencio gemem graves
Com vozes tristes as nocturnas aves.

Esses que de crystal com prisões frias,
Ou de liquida prata com correntes,
Prendem de abril delicias florescentes,
Soltam de Flora verdes alegrias,
Todos correm ao mar de que nasceram,
Mal se poderam
Recolher a agua,
Que a triste magoa
Deste desgôsto
Te traz ao rosto,
Grande parte da terra inundariam,
Porque grossas enchentes tomariam.

Correndo pelo bosque o tigre horrendo,
Dá morte ao javali, que vai fugindo;
A voraz onça com furor bramindo
Ao cervo segue que já está tremendo:
Mas todos estes animaes ferozes
Muito velozes
Tão matadores
E tragadores,
Ouvindo a pranto,
Que causa espanto,
As saborosas presas deixariam,
E para as suas covas fugiriam.

Tudo sem ordem e confuso assiste;
Pallido sol com nuvens se escurece;
E no occaso tambem não apparece
A alampada que alegra a noite triste;
Só se ouvem os gemidos lastimosos
E dolorosos
Que o sentimento
Incita ao intento;
E todo o dia,

E noite fria,
Soam as vozes do metal fundido,
Retumba o bronze a espaços repetido!...

SONETOS

Pela morte de D. João V

I

Aos sinos e salvas

Esses estrondos, que da noite e dia
Fazem estremecer a esfera ambiente,
São da morte signal claro e evidente
Do Salomão da lusa monarchia.

Não só a Lusitania, que regia,
E o seu povo o chorou amargamente;
Mas tambem lamentál-o eternamente
Asia, Africa e Europa bem devia.

De Allemães, Hespanhoes, Belgas, Francezes
Compoz discordias, com saber profundo
Tão magnificamente; e tantas vezes

Que bem posso dizer (nisto me fundo)
Que não faltou o rei dos Portuguezes,
Mas que morreu o Imperador do mundo.

II

Á morte

Morreu em fim o rei dos Lusitanos,
Mas como homem não sentiu a morte,

Como fenix morreu, que desta sorte
Accrescentou morrendo os proprios annos.

Um rei tão singular entre os humanos,
Se acabára da parca ao duro córte,
Fôra tão grande o sentimento e forte
Que causára no mundo immensos damnos.

Mas como a fenix já desfalecida
Deste modo acrescenta a sua idade,
Não se sente essa morte, é applaudida:

Oh mitigue-se a nossa saudade,
Que deu o nosso rei, perdendo a vida
Tão cedo, mais augmento á eternidade.

III

O mausoléo

Urna pequena, americano povo,
É para o rei dos homens a presente,
Porque é só mausoléo conveniente
O mundo todo, o velho, e mais o novo.

A coberta que tem tambem reprovo,
Pois limitada a julgo e indecente,
E só o céo azul e transparente
Por digna campa lhe consigno e approvo.

Essas tochas, que luzem cento a cento,
Poucas e escuras são, e só serviam
As estrellas, que vês no firmamento.

Aguas, que de tristeza os olhos criam,
Pequenas gotas são, que em tal tormento
Ser lagrimas diluvios só podiam.

OUTRO ANONYMO

OUTRO ANONYMO

— 1710 —

[O alferes André Vieira de Melo era filho do sargento-mor Bernardo Vieira de Melo, cavaleiro-fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Catarina Leitão, — Borges da Fonseca, *Nobiliarquia Pernambucana*, I, ps. 68 e 206, Rio de Janeiro, 1935. Bernardo Vieira foi capitão-mor da vila de Iguaraçu, comandou uma das expedições para a conquista dos Palmares, e foi capitão-mor e governador da capitania do Rio Grande do Norte, nomeado por carta patente de 8 de janeiro de 1695; desde 4 de julho desse ano, pelo menos, já governava, e sendo reconduzido no cargo a 18 de novembro de 1697 por mais três anos, governou até 14 de agosto de 1701.

Ao tempo de seu govêrno foram subjugados os índios Janduis, que contìnuamente oprimiam a capitania. Por seus serviços nessa ocasião foi nomeado sargento-mor do terço de infantaria que El-Rei mandou criar nos Palmares.

Do partido dos nobres de Olinda contra os mascates do Recife, teve ação notável nas lutas entre as duas facções, e proclamou na Câmara de Olinda, a 10 de novembro de 1711, a república de Pernambuco *ad-iustar* da de Veneza.

Seu filho André Vieira, também cavaleiro-fidalgo, foi alferes da companhia do mestre de campo do terço do Recife. Casou com D. Ana Teresa dos Reis, filha do sargento-mor Nicolau Coelho dos Reis e de D. Maria de Faria, que era irmã do Padre José de Faria, da Companhia de Jesus, e de Frei José de Santo Antônio, da Ordem de São Francisco. O casamento foi feito contra a vintade do sargento-mor, que desherdou a filha, e viu-se depois constrangido a entregar-lhe o dote por ordem do governador da capitania. Desse matrimônio teve André Vieira duas filhas, de que foram padrinhos o governador Sebastião de Castro

Caldas e o morgado João Pais Barreto. A este suspeitou que cometia ou cometera adultério com sua mulher, motivo por que, com seu pai, lhe mandou tirar a vida por uns paulistas, com três tiros que lhe deram, vindo do engenho da Guerra para o seu, em 24 de maio de 1710, o que foi razão da inimizade declarada entre as famílias Vieira de Melo e Pais Barreto, — Fernandes Gama, *Memórias Históricas da Provincia de Pernambuco*, IV, ps. 75, Pernambuco, 1848.

Meses depois o mesmo André Vieira matou sua mulher, de maneira crudelíssima, proporcionando-lhe veneno primeiro, sem resultado, e, estimulado por sua mãe, fazendo-lhe abrir as veias por um barbeiro; e por último, como o sangue parasse, sufocando-a com uma toalha, em tudo ajudado pela terrível sogra da vítima, — *Narrativa histórica das calamidades de Pernambuco sucedidas desde o ano de 1707 até o de 1715*, in *Revista do Instituto Histórico*, LIII, parte 2.ª, ps. 68.

"É tão horrendo este caso (comenta o autor da *Narração histórica*), que me não atrevera a escreve-lo, se não fôra sua muita publicidade; pois se chegárão a fazer a esta morte por alguns curiosos várias obras métricas, das quaes escolhi umas décimas, que, por narrarem o fato com todas as suas circunstancias, podem servir de confirmação a tudo que neste particular tenho dito."

Segue-se a *Chácara funesta* à morte de D. Ana de Faria e Sousa (ps. 69/74); é a mesma do *Florilégio*, com mais quatro décimas, inclusive a que começa:

"Passárão mal quatro anos..."

que Varnhagen recolheu quiçá da própria *Narração histórica*, então inédita na Torre do Tombo, e somente publicada em 1890, por uma cópia que pertencia ao imperador D. Pedro II.

A autoria dessa *Narração*, dada como anônima, é revelada pela carta que seu autor escreveu ao Dr. José Rodrigues de Abreu, na qual se assina Manuel dos Santos, cirurgião aprovado em Lisboa, e residente havia mais de dez anos em Pernambuco. Essa carta vem datada da vila de Santo Antônio do Recife, 10 de setembro de *1847*, evidente êrro por *1747*.

Bernardo Vieira de Melo e o filho, com outros implicados nas desordens entre olindenses e mascates do Recife, foram presos por ordem do governador D. Lourenço de Almada, no dia 12 de fevereiro de 1712 e, a 9 de outubro do ano seguinte, mandados embarcar na frota da Bahia para Lisboa, — Fernandes Gama, *op. cit.*, ps. 224. Pai e filho morreram nos cárceres do Limoeiro, em Lisboa.

São estas as décimas que faltam à *Chácara fúnebre*:

4.ª

Passárão mal quatro annos...
(Pois não sei se os passou bem),
Que sempre foi um desdem
Paga de amores profanos;
Porque a memoria tiranos
Pensamentos gera e cria,
Cuidando a outrem faria,
Ou fará quanto lhe fez,
E paga um amor cortez
Com tão baixa vilania.

8.ª

Oh! peitos vis, que ordinarios
Da innocente sois algozes,
A que crimes por atrozes
Vós resististes contrários;
Deus desherda aos temerarios
E detesta aos dissolutos;
Porque estes taes como brutos
Em absurdos se recreião,
Mas dos males que semeião
Colhem os merecidos frutos.

10.ª

Já se vio ser instrumento
Para viver o cheirar
Aqui só cheira a matar
Do cheiro o apercebimento;
Parece ter fundamento
O misterio que o moveo;
Assim o supponho eu,
Para mostrar desta sorte,
Que tinha cheiro na morte
A que vai reinar no ceo.

18.ª e última

Um seo vizinho barbeiro,
Capitão, e adulador,

Foi este o maior traidor
Naquelle lance postreiro,
Este cruel carniceiro,
Feito algoz desta innocente,
Tão cega, e barbaramente
Ajudou a dar-lhe a morte,
Que aconselhou ao consorte
Fosse morta a delinquente.

— F. A. Pereira da Costa, *Folk-lore Pernambucano*, ps. 394/401, Rio de Janeiro, 1908, estampou essa chácara completa, isto é, com as quatro décimas omitidas no *Florilégio*, servindo-se de cópia da *Narração histórica* citada. Entre as duas transcrições ha variantes de palavras e de pontuação. — R. G.]

Chacara funebre á sepultura de D. Anna de Faria e Souza — assassinada por seu marido, o alferes André Vieira, em Pernambuco.

Nesta fria sepultura
Jaz no verdor de seus annos,
Um sol de amor, por enganos,
Uma estrella sem ventura:
A todos cause amargura!
Pezares tão desabridos,
Escutem compadecidos,
Neste lastimoso assumpto,
Quanto padece por junto
Em cinco lustros compridos.

Recreio foi de seus pais,
Com applausos de formosa;
Mas assemelhou-se á rosa,
Pois pagou tributos taes.
Foram nella tão iguaes
Suas raras perfeições,
Com tão bellas proporções,
Tanto garbo, tanto arreio,
Que era da vista um enleio
Doce iman dos corações.

Quando adulta, oh sorte escassa!
Intentam seus pais casal-a;
Soube o fado desvial-a
Para tão triste desgraça,
Certa affeição a embaraça,
Que foi para seu castigo;
Pois sempre encontra o perigo
Quem foge ao paterno agrado,

Comprando por tal peccado
Ter ao ceo por inimigo.

Passaram mal quatro annos —..

Eis que sem causa o consorte
(Quem algum dia tal crêra!)
Homem então, hoje féra,
Lhe machína crua morte.
A triste em lance tão forte
Se lamenta lacrimosa,
Dizendo: "Virgem piedosa!
Amparai uma innocente,
Filha sim pouc'obediente;
Porém nunca errada esposa."

Mal se creem verdades puras,
Onde a vingança conspira;
Desculpa excessos da íra,
Com erradas conjecturas;
Mil apparentes figuras,
Fórma a fantasia errada:
Vê-se a vista equivocada,
Mil vezes no que se emprega;
Quanto mais paixão tão cega,
Que muitas vezes é nada!

Com notavel soffrimento,
Passou vinte e sete dias
De opprobios e tyrannias,
Sem ter pausa o seu tormento;
Os prodigios cento a cento,
Com elles o ceo convida:
Nada move a endurecida
De uma sogra deshumana;
Elcita esta tigre hircana
Pâra ser sua homicida.

Em fim nos últimos dias
Do segundo quatorzeno
Por não obrar o veneno,
Que á fôrça das tyrannias
Lhe deu, logo as sangrias
Novamente lhe signala;
Mas não quiz desamparal-a
O sangue, abertas as vêas.
Oh cordeira que vozêas,
E a ninguem teu ballo aballa!

Outra prova se lhe ordena,
Largando a redea ao desejo
Que por não manchar o pejo
A suspende a minha penna.
Mas vendo que a não condemna
Queres tu Gesabel féra
Persistindo mais austera
Ser a infame matadora
Para ser com tua nora
A mais iracunda *Nera*.

De Deus o quinto preceito
A não matar nos ensina:
Outra vez se determina
A fazel-o, com effeito.
Dá por perdido o direito
Com que amor a enganava,
Anna em porfia tão brava;
E vendo que espirar póde,
Fervorosa a Deus acode;
E em lagrimas se lava.

Sente de seu pai a injúria,
Nos irmãos culpa a tibiesa;
Pois por lei da naturesa
Não deviam por incuria,

Deixal-a em tão grave furia;
Mas não tendo quem lhe valha,
Suspiros ao vento espalha,
Repetindo enternecida:
"Se espero a morte por vida
Vestir-me quero a mortalha."

Toma o hábito, e se alinha
Curiosa não, mas honesta,
Por ser para o tempo ésta
Libré a que lhe convinha:
Esta seja a galla minha
Mil vezes foi repetido:
Este é presado vestido
De que se namora Deus;
Se por causa de outros meus,
Foi de algum modo offendido.

A um Christo abraçada então,
Companheiro inseparavel,
Se publica miseravel,
Pedindo esforço e perdão.
Meu Deus do meu coração,
Lhe diz, amparo de afflictos,
Temores tão inauditos,
Tantas pennas sejam pagas
Foi vossas divinas chagas
Senhor meu de meus delictos.

Com taes palavras na bocca,
Pedindo ao Senhor que a valha,
Na garganta uma toalha
Lhe lança a tyranna louca:
Grave furor a provoca,
Tendo por affronta sua
Que seu ódio não conclua
Com tal vida espira aqui!

Olha que tem contra ti
Deus irada a espada nua.

Só d'aquelles de hombro adusto
Vai ao sepulchro sem pompa;
Porém da justiça a trompa
Atroa, que causa susto.
Deus, que no obrar é justo,
É juiz, e é fiscal,
Castiga e premeia igual,
Dando o que mais nos convem;
Com que não espere bem
Quem obrou tão grande mal.

JOÃO DE BRITO E LIMA

JOÃO DE BRITO E LIMA

D. João V de Portugal governou este reino no meio da opulencia: legou-lhe a capella de S. Roque, o convento de Mafra, o monumento das Aguas Livres. — A sua côrte era luzida, seus magnatas opuleutos; mas Lisboa, apesar de ser a situação verdadeiramente capital da Peninsula, só engrandecia pelo monopolio do commercio das colonias. Tirassem-lhe esse monopolio, todo o ruido, todo o fasto de Lisboa, ficariam já então reduzidos á soledade de hoje. O centro natural de toda essa riqueza, proveniente só da indústria agricola e mineira, estava na America: era a Bahia, então capital do principado do Brazil.

E a Bahia era então uma terra verdadeiramente feliz. O seu povo vivia na abundancia, e gosando de perfeita tranquilidade só cuidava de festas. Não havia invocação de santo ou santa de popularidade na terra, nascimento de principe ou princeza, casamentos e annos da pessoa real, que deixassem de ser celebrados pomposamente e depois cantados. Até á falta de motivos escolhiam-se os vice-reis e suas familias; que eram thema não só para poemas panegyricos, como para cantos epithalamicos ou geneatliacos.

O poeta brazileiro que mais se distinguiu nesta nova especie de *oiteiros* é João de Brito e Lima.

Nascido aos 22 de Outubro de 1671 na Bahia, não nos consta que saisse alguma vez do seu ubiculo natal. — Ahi cursou humanidades, e ahi conheceu sendo joven os dois Mattos e os dois Vieiras, cujas apreciadas obras talvez o estimulassem a entregar-se á poesia, sem ter nascido poeta. Certamente que só a ambição de adquirir o renome, que via terem os outros, podia leval-o a fazer tanta oitava rimada, como fez em sua vida, infelizmente com tão pouca inspiração. As suas obras impressas eesde 1718 a 1742, são: um poema *elegiaco* ao primogenito do conde de Villa Flor; outro festivo ás bodas do principe real; outro ao ouvidor Madeira; as poesias á morte de D. Leonor de Vilhena e varios sonetos, décimas, etc. — Em quasi todas ostenta com abuso os conhecimentos que tinha da história e da fábula; quando narra não tem elegancia, e até dirieis em quasi todas as suas oitavas frouxas, pesadas e soporiferas, assenta mal a rima, e apenas se atam idéas. Parece-nos que é no primeiro dos poemas citados que elle se arrebata ao côro das Musas, anda a cavallo no Pegaso, vai descançar n'um bosque (sem ser da sua America), sonha; e por fim nem o leitor nem talvez elle mesmo sabem que fim levou o auctor!

Mas aqui faremos uma observação em sua defensa. João de Brito apareceu pela primeira vez com um poema em público quando tinha quasi 50 annos e deu á luz o último já septuagenario. Ora o reconhecimento que elle tinha para com a sua Musa, a quem diz: (*Poem. Elog.*, IV, 2):

"Se te devo até aqui favores tantos."

e a pia crença em que estava de que tfinha sido poeta, fazem-nos desconfiar que elle fôra pelo menos antes apre-

ciado pelos seus contemporaneos Botelho, Rocha Pitta, Luiz Canello, Soares da Franca e outros. Ouçamol-o porém nas seguintes oitavas, que transcrevemos, porque acertam em ter mais merecimento: uma é a introdução do 3.º canto do citado poema; a segunda serve de proposição ao panegyrico do ouvidor Ignacio Dias Madeira:

Amada Musa minha, novo alento
Á rouca voz, ao tosco accento inspira;
Porque já vacilante o entendimento
Contra as pobres idéas se conspira:
As cordas do meu rústico instrumento
Mui dissonantes são da sacra lyra.
Oh se Apollo as puzera consonantes!...
Que bem formára os metricos descantes!

Eu que cantei em metrica harmonia
Varios poemas sobre assumptos graves,
Emulando na doce melodia
Do elevado Parnaso as brancas aves;
Hoje bem que dos annos a porfia
Já desafina as clausulas suaves:
D'um ouvidor, d'Astrea doce encanto,
A rectidão publico, as acções canto.

João de Brito foi socio da *Academia dos Esquecidos*, fundada na Bahia em 1724 pelo conde de Sabugosa, Vasco Fernandes Cezar de Menezes; foi tambem capitão d'Auxiliares, e por vezes vereador da sua cidade. Como academico, como miliciano ou como empregado municipal, cremos que desempenharia melhor a sua missão do que como poeta. De certo que seus pais o alcaide-mór Sebastião de Araujo e Lima, tenente geral d'artilheria e sua mulher D. Anna Maria da Silva ganhariam mais para elle, se lhe tivessem desenvolvido alguma outra vocação.

Com a que seguiu de poeta viveu infeliz, e até pouco feliz memória deixou de si a nós posteridade, quando nos legou poucos versos bons, empregados em assumptos mais ou menos servis.

Punge o coração ouvir um pobre velho de 71 annos, filho de um general, lamentar a sua triste sorte com as seguintes expressões, que talvez de quantas nos deixou fossem as que mais do fundo d'alma lhe saíram. São do Canto 2.º (p. 20) do poema panegyrico:

.....

As más correspondencias que experimento,
Da contrária fortuna a feroz ira,
A longa idade e queixas tão atrozes
Tem trocado em lamento as doces vozes.

Sendo certo que dando nos meus versos
A muitos os louvores tão baratos
Encontre sempre naturaes adversos
E tropece com animos ingratos.
Effeitos da fortuna são diversos
Que aos meritos se mostram menos gratos
E creio nasce para influxo forte
Mais que da gratidão, da minha sorte.

[Da obra literária de João de Brito e Lima dá notícia Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana*, II, ps. 616/617. — Veja a biografia pelo Autor, *Revista do Instituto Histórico*, X, ps. 116/119; Varnhagen, *História Geral do Brasil*, IV, ps. 90, nota. — R. G.]

Sôbre o numero cinco — ao rei D. João V

Tem lettras cinco o nome de Maria,
Tambem com cinco o de Jesus se escreve:
Cinco mil golpes deu a tyrannia
No cordeiro mais candido que a neve.
Sacramentou-se o pão no quinto dia:
Cinco extremos a cruz de Christo teve:
Cinco sentidos tem sómente o homem:
Com cinco pães cinco mil almas comem.

Por rubis cinco o mundo foi comprado;
Com cinco pedras Goliát vencido:
Quinto foi Carlos de valor sobrado:
Quinto Sertorio nunca foi rendido.
No ceo quinto está Marte collocado
Foi Quinto Curcio em lettras conhecido;
E porque de mais glória participe
Quinto é tambem de Hespanha o grão Filippe.

Cinco palavras trazem Deus á terra:
Cinco o ladrão da terra ao Ceo levaram:
Cinco em si folhas a açúcena encerra:
Cinco ao Tabor a Christo acompanharam:
Cinco preceitos guarda o que não erra:
Cinco virgens o oleo só guardaram:
Com cinco escarchas a romã se enfeita:
Cinco dedos a mão tem, que é perfeita.

Em cinco idades se reparte a vida:
Com cinco quinas se arma o vosso império:
Que são cinco as vogaes ninguem duvida;
Cinco as zonas tambem do ceo eterno.
Cinco vezes reis cinco, esclarecida
Lysia teve, com pasmo do hemisferio,
Com cinco cordas fórma os seus accentos
O numeroso rei dos instrumentos.

Quinto foi Pio, e pio muitas vezes.
Festeja-se a Ascenção ao quinto dia,
Tambem é quinto o principe dos mezes,
Que fragrancia exhalando as flores cria,

Cinco reis houve invictos portuguezes,
Que exaltaram a lusa monarchia,
Do vosso nome, que a memória acclama,
Para assumpto feliz da immortal fama.

Sôbre o nada das vaidades humanas

Louco é quem da vaidade faz apreço,
Sendo a honra mundana um doce engano;
Adular a fortuna, indigno excesso,
Traz do caduco tempo o desengano:
Que é discreto e catholico concesso
Quem pondera no fragil ser humano
Que qual sombra no ar desvanecida
Passa a glória, a fortuna, a honra, a vida.

Que subsistencia póde haver na vida
Se é por caduca, fragil e por breve
Exhalação que passa despedida,
Lisonja que adular o mal se atreve?
Sombra á vista da luz desvanecida,
Dos gostos temporaes engano leve;
Finalmente é da vida o ser humano
Exhalação, lisonja, sombra, engano.

Ao ouvidor Madeira

Se um sabio no concurso de uma praça,
Buscando um homem, seu cuidado apura,
Sem que algum dos que via o satisfaça,
Porque um homem perfeito achar procura:

O que elle achar não poude, por desgraça
A encontrar vim eu hoje, por ventura,
Por seres vós, qual Fenix, sem defeito
Consummado varão, homem perfeito.

Ao Doutor Francisco Custodio, conego da Bahia, que ao A. mandou imprimir um livro.

Só tão discreto Doutor
Dar ao prélo intentaria
Os obsequios, que a Bahia
Fez ao preclaro ouvidor.
De ambos a fama melhor
Se eterniza nesta história,
Que no templo da memória
Ergue (o que tudo consome)
Uma estátua ao vosso nome,
Um padrão á sua glória.

Magnanimo nesta empreza
Mostrais, com gentis primores,
Deste ministro os louvores,
Do vosso affecto a fineza.
Se pródiga a natureza
Ao Madeira enriqueceu
No merito, que lhe deu,
Acredito por verdade
Mais deve á vossa amizade,
Que deve ao merito seu.

Porque vós, falando claro,
Sois (sem mais outro episodio)
Do seu merito Custodio,
Apesar do tempo avaro.
E se ao merito mais raro

Deixa o tempo preterido,
Com razão tenho entendido,
Que o seu merito elevado,
A não ser por vós lembrado,
Faria o tempo esquecido.

Faltando o meio da história,
Com evidente perigo,
Dos heroes do tempo antigo
Claudicaria a memória.
Ter póde o Madeira a glória
De que o seu merecimento
Passa com raro portento,
Por um Serafim guiado,
Por um Custodio guardado
As aguas do esquecimento.

Se Serafim por Francisco,
Sois e Custodio tambem,
Já os meritos não tem
Do Madeira o menor risco.
A fama um novo obelisco
Ao vosso nome levante,
E com voz altisonante,
Pâra que o tempo se affronte,
Do ouvidor as acções conte,
E de vós as glórias cante.

SONETOS

Idem

No cargo, que o Madeira ha merecido,
De ouvidor, nos obsequios se ha mostrado
O projecto real desempenhado,
O americano povo agradecido.

Mas vós tendes, Custodio, conseguido,
Quando ao prélo os obsequios haveis dado,
Ser do ouvidor o nome eternizado,
Ser vosso nome mais engrandecido.
Acção tão generosa não conquista
O veloz coxo, que as acções consome,
Para que na memória sempre exista.
E é bem que á sua conta a fama tome
Do nome do ouvidor ser a Chronista,
Sendo vós o Custodio do seu nome.

Quando deste ouvidor fazeis notoria
A fama, dando ao prelo seus louvores,
Lograis, sabio doutor, com taes primores
Na sua exaltação a vossa glória.
Sendo tão digno objecto desta história
Um ministro maior entre os maiores,
Sentiria do Lethe os desfavores,
Se o não eternizáreis na memória.
Mais que ao merito seu agradecido
Deve estar á fortuna, que lhe ha dado
Quem no mundo o fizesse conhecido.
Que ainda que seja o merito elevado,
Padece o sentimento do esquecido,
Se a fortuna não tem de ser lembrado.

ANTONIO JOSÉ

ANTONIO JOSÉ

Admiradores do passado, que por tendencia natural se comprazem de defender e achar boas medidas governativas, ás vezes só porque a idade de alguns séculos as faz respeitaveis, procuram desculpar a introducção dos rigores inquisitoriaes nos reinos de Castella e Portugal, como um meio politico adoptado para fortalecer as duas monarquias, fixando nellas a unidade religiosa. Não nos faremos cargo de repellir tal desculpa com os males occasionados na Peninsula, pela intolerância, já no que diz respeito á intelligencia agrilhoda, e ás vezes intrigada, já á diminuição de tantos cabedaes saidos destes reinos.

O que podemos afoitamente dizer é que em geral, nas colonias e conquistas, tal introducção além de impolítica foi barbara, quando não desleal e traiçoeira, como succedeu no Brazil, a respeito das familias que occultamente seguiam a religião do Talmud.

Algumas dessas familias haviam para ahi sido levadas pelos proprios donatarios, a titulo de que suas capitanias tinham privilegios para os homisiados; outras tinham passado no tempo dos Hollandezes; e com estes quando evacuaram Pernambuco foi capitulado que taes familias não seriam perseguidas, e antes se respeitariam seus haveres, etc. Esta capitulação cumpriu-se a prin-

cipio; as familias dos Judeos, julgando-se em segurança, começaram a entregar-se tranquillas ao trabalho, e muitas, graças á sua actividade, se locupletavam prodigiosamente; sobretudo no Rio de Janeiro, que já principiava a desenvolver as vantagens, que leva a sua situação sôbre a da Bahia.

E apezar disso nem que pâra se cumprir a tradicional perseguição da raça, que pâra a nossa salvação condemnou o Redemptor, este Paraizo terreal dos novos hebreos não lhes foi de longa duração. Tinham decorrido os primeiros annos do seculo passado, quando uma infinidade de familias do Rio de Janeiro foram arrebatadas e conduzidas prêsas pâra os carceres de Lisboa. — Essas prisões pareciam não ter fim, e o desespêro do povo era já grande, quando Duguay Troin forçou a barra de Nictheroy: nem admira que, por occasião desse ousado maritimo occupar a cidade, houvesse nella nacionaes, que fossem pedir à invasora bandeira de França asylo contra a ferocidade dos familiares do Santo Officio.

E ainda bem que assim fizeram: pois os desgraçados que se pejaram de seguir tal exemplo, foram cruelmente recompensados de tal prova de patriotismo.

As prisões e remessas para a inquisição de Lisboa continuavam. Entre os remettidos em 1713 uma familia chama agora a nossa attenção. Além de abastada, era das mais aparentadas no Rio de Janeiro, onde cada um dos dois esposos, naturaes da mesma cidade, contava sete irmãos, em geral já casados e estabelecidos. O chefe da familia é o advogado João Mendes da Silva, a quem se attribuem varias poesias que nunca se imprimiram: sua mulher Lourença Coutinho vem accusada de culpas graves de judaismo. Os dois filhos mais velhos appelidam-se com os nomes dos avôs paterno e materno, André Men-

des da Silva e Balthasar Rodrigues da Silva. O mais moço chama-se Antonio José da Silva, e tem apenas seis annos de idade, havendo nascido a 8 de Maio de 1705. — Mas é justamente ésta criança quem promoveu todo este preambulo; pois veio a ser nada menos do que o poeta, de que nos propozemos tratar no titulo deste artigo.

O pequeno Antonio José começou em Lisboa sua educação, em quanto a mãi soffria os tratos do Santo Officio por christã nova. — A final a pobre foi solta; mas é muito provavel que o ferrete de judaismo, com que se estreavam na Côrte, limitasse o circulo de suas relações aos de sua igualha. E o joven Antonio José, ainda que baptisado na Sé no Rio de Janeiro, vendo-se agora só rodeado de christãos novos perseguidos, e de judeos, foi-se embuindo das doutrinas destes, até que as professou.

Foi a Coimbra estudar Canones, e nem por isso mudou de crenças. Em 1725 estava de volta em Lisboa; e já advogava com seu pai quando aos 8 de Agosto foi agarrado para os carceres da Inquisição. Tinha então 21 annos de idade, e o susto que lhe souberam incutir, e o modo como puzeram em contribuição seu genio docil, fizeram que elle não só se descubrisse aos Inquisidores culpado, como delatasse alguns cumplices. No exame de Doutrina que lhe fizeram errou alguns pontos. Sendo porém, a final, posto a crueis tratos de polé sem nada mais revelar, propoz-se a fazer decidida abjuração; e acceita esta foi solto no auto público do mez de Outubro. No soffrimento dos tratos, que pozeram o padecente na impossibilidade de assignar o seu nome. os Inquisidores tomaram nota de que o abjurado gritava por Deus, e não pela Virgem ou santo algum!...

Antonio José apenas se viu fóra daquellas paredes horrorosas, dispoz-se a cumprir com lealdade a abjuração que acabava de fazer. Começou a exercitar todas as práticas dos catholicos, fugiu do trato dos christãos novos, frequentando pelo contrário os conventos, e travando até amisade com alguns religiosos instruidos; pois o gôsto pelas lettras nelle se desenvolvia de modo que a ellas votava o tempo que lhe ficava, depois de trabalhar com seu pai na banca de advogado.

O Theatro fazia as delicias da fastuosa côrte de D. João V; — e de Italia não podiam ter vindo tantos mosaicos e carroagens, sem a *Opera Italiana*. Antonio José morava com seu pai ao "Pateo da Comedia", isto é, segundo imaginâmos, ao pé (1) do Theatro; e porque isso lhe facilitaria o frequental-o, ou porque pâra a scena o chamou a propria vocação, é certo que elle veio a dedicar-se á carreira dramatica. — A primeira composição sua de que temos notícia foi a sarzuela, ou como hoje diriam, *libretto* de uma opera epithlamica nas bodas do principe (depois rei) D. José em 1729. Com mais applicação e leitura principalmente das competentes obras de Metastasio, Molière e Ratrou, continuou em outras operas comicas que foram á scena de 1733 em diante, havendo sido impressas durante sua vida, no ano de 1736 e seguinte, o *Labyrinto de Creta, Variedades de Protheo,* e as *Guerras do Alecrim e Mangerona*. Por essa occasião tambem foi publicada a glosa que fez na morte da Infanta D. Francisca ao conhecido soneto de Camões

"Alma minha gentil que te partiste."

---

(1) Ainda hoje em várias cidades de Hespanha se chama ao Theatro *Casa de Comedia,* e ás ruas ou largos proximos *Calle de Comedia, Plazuela de Comedia,* etc.

Não trataremos aqui de avaliar com mais ou menos criterio o merito dessas composições e das outras suas, que se publicaram: só diremos que as *Guerras do Alecrim* são o primor de quanto nos deixou, e ainda hoje podia esta comedia fazer as delicias do público como opera comica no gôsto moderno (2). As outras suas comedias são *Anfitrião, D. Quixote, Esopaida, Medéa* e *Phaetonte,* que menciona Barbosa, e correm impressas. Outras ha, como os *Amantes de escabeche, S. Gonçalo de Amarante,* etc., que nem o chegaram a ser; e por ventura mais alguma escreveria, que andará talvez anonyma ou apocripha. Assim bem póde ser fossem tambem suas as *Firmezas de Protheo, Telemaco na Ilha de Calipso,* que possuimos manuscripta, e é muito no seu estylo, etc. Do 3.º e 4.º volumes (3) do *Theatro*

---

(2) Ainda não ha muito que conversando nós a este respeito em Lisboa com o Sr. Conde de Farrobo, cujo talento e dedicação dramatica são notorios, o mesmo senhor nos disse que não estava fóra da idéa de vir a pôr *"As Guerras do Alecrim"* com musica no seu Theatro das Laranjeiras, como fizera o anno passado com a farça *"Manoel Mendes"*, que depois franqueou para o Theatro Novo, onde o público tanto a aplaudiu. Ainda esperâmos ver chegar um dia em que nesse mesmo Theatro edificado sôbre o mesmo solo das masmorras, onde Antonio José sofreu tratos, venham a ser suas obras applaudidas e coroadas.

(3) Quanto ás obras deste nosso poeta ha engano em attribuirem-se-lhe todos os quatro volumes do "Theatro Comico", sendo certo que as do 3.º e 4.º tomos, que em geral só contribuiram a diminuir-lhe o merecimento, quasi todas são conhecidamente de outros autores. Assim v. gr. o *Adolonimo em Sidonia* é uma imitação do italiano *Alessandro in Sidone* publicado nas obras de Zeno; *Adriano em Syria* é a tradução da opera do mesmo titulo por Metastasio; os *Novos Encantos d'Amor* vem em todas as Bibliothecas como uma das obras de Alexandre Antonio de Lima, e verdadeiramente não é mais que uma imitação do hespanhol, etc.

Começamos por mostrar a não originalidade destas publicações, para nos justificarmos de que nenhum prejuiso faremos á memoria de Antonio José, quando riscâmos estas do catalogo de

Comico, quando muito são no seu gôsto os *Encantos de Circe*, e a *Nymfa Siringa*. — Se bem que a idade de 34

---

suas obras, como passâmos a fazer, e com as provas, resultantes de certa confrontação, dos prologos e das edições, que todas vimos não sem difficuldades e despezas.

Vejamos.

Depois da morte do A. propoz-se Francisco Luiz Ameno a imprimir, com o titulo de *Theatro Comico*, uma collecção de conhecidas peças portuguezas, cujo numero elle reduzia a quarenta e oito; obteve para isso privilegio de dez annos e publicou em 1744 na officina Sylviana os dois primeiros volumes em 8°, contendo as operas de Antonio José, precedidos de estampas allegoricas, e promettendo para os 3.° e 4.° volumes *Adriano em Syria*, *Semiramis*, *Filinto*, *Adolonymo*, *Nymfa Siringa*, etc. Tendo porém alguma demora em cumprir sua promessa, houve outro individuo que em 1746, na officina de Ignacio Rodrigues, publicou estas cinco promettidas peças, e além dellas, mais trez, em dois tomos, tambem de 8° com o titulo de "*Operas Portuguezas*".

Ameno reimprimiu em 1747 os dois volumes publicados por elle trez annos antes; mas teve que mudar o 2.° § do prologo, que se refferia ás peças que havia promettido. No que de novo escreve diz que não poude dar as peças promettidas *por haver destas auctor vivo, que não consentiu que outro as imprimisse*. Do que fica claro não era seu auctor Antonio José que deixara de existir em 1739, como sabemos. Acrescenta que havendo-se feito della uma edição (allude aos 2 volumes com o titulo *Operas Portuguezas*, impressas em 1746), se propunha a continuar a collecção com outras operas, que nomêa. Dessas operas algumas foram impressas avulsas; mas a collecção não continuou tal; o que succedeu foi em 1751, fazer-se outra edição dos dois volumes de 1746; e em 1753 repetiram-se em 3.ª edição os dois volumes do *Theatro Comico;* seguiu-se outra em 1759. Foi a esta 4.ª edição dos dois volumes que pela primeira vez se annexaram em 1760 e 1761, sob a rubrica de tom. 3.° e 4.° do dito *Theatro Comico* os mesmos até então 1.° e 2.° intitulados *Operas Portuguezas* — dos quaes verdadeiramente esta edição foi a 3.ª. — Uma tal associação de volumes e de titulo repetiu-se na última edição, tambem em quatro volumes, feita na officina de Simão Thadeu Ferreira em 1787, — 88, 90 e 92, — e nella se conservou todo o prologo da edição de 1747, cujo segundo periodo se havia já supprimido n'uma das edições anteriores. Esta vem a ser 3.ª do tom. 1.° e 2.° e 4.ª do 3.° e 4.°, não falando nas impressões avulsas. Das edições de

anos com que morreu (por não o deixarem viver mais) não nos permitte crer que apezar de toda a sua fecundidade tivesse tempo para ser auctor de mais obras.

O talento e chistosa graça de Antonio José resumbra a cada instante. Ás vezes vereis expressões que o público mais pulido de hoje não toleraria; mas o nosso A. conhecia de certo a sua platéa; e tanto que não se cançava ella de dar gargalhadas a valer, e de o applaudir. Os Inquisidores porém descubriram de certo alguma liberdade de pensamento nas grandes verdades, que o philosopho dramatico denuncia debaixo do envoltorio do estylo picaresco.

"Toda a justiça acaba em tragedia" faz elle dizer a Sancho, e a ninguem melhor servia a carapuça que aos Inquisidores. — Tambem é possivel que pretendessem achar no *Amfitrião* alguma revelação dos tratos, que passára nos carceres: o certo é que o tomaram á sua conta como passâmos a ver.

Tinha-se Antonio José casado em 1734, com Leonor Maria de Carvalho. Este matrimonio fôra abençoado um anno depois, em Outubro de 1735, nascendo uma menina que recebeu o nome da avó paterna. Era uma familia feliz: a advocacia dava a Antonio José uma subsistencia honesta, e com que pagar a renda de um andar das casas, em que vivia junto à igreja do Soccorro. O theatro offerecia-lhe pasto intellectual, grangeava-lhe a afeição do monarcha e bastante popularidade; e a filhi-

---

cordel possuimos *As Guerras do Alecrim* impressas em 1770 — 4.° —; vindo assim desta comedia a existirem pelo menos sete edições. O *D. Quixote* mereceu as honras de ser traduzido em francez na collecção dos *Chefs d'œuvre des théatres étrangers*. Foi traductor o illustre Ferdinand Denis, para sempre benemerito das nossas lettras.

nha e a mulher e a sua velha mãi constituiam-lhe todas as delicias do coração. Eis porém que aos 5 de Outubro de 1737, quando se aproximava o segundo anniversario da dita filhinha Lourença, viu-se arrebatado subitamente por um familiar do Santo Officio. Tal é o primeiro quadro da acção verdadeiramente tragica, que nos vai offerecer o resto de seus dias.

Serviu de pretexto aos Inquisidores certa denuncia dada por uma preta de Cabo Verde, escrava de sua mãi, a qual segundo se provou depois, Antonio José castigára, por ser de má vida: este triste instrumento de vingança veio a pagar o mal, morrendo de susto no carcere, onde fôra trazida para ser interrogada. Não havendo capítulos de provas contra Antonio José, e não sendo possivel tiral-os de suas obras devidamente licenciadas, tratou-se de lh'os orçar dentro dos mesmos carceres. Foi mettido n'uma casa que tinha buracos clandestinos para ser espiado, e os guardas que iam espionar reparavam em quando elle não comia, de certo porque a isso o não convidava o appetite, para irem depois depor que estavam persuadidos que o não fazia por jejuar judaicamente. Foram só taes depoimentos e os de um denunciante (que segundo parece de proposito lhe destinaram para companheiro) que este poeta foi condemnado! E isto quando os proprios guardas muitas vezes depõem como elle lia nas horas, resava de mãos postas, e benzia-se etc. E isto quando todas as testemunhas que convocou em sua defensa, entre os quaes entravam frades, incluindo-se, até de D. Domingos, deposeram sua devoção pelo catholicismo, e attestaram seus bons costumes! Não somos nós que o dizemos: é o seu processo original, que chegou até nós, pâra podermos vingar a sua memória. Foi o empenho que consta haverem feito muitos grandes da

época, incluindo o proprio rei D. João V, para o livrar. Mas que se lhe dava á Inquisição com o poder dos grandes e do rei, antes do Marquez de Pombal?!...

Nós seremos os primeiros a confessar que nas obras de Antonio José expressões e pensamentoe ha, as quaes por ventura descobrem que a mira deste poeta não era ganhar o Ceo asceticamente, e por meio de cilicios; mas se elle não era naturalmente de humor devoto e espirito demasiado credulo, como pretender insistir que elle tinha fé de se salvar voltando á religião de Moysés, para não comer toicinho, e privar-se de um bom pedaço de lombo!...

Quando o nosso poeta por sua justificada innocencia, quando seus amigos testemunhas que haviam deposto a favor delle, julgavam-o talvez absolvido, lavrava-se-lhe a sentença tremenda de relaxação a 11 de Março de 1739. Mas elle nada sabía; e soffria resignado no carcere numero 6 do *Corredor meio-novo*, ora deitado em um sobrado, ora passeando com as mãos mettidas, como tinha por costume, nas mangas do roupão azul forrado de encarnado, que usava em quanto preso. Quantas vezes ahi não teria motivo pâra repetir os seguintes versos, que annos antes fizera recitar a Amfitrião:

Sorte tyranna, estrella rigoroza,
Que maligna influis com luz oppaca,
Rigor tão féro contra um innocente;
Que delicto fiz eu, pâra que sinta
O pêzo desta asperrima cadêa
Nos horrores de um carcere penoso,
Em cuja triste lobrega morada
Habita a confusão, e o susto mora:
Mas se acaso, tyranna, estrella impia,
É culpa o não ter culpa, eu culpa tenho;
Mas se a culpa, que tenho, não é culpa,

Pâra que me usurpaes com impiedade
O credito, a esposa, e a liberdade?

O' que tormento barbaro
Dentro no peito sinto!
A esposa me desdenha,
A patria me despenha;
E até o ceo parece,
Que não se compadece
De um misero penar.
Mas ó Deoses, se sois Deoses,
Como assim tyrannamente
A este misero innocente
Chegais hoje a castigar?

Mais de sete mezes depois de sentenciado, a 16 de Outubro de tarde, foi-lhe feita a intimação, e entregue no Oratorio aos cuidados do jesuita Francisco Lopes. Bem podia dizer com o seu Polybio:

Se o recto instrumento
Que vibras ingente
De uma alma innocente
Castigo não é:
Ao duro supplicio
Impávido vou.
Não fujo, não temo
Da morte os horrores,
Que a rigida espada
Em vida inculpada
Já mais penetrou!...

tanto mais se soubesse que sua velha mãi ficava na terra pâra penar e abjurar mais uma vez!

Passados tres dias estava elle na Eternidade!... E o seu corpo queimado e convertido em cinzas e vapo-

res... Deus tenha sua alma em gloria, pois elle já não era judeu!

Era Antonio José de estatura mediana, alvo, de cabello castanho escuro, de feições e cara meuda, e tinha pouca barba.

Consta-nos que o nosso bom amigo o Exmo. Sr. Rodrigo de Souza da Silva Pontes, tão fino litterato como justo magistrado, além de acreditado administrador e diplomata, se propõe a fazer uma edição completa das obras deste filho d'America. Oxalá possam-lhe ser de alguma utilidade estes nossos apontamentos, e a integra do processo que tivemos a fortuna de achar, e do qual por ordem do dito Sr., fazemos tirar uma cópia. — Demos-lhe desde já nossos emboras! — Restitua-nos pois as obras com o auctor chamado pelo seu nome; e cesse de uma vez o labéu de *Obras do Judeu*, com que o público as apellidára, quando as viu publicar anonymas, o que provavelmente foi ordenado pela Inquisição.

Ninguem ousa no *Theatro Comico* pronunciar o nome de Antonio José: e entretanto descobre-se que a elle alludem no titulo as expressões — "Que se representaram" etc.: a elle allude o Collector Ameno na Advertencia, e ainda mais a elle allude até sem ousar nomeal-o, o priprio Rei no Privilegio, que só se publicou nas primeiras edições. — Os censores para a primeira edição de Ameno foram o conego D. José Barboza e o frade de São Domingos Fr. Francisco de Santo Thomaz. Este último disse a 8 de Março de 1743: "Ainda que o sal dos escriptos deste genero com que seus AA.

os costumam temperar... degenere às vezes em corrupção dos costumes, *aqui* não succede assim, porque... foi extrahído dentro das margens da modestia e sem redundancia fóra dos limites da *Religião Christã.*" Aquelle apenas disse em 6 de Abril que não via nas "obras coisa *contra a fé* e bons costumes."

Seria quasi reprehensivel ommissão falar da vida de Antonio José sem ao menos fazermos honrosa menção do drama *"O Poeta e a Inquisição"* com que o Sr. Magalhães mui talentosamente poz em scena o nosso pobre perseguido. Os novos factos, que agora se conhecem, offerecem já outro drama, ainda que com scenas mais carregadas, menos difficil de fazer. Jámais porém nós tal emprehenderiamos; a ninguem senão ao Sr. Magalhães, em sua vida, compete, em nossa opinião, realizar essa tarefa. Tudo o mais fôra miseravel ambição *escamotada* á custa de menos polida attenção pelo poeta A. do drama que se estreou. ainda antes do *Auto de Gil Vicente* no moderno impulso que recebeu em seu repertorio e theatro portuguez.

[Ao estudo sôbre Antônio José da Silva, contido nas páginas *supra*, não ha que acrescentar mais do que ligeiros esclarecimentos bibliográficos:

— Rodrigo de Sousa da Silva Pontes começou a escrever sôbre Antônio José, mas não levou avante a tarefa; falecendo em 30 de janeiro de 1855, poucos anos depois das referências que faz o Autor amigo ao seu trabalho, deixou apenas um esbôço, que intitulou — *Memória da Vida e Escrittos de Antonio José da Silva* — 8 laudas numeradas, escritas em ambas as faces, — que se conserva na Secção de Manuscritos da Biblioteca Nacional (I — 32, 15, 6.)

— Domingos José Gonçalves de Magalhães, depois Visconde de Araguaia, escreveu: *Antonio José, ou o poeta e a Inquisição,* — tragédia. Rio de Janeiro, 1839, in-8° de 118 pp.

— Do Autor ha a *Memoria sobre os habitantes do Brasil condemnados pelo Santo Officio de Lisboa*, na *Revista do Instituto Histórico*, VI, 330/333, VII, ps. 54/86, e 427/431.

— *Biografia* pelo Autor, *Revista* citada, IX, ps. 114/124.

— *O Processo feito pela Inquisição contra Antônio José da Silva, poeta brasileiro*, impresso na mesma *Revista*, LIX, parte 1ª, ps. 5/261.

Veja Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana*, I, ps. 303. Antônio José da Silva é patrono da cadeira n. 2 dos membros correspondentes da Academia Brasileira. — R. G.]

Gloza dos versos do conhecido soneto de Camões "Alma minha" etc.; por occasião da morte da infanta D. Francisca em 1736.

Que importa que separe a fera morte
Os extremos, que amor ligou na vida,
Se quanto mais violenta intíma o córte
Vive a alma no affecto mais unida:
E posto te imagine, oh triste sorte!
Nos horrores de um tumulo escondida,
Nunca do peito meu te dividiste,
"Alma minha gentil, que te partiste.

Se no regio pensil flor animada,
Púrpuras arrastava a galhardia,
Por isso na beleza inseparada
A duração efemera existia:
Se está na formosura vinculada,
Esta da morte occulta sympathia,
Que muito te ausentasses levemente,
"Tão cedo desta vida descontente?

Como flor acabou quem rosa era,
Porém nessa fragrancia transitoria,
Não quiz ser flor na humana Primavera,
Por viver serafim na excelsa glória:
Já que o desejo meu te considera,
Gozando nesse Empyreo alta victória,
Apezar da saudosa dor vehemente
"Repousa lá no ceo eternamente.

Nessa patria de raios luminosa,
Donde immortal se adora a luz immensa;
Alegre viverás, alma ditosa,
Sem limite jámais na glória intensa,
Que eu infeliz em ância luctuosa
Farei no meu gemido a dôr extensa;
Eterno goza tu o bem que viste,
"E viva eu cá na terra sempre triste.

Não cuides que o affecto de adorar-te
Se extinguiu nos limites de perder-te,
Porque na viva fé de idolatrar-te
Na memória conservo o bem de ver-te:
Tão constante me elevo em venerar-te,
Que não sei que podesse mais querer-te
Se cá na terra dura onde me viste,
"*Se lá no assento ethereo onde subiste.*

E se nesse brilhante firmamento
De algum humano bem memoria dura,
É porque no logar da culpa isento
Não se veja do ingrato a mancha impura:
Lembre-se pois, ó alma, o vago alento,
Que em suspiros exala esta ância pura,
Lembra-te; pois tambem no ceo luzente
"*Memória dessa vida se consente.*

Quantas vezes a tanta galhardia
Portugal sacrificios dedicava?
Nos altares de um peito amor ardia,
Se este extremo que em luzes se accendia,
Era fragoa de amor, que se abrazava,
Pâra allívio efficaz de um peito ausente
"*Não te esqueças daquelle amor ardente.*

Mas se algum dia o gôsto por activo
Em cristalino rio se applicava,
(Que tambem o prazer quando excessivo
Pelos olhos rethorico falava,)
Hoje corre turbado o successivo
Cristal, que o gôsto amado publicava,
Turvo distilla a mágoa o pranto triste.
"*Que já nos olhos meus tão puro viste.*

Pâra eterno padrão uma saudade,
Mausoleo immortal se erige: oh quanto
Póde uma dor! pois toda a eternidade,
Breve círculo é de affecto tanto:
Recebe pois, ó inclita deidade,
O líquido holocausto de meu pranto,
Se acaso digno é de engrandecer-te,
"*E se vires que póde merecer-te.*

Neste fero tormento desigual
Sem remedio me vejo enlouquecer,
Sendo sómente allívio para o mal
Nesta ausencia infeliz por ti morrer:
Vivo tão satisfeito do fatal
Tormento, em que me obriga a padecer,
Que mitigo no mal, que me deixou
"*Alguma coisa a dor, que me ficou.*

Viste as Tagides bellas lamentando
Entre as ondas do Tejo a morte escura,
Que lacrimoso feudo derramando
Dão a Neptuno infausta investidura?
Viste os patrios montes arrancando
Do coração da penha a fonte pura?
Pois tudo effeitos são, se bem se adverte,
"*Da mágoa sem remedio de perder-te.*

Mas se tens por objecto o celestial
Numen, de quem te ostentas girasol,
Felice tu mil vezes, que immortal
Vives eterna á sombra desse sol.
E se pois transmigrou teu ser mortal
A um sublime ser, sendo crisol
Da virtude, que a tanto te exaltou,
"*Roga a Deus, que teus annos encurtou.*

Quantos desejarão no grave espanto
Da ausencia, que formaste hoje em retiros,
Abrandar essa urna com o pranto,
Accender essas cinzas com suspiros!
Qual á morte dirá: não tardes tanto,
Leva-me a mim tambem em vagos giros,
Pois quão cedo de mim soube esconder-te,
"*Que tão cedo de cá me leve a ver-te.*

Qual nevada bonina, que o subtil
Matutino licor feliz bebeu,
A quem o sol ardente em raios mil
A odorifera pompa lhe abateu:
Assim, ó bella infanta, alma gentil,
Noto no seu estrago o golpe teu,
Que admirado do mal por certo estou,
"*Quão cedo dos meus olhos te levou.*

Ais e lamentos

Já que em tanto tormento não alcanço
Allívio, neste apocrifo delicto,
A quem recorrerei, misero amante?
A quem recorrerei? A quem, Alcmena,
Senão ao puro archivo de meu peito,
Onde os extremos meus e os meus suspiros,
Finalmente exhalados,
Poderão commover as duras penhas,
E os asperos rochedos!
Que talvez nessa barbara aspereza,
Ache menos rigor, menos dureza.

Pois, tyranna, não te abranda
De meu peito a amarga pena,
Dize, ingrata, esquiva Alcmena,
Que farei por te abrandar?
A teu idolo adorado
Meu affecto já prostrado
Toda a victima de uma alma
Sacrifica em teu altar.

Tyranna ausencia,
Que me roubaste,
E me levaste
Da alma o melhor.
Se ausente vivo
Já sem alento,
Cesse o tormento
De teu rigor.

Ai de quem sente
De um bem ausente,
A ingrata dor!
Se eras minha alma
(Ai prenda bella!)
Como sem ella
Com alma estou!
Porém já vejo,
Que em meu delirio
Para o martyrio
Só vivo estou.
Ai de quem sente,
De um bem ausente,
A ingrata dor!

De amor todo abrazado
Me sinto quasi louco,
E afflicto pouco a pouco,
Me vai faltando a vida,
Me vai matando a dor.
Ai querida ingrata Alcmena,
Quanto susto e quanta pena,
Me provoca o teu rigor!

Na mágoa que sinto,
No mal que padeço,
A vida aborreço;
Que afflicto e confuso,
Maior labyrinto
Encontro no amor.
Não temo esse monstro,

Que horrivel me espera;
Só temo essa féra
Cruel tyrannia
De tanto rigor.

Em ti mesma considero
De meus males o motivo,
Por ti morro, por ti vivo,
Tu me matas, tu me alentas,
Pois comtigo está meu mal,
E comtigo está meu bem.
Deixa, pois, que triste viva
Quem alegre busca a morte,
E verás, que dessa sorte
Esta vida me horrorisa,
E ésta morte me convem.

Não tenhas por delirios
Meus temores,
Que em amores
Em dúvida é melhor
Temer, que confiar.
Oh credula não sejas
De amor no cego engano,
Que em tal damno
Dos males o peior
Devemos esperar.

Na onda repetida
Do zefiro impellida
Talvez a dura penha
Amante não desdenha
Seu liquido cristal.
Se pois a clara espuma
Trofeu de um monte alcança,
Bem póde haver mudança
Na instancia dos carinhos
Do genio seu fatal.

Oh infeliz, oh triste sem allívio,
Misero amante, como sem Ismene
Vivirei? Morrerei ao duro golpe
Da sentença cruel, que me separa
Aquella alma sublime deste corpo,
Cuja união amor ligou constante.
Oh Jupiter piedoso, dessa esféra
O trisulco furor de teu incendio
Contra um peito infeliez fulmina ingente,
Que pâra provocar os teus furores
Incentivo não ha mais adequado,
Que nascer infeliz um desgraçado.

Irado e languente,
Frenetico e amante,
Ó injusta deidade,
Da tua impiedade
A Jove supremo
Me quero queixar.
Se a luz me usurpaste
Do sacro hyminèu,
Cruel te enganaste,
Que em chamma mais pura
Minha alma constante
Se sente abrazar.

Ó tu luzida antorcha,
Que nessa etherea sala predominas
A brilhante caterva
De todos os planetas,
Ouve os écos, as vozes, os clamores
De um misero infeliz, a quem a sorte
Dá na vida o rigor da mesma morte.

Já que eu morro, ó féra Hircana,
Sem remedio a teus rigores,
Impaciente, louco amante,
Delirante,
Com gemidos e clamores,
De ti aos ceos me hei de queixar.

A minha alma, vaga, errante,
Não te assustes quando a vires,
Que por mais que te retires,
Te ha de sempre acompanhar.

Anacreonticas

Oraculo de amor
Propicio me responde
Nas âncias deste ardor:
Bem me queres, mal me queres,
Bem me queres, mal me queres...
Mal me queres, disse a flor!
Ai de mim, que me quer mal
Teu ingrato malmequer!
Acabou-se o meu cuidado,
Que mais tenho que esperar?

Um peregrino affecto
Me occupa o coração, quando inquieto;
Nem as aguas do mar, ou meus suspiros,
Surcando em dois mil giros
Me deixam respirar, porque em meu peito
Me abrazo o cego ardor de amor perfeito.

Não sei que novo affecto
Sinto no amante peito;
Só sei, que o seu affeito
Me obriga a te adorar.
Do teu doce attractivo
Já sente o amante peito;
E á vida não compete
Gôsto mais singular.

Toda a minha alma
Se abraza amante,
E a cada instante
Morrendo está.
Mais que os minutos
São meus ardores,
Nos teus rigores
Conta não ha.
Mas ai, tyranna,
Se a quem te adora
Fosse ésta hora
Hora de amar.

O navegante,
Que combatido
De uma tormenta
Logo experimenta
Quieto o vento
Tranquillo o mar.
Como eu, nem tanto
Se alegra, vendo
Que vai crescendo
Minha ventura
E vai cessando
De meu gemido
O suspirar.

N'uma alma inflammada
De amor abrazada
Cruel labyrinto
Fabríca o amor.
Porém quem espera
O bem de uma féra,
Acertos de um cego,
De um monstro favor?

Inda não creio
O bem que gózo:

Serei ditoso
No meu amar?
Estas as voltas
São da fortuna:
Sorte opportuna
Amor te dá.
Serás amante?
Serás constante?
Esta constancia
Firme será.

Na pura neve
De teus candores
Os meus ardores
Se ateam mais.
Se essa ventura
Feliz alcanças,
Nestas mudanças
Temo o meu mal.
Serás amante?
Serás constante?
Esta constancia
Firme será.

Viste, ó Clori, a flor gigante
Que procura firme, amante,
Seguir sempre a luz do sol?
Dessa sorte, sem desmaios,
Sol, que gira, são teus raios,
E meu peito girasol.
Mas ai, Clori, que a luz pura
De teus raios mais se apura
De meu peito no crisol.

Borboleta namorada,
Que nas luzes abrazada,
Quando espira nos incendios
Solicíta o mesmo ardor.
Tal, ó Clori, me imagino,
Pois parece, que o destino

Quer, por mais que tu me mates,
Que appeteça o teu rigor.

Ditosa pastorinha,
Que alegre em verde prado
Só cuida no seu gado
Ao som da melodía,
Que inspira a rude frauta
Do amante seu pastor.
Políticas não usa,
Nem maximas inventa,
Ufana se contenta
Das flores, que tributa
Á fé de um casto amor.

Arias e miscellaneas dramaticas jocosas

Viram já vocês um gato,
Que miando pela casa,
Tudo arranha, tudo arraza,
E caçando o pobre rato,
Este guincha que o não rape,
D'ali diz-lhe a moça *çape,*
E o gato responde *miau,*
E a senhora grita *xó?*
Dessa sorte amor tyranno
Faz das unhas duras frexas,
Que trepando da alma ás brexas
Corações, fressuras, bófes
Come, engole e faz em pó.

Lá vai á saude dos senhores,
E em suaves licôres
Matarei a cruel melancolia,

Em doce hydropesia:
Apesar do pesar e do cuidado
Vestir quero a minha alma de encarnado.

Nas guerras do Bacco
Sem chuço ou bayoneta
Com ésta trombeta
Toco a degolar: tan taran, tan, tan,
E ao som deste som: torom, tom, tom,
Tudo terá fim: tirim, tim, tim,
Prostrando as cavernas
De tantas tabernas,
Porque dellas possa
Bacco triumphar.

É o amor que uma alma engolle,
Sabão molle;
Pois com elle quem se esfrega,
Cabra cega,
Escorrega,
Cae aqui, cae acolá.
Assim uma alma namorada,
Esfregada,
Ensaboada,
Que tropeços não fará!

Egeria peregrina,
Do sagrado eridano nympha bella,
Deixa o ceruleo, errante, throno vago,
Em que habitas deidade;
Que se aguas procuras em taes mágoas
Vem a meus olhos, que tambem tem aguas.

Alenta, respira,
Galhardo pastor,
Pois vês, que a teu rogo
Partido o cristal
Se abrazam as aguas
Em fogo de amor.

Se da Italia esféra,
Tutelar divindade te appellidas,
Ampara um peregrino,
Que a teu facto eridano sacrifica
Outro rio em seu pranto: oh quanto temo,
Que unido o sacrificio á divindade,
Se innunde o orbe em líquida impiedade!

Alenta, respira,
Galhardo pastor, etc.

Outra vez, e mil vezes
Te busco impaciente,
Por ver se rigoroso meu destino
Nos influxos brilhantes de teus raios
Acha seguro asylo, e o passo errante
De um ânimo constante
Encaminha propícia, porque vejas,
Que idolatra numéra em vagos giros
Tantos os votos, quantos os suspiros.

Alenta, respira,
Galhardo pastor, etc.

Já que a fortuna
Hoje me abona,
A mangerona
Quero exaltar,
No seu triumpho
Que a fama entoa,

Palma e coroa
Ha de levar.
Hade por certo,
Que a sua rama
Na voz da fama
Sempre andará.
Inda que gaste
Duzentas solas,
Mil cabriolas
Por ti farei.
Ai que bichanero!
Que horrenda cara!
Quem lhe cascára
Um cambapé.
Dá-me essa mão,
Pâra me erguer.
Vá-se dahi,
Quem é vossê?
Sou quem por ti
Mil cabriolas
Juntas farei,
Queres tu ver?
Ora lá vai,
Uma, duas, tres, quatro, cinco e seis
Mui buliçoso
Tens esse pé!

Senhor Caranguejo,
Adeus, que me vou:
Lá vai o meu bem,
Meu mal me matou.
Não chore, barbado,
Vossê é rapaz?
Amor é que chora,
Que amor é rapaz.
Adeus, que me vou,
Não digas tyranna,
Adeus, que me vou.

Oh quanto me custa
Deixar-te sem mim!
Oh quanto me assusta
Ficar-me sem ti!
Porém paciencia,
Que na agua do pranto
Amor se affogou.

Selvatica féra
Da brenha mais tosca
Se encrespa, se enrosca,
Se a cara consorte
Nos braços encontra
De amante rival.
Se o rústico instincto
De um bruto padece,
Desculpa merece
Uma alma abrazada
Dos zelos no mal.

Toda a mulher que não for
Inclinada ao matrimonio,
Ha de leval-a o demonio,
Se a não levar o amor:
Trate logo de depor
Seu tyranno desdenhar;
Porém se não abrandar
Seu rigor, deve escolher
Ou casar, por não morrer,
Ou morrer, por não casar.

Não ha quem me diga
Por esta cidade

Se devo casar,
Se não, ou se sim?
Porém que verdade
Me podem dizer,
Se eu hei de morrer
Assim como assim?

Roto lenho que impellido
De infeliz vaga procella,
Quasi a pique submergido,
Vendo ao longo a praia bella,
Sem que a ella
Possa naufrago aportar.
Eu assim na dor violenta,
Sinto uma aspera tormenta,
Sem que possa minha idéa
Por Medéa
Livremente publicar.

Dirás ao meu bem,
Que não desconfie,
Que adore, que espere,
Que não desespere,
Que á sua firmeza
Constante serei.
Que firme eu tambem
A tanta fineza
Amante, constante
Extremos farei.

Não vêem o meu noivo
Como é galantinho?

Com esse focinho
Queria mulher?
Que tolo, que simples, que nescio é vossê?
Bem sei não mereço
Tão lindos amores;
Porém taes favores
Os lanço de mim co'a ponta do pé.

Se cuidas, menina,
Que eu seja perjuro,
Pois olha eu te juro,
Um raio me parta,
Me abraze um corisco,
O diabo me leve,
Se eu falso te for.
Mas ai, Taramella,
Se és linda, se és bella,
Terás em meu peito
Seguro o amor.

Que trémulo marres,
Que estatico morras,
Que estitico mirres,
Que morras, que marres, que mirres,
E a mim que se me dá?
Por mais que em teus males
Em âncias te estales,
E em prantos te estiles,
Debalde será.

SONETOS

A um mal reservado

Se este mal que padeço heide mostral-o,
Perifrazes não acho a definil-o;
Pois quando dentro da alma sei sentil-o,
Balbuciante é o gemido a declara-lo.

Por mais que intento em vezes decifral-o,
Me suffoca o prazer ao proferil-o,
Pois contém este mal um tal sigillo,
Que parece é delicto o publical-o.
Se o tormento que n'alma se resumo
Reside inexplicavel cá no interno
Do peito, donde sinto um vivo lume:
Sómente caberá seu mal eterno,
Ou na lingua do fogo do ciume,
Ou na bocca voraz do mesmo averno.

Ao amor

Labyrinto maior, mais intrincado,
Tem amor em meu peito construido,
De quem se ostenta os golpes do gemido,
Cinzel a mágoa, artifice o cuidado.
Na memória se vê delineado,
O tormento de um gôsto amortecido,
Na confusão da dor o bem perdido
Nunca se encontra ainda quando achado.
A máquina mental desta estructura
Adornam em funestos parallelos,
Lamina o susto, sombras a pintura:
Columnas são os miseros desvélos,
Estátua o desengano se affigura,
Fio a esperança é, monstros os zelos.

Ao alecrim

Um dia pâra Siques quiz Amor
Uma grinalda bella fabricar,
E por mais que buscou, não pôde achar
Flor do seu gôsto entre tanta flor.

Desprezou do jasmim o seu candor,
E a rosa não quis por se espinhar
Ao girasol mostrou não se inclinar,
E ao jacinto deixou na sua dor.
Mas tanto que chegou Cupido a ver
Entre virentes pompas o alecrim,
Um verde ramo pretendeu colher;
Tu só me agradas, disse, pois em fim
Por ti desprézo, só por te querer,
Jacinto, girasol, rosa e jasmim.

Á mangerona

Pâra vencer as flores quiz amor
Settas de mangerona fabricar:
Foi discreta eleição, pois soube achar
Quem soubesse vencer a toda a flor.
O jasmim desmaiou no seu candor,
A rosa começou-se a espinhar,
No girasol foi culto o inclinar,
Ais o jacinto deu de inveja e dor.
Entre as vencidas flores póde ver
Retirar-se fugido o alecrim,
Que amor para vingar-se o quiz colher;
Cantou das flores o triumpho em fim,
Nem os despojos quiz, por não querer,
Jacinto, girasol, rosa e jasmim.

Ao malmequer

Essa, que em cacos velhos se produz
Mangerona miserrima sem flor,
Este pobre Alecrim, que em seu ardor
Todo se abraza por sair á luz.

Ainda que se vejam hoje a fluz
Desbancar nas baralhas do amor,
Cuido, que ellas o bollo hão de repor,
Senão negro seja eu como um lapuz.
O malmequer, senhores, isso sim,
Que é flor, que desengana, sem fazer
No verde da esperança amor sem fim.
Deixem correr o tempo, e quem viver
Verá que a mangerona e o alecrim
As plantas beijarão do malmequer.

CLAUDIO MANOEL DA COSTA

CLAUDIO MANOEL DA COSTA

No Brazil, como em todos os paizes em que os Jesuitas tiveram influencia (do mesmo modo que naquelles em que ainda a tem), a educação da mocidade era apanagio seu, pelo menos durante o tempo dos preparatorios pâra as frequencias de universidade, e estudos maiores. É preciso confessar que em geral desempenhavam bem essa missão, e que de suas aulas são oriundos grandes genios que ornam a história das lettras e das sciencias.

Os collegios do Brazil começaram a distinguir-se pela escolha dos estudantes que deitavam para Coimbra. E era justamente em meio o século passado, quando varios delles se tornavam célebres na Universidade. Lá se formou João Pereira Ramos: lá segue seu irmão Francisco de Lemos, depois bispo e reitor; lá está um poeta do Rio de Janeiro, chamado Chterem; lá está tambem um prégador distincto (depois poeta epico) Santa Rita Durão, e lá se distingue, sôbre todos, o joven poeta Claudio Manoel da Costa.

Nascêra Claudio na hoje (desde 1745) cidade episcopal de Marianna, que se chamava então Villa do Ribeirão do Carmo; e o proprio titulo de *Villa* havia recebido em 1711, apenas alguns lustros antes de Claudio vir ao mundo. Em meio seculo um deserto aurifero ha-

bitava-se, recebia o pelourinho, ganhava as honras de cidade, e por fim até se ornava com a presença de um baculo. — Tal é na sociedade a prodigiosa influencia da riqueza!

Mas Claudio não viera poeta já das Minas Geraes: nenhumas inspirações divinas trouxera de lá. Viera pequeno estudar para as escolas do Rio de Janeiro, e só o trato dos livros é que lhe fizera desenvolver o sentimento poetico que tinha latente. Estudou bem Virgilio, e leu muito as obras poeticas pastoris, principalmente de Guarini e Rodrigues Lobo. — Em Coimbra declarou-se nas eclogas pastor do Mondego, e passando por Lisboa gostou do Tejo: e a um e outro accommodou muita inspiração, e reminiscencias de leitura. Mas possuiu-se bem da linguagem portugueza, e tanto que hoje a Academia de Lisboa o recommenda como classico. Concluidos os cinco annos em Coimbra voltou á sua provincia natal. E como lá não achou seus collegas poetas, e não viu campos de trigo, nem rebanhos de ovelhas, esmoreceu...

Teve certa inclinação amorosa e foi della infeliz. A sua Eulina era cruel, e não fazia caso delle. E a lyra, que antes acompanhára festas e amores, destemperou as cordas e soava com tons monotonos d'alaude. Já não tinha a "sombra dos salgueiros em que sua musa se ensaiára" e julgava-se "peregrina na propria terra". Ouçamos:

A vós, pastor distante,
Bem que presente sempre na lembrança,
Saude envia Alcino, que a vingança
Da fortuna inconstante,
Do barbaro destino,
Chora na propria terra peregrino.

Se a flauta mal cadente
Entoa agora o verso harmonioso,
Sabei, me communica este saudoso
Influxo a dor vehemente;
Não o genio suave,
Que ouviste já no accento agudo e grave.

Entorpeceu-se o canto;
E a Musa tristemente enrouquecida
Se viu, depois que a sorte desabrida
Trocou o doce encanto
Das Nymfas do Mondego
Pelo deste retiro inculto emprêgo.

Ainda outra vez nos seguintes Sonetos:

Onde estou! Este sitio desconheço;
Quem fez tão differente aquelle prado!
Tudo outra natureza tem tomado;
E em contemplal-o timido esmoreço.
Uma fonte aqui houve; eu não me esqueço
De estar a ella um dia reclinado;
Ali em valle um monte está mudado:
Quanto póde dos annos o progresso!
Arvores aqui vi tão florescentes,
Que faziam perpetua a primavera;
Nem troncos vejo agora decadentes.
Eu me engano: a região ésta não era:
Mas que venho a estranhar, se estão presentes
Meus males, com que tudo degenera!

Este é o rio, a montanha é ésta,
Estes os troncos, estes os rochedos;
São estes ainda os mesmos arvoredos;
Esta é a mesma rustica floresta.
Tudo cheio de horror se manifesta,
Rio, montanha, troncos e penedos;

Que de amor nos suavissimos enredos
Foi scena alegre, e urna é já funesta.
Oh quão lembrado estou de haver subido
Aquelle monte, e as vezes, que baixando
Deixei do pranto o valle humedecido!
Tudo está a memória retratando;
Que da mesma saudade o infame ruido
Vem as mortas especies despertando.

A fabula do seu patrio Ribeirão, que publicamos, é ainda um espelho do espirito do mesmo poeta. — A offerecer ao publico a dita fabula dizia elle:

Se ella vos desagrada por sentida,
Sabei que outra mais feia em minha pena
Se vê entre estas serras escondida.

Sería a da sua ingrata Eulina?...

Eis porém as proprias expressões de Claudio na introducção ás suas obras.

"Aqui entre a grossaria dos seus genios, que menos "podéra eu fazer, que entregar-me ao ocio, e sepultar-me "na ignorancia? Que menos, do que abandonar as fin- "gidas nymphas destes rios; e no centro delles adorar a "preciosidade daquelles metaes, que tem attrahido a este "clima os corações de toda a Europa! Não são estas as "venturosas praias da Arcadia; onde o som das aguas "inspirava a harmonia dos versos. Turva e feia a cor- "rente destes ribeiros, primeiro que arrebate as idéas "de um poeta, deixa ponderar a ambiciosa fadiga de "minerar a terra, que lhes tem pervertido as côres.

"A desconsolação de não poder substabelecer aqui "as delicias do Tejo, do Lima, e do Mondego, me fez "entorpecer o engenho dentro do meu berço: mas nada "bastou pâra deixar de confessar a seu respeito a maior

"paixão. Esta me persuadiu a invocar muitas vezes, e "a escrever a fabula do Ribeirão do Carmo, rio o mais "rico desta Capitania, que corre, e dava o nome á Cidade "Marianna, minha patria, quando era villa."

Em Coimbra no anno de 1751 havia Claudio publicado varios folhetos de versos, com os titulos de *Munusculo Metrico, Labyrintho de Amor, Numeros Harmonicos*, etc. Mais tarde assentou de fazer um volume das obras poeticas escolhidas. Remetteu-as de Minas a Coimbra, e nesta última cidade se publicaram ellas em 1768, em um volume de 8.º. Faz principalmente pasmar neste livro ver tanto verso italiano, e o que mais é, tanta boa poesia em boa linguagem italiana, que nos dá prova clara de quanto devia ser versado na lingua de Petrarcha. Este livro foi por Claudio offerecido ao Capitão General de Minas, Conde de Valladares, que pelo que vemos o protegia, conservando-lhe o cargo de secretario do seu governo. No dito cargo de secretario do governo fizera o nosso poeta uma longa viagem, correndo annos antes a provincia de S. Paulo, com o governador Luiz Diogo Lobo.

Depois de 1768 compoz a *Saudação á Arcadia;* desta era membro com o titulo de Glauceste Saturnio. O apparecimento do *Uraguay* de José Basilio parece que lhe deu desejos de estrear-se n'uma especie de epopéa. Mas o poema *Villa Rica* (1) offerecido em 1773 ao irmão do heroe do *Uraguay* deve ser mais consultado como uma memoria historica do que como um grande monumento poetico.

Nesse tempo estava a sua provincia convertida n'uma

(1) Este poema foi impresso no Ouro Preto de 1839 a 1841 em um folheto em 4.º.

verdadeira Arcadia de poetas. Lá estavam os Alvarengas, o professor Ribeiro, e o celebre Gonzaga que, mais moço que Claudio, o soube ganhar para companheiro inseparavel e bom amigo. Como existem poucas poesias de Claudio depois do estabelecimento desta amizade (posterior á data da publicação das obras) não apparecem nella reminiscencias senão nas obras de Dirceu. Este, feliz com as attenções da sua Marilia, não podia ver sem pena os repudios que seu amigo Glauceste recebia: ouçamol-o:

Que diversas que são, Marilia, as horas,
Que passo na masmorra immunda e fêa,
Dessas horas felices, já passadas,
Na tua patria aldêa!

Então eu me ajuntava com Glauceste;
E á sombra do alto cedro na campina
Eu versos te compunha, e elle os compunha
Á sua cara Eulina.

Cada qual o seu canto aos astros leva;
De exceder um ao outro qualquer trata;
O éco agora diz: *Maria terna;*
E logo: *Eulina ingrata.*

E ainda instava o leal amigo Dirceu:

Eu, Glauceste, não duvido
Ser a tua Eulina amada
Pastora formosa,
Pastora engraçada.
Vejo a sua côr de roza,
Vejo o seu olhar divino,
Vejo os seus purpureos beiços,
Vejo o peito cristalino;

Nem ha coisa que assemelhe
Ao crespo cabello loiro.
Ah! que a tua Eulina vale,
Vale um immenso thesoiro!

Ella vence muito e muito
Á laranjeira copada,
Estando de flores,
E fructos ornada.
É Glauceste, os teus amores;
E nem por outra pastora,
Que menos dotes tivera,
Ou que menos bella fôra,
O meu Glauceste cansára
As divinas cordas de oiro.
Ah! que a tua Eulina vale,
Vale um immenso thesoiro!

Sim, Eulina é uma Deosa;
Mas anima a formosura
De uma alma de féra;
Ou ainda mais dura.
Ah! Quando Dirceu pondera
Que o seu Glauceste suspira,
Perde, perde o soffrimento,
E, qual enfermo delira!
Tenha embora francas faces,
Meigos olhos, fios de oiro,
A tua Eulina não vale,
Não vale immenso thesoiro.

O fuzil que imita a cobra,
Tambem aos olhos é bello:
Mas quando alumeia,
Tu tremes de vel-o.
Que importa se mostre cheia
De mil bellezas a ingrata?
Não se julga formosura
A formosura que mata,

Evita, Glauceste, evita
O teu estrago e desdoiro;
A tua Eulina não vale,
Não vale immenso thesoiro.

A minha Marilia quanto
Á natureza não deve:
Tem divino rosto,
E tem mãos de neve.
Se mostro na face o gôsto,
Ri-se Marilia contente:
Se canto, canta comigo,
E apenas triste me sente,
Limpa os olhos com as tranças
Do fino cabello loiro.
A minha Marilia vale,
Vale um immenso thesoiro.

Mais ou menos feliz nos amores, mais ou menos melancolico, Claudio gosava das delicias d'amisade, depois que tinha ao pé de si a Gonzaga, que com outros amigos litteratos reunia em casa:

Do caro Glauceste a choça,
Onde alegres se juntavam
Os poucos da escolha nossa,
Pondo os olhos na varanda
Tu dirás de mágoa chêa:
Todo o congresso ali anda,
Só o meu amado não,
Mandarás aos surdos Deoses
Novos suspiros em vão,
Quando passar pela rua
O meu companheiro honrado,
Sem que me vejas com elle
Caminhar emparelhado.

Mas já nos assalta ao desfecho tremendo que resultou destas innocentes reuniões, em que a lingua discorria

acompanhando um pouco a liberdade do pensamento. Essas e outras reuniões foram denunciadas como incendiarias, e tentadoras de proclamar a independencia, não do Brasil, mas de Minas, e por essas suspeitas começou-se a prender gente...

Pertencem á historia as considerações sôbre a fantasiada conspiração do *Tiradentes*. Gonzaga foi apanhado antes de Claudio, pois a este, como solto, se refere escrevendo á sua Marilia na quadra acima e na seguinte lyra:

Meu prezado Glauceste,
Se fazes o conceito,
Que, bem que réo, abrigo
A candida virtude no meu peito;
Se julgas, digo, que mereço ainda
Da tua mão socorro;
Ah! Vem dar-m'o agora,
Agora sim que morro.

Não quero, que montado
No Pegaso fogoso,
Venhas com dura lança
Ao monstro infame traspassar raivoso.
Deixa que viva a pérfida calumnia,
E forge o meu tormento;
Com menos, meu Glauceste,
Com menos me contento.

Toma a lyra doirada,
E toca um pouco nella:
Levanta a voz celeste
Em parte que se escute a minha bella:
Enthe todo o contorno de alegria;
Não soffras, que o desgôsto
Afogue em pranto amargo
O seu divino rosto.

Eu sei, eu sei, Glauceste,
Que um bom cantor havia,
Que os brutos amansava;
Que os troncos e os penedos attrahia.
De outro destro cantor tambem affirma
A sábia antiguidade,
Que as muralhas erguêra
De uma grande cidade.

Orfeo as cordas fere;
O som delgado e terno
Ao rei Plutão abranda,
E o deixa, que penetre o fundo Averno.
Ah! Tu a ninguem cedes meu Glauceste,
Na lyra, e mais no canto;
Podes fazer prodigios,
Obrar ou mais, ou tanto.

Levanta pois as vozes:
Que mais, que mais esperas?
Consola um peito afflicto;
Que é menos ainda, que domar as féras.
Com isto me darás no meu tormento
Um doce linitivo;
Que em quanto a bella vive,
Tambem, Glauceste, vivo.

Por fim tambem o apanharam; e na cadêa de Villa Rica em 1790 foi assassinado com veneno, ou talvez assassinou-o o seu genio concentrado.

O conceito em que o tinha Gonzaga deduz-se da lyra citada, em que lhe dá por encargo pintar-lhe a sua Marilia; encargo que Claudio naturalmente desempenhou; pois que outra lyra (a 33) assim o accusa:

Tu tens, Marilia,
Cantor celeste;

O meu Glauceste
A voz ergueu;
Irá teu nome
Aos fins da terra,
E ao mesmo ceo.

A linguagem de Claudio, como elle proprio diz, não é inchada, nem

"Daquella que lá se usa entre essa gente,
Que julga que diz muito, e não diz nada."

Quanto ao mais quasi tudo nas obras de Claudio, é como o fim de sua vida, repassado de mysterio, de tristeza e ás vezes de horror...

[Cláudio Manuel da Costa, nos *Apontamentos* que enviou em 3 de novembro de 1759 ao Dr. João Borges de Barros, censor da Academia Brasilica dos Renascidos, da qual havia sido eleito membro supranumerário, e que se destinavam ao Catálogo dos acadêmicos, declarou ter nascido em 5 de junho de 1729, no bispado de Mariana, em um dos distritos da cidade chamado Vargem, onde viviam seus pais no exercício de minerar e plantar, segundo o uso do país; era filho de João Gonçalves da Costa e de D. Teresa Ribeiro de Alvarenga. Seus primeiros estudos foram feitos em Vila Rica; passou depois ao Rio de Janeiro, onde cursou Filosofia no Colégio dos Jesuitas; em 1749, aos vinte anos de idade, seguiu para Lisboa e daí para Coimbra, em cuja Universidade se formou em Cânones; em 1753 ou 1754 recolheu-se à pátria, e assistia em Vila Rica no exercício de advogado. Dos mesmos *Apontamentos* constam os nomes de seus avós maternos e paternos, dos irmãos que teve, como também a relação de seus escritos literários e dos que tinham sido impressos na Universidade de Coimbra até a data assinalada. Esses *Apontamentos,* documento biográfico decisivo, foram publicados pela primeira vez por Alberto Lamego, *A Academia Brazilica dos Renascidos. Sua fundação e trabalhos inéditos,* ps. 101/103, Bruxelles, L'Édition d'Art Gaudio, 1923.

A bibliografia completa de Cláudio Manuel veja-se em Arthur Motta, *História da Literatura Brasileira — Época da Trans-*

formação — Seculo XVIII, ps. 276/278, São Paulo, 1930. Veja-se também: Caio de Mello Franco — *O Inconfidente Claudio Manoel da Costa — O Parnazo Obsequioso e As "Cartas Chilenas"*, Rio, Schmidt, Editor, 1931.

A autoria das *Cartas Chilenas* tem sido atribuida a Cláudio Manuel; mas a exegese magistralmente conduzida por Afonso Arinos de Mello Franco, em sua edição das *Cartas Chilenas*, Rio de Janeiro, 1940, apura que àquele poeta deve ser atribuida apenas a autoria da *Epistola* que as precede, e ao seu companheiro de letras Tomás Antônio Gonzaga a autoria das mesmas *Cartas*.

Cláudio Manuel, envolvido na Inconfidência Mineira, foi interrogado uma só vez pelos juizes da Alçada, em 2 de julho de 1789; dois dias depois era encontrado morto no cárcere, suspendido de um armário e enforcado com uma liga. — Conf. Varnhagen, *História Geral do Brasil*, IV, ps. 413. — R. G.].

Lea a posteridade, ó patrio rio,
Em meus versos teu nome celebrado;
Porque vejas uma hora despertado
O somno vil do esquecimento frio:
Não vês nas tuas margens o sombrio,
Fresco assento de um álamo copado;
Não vês nymfa cantar, pastar o gado
Na tarde clara do calmoso estio.
Turvo banhando as palidas arêas
Nas porções do riquissimo thesouro
O vasto campo da ambição recrêas.
Que de seus raios o planeta loiro,
Enriquecendo o influxo em tuas vêas,
Quanto em chammas fecunda, brota em oiro.

Fabula do Ribeirão

Aonde levantado
Gigante, a quem tocára,
Por decreto fatal de Jove irado,
A parte extrema e rara
Desta inculta região, vive Itamonte,
Parto da terra, transformado em monte.

De uma penha, que espôsa
Foi do invicto gigante,
Apagando Lucina a luminosa,
Alampada brilhante,
Nasci: tendo em meu mal logo tão dura,
Como em meu nascimento, a desventura.

Fui da florente idade
Pela candida estrada
Os pés movendo com gentil vaidade;

E a pompa imaginada
De toda a minha glória n'um só dia
Trocou de meu destino a aleivosia.

Pela floresta e prado
Bem polido mancebo,
Girava em meu poder tão confiado,
Que até do mesmo Phebo
Imaginava o throno peregrino
Ajoelhado aos pés do meu destino.

Não ficou tronco ou penha,
Que não dêsse tributo
A meu braço feliz, que já desdenha,
Despotico, absoluto,
As tenras flores, as mimosas plantas,
Em rendimentos mil, em glórias tantas.

Mas ah! Que Amor tyranno
No tempo, em que a alegria
Se aproveitava mais do meu engano,
Por aleivosa via
Introduziu cruel a desventura,
Que houve de ser mortal, por não ter cura.

Visinho ao berço caro,
Aonde a patria tive,
Vivia Eulina, este prodigio raro,
Que não sei, se inda vive,
Para brazão eterno da belleza,
Para injúria fatal da natureza.

.—.

Trez lustros, todos d'oiro,
A gentil formosura,
Vinha tocando apenas, quando o loiro,
Brilhante Deus procura
Acreditar do pai o culto attento,
Na grata acceitação do rendimento.

Mais formosa de Eulina
Respirava a belleza;
De oiro a madeixa rica e peregrina
Dos corações faz preza;
A candida porção da neve bella
Entre as rozadas faces se congela.

Mas ainda, que a ventura
Lhe foi tão generosa,
Permitte o meu destino que uma dura,
Condição rigorosa
Ou mais augmente em fim, ou mais atêe
Tanto esplendor; para que mais me enlêe.

Não sabe o culto ardente
De tantos sacrificios
Abrandar o seu nome: a dor vehemente,
Tecendo precipicios,
Já quasi me chegava a extremo tanto,
Que o menor mal era o mortal quebranto.

Vendo inutil o empenho
De render-lhe a fereza,
Busquei na minha indústria o meu despenho!
Com ingrata destreza
Fiel de um roubo (oh misero delicto!)
A ventura de um bem, que era infinito.

Sabia eu, como tinha
Eulina por costume,
(Quando o maior planeta quasi vinha
Já desmaiando o lume,
Para doirar de luz outro horisonte)
Banhar-se nas correntes de uma fonte!

A fugir destinado
Com o furto precioso,
Desde a patria, onde tive o berço amado,

Recolhi numeroso
Thesoiro, que roubára diligente
A meu pai, que de nada era sciente.

Assim pois prevenido
De um bosque á fonte perto,
Esperava o portento appetecido
Da nymfa; e descoberto
Me foi apenas, quando (oh dura empreza):
Chego; abraço a mais rara gentileza.

Quiz gritar; opprimida
A voz entre a garganta
Apollo? diz, Apoll... a voz partida
Lhe nega fôrça tanta:
Mas ah! Eu não sei como, de repente
Densa nuvem me põe do bem ausente.

Inutilmente ao vento
Vou estendendo os braços:
Buscar nas sombras o meu bem intento:
Onde a meus ternos laços...!
Onde te escondes, digo, amada Eulina?
Quem tanto estrago contra mim fulmina?

Mas ía por diante,
Quando entre a nuvem densa
Apparecendo o corpo mais brilhante,
Eu vejo (oh dor immensa!)
Passar a bella nymfa, já roubada
Do Nunem, a quem fôra consagrada.

Em seus braços a tinha
O loiro Apollo prêsa
E já ludibrio de fadiga minha,
Por amorosa empreza,
Era despôjo de deidade ingrata
O bem, que de meus olhos me arrebata.

Então já da paciência
As redeas desatadas,
Toco de meus delirios a inclemencia:
E de todo apagadas
Do acêrto as luzes, busco a morte impia,
De um agudo punhal na ponta fria.

As entranhas rasgando,
E sôbre mim caindo,
Na funesta lembrança soluçando,
De todo confundindo
Vou a verde campina; e quasi exangue
Entro a banhar as flores de meu sangue.

Inda não satisfeito
O Numem soberano,
Quer vingar ultrajado o seu respeito;
Permittindo em meu damno,
Que em pequena corrente convertido
Corra por estes campos estendido.

E pâra que a lembrança
De minha desventura
Triunfo sôbre a tragica mudança
Dos annos, sempre pura,
Do sangue, que exhalei, ó bella Eulina,
A côr inda conservo peregrina.

Porém o odio triste
De Apollo mais se accende;
E sôbre o mesmo estrago, que me assiste,
Maior ruina emprende:
Que chegando a ser ímpia uma deidade,
Excede toda a humana crueldade.

Por mais desgraça minha,
Dos thesoiros preciosos

Chegou notícia, que eu roubado tinha,
Aos homens ambiciosos;
E crendo em mim riquezas tão estranhas,
Me estão rasgando as miseras entranhas.

Polido o ferro duro
Na abrazadora chama
Sôbre os meus hombros bate tão seguro,
Que nem a dor, que clama,
Nem o esteril desvello da porfia
Desengana a ambiciosa tyrannia.

Ah mortais! Até quando
Vos cega o pensamento!
Que máchinas estais edificando
Sobre tão louco intento.
Como nem inda no seu reino immundo
Vive seguro o Bárathro profundo!

Idolatrando a ruina
Lá penetrais o centro,
Que Apollo não banhou, nem viu Lucina;
E das entranhas dentro
Da profanada terra,
Buscais o desconcerto, a furia, a guerra.

Que exemplos vos não dicta
Do ambicioso empenho
De Polidoro a misera desdita!
Que perigos o lenho,
Que entregastes primeiro ao mar salgado,
Que desenganos vos não tem custado!

Em fim, sem esperança,
Que allivios me permitta,
Aqui chorando estou minha mudança;
E a enganadora dita,
Para que eu viva sempre descontente,
Na muda fantazia está presente.

Um murmurar sonoro,
Apenas se me escuta;
Que até das mesmas lagrimas, que choro,
A deidade absoluta
Não consente ao clamor, se force tanto,
Que mova a compaixão meu terno pranto.

Daqui vou descobrindo
A fábrica eminente
De uma grande cidade; aqui polindo
A desgrenhada frente,
Maior espaço occupo dilatado,
Por dar mais desafogo a meu cuidado.

.—.

Não se escuta a harmonia
Da temperada avena
Nas margens minhas; que a fatal porfia
Da humana sêde ordena,
Se attenda apenas o ruido horrendo
Do tosco ferro, que me vai rompendo.

Porém se Apollo ingrato
Foi causa deste enleio,
Que muito, que da Musa o bello trato
Se ausente de meu seio,
Se o Deus, que o temperado côro tece,
Me foge, me castiga, e me aborrece!

Em fim sou, qual te digo,
O Ribeirão presado,
De meus engenhos a fortuna sigo:
Comigo sepultado
Eu chóro o meu despenho; elles sem cura
Choram tambem a sua desventura.

Lyra

Que busco, infausta lyra,
Que busco no teu canto,
Se ao mal, que cresce tanto,
Allívio me não dáis?
A alma, que suspira,
Já foge de escutar-te;
Que tu tambem és parte
De meu saudoso mal.
Tu foste, eu não o nego,
Tu foste em outra idade
Aquella suavidade,
Que amor soube adorar;
De meu perdido emprego
Tu foste o engano amado:
Deixou-me o meu cuidado;
Tambem te hei de deixar.
Vem, adorada lyra,
Inspira-me o teu canto:
Só tu a impulso tanto
Todo o prazer me dás.
Já a alma não suspira;
Pois chega a escutar-te;
De todo, ou já em parte
Vai-se ausentando o mal.
Não cuides, que te nego
Tributos de outra idade:
A tua suavidade
Eu sei inda adorar;
Eu busco o encanto amado;
Amando o meu cuidado,
Desse perdido emprego
Eu busco o encanto amado;
Amando o meu cuidado,
Jámais te dei-de deixar.
Ah! De minha ância ardente
Perdeste o caro imperio:

Que já n'outro hemisferio
Me vejo respirar.
O peito já não sente
Aquelle ardor antigo:
Porque outro norte sigo;
Que fino amor me dá.
Amei-te, eu o confésso,
E fosse noite ou dia,
Jámais tua harmonia,
Me viste abandonar.
Qualquer penoso excesso,
Que atormentasse esta alma,
A teu obsequio em calma
Eu pude serenar.
Ah! Quantas vezes, quantas
Do somno despertando,
Doce instrumento brando,
Te pude temperar!
Só tu (disse) me encantas;
Tu só, bello instrumento,
Tu és o meu alento;
Tu o meu bem serás.
Vê, de meu fogo ardente,
Qual é o activo imperio:
Quem em todo este hemisferio
Se attende respirar.
O coração, que sente
Aquelle incêndio antigo,
No mesmo mal, que sigo,
Todo o favor me dá.
Se tanto bem confésso,
Ou seja noite ou dia,
Jámais essa harmonia
Espero abandonar.
Não ha de a tanto excesso,
Não ha de, não, minha alma
Desta amorosa calma
Meus olhos serenar.
Ah! Quantas âncias, quantas
Agora despertando,

A teu impulso brando
Eu venho a temperar!
No gôsto, em que me encantas,
Suavissimo instrumento,
Em ti só busco o alento,
Que terno me serás.
Vai-te; que já não quero,
Que devas a meu peito
Aquelle doce effeito,
Que me deveste já.
Comtigo jámais fero
Só trato de quebrar-te:
Tambem has de ter parte
No estrago de meu mal.
Não saberás desta alma
Segredos, que sabías,
Naquelles doces dias,
Que amor soube alentar.
Se aquella ingrata calma
Foi só tormenta escura,
Na minha desventura,
Tambem naufragarás.
Nize, que a cada instante
Teus numeros ouvia,
Ou fosse noite ou dia,
Jámais não te ouvirá.
Cançado o peito amante
Somente ao desengano
O culto soberano
Pretende tributar.
Comtigo partir quero
As mágoas de meu peito;
Quanto diverso effeito,
Do que provaste já!
Não cuides, que sou fero;
Porque já quiz quebrar-te:
No meu delirio em parte
Desculpa tem meu mal.
Se tu só de minha alma
O caro amor sabías,

Comtigo só meus dias
Eterno hei de alentar.
Bem que ameace a calma
Fatal tormenta escura,
Na minha desventura
Jámais naufragarás.
Clamar a cada instante
O nome, que me ouvia,
Ou seja noite ou dia,
O bosque me ouvirá.
Bem, que a meu culto amante
Resista o desengano,
O voto soberano
Te espero tributar.
De todo em fim deixada
No horror deste arvoredo,
Em ti seu tosco enredo
Arachne tecerá.
Em paz se fique a amada,
Por quem teu canto inspiras;
E tu, que a paz me tiras,
Tambem te fica em paz.
Não temas, que deixada
Te occupe este arvoredo,
Onde meu triste enredo
O fado tecerá;
Conheço, ó lyra amada,
O affecto, que me inspiras;
Na mesma paz, que tiras,
Me dás a melhor paz.

Ao Desembargador José Gomes d'Araujo

Sabio e recto ministro, aquella idéa,
Que eu formo desse espirito, alguma hora
Ha de chegar a dispensar-se ao mundo.
Inda que em sombras de uma imagem tosca,

Ver-se-ha, que quanto a mão do rei augusto
Mais liberal, mais pródiga vos honra,
Tanto o merito vosso os mesmos premios
Acredita, ennobrece e condecora.
Entregue á vossa direcção prudente
Foi o erario real; e apenas louva
A fortuna este bem, já vos admira
Cingir no Porto a senatoria toga.
Estes os louros são, que vos prepara
Vossa egregia virtude: que se de outra,
Estranha mão brotassem produzidos,
Não seria a vantagem tão preciosa.

.—.

Seguindo os vossos passos, desde quando
Pizaes das minas as montanhas toscas,
Que coisa ha, que não seja testemunho
Do zêlo, que distingue as acções vossas?
Diga-o do Sabará na régia casa,
Onde do erario se regula a somma,
Aquella perspicacia nunca vista,
Aquella sempre vigilancia prompta.
Velando pelo rei que segurança
Não tem os seus direitos! menor sombra
Não póde substituir no engano indigno,
Da maldade uma vez cerrada a porta.
Este o theatro foi, onde a virtude
Mil padrões erigiu á vossa glória,
Acreditando em diligencias graves
Do serviço real vossa pessoa.
Sem temer as distancias e os perigos
Por asperos certões, empresa heroica,
Desde já vos conduz a ver os matos,
Onde o Paracatú seu termo logra.
Ali provendo em equilibrio tudo,
Quanto acredita da justiça as normas,
Desprezaste as calumnias; e sómente
Déste á verdade a subsistencia propria.
Vencidas neste giro (quem tal crêra!)

Mais de trezentas lagoas, a derrota
Terminaes, respirando sem fadiga,
Ao ver, que pelo rei ella se abona.
Não bem cerraste os destinados dias
Do cargo de intendente, já sem nota,
Ao ver, que pelo rei ella se abona.
Não bem cerraste os destinados dias
Do cargo de intendente, já sem nota,
Que infame a residencia, o rei vos chama,
Já da fazenda o tribunal vos gosa.
E pâra seres com maior ornato
Exposto a nossos olhos, vos colloca
Na junta da Bahia, entre os que a béca
Distingue, ilustra, qualifica, approva.
Agora se outro alento me assistíra,
Eu descrevêra as peregrinas provas,
Que fizeste avultar, junto áquellas,
Que a fama em tanto giro admira absorta.
Eu dera a conhecer, que neste emprêgo
Resplendeceu vossa virtude, posta
No mais distincto gráo: dissera ao mundo,
Que em vós do erario se duplica a fôrça.

.—.

Nunca das minas o paiz doirado
Com tão crescidas, avultadas sommas,
Honrando o real sêllo, os cofres pôde
Ver tão soberba a lusitana frota.
Não só do tribunal junto á fadiga,
Vos applicaes, senhor; mas vos remonta
Novo cuidado a investigar os passos,
Que abre o extravio por estranhas boccas.
Pela comarca, onde os verdes campos
Tem do Sapucahí banhado as ondas,
Atravessais, entregue ao real serviço,
Os sertões, que inda as feras mal povoam.

Saudações a José Basilio e outros novos arcades

Em fim eu vos saudo,
Ó campos deleitosos,
Vós, que á nascente arcadia em grato estudo
Brotando estaes os loiros mais frondosos;
Eu vos estou descobrindo,
Bellas estancias do pastor Termindo.

Já sinto que respira
Uma aura em voz suave;
Orfeo pulsa de novo a doce lyra,
Ouve Thebas de novo o plectro grave;
Seu número é mais terno
Que o que muros ergueu, parou o Averno.

Que pastores tão novos
São estes, que vos pizam?
Como entre tristes e grosseiros povos
De nova gala os campos se matizam?
Quem fórma estas cadencias?
Quem produz tão mimosas influencias?

Se os olhos me não mentem,
Os venturosos nomes
Gravados nestes troncos já se sentem,
Tu, tempo gastador, os não consomes;
Briareu aqui diz este,
Ninfeu diz outro, aqui diz outro *Eurcste*.

Na mais copada faya
Abriu o ferreo gume
O nome de *Termindo;* o sol, que raia,
Aqui bate primeiro o claro lume,
Elle o vê, elle o inveja,
Eterno o nome, eterno o tronco seja.

Ah! Se da glória vossa,
Pastores, cá me víra
Tão digno, que na bella Arcadia nossa
Igualmente meu nome se insculpíra!
Entre a serie preclara
De *Glauceste* a memória se guardara.

Mas onde irá sem pejo
Collocar-se atrevido
Quem longe habita do sereno Tejo,
Quem vive do Mondego dividido,
E as auras não serenas
Do patrio Ribeirão respira apenas?

Sim, vosso caro abrigo,
Pastores póde tanto,
Que despertando do silencio antigo,
Erguer bem posso sem vergonha o canto:
Comvosco está *Glauceste*,
Comvosco faz soar a flauta agreste.

Se não cantar os feitos
Do bom pastor d'Anfriso,
Se de Jove e de Marte entre os eleitos
Não espalhar cantando um doce riso:
Saberei neste praia
A Titiro imitar junto da faya.

Em vós, ó campos, cresça
A vegetante pompa,
Cresça o verde esplendor, em vós floresça
A murta, o loiro, e na doirada trompa
Do monstro sempre errante,
O nome de *Termindo* se levante.

SONETOS

Quem és tu? Ai de mim! eu reclinado
No seio de uma vibora! Ah tyranna!
Como entre as garras de uma tigre hircana
Me encontro de repente suffocado!
Não era essa, que eu tinha posta ao lado,
Da minha Nize a imagem soberana?
Não era...? mas que digo! ella me engana;
Sim, que eu a vejo inda no mesmo estado;
Pois como no lethargo a fantasia
Tão cruel m'a pintou, tão inconstante,
Que a vi...? mas nada vi; a um peito amante
Foi sonho; foi quimera; a meu peito amante
Amor não deu favores um só dia,
Que a sombra de um tormento os não quebrante.

Lembrado estou, ó penhas, que algum dia,
Na muda solidão deste arvoredo,
Communiquei comvosco o meu segredo,
E apenas brando o Zefiro me ouvia.
Com lagrimas meu peito enternecia
A dureza fatal deste rochedo,
E sôbre elle uma tarde triste, quedo,
A causa de meu mal eu escrevia.
Agora torno a ver, se a pedra dura
Conserva ainda intacta essa memória,
Que debuxou então minha esculptura.
Que vejo: esta é a cifra: triste glória!
Pâra ser mais cruel a desventura,
Se fará immortal a minha história.

Campos, que ao respirar meu triste peito
Murcha e sêcca tornais vossa verdura,

Não vos assuste a palida figura,
Com que o meu rosto vêdes tão desfeito.
Vós me vistes um dia o doce effeito
Cantar do Deus de amor e da ventura;
Isso já se acabou; nada já dura;
Que tudo á vil desgraça está sujeito.
Tudo se muda em fim: nada ha, que seja
De tão nobre, tão firme segurança,
Que não encontre o fado, o tempo, a inveja.
Esta ordem natural a tudo alcança;
E se alguem um prodigio vêr deseja,
Veja meu mal, que só não tem mudança.

Quando cheios de gôsto e de alegria
Estes campos diviso florescentes
Então me vem as lagrimas ardentes
Com mais ância, mais dôr, mais agonia.
Aquelle mesmo objecto, que desvia
Do humano peito as mágoas inclementes,
Esse mesmo em imagens differentes
Toda a minha tristeza desafia.
Se das flores a bella contextura
Esmalta o campo na melhor fragrancia,
Pâra dar uma idéa da ventura,
Como, ó ceos, pâra os ver terei constancia,
Se cada flor me lembra a formosura
Da bella causadora de minha ância?

Polir na guerra o barbaro gentio,
Que as leis quasi ignorou da natureza,
Romper de altos penhascos a rudeza,
Desentranhar o monte, abrir o rio;

Esta a virtude, a glória, o esfôrço, o brio
Do russiano heroe, ésta a grandeza,
Que igualou de Alexandre a fortaleza,
Que venceu as desgraças de Dario:
Mas se a lei do heroismo se procura,
Se da virtude o espirito se attende,
Outra idéa, outra maxima o segura:
Lá vive, onde no ferro não se accende;
Vive na luz dos povos, na brandura:
Vós a ensinaes, ó rei; em vós se aprende.

Destes penhascos fez a natureza
O berço, em que nasci: oh quem cuidára,
Que entre penhas tão duras se criára
Uma alma terna, um peito sem dureza!
Amor, que vence os tigres, por empreza
Tomou logo render-me; elle declara
Contra o meu coração guerra tão rara,
Que não me foi bastante a fortaleza.
Por mais que eu mesmo conhecesse o damno,
A que dava occasião minha brandura,
Nunca pude fugir ao cego engano:
Vós, que ostentais a condição mais dura,
Temei, penhas, temei; que amor tyranno,
Onde ha mais resistencia mais se apura.

JOSÉ BASILIO DA GAMA

JOSÉ BASILIO DA GAMA

Sería ingratipão negar que á Companhia de Jesus deveu o Brasil a sua tão rápida civilisação. Uma sociedade que contava em si homens como os Anchietas, os Nobregas e os Vieiras dotados de ardor religioso, de coragem e de talentos não podia ter deixado de conseguir os fins a que se propuzera.

Mas conseguidos como eram esses fins alguns novos filhos da Companhia começaram a pesar a fôrça de influencia que á custa da louvavel abnegação de seus predecessores haviam alcançado, e por ventura persuadiram-se que do serviço que estes haviam feito ao christianismo e á civilisação deviam elles succesores ir colhendo alguma retribuição. Apoderados inteiramente da educação da mocidade (como dissemos na biographia precedente), um dos meios que empregavam era d'entre os seus discipulos atrahir os mais talentosos pâra a sua irmandade, encaminhando-os com geito e promessas.

Entre os moços que no princípio do meio seculo passado frequentavam no Rio de Janeiro as aulas de humanidades, em que ensinavam os jesuitas, distinguia-se um, que fôra trazido da provincia de Minas por certo religioso franciscano, que talvez instigado pela esperteza do mesmo pequeno, tomou a si esse encargo. O nosso jovem estudante nascido na hoje villa de S. José

do Rio da Mortes, ahi fôra baptizado na freguezia de Santo Antonio, chamando-se José Basilio da Gama. Fôra seu pai o capitão mór Manoel da Costa Villas Boas. Sua mãe Dona Quiteria Ignacia da Gama, apesar de possuir titulos de nobreza, e de ser neta de um governador da Colonia, depois de enviuvar, caíra em grande penuria, e achava-se falta de meios n'uma terra onde era então raridade não possuir algumas libras de oiro. — Em quanto o estudante seu filho faz no Rio de Janeiro progressos, os jesuitas já têm nelle deitado a mira como um dos futuros apostolos dignos de Santo Ignacio. — Por fim conseguiram captal-o, e assim vestiu a roupeta o irmão José Basilio.

Ainda era noviço quando chegou ao Rio de Janeiro a notícia do *golpe d'estado* da extincção da Companhia, que o Marquez de Pombal julgou conveniente dar. Se José Basilio já houvesse professado tinha de soffrer desnaturalisação e destêrro. Porém como noviço era-lhe permittido optar por uma módica congrua quando se decidisse a deixar a hábito, ao que elle se resolveu, continuando porém no Rio a estudar humanidades. — Até que, ou levado pelo gôsto de viajar ou induzido talvez por alguem, deixou o Rio, e por Lisboa se passou a Roma.

Na Côrte Pontificia os seus talentos lhe grangearam logo não só um logar na Arcadia com o nome de *Termindo Sipilio*, mas tambem uma cadeira em certo Seminario. Esta última parece que cedo o apoquentou de fórma, que não quiz nella continuar, passando precipitadamente a Napoles, d'onde veio a Lisboa, afim de regressar pâra o Brazil.

Que intenções teria Basilio neste regresso á patria não nos é permittido hoje atinar. Levaria projectos de

ser mineiro ou senhor de engenho? — Quereria dedicar-se ao magisterio ou ao esttado ecclesiastico? Quem sabe?!... O que apenas sabemos é que já então era elle um poeta de consideração, pois fôra capaz, ao lançar-se ao mar a náo *Serpente*, de produzir o soneto que publicâmos e é a primeira producção sua que chegou até nós. É natural que á sua recommendação devessem Claudio e outros litteratos brazileiros a entrada na Arcadia de Roma, e provavelmente essa entrada se effectuou por meio de alguma filiação ultramarina, que o nosso proprio *Termindo* dirigiria.

Depois de pouco tempo de residencia no Rio, de certo intrigas lhe teceram taes, que d'ahi foi remettido prêso pâra a Côrte, como ex-jesuita, desertor ou coisa similhante. Eram males que lhe vieram por bem da sua reputação litteraria, sem embargo de ser pâra isso arrancado do seu paiz. Em Lisboa foi entregue ao *Tribunal de inconfidencia*, e este tinha resolvido envial-o para Angola, quando José Basilio a fim de se resgatar se lembrou de empenhar a sua lyra, aliás ainda não affamada.

Em um epithalamio que compoz em magnificas oitavas envolveu elogios a Pombal pela reedificação de Lisboa, e, o que é mais, pela expulsão dos Jesuitas; e por fim concluia que pâra presenciar a felicidade dos descendentes deste grande ministro fizessem os conjuges seus descendentes que o mesmo Pombal o não mandasse pâra as praias africanas.

Foi um anjo, nem que caído do ceo, a favor do primeiro ministro do rei D. José! Um candidato a Jesuita indignado contra seus preceptores, um poeta talentoso prompto a empregar o estro em seus feitos, ainda quando

não se reunissem na mesma pessoa, não eram pâra deixar de ser angariados pelo marquez. José Basilio sensivel às demonstrações de favor do mesmo primeiro ministro estimulou-se a ponto de concluir o seu poema do *Uraguay*.

Desde então ganhou José Basilio a confiança plena de Pombal, que tratou logo de o chamar ao seu gabinete, nomeando-o official de secretaria: pouco depois, em 10 de Julho de 1771, foi-lhe passada carta de nobreza e fidalguia. (1)

Os trabalhos de enfadonho expediente não lhe fizeram abandonar as lettras: pelo contrário distrahia-se estudando os classicos, lendo frequentemente Dante e Petrarcha, traduzindo peças de Metastasio e Goldoni; e emprehendendo outras composições, v. gr. um canto á reedificação de Lisboa, um segundo epithalamio em 1776 aos condes da Redinha (isto é, á alliança do 2.º filho de Pombal 1.º conde da Redinha com a herdeira de Nuno Gaspar de Lorena), o *Lenitivo da saudade* do principe D. José em 1788, o *Quitubia* em 1791, etc.

Por fim foi feito socio da Academia de Lisboa.

Mas José Basilio não era physicamente de constituição mui robusta. Em 1792 foi a Coimbra fazer uso de umas aguas da *Mó*, que ficam nas visinhanças. Voltando a Lisboa não encontrou melhoras; até que afinal, depois de varios sofrimentos, em 31 de Julho de 1795 acabou seus dias. — Morava em Lisboa perto da Ajuda na rua das Mercês, e está enterrado na igreja da Boa-Hora, que hoje é freguezia.

Pessoas que conheceram muito José Basilio affirmam-nos que era homem de bom trato e bastante esti-

(1) Reg. no Liv. 1.º dos *Brazões* fl. 155 v.

mado na melhor roda da côrte; dotado de serenidade de espirito, e de vêa fecunda em anecdotas. Era mediano de corpo, e no seu rosto trigueiro brilhavam dois olhos vivos.

Concluiremos esta noticia com um conto a seu respeito que caracteriza seu bom humor e sangue frio.

Frequentava José Basilio muito os passeios a Cintra; e uma vez foi roubado no caminho. Os ladrões apenas tinham satisfeito suas intenções, disseram-lhe que se "pozesse ao fresco". "Já não me posso pôr mais," respondeu José Basilio (que estava nú), e Vmces. se acaso ficam quentes é á custa da minha roupa."

[José Basilio da Gama veio à luz na capitania das Minas Gerais, sítio do Caxêu, freguesia de Santo Antônio da vila de São José do Rio das Mortes, outrora São José d'El-Rei, hoje Tiradentes, pelos fins do ano de 1741. Foram seus pais Manuel da Costa Vilas-Boas e D. Quitéria Inácia da Gama, neta de um oficial da Colônia do Sacramento e filha do capitão Luis de Almeida Ramos e de D. Helena Josefa. Cerca de 1753 José Basílio foi mandado aos estudos no Rio de Janeiro, para o Colégio dos Jesuitas, onde faria o noviciado para professar na Companhia de Jesus. Com a expulsão dos Jesuitas, os que não eram professos podiam voltar à vida secular; foi o que aconteceu a José Basilio, que poude prosseguir em seus estudos, segundo se supõe, no Seminário Episcopal de São José, sob a proteção do Bispo D. Antônio do Desterro. Viajaria depois pela Itália e por Portugal, onde ficaria de 1760 a 1767; em começos desse último ano estava no Rio de Janeiro, e assistia a 8 de fevereiro, ao lançamento ao mar da náu *Serpente*, do que se dirá depois. Em 30 de junho de 1768 estava de viagem para Lisboa, a bordo da nau *Senhora da Penha de França*, com o intento de matricular-se na Universidade de Coimbra. Em Lisboa foi detido por suspeição de ser partidário dos Jesuitas, e teve de assinar no Tribunal da Inconfidência termo de partir para Angola no praso de seis meses, e ali ficar, condição para ter liberdade.

José Basilio já manifestara seu pendor para a poesia e em Roma entrara para a Arcádia Romana, com o nome pastoril de *Termindo Sipilio*. Do desterro a que estava sentenciado salvou-o o *Epitalâmio*, que escreveu às núpcias de D. Maria Amália, filha

de Pombal, e propiciou-lhe a proteção do poderoso ministro, que lhe deu o lugar de oficial da Secretaria do Reino, depois de lhe conceder carta de nobresa e fidalguia. Antes José Basilio publicara o *Uraguai*, que havia enchido as medidas do Marquês, por ser a maior das diatribes contra os Jesuitas.

A náu *Serpente*, de que José Basilio faz menção no *Uraguai* (Canto terceiro) e no soneto que o Autor transcreve *infra*, chamava-se oficialmente *São Sebastião*. Para sua construção o Vice-Rei Conde da Cunha, em 1764, estabeleceu o Arsenal de Marinha, no lugar onde se acha, antigamente chamado Praia de São Bento; tres anos depois a embarcação estava concluida, e a 8 de fevereiro (1768), como já se disse, era lançada ao mar. A nau *São Sebastião* é a mesma *Serpente*. O motivo dessa denominação (explicou o anotador da edição comemorativa do segundo centenário do poeta pela Academia Brasileira, ps. 141, Rio de Janeiro, 1941), que, como se vê, é dos primeiros dias, provinha do fato de ter o barco, "em seu elegantíssimo béque um formidavel e arrogante dragão, que o povo preferiu chamar simplesmente *serpente*, a náu serpente, ou também a náu do dragão. A construção foi dirigida pelo governador da fortaleza da Conceição, Alvaro Teixeira de Macedo, avô do poeta e diplomata de idêntico nome, incluido neste *Florilégio*. — Conf. Antônio José de Mello, *Biografias de alguns poetas e homens illustres da Provincia de Pernambuco*, III, ps. 149, Recife, 1859. Os mastros da náu foram tirados do lugar denominado Morretes, na comarca de Paranaguá. A *Serpente*, ainda em 1817, estava ancorada no porto de Lisboa, servindo de cábrea.

Nenhum retrato existe de José Basilio, porquanto o que ocorre na edição do *Uruguay*, da Livraria Clássica de Alves & Comp., Rio de Janeiro, 1895, busto gravado em madeira, é factício; mas existe um retrato falado, que está na lista dos passageiros da náu *Senhora da Penha de França*, em que embarcou, como se disse, no Rio de Janeiro para Lisboa: "Estatura ordinária, de cabelo castanho e crespo, rosto comprido, moreno, olhos pardos, nariz pequeno, grosso, pouca barba, com falta de um dente na frente do queixo de cima. Estudante, vai para Coimbra.". Esse documento, achado na Torre do Tombo, de Lisboa, e publicado por Teófilo Braga, *Filinto Elysio e os dissidentes da Arcádia*, ps. 487, Porto, 1901, foi reproduzido por Afrânio Peixoto, na *Nota preliminar* à edição do *Uraguai* pela Academia Brasileira.

A bibliografia completa de José Basílio, por Osvaldo Braga, vem nessa mesma edição, ps. 151/177. Sua biografia, *Revista do Instituto Histórico*, I, ps. 152/155; LIX, parte 2.ª, ps. 29/45. José Basilio da Gama é patrono da cadeira n. 4 da Academia Brasileira. — R. G.]

Ao Marquez de Pombal

De ti a lyra e o loiro a Arcadia fia,
Não envileças nunca o dom sagrado,
Canta do pai da patria; assim dizia
Com a trémula voz o velho honrado,
Quando junto do Tibre, que o ouvia
Sôbre tropheus antigos reclinado,
Cingiu na minha fronte o verde loiro,
E pôz nas minhas mão a lyra d'ouro.

Amada lyra, se o teu doce accento
Abala troncos, e levanta muros,
Enfrea as ondas, adormece o vento,
E abranda os corações dos tigres duros!
Acompanha o meu novo atrevimento,
Faze-te ouvir nos seculos futuros.
Se te assusta ir comigo aos pés do throno,
Instrumento feliz, busca outro dono.

Pôde um heroe no berço recostado
Despedaçar co'as mãos dragões torcidos,
Romper da eterna noite o horror sagrado,
Mostrar a luz ao cão dos três latidos;
E um dos joelhos sôbre o chão firmado,
Os braços pelas nuvens estendidos,
Sustentar elle só cheio de assombros
Todo o pêso do ceo sôbre os seus hombros.

Pôde depois de longa resistencia
Ver a seus pés o susto do Erimanto,
Dar um asylo á timida innocencia
Na terra, e o crime encher de horror e espanto;
Possuir os thesouros da eloquencia,
Quem cuidou que os mortaes podiam tanto?
Pôde Pombal... ó Grecia, não duvides;
E tu cuidavas que eu cantava Alcides?

Afoga as serpes o indiano ousado,
E os ferozes leões co'a garra erguida,
De curto ferro e de destreza armado
Lança por terra o caçador numida;

Porém contra as Esfinges, que rasgado
Tem no seio da Europa alta ferida,
Deu o ceo um heroe aos portuguezes,
Dadiva, que o ceo dá bem raras vezes.
Europa, envolve o rosto em negro manto,
Tu viste o crime nos altares posto,
E viste o irmão, da irmã, banhado em pranto
O peito virginal rasgar com gôsto;
Consagrar o punhal no templo santo
Pâra depois ferir voltando o rosto
Os velhos pais, os filhos innocentes;
Tanto a superstição póde nas gentes!
Infama agora um povo de guerreiros,
Vomita essas ijúrias, que tens promptas,
Porque entornava o sangue dos cordeiros,
Ou porque á branca rez dourava as pontas,
Os barbaros do mundo derradeiros
Não contam mais estragos, que tu contas:
O sangue humano, e não um crocodilo,
Tornou infame o habitador do Nilo.
Se a Lusitania diz em seu abono
Que não teme que a guerra hoje a destrua:
Se são a fé, e o amor guardas do throno,
Grande marquez, a glória é toda tua.
Ninguem perturba da innocencia o somno,
Ensina aos povos a verdade nua,
O sacerdote em candidos vestidos,
As mãos, e os olhos pâra os ceos erguidos.
O lavrador c'a as uvas enlaçadas
Entoa em teu louvor alegre hymno,
Responde o cegador c'o as mãos doiradas
De seu nobre suor tributo dino,
E só c'o a tua vista amedrontadas
Aos gelos boreaes, ao Ponto Euxino,
Fogem de nós as guerras sanguinosas
Detestadas das mãis e das esposas.
No capacete a abelha os favos cria,
Curva-se em fouce a espada reluzente,
O insecto industrioso as roupas fia,
Outras fia a serrana diligente;

Manda ao Téjo brilhante pedraria
O último Occaso, o último Oriente
Ao Téjo manda perolas redondas,
Arbitro antigo das ceruleas ondas.
Formoso Téjo que do patrio assento,
Vês ondear á discrição do vento
Respeitado das tropas do inimigo,
No elmo as plumas, na seára o trigo:
Reconhece do throno o firmamento,
A balança do premio e do castigo,
O pai da patria, o defensor da igreja:
Vai ao grande marquez, e os pés lhe beija.
Depois ao mar, que viu o caso triste,
Que a cinzas reduziu Lisboa inteira,
Pinta a nova Lisboa, e que lhe ouviste
Que não tinha saudades da primeira;
Conta-lhe a doce paz, dize que a viste,
De carvalho e pacífica oliveira
Enramadas as torres, e altos muros,
Ir pôr as mãos sôbre os altares puros.
O monstro horrendo do maior delicto,
Que abortou do seu seio a noite escura,
Por obra desta mão no alto conflicto
Manchou de negro sangue a terra impura,
Range debalde aos pés do throno invicto
A soberba, e debalde erguer procura
A atterrada cabeça, em que descança
O duro conto da pesada lança.
Quiz erguer a ambição com surdas guerras
Fantastico edificio, aerias tráves,
Porém geme debaixo d'altas serras
E tem sôbre o seu peito os montes graves.
Lá vão passando o mar a estranhas terras
Os negros bandos das nocturnas aves,
Com a inveja, ignorancia, e hypocrisia,
Que nem se atrevem a encarar o dia.

Excerptos do "Uraguay"

LINDOYA

..... tinha Cacambo
Real esposa a senhoril Lindoya,
De costumes suavissimos e honestos;
Em verdes annos, com ditosos laços
Amor os tinha unido; mas apenas
Os tinha unido, quando ao som primeiro
Das trombetas lh'o arrebatou dos laços
A glória enganadora. Ou foi que Balda
Engenhoso e subtil quiz desfazer-se
Da presença importuna e perigosa
Do indio generoso; e desde aquella
Saudosa manhã, que a despedida
Presenciou dos dois amantes, nunca
Consentiu que outra vez tornasse aos braços
Da formosa Lindoya, e descobria
Sempre novos pretextos da demora.
Tornar não esperado e victorioso
Foi todo o seu delicto. Não consente
O cauteloso Balda que Lindoya
Chegue a falar ao seu espôso; e manda
Que uma escura prisão o esconda e aparte
Da luz do sol. Nem dos reaes parentes,
Nem dos amigos a piedade e o pranto
Da enternecida espôsa abranda o peito
Do obstinado juiz: até que á fôrça,
De desgostos, de mágoa e de saudade,
Por meio d'um licôr desconhecido,
Que lhe deu compassivo o santo padre,
Jaz o illustre Cacambo: entre os gentios
Unico, que na paz e em dura guerra,
De virtude e valor deu claro exemplo.
Chorando occultamente e sem as honras
De regio funeral, desconhecida
Pouca terra os honrados ossos cobre,
Se é que os seus ossos cobre alguma terra.
Crueis ministros, encubrí ao menos

A funesta notícia. Ai que já sabe
A assustada amantissima Lindoya
O successo infeliz. Quem a socorre!
Que aborrecida de viver procura
Todos os meios de encontrar a morte.
Nem quer que o esposo longamente a espere
No reino escuro, onde se não ama.
Mas a enrugada Tanajura, que era
Prudente e experimentada, e que a seus peitos
Tinha creado em mais ditosa idade
A mãi da mãi da misera Lindoya,
E lia pela história do futuro,
Visionária, supersticiosa,
Que de abertos sepulcros recolhia
Nuas caveiras e esburgados ossos,
A uma medonha gruta, onde ardem sempre
Verdes candeias, conduziu chorando
Lindoya, a quem ama como filha;
E em ferrugento vaso licor puro
De viva fonte recolheu. Tres vezes
Girou em roda, e murmurou tres vezes
Co'a carcomida bocca, ímpias palavras,
E as aguas assoprou: depois com o dedo
Lhe impõe silencio, e faz que as aguas note.
Como no mar azul, quando recolhe
A lisongeira viração as azas,
Adormecem as ondas e retratam
Ao natural as debruçadas penhas,
O copado arvoredo e as nuvens altas.
Não de outra sorte á tímida Lindoya
Aquellas aguas fielmente pintam
O rio, a praia, o valle e os montes, onde
Tinha sido Lisboa; e viu Lisboa
Entre despedaçados edificios,
Com o solto cabello descomposto,
Tropeçando em ruinas encostar-se,
Desamparada dos habitadores
A Rainha do Téjo, e solitaria
No meio de sepulcros procurava
Com seus olhos socorro; e com seus olhos

Só descubria de um e de outro lado
Pendentes muros e inclinadas torres.
Vê mais o luso Atlante, que forceja
Por sustentar o peso desmedido
Nos roxos hombros. Mas do ceo sereno,
Em branca nuvem próvida donzella
Rapidamente desce, e lhe apresenta
Da sua mão, espirito constante,
Genio de Alcides, que de negros monstros
Despeja o mundo, e enxuga o pranto á patria.
Tem por despojos cabelludas pelles
De ensanguentados e famintos lobos,
E fingidas raposas. Manda e logo
O incendio lhe obedece, e de repente
Por onde quer que elle encaminhe os passos,
Dão logar as ruinas. Viu Lindoya
Do meio dellas, só a um seu aceno,
Sair da terra feitos e acabados
Vistosos edificios. Já mais bella
Nasce Lisboa de entre as cinzas: glória
Do grande Conde, que co'a mão robusta
Lhe firmou na alta testa os vacillantes
Mal seguros castellos. Mais ao longe
Promptas no Téjo, e ao curvo ferro atadas
Aos olhos dão de si terrivel mostra,
Ameaçando o mar, as poderosas
Soberbas náos. Por entre as cordas negras
Alvejam as bandeiras: geme alado
Na popa o vento; e alegres e vistosas
Descem das nuvens a beijar os mares
As flamulas guerreiras. No horisonte
Já sôbre o mar azul apparecia
A pintada serpente (obra e trabalho
Do novo-mundo) que de longe vinha
Buscar as nadadoras companheiras;
E já de longe a fresca Cintra e os montes,
Que inda não conhecia, saudava.
Impacientes da fatal demora,
Os lenhos mercenarios junto á terra
Recebem no seu seio e a outros climas,

Longe dos doces ares de Lisboa,
Transportam a ignorancia e a magra inveja,
E envolta em negros e compridos pannos
A discordia, o furor. A torpe e velha
Hypocrisia vagarosamente
Atraz delles caminha; e inda duvída
Que houvesse mão, que se atrevesse a tanto.
O povo a mostra com o dedo; e ella
Com os olhos no chão da luz do dia
Foge, e cubrir o rosto inda procura
Com os pedaços do rasgado manto.
Vai, filha da ambição, onde te levam
O vento e os mares: possam teus alumnos
Andar errando sôbre as aguas; possa
Negar-lhe a bella Europa abrigo e porto.
Alegre deixarei a luz do dia,
Se chegarem a ver meus olhos, que Adria
Da alta injúria se lembra e do seu seio
Te lança: e que te lançam do seu seio
Gallia, Iberia e o paiz bello, que parte
O Apenino e cinge o mar e os Alpes.
Pareceu a Lindoya, que a partida
Destes monstros deixava mais serenos,
E mais puros os ares. Já se mostra
Mais distincta a seus olhos a cidade.
Mas viu, ai vista lastimosa! a um lado
Ir a fidelidade portugueza
Manchados os purissimos vestidos
De rôxas nodoas. Mais ao longe estava
Com os olhos vendados, e escondido
Nas roupas um punhal banhado em sangue,
O Fanatismo, pela mão guiando
Um curvo e branco velho ao fogo e ao laço.
Geme offendida a natureza; e geme
Ai! muito tarde a credula cidade.
Os olhos põe no chão a Igreja irada,
E desconhece e desaprova e vinga
O delicto cruel, e a mão bastarda.
Embebida a magica pintura
Goza as imagens vans, e não se atreve

Lindoya a perguntar. Vê destruida
A republica infame, e bem vingada
A morte de Cacambo; e attenta e immovel
Apascenta os olhos e o desejo,
E nem tudo entendia; quando a velha
Bateu co'a mão, e fez tremer as aguas.
Desapparecem as fingidas torres
E os verdes campos; nem já delles resta
Leve signal. Debalde os olhos buscam
As náos: já não são náos; nem mar, nem montes,
Nem o lugar, onde estiveram. Torna
Ao pranto a saudosissima Lindoya,
E de novo outra vez suspira e geme.
Até que a noute compassiva e attenta,
Que as magoadas lástimas lhe ouvira,
Ao partir sacudiu das fuscas azas,
Envolto em frio orvalho, um leve somno,
Suave esquecimento de seus males.

Salvas as tropas do nocturno incendio,
Aos povos se avisinha o grande Andrada,
Depois de affugentar os indios fortes,
Que a subida dos montes defendiam,
E rotos muitas vezes e espalhados
Os Tapes cavalleiros, que arremeçam
Duas causas de morte em uma lança
E em largo gyro todo o campo escrevem
Que negue agora a perfeita calúmnia
Que se ensinava aos barbaros gentios
A disciplina militar, e negue
Que mãos traidoras a distantes povos
Por asperos desertos conduziam
O pó sulphureo e as sibilantes balas,
E o bronze, que rugia nos seus muros,
Tú que viste e pizaste, ó Blasco insigne,
Todo aquelle paiz, tú só podeste,
Co'a mão, que dirigia o ataque horrendo,
E aplanava os caminhos à victória,
Descrever ao teu rei o sítio e as armas
E os odios e o furor e a incrivel guerra.

Pisaram finalmente os altos riscos
De escalvada montanha, que os infernos
Co'o peso opprime e a testa altiva esconde
Na região, que não perturba o vento.
Qual vê quem foge à terra, pouco a pouco
Ir crescendo o horizonte, que se encurva,
Até que com os ceos o mar confina,
Nem tem à vista mais que o ar e as ondas:
Assim quem olha do escarpado cume
Não vê mais do que o ceo, que o mais lhe encobre
A tarda e fria nevoa, escura e densa.
Mas quando o sol de lá do eterno e fixo
Purpureo encôsto do dourado assento,
Co'a creadora mão desfaz e corre
O veo cinzento de ondeadas nuvens,
Que alegre scena para os olhos! Podem
Daquella altura, por espaço immenso,
Ver as longas campinas retalhadas
De tremulos ribeiros, claras fontes
E lagos cristalinos, onde molha
As leves azas o lascivo vento.
Engraçados outeiros, fundos valles
E arvoredos copados e confusos,
Verde theatro, onde se admira quanto
Produziu a superflua Natureza.
A terra soffredora de cultura
Mostra o rasgado seio; e as várias plantas,
Dando as mãos entre si, tecem compridas
Ruas, por onde a vista saudosa
Se estende e perde. O vagaroso gado
Mal se move no campo, e se divisam
Por entre as sombras da verdura, ao longe,
As casas branquejando e os altos templos.
Ajuntavam-se os indios entre tanto
No logar mais visinho, onde o bom padre
Queria dar Lindoya por espôsa
Ao seu Baldetta, e segurar-lhe o posto
E a régia authoridade de Cacambo.
Então patentes as doiradas portas
Do grande templo, e na visinha praça

Se vão dispondo de uma e de outra banda
As vistosas esquadras differentes.
Co'a chata frente de urucú tingida,
Vinha o indio Kobbé disforme e feio,
Que sustenta nas mãos pesada maça
Com que abate no campo os inimigos
Como abate a seára o rijo vento.
Traz comsigo os selvagens da montanha
Que comem os seus mortos: nem consentem
Que jámais lhes esconda a dura terra
No seu avaro seio o frio corpo
Do doce pai, ou suspirado amigo.
Foi o segundo, que de si fez mostra,
O mancebo Pindó, que succedêra
A Cepé no logar: inda em memória
Do não vingado irmão, que tanto amava,
Leva negros pennachos na cabeça.
São vermelhas, as outras pennas todas,
Côr, que Cepé usára sempre em guerra
Vão com elle os seus Tapes, que se affrontam
E que têm por injúria morrer velhos.
Segue-se Caitutú de regio sangue,
E de Lindoya irmão. Não muito fortes
São os que elle conduz; mas são tão destros
No exercicio da frexa, que arrebatam
Ao verde papagaio o curvo bico,
Voando pelo ar. Nem dos seus tiros
O peixe prateado está seguro
No fundo do ribeiro. Vinham logo
Alegres Guaranís de amavel gesto.
Esta foi de Cacambo a esquadra antiga.
Pennas da côr do ceo trazem vestidas:
Com cintas amarellas: e Baldetta
Desvanecido a bella esquadra ordena
No seu Jardim (1): até o meio a lança
Pintada de vermelho e a testa e o corpo
Todo cuberto de amarellas plumas.

---

(1) Nome do cavallo que montava Baldetta.

Pendente a rica espada de Cacambo,
E pelos peitos ao través lançada.
Por cima do hombro esquerdo, a verde faxa
De onde ao lado opposto a aljava desce.
N'um cavallo da côr da noite escura
Entrou na grande praça derradeiro
Tatú-Guaçú feroz, e vem guiando
Tropel confuso de cavallaria,
Que combate desordenadamente.
Trazem lanças nas mãos e lhes defendem
Pelles de monstros os seguros peitos.
Revia-se em Baldetta o santo padre;
E fazendo profunda reverencia,
Fóra da grande porta recebia
O esperado Tadêo activo e prompto.

.—.

.....Não faltava,
Para se dar princípio á estranha festa,
Mais que Lindoya. Ha muito lhe preparam
Todas de brancas pennas revestidas
Festões de flores as gentís donzellas.
Cansados de esperar, ao seu retiro
Vão muitos impacientes a buscá-a,
Estes da crespa Tanajura aprendem
Que entrára no jardim triste e chorosa,
Sem consentir que alguem a acompanhasse
Um frio susto corre pelas veias
De Caitutú, que deixa os seus no campo;
E a irmã por entre as sombras do arvoredo
Busca co'a vista, e treme de encontral-a.
Entram em fim na mais remota e interna
Parte do antigo bosque, escuro e negro,
Onde ao pé de uma lapa cavernosa
Cobre uma rouca fonte, que murmura,
Curva latada de jasmins e rosas.
Este logar delicioso e triste,
Cansada de viver, tinha escolhido
Para morrer a misera Lindoya.

Lá reclinada, como que dormia,
Na branda relva e nas mimosas flores,
Tinha a face na mão, e a mão no tronco
De um funebre cypreste, que espalhava
Melancolica sombra. Mais de perto
Descobrem que se enrola no seu corpo
Verde serpente, e lhe passeia e cinge
Pescoço e braços, e lhe lambe o seio.
Fogem de a ver assim sobresaltados,
E param cheios de temor ao longe;
E nem se atrevem a chamal-a, e temem
Que disperte assustada e irrite o monstro,
E fuja e apresse no fugir a morte.
Porém o destro Caitutú, que treme
Do perigo da irmã, sem mais demora
Dobrou as pontas do arco, e quiz tres vezes
Soltar o tiro, e vacillou tres vezes
Entre a ira e o temor. Em fim sacode
O arco, e faz voar a aguda setta,
Que toca o peito de Lindoya, e fere
A serpente na testa, e a bocca e os dentes
Deixou cravados no visinho tronco,
Açoita o campo co'a ligeira cauda
O irado monstro, e em tortuosos giros
Se enrosca no cipreste, e verte envolto
Em negro sangue o livido veneno.
Leva nos braços a infeliz Lindoya
O desgraçado irmão, que ao despertal-a
Conhece, com que dor! no frio rosto
Os signaes do veneno, e vê ferido
Pelo dente subtil o brando peito.
Os olhos, em que amor reinava um dia,
Cheios de morte; e muda aquella lingua,
Que ao surdo vento e aos écos tantas vezes
Contou a larga história de seus males.
Nos olhos Caitutú não soffre o pranto,
E rompe em profundissimos suspiros,
Lendo na testa da fronteira gruta
De sua mão já trémula gravado
O alheio crime, e a voluntaria morte.

E por tadas as partes repetido
O suspirado nome de Cacambo.
Inda conserva o pallido semblante
Um não-sei-quê de magoado e triste,
Que os corações mais duros enternece,
Tanto era bella no seu rosto a morte!
Indifferente admira o caso acerbo
Da estranha novidade ali trazido
O duro Balda; e os indios, que se achavam,
Corre co'a vista e os ânimos observa.
Quanto póde o temor! Seccou-se a um tempo
Em mais de ũ rosto o pranto; e ẽ mais de ũ peito
Morreram suffocados os suspiros.
Ficou desamparada na espessura,
E exposta ás feras e ás famintas aves,
Sem que algum se atrevesse a honrar seu corpo
De poucas flores e piedosa terra.
Fastosa Egypcia, que o maior triumpho
Temeste honrar do vencedor Latino!
Se desceste inda livre ao escuro reino,
Foi vaidosa talvez da imaginada
Barbara pompa do real sepulchro.
Amavel indiana! Eu te prometto
Que ẽ breve a iniqua patria envolta ẽ chammas
Te sirva de urna, e que misture e leve
A tua e a sua cinza o irado vento.

.—.

Lançando-se ao mar no Rio de Janeiro a náo Serpente

Já do lenho as prisões se desataram;
E assustada Serpente as aguas trilha,
Já ondêa no mar a instavel ilha,
E já no fundo as âncoras pegaram.

Os ventos sôbre as azas se firmaram
Por ver de perto a nova maravilha,
E ao vasto pêzo da disforme quilha,
Gemeu Neptuno, e as ondas se incurvaram.
Verdes nymphas azues do pégo undoso,
Conduzí pelos humidos logares
Esse errante edificio magestoso:
E entre tantas emprezas singulares,
Veja o mundo qual é mais glorioso,
Dar leis á terra, se pôr freio aos mares.

Ao Marquez de Pombal

Ergue de jaspe um globo alvo e rotundo,
E em cima a estatua de um heroe perfeito;
Mas não lhe lavres nome em campo estreito,
Que o seu nome enche a terra e o mar profundo.
Mostra no jaspe, artifice fecundo,
Em muda história tanto illustre feito,
Paz, justiça, abundancia e firme peito,
Isto nos basta a nós, e ao nosso mundo.
Mas porque póde em seculo futuro,
Peregrino, que o mar de nós affasta,
Duvidar quem anima o jaspe duro:
Mostra-lhe mais Lisboa rica e vasta,
E o commercio; em logar remoto e escuro,
Chorando a hypocrisia. Isto lhe basta.

Não temas, não, marquez, que o povo injusto
De teus grandes serviços esquecido,
Pelos gritos da inveja enfurecido
Sollicite abolir teu nobre busto.

Pâra ser immortal teu nome augusto
Não depende do bronze derretido;
Em mais firmes padrões fica insculpido
Teu nome excelso, teu valor robusto.
Lisboa restaurada, o Reino ornado
De sciencia, de industria e de cultura,
De politica e commercio appropriado:
A tropa regulada, a fé segura,
O thesoiro provído, o mar guardado:
Eis aqui do teu genio a cópia pura.

MANOEL IGNACIO DA SILVA ALVARENGA

MANOEL IGNACIO DA SILVA ALVARENGA

Julgâmos que a ninguem melhor toca um logar ao lado de José Basilio que ao seu com-provinciano, amigo e protegido, que nos vai occupar.

Manoel Ignacio da Silva Alvarenga nascêra em São João d'El Rei. Cursados os preparatorios no Rio de Janeiro passou a Coimbra afim de formar-se em direito na Universidade, o que não sem distincção effectuou.

Sobrevindo a reforma dos estudos em 1772 apresentou-se Silva Alvarenga a saudal-a no seu *Desertor das lettras,* poema heroi-comico, em que não falta merecimento. A este titulo de recommendação para o ministerio de então ajuntou o nosso poeta o de ser um dos que mais fez brilhar seus talentos, quando se inaugurou a estatua equestre d'El Rei D. José. Isto lhe valeu talvez a graça de ser feito coronel de milicias dos pardos da sua comarca do Rio das Mortes.

Regressando ao Brazil continuou Silva Alvarenga a dar provas de sua applicação, já em várias epistolas e poesias eroticas que em parte aqui transcrevemos, já reunindo á prática do fôro a regencia de uma cadeira de Rhetorica e Poetica que sollicitou, e da qual fez pública abertura em 1782, em presença de seu novo protector o vice-rei Vasconcellos.

Foi Silva Alvarenga quem então introduziu na capital do Brasil, a favor da mocidade estudiosa, o bom gôsto, que graças á litteratura franceza começava já a lavrar pela Europa, em vez dos pezados syllogismos dos jesuitas, ou dos affectados conceitos ferteis de antitheses e trocadilhos da escola que a si mesma se chamou culta. "Talvez que sem os esforços e lições de Manoel Ignacio não tivesse apparecido nas cadeiras sagradas do Rio de Janeiro os Frias, os Rodovalhos, os S. Carlos, os Sampayos, os Ferreira d'Azevedo, os Oliveiras, os Alvernes e outros prégadores de nomeada, que deixando os habitos da antiga escola abriram carreira luminosa aos que annunciam com mais dignidade e efficacia as doutrinas da nossa santa religião." — Ao transcrever estas palavras não necessitâmos dizer que são do illustre conego Januario, pois só assim podia seu nome ser excluido de menção entre aquelles oradores. — Da propria bocca d'este último ouvimos nós muita vez justos louvores ao seu mestre Alvarenga, de quem escreveu a biographia, que temos á vista ao redigir esta notícia.

Não se limitaram os esforços de Silva Alvarenga a reformar o gôsto, quanto ao estylo; mas, prevendo já a necessidade de nacionalizar a litteratura na America, fez para o conseguir alguns ensaios nos *rondós* e madrigaes. Igualmente se dedicou a animar o theatro, e dar impulso a outros ramos de litteratura na *Arcadia Ultramarina*, de que era socio, com o nome de *Alcino Palmireno*.

Esta associação lhe custou porém a suspeita de cumplice nos projectos de que foram accusados outros seus collegas como Claudio e Gonzaga. As perseguições contra o nosso poeta importaram-lhe dois annos de prisão, os quaes muito influiram no seu caracter, tornando-o me-

lancolico até que findou seus dias no 1.º de Novembro de 1814 com setenta e tantos annos de idade.

Era Silva Alvarenga pardo de côr, alto de estatura e mui lhano no trato, falava pausado e presava-se de bom musico, sendo a rebecca seu instrumento favorito. As suas poesias correm publicadas; mas mui dispersamente. (1)

[Manuel Inácio da Silva Alvarenga, filho de Inácio da Silva Alvarenga, nasceu em Vila Rica (Minas Gerais), em 1749. Matriculou-se na Universidade de Coimbra em 27 de outubro de 1773, em Matemática (obrigado); ao mesmo tempo passou a freqüentar o terceiro ano de Cânones, formando-se em Direiro em 1776. — *Estudantes Brasileiros na Universidade de Coimbra*, n. 51.

O lugar de seu nascimento é o que aqui se declara, confirmado pelo seu depoimento na *Devassa ordenada pelo Vice-Rei Conde de Resende* (1794), in *Anais da Biblioteca Nacional*, vol. LXI, ps. 378 *et passim*, e não São João d'El-Rei, como consta do texto, de acôrdo com a biografia de Silva Alvarenga escrita pelo Cônego Januário da Cunha Barbosa, *infra* citada.

A *Devassa*, a que se alude, tinha por objeto descobrir as pessoas que conspiravam em favor das idéias da revolução francesa e visava principalmente a Sociedade Literária do Rio de Janeiro e seus membros; está publicada nos *Anais* citados, ps. 239/525. Silva Alvarenga morava então em uma casa de dois andares, na rua do Cano, ocupando a Sociedade o primeiro, e ele o segundo, para assim velar na conservação dos objetos de História Natural e dos livros sob sua guarda. Era ali que se reuniam os supostos inconfidentes.

A principal obra poética de Silva Alvarenga é: *Glaura — Poemas Eróticos*, Lisboa, na Officina Nunesiana, 1799, 248 pp.

---

(1) No *Desertor* não se menciona anno nem typographia; mas deve ser de 1775 e dos prelos conimbricenses. Os poemas eroticos, com o nome de *Glaura*, foram publicados por um seu amigo em Lisboa no anno de 1801, n'um volume de 248 paginas de 8.º. Outras poesias viram á luz na *Collecção das Poesias Ineditas* em 12º (Lisboa 1809-1811), no *Parnaso* do conego Januario, etc. O *Poema ás Artes* reimprimiu-se avulso em Lisboa (1821, 13 paginas de 8º).

in-8.°. Teve segunda edição no mesmo lugar dois anos depois. A *Gazeta de Lisboa*, de 12 de setembro de 1801, segundo suplemento, assim anunciou essa edição: — "Sahírão á luz: Obras poeticas de Manuel Ignacio da Silva Alvarenga, natural do Rio de Janeiro, debaixo do titulo de *Glaura ou Poemas Eroticos de hum Americano*, não inferiores á Marilia de Dircêo de Thomaz Antonio Gonzaga, 2 volumes; seu preço 480 réis. Vende-se em Lisboa na loja da *Gazeta;* em Coimbra, na do livreiro Manuel Pedro de Lacerda.".

É longa a bibliografia de Silva Alvarenga, que inclúi cerca de vinte números. Merecem destaque: *Obras poeticas*, edição Garnier, Rio de Janeiro, 1864, dirigida por Joaquim Norberto de Sousa Silva, que é a mais completa coletânea dos versos do poeta. Ha uma edição recente da *Glaura* na Biblioteca Popular Brasileira do Instituto Nacional do Livro (n. XVI), Imprensa Nacional, 1943, in-8.° de XXVII + 255 pp., com prefácio de Afonso Arinos de Mello Franco.

Silva Alvarenga foi colaborador do *O Patriota*, do Rio de Janeiro (1813-1814). Faleceu nesta cidade aos sessenta e cinco anos de idade, em 1814, solteiro e sem descendentes; foi sepultado na igreja de São Pedro, ultimamente demolida.

— *Biografia do Doutor Manuel Ignacio da Silva Alvarenga*, pelo Cônego Januário da Cunha Barbosa, *Revista do Instituto Histórico*, III, ps. 338/343. Silva Alvarenga é patrono da cadeira n. 18 dos membros correspondentes da Academia Brasileira. — R. G.]

A Gruta americana

N'um valle estreito o patrio rio desce
De altissimos rochedos despenhado
Com ruido, que as féras ensurdece.
Aqui na vasta gruta socegado
O velho pae das nymphas tutelares
Vi sôbre urna musgosa recostado;
Pedaços d'oiro bruto nos altares
Nascem por entre as pedras preciosas,
Que o ceu quiz derramar nestes logares.
Os braços dão as arvores frondosas
Em curvo amphiteatro, onde respiram
No ardor da sesta as driadas formosas.
Os faunos petulantes, que deliram
Chorando o ingrato amor, que os atormenta,
De tronco em tronco nestes bosques giram.
Mas que soberbo carro se apresenta?
Tigres e antas fortissima amazona
Rege do alto logar, em que se assenta.
Prostrado aos pés da intrepida matrona,
Verde, escamoso jacaré se humilha,
Amphibio habitador da ardente zona.
Quem és, do claro ceu inclita filha?
Vistosas pennas de diversas côres
Vestem e adornam tanta maravilha.
Nova grinalda os genios e os amores
Lhe offerecem, e espalham sôbre a terra
Rubins, saphiras, perolas e flores.
Juntam-se as nymphas, que este valle encerra,
A Deosa acena e fala: o monstro enorme
Sôbre as mãos se levanta, e a aspera serra
Escuta, o rio pára, o vendo dorme.

Brilhante nuvem d'oiro
Realçada de branco, azul e verde,
Nuncia de fausto agoiro,
Veloz sobe, e da terra a vista perde,

Levando vencedor dos mortaes damnos
O grande rei José d'entre os humanos.

Quando ao tartario açoite
Gemem as portas do profundo averno,
Igual á espessa noite
Voa a infausta discordia ao ar superno,
E sôbre a lusa America se avança
Cercada de terror, ira e vingança;

Eis a guerra terrivel
Que abala, atemorisa e turba os povos,
Erguendo escudo horrivel,
Mostra Esphinge e Medusa, e monstros novos;
Arma de curvo ferro o iniquo braço:
Tem o rosto de bronze, o peito d'aço.

Palida, surda e forte,
Com vagaroso passo vem soberba
A descarnada morte.
Com a miserrima triste fome acerba;
E a negra peste, que o fatal veneno
Exhala ao longe, e offusca o ar sereno.

Ruge o leão ibero
Desde Europa troando os nossos mares,
Tal o feroz Cerbero
Latindo assusta o reino dos pesares.
E as vagas sombras ao trifauce grito
Deixam medrosas o voraz Cocyto;

Os montes escalvados,
Do vasto mar eternas atalaias,
Vacilam assustados
Ao ver tanto inimigo em nossas praias.
E o pó sulphurio, que no bronze sôa
O ceu, a terra, e o abysmo atrôa.

Os ecos pavorosos
Ouviste, ó terra aurifera e fecunda,

E os peitos generosos,
Que no seio da paz a glória inunda,
Armados correm de uma e d'outra parte,
Ao som primeiro do terrivel Marte.

A hirsuta Mantiqueira,
Que os longos campos abrazar presume,
Viu pela vez primeira
Arvoradas as quinas no alto cume,
E marchar as esquadras homicidas
Ao rouco som das caixas nunca ouvidas.

Mas, oh rainha augusta,
Digna filha do ceu justo e piedoso,
Respiro, e não me assusta
O estrepito e tumulto bellicoso,
Que tu lanças por terra n'um só dia
A discordia, que os povos opprimia.

As horridas phalanges
Já não vivem d'estrago e de ruina,
Deixam lanças e alfanjes,
E o elmo triplicado, e malha fina;
Pâra lavrar a terra o ferro torna
Ao vivo fogo e á rigida bigorna.

Já cáem sôbre os montes
Fecundas gotas de celeste orvalho;
Mostram-se os horizontes,
Produz a terra os fructos sem trabalho;
E as nuas Graças, e os Cupidos ternos
Cantam á doce paz hymnos eternos.

Ide, sinceros votos,
Ide e levai ao throno lusitano
Destes climas remotos,
Que habita o forte e adusto americano,
A pura gratidão e a lealdade,
O amor, o sangue, e a propria liberdade.

Assim falou a America ditosa,
E os mosqueados tigres n'um momento
Me roubaram a scena magestosa.
Ai, Termindo, rebelde o instrumento
Não corresponde á mão, que já com glória,
O fez subir ao estrellado accento.
Sabes do triste Alcindo a longa história,
Não cuides que os meus dias se serenam,
Tu me guiaste ao templo da memória
Torna-me ás musas, que de lá me acenam.

Sôbre o "Uraguay"

Genio fecundo e raro, que com polidos versos
A natureza pintas em quadros mil diversos:
Que sabes agradar, e ensinas por seu turno
A lingua, que convem ao tragico coturno:
Teu Pegaso não vôa furioso, e desboccado
A lançar-se das nuvens no mar precipitado,
Nem piza humilde o pó; mas por um nobre meio
Sente a doirada espora, conhece a mão, o freio:
Tu sabes evitar, se um tronco ou jaspe animas,
Do sombrio hespanhol os gothicos enigmas,
Que inda entre nós abortam alentos dissolutos,
Verdes indignações, escandalos corruptos.
Tu revolves e excitas, conforme as occasiões,
Do humano coração a origem das paixões.
Quem vê girar a serpe da irmã no casto seio,
Pasma, e de ira e temor ao mesmo tempo cheio
Resolve, espera, teme, vacilla, gela e cora,
Consulta o seu amor, e o seu dever ignora.
Vôa a farpada setta da mão, que não se engana;
Mas ai, que já não vives, ó misera indiana!
Usarás Catullo na morte de quem amas
D'alambicadas frazes, e agudos epigrammas?

Ou dirás como é crivel, que ẽ mágoa tão sentida
Os eixos permaneçam da fábrica luzida?
Da simples natureza guardemos sempre as leis
Para mover-me ao pranto convẽ que não choreis.
Quem estuda o que diz, na pena não se iguala
Ao que de mágoa e dor geme, suspira e cala.
Tu sabes os ẽpregos, que uma alma nobre busca,
E aquelles que são dignos do mandrião Patusca,
Que alegre em boa paz, corado e bem disposto,
Insensivel a tudo não muda a côr do rosto:
Nem se esquece entre sustos, gemidos e desmaios
Do vinho, do presunto, dos saborosos paios.
Tu espalhando as flores a tempo e em seu logar,
Deixas ver toda a luz sem a querer mostrar.
Indiscreta vanglória aquella, que me obriga
Por teima de rimar, a que em meu verso diga
Quanto vi, quanto sei, e ainda é necessario
Mil vezes folhear um grosso diccionario.
Se a minha Musa esteril não vem sendo chamada,
Debalde é trabalhar, pois não virá forçada.
Se eu vou falar de jogos, só por dizer Floraes,
Maratonios, Circenses, Pythicos, Jovenaes,
O critico inflexivel ao ver esta arrogancia
Conhece-me a pobreza, e ri-se da abundancia.
Quem cego d'amor proprio colerico s'accende,
E monstruosos partos porque são seus defende,
Sua, braceja, grita, e já depois de rouco
Abre uma grande bocca pâra mostrar quem é louco:
Fórma imagens de fumo, phantasticas pinturas,
E sonhando c'as Musas em raras aventuras
Vai ao Pindo n'um salto de lyra e de corôa:
Nascem-lhe as curtas pennas, e novo cysne vôa:
Igual ao cavalleiro, que a grossa lança enresta,
C'o elmo Mambrino sôbre a enrugada testa,
Vai á região do fogo n'um banco escarranchado,
Donde traz os bigodes e o pello chamuscado.
Se cheio de si mesmo por um capricho vão
Tem por desdoiro o ir por onde os outros vão,
É c'o dedo apontado famoso e delirante,
Que por buscar o bello, caiu no extravagante:

Bem como o passageiro, que nescio e presumido
Quiz trilhar por seu gôsto o atalho não sabido,
Perdeu-se, deu mil giros, andou o dia inteiro,
E foi cair de noite em sórdido atoleiro,
Eu aborreço a plebe dos magros rimadores,
De insipidos poemas estupidos auctores,
Que freneticos suam sem gôsto, nem proveito,
Amontoando frazes a torto e a direito:
Vê o loiro Mondego por ẽtre as nymphas bellas
Que de flores enlaçam grinaldas e capellas:
Surgem do verde seio da espuma crespa e alva,
Do velho Doiro as cans, do sacro Téjo a calva.
Escondei-vos das ondas no leito cristalino,
E saí menos vezes do reino neptunino:
O que se fez vulgar perdeu a estimação:
E algum rapaz travesso vos póde alçando a mão
Cobrir d'arêa e lama, por que sirvaes de rizo,
Á turba petulante da gente ainda sem sizo.
Se fala um deus marinho, e vem a borbotões
Ameijoas e perseves, ostras e berbigões:
Se os languidos sonetos manquejam encostados
Ás flautas, aos surrões, pellicos e cajados:
Minha Musa em furor o peito me enche d'ira
E o negro fel derrama nos versos, que me inspira.
Auctor, que por acaso fizeste um terno idilio,
Não te julgues por isso Theocrito ou Virgilio:
Não crêas no louvor de um verso, que recitas,
Teme a funesta sorte dos Meliseos e Quitas:
Que muitos applaudiram quinhentos mil defeitos
Nos papeis, que hoje ẽbrulham adubos e confeitos.
Se o casquilho ignorante, com voz enternecida,
Repete os teus sonetos á dama presumida;
Por mais que ella te acclame bravissimo poeta,
Da espinhosa carreira não tens tocado a meta:
Pois tarde, e muito tarde por um favor divino
Nasce por entre nós quem de corôa é dino.
Quem sobe mal seguro, tem gôsto de cair,
E a nossa idade é fertil de assumptos para rir.
Equivocos malvados, frivolos trocadilhos,
Vós do pessimo gôsto os mais presados filhos,

Deixai ao genio luso desempedida a estrada,
Ou Boileau contra vós torne a ẽpunhar a espada.
Mas onde, meu Termindo, onde me leva o zêlo
Do bom gôsto nascente? O novo, o grande, o bello
Respire em tuas obras, em quanto eu fito a vista
No rimador grosseiro, no misero copista,
Tantalo desgraçado, faminto de louvor,
Que ẽ vão mendiga applausos do vulgo adorador.
Do throno regio, augusto, benigno ũ astro brilha
Entre esperança, amor, respeito e maravilha;
E a clara luz, que nasce do sceptro e da corôa,
Grãde se mostra ao mũdo, nova immortal Lisboa:
Se ella o terror levou nas voadoras faias
Por incognitos mares a nunca vistas praias,
Se entre nuvens de settas ao meio dos alfanges
Foi arrancar as palmas, q' ainda chora o Ganges,
Da paz no amavel seio, á sombra dos seus loiros
Hoje aplana os caminhos aos seculos vindoiros:
A glória da nação se eleva e se assegura
Nas lettras, no commercio, nas armas, na cultura.
Nascem as artes bellas e o raio da verdade
Derrama sôbre nós a sua claridade
Vai tudo a florescer e porque o povo estude
Renasce nos theatros a escóla da virtude.
Consulta, amigo, o genio que mais em ti domine:
Tu pódes ser Molière, tu pódes ser Racine.
Marquezes tem Lisboa, se cardeaes Pariz:
José póde fazer mais do que fez Luiz.

O Templo de Neptuno

Adeos Termindo, adeos augustos lares
Da formosa Lisboa; o leve pinho
Já sólta a branca véla aos frescos ares.
Amor, o puro amor do patrio ninho,

Ha muito que me acena, e roga ao fado
Que eu sulque o campo azul do deus marinho.
Eis a náo que já d'um, já d'outro lado
Se deita, e se levanta; foge a terra,
E me foges tambem Termindo amado.
Da alegre Cintra a desejada serra
Mal apparece, e o valle, que ditoso
De Lilia e Jonia a voz e a lira encerra.
Ainda me parece que saudoso
Te vejo estar da praia derradeira,
Cançando a vista pelo mar undoso.
Já não distingues a real bandeira
Despregada da popa, que voando
Deixa no mar inquieto larga esteira.
Sei que te hão de assustar de quãdo em quando
O vento, os varios climas e o perigo,
De quem tão longos mares vai cortando.
O lenho voador leva comsigo,
E te arranca dos braços n'um só dia
O suspirado irmão, e o caro amigo.
Rijo norte nas cordas assobia,
Quatro vezes do sol os raios puros
Voltaram, e só mar e ceo se via.

.—.

Cheia de limo e de ostras dividia
A já cansada proa os mares grossos,
Até que amanheceu o novo dia.
Se em fim respiro os puros climas nossos
No teu seio fecundo, ó patria amada,
Em paz descancem os meus frios ossos.
Vive Termindo, e na inconstante estrada
Piza a cerviz da indomita fortuna,
Tendo a volubil roda encadeada
Aos pés do throno em solida columna.

Longe, longe daqui, vulgo profano,
Que das Musas ignoras os segredos.
Eu vi sôbre rochedos,
Onde nunca tocou vestigio humano,
Alta Deosa descer com fausto agoiro
Em branca nuvem realçada d'oiro.

Ah! vem, formosa candida verdade.
Nos versos meus a tua luz derrama;
Por elles nome e fama
Terei com gloria na futura idade:
Premio, que me não rouba a mão escassa
Do tempo injusto, que voando passa.

A perfida lisonja, pregoeira
De palmas e tropheos não merecidos,
Aos ecos repetidos
Da minha lyra foge mais ligeira.
Do que cruza os limites do hemisferio
O leve fuzilar do fogo ethereo.

Levante embora os façanhosos templos
Barbaro habitador do cego Egypto,
Onde de infame rito
Deixe aos mortaes tristissimos exemplos,
Louca vaidade e orgulho, que nutriram,
E inda agora as pyramides respiram.

De nações que assolou com guerra dura,
Obeliscos transporta a antiga Roma:
Nos curvos hombros toma
O vasto pêzo, que elevar procura;
E a molle immensa, que o averno opprime,
Fere co'a ponta aguda o ceo sublime.

De que servem á fraca humanidade
Esses de falsa glória monumentos?
Insultados dos ventos

Estercis passarão de idade a idade,
Qual Gelboé, que o ceo não abençôa,
E só d'aridas pedras se povôa.

Tu sim, cõ glória ao mundo e aos ceos acceito,
Te elevas, firme asylo da innocencia;
Tua magnificencia
Co'as virtudes se abraça em laço estreito;
Estes não são os muros, onde dorme
A vã superstição, e o vicio enorme.

Eu t'admiro qual arvore frondosa,
Que, novos fructos produzindo, cresce:
Por ti risonha desce
Suave primavera deleitosa.
Nem temas que te roube astro maligno
O orvalho creador do ceo benigno.

Em vão gelado inverno extenda as azas
Sôbre o carro de Bóreas proceloso;
Em vão o cão raivoso
Chamas espalhe nas celestes casas;
Sempre illesa serás, segura, eterna;
Quanto se deve á mão, que nos governa!

O' generosa mão, que não desmaias
No meio das fadigas! Ou dos montes
Desçam as puras fontes,
Ou fuja o mar infesto ás nossas praias:
Ou a peste horrorosa, magra e escura
Ache no antigo lago a sepultura.

As artes se levantam apressadas,
E alegres, a colhêr a flor e o fructo:
E as Musas por tributo,
Enlaçando corôas engraçadas,
Mandam nas azas do ligeiro vento,
Hymnos de paz ao claro firmamento.

Doce paz, ah! não fujas! longos annos
A guerra n'outros campos homicida,
Semeia enfurecida
Co'a mão ensanguentada os mortaes damnos;
E em tanto no seu bosque alto, e sombrio
Descance em urna d'oiro o patrio rio.

Mas que trovões? Que nuvens sôbre os ares
Vôa açoitada do soberbo noto?
Vem, ó sabio piloto,
A furia contrastar dos negros máres,
E a vencedora náo possa contente
Lançar na curva praia o ferreo dente.

Se a discordia com ecos furibundos
Sacode a negra facha accesa em ira:
Se o furor, que respira,
Turba os vastos confins d'ambos os mundos:
Tu abrirás no campo da victória
Novos caminhos para nova glória.

Qual o leão feroz, que generoso,
Brando e grave, na paz encobre a furia,
Mas que depois da injúria
Encrespa a grenha, e firme, e valeroso
Arrosta o inimigo, e não descança
Sem tomar no seu sangue alta vingança:

Tal espero de ver-te, ó novo Marte,
Por entre estragos, mortes e ruinas,
As lusitanas quinas
Levando vencedor por toda a parte,
E igual aos teus maiores sôbre a terra
Grande sempre na paz, grande na guerra.

Na reforma da Universidade

A fastosa indolencia,
Tarda preguiça, e molle ociosidade,
Tiveste por sciencia,
Infeliz lusitana mocidade,
Viste passar, caindo de êrro em êrro,
Barbaros dias, seculos de ferro.

Parece não tocada
A arêa, que já foi por tantas vezes
Com o suor regada
Dos sabios, dos antigos portuguezes,
Que em prémio das fadigas alcançaram
Os verdes loiros, de que a frente ornaram.

Longe de seus altares
Jaz a deusa, que horror! posta em desprêso.
Cobre de sombra os ares
Deus do trovão, um raio d'ira acceso
Vingue a filha do ceo. Os mundos tremem,
O sol desmaia, o vento e os máres gemem.

A face descorada
No manto azul co'a propria mão esconde,
Por não ver coroada
A ignorancia, qu'insulta e que responde,
Que em seus annaes escreve por façanha
Ter subjugado a generosa Hespanha.

Mas ella vê por terra
Todo o seu culto ás cinzas reduzido.
Faz-lhe improvisa guerra
Raio consumidor do ceo caído;
Nem ha portas de bronze, ou muros d'aço,
Tudo cede ao poder do augusto braço.

Aos cegos africanos
Vôa a superstição buscando asylo.
Fanaticos enganos,
Tornai ás margens do encantado Nilo,
E o negro monstro, que se expõe sereno
Ao ferro, ao fogo, ao laço, e ao veneno.

A perfida impostura
Nem sempre ha de reinar; um claro dia
Aparta a névoa escura
Do teu templo, immortal sabedoria:
Gemem das aureas portas os ferrolhos,
E a desusada luz offende os olhos.

Aquella mão robusta,
Dos herculeos trabalhos não cançada,
Não treme, não se assusta
Quando te leva aos astros, adornada
Do nativo esplendor e magestade,
Qual já te viu de Roma a bella idade.

Assim depois que dura
Seculos mil essa ave portentosa,
Da mesma sepultura
Resuscita mais bella e mais formosa,
Para admirar de nova glória cheia
Os aridos desertos da Sabéa.

O' candida verdade,
Filha da immensa luz, que o sol conserva,
Illustra em toda a idade
Este sagrado templo de Minerva.
Digna-te ser, pois vens do assento ethereo,
A deusa tutelar do nosso Imperio.

E vós, ou vos criasse
A nobre Lysia no fecundo seio,
Ou já nos convidasse

Amor das lettras no regaço alheio,
Cortando os máres, desde as praias onde
O oiro nasce, e o sol o carro esconde:

Pizai cheios de gôsto
Da bella glória os asperos caminhos,
Em quanto volta o rosto
O fraco, o inerte á vista dos espinhos,
E fazei que por vós inda se veja
O imperio florescente, e firme a igreja.

Longe do fero estrago
Os pomos d'oiro colherás sem susto.
O sibilante drago
Caiu sem vida aos pés do throno augusto!
E ainda tem sobre a testa formidavel
Do grande heroe a lança inevitavel.

Enchei os ternos votos
Da nascente esperança portugueza;
Por caminhos remotos
Guia a virtude ao templo da grandeza;
Ide, correi, voai, que por vós chama
O rei, a patria, o mundo, a glória, a fama.

RONDÓS

O Beija-Flor

Deixo, ó Glaura, a triste lida
E a minha alma ao bem se entrega,
Submergida em doce calma;
Que lhe nega o teu rigor.

Neste bosque alegre, e rindo
Sou amante afortunado;

E desejo ser mudado
No mais lindo Beija-Flor.
Todo o corpo n'um instante
Se atenda, exhála e perde:
E já de oiro, prata e verde
A brilhante e nova côr.

Deixo, ó Glaura, etc.

Vejo as pennas e a figura,
Provo as azas, dando gyros;
Acompanham-se os suspiros,
E a ternura do pastor.
E n'um vôo feliz ave
Chego intrepido até onde
Riso e perolas esconde
O suave a puro amor.

Deixo, ó Glaura, etc.

Tóco o nectar precioso,
Que a mortaes não se permitte;
É o insulto sem limite,
Mas ditoso o meu ardor.
Já me chamas atrevido,
Já me prendes no regaço:
Não me assusta o terno laço,
É fingido o meu temor.

Deixo, ó Glaura, etc.

Se disfarças os meus erros,
E me sóltas por piedade;
Não estimo a liberdade,
Busco os ferros por favor.
Não me julgues innocente,
Nem abrandes meu castigo;
Que sou barbaro inimigo,
Insolente e roubador.

Deixo, ó Glaura, etc.

Beija-flor, fui amoroso,
E ditoso já me viste;
Hoje é triste e desgraçado
O sonhado Beija-flor.

Mal toquei, ó Glaura bella,
(De prazer eu me confundo)
Nesse cravo rubicundo,
Que ama e zéla o mesmo amor.
No teu puro e branco seio
Por castigo me encerravas;
Eu me ria, e tu pensavas
Ver-me cheio de temor.

Beija-flor, ets.

Minha voz não entendeste,
E querendo ver-me afflicto
Por vingança de delicto
Me fizeste o bem maior.
A prisão, em que me via,
Era o templo da ternura,
Onde em braços da ventura
Não temia o teu rigor.

Beija-flor, etc.

Alva mão... eu me enterneço!
Tua mão me arranca as pennas;
A servir-te me condemnas;
É sem preço o teu favor.
Mas tu foges rigorosa,
E eu não vôo... que martyrio!
Nem procuro o branco lyrio
Nem da rosa a viva côr.

Beija-flor, etc.

Ir comtigo só desejo;
És cruel... cruel me agradas;

Chóro as pennas arrancadas,
E em mim vejo o teu pastor.
Ah que eu morro de saudade,
E te dizem meus gemidos,
Que os prazeres são fingidos,
E é verdade a minha dor.

Beija-flor, etc.

O Cajueiro

Cajueiro desgraçado,
A que fado te entregaste,
Pois broteste em terra dura
Sem cultura e sem senhor.

No teu tronco pela tarde,
Quando a luz no ceo desmaia,
O novilho a testa ensaia,
Faz alarde do valor.
Pâra fructos não concorre
Este valle ingrato e sêcco
Um se enruga murcho e pèco,
Outro morre ainda em flor.

Cajueiro, etc.

Vês nos outros rama bella,
Que a Pomóna por tributos
Offerece doces frictos
De amarella e rubra côr?
Ser copado, ser florente
Vem da terra preciosa;
Vem da mão industriosa
Do prudente agricultor.

Cajueiro, etc.

Fresco orvalho os mais sustenta
Sem temer o sol activo;
Só ao triste simivivo
Não alenta o doce humor.
Curta folha mal te veste
Na estação do lindo agosto,
E te deixa nu e exposto
Ao celeste intenso ardor.

Cajueiro, etc.

Mas se esteril te arruinas,
Por destino te conservas
E pendente sobre as hervas
Mudo ensinas ao pastor.
Que a fortuna é quem exalta,
Quem humilha o nobre engenho:
Que não vale humano empenho,
Se lhe falta o seu favor.

Cajueiro, etc.

Vem, ó nymfa, ao cajueiro,
Que no outeiro desprezámos;
Que em seus ramos tortuosos
Amorosos fructos dá.

Se desejas a frescura,
O seu tronco te convida,
E entre as folhas escondida
Aura pura e doce está.
Inda a mão do estio ardente
Não crestou no campo as flores:
Vem, que a Deosa dos amores
Tua frente adornará.

Vem, ó nymfa, etc.

Lá chorando e namorada
Hamadryade te acena:
Sem socorro em sua pena
Desmaiada ficará.
Vem, consola por piedade
Os seus miseros gemidos,
E os seus ais, que enternecidos
De saudade morrem já.

Vem, ó nymfa, etc.

Nelle viu feliz minha alma
Triumfar o amor e a glória;
E em signal desta victória
Verde palma crescerá.
Vôa triste o meu martyrio,
E de longe turba os ares:
Semeei crueis pezares
Rôxo lyrio nascerá.

Vem, ó nymfa, etc.

Vem tecer uma capella
Ao amor, que nos inspira;
E na voz da curva lyra
Glaura bella soará.
Vês o amor, e não o entendes?
Tem occulto ali seu ninho;
E te diz que é passarinho;
Se o não prendes, voará.

Vem, ó nymfa, etc.

A serpente

Verde cedro, verde arbusto,
Que o meu susto e prazer vistes,
Vamos tristes na memória
Essa história renovar.

Este o valle, é esta a fonte:
Glaura achei aqui dormindo:
Sonha alegre, e se está rindo,
E eu defronte a suspirar.
Junto della pavoroso,
Vi, oh ceos! monstro enrolado,
Fero, enorme, atroz, manchado
E escamoso scintillar.

Verde cedro, etc.

Ardo e tremo, e louco amante
Mil horrores n'alma pinto:
Vou..., receio..., ah que me sinto
Vacilante desmaiar.
Vence amor: (doce ternura!)
Tomo a nymfa nos meus braços:
Elle aperta os novos laços,
E assegura o triumfar.

Verde cedro, etc.

Em si mesma se embaraça
A serpente enfurecida;
Ergue o collo, e atrevida
Ameaça a terra e o ar.
N'uma pedra rude e feia
Já lhe envia a morte affoita;
Já co'a cauda o tronco açoita,
Morde a areia ao respirar.

Verde cedro, etc.

Venturoso e satisfeito,
"Glaura bella, (então dizia)
(Vê de amor e de alegria
"O meu peito palpitar."
Ella em mim buscando arrimo,
Cora, e diz inda assustada,
"Esse puro amor me agrada,
Eu te estimo e te hei de amar."

Verde cedro, etc.

Dezembro

Já dezembro mais calmoso
Preguiçoso o gyro inclina:
Illumina o Ceo rotundo,
Quer o mundo incendiar.

Vem pastora aqui te esperam
Os prazeres deste rio;
Onde o sol e o sêcco estio
Não podéram penetrar.
Nuas graças te preparam
A conchinha transparente,
O coral rubro e luzente,
Que buscáram sôbre o mar.

Já dezembro, etc.

Entre os mimos e a frescura,
Entre as sombras e entre as aguas,
Do pastor as tristes magoas,
E a ternura has de encontrar.
Pelo golfo curvo e largo
Apparece a Deosa bella:

Ora a vaga se encapella,
Ora o pargo surge ao ar.

Já dezembro, etc.

De me ouvir ao som desta aura,
Que menea os arvoredos,
Apprenderam os róchedos
Glaura, Glaura a suspirar.
Oh, que doce amenidade!
Loiras Dryades se ajuntam;
Por teus olhos me perguntam
Com saudade e sem cessar.

Já dezembro, etc.

Ah cruel! porque não vamos
Colher mangas preciosas,
Que promettem venturosas
Os seus ramos encurvar?
Se no abrigo destes prados
Não achares lindas flores,
Acharás os meus amores
Desgraçados a chorar.

Já dezembro, etc.

Madrigaes

Se eu conseguisse hum dia ser mudado
Em verde *Beija-flor*, oh! que ventura!
Despresára a ternura
Das bellas flores no risonho prado.
Alegre e namorado
Me verias ó Glaura, em novos gyros
Exhalar mil suspiros,

Roubando em tua face melindrosa
O doce nectar de purpurea rosa.

Jasmins e rosas tinha
Para adornar o tronco da mangueira:
À fonte Glaura vinha,
Escondi-me entre a rama lisongeira:
Fiquei a tarde inteira
A ver as perfeições da minha amada;
Mas quando recostada
Principia a cantar os meus amores,
Deixo cair as flores
Ella me vê, e exhala, que ventura!
Dois suspiros de amor e de ternura.

Exeertos do "Desertor das letras"

.....

Com largo passo longe do Mondego
Alegre a forte gente caminhava.
Gonçalo excede a todos na estatura,
Na força, no valor e na destreza.
Sôbre um magro jumento se escarrancha
Tiburcio, e já d'um ramo de salgueiro
Desata ao norte fresco, que assobia,
Por vistoso estandarte um lenço pardo.
Cosme infeliz e sempre namorado
Sem ser correspondido, vai saudoso;
Ama, e não sabe a quem: vive penando,
E se consola só porque imagina
Que tem de conseguir melhor ventura.
Rodrigo que de todos desconfia,
É de indole grosseira e gemio bruto,
Não conhece os perigos, nem os teme:
Melancolico sempre, vai por gôsto
Viver na choça, aonde foi creado.

Qual o tatú, que o dextro americano
Vivo prendeu, e em vão depois se cança
Por fazel-lo domestico, que sempre
Temeroso nas conchas se recolhe,
E parece fugir á luz do dia.
Tambem vinha Bertoldo, e traz comsigo
Carunchosos papeis por onde affirma
Vir do septimo rei dos longobardos.
Grita contra as riquezas: a fortuna
Segundo o que elle diz não muda o sangue·
Piza com força o chão, e empavezado
De acções, que elle não póde chamar suas,
Aos outros tracta com feroz desprêzo.
Iracundo Gaspar, que te enfureces
No jogo, e quando perdes não duvídas
Metter a mão á ferrugenta espada,
Tu não ficaste: as noites sobre os livros
Não queres supportar, porque não temes
Da já viuva mãi as froxas iras.
Nem tu Alberto alegre, e desejado
Nas vistosas funções das romarias,
Que és vivo prompto, e agil, e nos bailes
Tens fama de engraçado, e galantêas
Co'a viola na mão trocando as pernas.
Os que apprendem o nome dos autores,
Os que leem só o prologo dos livros,
E aquelles cujo somno não perturba
O concavo metal, que as horas conta,
Seguiram as bandeiras da ignorancia
Nos incriveis trabalhos desta empreza.
O sol já sôbre os campos de Amphitrite
Inclina o carro e as nuvens carregadas
Importunos chuveiros ameaçam;
Quando a velha estalagem os recebe.
Meza de tosco pinho se povôa
De negras azeitonas, e salgado
Queijo, que estima a gente que mais bebe.
D'um lado e d'outro lado se levantam
Picheis, e copos em que o vinho abunda.

Corriam para aqui desafiados
Rodrigo o triste e o glotão Tiburcio.
Este instante fatal é que decide
Da dubia sorte dos herós cobrindo
Um de eterna vergonha, outro de glória.
A feia noite, que aborrece as luzes,
Desce dos altos montes com mais pressa
Por ver este combate, e affugentada
Pela sombria luz d'uma candêa
De longe observa o novo desafio.
Um e outro occupando as mãos, e a bocca
Avidamente a devorar começa.
Assim esse animal grosseiro, e pingue,
Que de alpestres bólotas se sustenta,
A pressa come, e tendo uma nos dentes,
N'outra tem o desejo, e n'outra a vista.
Rodrigo quasi certo da victoria
Co'as mãos ambas levanta um grande cópo,
Cópo digno de Alcides, e á saude
De todos os famosos desertores
De uma vez o esgotou; então Tiburcio
Cheio de nobre ardor, fechando os olhos
Toma um largo pichel, e assim lhe fala.
"Vasilha da minha alma, tu que guardas
A alegria dos homens no teu seio,
E tu filho da cêpa generoso,
Se estimas e recebes os meus votos,
Derrama sôbre mim os teus encantos."
Já tinha dito muito: e em quanto bebe
Voa a cega discordia, que se nutre
De sangue e de vingança, e sôbre os cópos
Tres vezes sacudio as negras azas.
Viam-se já nos lividos semblantes
A raiva sanguinosa, a má tristeza;
A noite a quem o acaso favorece,
Estende a fusca mão, e a luz abafa.
Veloz passa o furor de peito em peito,
Perturba os corações e inspira o odio.
Só tu Gonçalo descrever podéras
Os terriveis estragos desta noite,

Tu, que posto debaixo d'uma banca
(Por não manchar as mãos no sangue amigo)
Sentiste pela casa e pelos ares
Rolar os pratos e tinir os cópos.
Range os dentes Gaspar, e pelo escuro
Não acerta co'a espada nem co'a porta:
Quando Ambrosio, que tinha envelhicido
Da estalagem na misera officina
Co'a candêa na mão assim falava.
É crivel, que entre vós já mais se encontre
Um genio docil, serio e moderado?
Isto deveis ás lettras? respondei-me,
Ou insultai tambem os meus cabellos
Da triste e longa idade embranquecidos.
Julgais acaso, que o saber se infunde
Deixando o vosso nome assignalado
Pelos muros e portas da estalagem?
Oh nescia mocidade: é necessário
Muito tempo soffrer, gastando a vista
Na continua lição, e sôbre os livros
Passar do frio inverno as longas noites.
E quando já tivesseis conseguido
De tão bella carreira os dignos premios;
Muito pouco sabeis, se inda vos falta
Essa grande arte de viver no mundo;
Essa, que em todo o estado nos ensina
A ter moderação, honra e prudencia.
Eu tambem já no flor da mocidade
Varri co'a minha capa o pó da salla:
Eu tambem fui do *rancho da carqueija,*
Digno de fama e digno de castigo.
Era então como vós. Jámais os livros
Me deveram cuidado, e me alegrava
Das nocturnas emprezas, dos disturbios:
Os dias se passavam quasi inteiros
Nos jogos, nos passeios, nas intrigas,
Que fomentam os odios e as vinganças.
Por isso estou no seio da miseria:
Por isso arrasto uma infeliz velhice
Sem honra, sem proveito, sem abrigo,

Tempo feliz da alegre mocidade!
Hoje encurvado sôbre a sepultura
Eu chóro em vão de vos haver perdido:
Assim suspira, geme e continua:
Conservai sempre firme na memória
D'um velho desgraçado o triste exemplo,
E apprendei a ser bons, que a vossa idade
As indignas acções não justifica.
Mas se vós desprezais os meus conselhos,
Nunca gozeis o premio dos estudos:
Afflicções e trabalhos vos opprimam,
Em quanto o mar das Indias vos espera.
Então Gaspar tomando o caso em brio
Acceso de ira com valor responde,
Traça o capote, e tira pela espada.
O velho grita e foge: ás suas vozes
De rusticos um povo se enfurece,
E toma as armas e bradando avança.
Qual nos immensos e profundos mares
O voraz tubarão entre o cardume
De argentadas sardinhas: ellas fogem,
Deixam o campo e nada lhe resiste;
Assim Gonçalo, a quem já todos temem,
Faz espalhar a turba, que o rodêa,
E só deixa a quem foge de encontral-o.

.—.

Em tanto a fama heroica vem seguindo
As velozes, e incognitas notícias
Que trazem e que levam os successos
De paiz em paiz, de clima em clima.
Ellas voam em turba, enchendo os ares
Dos éccos dissonantes, a que attendem
Crédulas velhas e homens ociosos.
Qual no fertil certão de Ajuruóca
Vaga nuvem de verdes papagaios,
Que encobre a luz do sol e que em seus gritos
É similhante a um povo amotinado:
Assim vam as notícias e estas vozes
Pelo campo entre os rusticos semeam.
Gente inexperta, alegre e sem cuidados,

Fero esquadrão, que os vossos campos tála,
Vem destruindo as terras, e os lugares.
O povo indocil, cego e receoso,
Que as funestas palavras accredita:
Toma os caminhos, e os outeiros cobre.
Por onde irás, intrepido Gonçalo,
Que escapes ao furor da plebe armada?
O povo cerca e dos confusos gritos
As montanhas ao longe retumbaram.
Vós ó musas, dizei como a discordia
Com o negro tição, que accende os peitos,
Mostra o rosto de sangue e pó coberto,
Seguindo os passos do homicida Marte.
Aqui não apparecem refulgentes
Escudos d'aço e bronze triplicado:
Não assombram a testa dos guerreiros
Fluctuantes pennachos, que ameaçam,
Como tu viste, ó Troya, ante os teus muros;
Mas o valor intrepido apparece
A peito descoberto. O povo armado
De choupas, longos páos e curvas foices,
É similhante a um bosque de pinheiros,
Que o fogo devorou, deixando núas
As elevadas pontas. Animoso
Dispõe Gonçalo a fórma da batalha
Posto na frente: á sua voz a um tempo
Todos avançam, todos se aproveitam
Das perigosas e terriveis armas,
Que o terreno offerece em larga cópia.
Vôa a cega desordem e apparece
No meio do combate. Por um lado
Gaspar se oppõe arremeçando pedras
Com fôrça tal, que atroam os ouvidos.
Gonçalo d'outra parte invicto e forte
Abre co'ferro agudo amplo caminho.
Já pendia a balança da victoria
Contra a tímida gente, que se espalha;
Quando chega attrevido Braz o forte.
(Gigante Ferrabraz lhe chama o povo
Pela enorme estatura e fôrça incrivel)

Ergue a pezada maça sem trabalho
Qual nos montes de Lerne o fero Alcides:
Gonçalo evita a morte com destreza:
Elle renova os formidaveis golpes;
Mas o irado mancebo ao desviar-se
Tropeça e cae. Neste arriscado instante
Serías morto interepido Gonçalo,
Se Gaspar c'um rochedo aspero e rombo
Não atalhasse do inimigo a furia,
Quebrando-lhe com golpe repentino
Ambas as canas do direito braço.
Rangem os ossos, e a terrivel maça
Caindo sôbre a terra ao longe sôa.
Torna a ajuntar-se a fugitiva plebe,
E o prudente Gonçalo, que deseja
Mostrar o seu valor n'outros perigos,
Finge-se morto: a turba irada o piza,
Mas elle não se move contra todos.
Então Gaspar em cólera se accende:
Ameaça, derriba, ataca e fere;
Até que já sem fôrça rodeado
Vê de seus companheiros os opprobios
Sôa nas costas dos heróes valentes
O duro azambujeiro, e são levádos
Ao som terrivel de insultantes gritos
Para a escura prizão, que os esperava.
Gonçalo, o bom Gonçalo as mãos atadas,
Os olhos para o chão, porque era terno
Não refreou o compassivo pranto.
A par delle Bertoldo em vão lamenta
A falta de respeito, que devia
Rustica plebe ao neto de Alarico.
Com vagaroso passo todos marcham,
Como as ovelhas por um caminho estreito.
Tal depois da ruina de um Quilombo
Vem a indomita plebe da Ethiopia,
Quando rico dos loiros da victoria,
O velho Chagas sempre valoroso
Cobre o fuzil da pelle da guariba,
E forra o largo peito c'os despojos

Da malhada panthéra, e do escamoso
Jacaré nadador, que infesta as aguas.

.—.

Alto conselho aqui se faz, aonde
Infeliz Dorothéa, o teu destino
Cruel e dubio d'um só voto pende
Dos tres heroes discordam as sentenças.
Um deseja que fique em liberdade,
E do pai ultrajado exposta ás iras:
Inexoravel outro pensa, e julga,
Que a sua morte deve dar exemplo,
Que encha de horror as perfidas amantes.
Gonçalo, que era o unico offendido,
Consulta o coração e se enternece.
Mas o ardente ciume, que se alegra
De pinta como crimes horrorosos
Innocentes acções, então lhe mostra
A feia ingratidão e o torpe engano.
A vingança cruel, e o vil desprêzo
Anda mais terrivel, que a vingança,
Ganham do coração ambas as portas.
Mimosa Dorothéa, e como ficas
Co'as mão ligadas a um pinheiro bronco
Sem outra companha, que os teus males!
É este o premio, filhas namoradas,
Este o premio de amor, quando imprudente
Os termos passa, que a razão prescreve.
De quando em quando um ai do peito arranca,
Que ao longe os tristes magoados écos
Desperta, e faz sentir os duros troncos;
E espera sem defeza (sorte ingrata!)
Que a devorem os lobos carniceiros.
Assim ligada aos asperos rochedos
A filha de Cephêo ao mar lançava
A temerosa vista, e lhe parece
A cada instante ver surgir das ondas
A verde espada do marinho monstro.
Sem espôso, sem pai, sem liberdade
Misera Dorothéa chora e geme.

Ai Marcella cruel, que m'enganaste
Com teus bellos, fantasticos agoiros!
Queira o ceo que outras lagrimas sem fructo
Mil vezes tresdobradas te consumam
Os encovados olhos! Que inda a morte
Ás tuas vozes surda correr deixe
Peiorando em seu curso vagaroso
Os momentos de dor e de amargura?
Assim falava: a leve fantazia
Com as côres mais vivas lhe apresenta
D'escarpados rochedos no alto cume
O palacio da candida innocencia,
Cercado de funestos precipicios.
Ó morada feliz, onda não torna
Quem uma vez rodou entre as ruinas!
Giram no plano do elevado monte
Cruas dores, remorsos devorantes,
As três irmans a peste, a fome, a guerra,
O palido receio, o crime, a morte,
As furias e as harpias, que s'involvem
No turbilhão dos miseros cuidados.
Então de tantas lagrimas movida
A mãi soberba do propicio acaso,
A mudavel fortuna, e já cançada
De ouvir as tristes queixas de Rufino,
Taes palavras ao filho dirigia:
Esse amante infeliz, que em vão suspira
Ache a dita uma vez e enxugue o pranto.
Acaba de falar, e ao mesmo tempo
Rufino para o bosque s'encaminha,
E o acaso o conduz por entre as sombras
Da pavorosa noite, que já desce.
Á rouca voz da misera donzella
Palpita o coração: o amor e o susto
Chimericas imagens lhe afiguram;
Mas elle chega: o proprio crime e o pêjo
Cobrem de rôxas nuvens o semblante
De Dorothéa ao ver-se ainda amada
Por aquelle, que foi ha poucas horas
Alvo de seus insultos e desprezos

A molle vista, as lagrimas em fio,
Que aos corações indomitos abrandam,
Que fariam n'um peito namorado?
Tu lhe ensinas c'o fraco rendimento
Os meios de vencer. Ó sete vezes
Venturoso Rufino, s'ella um dia
Não quizer renovar os seus triumfos,
E medir a fraqueza do teu peito
Pelo grande podêr das suas armas!

A tempestade

Fraco batel em tormentosos mares
Vou sem vela, sem leme, e sem piloto:
O turbulento Nóto
Revolve as ondas, e as eleva aos ares,
E Boreas, que em tufoens subir costuma,
Borrifa os astros co'a salgada espuma.

O feroz Euro, o Africo atrevido
Quebram ferrolhos, e prisoens eternas
Nas Eolias cavernas,
D'onde saem com horrido bramido,
Varrendo e devastando em dura guerra
As campanhas do mar e os fins da terra.

É este o váo, o rouco váo, que habitam
Surdos naufragios, e implacaveis medos:
São estes os rochedos,
Que o vasto golfo sorvem e vomitam,
E já sobre os perigos horrorosos
Ouço da infame Scylla os caens raivosos.

Turba-se o ar, as nuvens se amontoam
Da negra tempestade ao fero açoute:
Do Erebo surge a noute,
O horror e as sombras: os rochedos soam,

Estala o Ceo, e o raio furibundo
Desce inflamado a ameaçar o mundo.

Ao clarão do relampago apparecem
No fundo pégo de Nereo as cazas,
E sobre as fuscas azas
Das grossas nuvens os chuveiros descem;
E em tanto, o lenho, combatido tocas
As estrellas no Ceo, no abismo as phocas.

O' Genio tutelar, Astro brilhante,
Que enches de luz o Imperio lusitano,
Aparta o fero damno
Da destroçada quilha fluctuante,
E o fragil resto do batel quebrado
Toque feliz o porto desejado.

E em quanto alegre a inclita victoria
Vai seguindo os teus passos, e a piedade,
A candida verdade,
As graças, a justiça, a fama, a glória,
E o prazer immortal, que o Ceo reserva
Ao real coração, que a paz conserva:

Ergue benigna a mão, Rainha Augusta,
A poderosa mão, a quem adora
E teme o occazo, a aurora,
Os frios polos, e a região adusta;
Ampara o novo Genio Americano,
Que sobe a par do Grego e do Romano.

Sobre o Ménalo as Muzas o educaram
Para cantar a gloria dos monarcas:
Mas logo o tempo, e as Parcas
Negro fél nos seus dias derramaram,
Falta o suave alento á curva Lyra,
E já cançada de chorar suspira.

Voa, canção, á nobre foz do Tejo;
Não temas ir de climas tão remotos,
Pois te acompanham os mais puros votos.

Á inauguração da estátua equestre de José I

Pende de eterno loiro
Nos vastos ermos de espinhosa estrada
Suave Lyra de oiro,
Que do Phrigio Cantor foi temperada.
Dá-lhe o som, corta o ramo, e cinge a frente,
O' da America inculta Genio ardente!

Arrastando agarenas
Luas pelos teus campos, Lusitania,
Qual o Rei de Micenas
Sobre os vencidos muros da Dardania,
Torna cercada do seu povo intonso
A sombra invicta do primeiro Affonso.

Veste dobrada malha:
Tem no robusto braço o largo escudo:
Inda terror espalha,
Tinto do mauro sangue, o ferro agudo.
Eu ouço a tua voz, raio da Guerra,
E os teus echos repito ao Ceo e á Terra.

"O' bravos Portuguezes,
Gente digna de mim! a Fama, a Glória,
Buscada em vão mil vezes,
Vos segue sempre, e os loiros e a victoria:
Ou vós domeis dos Barbaros a sanha,
Ou os fortes Leoens da altiva Hespanha.

"Vistes ligando as tranças
No berço ainda de Titan a espoza;
De escudos e de lanças
Em vão Asia se eriça; e temerosa
Escuta o bronze, com que a negra morte
Enche de espanto as furias de Mavorte.

"Mas hoje, ouzados povos,
Dai altas provas do valor antigo,

Tendes combates novos,
Encarai os trabalhos e o perigo;
Quem as armas vos deu, quem tudo rege,
Do Ceo estende a mão, e vos protege."

Falava o bellicozo
Illustre fundador do grande Imperio,
E ferro victoriozo
Vibrando, encheu de luz todo o hemisferio,
Já mugem as abobadas eternas,
E os echos se redobram nas cavernas.

Para engolir os montes
Gargantas abre o mar: a terra treme:
Cobrem-se os horizontes
De negro fumo o pó: a Esfera geme,
E eu vi (ai justo Ceo!) sobre as ruinas
Desfalecer as vencedoras quinas.

Chovem crueis abutres,
E monstros infernaes de raça amphibia;
Quaes nem, Caucaso, nutres,
Nem vós, torradas solidoens da Lybia.
Dormes, Lisboa, e nos teos braços cinges
Hydras, Chimeras, Gerioens e Sphynges!

O Parricidio arvora
Triste facha no impuro Averno acceza:
Esconde o rosto, e chora
Infeliz, Lealdade Portugueza;
Mas Affonso o predisse, o Ceo não tarda,
E novo Alcides a taes monstros guarda.

Aos seculos futuros,
Intrepido Marquez, sirvam de exemplo
Vossos trabalhos duros,
Longos, incriveis, que da Fama o templo
Tem por estranho e glorioso ornato,
Onde não chega a mão do tempo ingrato.

Essa em crimes famoza
Arvore, que engrossando o tronco eterno,
Já feria orgulhoza
Co'a rama o Ceo, e co'a raiz o Inferno,
Ao ver a mão, que acêzo o raio encerra,
Murcha, vacilla, pende e cae por terra.

Fogem do roto seio
Guerra, morte, traição, odio, impiedade:
O sol teve receio
De ver o rosto a tanta atrocidade,
Caiu em fim, e ouviu-se o estrando fero
Desde o Scytico Tauro ao Caspe Ibéro.

Longe nuvens escuras
Arrogem sobre os mares os coriscos;
Deixem subir seguros
Altas torres, soberbos obeliscos,
D'onde a nova Lisboa ao mundo canta
A mão robusta e firme, que a levanta.

Vapores empestados
Derrama n'outros climas o veneno;
Sobre os risonhos prados
Respira alegre o Zefiro sereno;
Abre a Paz os thezouros de Amalthéa,
Tornam os tempos de Saturno e Rhea.

O' marmórea Lisboa,
Nova Roma, que adoras novo Augusto!
Feliz a patria entoa
O magnanimo pai, o pio, o justo,
E sua imagem vai cheia de loiros
Inspirar glória aos ultimos vindoiros.

O' Bronze, O' Rei, O' Nume
Esperança e amor do Mundo inteiro!
Do tempo a voraz fome
Respeita a Estatua de José Primeiro:

Que não deu menos honra ao Luso Solio
Que as delicias de Roma ao Capitolio.

Póde o volver dos annos
Mudar a face a terra, ao mar o leito,
Izento de seus damnos
José o Grande irá de peito em peito,
Outro Tito quebrou entre os monarcas
A fouce ao tempo, e a tizoura ás Parcas.
Que Sparta bellicoza
Veja cair seus muros, que renasça
Na terra generoza
Do Sybarita vil a frouxa raça;
O nome do bom Rei contra as Idades
Dura mais que as Naçoens, e que as Cidades.

FREI JOSÉ DE SANTA RITA DURÃO

FREI JOSÉ DE SANTA RITA DURÃO

Em 1777 cessára, pela morte de el-rei D. José, o podêr do marquez de Pombal. Este acontecimento trouxe a Portugal vários indivduos, que andavam foragidos por terras estranhas.

No anno seguinte, ao abrir-se no mez de outubro o curso lectivo da Universidade de Coimbra, é um desses foragidos que pronuncía em latim a oração de sapiencia. Preside tal acto solemne o bispo reitor, glória da Universidade e do Brasil, sua patria; entre os ouvintes não faltam outros brasileiros tanto nas doutoraes como nos bancos dos estudantes. Filho do Brasil é tambem o orador, que não terá ainda cincenta annos de idade: seu rosto grande e trigueiro, se destaca perfeitamente junto do alvo do capello de Theologia que tira por venia de quando em quando.

Elogiando os antigos réis portuguezes, exalta os monumentos por elle deixados como quem tinha direitos para o fazer em comparação dos que víra por outros paizes; circumstancia que faz sentir nas primeiras quatro palavras do discurso: *"Perambulantem me saepe orbem"*. E com effeito o orador durante obra de dezoito annos, pois tantos havia que deixára Portugal, tinha percorrido pelo menos a Hespanha e Italia. N'outro tempo per-

tencêra (como ao depois tornou a pertencer) á ordem ds eremitas de Santo Agostinho, e chamava-se nella Fr. José de Santa Rita Durão; mas estando em Roma deixou o *frei*, e o habito grave de graciano tambem lá o deixára em trôco de um amaneirado vestuario *à l'abbé*, com que o viu o Sr. Fr. José das Dores, depois seu confrade, e a cuja boa memória, apezar da idade, devemos esta noticia, que é confirmada pelo seguinte modo, com que se apellida o orador, quando impreme seu discurso: "*Jos. Duram, Theolog. Conimbricensis*".

Que motivos teria pâra secularisar-se, não será facil averiguar, a não admittirmos a conjectura tão natural da inconstancia de caracter que tantas vezes acompanha as almas exaltadas e poeticas. E o nosso orador tanto é poeta, que veio a ser auctor de uma epopea, na qual cada dia se encontra mais merecimento. E a maior prova de que essa resolução não foi tomada com grande firmeza a encontrâmos nós no facto de haver elle pouco depois voltado novamente á sua antiga situação conventual. Porém desta vez julgaria por ventura favoravel á inspiração o silencio os claustros, ou preferiria á vida privada a contemplativa para ter o espirito livre de cuidados, em quanto se entregava á sua espopea? O caso é que esta, se foi começada pelo Padre Durão, quem a concluiu e publicou foi Dr. José de Santa Rita.

Affirma-nos o nosso erudito amigo o Sr. F. Freire de Carvalho, que o célebre José Agostinho de Macedo, lhe assegurára que sendo então tambem graciano em Coimbra, víra muita vez o nosso poeta religioso no valle de Coselhas dictando estancias com a maior facilidade a certo pardo liberto, a quem no accento patrio, que nunca perdêra, chamava *Bérnardo*. Nem que essa amena ribeira de Coselhas, vertente do Mondego, fosse inspira-

dora para o nosso epico, como para o famoso Ariosto a do moinho dos Malaguzzos, tributária do Rhodano.

Propoz-se Durão a compor uma *braziliada;* isto é, uma epopea da colonisação do Brasil. Não podia melhor provar seu amor pela terra natal, obra de trinta annos depois de a ter deixado. "Os sucessos do Brazil (diz) não mereciam menos um poema que os da India. Incitou-me a escrever este o amor da patria". — Ha que notar nas expressões transcriptas, a menção do poema de Camões, com exclusão de tantos que o seguiram, uns em assumptos da Asia, outros da Africa. Acaso a intima consciencia o obrigava a não fazer honrosa menção d'outras epopeas portuguezas que no entender de alguns criticos são preferiveis á sua? Pâra realizar o pensamento de uma epopea brazileira não foi o nosso poeta procurar heroe guerreiro na fórma costumada por seus predecessores, se bem lhe não faltassem na História do Brasil, além d'outros, Mem de Sá e Fernandes Vieira. Achou mais original, ou talvez mais justo, cantar um heroe

..... "na adversa sorte
Pois só *conhece* heroe quem nella é forte."

Transcrevemos junto a estas palavras da proposição, a estancia 49 o Canto 2.º do *Caramurú,* em que o autor se justifica da escolha do assumpto que fizera:

Quanto merece mais que em douta lyra
Se cante por heroe quem pio e justo
Onde a cega nação tanto delira
Reduz á humanidade um povo injusto!
Se por heroe no mundo só se admira
Quem tyranno ganhava um nome augusto
Quanto o será maior que o vil tyranno
Quem nas feras infunde um peito humano!?

O poema viu a luz em Lisboa em 1781. É provavel que o autor se achasse presente à impressão, se bem que foi o mercador e livros *Du Beux* quem dirigiu esta, cuja tiragem foi de dois mil exemplares, parte dos quaes em melhor papel. Temia o nosso escriptor que se lhe levasse a mal apparecer publicamente como poeta, sendo religioso. Eis a parte das desculpas com que a tal respeito se occupa no prologo:

"Sei que a minha profissão exigiria de mim outros "estudos; mas estes não são indignos de um religioso; "por que o não foram de bispos e bispos santos; e o que "mais é, de santos padres como S. Gregorio Nazianzeno, "S. Paulino e outros!"

A nova epopea foi recebida friamente em Portugal. Ao Brazil talvez por muito tempo não passasse um exemplar. O poeta apenas dois annos sobreviveu á publicação. Sucumbiria de dor ao ver a indifferença com que era recebido o fructo de suas lucubrações? Não sería o primeiro.

No comêço do anno de 1784 pedia-se no hospicio graciano do *Colleginho* em Lisboa, um P. N. e uma A. M. pelo Padre Mestre Fr. José de Santa Rita, que acabava de fallecer. Um anno depois resava-se ahi mesmo uma missa por sua alma. Deus a tenha em glória!

Seu corpo foi enterrado junto aos degráos que da igreja dão para o claustro do mesmo Colleginho.

Sua obra, que avaliámos n'outro logar, pertence á posteridade, a qual fará por certo immortal o nome de Fr. José de Santa Rita Durão.

Ainda desta vez somos obrigados a confessar escacez de notícias acerca do poeta, de cuja vida acabâmos de esboçar o último periodo. — Era elle nascido na Cata-

Preta, arrayal do Infeccionado, quatro leguas ao norte da cidade episcopal de Marianna, em Minas.

Doutorou-se em Coimbra em 1756, de modo que foi contemporaneo de Claudio Manoel. Não sabemos como passou á Europa, nem onde professou; nem sequer podêmos justificar certo dito de que se resolveu a tal profissão em virtude de uma paixão mallograda por uma parenta sua. Sabemos só que depois de doutorado estava de conventual em Leiria, em 1758, e que na Sé desta cidade prégou um magnifico sermão em ação de graças de salvar-se elrei D. José da mysteriosa scena de 3 de Setembro; serviram-lhe de texto as palavaras: *"Benedictus Deus tuus qui conclusit homines qui levaverunt manus suas contra Dominum meum regem!"*

Um anno depois, sendo decretada a expulsão dos Jesuitas, o bispo de Leiria, célebre mais tarde com o titulo de Cardeal da Cunha, aproveitou-se da occasião para augmentar seu valimento com Pombal, publicando uma pastoral fulminante contra os mesmos jesuitas. E, ou porque a dita pastoral continha proposições injustas, ou porque pela propria fórma se prestava á satyra (o que succederia sendo originalmente obra do dito mitrado) é certo que Durão saiu a campo pulverisando-a (1), a ponto de se comprometter, e ver-se obrigado, a fim de livrar-se das iras do prelado, a evadir-se para Hespanha. Mas, se ao devassar a fronteira estava livre da perseguição das autoridades portuguezas, nem por isso a hospitalidade estrangeira lhe valeu por muito tempo; pois, rebentando logo a guerra, que resultou do pacto

(1) Segundo o mencionado Sr. Fr. José das Dores (n'outro tempo eleito bispo de Cochim) esta é a verdadeira explicação desse facto que em outro logar apresentâmos só como provavel.

de familia, foi prêso como suspeito de ser espia. Não sabemos em que terra de Hespanha teve logar essa prisão.

Solto, depois d'assignadas as pazes de París a 10 de Fevereiro de 1763, tratou de ir buscar em Italia mais seguro asylo, e lá se conservou até voltar a Portugal. Suas viagens lhe foram sem duvida uteis para estudar melhor a lingua e literatura hespanhola e italiana, cujo conhecimento, bem como o dos classicos italianos, comprovam muitos logares do poema. Consta que compoz outras poesias; mas até hoje nenhuma outra obra, além da epopea e do discurso mencionado, chegou a nosso conhecimento.

[José de Santa Rita Durão nasceu em Cata-Preta, Minas Gerais, em 1724. Aos nove anos de idade, em 1731, foi levado a estudar em Lisboa. Em 1739 entrou na Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho; no ano seguinte, a 12 de outubro, professou a regra da Ordem no Convento da Graça, na capital portuguesa, e passou logo a Coimbra para cursar os sete anos de Filosofia e Teologia. Depois leu Teologia em Braga durante um quinquênio. Em 1754 foi chamado a Coimbra para ocupar o lugar de lente da mesma Faculdade no colégio de sua Ordem. Na Universidade de Coimbra tomou o gráu de doutor em 1756. Daí por diante sua vida é conhecida através do excelente livro de Arthur Viegas — *O Poeta Santa Rita Durão — Revelações históricas de sua vida e do seu século*, Bruxelles, L'Édition d'Art Gaudio, 1914.

De Santa Rita Durão é o *Epitome rerum in Lusitania gestarum*, em que explica (Cap. VIII) as razões da prisão e condenação a degredo em Santa Catarina do desembargador José Mascarenhas Pacheco Pereira Coelho de Melo, fundador e presidente da Academia Brasilica dos Renascidos, na Bahia, como culpado de não ter cumprido as ordens secretas, que trazia de Lisboa, contra os Jesuitas. Esse *Epitome* conservava-se inédito no Arquivo de Loyola, em Espanha, de onde o extraiu e publicou Arthur Viegas, *op. cit.*, ps. 250/252.

Do *Caramuru*, a obra principal de Santa Rita Durão, ha as seguintes edições:

— *Caramurú*: poema epico do descubrimento da Bahia, com-

posto por Fr. José de Santa Rita Durão, da Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho, natural de Cata-Preta, nas Minas Geraes. — Lisboa, na Regia Officina Typographica. Ano MDCCLXXXI (1781), in-12.

— *Caramurú* ou la Découverte de Bahia; roman-poeme brésilien par José de Santa Rita Durão. Paris, Eugène Renduel, 1829, in-12°, 3 volumes.

Ha mais uma edição de Lisboa, Imprensa Nacional, 1836. E outras modernas.

Sua biografia, pelo Autor, *Revista do Instituto Histórico*, VIII, ps. 276/283. Santa Rita Durão é patrono da cadeira n. 9 dos membros correspondentes da Academia Brasileira. — R. G.]

Moema

É fama então que a multidão formosa
Das damas, que Diogo pertendiam,
Vendo avançar-se a náo na via undosa,
E que a esperança de o alcançar perdiam:
Entre as ondas com ânsia furiosa
Nadando, o espôso pelo mar seguiam,
E nem tanta agua que fluctua vaga
O ardor que o peito tem, banhando apaga.

Copiosa multidão da náo franceza
Corre a ver o espectaculo assombrada;
E ignorando a occasião da estranha empreza,
Pasma da turba feminil, que nada:
Uma, que ás mais precede em gentileza,
Não vinha menos bella do que irada:
Era Moema, que de inveja geme,
E já visinha á náo se apega ao leme.

"Barbaro, a bella diz, tigre e não homem...
Porém o tigre, por cruel que brame,
Acha fôrças amor, que em fim o domem;
Só a ti não domou, por mais que eu te ame:
Furias, raios, coriscos, que o ar consomem,
Como não consumis aquelle infame?
Mas pagar tanto amor com tedio e asco...
Ah que o corisco és tu... raio... penhasco.

Bem pudéras, cruel, ter sido esquivo,
Quando eu a fé rendia ao teu engano;
Nem me offendêras a escutar-me altivo,
Que é favor, dado a tempo, um desengano:
Porém deixando o coração captivo
Com fazer-te a meus rogos sempre humano
Fugiste-me, traidor, e desta sorte
Paga meu fino amor tão crua morte?

Tão dura ingratidão menos sentíra,
E este fado cruel doce me fôra,
Se a meu despeito triumfar não víra
Essa indigna, essa infame, essa traidora:
Por serva, por escrava te seguíra,

Se não temêra de chamar senhora
A vil Paraguaçu, que sem que o creia,
Sôbre ser-me inferior, é nescia e feia.
Em fim, tens coração de ver-me afflicta,
Fluctuar moribunda entre estas ondas;
Nem o passado amor teu peito incita
A um ai somente, com que aos meus respondas:
Barbaro, se esta fé teu peito irrita
Disse vendo- fugir, ah não te escondas;
Dispara sôbre mim teu cruel raio..."
E indo a dizer o mais, cae n'um desmaio.
Perde o lume dos olhos, pasma e treme,
Palida a côr, o aspecto moribundo,
Com mão já sem vigor, soltando o leme,
Entre as salsas espumas desce ao fundo:
Mas na onda do mar, que irado freme,
Tornando a apparecer desde o profundo;
"Ah Diogo cruel!" disse com mágoa,
E sem mais vista ser, sorveu-se n'agua.
Choraram da Bahia as nymphas bellas,
Que nadando a Moema acompanhavam;
E vendo que sem dor navegam dellas,
Á branca praia com furor tornavam:
Nem póde o claro Heroe sem pena vel-as,
Com tantas provas, que de amor lhe davam,
Nem mais lhe lembra o nome de Moema,
Sem que ou amante a chore ou grato gema.

Descobrimento do Brazil

Voava em tanto a náo na azul corrente,
Impellida de um Zefiro sereno,
E do brilhante mar o espaço ingente
Um campo parecia igual e ameno:
Encrespava-se a onda docemente,
Qual aura leve, quando move o feno;

E como o prado ameno rir costuma,
Imitiva as boninas com a espuma.
Du Plessis, que os franceses governava,
Em uma noite clara á pôpa estando,
Os casos de Diogo, que escutava,
Admira no naufragio memorando:
Depois do Heroe prudente perguntava
Quem achára o Brazil, e como e quando
Ganhára no recondito hemisferio
Tanto thesoiro o lusitano imperio?
Dois monarcas, responde o lusitano,
Já sabes que no occaso e no orente
Novos mundos buscaram pelo Oceano,
Depois de haver domado a Lybia ardente:
E que, onde não chegou grego, ou romano
Passea o forte hispano e a lusa gente;
Que instruidos na nautica com arte,
Descubriram do mundo outra grã parte.
Do Téjo ao china o portuguez impera,
De um pólo ao outro o castelhano voa;
E os dois extremos da redonda esfera,
Dependem de Sevilha e de Lisboa:
Mas depois que Colon signaes trouxera,
Colon de quem no mundo a fama voa,
Deste novo admiravel continente
Discorda com Castella o luso ardente.
Já se dispunha a guerra sanguinosa;
Porém o commum pai aos reis estima.
Desde Roma Alexandre imperiosa,
Deixando ambos em paz á emprêza anima,
E uma linha lançando ao Ceo profundo,
Por Fernando e João reparte o Mundo.
Na vasta divisão, que ao luso veio,
O precioso Brazil contido fica:
Paiz de gentes e prodigios cheio,
Da America feliz porção mais rica:
Aqui do vasto Oceano no meio
Por horrivel tormenta a prôa applica
O illustre Cabral, com fausto acaso
Sôbre gráos dezeseis do nosso occaso.

Da nova região, que attento observa,
Admira o clima doce, o campo ameno,
E entre arvoredo immenso, a fertil erva
Na viçosa extensão do aureo terreno:
Cuberta a praia está de grã caterva
De incognita nação, que com o aceno,
Porque a lingua ignorava, á paz convida,
Erguendo-lhe o troféo do autor da vida.

Era o tempo, em que alegre resuscita
A verde planta que murchou no inverno;
E quando a solar méta o tempo excita,
Em que o rei triumfou da morte eterno:
Tão sagrada memória a frota incita
A celebrar ao vencedor do inferno
O sacrificio donde a fé venera,
A paixão que em tal tempo succedêra.

Em frondosa ramada o lusitano
Um altar fabricou no prado extenso,
Onde assista ao mysterio soberano
Da lusitana esquadra o povo immenso:
Ao rei triumfante do infernal tyranno
Odorífero fuma o sacro incenso,
E a victima do ceo, que a paz indica
Á gente e nova terra sanctifica.

Notar o americano ali contende
Do sacrosanto altar o acto sublime;
E tanto que a simples gente o aceno entende,
Que parece que a acção por santa estime;
Algum que olhava ao celebrante, emprende
O gesto arremedar que orando exprime,
E as mãos une e levanta, e talvez sólta,
E quando o vê voltar tambem se volta.

Como as nossas acções talvez espia
O pelloso animal que o matto hospéda,
E quanto vê fazer, como á porfia,
Tudo posto a observar, logo arremeda:
Tal o gentio simples parecia,
Que nem um pé, nem passo d'alli arreda,
E ao santo sacrificio attento e mudo,
O que aos mais viu fazer, fazia-o tudo.

Aqui depois que ás turbas eloquente
Dicta o sacro orador pio conceito,
E a fé dispensa no ânimo valente
Do nobre povo a propagal-a eleito:
Participa da cêa a christã gente,
E o dom recebem com fiel respeito;
E é fama que Cabral, que os convocára,
Montando sôbre um alto, assim falára.

"Gloriosa nação, que a terra vasta
Vais a livrar do paganismo immundo,
A quem esse orbe antigo já não basta,
Nem a immensa extensão do mar profundo:
Neste occulto paiz, que o mar affasta,
Tem teu zêlo por campo um novo mundo;
E quando tanta fé seus termos sonde,
Outro mundo acharás, se outro se esconde.

"Oh profundo conselho! Abysmo immenso
Do podêr e saber do Omnipotente!
Que estivesse escondida no orbe extenso
Tanta parte do mundo á sábia gente!
Cincoenta e cinco seculos sem senso
Das nações deste vasto continente,
E em tanta indagação dos sabios feita,
Não cair-nos na mente nem suspeita!

"Mas combine-se o dia, o tempo, a hora,
Em que a alta providencia aqui nos guia;
Quando á ignorancia Christo o perdão ora;
Quando morre na cruz, no proprio dia:
Na bandeira do mar triumfadora
Tremolámos as chagas com fé pia,
E nellas quiz á grei, que em sombras langue
Vir neste dia a offerecer seu sangue.

"Goza de tanto bem, terra bemdita,
E da Cruz do Senhor teu nome seja;
E quanto a luz mais tarde te visita,
Tanto mais abundante em ti se veja:
Terra de Santa Cruz tu sejas dita,
Maduro fructo da paixão na igreja
Da fé renovo pelo fructo nobre,
Que o dia nos mostrou que te descobre."

Dizendo assim, ajoelha; e cruz em tanto
Sublime n'um outeiro se colloca;
O exercito formado ao signal santo
Se prosta humilde, pondo em terra a bôcca:
Pasma o gentio e admira com espanto
A melodia, com que o ceo se invoca,
Hymno entoando á cruz pios cantores,
E respondendo as tropas e os tambores.

Terra porém depois chamou a gente
Do Brazil, não da Cruz; porque attrahida
D'outro lenho nas tintas excellente,
Se lembra menos do que o foi da vida:
Assim ama o mortal o bem presente;
Assim o nome esquece, que o convida
Aos interesses da futura glória,
Aos bens attento só da transitoria.

Observa o bom Cabral todo o prospecto
Da immensa costa: e pelo clima puro,
Pelo abôrdo tranquillo e mar quieto,
Chama o seio, em que entrou Porto Seguro:
E olhando com saudade o doce objecto,
Do seu destino se lamenta escuro,
Que pela empreza, a que mandado fôra,
Não permitte na armada outra demora.

Manda depois ao luso dominante
Um aviso do clima descuberto;
Nem tarda Manoel então reinante
A enviar um cosmografo, que experto
Da escola fôra, que o famoso Infante
Para a nautica sciencia tinha aberto:
E Americo dispõe que ao Brasil parta,
De quem deu nome ao continente a carta.

E por ter quem aos nossos interpréte
Do ignorado idioma a escura sorte,
Alguns em terra condenados mette,
Devidos por delicto á crua morte,
A vida como premio lhe promette,
Quando com peito se attrevessem forte
A esperar no sertão nova viagem,
Aprendendo os rodeios da linguagem.

Com acenos depois á gente bruta
Os seus, que lhe deixava, recommenda,
E no claro perigo, em que os reputa,
Armas lhe deixa, que na guerra offenda:
Dá-lh'a especie, que ali bem se commuta,
Em que possam trâtar por compra e venda
Espelhos, cascaveis, anzoes, cutelos.
Campainhas, fuzís, serras, martellos.

Nem se demora mais a forte armada;
E convidando o vento, estende a véla,
Corre a barbara gente amontoada
Ao embarque das náos da tropa bella:
E, ao que póde entender-se, magoada
Por saudade, que tem de mais não vêl-a,
Com acenos e voz enternecida
Faziam a seu modo a despedida.

Mais saudosos os tristes desterrados,
Correndo immenso risco e lingua aprendem,
Recebendo alimentos commutados
Pelas especies, que ao gentio vendem:
Talvez os tem co'a cithara encantados;
Talvez com cascaveis todos suspendem;
Mas o objeto que a vista mais lh'assombra,
É por dentro do espelho a propria sombra.

Extatico qualquer notando admira,
Dentro ao terso crystal a horrivel cara:
Pergunta-lhe quem é, como se ouvíra;
E crendo estar no inverso o que enxergára,
De uma parte a outra parte o espelho
E não topando o vulto na luz clara,
Tal ha que o vidro quebra, por ver dentro
Se a imagem acha, que observou no centro.

Mas em quanto estes erram vagabundos,
Americo Vespucci e o forte Coelho,
A longa costa e os seios mais profundos
Demarcavam do nautico conselho:
Descubridor tambem dos novos mundos
Foi Jaques na marinha experto e velho,
De quem já demarcado em carta ouvimos
Esse ameno reconcavo, que vimos.

Eu depois destes na occasião presente,
Quanto o vasto sertão nos encubria,
Descubri ponto em fuga a bruta gente
O reconcavo interno da Bahia:
Notei na vasta terra a turba ingente,
Que mais Europa toda não teria,
Se da grã cordilheira ao mar baixando,
Desde a Prata ao Pará se for contando.

Antigas Provincias do Brazil

Dá princípio na America opulenta
Ás provincias do imperio lusitano
Emulo em meio á terra do Oceano:
Foi descuberto já, como se intenta,
Por ordem de Pisarro, de Orelhano;
Paiz, que a linha equinocial tem dentro,
Onde a torrida zona estende o centro.
Em nove legoas só de comprimento,
Vinte seis de circuito se espraia
No vasto Maranhão d'agua opulento,
Uma ilha bella, que se estende á praia:
Regam-lhe quinze rios o assento.
E um breve estreito, que lhe fórma a raia,
Póde passar por istmo, que a encadéa
Á terra firme por mui breve arêa.
O Ceará depois, provincia vasta,
Sem portos e commercio jaz inculta;
Gentio immenso, que em seus campos pasta,
Mais fero que outros o estrangeiro insulta:
Com violento curso ao mar se arrasta
De um lado do sertão, de que resulta
Rio onde pescam nas profundas minas
As brazilicas perolas mais finas.
Da fertil Paraíba não ocorre
Que informa a gente vossa, sendo empreza

Do commercio francez, que ali concorre
A lenhos carregar, que a Europa préza:
Não mui longe da costa, que ali corre,
Uma ilha vedes de menor grandeza,
Que amena, fertil, rica e povoada
É d'Itamaracá de nós chamada.

A oito gráos de equinocio se dilata
Pernambuco, provincia deliciosa,
A pingue caça, a pesca, a fructa grata,
A madeira entre as outras mais preciosa,
O prospecto que os olhos arrebata
Na verdura das arvores frondosa,
Faz que o êrro se escuse a meu aviso
De crer que fôra um dia o paraiso.

Serzipe então d'elrei: logo o terreno
De que viste a belleza e prospectiva:
Nem cuido que outro viesse mais ameno,
Nem onde com mais gôsto a gente viva:
Clima saudavel, ceo sempre sereno,
Mitigada na nevoa a calma activa;
Palmas, mangues, mil plantas na espessura...
Não ha depois do ceo mais formosura.

A quinze gráos do sul na foz extensa
De um vasto rio, por ilheos cortado,
Outra provincia de cultura immensa
Tem dos proprios Ilheos nome tomado:
Depois Porto Seguro a quem compensa
O espaço da provincia limitado;
Outra de ambito vasto, que se assoma,
E do Espirito Santo o nome toma.

Nhiteroi dos Tamoyos habitada,
Por largas terras seu dominio estende,
Famosa região pela enseada,
Que uma grã barra dentro em si comprende:
Esta praia dos vossos frequentada,
Que pomo de discordia entre nós pende,
Custará, se presago não me engano,
Muito sangue ao francez e ao lusitano.

S. Vicente e S. Paulo os nomes deram
Ás extremas provincias, que occupámos:

Bem que ao Rio da Prata se estenderam
As que com proprio marco assignalámos;
E por memória de que nossas eram,
De Marco o nome no logar deixámos,
Povoação que aos vindoiros significa,
Onde o termo hespanhol e o luso fica.

ÍNDICE

ÍNDICE

	Págs.
Nota preliminar, de Afrânio Peixoto	V
Bibliografia das obras literárias de F. A. de Varnhagen, por Clado Ribeiro Lessa	XIII
Prologo, do Autor	3
Introducção — Ensaio sobre as letras no Brasil, do Autor	9
Notas de Rodolfo Garcia	48
Eusebio de Mattos	61
Nota de R. G.	64
Obras	66
Gregorio de Mattos Guerra	71
Nota de R. G.	76
Obras	77
Litigiosas entre Gregorio e Eusebio de Mattos	157
Manoel Botelho de Oliveira	177
Nota de R. G.	179
Obras	180
Anonymo Itaparicano (Frei Manoel de Santa Maria Itaparica)	197
Nota de R. G.	202
Obras	203

Págs.

Outro Anonymo 229
Nota de R. G. 229
Obras 233

João de Brito e Lima 241
Nota de R. G. 244
Obras 245

Antonio José 253
Nota de R. G. 264
Obras 266

Claudio Manoel da Costa 289
Nota de R. G. 299
Obras 301

José Basilio da Gama 320
Nota de R. G. 325
Obras 327

Manoel Ignacio da Silva Alvarenga 345
Nota de R. G. 347
Obras 349

Frei José de Santa Rita Durão 389
Nota de R. G. 394
Obras 396

ACABOU-SE
DE
IMPRIMIR ÊSTE VOLUME
EM
28 DE SETEMBRO DE 1946,
CINQÜENTENÁRIO
DA FUNDAÇÃO
DA
ACADEMIA BRASILEIRA

COLEÇÃO AFRÂNIO PEIXOTO

(*continuação*)

Diálogos das Grandezas do Brasil, (notas de Rodolfo Garcia), 1930.
Cartas do Brasil, de Manuel da Nóbrega (notas de Vale Cabral e R. Garcia), 1931.
Cartas Avulsas de Jesuítas (1550-1568), (notas de Afrânio Peixoto), 1931.
Cartas, Informações, Fragmentos Históricos e Sermões, de Joseph de Anchieta (1554-1591) (notas de A. de Alcântara Machado), 1933.
Jesuítas do Brasil e da Índia — do Padre José Caeiro — texto latino e português — 1 vol., 1936.
Tácito Português — Dom Francisco Manuel de Melo, 1940, introdução e notas de Afrânio Peixoto, Pedro Calmon e Rodolfo Garcia.
A Academia Brasileira de Letras (Notas e documentos para a sua história, 1896-1940), com prefácio de Afrânio Peixoto, 1940.

III — BIO-BIBLIOGRAFIA

Castro Alves, por Afrânio Peixoto, 1931.
Euclides da Cunha, por F. Venâncio Filho, 1931.
Álvares de Azevedo, por Homero Pires, 1931.
Junqueira Freire, por Homero Pires, 1932.
Luiz Guimarães Junior, por Iracema Guimarães Vilela, 1934.
Lúcio de Mendonça, por Edgar e Carlos Süssekind de Mendonça, 1934.
Artur de Oliveira, por L. F. Vieira Souto, 1935.
Artur Azevedo, por Roberto Seidl, 1937.
Manuel de Araujo Porto-alegre, por Hélio Lobo, 1938.
Gonçalves Dias, por Josué Montelo, 1942.
Raimundo Correia, pelo Cônego F. M. Bueno de Sequeira, 1942.
Francisco Alves de Oliveira, por Edmundo Moniz e Osvaldo Melo Braga, 1943.

IV — INÉDITA

Pedro Luís, Dispersos, 1934, por Afrânio Peixoto.
Artur de Oliveira, Dispersos, por L. F. Vieira Souto, 1936.

V — DISCURSOS

Discursos Acadêmicos, 11 vols. (1897-1943).

COLEÇÃO AFRÂNIO PEIXOTO

(nome dado às suas publicações pela Academia Brasileira, decisão unânime de 25 de junho de 1931)

Biblioteca de Cultura Nacional

I — LITERATURA

Prosopopéia, de Bento Teixeira, 1923.

Primeiras Letras (Cantos de Anchieta. O Diálogo, de João de Léry. Trovas indígenas), 1923.

Música do Parnaso. — A Ilha de Maré — de Manuel Botelho de Oliveira, 1929.

Obras, de Gregório de Matos: I — "Sacra", 1929; II — "Lírica", 1923; III — "Graciosa", 1930; IV e V — "Satírica", 2 vols., 1930; VI — "Última", 1933.

Discursos Político-Morais, de Feliciano Joaquim de Sousa Nunes (prefácio de Alberto de Oliveira), 1930.

O Peregrino da América, de Nuno Marques Pereira (introdução e notas de A. P., Rodolfo Garcia, Pedro Calmon, Varnhagen e Leite de Vasconcelos), 2 tomos, 1939.

Geórgicas Brasileira, de Prudêncio do Amaral e José Rodrigues de Melo, trad. de João Gualberto dos Santos Reis, biografias e notas de Regina Pirajá da Silva, 1941.

O Uraguai, de José Basílio da Gama (edição comemorativa do 2.º Centenário do Poeta, anotada por Afrânio Peixoto, Rodolfo Garcia e Osvaldo Braga), 1941.

Poesias, de José Bonifácio (Américo Elísio) — Edição fac-similar da 1.ª (1825), com prefácio de Afrânio Peixoto, — 1942.

Uma Página de Escola Realista, de Castro Alves. Edição fac-similar do autógrafo, com prefácio de Afrânio Peixoto, 1943.

Queda que as Mulheres têm para os Tolos, de Machado de Assis. Edição fac-similar da 1.ª, de 1861, com prefácio de Afrânio Peixoto, 1943.

II — HISTÓRIA

Tratado da Terra do Brasil. — História da Província Santa Cruz — de Pero de Magalhães Gandavo (notas de Rodolfo Garcia), 1924.

Hans Staden — Viagem ao Brasil (revista e anotada por Teodoro Sampaio), 1930.

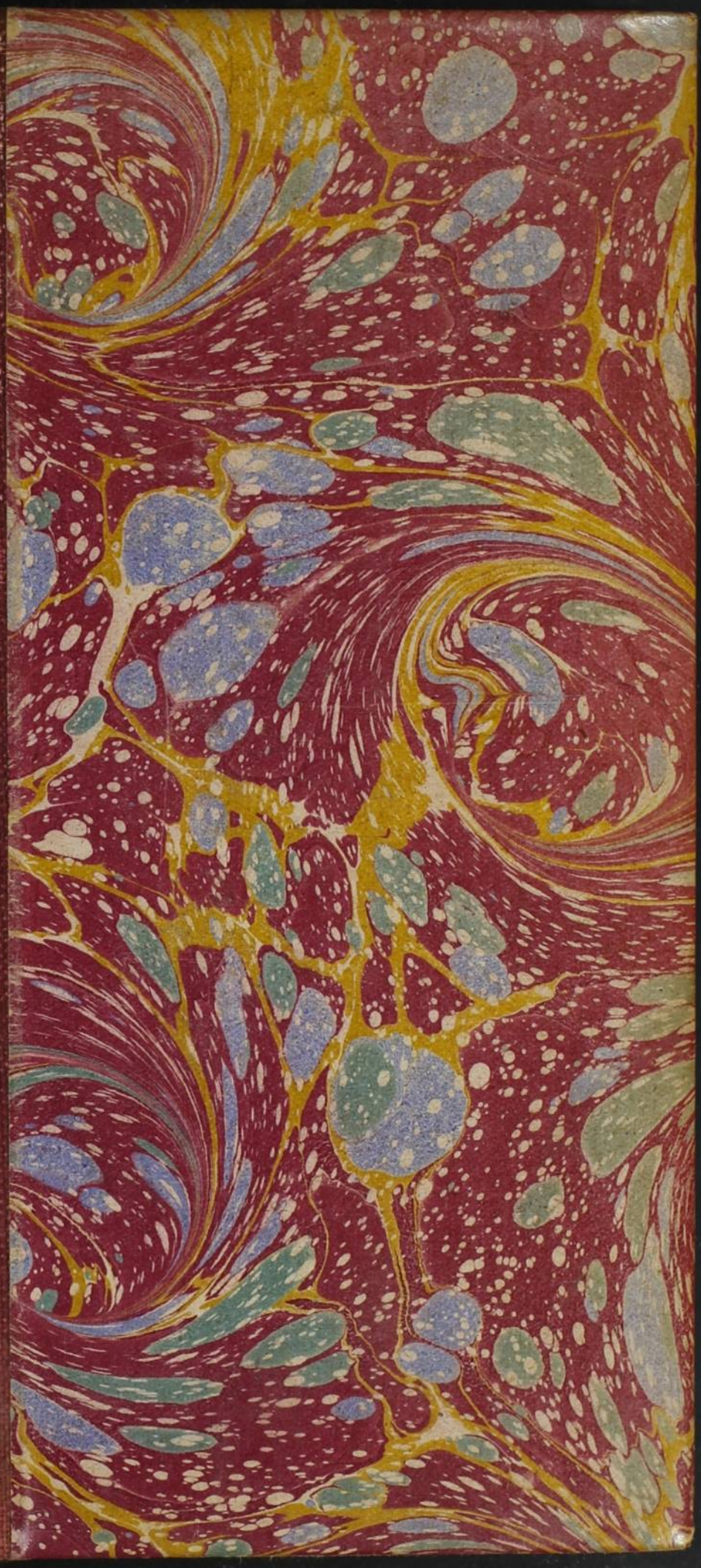
Publicações da
Academia Brasileira

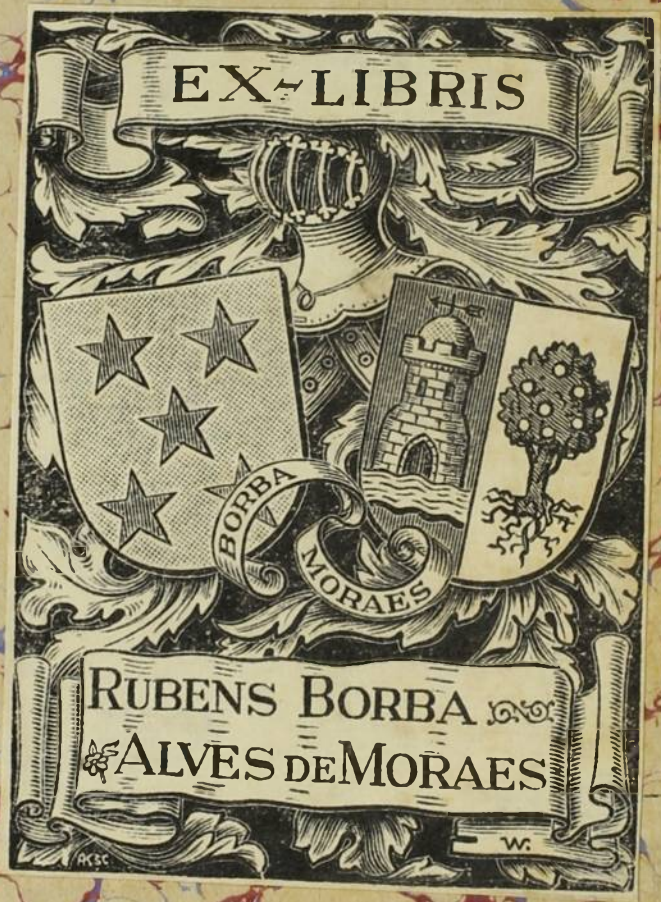
FLORILEGIO
DA
POESIA
BRAZILEIRA

TOMO I

Rio de Janeiro
1946

1765Q




EX-LIBRIS
BORBA
MORAES
RUBENS BORBA
ALVES DE MORAES

PUBLICAÇÕES DA ACADEMIA BRASILEIRA
Coleção Afrânio Peixoto

I — LITERATURA

Florilegio
da
Poesia Brazileira

ou

collecção das mais notaveis composições dos poetas brazileiros falecidos, contendo as biographias de muitos delles, tudo precedido de um

Ensaio Historico Sôbre as Lettras no Brazil

TOMO II



RIO DE JANEIRO
1946

FLORILEGIO

DA

POESIA BRAZILEIRA

TOMO II

PUBLICAÇÕES DA ACADEMIA BRASILEIRA
Coleção Afrânio Peixoto

I — LITERATURA

FLORILEGIO
DA
POESIA BRAZILEIRA

ou

collecção das mais notaveis composições
dos poetas brazileiros falecidos,
contendo as biographias
de muitos delles,

tudo precedido de um

ENSAIO HISTORICO SÔBRE AS LETTRAS NO BRAZIL

TOMO II



RIO DE JANEIRO
1946

A Academia Brasileira de Letras não é responsável pelas opiniões manifestadas nos trabalhos assinados em suas publicações oficiais.

FLORILEGIO

DA

Poesia Brazileira,

OU

COLLECÇÃO DAS MAIS NOTAVEIS COMPOSIÇÕES
DOS POETAS BRAZILEIROS FALECIDOS.
CONTENDO AS BIOGRAPHIAS
DE MUITOS DELLES,

TUDO PRECEDIDO DE UM

ENSAIO HISTORICO SÔBRE AS LETTRAS
NO BRAZIL

TOMO II.

LISBOA

NA IMPRENSA NACIONAL.

1850

Fac-simile do frontespício da edição princeps *do Tomo II do "Florilégio" — 1850.*

ADVERTENCIA

Apesar dos bons desejos que nos animavam ao emprehender ésta publicação, viu-se ella mais de uma vez detida e empatada. E agora que, depois de quatro annos no prelo, a damos por concluida, vexâmo-nos de encontrar-lhe tantas faltas e imperfeições. Chegámos a ter medo de a deixar correr, e a não ver na resolução arbitraria de a guardar um tanto de amor proprio, talvez o público não tivesse a obra com seus defeitos, pelo menos agora. Mas não devemos sustentar caprichos: venham embora as censuras, que ahi vai o livro.

Convem, porém, saber-se que, quando em fins de 1846 entregámos á imprensa os primeiros materiaes para elle, estavamos empregado na legação imperial em Lisboa, d'onde pouco depois tivemos que saír para outro destino. Antolhou-se-nos facil a continuação da impressão naquella cidade, com a condição de que se nos mandaria uma prova pelo correio. Várias dessas provas foram revistas em jornadas n'uma estalagem, e sabe Deus como. Outras vezes chegavam com recommendação de que deviam devolver-se pelo mesmo correio, e era necessario sempre vêl-as com demasiada precipitação.

Estas difficuldades, o desejo de terminar a obra, nos obrigaram a abandonar o pensamento de proseguir

com a redacção das biographias de todos os poetas, como fizemos com os quatorze primeiros.

Pedimos, pois, desculpa pelas irregularidades, e pelas emendas que vão em notas e erratas, esperando merecel-a em attenção ao serviço que em todo caso fazemos, e aos bons desejos que nos animam. Quanto á orthographia, sabemos que a muitos parecerá estranha: mâs, tendo que fazer uso dos accentos, não podiamos deixar de ser coherentes, adoptando-os em todas as palavras, em que a sua presença possa auxiliar, sôbre tudo, o leitor estrangeiro.

Madrid, 11 de Outubro de 1850.

F. A. de Varnhagen.

IGNACIO JOSÉ DE ALVARENGA PEIXOTO

IGNACIO JOSÉ DE ALVARENGA PEIXOTO

O Marquez de Pombal tinha em sua alta política conhecido a necessidade de cuidar do Brazil, e pois que muitos brazileiros haviam sempre em Portugal correspondido á sua confiança, veio elle tambem a ser grande protector dos brazileiros, que em reconhecimento não perdiam occasião de o exalçar. Um delles, do qual ora nos vamos occupar, Ignacio José de Alvarenga Peixoto, amigo de José Basilio (a cujo *Uraguay* compoz um Soneto encomiástico, que foi publicado com o mesmo poema) não devia ser menos estimado por Pombal, a quem tanto louvor prodíga na ode

"Não os heroes que o gume ensanguentado."

Assim é que o mesmo Pombal depois de o despachar primeiro juiz de fóra de Cintra o elevou depois a ouvidor de uma comarca em Minas com a patente de coronel do 1.º regimento auxiliar da campanha do Rio Verde.

As suas composições poeticas já antes o haviam recommendado para arcade ultramarino; porém até hoje não nos tem sido possivel decidir com certeza se o nome de *Eureste Phenicio*, era o que levava como pastor (1).

---

(1) Em todo caso *Eureste* é o autor da *Resposta de Nize*

Chegando ao Brazil o nosso poeta, magistrado e militar, a quem talvez não seria estranho o pensamento de Pombal de estabelecer na America a cabeça do imperio portuguez, penetrou-se tanto desta idea que com o vigor da convicção traçou uma ode em que convida a Rainha Maria I, a passar-se ao Brazil, e assenhorear-se da America toda. E com todo o seu enthusiasmo não se esquece de prevenil-a contra as naturaes rivalidades da antiga metropole, e de fazer protestos pela lealdade de seus votos:

Vai ardente desejo:
Entra humilhado na real Lisboa
Sem ser sentido do invejoso Tejo.

.—.

Da America o furor
Perdoai, Grande Augusta, é lealdade,
São dignos de perdão crimes d'amor.

Em Minas é natural que começasse a conviver com Claudio e Gonzaga: além disso vemos que se dava com D. Rodrigo José de Menezes, ao depois Conde de Cavalleiros, e que governou aquella provincia desde 1780 até 1783. E bem digno é de ler-se o patriotico canto geneathliaco que compoz em 19 estancias ao filho desse Governador.

Igual amisade não travou de certo com o sucessor deste último, Luiz da Cunha de Menezes, que conservou o mando até 1788; e antes pelo contrário ha toda a probabilidade de que como os mais mineiros tomasse

---

á despedida de Fileno por Claudio, e collocando-a no *Florilegio* e na composição, não affiançâmos de todo que seja ella obra de Alvarenga Peixoto; mas deixâmol-a em pendencia.

parte activa contra os abusos deste Governador, tão fortemente satyrisado nas *Cartas Chilenas* (1), obra ésta cuja composição cremos não sería estranha ao mesmo Alvarenga Peixoto, ainda suppondo que não tivera nella parte. Do nome Dirceu, pastoril de Gonzaga, faz-se nellas menção como amigo do autor; tambem se faz referencia a um chimico, que talvez sería o Maciel, de que adiante faremos menção, e a um velho jurista, etc. — A critica litteraria só por si difficilmente poderá resolver qual dos litteratos que estavam em Minas sería propriamente o autor das taes cartas satyricas. Devia ser pessoa versada na jurisprudencia, amigo de Gonzaga, de instrução variada e grande facilidade de metrificar. Além disso parece que havia estado em Portugal; e que era autor recommendado por seus escriptos. Esta última circumstancia parece deduzir-se dos dois seguintes versos de uma epistola que precede as *Cartas,* a qual no geral do estylo parece ser de Gonzaga:

"Que teus escriptos de uma idade a outra
Passarão sempre de esplendor cingidos."

Dois poetas havia então em Minas em quem se davam todas estas condições: o de que ora nos occupâmos, e Claudio, cuja affeição por Gonzaga fizemos sentir na sua biographia. A satyra de que tratâmos é inferior ás

(1) Só depois de ler muitas vezes ésta composição, e de sôbre ella meditar, é que chegamos a descobrir que se referia a um governador de Minas, e não do Rio, como a princípio imaginámos. Dado este passo, o marcar a época e apontar a pessoa do satyrisado fanfarrão, já não offerecia tanta difficuldade. *Cartas mineiras* lhes podêmos hoje chamar, visto que já não é necessario o desfarce. Até *Minas* e *Villa Rica* entram no verso com o mesmo metro de *Chile* e *Santiago*.

obras que conhecemos de um e outro: no estylo ha redundancias e nos versos repetições de mau gôsto, e ás vezes expressões menos decorosas que desdizem da alma maviosa de Claudio, e da lyra enthusiasta de Alvarenga Peixoto. Com tudo além de que ás vezes dorme o proprio Homero, e já não parece o mesmo, quem sabe se, visto que as taes cartas não deviam ser impressas, quereria tambem o autor sair-se do serio para

"Refocilar a lassa humanidade" (2).

O certo é que as taes *Cartas Chilenas* são o corpo de delicto do orgulhoso Cunha de Menezes; ao passo que o desgoverno deste foi talvez a origem da primeira fermentação em Minas que levou o povo á conspiração que depois se descobriu. Queixava-se o povo de Cunha de Menezes, e mal sabia se seguiria o caso da fabula que no seu successor encontrariam alguns o seu flagello!

No tempo de Menezes tinha-se ito:

"Que a humanidade emfim desaggravada
Das injúrias que soffre, por teu braço
Os ferros soltará, que desafrouxa
Tintos de fresco gotejando sangue."

Á chegada de Barbacena correu a notícia de que ia elle forçar o pagamento de setecentas arrobas d'oiro,

---

(2) Devendo dar trechos dessas *Cartas Chilenas* nesta collecção de poesias brazileiras, preferimos collocal-os onde vão; conservando-lhes o pseudonymo *Critillo* por escrupulo: se bem que a analogia no uso de algumas frases como *Augusto* por *Soberano*, e amor a certas comparações *verbi gratia* da raça dos homens com a dos leões, etc. que vemos nas obras authenticas de Alvarenga Peixoto, comecem a abalar-nos a favor de que seja elle o tal *Critillo*.

que Minas devia á coroa segundo a capitação. — Em varios circulos se tratou da impossibilidade de se annuir a taes ordens, e o direito natural lembrou logo os recursos que havia para a resistência...

Os Estados Unidos haviam sido felizes contra a metropole: o chimico José Alves Maciel, que voltava de estudar em França onde víra os principios da revolução, julgava encontrar em Minas recursos bastantes para suster-se; o seu cunhado Freire de Andrade, comandante da infantaria, deixou-se convencer; e o nosso poeta Alvarenga Peixoto, vendo ensejo favoravel de realizar as suas ideas de formar-se um governo no Brazil, enthusiasmou-se: improvisou logo a bandeira para o novo estado, e propoz as providencias que se deviam adoptar para crear partido e para resistir á guerra, na qual elle estaria á frente do seu regimento.

Mas, como succede tantas vezes, alguns conspiradores converteram-se em denunciantes. Os reos foram apanhados e julgados.

Em 1792 chegou ao Rio a sentença que condemnava á morte, entre outros a Alvarenga Peixoto; devendo além disso ficar infamada sua geração, confiscados seus bens e posta sua cabeça em pelourinho em S. João d'El-rei.

Segue-se uma excellente catastrophe dramatica. Sae o prestito sinistro; e ao chegar á forca é justiçado primeiro o reo que os juizes deram como mais culpado. O carrasco espera a victima immediata. Mas em logar desta junto ao patibulo lê-se um papel; e o grito de Perdão! Perdão! se propaga pelas turbas apinhadas!

Era um decreto d'amnistia da Rainha Maria I, commutando aos outros a pena de morte.

A Alvarenga Peixoto destina-se o degredo perpétuo para o presidio d'Ambaca nos sertões d'Africa!

E lá o levaram para Angola, onde pouco tempo viveu! Infeliz! Nem ao menos cobrem teus ossos terra civilizada, já que os não pôde cobrir a terra da patria!

[Inácio José de Alvarenga Peixoto nasceu no Rio de Janeiro em fins de 1743, ou princípios de 1744, porquanto em auto de perguntas a que respondeu, em 11 de novembro de 1789, declarou ser de idade de quarenta e cinco anos, — *Autos de Devassa da Inconfidência Mineira*, IV, ps. 127/128, Rio de Janeiro, 1936. Era filho de Simão de Alvarenga Braga e de D. Angela Micaela da Cunha. Seus primeiros estudos foram feitos no Colégio dos Jesuitas do Rio de Janeiro; formou-se em Leis na Universidade de Coimbra em 1769. Deixou-se ficar em Portugal até 1776, como juiz de fóra de Cintra, cargo que ocupou por um triênio; foi depois despachado ouvidor da comarca do Rio das Mortes (São João d'El-Rei), na capitania das Minas Gerais. Deixando a magistratura recebeu a nomeação de coronel do Primeiro Regimento de Cavalaria da Campanha do Rio Verde, onde era abastado proprietário de terras. Em 1778 casou-se com D. Bárbara Eliodora Guilhermina da Silveira, poetisa de renome. Amigo de Cláudio e de Gonzaga, seus contemporâneos na Universidade de Coimbra, foi com êles envolvido na Inconfidência Mineira; em maio de 1789 foi preso e mandado para os cárceres da ilha das Cobras, no Rio de Janeiro. Condenado à pena última, foi esta comutada em degredo para o presídio de Ambaca, em Angola, para onde partiu do Rio de Janeiro a 5 de maio de 1792, na corveta *Nossa Senhora de Guadelupe*. A 1 de janeiro de 1793 faleceu no presidio Alvarenga Peixoto. D. Bárbara Eliodora sobreviveu até 22 de maio de 1819, quando faleceu em São Gonçalo do Sapucaí, aos seessenta anos de idade. — Conf. Lúcio José dos Santos, *A Inconfidência Mineira*, ps. 530 e 533.

— *Obras poeticas* de Ignacio José de Alvarenga Peixoto, colligidas, annotadas, precedidas de juizo de escriptores nacionaes e estrangeiros, e de uma noticia sobre o Autor e suas obras, com com documentos historicos, por J. Norberto de Sousa S. — Rio de Janeiro, Livraria de B. L. Garnier, 1865, in-12, de 270 pp.

São de sua lavra o drama em versos *Enéas no Lacio* e uma tradução do *Merope* de Maffei.

— Veja sua biografia por J. M. Pereira da Silva, *Revista do Instituto Historico*, XII, ps. 400/428; pelo Autor, *ibidem*, XIII, ps. 513/516, XXX, ps. 427/428. — R. G.].

Ode

Invisiveis vapores
Da baixa terra, contra os ceos erguidos,
Não offuscam do sol os resplandores.
Os padrões erigidos
Á fé real nos peitos lusitanos,
São do primeiro Affonso conhecidos.
A nós americanos
Toca levar pela razão mais justa
Do throno a fé aos derradeiros annos.
Fidelissima augusta,
Desentranhe riquissimo thesouro
Do cofre americano a mão robusta;
Se o Tejo ao Minho e ao Doiro
Lhe aponta um rei em bronze eternizado,
Mostre-lhe a filha eternizada em oiro.

Do throno os resplandores
Façam a nossa glória, e vestiremos
Barbaras pennas de diversas côres.
Pâra nós só queremos
Os pobres dons da simples natureza,
E seja vosso tudo quanto temos.
Sirva á real grandeza.
A prata, o oiro, a fina pedraria
Que esconde destas serras a riqueza.
Ah! chegue o feliz dia,
Em que do novo mundo a parte inteira
Acclame o nome augusto de Maria.
Real real primeira,
Só esta voz na America se escute,
Veja-se tremular uma bandeira.

Rompam o instavel sulco
Do pacifico mar na face plana
Os galões pezados de Acapulco.

Das serras da Araucana
Desçam nações confusas differentes
A vir beijar a mão da soberana.
Chegai, chegai contentes,
Não temaes dos Pissarros a fereza,
Nem dos seus companheiros insolentes.
A augusta portugueza
Conquista corações, em todos ama
O soberano autor da natureza.
Por seus filhos vos chama,
Vem pôr o termo á nossa desventura,
E os seus favores sobre nós derrama.

Se o Rio de Janeiro
Só a glória de ver-vos merecesse,
Já era vosso o mundo novo inteiro.
Eu fico que estendesse
Do Cabo ao mar pacifico as medidas,
E por fóra da Havana as recolhesse.
Ficavam incluídas
As terras, que vos foram consagradas,
Apenas por Vespucio conhecidas.
As cascas enroladas
Os aromas, e os indicos effeitos,
Poderão mais que as serras prateadas,
Mas nós de amor sugeitos
Promptos vos offertamos á conquista
Barbaros laços, e constantes peitos.

Póde a Tartaria grega
A luz gozar da russiana aurora
E a nós esta fortuna não nos chega?
Vinde, real senhora,
Honrar os vossos mares por dois mezes,
Vinde ver o Brazil, que vos adora.
Noronhas e Menezes,
Cunhas, Castros, Almeidas, Silvas, Mellos,
Têm prendido o leão por muitas vezes.

Fiai os reaes sellos
A mãos seguras, vinde descançada,
De que servem dois grandes Vasconcellos?
Vinde a ser coroada
Sôbre a America toda, que protesta
Jurar nas vossas mãos a lei sagrada.

Vai, ardente desejo,
Entra humilhado na real Lisboa,
Sem ser sentido do invejoso Téjo:
Aos pés augustos vôa,
Chora, e faze que a mãe compadecida,
Dos saudosos filhos se condôa.
Ficando enternecida,
Mais do Téjo não temas o rigor.
Tens triumphado, tens a acção vencida.
Da America o furor
Perdoai, grande augusta; é lealdade.
São dignos de perdão crimes de amor.
Perdoe a magestade,
Em quanto o mundo novo sacrifica
Á tutelar propicia divindade:

O principe sagrado
No pão de pedra, que domina a barra
Em colossal estátua levantado,
Veja a triforme garra
Quebrar-lhe aos pés Neptuno furioso,
Que o irritado Sudoeste esbarra;
E veja glorioso
Vastissima extensão de immensos mares,
Que cerca o seu imperio magestoso:
Honrando nos altares
A mão, que o faz ver de tanta altura
Ambos os mundos seus, ambos os mares,
E a fé mais santa e pura,
Espalhada nos barbaros desertos,
Conservada por vós firme e segura.

Sombra illustre e famosa
Do grande fundador do luso imperio,
Eterna paz, eternamente goza.
N'um e n'outro hemispherio
Tu vês os teus augustos descendentes
Dar as leis pela voz do ministerio:
E os povos differentes,
Que é impossivel quasi ennumeral-os,
Que vem a tributar-lhes obedientes;
A honra de mandal-os,
Pedem ao neto glorioso teu;
Que adoram rei, que serviram vassallos.
O indio o pé bateu,
Tremeu a terra, ouvi trovões, vi raios,
E de repente desappareceu.

Ao nascimento do filho do Governador D. Rodrigo

Barbaros filhos destas brenhas duras,
Nunca mais recordeis os males vossos;
Revolvam-se no horror das sepulturas
Dos primeiros avós os frios ossos:
Os heroes das mais altas cataduras
Principiam a ser patricios nossos;
É vosso sangue, que esta terra ensópa,
Já produz fructos do melhor da Europa.
Bem que venha a semente a terra estranha,
Quando produz, com igual fôrça gera,
Nem do forte leão fóra de Hespanha,
A fereza nos filhos degenera;
O que o estio em umas terras ganha,
Nas outras vence a fresca primavera,
A raça dos heroes da mesma sorte,
Produz no sul, o que produzio no norte.
Romulo por ventura foi romano?
E Roma a quem deveu tanta grandeza?

O Grande Henrique era lusitano?
Quem deu princípio á glória portugueza?
Que importa que José americano
Traga a honra, a virtude e a fortaleza
De altos e antigos troncos portuguezes
Se é patricio este ramo dos Menezes?
Quando algum dia permittir o fado
Que elle o mando real moderar venha,
E que o bastão do pae com glória herdado
No pulso invicto pendurado tenha,
Qual esperaes que seja o seu agrado?
Vós experimentareis como se empenha
Em louvar estas serras e estes ares,
Em venerar gostoso os patrios lares.
Esses partidos morros e escalvados,
Que enchem de horror a vista delicada,
Em soberbos palacios levantados
Desde os primeiros annos empregada,
Negros e extensos bosques tão fechados,
Que até ao mesmo sol negam a entrada,
E do agreste paiz habitadores
Barbaros homens de diversas côres.
Isto que Europa barbaria chama,
Do seio de delicias tão diverso,
Quão differente é para quem ama
Os ternos laços do seu patrio berço!
O pastor loiro, que meu peito inflamma,
Dará novos alentos ao meu verso,
Para mostrar do nosso heroe na bocca
Como em grandezas tanto horror se troca.
Aquellas serras, na aparencia feias,
Dirá José, oh quanto são formosas!
Ellas conservam nas occultas veias
A fôrça das potencias magestosas;
Tem as ricas entranhas todas cheias
De prata e oito e pedras preciosas;
Aquellas brutas escalvadas serras
Fazem as pazes, dão calor ás guerras.
Aquelles morros negros e fechados,
Que occupam quasi a região dos ares,

São os que em edificios respeitados
Repartem raios pelos crespos mares.
Os corinthios palacios levantados,
Doricos templos, jonicos altares,
São obras feitas desses lenhos duros,
Filhos desses sertões feios e escuros.
A corda d'ouro, que na testa brilha,
E o sceptro, que empunha na mão justa
Do augusto José a heroica filha,
Nossa rainha soberana augusta,
A Lisboa de Europa maravilha,
Cuja riqueza a todo o mundo assusta,
Estas terras a fazem respeitada,
Barbara terra, mas abençoada.
Esses homens de varios accidentes
Pardos e pretos, tintos e tostados,
São os escravos duros e valentes,
Aos penosos serviços costumados:
Elles mudam aos rios as correntes,
Rasgam as serras, tendo sempre armados
Da pesada alavanca e duro malho
Os fortes braços feitos ao trabalho.
Por ventura, senhores, pôde tanto
O grande heroe, que a antiguidade acclama,
Porque aterrou a fera de erimanto,
Venceu a hydra com o ferro e chamma?
Ou esse a quem da tuba grega o canto
Fez digno de immortal eterna fama?
Ou inda o macedônico guerreiro,
Que soube subjugar o mundo inteiro?
Eu só pondero, que essa fôrça armada
Debaixo de acertados movimentos,
Foi sempre uma com outra disputada
Com fins correspondentes aos intentos,
Isto que tem co'a força disparada
Contra todo o poder dos elementos,
Que bate a fórma da terrestre esfera
Apesar de uma vida a mais austera.
Se o justo e o util póde tão sómente
Ser acertado fim das acções nossas,

Quaes se empregam, dizei, mais dignamente
As fôrças destes ou as fôrças vossas?
Mandam a destruir a humana gente
Terriveis legiões, armadas grossas:
Procurar o metal, que acode a tudo,
É destes homens o cansado estudo:
São dignas de attenção... ia dizendo
A tempo que chegava o velho honrado,
Que o povo reverente vem benzendo
Do grande Pedro com o poder sagrado;
E já o nosso heroe nos braços tendo,
O breve instante em que ficou calado,
De amor em ternas lagrimas desfeito
Estas vozes tirou do amante peito.
Filho, que assim te falo, filho amado,
Bem que um throno real teu berço enlaça,
Porque foste por mim regenerado
Nas puras fontes de primeira graça;
Deves o nascimento ao pai honrado,
Mas eu de Christo te alistei na praça;
Estas mãos por favor de um Deus superno
Te restaurarão do poder do inferno.
Amado filho meu, torna a meus braços,
Permitta o ceo, que a governar prosigas,
Seguindo sempre de teu pai os passos.
Honrando algumas paternaes fadigas
Não receio que encontres embaraços,
Por onde quer que o teu destino sigas,
Que elle pisou por todas estas terras
Matos, rios, sertões, morros e serras.
Valeroso, incansavel, diligente
Do serviço real, promoveu tudo,
Já nos paizes do Pará valente,
Já nos bosques do bruto Buticudo,
Sentiram todos sua mão prudente
Sempre debaixo do acertado estudo,
E quantos viram seu sereno rosto
Lhe obedeceram por amor e por gosto.
Assim confio o teu destino seja
Servindo a patria e augmentando o estado,

Zelando a honra da romana igreja,
Exemplo illustre de teus pais herdado;
Permitta o ceo, que eu felizmente veja
Quanto espero de ti desempenhado,
Assim contente acabarei meus dias,
Tu honrarás as minhas cinzas frias.
Acabou de falar o honrado velho,
Com lagrimas as vozes misturando;
Ouviu o nosso heroe o seu conselho
Novos projectos sôbre os seus formando.
Propagar as doutrinas do evangelho,
Ir aos patricios seus civilisando,
Augmentar os thesoiros da reinante,
São seus disvelos desde aquelle instante.
Feliz governo, queira o ceo sagrado
Que eu chegue a ver esse ditoso dia,
Em que nos torne o seculo doirado
Dos tempos de Rodrigo e de Maria;
Seculo, que será sempre lembrado
Nos instantes de gôsto e de alegria,
Até os tempos, que o destino encerra
De governar José a patria terra.

Retrato de Anarda

A minha Anarda
Vou retratar,
Se a tanto a arte
Podér chegar.
Trazei-me, amores,
Quanto vos peço,
Tudo careço
Pâra a pintar.
Nos longos fios
Dos seus cabellos,

Ternos disvellos
Vão-se enredar.
Trazei-me, amores,
Das minas d'ouro
Rico thesoiro
Pâra os pintar.
No rosto a idade
Da primavera,
Na sua esphera
Se vê brilhar.
Trazei-me, amores,
As mais viçosas
Flores vistosas
Para o pintar.
Quem ha que a testa
Não ame e tema,
De um diadema
Digno logar?
Trazei-me, amores,
Da silva idalia
Jasmins de Italia
Pâra a pintar.
A frente adórnam
Arcos perfeitos,
Que de mil peitos
Sabem triumphar.
Trazei-me, amores,
Justos niveis,
Subtis pinceis,
Pâra a pintar
A um dôce aceno
Settas a mólhos
Dos brandos olhos
Se vêm voar.
Trazei-me, amores,
Do sol os raios,
Fieis ensaios
Pâra os pintar.
Nas lisas faces
Se vê a aurora,

Quando colóra
A terra e o mar.
Trazei-me, amores,
As mais mimosas
Pudicas rosas
Pâra as pintar.
Os meigos risos
Com graças novas
Nas lindas covas
Vão-se ajuntar.
Trazei-me, amores,
Os pinceis leves,
As sombras breves
Pâra os pintar.
Vagos desejos
Da bocca as brazas
As frageis azas
Deixam queimar.
Trazei-me, amores,
Coraes súbidos,
Robins polidos
Pâra as pintar.
Entr'alvos dentes
Póstos em ála
Suave fala
Perfuma o ar.
Trazei-me, amores,
Nas conchas claras
Perolas raras
Pâra os pintar.
O collo, aflante
De taes assombros
Airosos hombros
Corre a formar.
Trazei-me, amores,
Jaspe a mãos cheias,
De finas veias
Pâra o pintar.
Do peito as ondas
São tempestades,

Onde as vontades
Vão naufragar.
Trazei-me, amores,
Globos gelados,
Limões nevados
Pâra os pintar.
Mãos cristalinas,
Roliços braços,
Que doces laços
Promettem dar.
Trazei-me, amores,
As assucenas,
Das mais pequenas
Pâra as pintar.
A delicada,
Gentil cintura,
Toda se apura
Em se estreitar.
Trazei-me, amores,
Ancias, que fervem,
Só ellas servem
Pâra a pintar.
Pés delicados
Ferindo a terra,
Ás almas guerra
Vem declarar.
Trazei-me, amores,
As settas promptas
De duras pontas
Pâra os pintar.
Pórte de deosa
Espirito nobre,
E o mais, qu'encobre
Fino avental.
Só vós, amores,
Que as graças nuas
Vêdes, as suas
Podeis pintar.

Conselhos a seus filhos (1)

Meninos, eu vou dictar
As regras do bem viver,
Não basta somente ler,
É preciso ponderar,
Que a lição não faz saber,
Quem faz sabios é o pensar.

Neste tormentoso mar
D'ondas de contradicções,
Ninguem soletre feições,
Que sempre se ha de enganar;
De caras a corações
A muitas legoas que andar.

Applicai ao conversar
Todos os cinco sentidos,
Que as paredes têm ouvidos,
E tambem podem fallar:
Ha bixinhos escondidos,
Que só vivem de escutar.

Quem quer males evitar
Evite-lhe a occasião,
Que os males por si virão,
Sem ninguem os procurar;
E antes que ronque o trovão,
Manda a prudencia ferrar.

Não vos deixeis enganar
Por amigos, nem amigas;
Rapazes e raparigas
Não sabem mais, que asnear;
As conversas, e as intrigas
Servem de precipitar.

---

(1) Custa-nos a crer que sejam de Alvarenga Peixoto tanto estas sextilhas como a poesia que se segue (*O Sonho*).

Sempre vos deveis guiar
Pelos antigos conselhos,
Que dizem, que ratos velhos
Não ha modo de os caçar:
Não batam ferros vermelhos,
Deixem um pouco esfriar.

Se é tempo de professar
De taful o quarto voto,
Procurai capote roto
Pé de banco de um brilhar,
Que seja sabio piloto
Nas regras de calcular.

Se vos mandarem chamar
Pâra ver uma funcção,
Respondei sempre que não,
Que tendes em que cuidar:
Assim se entende o rifão.
Quem está bem, deixa-se estar.

Devei-vos acautelar
Em jogos de paro e tópo,
Promptos em passar o copo
Nas angolinas do azar:
Taes as fábulas de Esopo,
Que vós deveis estudar.

Quem fala, escreve no ar,
Sem pôr virgulas nem pontos,
E póde quem conta os contos,
Mil pontos accrescentar;
Fica um rebanho de tontos
Sem nenhum adivinhar.

Com Deus e o rei não brincar,
É servir e obedecer,
Amar por muito temer
Mâs temer por muito amar,

Santo temor de offender
A quem se deve adorar!

Até aqui pode bastar,
Mais havia que dizer;
Mâs eu tenho que fazer,
Não me posso demorar,
E quem sabe discorrer
Póde o resto adivinhar.

O Sonho

Oh que sonho! Oh! que sonho eu tive n'esta,
Feliz, ditosa e socegada sésta?
Eu vi o Pão de Assucar levantar-se
E no meio das ondas transformar-se
Na figura de um indio o mais gentil,
Representando só todo o Brazil.
Pendente ao tiracol de branco arminho
Concavo dente de animal marinho
As preciosas armas lhe guardava;
Era thesoiro e juntamente aljava.
De pontas de diamante eram as setas,
As hásteas d'oiro, mas as pennas pretas;
Que o indio valeroso altivo e forte
Não manda seta, em que não mande a morte,
Zona de pennas de vistosas côres
Guarnecida de barbaros lavores,
De folhetas e perolas pendentes,
Finos chrystaes, topazios transparentes,
Em recamadas pelles de sahiras
Rubins, e diamantes e saphiras,
Em campo de esmeralda escurecia
A linda estrella, que nos traz o dia.
No cocar... oh que assombro! oh que riqueza!
Vi tudo quanto póde a natureza.

No peito em grandes letras de diamante
O nome da augustissima imperante.
De inteiriço coral novo instrumento
As mãos lhe occupa, em quanto ao doce accento
Das saudosas palhetas, que afinava,
Pindaro americano assim cantava.

Sou vassallo e sou leal,
Como tal,
Fiel constante,
Sirvo á glória da imperante,
Sirvo á grandeza real.
Aos elysios descerei
Fiel sempre a Portugal,
Ao famoso vice-rei,
Ao illustre general,
Ás bandeiras, que jurei,
Insultando o fado e a sorte,
E a fortuna desigual,
Qu'a quem morrer sabe, a morte
Nem é morte, nem é mal.

EURESTE FENICIO

(*Desafío*)

Despedida de Fileno a Nize, por Claudio

Adeus, idolo amado,
Adeus; que o meu destino
Me leva peregrino
A não te ver jámais.
Sei, que é tormento ingrato
Deixar teu fino trato:
Mâs quando é, que tu viste
Um triste
Respirar!

Tu ficas; eu me ausento;
E nesta despedida
Se não se acaba a vida,
É só por mais penar.
De tanto mal, e tanto
Allivio é só o pranto:
Mâs quando é, que tu viste
Um triste
Respirar!

Quantas memórias, quantas
Agora despertando,
Me vem acompanhando
Por mais me atormentar!
Faria o esquecimento
Menor o meu tormento:
Mâs quando é, que tu viste
Um triste
Respirar!

Girando ésta montanha,
Os sitios estou vendo.
Aonde amor tecendo
Seu doce enredo está.
Aqui me occorre a fonte.
Alli me lembra o monte:
Mâs quando é, que tu viste
Um triste
Respirar!

Sentado junto ao rio
Me lembro, fiel pastora,
Daquella feliz hora,
Que n'alma impressa está.
Que triste eu tinha estado,
Ao ver teu rosto irado!
Mâs quando é, que tu viste
Um triste
Respirar!

De Filis, de Lizarda,
Aqui entre desvelos,
Me pede amantes zelos
A causa de meu mal.
Alegre o seu semblante
Se muda a cada instante:
Mâs quando é, que tu viste
Um triste
Respirar!

Aqui colhendo flores
Mimosa a ninmfa cara,
Um ramo me prepara;
Talvez por me agradar:
Anarda alli se agasta;
Dalizo aqui se affasta:
Mâs quando é, que tu viste
Um triste
Respirar!

Tudo isto na memória
(Oh barbara crueldade;)
A fôrça da saudade
Amor me pinta já.
Rendido desfaleço
De tanta dor no excesso:
Mâs quando é, que tu viste
Um triste
Respirar!

O mais, que augmenta a mágoa,
É ter sempre o receio,
De que outro amado enleio
Teu peito encontrará.
Amante nos teus braços,
Quem sabe se outros laços...
Mâs quando é, que tu viste
Um triste
Respirar!

Por onde quer, que gires,
Desta alma, que te adora,
Ah lembra-te, pastora,
Que já te soube amar.
Vérás em meu tormento
Perpétuo o sentimento,
Mâs quando é, que tu viste
Um triste
Respirar!

Lá desde o meu desterro;
Verás, que ésta corrente
Te vem fazer presente
A ancia de meu mal.
Só gemo, só suspiro:
Verás, que em meu retiro
Mâs quando é, que tu viste
Um triste
Respirar!

As ninfas, que se escondem
Lá dentro do seu seio,
De meu querido enleio
O nome hão de escutar.
No bem desta lembrança
Allivio a alma alcança:
Mâs quando é, que tu viste
Um triste
Respirar!

Ah! Deva-te meu pranto
Em tão fatal delirio,
Que pagues meu martyrio
Em premio de amor tal.
Mereça um mal sem cura
Lograr ésta ventura:
Mâs quando é, que tu viste
Um triste
Respirar!

E se por fim, pastora,
Duvídas de minha ância,
Se em ti não á constancia,
Minha alma o vingará.
Farei, que o eco se abrande
Aos ais de uma ância grande:
Mâs quando , que tu viste
Um triste
Respirar!

Terás em minha pena,
Com passo vigilante,
A minha sombra errante,
Sem nunca te deixar.
Terás... ah bello emprêgo!
Não temas: eu socégo:
Mâs quando é, que tu viste
Um triste
Respirar!

Resposta de Nize a Fileno, por Eureste Fenicio

Em vão, Fileno amado,
Accusas teu destino;
Se foges peregrino,
Por me não ver jámais.
Viste-me, falso, ingrato,
Prêsa a teu doce trato:
E tu, que assim me viste,
Partiste
A respirar!

Dizias: eu me ausento.
Foi ésta a despedida.
Que toda a minha vida
Me ha de fazer penar.
Entre martirio tanto
Eu me desfiz em pranto:
E tu, que assim me viste,
Partiste
A respirar!

Oh quantas vezes, quantas
Do somno despertando,
Te vou acompanhando,
Por não me atormentar!
Não ha esquecimento,
Que abrande o meu tormento:
E tu, que assim me viste,
Partiste
A respirar!

No prado e na montanha
Saudosa hoje estou vendo
O engano que tecendo
A minha idéa está.
Baixei comtigo á fonte
Subi comtigo ao monte:

E tu, que assim me viste,
Partiste
A respirar!

Ao som do manso rio,
Nize, fiel pastora,
Chorando a toda a hora
A tua ausencia está.
Afflicta neste estado
Accuso o ceo irado:
E tu, que assim me viste,
Partiste
A respirar!

Nem Filis, nem Lizarda,
Que foram teus desvelos,
Me podem já dar zelos,
Nem á; me fazem mal.
Só teu cruel semblante
Me lembra a cada instante:
E tu, que assim me viste,
Partiste,
A respirar!

Fileno as bellas flores
A Nize amada e cara,
Já agora não prepara;
Já não quer agradar.
Comigo amor se agasta;
O meu pastor se affasta:
E tu, que assim me viste,
Partiste
A respirar!

Conservo na memória
A tua crueldade;
Nem sei, como a saudade
Me não ter morta já.
Mas ah! que desfaleço,
Chorando em tal excesso:

E tu, que assim me viste,
Partiste
A respirar!

Crescendo a minha mágoa,
Se augmenta o meu receio;
Que entregue a novo enleio
Talvez te encontrará.
Que vezes nos meus braços
Eu te formei os laços!
E tu, que assim me viste,
Partiste
A respirar!

Por mais, que ausente gires,
De Nize, que te adora,
Não has de achar pastora,
Que mais te saiba amar.
Vê bem, a que tormento
Me obriga o sentimento:
E tu, que assim me viste,
Partiste
A respirar!

Aqui posta em destêrro,
Ao som desta corrente,
Sempre terei presente
A causa de meu mal.
E tu nesse retiro
Desprezas meu suspiro;
E tu, que assim me viste,
Partiste
A respirar!

Até de mim se escondem
As ninfas no seu seio;
Pois teu fingido enleio
Não querem escutar.
E nem ésta lembrança
Sequer minha alma alcança:

E tu, que assim me viste,
Partiste
A respirar!

Conheço, que o meu pranto
Passou a ser delirio:
Pois meu cruel martyrio
Chega a extremo tal.
Mâs como ha de ter cura,
Quem nasce sem ventura?
E tu, que assim me viste,
Partiste
A respirar!

Talvez outra pastora,
Zombando de aut ância,
Da falta de constancia
Em ti me vingará.
Mal feito, que se abrande,
Vendo rigor tão grande:
E tu, que assim me viste,
Partiste
A respirar!

Verás na minha pena,
Que sempre vigilante,
Por todo o campo errante,
Jámais te hei de deixar.
E tu... ah louco emprêgo
De quem não tem socêgo!
E tu, que assim me viste,
Partiste
A respirar!

EXCERPTOS DAS CARTAS CHILENAS

Por Critilo (1)

Descripção d'umas festas em Villa Rica

Chegou á nossa Chile a doce nova
De que real infante recebêra
Bem digna do seu leito casta espôsa.
Reveste-se o bachá de genio alegre,
E pâra bem fartar os seus desejos,
Quer que ás expensas do senado e povo
Arda em grandes festins a terra toda.
Escreve-se ao senado extensa carta
Em ar de magestade, em phrase moira,
E nella se lhe ordena que prepare
Ao gôsto das Hespanhas, bravos toiros.
Ordena-se tambem que nos theatros

---

(1) Veja nota ps. 14.

[*Critilo* foi pseudônimo de Tomás Antônio Gonzaga para as *Cartas Chilenas*. A tal respeito são decisivas as provas trazidas à colação por Afonso Arinos de Melo Franco, em sua edição daquelas *Cartas*, ps. 36/39, Rio de Janeiro, 1940. Tomou-o Gonzaga das obras do Padre Lourenço (ou Baltasar) Gracian y Morales, que se dividem em tres partes, das quais uma se intitula *El Criticon*, com dois personagens principais — *Critilo*, ou o crítico, o homem da razão, e *Androgênio*, o homem da natureza. As obras de Gracian existiam em Vila Rica e figuraram nos traslados dos sequestros feitos ao Dr. Cláudio Manuel da Costa, *Autos da Devassa da Inconfidência Mineira*, V, ps. 264. Podiam pertencer tanto a Cláudio, como a Gonzaga, e estivessem, por ocasião do sequestro, emprestadas àquele, dado o hábito de empréstimos de livros em Vila Rica, principalmente entre colegas e amigos íntimos, como eram os dois poetas, do que, como bem acentua Afonso Arinos, há mais de uma referência nos *Autos da Devassa*.

Por essa razão, e por outras, por igual convincentes, não ha como contestar a Gonzaga a autoria das *Cartas Chilenas*, resolvendo-se de vez, sensata e inteligentemente, êsse velho dissídio literário. — R. G.].

Os tres mais bellos dramas se estropiem,
Repetidos por boccas de mulatos:
Não esquecem emfim as cavalhadas.
Só fica, Dorotheu, no livre arbitrio
Dos pobres camaristas repartirem
Bilhetes de convite pelas damas.
Amigo, Dorotheu, ah! tu não podes
Pezar o desconcêrto desta carta,
Emquanto não souberes a lei propria,
Que aos festejos reais prescreve a norma.
Em quanto, Dorotheu, a nossa Chile
Em toda parte tinha a flor da terra
Extensas, abundantes minas d'oiro;
Em quanto os taberneiros ajuntavam
Immenso cabedal em poucos annos,
Sem terem nas tabernas fedorentas
Outros mais sortimentos, o negro fumo,
E sôbre as prateleiras negros frascos;
Em quanto emfim as negras *quitandeiras*
Á custa dos amigos só trajavam
Vermelhas capas, de galões cobertas,
De galacés e tissus, ricas saias:
Então, prezado amigo, em qualquer festa
Tirava liberal o bom senado
Dos cofres chapeados grossas barras.
Chegaram taes despezas á notícia
Do rei prudente, que a virtude présa;
E vendo que estas rendas se gastavam
Em tiros, cavalhadas e comedias,
Applicar-se podendo a coisas santas:
Ordena providente, que os senados
Nos dias em que devem mostrar gôsto
Pelas reaes fortunas se moderem,
E só façam cantar nos templos os hymnos
Com que se dão aos ceos as justas graças.
Ah! meu bom Dorotheu, que feliz fôra
Esta vasta conquista, se os seus chefes
Com as leis dos monarchas se ajustaram;
Mâs alguns não presumem ser vassallos,
Só julgam que os decretos dos augustos

Tem fôrça de decretos, quando ligam
Os braços dos mais homens que elles mandam,
Com esta sábia lei replica o corpo
Dos pobres senadores, e pondera
Que o severo juiz que as contas toma,
Não lhes ha de approvar tão grandes gastos,
De sorte, Dorotheu, que o bravo potro
Quando a sella recebe a vez primeira,
Em quanto não sacode a sella fóra,
E faz em dois pedaços sella e redea,
Mette entre os duros braços a cabeça,
E dá, saltando aos ares, mil corcóvos:
Assim o irado chefe não atura
O freio desta lei; espuma e brama,
E em quanto entende que o senado zela
Mais as leis que o seu gôsto, não descança.
Aos tristes senadores não responde,
Mâs manda-lhes dizer que a não fazerem
Os pomposos festejos, se preparem
Pâra serem os guardas dos forçados,
Trocando as varas em chicote e relho.

.—.

Mandam-se apregoar as grandes festas,
Acompanha ao pregão luzida tropa
De velhos senadores: estes trajam
A modo cortezão, chapéos de plumas;
Capas com bandas de vistosas sedas.
Chega emfim, o dia suspirado,
O dia do festejo; todos correm
Com rosto de alegria ao santo templo;
Celebra o velho bispo a grande missa;
Porém o sabio chefe não lhe assiste
Debaixo do espaldar ao lado esquerdo.
Pâra a tribuna sóbe, e alli se assenta.
Uns dizem, Dorotheu, fugiu prudente,
Por não ver assentados os padrecos
Na Capella maior acima delle.
Os outros sabichões, que a causa indagam
Discorrem, que o senado lhe devia

Erguer no presbyterio docel branco,
Em honra de elle ser lugar-tenente.
Mâs eu com estes votos não concordo,
E julgo affoito, que a razão foi ésta:
Porque estando patente, e tendo posto
O seu chapéo em cima da cadeira,
Podéra duvidar-se se devia
O bispo ter a mitra na cabeça.
Acabou-se a funcção: o nosso chefe
Á casa com o bispo se recolhe.
A nobreza da terra os acompanha
Até que montem a doirada sege.
Aqui, meu Dorotheu, o chefe mostra
O seu desembaraço, e o seu talento.
Só n'uma funcção destas se conhece
Que tem andado terras, onde habitam
Despidas dos abusos, sábias gentes.
Vai passando por todos, sem que abaixe
A emproada cabeça; qual mandante,
Que passa pelo meio das fileiras.
Chega junto á sege, á sege sobe,
E da parte direita toma assento.
O bispo, o velho bispo atraz caminha
Em ar de quem se teme da desfeita!
Com passos vagarosos chega á sege,
Encaixa na estribeira o pé cançado.
E duas vezes por subir forceja.
Acodem alguns padres respeitosos,
E por baixo dos braços o sustentam;
Então com mais alento o corpo move,
Dá o terceiro arranco, o salto vence;
E sem poder soltar uma palavra,
Ora vermelho, ora amarello fica
Do nosso *Fanfarrão* ao lado esquerdo.
Agora dirás tu que bruto é esse?
Póde haver um tal homem, que se atreva
A pôr na sua sege ao seu prelado
Da parte da bolça? Eu tal não creio.
Amigo, Dorotheu, estás mui ginja.

Já lá vão os rançosos formularios,
Que guardavam á risca os nossos velhos.
Em outro tempo, amigo, os homens serios
Na rua não andavam sem florete,
Traziam cabelleira grande, e branca,
Nas mãos os seus chapéos; agora, amigo,
Os nossos proprios becas tem cabello;
Os grandes sem florete vão á missa,
Com a chibata na mão, chapeo fincado,
Na fórma em que passeiam os caixeiros.
Ninguem antigamente se sentava
Senão direito, e grave nas cadeiras,
Agora as mesmas damas atravessam
As pernas sobre as pernas. N'outro tempo
Ninguem se retirava dos amigos
Sem que dissesse — adeus — agora é moda
Sahirmos dos congressos em segredo;
Pois corre, Dorotheu, a paridade,
Que os costumes se mudam c'os tempos.
Se os antigos fidalgos sempre davam
O seu direito lado a qualquer padre,
Acabou-se esta moda, o nosso chefe
Vindica os seus direitos: vê que o bispo
É um grande, que foi ha pouco frade,
E não póde hombrear com quem descende
De um bravo *patagão*, que sem disputa
Lá nos tempos de Adão já era grande.

.—.

Ainda, Dorotheu, no largo curro
Caretas não brincavam, nem se viam
Nos razos camarotes altas popas,
Enfeites com que lustram nescias damas,
Quando já no castello de madeira
As peças fuzilavam; signal certo
De que o nosso heroe e o velho bispo
No adornado palanque se assentavam:
Agora dirás tu, é forte pressa!
Os chefes nos theatros entram sempre
Ás horas de correr-se acima o panno;

Amigo Dorotheu, tu nunca viste
Uma creança a quem a mãi promette
Leval-a a ver de tarde alguma festa,
Que logo de manhã á mãi persegue,
Pedindo que lhe dispa os fatos velhos?
Pois eis-aqui, amigo, o nosso chefe
Não quer perder de estar casquilho e teso
No erguido camarote um breve instante.
Chegam-se emfim as horas do festejo,
Entra na praça a grande comitiva,
Trazem os pagens as compridas lanças
De fitas adornadas; vem á dextra
Os formosos ginetes arreados.
Seguem-se os cavalleiros, que cortejam
Primeiro ao bruto chefe, logo aos outros,
Dividindo as fileiras pelos lados,
Não ha quem o cortejo não receba
Em ar civil e grato: só o chefe
O corpo da cadeira não levanta
Não abaixa a cabeça; qual o dono
Dos miseros escravos, quanto juntos
A benção vão pedir-lhe, porque sejam
Ajudados de Deus no seu trabalho.
Feitas as cortezias do costume
Os destros cavalleiros galopeam
Em circulos vistosos pelo campo;
Logo se formam em diversos corpos
Á maneira das tropas, que apresentam
Sanguinosas batalhas; sôam trompas,
Sôam os ataballes e fagotes,
Os clarins, os boés e mais as frautas.
O fogoso ginete, as ventas abre,
E bate com as mãos na dura terra:
Os dous mantenedores já se avançam.
Aqui, prezado amigo, aqui não lutam
Como nos espectaculos romanos
Com formosos leões, malhados tigres,
Os homens peito a peito e braço a braço.
Jogam-se encontroadas, e se atiram
Redondas alcancias, curtas cannas,

De que o destro inimigo se defende
Com fazel-as no ar em dous pedaços.
Ao fogo das pistolas se desfazem
Nos postos as cabeças; umas ficam
Dos ferros transpassadas, outras vôam
Sacodidas das pontas das espadas.
Airoso cavalleiro ao hombro encosta
A lança no princípio da carreira.
No ligeiro cavallo a espora bate;
Desfaz com mão igual o ferro, e logo
Que leva uma argolinha a redea toma,
E faz com que o bruto pare. Dois córos
Applaudem o successo enchendo os ares.
De grata melodia. Então vaidoso
Guiado de um padrinho ao chefe leva
O signal da victoria que segura
Na dextra, aguda lança. O bruto chefe
Acceita a offerta em ar de magestade,
Á maneira dos amos quando tomam
As coisas que lhe dão os seus criados.

.—.

Principam os toiros, e se augmentam
Do chefe as parvoices. Manda á praça
Sem regra, sem discurso e sem concerto.
Agora sabe um toiro levantado
Que ao máo capinha, sem fugir espera:
Acena-lhe o capinha, elle recúa
E atira com as mãos no ar a terra.
Acena-lhe o capinha novamente;
De novo raspa o chão, e logo investe,
Lá vai o máo capinha pelos ares;
Lá se estende na arêa, e o bravo toiro
Lhe dá com o focinho um par de tombos;
Nem deixa de pisal-o em quanto o nescio
Não segue o meio de fingir-se morto.
Meu esperto boisinho em paz se fica,
Que o nosso chefe ordena te recolham
Sem fazeres mais sorte, e te reserva
Pâra ao curro sahires, quando forem
Do Senhor do Bomfim as grandes festas.

Agora sahe um toiro que é prudente,
Se o capinha o procura logo foge,
Os caretas lhe dão mil apupadas:
Um lhe pega no rabo e o segura;
Outro intenta montal-o; e o grande chefe
O deixa passear por largo espaço.
Manda-lhe soltar os cães, manda metter-lhe
As garroxas de fogo, que primeiro
Que a pelle rompam do ligeiro bruto.
Nos dextros dedos do capinha estalam.
Com estes máos festejos que aborrecem,
Se gastam muitos dias. Já o povo
Se cança de assistir na triste praça:
E ao ver-se solitário, o bruto chefe
Nos trata por insultos, mais ingratos.
Soberbo e louco chefe, que proveito
Tirastes em gastar em frias festas
Immenso cabedal, que o bom senado
Devia consumir em coisas santas;
Suspiram pobres amas, e padecem
Crianças innocentes, e tu podes
Com rosto enxuto ver tamanhos males?
Embora sacrifica ao proprio gôsto
As fortunas dos povos que governas:
Virá dia em que mão robusta e santa,
Depois de castigar-vos, se esconda
E lance na fogueira as varas torpes.

THOMAZ ANTONIO GONZAGA

THOMAZ ANTONIO GONZAGA

Thomaz Antonio Gonzaga, mais conhecido pelo nome de Dirceu, viu a luz, segundo suas proprias declarações, em 1747.

João Bernardes Gonzaga, seu pai, depois de seguir cargos de magistratura na Bahia e Pernambuco, foi despachado desembargador do Porto. Ignorâmos as epocas em que successivamente serviu nessas tres cidades; se as conhecessemos, buscariamos onde se achava em 1747 a certidão de baptismo de seu mencionado filho Thomaz, a qual só nos dará o verdadeiro desengano ácerca de sua terra natal; sendo para nós insufficiente a tal respeito o que consta da Universidade de Coimbra.

O primeiro facto biographico incontroverso do poeta Gonzaga, de que temos conhecimento, é o haver-se elle matriculado em Coimbra, como estudante da faculdade de leis, no dia 1.º d'outubro de 1763, aos dezeseis annos de idade. Em 1768 parece que concluiu com as formaturas seus estudos universitarios.

Tambem nos não cabe dúvida que não foi Minas a primeira provincia do Brazil onde viveu; pois se lembra, diz:

> ..... na Bahia
> Onde passei a flor da minha idade;

e nem se esquece das palmeiras e dos dois bairros em que era

"Partida a grã cidade".

Mas é tão vaga para nós a expressão de "flor da idade", que não sabemos se essa estada deve ter tido logar em companhia de seus pais antes de ir a Coimbra, ou se em algum primeiro posto da carreira da magistratura depois de formar-se.

Despachado ouvidor de Villa Rica, ignorâmos em que anno, foi Gonzaga na Capital de Minas encontrar primeiro os estimulos amorosos que o crearam poeta erotico, e depois a origem dos flagellos de que foi victima. Com effeito se por um lado lhe apareceu a sua Marilia (D. Maria Joaquina Dorothea de Seixas) que o inspirou a ponto de o tornar immortal, e se ao mesmo tempo encontrou no fiel Glauceste (Claudio) um amigo como raras vezes ha na terra; depois as suas virtudes tanto o recomendaram que se chegou a crer que os mineiros o proclamariam chefe d'uma conspiração que premeditaram, o que lhe promoveu a prisão e degredo em Africa, onde falleceu como veremos.

Parece que o nosso poeta viveu ao princípio em Villa Rica, alheio a affeições amorosas; o que elle celebra quando já apaixonado por Marilia, e vendo-se mui outro:

Acaso são estes
Os sitios formosos
Aonde passava
Os *annos* gostosos?

A que o captivou era uma bella mineira, cujas feições e predicados elle eternisou em seus versos; nem quiz

que a posteridade pozesse em questão a patria daquella que era para elle a fonte de toda a poesia:

Tu formosa Marilia já fizeste
Com teus olhos ditosas as campinas
Do turvo Ribeirão em que nasceste.

É verdade que Dirceu confessa que já antes de conhecer Marilia

Seus versos alegre
Ali repetia:

mas esses versos seriam provavelmente aquelles que depois engeitou para não deverem fazer parte da sua lyrica, segundo nos manifesta:

N'uma noite socegado
Velhos papeis revolvia,
E por ver de quem tratavam
Um por um a todos lia.

Eram cópias emendadas,
De quantos versos melhores
Eu compus na tenra idade,
A meus diversos amores.

Aqui leio justas queixas
Contra a ventura formadas.
Leio excessos mal acceitos,
Doces promessas quebradas.

Vendo sem-razões tamanhas
Eu exclamo transportado:
Que finezas tão mal feitas!
Que tempo tão mal passado!

Junto pois n'um grande monte
Os soltos papéis, e logo,

Porque reliquias não fiquem,
Os intento pôr no fogo.

Então vejo que o deus cégo
Com semblante carregado
Assim me fala, e crimina
O meu intento acertado:

Queres queimar esses versos?
Dize, Pastor atrevido,
Essas Lyras não te foram
Inspiradas por Cupido?

Achas que de tacs amores
Não deve existir memória?
Sepultando esses triunfos,
Não roubas a minha glória?

Disse amor; e mal se calla,
Nos seus hombros a mão pondo,
Com um semblante sereno
Assim á queixa respondo:

Depois, amor, de me dares
A minha Marilia bella,
Devo guardar umas Lyras,
Que não são em honra della?

O que importa, amor, que importa,
Que a estes papeis destrua;
Se he tua esta mão, que os rasga,
Se a chama, que os queima, é tua?

Apenas amor me escuta
Manda que os lance nas brazas;
E ergue a chama c'o vento,
Que formou batendo as azas.

E aqui nos occorre uma idea, que se bem pertença mais á critica litteraria do que á biographia, não deixa-

remos para outra occasião. É mui possivel que a maior parte das lyras que se publicaram com o titulo de *3.ª Parte* de suas poesias, e que são estranhas ao romance amoroso de *Marilia e Dirceu*, e os bons criticos tem regeitado em varias edições (1) como espurias, — é possivel, dizemos, que entre ellas haja várias legitimamente compostas por Gonzaga, mas do numero das que elle diz ter engeitado. De todas as lyras dessa chamada *3.ª Parte* a unica que não é estranha ao romance é a seguinte, que nos dá o desfeixo delle pela despedida do poeta, que diz á sua Marilia que vai (como sucedeu) morrer no desterro sem a tornar a ver.

Leu-se-me em fim a sentença
Pela desgraça firmada;
Adeus Marilia adorada,
Vil desterro vou soffrer.
Ausente de ti, Marilia,
Que farei? irei morrer.

Que vá para longes terras,
Intimarem-me eu ouvi;

(1) A edição original de Bulhões publicada aos cadernos continha só a 1.ª e 2.ª parte. — Á 2.ª se accrescentou pela 1.ª vez em 1800 uma parte 3.ª que se reimprimiu na edição nunesiana de 1802. — As edições da imprensa régia de 1812 e da lacerdina de 1811 e 1819 dirigidas por criticos conspicuos não contém a tal 3.ª parte, o que julgâmos que seguiu Serva na Bahia em 1813. Posteriormente como o público entrou a ter por menos completas essas edições, a que presidia um razoavel escrupulo, começaram os editores a publicar sempre a 3.ª parte, que se encontra nas edições de Rolland de 1820, 1827 e 1840; na de 1824; na de 1825 e 1828 de Nunes; na de 1827 da régia; bem como na de 1835 da Bahia, na de 1846 do Rio de Janeiro. — Nenhuma obra em portuguez a não ser o Camões tem tido mais edições neste seculo. Foi traduzida em francez pelo Sr. Monglave e em italiano com todo o esmero pelo Sr. Buscalla.

E a pena que então senti,
Justos ceos! não sei dizer.
Ausente de ti, Marilia,
Que farei? irei morrer.

Mil penas estou sentindo
Dentro n'alma, e por negaça
Me está dizendo a desgraça,
Que nunca mais t'hei de ver.
Ausente de ti, Marilia,
Que farei? irei morrer.

Por deixar os patrios lares,
Não me fere o sentimento;
Porem suspiro, e lamento
Por tão cedo te perder.
Ausente de ti, Marilia,
Que farei? irei morrer.

Não são as horas que perco,
Que motiva a minha dor;
Mas sim ver, que o meu amor
Este fim havia de ter.
Ausente de ti, Marilia,
Que farei? irei morrer.

A mão do fado invejoso
Vae quebrando em mil pedaços
Os doces, suaves laços,
Com que amor nos quiz prender.
Ausente de ti, Marilia,
Que farei? irei morrer.

Da desgraça a lei fatal
Póde de ti separar-me;
Mas nunca d'alma tirar-me
A glória de te querer.
Ausente de ti, Marilia,
Hei de amar-te até morrer.

Aos felizes amores de Dirceu é consagrada a primeira parte da obra lyrica; são trinta e sete odes anacreonticas em que o poeta feliz com a sua estrella rende graças ao deus do amor por lhe haver concedido o bem de mais valia,

> De tudo quanto se cria
> Ou nos mares ou na terra.

É uma nova história de uma paixão amorosa que seguia seu caminho natural, com todas as competentes declarações, requebros, esperanças, mas quasi sem ciumes. Ha por ahi reminiscencias do cantor de Teos (1) e mais poetas de sua escola.

Outro tanto não succede na segunda parte que por um successo extraordinario vai dar originalidade ás composições do poeta.

Gonzaga despachado desembargador para a Bahia, cuidava dos preparativos da partida, no número dos quaes entrava talvez a prévia união á sua cara Marilia,

---

(1) Compare-se da 1.ª parte a lyra 3.ª com a de Anacreonte que começa:

Συ μὲν λέγεις τὰ Θήβης, etc.

e igualmente as seguintes:
a 11.ª com

Θέλω λέγειν Ἀτρείδας, etc.

a 56 com a

Γράφε μοι, etc.

e com a

Αγε, ζωγράφων ἄριστε, etc.

quando uma ocorrencia extraordinaria veio interromper sua felicidade. O capitão general de Minas, Visconde de Barbacena, foi informado que se tratava na provincia de seu mando de uma conspiração, e que Gonzaga era a pessoa indigitada para chefe do novo estado independente. Foi então Gonzaga preso e posto em segredo, como Claudio, Alvarenga Peixoto, e outros.

Daqui por diante até partir para o degredo todas as penas, todas as queixas do amante infeliz, acham-se consignadas nos seus versos da 2.ª parte. A leitura desta póde familiarisar-nos mais com os sentimentos do poeta na prisão do que o faria talvez uma auto-biographia escripta depois. E por tal fórma temos esta convicção que ora mesmo não ousâmos dar um passo sem primeiro correr de novo os olhos pelas 38 lyras da 2.ª parte.

.....

Assim o acabâmos de executar, e tal é a commoção de que nos sentimos ainda possuidos que nos treme a mão ao escrever estas linhas. Estamos profundamente convencidos de que Gonzaga foi martyr da prognosticada sedição, e que até era a ella inteiramente alheio. Assim o protestou bem solemnemente aos juizes, e com todo o vigor d'alma o protesta nos seus versos a si mesmo, á sua Marilia, e ao mundo! — Ouçamol-o:

A insolente calumnia depravada
Ergueu-se contra mim, vibrou da lingua
A venenosa espada.

Outra vez na lyra seguinte:

Não has de ter horror, minha Marilia,
De tocar pulso, que soffreo os ferros?
Infames impostores nos lançaram,
E não puniveis erros.

Esta mão, esta mão, que ré parece,
Ah! não foi uma vez, não foi só uma,
Que em defesa dos bens, que são do Estado,
Moveo a sábia pluma.

É certo, minha amada, sim é certo
Que eu aspirava a ser de um sceptro o dono;
Mas este grande imperio, que eu firmava,
Tinha em teu peito o throno.

As fôrças, que se oppunham, não batiam
Da grossa peça, e do mosquete os tiros;
Só eram minhas armas os soluços,
Os rogos, e os suspiros.

De cuidados, desvelos, e finezas
Formava, ó minha bella, os meus guerreiros:
Não tinha no meu campo estranhas tropas:
Que amor não quer parceiro.

Mas póde ainda vir um claro dia,
Em que estas vís algemas, estes laços
Se mudem em prisões de alívio cheias,
Nos teus mimosos braços.

Vaidoso então direi: *Eu sou monarca;*
Dou leis, que é mais, n'um coração divino;
Solio que ergueo o gôsto, e não a fôrça,
E que é de aprêço dino.

Reparemos ainda nos seguintes versos:

Embora contra mim raivoso esgrima
Da vil calumnia a cortadora espada;

Uma alma, qual eu tenho,
Não se receia a nada.
Eu hei de, sim, punir-lhe a insolencia,
Pizar-lhe o negro collo, abrir-lhe o peito
Co'as armas invenciveis da innocencia.

e n'estes outros:

Tu, Marilia, se ouvires
Que ante o teu rosto afflicto
O meu nome *se ultraja*
C'o supposto delicto,
Dize severa assim em meu abono:
Não toma as armas contra um sceptro justo
Alma digna de um throno.

Dá porém terminante prova de sua não cumplicidade a lyra da mesma 2.ª parte, lyra mais d'argumentos de defensa que de imagens eroticas (1).

Eu vejo aquella deosa,
Astréa pelos sabios nomeada;
Traz nos olhos a venda,
Balança n'uma mão, na outra espada:
O vê-la não me causa um leve aballo
Mas antes atrevido,
Eu a vou procurar, e assim lhe falo:

Qual é o povo, dize,
Que comigo concorre no attentado?
O americano povo!
O povo mais fiel, e mais honrado!
Tira as praças das mãos do injusto dono,
Elle mesmo as submette
De novo á sujeição do luso throno.

(1) Publicando neste logar esta lyra, dispensâmo-nos de a repetir no corpo do Florilegio.

Eu vejo nas histórias
Rendido Pernambuco aos hollandezes;
Eu vejo saqueada
Esta illustre cidade, dos francezes;
Lá se derrama o sangue brazileiro;
Aqui não basta, supre
Das roubadas familias o dinheiro...

Em quanto assim falava,
Mostrava a deosa não me ouvir com gôsto;
Punha-me a vista teza,
Enrugava o severo e acceso rosto:
Não suspendo comtudo no que digo,
Sem o menor receio,
Faço que a não entendo, e assim prosigo.

Acabou-se, tyrana,
A honra, o zêlo deste luso povo?
Não é aquelle mesmo,
Que estas acções obrou: é outro novo?
E póde haver direito, que te mova
A suppor-nos culpados,
Quando em nosso favor conspira a prova?

Ha em Minas um homem,
Ou por seu nascimento, ou seu thesoiro,
Que aos outros mover possa
Á fôrça de respeito, á fôrça d'ouro?
Os bens de quantos julgas rebelados,
Podem manter na guerra,
Por um anno sequer, a cem soldados?

Ama a gente assisada
A honra, a vida, o cabedal tão pouco,
Que ponha uma acção destas
Nas mãos d'um pobre, sem respeito e louco
E quando a commissão lhe confiasse
Não tinha pobre somma,
Que por paga, ou esmola lhe mandasse?

Nos limites de Minas,
A quem se convidasse não havia;
Ir-se-hiam buscar socios
Na Colonia tambem, ou na Bahia?
Está voltada a côrte brazileira
Na terra dos suissos,
Onde as potencias vão erguer bandeira?

O mesmo autor do insulto
Mais a riso, do que a terror me move;
Deu-lhe esta loucura,
Podia-se fazer Neptuno, ou Jove.
A prudência é tratá-lo por demente;
Ou prendel-o, e entregal-o,
Para delle zombar a moça gente.

Aqui, aqui a deosa
Um extenso suspiro aos ares sólta;
Repete outro suspiro,
E sem palavra dar as costas volta:
Tu te irritas! Lhe digo, quem te offende,
Ainda nada ouviste
Do que respeita a mim, socega, attende;

E tinha que offertar-me
Um pequeno, abatido, e novo Estado,
Com as armas de fóra,
Co'as suas proprias armas consternado!
Achas tambem, que sou tão pouco experto
Que um bem tão contingente
Me obrigasse a perder um bem já certo?

Não sou aquelle mesmo,
Que a extincção do debito pedia!
Já viste levantado
Quem á sombra da paz alegre ria?
Um direito arriscado eu busco e feio,
E quero que se evite
Toda a razão do insulto e todo o meio?

Não sabes quanto apresso
Os vagarosos dias da partida?
Que a fortuna risonha,
A mais formosos campos me convida?
Não me uníra, se houvesse, aos vís traidores;
Daqui nem oiro quero;
Quero levar sómente os meus amores.

Eu, ó cega, não tenho
Um grosso cabedal dos pais herdado;
Não recebi no emprêgo,
Nem tenho as instrucções d'um bom soldado.
Far-me-hiam os rebeldes primeiro
No imperio, que se erguia
Á custa do seu sangue e seu dinheiro?

Aqui, aqui de todo
A deosa se perturba, e mais se altera;
Morde o seu proprio beiço;
O sítio deixa, nada mais espera.
Ah! vai-te, então lhe digo, vai-te embora:
Melhor, minha Marilia,
Eu gastasse comtigo mais est'hora.

Note-se que atribue a infames impostores as algemas que lhe lançaram; que julgava ultraje o ser taxado de cumplice na sedição; que tinha por impossivel e condemnava de inepcia se fosse entregar seus destinos ao *Tiradentes*

"... pobre, sem respeito e louco,"

que segundo o mesmo Gonzaga não era digno de outro castigo mais que o ser declarado em alienação.

O caracter do amante de Marilia manifesta-se em muitas de suas composições quando prêso. É admiravel a nobre audacia com que se resigna até a soffrer uma

injusta morte, e a convicção que tinha de que essa morte era uma nova palma de martyrio que jámais murcharia.

Na innocencia me fundo
Mas não morreram outros
Que dávam honra ao mundo!
O tormento minha alma não recuses
A quem sábio cumpriu as leis sagradas
Servem de solio as cruzes.

... se os justos céos, pâra fins occultos
Em tão tyranno mal me não soccorrem;
Verás então que os sábios,
Bem como vivem, morrem.

Eu tenho um coração maior que o mundo.
Tu, formosa Marilia, bem o sabes;
Um coração, e basta,
Onde tu mesma cabes.

A parte deste pensamento sublime vejâmos na seguinte estrofe lugubre como nessa hora estava talvez sua alma de contínuo pairando entre as esperanças de gozar Marilia e a morte:

Dirceu te deixa, ó bella,
De padecer cansado;
Frio suór já banha
Seu rosto descorado;
O sangue já não gyra pela vêa;
Seus pulsos já não batem,
E a clara luz dos olhos se basêa;
A lagrima sentida já lhe corre;
Já pâra a convulsão, suspira e morre.

Alguma vez lhe assalta uma idéa tremenda, e que mais que a morte o deixa atormentar. Lembra-se que

seu velho pai sabe da sua sorte, que soffre com ella perante a sociedade além de soffrer pelos padecimentos de seu filho.

Parece que vejo a honra
Marilia toda enlutada
A face d'um pai rugosa
N'um mar de pranto banhada.
.....

Por outro lado enternece o leitor, que conhece a biographia do poeta, ver o modo como este, ás vezes abraçado com a esperança, imagina um futuro mais tranquilo, em que a sua Marilia possa vir a contar a seus filhinhos as aventuras e prisões de seu pobre pai, o triste Dirceu. Não respira menos confiança, aquella estrophe com que conclue outra lyra:

Qual eu sou, verá o mundo;
Mais me dará do que eu tinha,
Tornarei a ver-te minha:
Que feliz consolação!
Não ha de tudo mudar-se,
Só a minha sorte não?

Sua resignação ás vezes é tão grande que tem por alguns sido julgada menos sincera: não tanto quando christãmente diz

E beijo a santa mãe que assim me guia;

porém sim quando roga á sua Marilia não pragueje ao seu accusador Barbacena por que diz

Não é o julgador, é o processo
É a lei que nos condemna.

A nós parece-nos haver demasiado rigor em tal modo de julgar, lembrando-nos de que o maior número das lyras da 2.ª parte foram ainda compostas em Villa-Rica, quando Gonzaga, pelas perguntas vagas que lhe fazia o magistrado Torres, não podia ter uma idéa de toda a culpa que lhe impunha, nem das authoridades que tomavam parte em sua accusação. — Talvez só quando com seus trinta e tantos co-réos, em uma jornada de mais de um mez, passou à cadêa do Rio, e ahi compareceu perante a alçada é que soube de todo o teor da accusação.

Depois da mencionada transferencia sua primeira composição é talvez a lyra (34) com mais visos de epistola, accusando o recebimento da carta em que Marilia lhe aconselha *siga o seu destino,* na certeza de que ella lhe será firme na ausencia.

A constancia de Dirceu é mais notavel, não como amante, pois não faltam exemplos d'amantes extremosos; sim como poeta que se votára a legar á posteridade um padrão de seu nome e da belleza da sua Marilia, do mesmo modo que Tasso e Petrarcha haviam grangeado fama, afamando para sempre Clorinda e Laura:

Mas se aos vindoiros
Teu nome passa
E só por graça
Do deus de amor,
Que tanto inflama
A mente, o peito
Do teu pastor.
.....
Em vão terias
Essas estrellas,
E as tranças bellas,
Que o ceo te deu;
Se em doce verso

Não as cantasse
O bom Dirceu.

Gonzaga tinha uma alma nobre, que pensava mais na glória immortal que nas vaidades do mundo.

É melhor ..... ser lembrado
Por quantos hão de vir sábios humanos,
Que ter arcos, ter coches e thesoiros
Que morrem com os annos.

E para essa glória postera estava persuadido de que

Só podem conservar um nome illustre
Os versos ou a história.

Com esta idéa fixa Gonzaga não se occupa senão da sua Marilia. — Até na prisão se tinha imposto o dever de escrever cada um dia em honra d'ella algum canto:

Se me viras com teus olhos
N'esta masmorra metido,
De mil idéas funestas,
E cuidados combatido:
Qual seria, ó minha bella,
Qual seria o teu pezar?

Á fôrça da dor cedêra,
E nem estaria vivo,
Se o menino deos vendado,
Extremoso e compassivo,
Com o nome de Marilia
Não me viesse animar.

Deixo a cama ao romper d'alva;
O meio dia tem dado,
E o cabello ainda fluctua
Pelas costas desgrenhado.

Não tenho valor, não tenho,
Nem para de mim cuidar.

Diz-me Cupido: *E Marilia*
Não estima este cabello?
Se o deixas perder de todo,
Não se ha de enfadar ao vêl-o?
Suspiro, pego no pente,
Vou logo o cabello atar.

Vem um taboleiro entrando
De varios manjares cheio;
Põe-se na meza a toalha,
E eu pensativo passeio;
De todo o comer esfria
Sem nelle poder tocar.

Eu entendo que a matar-te,
Diz amor, *te tens proposto;*
Fazes bem: terá Marilia
Desgosto sôbre desgosto.
Qual enfermo c'o remedio,
Me afflijo, mas vou jantar.

Chegam as horas, Marilia,
Em que o sol já se tem posto;
Vem-me á memória que nellas
Vi á janella teu rosto;
Reclino na mão a face,
E entro de novo a chorar.

Diz-me Cupido: *Já basta,*
Já basta, Dirceu, de pranto;
Em obsequio de Marilia
Vai tecer teu doce canto.
Pendem as fontes dos olhos,
Mas eu sempre vou cantar.

Vem o forçado accender-me
A velha, suja candêa;

Fica, Marilia, a masmorra
Inda mais triste, e mais fêa.
Nem mais canto, nem mais posso
Uma só palavra dar.

Diz-me Cupido: *São horas*
De escrever-se o que está feito;
Do azeite e da fumaça
Uma nova tinta ageito;
Tomo o páo, que penna finge,
Vou as lyras copiar.

Sem que chegue o leve somno,
Canta o gallo a vez terceira;
Eu digo a amor, que fico
Sem deitar-me a noite inteira;
Faço mimos, e promessas
Para elle me acompanhar.

Elle diz, que em dormir cuide,
Que hei-de ver Marilia em sonho,
Não respondo uma palavra,
A dura cama componho,
Apago a triste candêa,
E vou-me logo deitar.

Como póde a taes cuidados
Resistir, ó minha bella,
Quem não tem de amor a graça;
Se eu, que vivo á sombra della,
Inda vivo desta sorte,
Sempre triste a suspirar?

Em quanto livre e feliz só Marilia lhe vinha ao pensamento; penando só a lembrança de Marilia lhe podia suavisar seus males.

A alçada creada no Rio condemnou Gonzaga a degredo perpétuo para as Pedras d'Angoche; pena commutada em dez annos de degredo para Moçambique.

Em fins de setembro de 1793, deixou este poeta o solo brazileiro para ir cumprir seu destino, que segundo elle mesmo dizia, na última lyra que compôs, era o de ir *morrer em vil desterro*.

Em Moçambique quiz dedicar-se á advocacia. Mas de contínuo lhe vinham á mente as injustiças dos homens... fez-se hypocondriaco. — Lembravam-lhe suas antigas esperanças de amor e de glória... frustradas.

Algum tempo depois sentia que a cabeça lhe abrazava... Deixou de trazer chapéo. Mas o calor que soffria não era physico. Foi acomettido de uma febre violenta de que esteve á morte. Os soccorros da medicina restituiram-lhe a saude do corpo; mas o espirito ía de mal a peor. Quando não tinha acessos de furor ou de ternura obedecia em tudo á mulher que o tratára na doença.

E louco terminou seus dias em 1809 quem fôra capaz de compôr e de legar ao mundo a preciosa lyrica intitulada *Marilia de Dirceu*.

[Tomás Antônio Gonzaga nasceu na freguesia de Miragáia, rua dos Cobertos, na cidade do Pôrto, a 11 de agosto de 1744. Foram seus pais o icenciado João Bernardo (não Bernardes) Gonzaga, natural do Rio de Janeiro, e D. Tomásia Isabel Gonzaga, natural do Pôrto, filha de John Clark, inglês, negociante ali estabelecido. — Conf. José Pereira de Sampaio (Bruno), *Portuenses illustres*, I, ps. 297/302, Pôrto, 1907. O texto dispensa maior desenvolvimento à biografia de Gonzaga: o pouco que falta refere-se à correção da data do embarque do degredado no Rio de Janeiro para Moçambique, que foi a 22 (aliás 23) de maio de 1793, no navio *Nossa Senhora da Conceição Princesa de Portugal*, "nome que quase se poderia dizer maior que o barco" — aditamento do Autor à biografia do poeta, in *Revista do Instituto His-*

tórico, XIII, ps. 405; ao seu casamento no exilio, com uma senhora de muita fortuna e poucas letras, chamada D. Juliana de Sousa Mascarenhas, entre maio e agosto de 1793, e ao seu falecimento, ocorrido nos princípios do ano de 1810, talvez em fevereiro, — M. Rodrigues Lapa, *Tomás Antônio Gonzaga — Marilia de Dirceu e mais poesias*, ps. XXIV-XXVI, Lisboa, s/d.

Para sua bibliografia veja:

— *Gonzagueana da Biblioteca Naaional*. — Catálogo organizado pelo Bibliotecário Emanuel Eduardo Gaudie Ley, in *Anais da Biblioteca Nacional*, vol. XLIX, ps. 417/492.

— Oswaldo M. B. de Oliveira. — *As edições de Marilia de Dirceu*. — Rio de Janeiro. Estão aí descritas quarenta e sete edições em português e nove traduções em francês, italiano, latim, castelhano e alemão. — "Nenhuma obra em portuguez, a não ser o Camões, tem tido mais edições neste seculo [XIX], escreveu o Autor, *Revista do Instituto Historico*, XII, ps. 123.

— Gonzaga é patrono da cadeira n. 37 da Academia Brasileira. — R. G.]

LYRAS

I.

Tu não verás, Marilia, cem captivos
Tirarem o cascalho, e a rica terra,
Ou dos cercos dos rios caudalosos,
Ou da minada serra.

Não verás separar ao habil negro
Do pezado esmeril a grossa arêa,
E já brilharem os granetes de oiro
No fundo da batêa.

Não verás derrubar os virgens mattos;
Queimar as capoeiras ainda novas;
Servir de adubo á terra a fertil cinza:
Lançar os grãos nas covas.

Não verás enrolar negros pacotes
Das sêccas folhas do cheiroso fumo;
Nem espremer entre as dentadas rodas.
Da doce cana o sumo.

Verás em cima da espaçosa meza
Altos volumes de enredados feitos;
Ver-me-has folhear os grandes livros,
E decidir os pleitos.

Em quanto revolver os meus consultos:
Tu me farás gostosa companhia,
Lendo os factos da sábia mestra história.
E os cantos da poesia.

Lerás em alta voz a imagem bella,
Eu vendo que lhe dás o justo apreço,
Gostoso tornarei a ler de novo
O cansado processo.

Se encontrares louvada uma belleza,
Marilia, não lhes invejes a ventura,
Que tens quem leve á mais remota idade
A tua formosura.

II.

Péga na lyra sonora,
Péga, meu caro Glauceste;
E ferindo as cordas de oiro,
Mostra aos rusticos pastores
A formosura celeste
De Marilia, meus amores.
Ah, pinta, pinta
A minha bella!
E em nada a cópia
Se afaste della.

Que concurso, meu Glauceste,
Que concurso tão ditoso!
Tu és digno de cantares
O seu semblante divino;
E o teu canto sonoroso
Tambem do seu rosto é dino.
Ah, pinta, pinta
A minha bella!
E em nada a cópia
Se afaste della.

Pâra pintares ao vivo
As suas faces mimosas,
A discreta natureza
Que providencia não teve!
Creou no jardim as rosas,
Fez o lyrio, e fez a neve.
Ah, pinta, pinta
A minha bella!
E em nada a cópia
Se afaste della.

Pâra pintares Glauceste,
Os seus beiços graciosos,
Entre as flores tens o cravo,
Entre as pedras a granada,
E para os olhos formosos,
A estrella da madrugada.
Ah, pinta, pinta,
A minha bella!
E em nada a cópia
Se afaste della.

Mal retratares do rosto
Quanto julgares preciso,
Não dês a cópia por feita;
Passa a outros dotes, passa,
Pinta da vista, e do riso
A modestia, mais a graça.
Ah, pinta, pinta,
A minha bella!
E em nada a cópia
Se afaste della.

Pinta o garbo de seu rosto
Com expressões delicadas;
Os seus pés, quando passeam,
Pisando ternos amores;
E as mesmas plantas calcadas
Brotando viçosas flores.
Ah, pinta, pinta,
A minha bella!
E em nada a copia
Se afaste della.

Pinta mais, presado amigo,
Um terno amante beijando
Suas douradas cadêas;
E em doce pranto desfeito,
Ao monte e valle ensinando
O nome, que tem no peito.

Ah, pinta, pinta
A minha bella!
E em nada a cópia
Se afaste della.

Nem suspendas o teu canto,
Inda que, pastor, se veja
Que a minha bocca suspira,
Que se banha em pranto o rosto;
Que os outros choram de inveja,
E chora Dirceu de gôsto.
Ah, pinta, pinta
A minha bella!
E em nada a cópia
Se afaste della.

Aquelle, a quem fez cégo a naturesa,
C'o bordão palpa, e aos que vem pergunta;
Ainda se despenha muitas vezes,
E dois remedios junta!

De ser céga a fortuna eu não me queixo;
Sim me queixo de que má céga seja:
Céga, qué nem pergunta, nem apalpa,
É porque errar deseja.

A quem não tem virtudes, nem talentos,
Ella, Marilia, fez de um sceptro dono:
Cria n'um pobre berço uma alma digna
De se sentar n'um trono.

A quem gastar não sabe, nem se anima,
Entrega as grossas chaves de um thesoiro;
E lança na miseria a quem conhece
Para que serve o oiro.

A quem fere, a quem rouba, a infame deixa,
Que atraz do vicio em liberdade corra;
Eu honro as leis do imperio, ella me opprime
Nesta vil masmorra.

Mâs ah! minha Marilia, que esta queixa
Com a solida razão se não coaduna
Como me queixo da fortuna tanto,
Se sei não ha fortuna?

Os fados, os destinos, essa deosa,
Que os sabios fingem, que uma roda move,
É só a occulta mão da Providencia,
A sábia mão de Jove.

Nós é que somos cégos, que não vemos
A que fins nos conduz por estes modos;
Por torcidas estradas, ruins veredas
Caminha ao bem de todos.

Alegre-se o pervorso com as ditas;
C'o seu merecimento o virtuoso;
Parecer desgraçado, ó minha bella,
É muito mais honroso.

Meu sonoro passarinho,
Se sabes do meu tormento,
E buscas dar-me, cantando,
Um doce contentamento,

Ah! não cantes, mais não cantes,
Se me queres ser propício;
Eu te dou em que me faças
Muito maior beneficio.

Ergue o corpo, os arcos rompe,
Procura o Porto da Estrella,

Sóbe á serra, e se cansares,
Descansa n'um tronco della.

Toma de Minas a estrada,
Na igreja nova, que fica
Ao direito lado, e segue
Sempre firme a Villa Rica.

Entra nesta grande terra,
Passa uma formosa ponte,
Passa a segunda, a terceira.
Tem um palacio defronte.

Elle tem ao pé da porta
Uma rasgada janella,
É da sala, onde assiste
A minha Marilia bella.

Pâra bem a conheceres,
Eu te dou os sinaes todos
Do seu gesto, do seu talhe,
Das suas feições, e modos.

O seu semblante é redondo,
Sobrancelhas arqueadas,
Negros e finos cabellos,
Carnes de neve formadas.

A bocca risonha e breve,
Suas faces côr de rosa,
N'uma palavra, a que vires,
Entre todas mais formosa.

Chega então ao seu ouvido,
Dize, que sou quem te mando,
Que vivo nesta masmorra,
Mâs sem alivio, penando.

Se o vasto mar se encapella
E na rocha em flor rebenta,
Grossa nau, que não tem leme,
Em vão sustentar-se intenta;
Até que naufraga e corre
Á discrição da tormenta.

Quem não tem uma belleza,
Em que ponha o seu cuidado,
Se o ceo se cobre de nuvens,
E se assopra o vento irado,
Não tem fôrças, que resistam
Ao impulso do seu fado.

Nesta sombria masmorra,
Aonde, Marilia, vivo,
Encosto na mão o rosto,
Fico ás vezes pensativo.
Ah! que imagens tão funestas
Me finge o pesar activo.

Parece que vejo a honra,
Marilia, toda enlutada;
A face de um pai rugosa,
N'um mar de pranto banhada;
Os amigos macilentos,
E a familia consternada.

Quero voltar os meus olhos
Pâra outro diverso lado;
Vejo n'uma grande praça
Um theatro levantado;
Vejo as cruzes, vejo os potros,
Vejo o alfanje afiado.

Um frio suor me cobre,
Lassam-se os membros, suspiro;
Busco allívio ás minhas âncias,
Não o descubro, deliro.

Já, meu bem, já me parece,
Que nas mãos da morte expiro.

Vem-me então ao pensamento
A tua testa nevada,
Os teus meigos, vivos olhos,
A tua face rosada,
Os teus dentes crystallinos,
A tua bocca engraçada.

Qual, Marilia, a estrella d'alva,
Que a negra noite afugenta;
Qual o sol, que a nevoa espalha
Apenas a terra aquenta;
Ou qual Iris, que o ceo limpa,
Quando se vê na tormenta;

Assim, Marilia, destérro
Triste illusão, e demencia;
Faz de novo o seu officio
A razão e a prudencia;
E firmo esperanças doces
Sôbre a candida innocencia.

Restauro as fôrças perdidas,
Sobe a viva côr ao rosto,
Gyra o sangue pela vêa,
E bate o pulso composto:
Vê, Marilia, o quanto póde
Contra os meus males teu rosto

DOMINGOS CALDAS BARBOSA

DOMINGOS CALDAS BARBOZA

Pouco antes da suppressão dos Jesuitas frequentava as aulas delles, no Rio de Janeiro, certo pardinho travesso, que se distinguia entre seus collegas pela facilidade que tinha de rimar. Esse joven, vendo-se applaudido em seus primeiros ensaios, começava a desmandar-se em invectivas de mau gôsto, quando, por correcção, lhe sentaram praça de soldado, e o destacaram para a Colonia do Sacramento, nesse tempo a Ceuta ou a Gibraltar d'America.

Se bem que não fossem as armas a vocação do bisonho militar, tão pouco encontraria nellas grande castigo; por quanto seu genio social e prazenteiro prompto lhe grangearia amigos entre os novos camaradas, com que passar vida alegre e folgada. Entretanto, voltando ao Rio quando a Colonia foi occupada pelos Hespanhoes em 1762, aproveitou a occasião para sollicitar sua baixa de serviço; e, apenas a conseguiu, resolveu, com auxilio de seu pai, passar-se ao Reino, onde veio a adquirir certa celebridade, que até agora tem sido, quanto a nós, ou exagerada, ou, talvez, innocentemente calumniada.

Tratâmos de Domingos Caldas Barboza, que convem não confundir com o sublime e biblico poeta Sousa Caldas, tambem brazileiro, de quem adiante nos occuparemos.

O pai de Caldas Barboza, segundo elle nos dá a entender, era de Portugal:

Filho de honrado colono
Q'em soberba e curva quilha
Dos ventos ao desabono
Foi ao novo mundo e ilha
Soffrer o perpétuo somno.

N'outra occasião refere-se o mesmo Caldas á sua triste e longa história e á lealdade de seu pai que contada, diz elle, fazia a glória d'ambos: e accrescenta:

Herdei-lhe a infelicidade,
Mâs honro a sua memória.

Sua mãi era uma negra escrava de seu pai: ésta circumstancia do nascimento, que elle apregoava no rosto, parece que o affligia por extremo; se bem que alguma vez tratasse de atenuar:

Desde o triste nascimento
Fundára minhas razões
Se fôra aqui meu intento
Ir desculpar gerações:
E tenho em conhecimento
Que não houve dois Adões.

Rara vez encontraremos Caldas Barboza em suas composições repassado de melancolia, sem que nos fale do seu berço; o que nos faz crer que antes era a lembrança do mesmo berço que lhe inspirava esses versos sombrios. Citaremos em primeiro logar as quadras:

Rodeou feia tristeza
Meu berço logo ao nascer:
Bafejou-me a triste vida,
Serei triste até morrer.
Ao abrir dos frouxos olhos
Vi o dia escurecer,

Foi preságio da tristeza,
Serei triste até morrer.

bem como aquella:

Desgraçado desde o berço
Serei té a sepultura,
Pois assim o quiz meu fado
Chóro a minha desventura.

Faremos ainda menção dos sonetos, principalmente no que diz

Negro vapor da terra aos ceos alçado
Veio empecer-lhe a alegre louçania,

dos sentidos improvisos,

Ao som da lyra a chorar,

e das tristissimas quadras

Á mortal melancolia.

Caldas Barboza achava-se em Vianna do Minho quando recebeu a notícia fatal da morte de seu pai, que equivalia para elle ao annúncio de sua immediata indigência:

Assim de remoto clima
Deixei do sul o cruzeiro,
Vi do norte a estrella em cima
De muito maior luzeiro;
Nas margens do claro Lima
Eu me vi orfão primeiro,
E então da fortuna opima
Vi o dia derradeiro.

Durante essa residencia em Vianna foi que elle compoz à *Tempestade* aquella ode:

O torvo inverno sôbre pardas nuvens
Caminha á foz do socegado Lima.

Por occasião da inauguração da estátua equestre d'El Rei D. José em 1775, foi Caldas Barboza um dos que appareceram a festejar essa solemnidade com suas composições poeticas.

Ao mesmo rei D. José dedicou Caldas a *Lebreida*, frouxa composição em 50 oitavas rimadas, que nem merece o nome de poema, e cujo assumpto foi uma real caçada de lebre, presenciada pelo autor, que á custa della ía ganhar talvez a protecção do monarcha, se não falecesse este logo depois:

..... Quem diria
Quando o grande rei me honrou
E da facil poesia
Agradar-se assim mostrou;
Que de noite que de dia
Gratamente me escutou;
E a real protecção pia
Franquear-me começou,
Que tão pouco viveria!!

Felizmente para o infeliz orfão ao faltar-lhe tal Augusto, encontrou um Mecenas, que foi seu arrimo e amparo.

O Regedor das Justiças José de Vasconcellos e Sousa (irmão do conhecido Vice-rei do Brazil), ao depois Conde de Pombeiro, foi o novo protector que appareceu a Caldas Barboza, a quem amparou por toda a vida; e tão grande este lhe ficou que, apezar da prohibição que rece-

beu, a maior parte das suas composições, fóra as cantigas, tem por objecto perpetuar as virtudes, acções, anniversarios natalicios, etc. do mesmo Conde Regedor e de sua boa familia.

Essa protecção não se limitou a dar-lhe cama e meza primeiro no palacio de seu irmão o Marquez de Castello Melhor, e depois de casar-se nos seus aposentos da Bemposta; senão que o fez ordenar, arranjou-lhe um beneficio, e o logar da capellão da Casa da Supplicação.

Além disso introduziu-o em toda a boa sociedade da Côrte, cuja estima o protegido depois soube cantar, já pela facilidade de seus improvissos cantados ao som da viola, é similhança de um lyrico grego ou de um trovador da idade média, já por sua alma affectuosa e inoffensiva, que não creava inimigos, nem era accessivel a intrigas. Este acolhimento foi tal que a presença do Caldas se tornou quasi uma necessidade de todas as festas, sôbre tudo nas partidas do campo. Nas aristocraticas reuniões das Caldas, nos cansados banhos do mar, nos pictorescos passeios de Cintra, em Bellas, em Queluz, em Bemfica, sociedade onde não se achava o fulo Caldas com sua viola não se julgava completa.

Todos os sitios mencionados ficaram em seus versos commemorados; sendo para lastimar que o autor figura nelles geralmente mais como truão do que como poeta, v. gr. no seguinte estribilho:

Ai ceo
Ella é minha yayá,
O seu *moleque* sou eu.

Mâs em abono do nosso trovador cumpre dizer que essa abnegação devia de ser calculada. Caldas Barboza

conheceu, por ventura, que na sociedade a paixão mais prejudicial nella mais commum, é a do amor proprio: tinha a consciencia do pouco valimento de sua côr n'um paiz onde ella era um máu preconceito: preferiu pois passar por bobo, ser o primeiro a escarnecer de si á custa de sua dignidade, mas ir vivendo descançado; como fez depois o bom Tolentino, que a elle no caracter e no estillo ás vezes se assemelha.

Além de que a mesma falta premeditada de amor proprio era uma qualidade a favor dos improvisos de Caldas. Nelles olhava este só ao effeito do momento, não á rima e perfeição; surprehendia os motes e glosava-os segundo se lhe apresentavam; a tal ponto que alguns por incompletos parecem absurdos por que não se deram á imprensa as circumstancias que os acompanharam. Encontrareis ahi muitos desalinhos, e faltas d'arte, mas atravez dessa irregularidade e pobreza de vestuarios descubrireis muita vez inspirações originaes.

Podiam, quanto a nós, comparar-se as inspirações do nosso improvisador aos caprichos do pintor Goya. Este a rir reduzia a quadros, que depois se copiavam em razes, as murmurações da Côrte do Prado e do Escurial; mostra genio; mâs é na execução incompleto e ás vezes grosseiro. Caldas tambem não quer saber de correcções: nos seus estribilhos admitte trivialidades, e até disparates semsabores; v. gr.

Meu bem está mal com eu
Gentes de bem pegou nelle
Tape, tape, tipe, ti,

e outras quejandas, que fizeram com que alguem o nomeasse por autor de cantiguinhas com seus ai lé lé.

Andam por quasi duzentas as taes cantigas, que nos deixou. A maior parte correm impressas em dois volumes, accompanhadas do seu retrato. Muita gente se admira de que essas cantigas tivessem tão grande acolhimento, e por ventura chegou a condemnar o gôsto poetico da sociedade que as apreciava, sem se lembrar de dar desconto ao trovador, que se via muita vez obrigado só por comprazer a glosar sem inspiração; e aos ouvintes que não applaudiam só a poesia, mas tambem a melodia do accompanhamento da voz e da viola, e a docilidade daquelle que não se mostrava jamais esquivo em fazer-se agradavel.

Mas Caldas Barboza não deve ser só avaliado pelas suas cantigas: nem são ellas as que lhe dão a corôa de poeta. Quintilhas nos deixou que têm muito da natural graça e singeleza das de Sá de Miranda; compoz muitos sonetos, e póde dizer-se que se ensaiou em todo o gênero de poesia. No didactico possuimos delle, em rimas emparelhadas, uma recopilação da história sagrada, cuja 2.ª edição foi feita em 1793. Della se conservam quasi todos os exemplares alçados e em papel, na livraria da Casa de Castello Melhor em Lisboa, e é obra que ainda hoje podia servir nas escolas para os meninos reterem na memória o mais importante da Escriptura. Compoz tambem Caldas neste gênero duas epistolas a Arminda ácerca da metrificação, cujos preceitos expõe com clareza, mas demasiado pobremente. Além disso fazemos menção do canto em verso solto, *O Jardim;* da canção

Qual enxame de abelhas sussurrando.

da traducção da ode 1.ª de Horacio, e da carta de Mme. Deshoulieres á Snra. que queria ser poetisa, etc. Em

fim as suas poesias lhe mereceram entrada na Arcadia de Roma com o nome de Lereno Selinuntino.

Caldas Barboza era para com os seus collegas superior a todo sentimento de inveja ou de rivalidade. Procurava quanto podia o trato dos poetas, aos quaes rendia muitos serviços, fazendo valer suas relações cortezãs. E longe de os recommendar humilhando-os ao seu valimento, procurava occasião favoravel para o fazer com dignidade, e de modo que cada qual se apresentasse logo a pedir com o direito adquirido por seu comprovado merecimento. Foi assim que uma vez se aproveitou de certo anniversario para recomendar ao seu Mecenas entre outros poetas a Elmiro (José Agostinho de Macedo), que na ode encomiastica ao Conde de Pombeiro consagra as seguintes expressões ao seu amigo Caldas:

Eia sublime, sonoroso Caldas,
Improviso cantor, eu pulso a Lyra,
Que Apollo enasta de frondosa rama:
O fogo que respira
Nos versos teus com rutilante chama,
Com que a voluvel fantasia escaldas,
Eu sigo: e o vôo rapido qu'ergueste
Do ninho americano, onde nasceste.

Eia anima o meu canto, ao eco sagrado
Eu me sinto levar: toco co'a frente
O convexo d'abobeda azulada
Do astro refulgente,
Já vejo o disco, e face illuminada,
Vejo o plano estensissimo encrespado,
Que sôbre um lenho intrepido sulcaste,
Quando o cruzeiro lucido encaraste.

Lá vejo a praia, lá desubro a arêa,
Na qual eleva a torreada frente,

A quem Neptuno cede o sceptro undoso;
Lá vão pelo horizonte
As ameas do muro magestoso,
Que em torno cinge a inclita Ulissea,
Côrte famosa, que avistando honraste,
Quando as arêas humidas beijaste.

Ah! tu não trazes o metal luzente,
Os accesos rubins, os diamantes,
Nem esses lenhos nos sertões cortados,
Nem aromas fumantes,
Que ponhas nos altares consagrados,
Que offerta o rico lucido Oriente:
Mâs versos urdes de immortal belleza,
Sublime voz da simples natureza.

Ah! tu de Vasconcellos hoje o dia
Natal na lyra, que te dera Apollo,
Nos astros leva, onde mora Astrea,
E de um a outro póllo
Leva a glória da inclita Ulissea
Na improvisa, na doce melodia,
Sôe o seu repentino altivo canto,
Q'a mim, ao mundo possa encher d'espanto.

Eu confundido, qual mesquinho ganço,
Entre bandos de cisnes sonorosos,
Que nas ismeneas ondas se mergulham,
E bebem dos undosos
Rios, que no Parnaso inda borbulham,
Tão remontados vôos não alcanço,
Que versos possa urdir alti-sonantes,
Mais sublimes qu'o oiro, qu'os diamantes.

Já a par de um bisavô, qu'o vacilante
Reino susteve nos nervosos hombros
Pela Patria infeliz sacrificado,
Entre pasmos, e assombros
Lá lhe levantam busto consagrado,
Fundido do metal puro, e brilhante,

Outros já pulem os penhascos broncos,
E já dos bosques desarreigam troncos.

A empresa é grande, porém tu sobejas,
Cinge-te a ella, sonoroso Caldas,
Desprega as aureas magestosas pennas,
Pois do Parnaso as faldas
Deixas, e sobes, as mansões serenas;
Mâs se outros vates inclitos descjas,
Que rouca tornem esta lyra minha,
Tens os cisnes qu'o fulvo Tejo aninha.

Elles louvem comtigo o natal dia,
Que tantas vezes seja repetido,
Q'Apollo gaste o coche e gaste as rodas;
Louvado, e applaudido
Seja dos povos, e das gentes todas,
Que cheios de prazer e de alegria
Lhe augurem para sempre dilatados
Seculos pelos ceos abençoados.

É verdade que nesta ode, cujo estylo elevado não condiz com o assumpto, parece que Elmiro (1) tinha mais em vista inculcar seus vôos que dizer o que sentia.

(1) Não perdoou Bocage a José Agostinho esta circumstancia na grande satyra com que o zurziu:

Chamaste grande, harmonico ao Lereno,
Ao fusco trovador, que em papagaio
Transformaste depois, havendo impado
Com tavernal chanfana, alarve almoço,
A expensas do coitado orang-otango,
Que uma serpe engordou, cevando Elmiro.

Note-se porém que papagaio se chamava Lereno a si proprio:

Não é do Tamise um cysne
Que vai soltar doce canto:
Brazileiro papagaio
D'arremedo a voz levanto.

Mais sinceros, se bem que menos estrondosos, são os elogios que lhe fazem Belmiro Transtagano (Belchior Curvo Semedo) Corydon Neptunino, e sôbre todos Eurindo Nonacriense, cujo seguinte trecho não podémos deixar de transcrever; pois nos revela o amavel caracter de Lereno:

..... Unicamente
As virtudes pacificas me aprazem.
Tu ris, Lereno amado? E c'o meneio
Dos perspicazes olhos do semblante
Com que approvas o pensar d'Eurindo?
.....
Sei que o mal te aborrece, o bem te enleia,
Que um coração te ha dado o Ser Supremo
Onde mil dotes candidos se acolhem.
.....
Mas vejo, amavel Caldas, que te enojas
De tão comprida arenga, e que a sonora
Lyra tomando, que te afina Apollo,
Vás nella eternisar do grão Pombeiro,
Da illustre esposa virtuosa e bella,
Os claros nomes, meritos sublimes.
Da fresca Bellas, os amorosos troncos
Mover (que assombro!) vejo ao som divino.

Porém Caldas Barboza, apezar de sempre leal e consequente com seus amigos, teve por vezes o dissabor de não se ver correspondido. Chegou a ser íntimo de Bocage; mâs este poeta sacrificava os seus amigos ao prazer de exercitar sua innata maledicencia. Bem conhecido é o epigramma que compoz quando certo intrigante lhe foi dizer que se queixára Lereno dessa sua pessima qualidade:

Dizem que Fabio Beltrão
Em Bocage ferra o dente,
Ora é forte admiração.
Ver um cão morder na gente?

Além de ingratidões similhantes, que são duras de soffrer a uma alma candida e ingenua, como a de Lereno, viu este ainda em vida hostilisado e enxovalhado por invejosos da reputação exaggerada que o público lhe creára. Este resentimento de varios arcades contemporaneos ainda dominava Filinto quando ao desterro se incommodava de que applaudissem em Portugal

Os versinhos anões a anãs Nerinas
Do cantarino Caldas a quem parvos
Poem a alcunha de Anacreonte luso,
E a quem melhor de Anacreonte fulo
Cabe o nome; pois tanto o fulo Caldas
Imita Anacreonte em versos, quanto
Negro perú na alvura ao branco cysne.

Este juizo parece-nos apaixonado, e em parte contradictorio. O que é sem dúvida é que muitas composições de Lereno são sem merecimento, o que por fôrça devia succeder a quem muita vez compunha só por obsequio, e sem inspiração. Mâs algumas poesias ha suas que são bastantes para que os litteratos o tratem com consideração, embora se deva confessar que profundava pouco, sabía menos, não estudava, e tudo devia á natureza; pois como elle diz singelamente:

Versos me viram fazer
Por innato e doce tom.

Domingos Caldas Barboza terminou seus dias quasi ao mesmo tempo que o precedente seculo. Falleceu a 9

de Novembro de 1800 de uma rapida enfermidade que apenas lhe permittiu prover-se dos sacramento. Depois de ser depositado seu corpo n'uma capella que tem os Condes de Pombeiro dentro de um bosque no seu palacio da Bemposta, foi enterrado na igreja parochial dos Anjos, em cujo liv. a fl. 277 está lavrado o seu assento de obito, do qual devemos uma certidão á bondade da Exma. V. d'A. quando creança mui valida do nosso poeta, que a posteridade avaliará no justo termo que lhe cabe.

Segundo informações que obtivera o defunto conego Januario, Caldas Barboza nascêra no mar, vindo sua mãi d'Africa para o Rio de Janeiro. Esta informação cairia só por si diante das pessoas da familia de seu protector e do de J. Agostinho, que affirmam que elle era filho do Brazil. Mâs o proprio Caldas diz que, quando nasceu,

> Por cima da infeliz choça
> Gralha agoureira se ouviu.

o que dá a entender que nascêra em terra. Mais: continuamente está elle a confessar que é brazileiro, chamando-se até papagaio, e pelo seu genio nem se lhe importaria de apropriar-se o epiteto de orang-otang, que lhe dá o seu amigo Bocage. Descrevendo a Albano em versos soltos certas festas de Queluz, diz tratando do Principe do Brazil:

> É mais do que teu...
> Do throno portuguez, é inda herdeiro,
> Mâs é principe já da patria minha.

E quem não conhece aquelles seus versos:

Nós lá no Brazil
A nossa ternura,
A assucar nos sabe,
Tem muita doçura.

E os chulos lunduns da *Nhánhásinha* e do *Charapim*, em que se lembra da *cuia*, do *angú*, do *quingombó*, da *malagueta*, do *mel do tanque* etc. etc.

Não abandonemos pois ao oceano cosmopolita a nacionalidade do bom fulo Caldas, que tanto se occupou do Brasil.

[Domingos Caldas Barbosa tem a data e o lugar de seu nascimento incertos. Teria vindo ao mundo em 1740, para deixa-lo aos sessenta anos de idade, no último ano do século; teria nascido no Rio de Janeiro, segundo deduziu o Autor, e não no mar, em viagem de seus pais de Angola para o Brasil, conforme admitiu o Cônego Januário da Cunha Barbosa, na biografia do poeta, — *Revista do Instituto Histórico*, IV, ps. 210/211.

Essa biografia e a que escreveu o Autor no texto supra, reproduzida na *Revista* citada, XIV, ps. 449/460 (com retrato), — eis tudo quanto se conhece sobre o poeta, famoso e interessante, por suas sátiras e suas cantigas, odiado por uns e estimado por outros. "Contra êle, diz Varnhagen, *Historia Geral do Brasil*, IV, ps. 362, nota, possuimos nós um poema heroi-cômico, intitulado *Caxorraida*, obra do Dr. José Botelho, de Vila Real."

Sua obra poética foi reunida na *Viola de Lereno*: *Collecção de suas Cantigas. Offerecidas aos seus Amigos*. — Vol. I. Lisboa: Na Officina Nunesiana. Com licença do Desembargo do Passo (sic). Ano 1798, in-8.°, VIII números. — Vol. II. Lisboa: Na Typographia Lacerdina. 1826, in-8.°. Com Licença. VIII números.

Essa coletânea teve recente edição na Biblioteca Popular do Instituto Nacional do Livro, n. XIV, in-8.°, 2 volumes, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1944. — R. G.].

Desafôgo do Estro

Já fatigado de forçar vãmente
Aferrolhadas portas do futuro;
Cançado de espreitar por várias fendas
O que o tempo por vir-me tem guardado;
Surgir vejo o phantasma do possivel,
Q'ora se apouca, e ora se agiganta,
Sinto o pavor, que vai calando as veias,
E aqui me prende o sangue, ali o agita;
Ah! quer de mim fugir minha alma afflicta!

Armania, Armania... timido eu clamava,
E os soluços a rouca voz cortando,
Só arma, arma... pelo ar soava,
E o echo o triste som ia alongando:
Não sei se mais me assusta a infeliz troca,
Que faz perder teu nome em minha bocca.

Mas graças a Morfêeo co'a plumbea vara
O meu corpo tocou, e as dormideiras
Espremeu nos meus olhos assustados:
Cerram-se frouxamente, á luz do dia,
E afracando-me os pés, falhando o passo,
Já na terra baquêa o corpo lasso.

Outra vez a Morfêo as graças rendo,
Q'arranjando a revôlta phantasia,
Faz q'em torno de mim ledos risonhos,
Voem alegres lisongeiros sonhos:
Vem com elles em placida mistura,
Vivificas voluveis esperanças:
Qual me mostra a abundancia bem de perto
Q'a mão estende, e sôbre mim entorna
O seu torcido cofre, nunca exausto;
Qual me faz ver q'o meu merecimento
(Quanto se alegra esta alma com tal vista)
Cresce de dia em dia, e vai subindo

Á sombra do alto throno, q'o escuda,
Aos raios que fulmina a ardente inveja.
Ah seja embora assim, sempre assim seja

Quem avalia a confusão q'eu tive,
Ao ver o lindo rosto da ventura,
Na sonhada phantastica figura?
Armania, Armania, viste-me risonho,
É q'eu vi a fortuna, mas foi sonho.

Pareceu-me que o templo seu me abria
Que tu a elle mesmo me guiavas,
Q'inclinando-se meiga, já me ouvia,
Q'á sua protecção tu me entregavas,
Q'a poderoza mão ella estendia,
E que de onde eu jazia, ella me alçava.
Já quasi entrava as portas da fortuna,
Eis subito se erguer vapor espesso;
Pâra aqui vou errado, ali tropeço.

Por entre a nuvem adiante opposta,
O templo eu vejo, as portas vejo abertas,
Lá vejo os bens, que pâra mim pedias,
Não é longo o caminho, o altar é perto,
Mas se Armania me deixa, eu não acerto.

Armania, Armania, acode-me: que monstro
De orelhas azininas, larga bocca!
Não tem, não tem mais horridos latidos,
O rouco ladrador das tres gargantas.
Cruel maledicencia, assim se avança,
Vomita em mim o infernal veneno,
Ó triste sorte do infeliz Lereno!

Os amores de feira

Librado sobre as azas
O deus de amor eu vi gyrar tres dias:
Desce ao Campo da Luz entra nas casas:
Com elle as inquietas alegrias
Os travessos prazeres,
Desassocegam homens, e mulheres.

Ora poisava em ariçadas tranças
Ora se vê a furto em olhos bellos
Semeando esperanças,
Que dão por triste fructo horriveis zelos
Ora em peito se esconde,
E ali existe, e não se sabe aonde.

No logar em que o povo compra, e vende,
Ali pretende amor ter lucro grande,
Subtis laços estende,
Nem algum ha que ali seguro ande,
Dão-se arriscados passos,
E eu vi a mais de cem cair nos laços.

Destra belleza ufana passeava
Turba immensa a seguia:
Com estudados gestos captivava,
E nunca se rendia,
A seus grilhões já presos
Vi muitos corações em vão acesos.

Martezia que de livre assim blazona,
E que tantos captiva
Por entre as ruas de baeta, e lona
Faz rabear a escrava comitiva,
E vai ao torpe bando
Desgraçados rivaes accrescentando.

Pendem d'um lado matizadas fitas,
Bordadas coifas, lenços mui galantes,
Várias plumas bonitas,
Lindas caixas, anneis extravagantes,
Com que o dêstro caixeiro
Faz do que pouco vai muito dinheiro.

De preparada concha a um lado alvejam
Pequenos corações com letras d'oiro,
Lem-se ali expressões, que se desejam.
Um acha o seu agoiro:
E numero infinito
Poupa em curto letreiro um longo escripto.

De um amphibio animal malhada casca
Dera os subtís anneis, que vende aos fios
Graciosa tarasca,
E os grosseiros bonecos d'assobios,
E as azues, e encarnadas charamelas,
E os molhos de perpetuas amarellas.

Já Martezia lá vai a recostar-se
Em certo mostrador, defronte eu fico;
Basta ella chegar-se
O pobre vendedor se torna rico:
Qual virtude eu conheço
Do que a ella lhe agrada sóbe preço.

Vãos peraltas lá vão em competencia,
Qual offertar-lhe a fita primorosa,
Que acceita por decencia;
Qual leva por offrenda graciosa
Um coração bem feito,
Tão fragil como o que lhe esconde o peito.

Esta volante, e frouxa bateria
Não póde inda rendêl-a;
E é falso amor, amor de zombaria,

O que se lê nos lindos olhos della:
E já Cupido irado
Tem digno vencimento destinado.

As magras bolsas dão o último alento.
E esta belleza invicta
Bem livre canta o proprio vencimento.
Fria isenção terriveis leis lhe dicta,
E astuta resistindo
Os deixou ir chorando, e ficou rindo.

Mas não zombes, cruel, que pouco tarda
A vingança d'amor,
A quem tua isenção não acobarda
Teme o teu vencedor,
Mil settas despontaste, mas espera
A que de Acrizio a prole já rendêra.

Fogosos brutos entre espuma envoltos
Duro freio raivosos mastigando
Param aonde os amorinhos soltos
Os virtuosos corações tentando
Escreviam attentos
A lista de futuros cazamentos.

Desce o moço Frondelio, então retine
O som das algibeiras
Não tarda que Martezia não se incline
Ás vozes lizongeiras
De oiro sempre suave,
Que ao peito sem virtude é propria chave.

Venceste, astuto amor, em fim venceste
Já Martezia delira,
Não fazem todos o que fez sô este,
A cruel já suspira,
Ao seu vil interesse é despresado
Mas alviçaras, amor, estás vingado.

Incautos moços, conhecei o engano,
E nelle contemplai o que eu contemplo,
E pâra o outro anno,
Lembrando o conto que vos dou d'exemplo,
Ninguem fiar-se queira
Em achadiços corações da feira.

Boas festas (1)

Eis-me a vossos pés prostrado,
Dai-me a beijar essa mão
Capaz de mudar meu fado,
E que em piedoza intenção
Me tem beneficiado.

Por ésta occasião, por ésta
Eu vos venho apparecer
Hoje com cara de festa,
Enfeitada do prazer,
Qu'entre esperanças me resta.

Felizes annos conteis,
Pedir ao ceo me compete,
E fazei vós, que podeis,
Me seja o de oitenta e sete
Melhor, que o de oitenta e seis.

Este o tempo, vós sabeis,
De cumpridas prophecias:
Tenho fé nas que fazeis,
Lembro mais, que estou nos dias.
Dos donativos dos rêis.

---

(1) Ao Arcebispo Inquisidor.

Mas temo uma má ventura,
Que tudo o meu me baralha,
E cruel talvez procura
Embrulhar-me na mortalha,
Tristes bens da sepultura.

Dai-me vós algum conforto,
Marcai mais curta ésta méta:
Q'ás vezes pondero absorto
Que já Camões o poeta
Foi feliz depois de morto:

Quizera que a real mão,
Que faz felizes as gentes,
Me tirasse de aflição:
E em quanto inda tenho dentes
Me desse da Igreja o pão.

E mais que o proprio sustento
Vai-me a honra interessada,
Porque haverá fraudulento,
Q'affirme, que não ter nada
É não ter merecimento.

Fôra o meu crime cantar,
Se isto crime póde ser!
Agora vou-me a mudar
De cantar para comer,
A comer para rezar.

E pois que o Senhor vos pôz
Onde me valhais assim:
Vá um ajuste entre nós:
Orai vós, e orai por mim,
E eu rezarei por vós.

Não quero ser mais extenso,
Boas festas vos agoiro;

E ao Misterio a que eu pertenço,
Fazei possa offertar oiro,
Q'eu só tenho mirra, e incenso.

Aos annos da condessa de Pombeiro

Hoje é dia de oblação,
E eu trago do meu tezouro
Coizas, que já raras são:
Valem mais que prata, e ouro,
Pedaços de gratidão.

Trago palavras, Senhora,
Q'offertar-vos: não duvido;
Ralhe o Mundo muito embora,
Q'expressões de agradecido
Não são de lançar-se fóra.

Mas disto não venho mal;
E se eu mesmo testimunho,
Q'ante vos ser grato val:
Da gratidão com o cunho
Trago muito cabedal.

Trago dos meus companheiros,
Os que vos servem commigo,
Q'ahi vedes prazenteiros,
Parabens de cunho antigo
Singelos, e verdadeiros.

Qual diz: que aos céus vos pediu,
E que do céo vos julgou,
Apenas vos descobriu;
Pois as que o céu vos doou,
Graças iguais nunca viu.

Qual vos viu entre as mantilhas,
E logo, em belleza, diz:
Que podieis dar partilhas,
E mostra que as repartís
Pelos filhos, pelas filhas.

Qual vos trouxe nos braços,
E qual pelas andadeiras
Vos teve em primeiros passos:
Qual conta as graças primeiras,
E pueris desembaraços.

Por todos se nota então
Quanto mais fieis crescendo
Ia crescendo a razão;
Mais, e mais apparecendo
Formozura, e discrição.

Trago entre tantos louvores
Com o toque da verdade
Agradecidos clamores,
De vozes de toda a idade,
Gentes de todas as côres.

Reparai bem no alvoroço
De mim, e de todos estes:
Reparai no aceio nosso:
Pâra tanto vós nos destes,
Quanto vêdes tudo é vosso.

Mâs aqui não pareis, não:
Veja o vosso entendimento,
Qual vem nosso coração,
Que traz agradecimento
Por cambio de gratidão.

Tomemos um tom mais alto:
Convem á honra do dia;
Saiba o Mundo que eu não falto,

Dando em signal de alegria
Até nos versos meu salto.

Dos outros disse até-aqui;
Agora de mim direi:
Que logo quando vos ri
Desde então presagiei
Cumpriu-se o que eu antevi,

Inda nas faxas honraste
Minha rude cantilena:
Já quando então me escutaste,
Sempre ao som da minha avena
Piedosos olhos voltaste.

A minha uzada amargura
Diminuir-se eu sentia:
Cuidei que era a formosura,
A cujo esplendor fugia
Minha feia má ventura.

Batia o meu coração,
Qual podia se expressava,
Elle me dizia então:
Qu'em vossos dias estava
Dos meus a consolação.

Quando na desgraça minha
José estancou meus ais,
Roguei ao céo, qual convinha,
Desse aos outros gandes mais
Almas, como a que elle tinha.

Ouve o céo meus gritos lassos;
Foi a minha voz ouvida:
Teceu estes doces laços,
Eis sua alma á vossa unida
Já nos dão dignos pedaços.

Possa a tão justa união,
Segura em doces affectos,
Respeitar do tempo a mão,
E os netos dos vossos netos
Recebam vossa benção.

Quando vai meu voto ardente
Revoando ao céo assim:
Sabe o Deos Omnipotente
Que não sois só pâra mim
Sois o bem de muita gente.

Portugal, que não se esquece
Do que dos vossos lhe vem,
E medita o que carece,
Pede comigo tambem
Q'é seu o mesmo interesse.

Nega-me o céo cabedais,
Qual seja a razão não sei;
Porêm como vós vivais;
Mais nada ao céo pedirei:
Vivei, não desejo mais.

Fragmento dirigido ao primogenito da dita condessa

do Almanak?

Senhor, deveis escutar
Estes meus conselhos serios,
E n'alma os deveis gravar
É mais que ganhar Imperios
O sabel-os governar.

Nunca a discordia desuna
Nações, que a amizade enlaça,

Que nos obrigue importuna
A ser de outros a desgraça:
Ah! sêde a nossa fortuna.

Sêde dos servos que crescem
Amparo e consolação:
Honrai-os, que honra merecem.
Sêde arrimo e dai a mão
Aos que como eu envelhecem.

Sei que pouca perda vai,
Succedem outros a estes;
Porém um pouco notai,
Achaste-os quando nascestes,
Já serviam vosso pai.

E quando frôxos e lassos,
Para a vossa companhia
Não podérmos já dar passos,
Lembre-vos, senhor, um dia,
Que vos trouxemos nos braços.

Guardai em vossa lembrança
O que é digno de reter,
Que merece confiança;
E não é para perder
Uma servidão de herança.

Pois que o céo assim dispôs
A obrigação nos reparte:
Vivei, senhor, para nós;
E do mundo em qualquer parte
Nós morreremos por vós.

Lyra ao dito primogenito

Deixa qu'a lyra
Nas mãos eu tome;
E qu'o teu nome
Possa cantar:
Vai-te ensaiando
Desde pequeno
A ouvir Lereno
Por ti clamar.

Se um nome queres
Digno de glória,
E qu'a memória
O haja de honrar:
Tens os modelos,
Não busques mais,
Os dignos pais
Te hão de guiar.

Vai bem quem segue
Destes modelos,
Qu'os Vasconcelos
São de imitar:
Deixam-te a glória
Castellos-Brancos
Caminhos francos
Para trilhar.

Diser podia
Pasmosas cousas,
Que dos teus Sousas
Ha que contar:
Se eu chamo os seculos
Por testimunhas
Corrêas, Cunhas,
Ouves louvar.

Quando tu leres
A lusa história,
Tua memória
Tens que fartar:
Illustre Aonio,
Graças aos céos,
Podes dos teus
Lições tomar.

Se eu fosse propria
Para ensinar-te,
Bem pouco d'arte
Tinha q'usar:
Basta mostrar-te
Dos teus o trilho,
Vai d'aguia o filho
O sol buscar.

Já sobre o Pindo
Eu me levanto,
Ouço alto canto
Teu nome alçar
Para escrevel-o,
Doiradas pennas,
Sábias Camenas
Vão preparar.

O céu vigie
Na tua idade,
E ésta verdade
Verás chegar:
Nos pobres versos,
Qu'off'reeer venho,
A honra tenho
De a annunciar.

Que é saudade? — (Fragmento)

Pois saber o qu'é saudade
Gentil O'Neile careces,
Vou talvez dizer-te um mal,
Que soffres e não conheces.
Dirão uns qu'é sentimento,
Que só portugueses tem;
E qu'importa falte aos outros,
Vozes qu'o expliquem bem:
Mas eu, senhora, não quero
Illudir vossa grandesa:
Saudade — é nome qu'explica
Triste mal da naturesa.
Filha da cruel ausencia
É essa terna paixão,
Que se nutre de esperanças
No sensivel coração:
De lembranças e desejos
Tristemente acompanhada,
Punge e fere uma alma terna
Do amado separada.
Por exemplo — dividida
Da tua cara metade,
Toda essa falta que sentes,
Isso, O'Neile, é qu'é saudade
Em meio de mil prazeres,
Sempre ésta paixão é triste,
E a seu íntimo tormento,
Nenhuma coisa resiste:
Obriga a lagrimas tristes,
Obriga a sentidos ais,
Nem só humanos obriga,
Inda a brutos animais.
Ouve o saudoso gorgeio
Da amorosa philomella,
Quantas vezes te enterneces
Co'a triste saudade della:

O aureo collo entumecendo,
Arrullando o pombo afflicto,
Tenra esposa que lhe falta
Chama em seu saudoso grito:
Bravo, sanhudo leão,
A madeixa sacudindo,
Se a cara leoa prendem,
Os campos corre bramindo.
Traz estes males amôr,
Porém a doce amisade
Não deixa de ter tambem
A doença da saudade
Tu, qu'a memória tens cheia
De mil sucessos antigos
Escusas qu'eu te reconte,
Tristes, saudosos amigos.
Do teu Augusto Ricardo,
Te lembre a celebre história,
E vê do amigo saudoso
Qual seja a honrada memória:
Tambem de fido animal,
Que seu bom senhor perdeu,
Se conta que de saudades,
Junto ao sepulchro morreu
É de temer este mal,
O tempo o torna mais forte;
E em lhe faltando a esperança,
Bem depressa é mal de morte.
Basta, senhora: já sabes,
Qu'em fim saudade só é
O sentimento que um soffre
Quando o qu'estima não vê.
Tu, qu'onde quer qu'appareces
Causas amôr e amisade,
Terás dado (oh! não duvido!)
Motivo a muita saudade.

A Melancolia

Pastoras não me chameis
Pâra vossa companhia,
Que onde eu vou comigo levo
A mortal melancolia.

Coube-me por triste sorte
Eclipsada estrella impía,
Que em meus dias sempre influe
A mortal melancolia.

Logo ao dia de eu nascer,
Nesse mesmo infausto dia,
Veio bafejar-me o berço
A mortal melancolia.

Por cima da infeliz choça
Gralha agoireira se ouvia,
Que a meus dias agoirava
A mortal melancolia.

No meu innocente rosto
Quem o notava bem via,
Que em triste côr se marcava
A mortal melancolia.

Que fiz eu á naturesa,
Á fortuna eu que faria,
Para inspirar-me tam cedo
A mortal melancolia!

Da alegria ouço eu falar,
Mâs não sei que é alegria:
Nunca me deixou sabel-o
A mortal melancolia.

Se um anno triste se acaba,
Triste o outro principia:
Marca as horas, dias, mezes,
A mortal melancolia.

Sou forçado a alegre canto,
Faço esforços de alegria,
E occulto no fundo d'alma
A mortal melancolia.

Enxugo o pranto nos olhos,
Obrigo a que a bocca ria,
Pâra disfarçar comvosco
A mortal melancolia.

Não quero com os meus pesares
Funestar a companhia;
Que é uma peste que lavra
A mortal melancolia.

Se os seus bens me mostra a sorte
Móstra-m'os por zombaria;
Porque pâra mim só guarda
A mortal melancolia.

Sonhei que uma augusta mão
Venturoso me fazia:
Foi sonho — e fica em verdade
A mortal melancolia.

Fui abranger as venturas
Que o sonho me offerecia:
E despertei abraçando
A mortal melancolia.

Se um praser se me dirige,
Occulta força o desvia:
Só de mim se não separa
A mortal melancolia!

Ella me vai consumindo
De hora a hora, dia a dia;
Sinto-me ir desfalecendo
Da mortal melancolia.

O sangue vai-se gelando,
O coração se me esfria:
Fica em paz Armenia — eu morro
Da mortal melancolia.

Inda quando o frio corpo
Se envolver na terra fria,
Há de corroer meus ossos
A mortal melancolia.

Se acaso dura a tristeza
Dos numes na companhia,

Ali mesmo hei de ter n'alma
A mortal melancolia.
Sobre a minha sepultura
Que escrevessem eu queria,
Um epitafio em triumpho
Da mortal melancolia.
Lereno alegrou os outros,
E nunca teve alegria:
Viveu — e morreu nos braços
Da mortal melancolia!

Zabumba

Amôr ajustou com Marte
Vãos mancebos alistar,
Uns lhes dá trabalho honroso,
Outros os faz rir e zombar:
Tan, tan, tan, tan, tan, zabumba
Bella vida militar:
Defender o rei e a patria
E depois rir e folgar.

Toca Marte á generala,
Vai as armas aprestar:
Amor tem praseres dôces,
Com que os males temperar:
Tan, *etc.*

Ouço o rufo dos tambores,
Já dali toca a marchar;
Os adeuses são á pressa,
Não ha tempo de esperar:
Tan, *etc.*

Vai passando o regimento
E as meninas a acenar;

Vão as armas perfiladas,
Mal se póde a furto olhar:
Tan, *etc.*

A mochila que vai fofa,
Pouco leva que pesar;
Pouco pão e pouca roupa,
Mâs saudades a fartar;
Tan, *etc.*

A cidade que é de lona,
Vejo á pressa levantar;
Poem-se as armas em sarilho,
Vai a tropa descançar:
Tan, *etc.*

Vigilantes sentinelas
Vejo álerta passear:
Quem vem lá! quem vai! faça alto!
Sempre álerta ouço gritar:
Tan, *etc.*

Vejo alegres camaradas
Os baralhos apromptar;
Param, topam sujo cobre
A perder, ou a ganhar,
Tan, *etc.*

Dá-se um beijo na borracha,
Lá vão brindes a virar;
E co'a pública saude
Vai tenção particular,
Tan, *etc.*

Vem quartilho, vai canada,
Toca em fim a emborrachar;
A cabeça bambaleia,
Ali ouço ressonar:
Tan, *etc.*

Corre o que vigia o campo
Vem perigo annunciar:
Dobra ás armas, péga ás armas,
Dobra a marcha e avançar:
Tan, *etc.*

Uma brigada em columnas,
Marcha a outra a obliquar,
Os contrarios fazem cara,
Toca a morrer e a matar:
Tan, *etc.*

Já fusila a artilharia,
Sinto as balas sibilar;
Nuvens já d'espesso fumo
Vão a luz do sol turbar:
Tan, *etc.*

Ouço o bum, bum, bum das peças,
Vejo espadas lampejar;
Lá vão pernas, lá vão braços,
E cabeças pelo ar:
Tan, *etc.*

A batalha está ganhada
Vão o campo saquear;
Vem bandeiras arrastando,
Toca em fim a retirar;
Tan, *etc.*

Venha a nós — viva quem vence!
Quem morreu deixal-o estar;
E da patria no regaço
Os heroes vem descançar;
Tan, *etc.*

Os que salvam da peleja
Vem a amor as graças dar;

E em signal da sua gloria
Juntam flores ao cocar;
Tan, *etc.*

Os olhos que viram tristes
Vem agora consolar:
A saudade se esvoaça,
Torna a posse ao seu logar;
Tan, *etc.*

Vem familia, vem visinhos
Boa vinda festejar;
E da bocca gloriosa
Grandes coisas escutar:
Tan, *etc.*

Desde a veste, mostra o peito,
Quer sisuras procurar;
Mâs o tempo sarou tudo,
Nem signal se póde achar:
Tan, *etc.*

Que affrontou sempre os perigos
Gentil dama ha de escutar;
S'estimou guardar a vida;
É só pâra lh'a entregar:
Tan, *etc.*

Um merecimento novo
Tem de novo a apresentar,
Vem mais rico de esperanças,
Tem despachos que esperar:
Tan, *etc.*

Ha de ter a fita verde
De uma ordem militar;
Soldo em dôbro por tres mezes
Que a senhora ha de gastar:
Tan, *etc.*

Não credes, meninas nestes,
Não é certo o seu amar;
Costumados sempre á marcha
Até amam a marchar:
Tan, *etc.*

Retratos

Quero Lucinda
Bem retartar-te,
Se acaso a arte
Tanto pudér.
Finos cabellos
Em trança grossa,
Temo que possa
Pintal-os bem.
Dos lindos olhos
A luz tão viva,
Côr expressiva
Nunca eu darei.
Não tens nas faces
Jasmins e rosa,
Côr mais graciosa
Nas faces tens.
Todas t'a invejam,
E ha quem ser queira,
Assim trigueira
Como tu és.
Tão linda bocca
Graciosa e breve,
Ninguem a teve
Nem póde ter.
Quando tu mostras
Os alvos dentes,
Causas ás gentes
Doce prazer.
Vem por entre elles
Vozes discretas,

São de amor settas
Que ferem bem.
Risos e graças
Não tem pintura,
Tanta doçura
Cópia não tem.
Guardas no seio
De amor o encanto,
Mâs cobres tanto
Que não se vê.
Se o gentil corpo
Quero imitar-te,
Desmaia a arte,
Tu bem o vês.
Pobre Lereno
Vê que é loucura,
Deixa a pintura
Beija-lhe os pés,
Neste retrato
Se acaso eu minto,
É porque pinto
Menos do qu'és.

Não digo o nome
Da minha amada,
Que não tem nada
Que conhecer.
Com tanta graça
Não ha ninguem.

Amor nos fios
Da loura trança,
Quantos alcança
Vai enlaçar.
Mais prêso qu'eu
Ninguem está.

A luz dos olhos
Nunca se eclipsa,

Ali atiça
Seu fogo amor.
Não é tão bella
A luz do sol.

A côr das faces
Lindas formosas,
É a das rosas
Com os jasmins.
Outra nenhuma
Tem côr assim.

Guarda na bocca
As mais graciosas
Pedras preciosas
Entre rubins.
Que voz tão rica
Se fórma ali!

É cofre rico
O niveo peito,
Do mais perfeito
Mais puro amor.
Guard'a minh'alma
Que eu lá fui pôr.

Os pés mimosos
Com graças tantas,
São tenras plantas
São pés de flor.
Eu vou beijar-lh'os
Seja o que for.

Se acaso virem
A ninfa bella,
Que como ella
Não ha ninguem.
É essa mesma
Que é o meu bem.

SONETOS

Negras nocturnas aves agoiraram
Este funesto, malfadado dia!
Dia em que a triste idade principia
De um triste, que as desgraças bafejaram:
Quanto ha de mau, em duros nós ataram
Atropos, Cloto e Láchesis impía,
Que ésta nodosa vida estende e fia
Pâra males que ainda não chegaram.
Tocou-me o berço a mão cruel e dura
Da céga e inconstante Potestade,
Que enche meus pobres dias de amargura:
Mágoas, desgostos, marcam minha idade,
Mâs esqueceu á minha má ventura,
Tirar-me o refrigerio da amisade.

Neste dia fatal — infausto dia
Nasceu ao mundo, mais um desgraçado;
E bem que pelas musas embalado,
Só para Melpomene é que nascia:
Quando a funesta aurora resurgia,
O lucido caminho achou turbado,
Negro vapor da terra aos céus alçado,
Veio empecer-lhe a alegre louçania:
Tres vezes trôa o céu, e do Cocyto
Soltou a inveja as viperinas tranças,
Soou da parte esquerda um rouco grito:
Ah! nasceste infeliz — e em vão te canças!
Lereno, já teu fado estava escripto,
Serão teu maior bem vãs esperanças!

Do seguinte epithalamio feito por Caldas nas nupcias de Antonio de Vasconcellos, Conde da Calheita,

e impresso avulso em Lisboa na off.regia typographica, em 1777, em 7 pag. de 8º, não tinhamos antes conhecimento. E aqui nos cumpre igualmente dizer que depois que publicamos a 2.ª ed. da biographia do mesmo Caldas no tomo 14.º da Rev. do Instituto Historico do Rio, tivemos occasião de ver (e de adquirir) a 1.ª edição do poema "A Doença", o qual não se deve considerar posthumo; por quanto dita 1.ª edição se publicou na mesma officina regia, no dito anno de 1777, em um folheto de 49 pag. de 8º. Nos quatro cantos deste poema, em rimas pareadas, ha pouco numen; para o que baste dizer que a Doença consistia em uns bem prosaicos tumores. Colhem-se entretanto neste folheto muitos esclarecimentos para a biographia do poeta. Deixando o Brazil aportou primeiro em Lisboa; passou depois á "frondigera" Barcellos, onde conheceu os dois Vasconcellos. Dahi "um acaso infeliz" o levou outra vez a Lisboa. Daqui, depois de soffrer miseria, passou a Coimbra, onde o novo trovador era ouvido com gosto, e em suas proprias mãos o Conde de Lippe lhe fez presente de seu retrato em agradecimento de uns versos que o mesmo Caldas lhe dirigiu. — Chegando a ferias viu-se de novo na desgraça, e um novo protector o trouxe a Lisboa; porém falleceu logo. No fim do canto 2.º decide Caldas a questão de seu natalicio, com estes versos:

"Por entre a gente, que a ouvir se ajunta,
Moço alegre rompeu, que lhe pergunta
Se é elle o mesmo Caldas brazileiro
Que tem por patria o Rio de Janeiro."

Daremos aqui tambem noticias da existencia: 1.º de uma 3.ª edição da "Recompilação da Historia Sagrada": é de Lisboa. — imp. de Alcobia, 1819; 2.º das duas

seguintes composições mui raras, de cada uma das quaes possuimos um exemplar, que devemos á generosidade do nosso amigo o Sr. J. C. Figanière.

1.° Descrição de Bellas (em prosa) Lisboa 1799 — 87 pag. 4.°.

2.° "A Vingança da Cigana", drama joco-serio de um acto, representado no theatro de São Carlos em 1794; 47 pags. 8°.

Epithalamio

Musas, favorecei meu doce canto,
Porque eu temo, que possa
Soster segura a voz, que aos Ceos levanto.
Musas, a empreza é vossa;
Nem podem os humanos fracos rudes
Cantar sem favor vosso altas virtudes.

Vós entoastes já suaves hymnos
Aos grandes Vasconcellos
Do vosso canto heroico sempre dignos;
Como illustres modelos,
Mostrastes suas inclytas façanhas
Á gente propria e ás nações estranhas.

Do immortal Martim o nome illustre,
Que conserva Lisboa,
Sem que o tempo lhe embace o claro lustre,
Calliope inda entoa;
E voa honrado nas sonoras rimas
Remotas regiões, remotos climas.

"Mem Rodrigues se diz de Vasconcellos"
Quem não lhe cede em gloria?
Os outros, Clio, podes tu dize-los,
Que em verdadeira historia

Tens á futura idade transmittido
Os nomes dos que ao Ceo já tem subido.

Africa adusta timida se enfia
A ouvir o nome delles;
Inda lhe lembra triste o que algum dia
Soffreu das mãos daquelles;
Se Gonçalo, se Ruy inda vivêram
Tanger e Ceuta nos grilhões gemêram.

Renova o pranto, que soltou mais vezes
A chorosa Camena;
Mostra aos fieis e honrados Portuguezes,
João em Carthagena.
E o banido Luiz, cuja lealdade
Conserva a Catharina a magestade.

Não mais: conheço bem a estirpe rara,
De que Antonio nascêra;
Eu sei, com que altos troncos s'enlaçara,
Quantos a si trouxera:
Tu mesma, ó Gallia, sim, tu mesma o dize
Que vês florente a rama de Soubize.

Desejam muito as Lusitanas gentes,
Que mais heróes produza,
Com poucos frutos não estão contentes:
Revolvamos, ó Muza,
Os arcanos, se póde ser, divinos,
Vamos ao grande templo dos destinos.

Tu, que sóbes ás nitidas estrellas,
E com seguro passo
Vês o maravilhoso gyro dellas;
Tu, que em certo compasso
A carreira ao Sol medes ignorada,
Guia-me, Urania, á perigosa estrada.

Não de outra sorte aos ares se arrebata
De Jove a conductora:

Que largamente a vista se dilata!
E quão pequeno agora
Se offerece aos olhos quanto o mundo encerra!
Quão pouco me parece o mar e a terra!

Altos lugares só dos vates dignos,
A vós em fim eu chego;
Vejo a morada dos brilhantes signos,
E em tranquillo socego
Passeio a estrada, por que o Sol passeia
De mil estranhas maravilhas cheia.

Inda vôo mais alto; já no peito
O coração palpita:
Horror sagrado, divinal respeito,
O que vejo me excita:
Es tu, ó templo santo, onde eu procuro
Cantar ao Grande Antonio um louvor puro.

Sobre redondas nuvens sustentado
Vejo o sacro edificio;
Cupido á porta vejo desvendado
No horrivel exercicio
De aguçar uma setta, mas tão linda,
Que igual não viram os mortaes ainda.

Senti abrir-se a porta refulgente,
E o carinhoso Nume
Provando na pequena mão contente
O afiado gume,
Entrou no templo, e eu entrava, quando
O destino lhe estava assim falando;

Ó filho da razão, ó Amor puro,
De poucos mortaes digno,
Á terra desce rápido e seguro
Cumpre a lei do destino;
Une por bem da gente lusitana
O termo Antonio á linda Marianna.

Cysis m'o pede, Lysia o necessita;
Voa, não te detenhas,
Assim consola a terra ha pouco afflicta:
A illustre Mascarenhas
Enlaça a Vasconcellos, e dos dois
Veja o mundo nascer novos heróes.

Dos estimaveis paes imitadores
Serão os filhos cáros,
Que hão-de a memoria honrar de seus maiores;
E dar exemplos raros
De valor, de justiça, de piedade,
Que façam pasmo á pressurosa idade.

Raio das densas nuvens despedido
Não desce mais violento,
Do que o modesto, alligero Cupido
Baixou; e em um momento
Feriu os dous co'a preparada setta,
Que faz nascer uma paixão discreta,

Casto Hymineo os corações lhes prende
Quando as mãos lhes enlaça,
Lucina ao longe a rubra faxa accende,
E uma e outra Graça
O leito nupcial alegres ornam,
Puros prazeres ao redor entornam.

Ouzei examinar, que aberta estava
A urna do Destino
Dos meus heróes o nome se guardava
Em cofre diamantino;
Do defensor de Dio, e de outros mundos
Mascarenhas em outro cofre juntos.

Bradou-me então a austéra Divindade,
E eu treinta escutando,
Vê, me disse, ó mortal, futura idade,
Que o tempo vai formando;

E eu vi, de doces alegrias
Tecer aos meus heróes ditosos dias.

Tu participarás (me continúa)
Destes dias ditosos:
Depende a sorte tua
Da mão benigna dos fieis esposos:
Canta, quem te segura
Dos insultos da hórrida ventura:
Ouça o mundo na Lyra Americana
Sempre os nomes d'Antonio e Marianna:
Mas eu não posso tanto,
Musas, favorecei meu doce canto!

PADRE ANTONIO PEREIRA DE SOUZA CALDAS

PADRE ANTONIO PEREIRA DE SOUZA CALDAS

A biographia dêste illustre cidadão, modelo dos ecclesiasticos e honra do pulpito, foi já escripta por um orador igualmente illustre (1), e por isso nesta collecção a daremos apenas em resumo, e quanto baste a fazer conhecer o poeta e o individuo.

Antonio Pereira de Sousa Caldas nasceu no Rio de Janeiro no dia 24 de Novembro de 1762. Sendo de compleição mui debil na idade de oito annos, seu pai que era um commerciante da mesma cidade, o mandou a Lisboa recommendado ao cuidado de um tio, negociante abastado, que, conhecendo nelle decidida vocação ás lettras, nada poupou pâra lh'a cultivar. Mandou-o, pois, a Coimbra, onde, começando a distinguir-se já nas aulas do curso de direito, já nas palestras com seus collegas, já em suas composições poeticas, foi apanhado pelos do Santo Officio, havendo quem diga que por *maçon*.

Remettido para Lisboa, foi por ordem do Govêrno e a empenho de seu tio, transferido pâra o convento de Rilhafoles, a fim de ser ahi cathequisado por seis mezes. Os Rilhafolistas desempenharam de tal modo a sua mis-

(1) O Cônego Januario da C. B. — *Rev. do Inst. Hist. do Rio de Janeiro,* T. II, ps. 126. [Ps. 127/132, 2.ª edição].

são, que não só ganharam a affeição do joven cathequista, como talvez ahi lhe fizessem nascer a vocação pâra a vida ecclesiástica, que depois abraçou.

Saindo do convento fez uma pequena viagem á França, indo recommendado em Paris ao embaixador de Portugal, o Marquez de Pombal, filho. — Regressando a Lisboa seguiu á Universidade de Coimbra, onde concluiu com distincção sua formatura em direito.

Regeitando a carreira da magistratura, que se lhe offerecia, foi a Roma tomar ordens. A viagem que então fez pelo Mediterraneo até Genova, descreve elle em uma carta de prosa e verso a seu amigo João de Deus Pires Ferreira, que se acha impressa entre suas obras, e no *Parnaso Lusitano,* pelo que não a reproduzimos, apezar de ser um espelho do seu caracter. A pequena ode ao Creador ao entrar o estreito é digna do primeiro de nossos poetas sagrados.

Voltado a Lisboa depois de tomar ordens em Roma, não se demorou ahi muito; pois quiz ir ver sua patria e sua mãi. Estava outra vez em Lisboa, quando pela entrada dos Francezes regressou ao Brazil, donde nunca mais saiu.

Aqui começa verdadeiramente a melhor época da vida do Padre Caldas, ao menos aquella em que adquiriu mais glória, e patenteou seus talentos oratorios. Todos os domingos se apinhava o melhor da cidade pâra o ouvir no templo de Santa Rita, cujo pulpito elle escolhêra por estar junto da pia onde fôra feito christão.

Nas occasiões mais solemnes da côrte, nas festas maiores das outras igrejas, o Padre Caldas era sempre o prégador procurado.

Mâs pouco lhe duraram seus dias de glória. Debil de constituição e applicado mais do que ésta lhe permittia,

acabou desta vida aos 2 de Março de 1814, e foi enterrado no convento de Santo Antonio da mesma cidade. Foi bom amigo, homem probo e esmoler.

Suas poesias sagradas e profanas, que deixou pâra corrigir e publicar ao General Stockler, tambem poeta, têm mais nomeada por aquellas que por éstas; por isso mesmo que sua vocação o fez occupar-se mais das primeiras.

Publicaram-se em París em 1811, com mui importantes notas e comentos de Stockler; e em 1836 se deram á luz em Coimbra dois tomitos, em que não se contém as traducções.

Outras obras deixou, das quaes apenas se sabe o paradeiro, e algumas cartas em prosa no gôsto das de Montesquieu, que começou a publicar o Instituto do Rio de Janeiro.

[Poucos aditamentos comportam a notícia do texto e a biografia por Januário da Cunha Barbosa, *Revista do Instituto Histórico*, II, ps. 127/132. — Antônio Pereira de Sousa Caldas, filho de Luis Pereira de Sousa, nasceu no Rio de Janeiro; matriculou-se na Universidade de Coimbra, em Matemática, em 26 de outubro de 1778 (obrigado); formou-se em Direito a 3 de àunho de 1789, — *Estudantes Brasileiros na Universidade de Coimbra*, n. 164. Suas produções poéticas, de publicação póstuma, constam das:

— *Poesias Sacras e Profanas* do Revdm. Antonio Pereira de Sousa Caldas, com as notas e additamentos de seu amigo, o Tenente-General Francisco de Borja Garção Stockler, dadas á luz pelo sobrinho do defunto poeta, Antonio de Sousa Dias, Fidalgo da Casa Real. — Paris. Na Officina de P. N. Rougeron, 1820-1821, 2 tomos in-8.°. — Tomo I: *Psalmos de David*, LII + 409 pp.; tomo II: 246 pp.

— *Obras poeticas* de Antonio Pereira de Sousa Caldas, com as notas e additamentos de F. de B. G. Stockler. — Coimbra: Imprensa de Trovão & Comp., 1836, in-16, de 135 pp.

— *Poesias sacras* do Padre A. P. de Sousa Caldas. — Nictheroy, Typ. de Amaral & Irmão, 1850, in-16, de 87 pp.

— *Poesias sacras...* Nova edição para uso das escolas publicas da instrucção primaria do municipio da Côrte. — Rio de Janeiro, 1872, in-16, de 127 pp.

A *Revista do Instituto Histórico*, III, ps. 144/148 e 216/221, publicou duas cartas de Sousa Caldas, a primeira numerada como 48.ª, datada do Rio de Janeiro, 8 de dezembro de 1812, e a segunda como 47.ª, datada de 7 de novembro do mesmo ano. Uma nota do Redator da *Revista* explica que Sousa Costa havia composto uma obra, à imitação das cartas de Montesquieu, a qual, levada para a Europa afim de imprimir-se, desgraçadamente se perdeu. Um sobrinho de Sousa Caldas, já referido, tinha conseguido copiar algumas das cartas do manuscrito original; suas cópias foram parar ao Instituto Histórico, que apenas publicou as *supra* mencionadas.

Sousa Caldas é patrono da cadeira n. 34 da Academia Brasileira. — R. G.].

Ao homem selvagem

Ó homem, que fizeste? tudo brada:
Tua antiga grandeza
De todo se eclipsou; a paz doirada,
A liberdade com ferros se vê prêza,
E a palida tristeza
Em teu rosto esparzida desfigura
De Deus, que te creou, a imagem pura.

Na cithara, que empunho, as mãos grosseiras
Não pôz cantor profano;
Emprestou-m'a a verdade, que as primeiras
Canções nella entoára; e o vil engano,
O êrro deshumano,
Sua face escondeu espavorido,
Cuidando ser do mundo em fim banido.

Dos céus desce brilhando
A altiva independencia, a cujo lado
Ergue a razão o secptro sublimado,
Eu a ouço dictando
Versos jámais ouvidos: rêis da terra,
Tremei á vista do que ali se encerra.

Que montão de cadêas vejo alçadas
Com o nome brilhante
De leis, ao bem dos homens consagradas.
A natureza simples e constante,
Com penna de diamante,
Em breves regras escreveu no peito
Dos humanos as leis, que lhes tem feito.

O teu firme alicerce eu não pertendo,
Sociedade santa,
Indiscreto abalar: sôbre o tremendo
Altar do calvo tempo, se levanta
Uma voz que me espanta,

E aponta o denso véu da antiguidade,
Que á luz esconde a tua longa idade.

Da dor o austero braço
Sinto no afflicto peito carregar-me,
E as trémulas entranhas apertar-me.
Ó céus! que immenso espaço
Nos separa daquelles doces annos
Da vida primitiva dos humanos!

Salve dia feliz, que o loiro Apollo
Risonho alumiava,
Quando da natureza sôbre o collo
Sem temor a innocencia repousava,
E os hombros não curvava
Do despota ao aceno enfurecido,
Que inda a terra não tinha conhecido.

Dos férvidos Ethontes debruçado
Nos ares se sustinha,
E contra o tempo de furor armado,
Este dia alongar por glória tinha;
Quando nuvem mesquinha
De desordens seus raios eclipsando,
A noite foi do averno a fronte alçando.

Saiu do centro escuro
Da terra a desgrenhada enfermidade,
E os braços com que, unida á crueldade,
Se aperta em laço duro,
Estendendo, as campinas vai talando,
E os miseros humanos lacerando.

Que augusta imagem de explendor subido
Ante mim se figura!
Nu; mas de graça e de valor vestido
O homem natural não teme a dura
Feia mão da ventura:
No rosto a liberdade traz pintada
De seus serios prazeres rodeada.

Desponta cégo amor, as settas tuas:
O palido ciume,
Filho da ira, com as vozes suas
N'um peito livre não accende o lume.
Em vão bramindo espume,
Que elle indo apoz a dôce natureza
Da fantazia os erros nada préza.

Severo volteando
As azas denegridas, não lhe pinta
O nublado futuro em negra tinta
De males mil o bando,
Que, de espectros cingindo a vil figura,
Do sabio tornam a morada dura.

Eu vejo o molle somno susurrando
Dos olhos pendurar-se
Do frôxo caraíba que, encostando
Os membros sôbre a relva, sem turbar-se,
O sol vê levantar-se,
E nas ondas, de Thetis entre os braços,
Entregar-se de amor aos dôces laços.

Ó razão, onde habitas?... na morada
Do crime furiosa,
Polida, mâs cruel, paramentada
Com as roupas do vicio; ou na ditosa
Cabana virtuosa
Do selvagem grosseiro?... Dize... onde?
Eu te chamo, ó philosopho! responde.

Qual o astro do dia,
Que nas altas montanhas se demora,
Depois que a luz brilhante e creadora,
Nos valles já sombria,
Apenas apparece; assim me prende
O homem natural, e o estro accende.

De tresdobrado bronze tinha o peito
Aquelle ímpio tyranno,

Que primeiro, enrugando o trovo aspeito,
Do *meu* e *teu* o grito deshumano
Fez soar em seu damno:
Tremeu a socegada natureza,
Ao ver deste mortal a louca empreza.

Negros vapores pelo ar se viram
Longo tempo cruzando,
Té que bramando mil trovões se ouviram
As nuvens entre raios decepando,
Do seu seio lançando
Os cruéis erros, e a torrente impía
Dos vicios, que combatem, noite e dia.

Cobriram-se as virtudes
Com as vestes da noite; e o lindo canto
Das musas se trocou em triste pranto.
E desde então só rudes
Engenhos cantam o feliz malvado,
Que nos roubou o primitivo estado.

Sôbre o amor

Não foram, caro Sousa, as lyras de oiro
De Orpheo e de Amphion, que os leões bravos,
E os indomitos tigres amansando,
As cidades fundaram.

Embora finjam mentirosos vates,
Que as torcidas raizes desprendendo
As arvores anuosas, que os penedos,
Apoz elles correram.

Tu, só tu, puro amor, despir podeste
Da estupida bruteza a humana especie;
Só tu soubeste unir em firmes laços
Os dispersos humanos.

Sem ti insociaveis viviriam,
Nas escarpadas serras, embrenhados;
Ou nos sombrios, verde-negros bosques,
Em pasmada tristeza.

As fugitivas horas passariam,
Em languido lethargo submergidos,
Té que o pungente estímulo da fome
Lhes espantasse o somno.

Os singelos prazeres da amizade,
Prazeres suavissimos, só dados
Aos peitos generosos e sensiveis,
Provar não poderiam.

As sciencias, as artes sepultadas,
No seio da ignorancia inda jazeram;
Que inerte e frôxo a nada se atrevêra
Um peito enregelado.

As bellas Marcias, as gentís Lycores,
Em vão dos vivos olhos fusilaram
Accesos raios, com que audaz fulminam
Rebeldes esquivanças.

Suas vermelhas, engraçadas bôccas,
Em vão, meigos sorrisos soltariam,
Tingindo as juvenís, mimosas faces
De pudibundas rosas.

Anhelantes suspiros, brandas queixas,
Ternos agrados, carinhosos gestos,
Nada mover os peitos poderia
Dos animados troncos.

Dos risos e das graças rodeada,
Venus com farta mão não derramára
Em seus rusticos leitos brandas flôres,
Flôres que tu só colhes.

O gôsto de abraçar a cara esposa,
De se ver renascer nos doces filhos,
De educar cidadãos, nutrir virtudes,
Coitados! não sentiram.

Vira-se em breve co' volver dos annos,
Ermo de novo, o povoado mundo,
Té que do seio da fecunda terra
Outros homens brotassem.

Ah! crê-me, Sousa, amor, amor sómente
A vasta natureza vivifica:
Amor nossos prazeres todos gera,
Nossos males adoça.

O soldado animoso, que se arroja
Com brio denodado a expor a vida,
Em defesa da patria ameaçada
De inimigas phalanges;

Depois de haver soffrido longas marchas
Por aridos sertões, por frias serras,
Arrastando cançado os cavos bronzes
Nas pesadas carretas;

Depois de ouvir nas horridas batalhas,
Troando a furiosa artilheria,
Pelos ares silvar os ferreos globos
Que a morte envolta levam;

Depois de ver os rapidos ginetes
Atropelando os fulminados corpos
Dos caídos guerreiros, que em vão pedem
Vingança ou piedade,

Entre os braços da timida donzella,
Que amor lhe promettêra, prompto esquece
As passadas fadigas, os horrores
Da guerra sanguinosa.

O misero cultor, que industrioso
Do fertil seio da benigna terra
Faz abrolhar os preciosos frutos,
Que a vida nos sustentam,

Ou já soffra no frigido janeiro,
Em quanto o arado rege, os finos sopros,
Com que lhe tolhe os calejados dedos
O gelado *nordeste;*

Apenas desenvolve o denso manto
Sôbre a face da terra a noite amiga,
Se o repouso procura aos lassos membros
Na rustica morada,

Vendo a fiel consorte, que saudosa
Ao encontro lhe sae, e o caro filho,
Que, largando da mãi o doce peito,
Lhe estende os tenros braços,

Em ternura suavissima desfeito,
Que o casto amor no coração lhe entorna,
Contente já de sua humilde sorte
Bemdiz a Providencia.

Assim, ó Sousa, na fiel balança,
Onde a razão os bens e os males pesa,
Se vê que, sem amor, a vida humana
Sería insupportavel.

A creação

Já do tempo voraz se divisava
A ferrea, curva foice reluzindo;
Desapiedado, umas vezes meneava,
Outras vezes ao longe desferindo,

Em tôrno de si mesmo a agitava;
Quando o Numen potente
A cujo aceno o tempo audaz nascêra,
Fez retumbar a voz, que tudo impera;
Os abysmos do nada estremeceram
E ao Deus grande e clemente
Os possiveis tremendo obedeceram:
Atonito levanta a escura frente
O cahos rodeado
De confusão e horror: inda a belleza
Com pincel variado
Não ornava a recente natureza.

Tranquillas jazendo,
As ondas dormiam
Que a face cobriam
Do cahos horrendo.

Ao leve soprar
De um zefiro brando,
Vida vai cobrando
O languido mar:

Do vasto Oceano
No seio se encerra;
E a mádida terra
Deixa respirar.

A luz resplandeceu, e o firmamento
Que em denegridas sombras se involvia,
Mostrou formoso o seu soberbo assento:
De graças e esplendor se revestia
O magestoso dia;
Quando cheio de pompa o luzimento,
O sol rompeu nos ares, dardejando
De animante calor celestes raios.
Enternecido, triste sentimento
Magôa o rosto lindo
Da noite descontente,

Que a ausencia de Phebo luminoso
Assim terna annuncia:
Emtanto desferindo
Escassa luz em throno tenebroso,
Sôbre nuvens o sceptro reclinando,
A luz os céus e terras alumia.

Fulgentes estrellas
Nos céus resplandecem;
Na terra verdecem
Mil arvores bellas.

Os montes erguidos
Os valles retumbam
Ao som dos rugidos,
Dos feros leões.

Nas azas sustidas,
As aves revoam:
Nos ares entoam
Sonoras canções.

Ó terra! ó céus! ó muda natureza!
Transbordai de alegria: triumphante
Das entranhas do nada surge o homem:
Eis apparece; e a candida belleza
O sisudo semblante lhe ennobrece.
Seu magestoso porte
Soberano do mundo o patentea.
Gravada mostra n'alma a augusta imagem
Do Senhor adoravel
Que o immenso universo senhorea:
De sua pura carne se teceram
As meigas graças, que no rosto amavel,
Da mulher carinhosa,
Com suave doçura resplandecem.
Apenas a diviza transportado,
Tu és o meu prazer, que novo encanto
Eu vejo lhe dizia; e arrebatado
Em delirio amoroso,

Mil vezes em seus braços a apertava,
E todo o extenso mundo,
Por ella só, deixar pouco julgava.

Qual rosa engraçada
Que zefiro adora,
Terna e delicada,
Enredo de Flora:

Assim é mimosa
E linda a mulher
E o homem se gosa
Em se lhe render.

Qual grita entre as feras
Leão rugidor,
Derramando em tôrno
Gelido terror:

Tal se mostra o homem
Sôbre toda a terra;
Tudo rende e aterra
Em arte e valor.

O mundo era creado, e transluzia
Em toda parte o braço omnipotente,
Que fizera raiar a noite e o dia.
Da frígida semente
Outra vez novo ser se produzia,
Animada ao calor do sol ardente:
Tudo em vida fervendo parecia.
Virtude de crescer, multiplicar-se,
O animal que á fera
Impia morte soubéra sujeitar-se.
Então o Creador arrebatado
Em divino prazer, almo, infinito,
Olhou dos céus o livro sublimado
Que com as suas mãos havia escripto,
E assim falou: Ouvi cheios de susto,
Mortaes, a voz do Deus immenso e justo.

Os céus entoam
Minha grandeza,
Os seres todos
Juntos pregoam,
Por varios modos,
Do eterno ser
O incomparavel,
Grande, inefavel,
Alto podêr.

A minha glória,
Homem, respeita;
Rendido, acceita
Meu mandamento:
Traze á memória
Que o firmamento
Por ti criei;
Que o mar e a terra,
E o que ella encerra
Tudo te dei.

Se me adorares
Com vivo amor,
E me offertares
Santo temor;
Por mim o juro,
Minha presença
Ao peito puro
Eu mostrarei,
E recompensa
Tua serei.

Mâs se quebrares
O meu preceito,
E sem respeito
O profanares,
Da morte fera
A mão severa
Tu sentirás.

E em vão gemendo,
No averno horrendo,
Me chamarás.

A immortalidade da alma

Porque choras, Fileno? Enxuga o pranto
Que rega o teu semblante, onde a amisade
De seus dedos gravou o terno toque.
Ah! não queiras cortar minha esperança,
E de dor embeber minha alegria.
Tu cuidas que a mão fria
Da morte, congelando os froxos membros,
Nos abysmos do nada inexcrutaveis
Vai de todo afogar minha existencia?
É outro o meu destino, outra a promessa
Do espirito que em mim vive e me anima.
A horrenda sepultura
Conter não póde a luz brilhante e pura,
Que soberana rege o corpo inerte...
Não descobres em ti um sentimento
Sublime e grandioso, que parece
Tua vida estender além da morte?
Attenta... escuta bem... Olha... examina...
Em ti deve existir: eu não te engano...
Tu me dizes que existe... Ah! meu Fileno,
Como é dôce a lembrança
Dessa vida immortal em que, banhado
De inefavel prazer, o justo goza
Do seu Deus a presença magestosa!

Desperta, ó morte:
Que te detem?
Teu cruel braço
Esforça, e vem.

Vem, por piedade,
Já transpassar-me,
E avisinhar-me
Do summo Bem.

E queres que eu prefira
Humanos passatempos ao momento,
Em que raia a feliz eternidade?
Um Deus de amor m'inflamma;
E já no peito meu mal cabe a chamma
Que docemente o coração me abraza.
Eu vôo por elle: elle só póde
Minha alma, sequiosa do infinito,
De todo saciar: este desejo
Me torna saboroso
O calix que tu julgas amargoso.
Fileno, doce amigo, a mão estende,
A minha aperta: não te assuste o vê-la
De mortal frio já passada e languida.
Mais duravel que a vida,
É da amisade a teia delicada,
Se a virtude a teceu... Em fim, ó morte,
Tu me mostras a foice inexoravel.
Amarga este momento: eu não t'o nego,
Meu amante Fileno: a voz já prêsa
Sinto faltar-me; o sangue
Nas veias congelar-me; pelo rosto
Me cae frio suor; a luz mal posso
Das trevas distinguir; e suffocado
O coração desmaia.
Vem, immortalidade — vem, ó grande,
Sublime pensamento,
Adoçar o meu último momento.

Ó Nume infinito,
Que aspiro a gozar,
O meu peito afflicto
Enche de valor.

Suave esperança
De sorte melhor,
Quanto deste instante
Adoças o horror!

SONETOS

Oito annos apenas eu contava,
Quando á furia do mar, abandonando
A vida, em fragil lenho e demandando
Novos climas, da patria me ausentava.
Desde então á tristeza começava
O tenro peito a ir acostumando;
E mais tyranna sorte adivinhando
Em lagrimas o pai e a mão deixava.
Entre ferros, pobreza, enfermidade
Eu vejo, ó céus! que dor! que iniqua sorte!
O começo da mais risonha idade.
A velhice cruel, (ó dura morte!)
Que faz temer tão triste mocidade,
Pâra poupar-me descarrega o córte.

Á immortalidade da alma

Sim, eu sou mortal. Bramindo espume
A maldade cruel; e desgrenhada
Morda-se embora, pois não póde irada
Extinguir da razão o vivo lume.
Crêde, caros amigos, não consume
Do tempo estragador a foice ervada
Esta viva faisca, que abrasada
Caíu do sôpro do Supremo Nume.

O justo sôbre a terra, aos céus erguendo
Os algemados braços, e o tyranno
Vício no throno com o pé batendo,
Fazem fugir o refalsado engano
Que em vão forceja, pâra ver gemendo
Da verdade o sisudo desengano.

Na presença de uma grande trovoada

Tremei, humanos: toda a natureza.
Do seu Deus ao aceno convocada,
Sôbre negros trovões surge sentada,
Em cruel furia contra nós accesa.
Do rosto seu escondem a belleza,
Medonha escuridade acompanhada
De abrazadores raios, e pesada
Saraiva que no ar estava prêsa.
Agora perde a côr de medo cheio,
O monarcha feliz e poderoso,
Que o vil orgulho abriga no seu seio.
Tu descoras tambem, atheo vaidoso,
E menos cego sem achar esteio,
A mão, que negas, beijas duvidoso.

Fr. FRANCISCO DE S. CARLOS

Fr. FRANCISCO DE S. CARLOS

A litteratura brazileira conta tambem uma epopêa sagrada. Tem por assumpto a assumpção da Virgem pelos anjos considerada na cidade de Epheso: tem por auctor um religioso franciscano reformado da provincia da Conceição do Brazil, Fr. Francisco de S. Carlos.

Nasceu este poeta sagrado no Rio de Janeiro em Agosto de 1763: no seu proprio poema se lembra elle de sua patria:

> Nas ribeiras do placido Janeiro,
> Presado berço meu, que fez a sorte
> Do aurifero Brazil o centro e a côrte.

Contava apenas treze annos de idade, quando, destinando-se á religião, entrou desde logo no convento de S. Boaventura de Macacú; e, seguindo seus estudos, professou quando teve idade, dando como noviço mostras de grande talento, e como religioso professo decididas provas de sentimentos religiosos e conducta exemplar. Como prégador se distinguiu tanto, que ao entrar dêste seculo foi nomeado professor de eloquencia sagrada, e quando ao Rio chegou a côrte, o escolheram pâra prégador da casa real. Não é como prégador que agora o temos que considerar: sua voz forte e clara, sua figura

nobre, e ao mesmo tempo expressiva, sua eloquencia facil, fecunda e accomodada aos assumptos, foram dotes que o fizeram considerar o primeiro prégador do Rio. Não lemos nenhum de seus sermões, e delles raros chegaram a imprimir-se; mâs a facilidade de sua eloquencia confirmâmos pela fluidez, pela expontaneidade de seus versos, viveza de suas imagens e colorido de suas pinturas, no poema que o fará immortal.

A Assumpção, em oito cantos, foi impresso em 1819. Parece incrivel como o poeta creador soube fertilisar com seu genio um assumpto que não o é, e que além disso estava já bastante tratado, para ainda sair-se delle seu auctor com tanta glória. Não que o poema se tornasse popular; em Portugal nem sequer o nome é conhecido; no Brazil apenas ha quem o lêa. Concorre pâra isso talvez menos a natureza das rimas pareadas, que infelizmente adoptou o poeta, e que, como elle mesmo diz, só advertiu demasiado tarde que causavam excessiva monotonia. Assim, quanto a nós, é um poema que ganhará muito se alguma vez chega a ser traduzido; pois é repleto de grandes imagens, cheio de episodios variados e descripções das belleza americanas, ás quaes o auctor teve o feliz pensamento de dar um justo logar no seu paraiso terreal.

Fr. Francisco de S. Carlos falleceu no Rio de Janeiro a 6 de Maio de 1829, e jaz no convento de Santo Antonio. Seu retrato se vê em uma estampa do frontespicio do poema, offerecendo à Virgem de joelhos este, que tem aberto na mão.

[Frei Francisco de São Carlos, no século Francisco Carlos da Silva, nasceu no Rio de Janeiro a 13 de agosto de 1763, batisado na freguesia de São José, filho de José Carlos da Silva e Ana Maria de Jesús. — Veja as biografias por J. M. Pereira da Silva, *Revista do Instituto Histórico,* X, ps. 524/542; por José

Tito Nabuco de Araujo, *Revista* citada, XXXVI, parte 2.ª, ps. 517/542.

Sua obra publicada consta:

— *Oração funebre recitada na Igreja da Cruz da Côrte do Rio de Janeiro, nas exequias da Senhora D. Maria I, Rainha Fidelissima do Reino Unido de Portugal e do Brasil, e Algarves...* Rio de Janeiro, na Impressão Régia, 1816, in-8°, de 24 pp.

— *A Assumpção; Poema composto em honra da Santa Virgem* — Rio de Janeiro, Imprensa Regia, 1819, in-8°, de VIII + 215 pp.

O poema teve segunda edição dirigida pelo Cônego Dr. J. C. Fernandes Pinheiro, Rio de Janeiro, Livraria B. L. Garnier, 1862, in-12 de XLIV + 271 pp. — R. G.].

America

.....

"Além dos máres vejo, além das ilhas
Ah! que immenso paiz! que maravilhas!
Vejo um novo hemispherio, novos ares,
Outros céus, outros bosques, outros máres,
Aves estranhas, flores nos matizes
Diversas, das que vi nos meus paizes.
Pelo longo da costa demandando
As regiões austraes, debaixo estando
Do semicapro peixe, que é patente
Méta meridional do sol ardente;
N'um braço do oceano, que ali morre,
Pulquerrima cidade logo ocorre
De nobres eidificios; torreada
De bronze e revelins a augusta entrada.
Inda mais vejo ali, se não me engana
Em painel tão escuro a mente humana,
Que pela praça vai a generosa
Deipara em triumpho; e populosa
Companhia com tochas mil accesas
Parece celebrar suas grandezas.
Dizei-nos, nobre archanjo, o que isto intíma.
Pâra mim é mysterio, é tudo enigma,
Tudo sombras escuras, e tão densas
Que as azas da razão me tem suspensas."
O vasto continente que affigura
(Diz o nuncio do Eterno) ésta gravura,
É um grande paiz quasi deserto:
No trato ao mundo antigo inda encoberto.
Mâs em fim por um genio denodado
Será das densas trevas arrancado
Co'o soccorro da agulha e do astrolabio,
Novo invento subtil do engenho sabio.
Ó Ligure immortal, nesta ardua empreza
Tornaste a abrir a porta à natureza;

E obrigaste a adorar do mundo a gente,
Como de novo, a mão do Omnipotente.
Que cythara tão doce, ou que profundo
Engenho poderia neste mundo
Uma parte cantar de tua glória!
Não mais, não mais blasono a antiga história,
As proezas do grego e do troiano;
Nem a fabula dêsse tão ufano
Pelos dôze trabalhos. Os seus feitos
Com os teus confrontados são defeitos.
Ou antes um pigmeu, ou uma aranha
Á vista do gigante, ou da montanha.
Por ti um grau de glória soberana
Recebe, e mais se exalça especie humana.
Nova serie de cousas eis que assoma,
E o orbe inteiro nova face toma.
Aplanadas dos golfos as passagens
Novos meios se abriram, mil vantagens
Aos tratos mercantís; e os bons talentos
Dictaram-se de luzes e de inventos.
Tocaste a méta da terraquea esfera,
Rasgado o véu dos se'los que a escondêra,
Então do Creador novos primores
Resplenderam, pregões dos seus louvores.
Que quando o seu saber mais patentea,
Delle nos cresce o amor, crescendo a idéa.
Em fim, mostrada em parte a naturesa,
Agora tu lhe expões toda a riquesa;
Mâs confessa, que a honra assim o ensina;
Que aprendeste os segredos e a doutrina
Dos bravos, dos affoitos Luzitanos,
Que primeiros traçaram-te os teus planos.
É tamanho o paiz, tão vasto o solo,
Que se estende de um polo a outro polo.
Ali vegetam várias alimárias,
Varios troncos e frutas; flores várias.
Acham-se ricas pedrarias finas,
Oiro, prata e mil drogas peregrinas.
Os tres reinos aqui, que a opulencia,
E bazes são da humana subsistencia;

Em minas, animaes e vegetantes,
Tão uberrimos são e tão prestantes;
Que não resolve a sábia subtileza,
Pâra onde mais pendeu a natureza.
Cria tudo, que o mundo velho envia;
E o mais, que o velho mundo jámais cria,
Porque, como uma e outra zona apanha,
Produz Lieu, e a fructa d'oiro estranha,
No jardim das Hesperides nascida,
Por quem foste, Atalanta, já vencida.
E o caixo, que de Rhodes gera o seio,
Melhor tornado neste clima alheio.
Abrilhanta o ananaz, sanzona a pera,
E o pomo, que discordia já tecêra
Entre as deusas do Olympo no monte Ida,
Que fez Dardania em cinzas reduzida
Os dons da Ceres loira, em competencia
Co'os celeiros Egypcios na afluencia.
Quando o próvido Hebreu amontoava
Nelles o grão, que arêas igualava.
Além das farinaceas e das raizes,
Que os povos fazem fartos e felizes,
Que direi dêsse reino vegetante
Em dilatar a vida tão prestante?
Aqui colheita salutar descobre
O farmaco, em vigilias uteis nobre.
Rica mina por certo, grão thesoiro
De mais alto valor, que a prata e oiro,
E o lustre vão de pedrarias finas;
Do nume de Epidauro prendas dignas.
A palmachristi, a nova ipecacuanha
Do velho Dioscorides estranha.
Da cupaiba o oleo precioso,
Que vence a dor e o golpe mais p'rigoso.
Hervas, plantas em succos e virtudes.
Ferteis de vida, fontes de saude.
Encontram-se tambem tribus errantes
Nos bosques; que entre si belligerantes
Vivem de singular e estranho povo,
Que parece outra raça, germe novo.

Antropophagos são, que a tão sobido
Gráu de horror chega humano embrutecido!
Pintam o rosto seu mal encarnado
De verde, croceo, rôxo e encarnado.
E por fugir á vespa o corpo todo
De resinas agrestes, ou de lodo.
Tecer ignoram; mas as suas tellas
São as plumas das aves, côres bellas.
A vida passam em contínuas festas
De crapulas e danças inhonestas.

Rio de Janeiro

A cidade, que ali vêdes traçada,
E que a mente vos traz tão occupada,
Será nobre colonia, rica, forte,
Fecunda em genios, que assim quiz a sorte.
Será pelo seu porto desmarcado
A feira do oiro, o emporio frequentado,
Amplissimo ao commercio; pois profundo
Póde as frotas conter de todo o mundo.
Será de um povo excelso, germe airoso
Lá da Lysia, o logar mais venturoso.
Pois dos Lusos Brazilicos um dia
O centro deve ser da monarchia.
Alçarão outras no povrir da idade
Os trofeus, que tiverem por vaidade.
Umas nas artes levarão a palma
De aos marmores dar vida, aos bronzes alma.
Outras irão beber sua nobreza
Nos tratos mercantís. Tal que se préza
De ver nas suas scenas e tribunas,
Maior brazão, mais inclitas columnas.
Aquellas dos Timantes o extremoso
Pincel com estro imitará fogoso.
Muitas eerão mais destras no compasso,
Que as linhas mede do celeste espaço.

Mâs cuidar de seu rei, ser sua côrte,
Dar ás outras a lei: eis desta a sorte.
Gravaram do rigor de impostos novos
Os dynastas crueis a terra e os povos
Egypcios, por alçar maças estranhas,
Que tu, transpondo o leito, ó Nilo, banhas,
Fosse superstição ou só vaidade
Da fama dilatar por longa idade:
É certo que o sentiu o povo santo,
Que tanto ali gemeu por tempo tanto.
Hoje busca o viajor o immenso lago
De Mexis, e só topa um campo vago.
E se restam taes obras peregrinas,
São sobejos do tempo, e só ruinas.
Aqui, pelo contrário, pôs natura,
Por brazões da primeva architectura,
Volumes colossaes, corpos enormes,
Cylindros de granito desconformes
Massas, que não erguerão nunca humanos,
Mil braços a gastar, gastar mil annos.
Vêdes na foz aquelle, que apparece
Pontagudo e escarpado? Pois parece,
Que deu-lhe a providente naturesa,
(Além das obras d'arte) por defsa,
Na derrocada penha transformado
Nuligena membrudo; sempre armado
De face negra e torva; e mais se o c'rôa
Neve, trovões e raios, com que atrôa.
Que, co'a frente no céu, no mar os rastros,
Atrevido ameaça o pégo e os astros.
Se os delirios da vã mythologia
Na terra inda vagassem; dir-se-ía:
Que era um desses Alóidas, gigante,
Que intentou escalar um céu brilhante.
Que das deusas do Olympo namorado
Foi no mar por audaz precipitado.
E as deusas por acinte lá da altura
Llhe enxovalham de neve a catadura.
Do seio, pois, das nuvens, onde a fronte
Esconde, vendo o mar, até o horisonte;

Mal que espreita surgir lenho inimigo,
Prompto aviza e previne-se o perigo.
Por uma e outra parte ao céu subindo
Vão mil rochas e picos; que existindo
Desde o berço do mundo, e d'então vendo
Os sec'los renascer e irem morrendo;
Por tanta duração, tanta firmeza,
Deuses parecem ser da naturesa.
Ossos da grande mão, que ao ar saíram
Na voz da creação; e mal que ouviram
Que deviam parar, logo pararam
Nas fórmas e extensões, em que se acharam.
Que affiguram exercitos cerrados
De mil negros tipheos petrificados.
Ao resto sobresae co'a fronte erguida
Dos orgãos a montanha, abastecida
De grossas matas, de sonoras fontes,
Que, despenhando-se de alpestres montes,
Vem engrossar o lago da agoa amára
Do grão Netheroy, do Guanabara.
Tal a fabula diz, de Alfeo que o rio
Faz por baixo do mar longo desvio
Té Ortygia, em demanda de Arethusa,
Que abraçar-se com elle não recusa.

O Brazil, seus fructos e passaros

Então, Brazil, verá tua ventura:
O sec'lo d'oiro teu, tua cultura.
Pelas largas espadoas penduradas
Não te verão mais settas aguçadas.
Nem de pennas multicolôr textura
Teus braços cingirá, tua cintura,
Debalde o Caiman se pinte enorme
De rôjo a tuas plantas, qual o informe
Do Ichnéumon rival, que gera o frio
Em lodosos paúes septemphino rio.

Correu-se o pano á scena: roçagante,
Estellifero palio, auriflammante,
Desenho do primor, obra de custo
Adornará teu vulto baço e adusto.
Sceptro na mão terás, e na cabeça
Corôa, donde santa resplandeça
Com raios de rubis a cruz erguida;
A cruz, que é tua crença querida.
Os fructos de teus bosques, de teus prados,
Mais doces hão de ser; porque cantados
Dos tytiros serão na agreste avena,
Nas silvas resoando a cantilena.
O aureo cambucá, fructa que unida
Nasce à casca da rama: a denegrida
Jaboticaba doce que bem vinga
Nas frescas varzeas da Piratininga.
Vós tambem, ó alados, que em plumagens
Da filha de Thaumante sois imagens;
Vós sereis celebrados, que girando
Lindos jardins no céu andais pintando,
O psitaco loquaz, grossas araras,
Os loiros canindez de plumas raras:
O trombudo tucano, que no peito
A côr formosa traz, daquelle geito,
Que Daphne já trouxera nos cabellos,
Em crespos fios d'oiro rico e bellos:
A iraponga nivea, que nos montes
Arremeda em tinir sordidos brontes.
Os ceruleos sahís, e tambem verdes,
Onde tu, esmeralda, o preço perdes.
Os roseos colhereiros, e os vermelhos
Guarás, que pennas trajam sendo velhos
De escarlate, se bem que negros nascem,
Mâs quando as salsas conxas do mar pascem,
Rubras côres recebem tão sobejas,
Que tu, rei dos jardins, o cravo, invejas.
O raro carajoá, que grão thesoiro
Tem na gorja de azul, de rôxo e d'oiro.
Que beatifica os goytacaces prados
De sons angelicos, de mil trinados,

E a tuas margens ama, e as agoas liba
O sereno e austrino Paraíba.
E o thiê, que o murice escurece,
Com que a praia de Tyro se ennobrece;
E outras muitas, em fim, que são diversas
No canto e fórmas, pelo ar dispersas.

Provincias do Brazil

Tambem colonias mil serão fundadas
De praças e lugares: affamadas
Por nobreza e commercio; da maneira
Que qualquer julgará ser a primeira.
Da latitude austral no gráu trezeno,
N'um rico e fertilissimo terreno,
A primeira cidade o navegante
Saudará do mar, ninho importante:
Que no cume de um monte se sublima;
Qual o da aguia, que alturas tanto estima.
Mãi de nobres colonias, que algum dia
Serás o Soteropole Bahia
É daqui que tu, inclyto Janeiro,
Tomas o berço e o fundador primeiro.
Assim matrona illustre, grave e annosa
Vê, prolifica em fructos gloriosa,
Cem filhos dos seus filhos desposados,
Esgalhos de um só tronco derivados.
Assim arvore exotica estimavel,
Que restou singular, inexgotavel
De si reparte garfos a milhares
Pâra mil hortas, pâra mil pomares.
Do porto seus baixeis empavezados
Irão cortando máres empolados
O paiz demandar fronteiro a este,
Por onde corre o Zaire, sopra o leste.

Conservando no seio em seu proveito
O oiro das nações: como tem feito
Antes de se abrazar, Tyro e Carthago:
Esta em Ausonio, aquella em grego estrago.

Subindo um pouco mais, verão Olinda
Surgir das ondas marcial e linda;
Cujos trofeus, com q'as Dunas se ennobrecem,
Em vão o leão fero das Asturias
Castigar jure belgicas injurias.
Inutil tentativa: vão reforço
Só Olinda arrostar pôde a tanto esforço.
Ao resto do paiz, como engrenhadas
Matas tiver, cidades isoladas,
(Prosegue o Archanjo) e Amphitrite em meio,
Todo o ardil será vão, todo o bloqueio.
Se algum porto, ou logar for esbulhado,
Não será pelas hostes conservado.
Que tendo além dos máres a esperança,
Não soffre o instante mal menor tardança.

Mais acima a cidade se descobre
Em lares não humilde, em cópia nobre
Do arminho vegetal, da casca ardente,
Com que tu, Maranhão, és excellente.
Colonia que o Gaulez sagaz fundára,
E dos Brazís corrido não gozára.
Quando do Ebro seguia a infausta estrella
A princeza do Téjo, Lyzia bella.
Viuva de legitimos senhores
No jugo e nos grilhões de usurpadores.
Mas lá por onde a noite iguala o dia,
Linha equinocial na hydrographia,
Por último a cidade nobre impera,
Com o nome, onde o verbo à luz viera.
Bem sôbre a foz de um rio, que no mundo
É capitão das agoas sem segundo.
O Téjo, que já perolas da aurora
E hydraspicos máres houve outr'ora;
O Tybre, que nos giros, que rodêa,
Trofeus volvia, como agora arêa;

O Rheno, cujas margens se gloriam
Do rôxo nectar, que fecundas criam;
Á vista do Amazonas, representam
Quaes ramos sôbre os troncos qu'os sustentam.
Ó nautas, que contaes couzas tamanhas,
Vendo extranhos paizes, novas manhas,
Dizei ao morador do velho mundo,
Que n'outro um rio vistes tão profundo,
Que no seu vasto seio uma ilha aponta
Que tres vezes cincoenta milhas conta.
Paiz quasi ao desdem; até que um dia
Lhe imprima dextra mão nobre energia.
Analogo rival, quadro imitante
Do cheiroso terreno, do abundante,
Que o Indo réga, morador da aurora,
E o Ganges, cuja fonte em eden mora.
Aqui as plantações tão lindas crescem
Do extremo Chim, que indigenas parecem:
A estomacal raiz, acre e pungente;
A negra pipereira, o cravo ardente;
O muscado, odoriferante fructo,
De que as aves recebem grão tributo.
E aquelle, cuja amendoa cria massa
Da potagem balsamica, que passa
Em delicias o nectar delicado,
Dos immortaes nas mezas só brindado.
A canfora, antevermis precioso,
O áloes, o sandalo cheiroso;
E a salutar cortiça da canela,
Com que, Taprobana, és rica e bella.
Bem poderiam, pois, ser transplantadas
Estas substancias todas: trasladadas
Aqui vantagens taes; e dêste geito
Mais profícuo o Brazil, de mais respeito.
Quem ouzára affrontar golfos tão altos,
Expondo o peito a tantos sobresaltos?
Quem ver quizera a horrenda catadura
Do gigante, ao presente rocha dura;
Tendo aqui lastro prompto, fresco e certo,
Por mar mais social, rumo mais perto?

Voltando ao Austro, os bosques senhorea
A illustre povoação de Paulicea;
Aprazivel logar, cuja campanha
O Tamandatay cercando banha.
Cujos alumnos fortes e briozos,
Rios transpondo, montes escabrozos,
Atropos insultando e os seus perigos
Sem rotina segura, sem abrigos,
De pantheras e serpes assaltados,
E do indigena bruto; em fim cançados
Darão com terras pingues e abundantes
Das veias d'ouro ricas e diamantes.
Aquelles que furando o peito duro
De triplicado bronze, o mar escuro
De Helle na aventureira faia arando
Voltam de Colcos ledos, transportando
D'oiro a lã; não disputem as conquistas,
Que hão de tentar os inclytos Paulistas.
Contigua a ésta terra, a terra péga
Do metal, que a fortuna a muitos nega.
Tudo quanto de Ophir se tem falado
E de riquezas d'ouro exaggerado;
Em gráu aqui se encontra tão sobejo,
Que póde terminar qualquer desejo.
Nunca tamanhas, tão exuberantes
Cópias de metaes finos e diamantes
Em cofres eclipsaram chapeados
Da riqueza os heroes: nem celebrados
Senhores foram já de tanto preço,
Atalo em Pergamo, e na Lydia Cresso.
E se nada exaggero ou dissimulo,
Em vão se aggrave contra mim Luculo.
Descendo a costa um pouco ao meio-dia
A Ilha Linda se verá que um dia
Nomeada será florente e culta
Da illustre Martyr que o Sinai sepulta.
Por quem a antiga Grecia esquecêra
De Chipre, Chio, Samos e Cithera.
Em fim nas margens da um soberbo rio,
Quasi termino austral do senhorio

Luso; em gentís e deleitosos prados
Dos dons da flava Ceres lourejados;
Ficará Portalegre, cujo nome
Natura deu-lhe, que ninguem lh'o tome.
E tu, inclyta villa da Victoria,
Que já em teu nome ostentas tua glória:
Não penses que de ti se esquece a musa,
Que o merito exaltar jámais recusa.
Tu erguste soberba os teus pavêzes
Contra o Belga e o Tamoio muitas vezes.
Tu abundas de aromas e resinas,
E, o que é louvor, de mentes peregrinas.
Mâs se algum contradita quanto allego
Venham vingar-te as muas do Mondego.

Cultos á virgem: a Igreja da Glória do Rio de Janeiro

A bella estatua, que com bello arranjo
Sôbre aureos serafins (prosegue o archanjo)
É levada entre a turma, que abrazada
De amor, laudes lhe rende em voz alçada;
Já mostra que será da vencedora
Do Erebo a cidade grão cultora.
E é por ésta razão, e é neste intento,
Que mereceu aqui distincto assento.
Ella fará subir à clara esfera
Em seu nome trofeus, onde a arte impera.
Soarão pelos lares e nas ruas
Hymnos mil, e canções em glórias suas.
Não vêdes acolá como apartada
Colina, ora de silvas eriçada,
Ninho de serpes, placida guarida
De feras? Será então no cume erguida
Casa à Virgem, mediocre na altura,
Mâs no risco primor de architectura,

Que ostentará por timbre de memória,
O título pomposo desta glória.
Trofeu, que inda será, da piedade
Do trato mercantil desta cidade.
Celebrarão a volta deste dia
Nella os povos com fogos de alegria.
Por marmoreas escadas a subida
Conduz ao alto e ao portico da ermida.
Sôbre lagedos de granito em quadro
Descança a baze, que ali tem um adro.
Dos lados peitorís; descanço e meio
Dos olhos pastearam seu recreio.
Situação risonha, sobranceira
Ao mar, entre a vaidosa cordilheira
De rochas e de serras mil erguidas,
De palmas e arvoredo abastecidas.
Oh! que novo fulgor! Oh! que serena
Luz innunda e abrilhanta a rica scena!
De piedade inuzitado exemplo
Eu vejo, eu vejo neste augusto templo.
Este dia, Brazil, com typos d'oiro
Transmittam teus annaes até o vindoiro.
Marcha a pompa dos nobres e senhores,
Brilha o oiro, o ostro e os seus primores.
Entre todos levanta o magestoso
Collo o Principe, qual ergue frondoso
Plátano a verdejante copa ingente
Sôbre a vergontea debil. Eis que contente
Vem ao templo offertar com fé que espanta,
A nova Imperatriz dos céus a planta
Bragantina Dicando agradecido
Aquella, por quem tinha recebido.
Arde a panchaia, sóbe o odor aos ares
Descança a linda offerta nos altares.
Entre as grympas da torre ao céu erguidas
Festejam bronzeas boccas retangidas.
A vária côr purpurea das bandeiras
Nutre os olhos, das vistas mil fagueiras.
Rebomba pelo espaço do oceano
Em crebreas explosões rouco Vulcano.

Sobem votos de amor ao céu propício
Porque ria de cima ao natalício.
Clama o povo, e nò longe os arredores
Vão repetindo os eccos dos clamores.
Em fim tudo é festivo e prazenteiro
Nas venturosas ribas do Janeiro.
Aqui nautas virão cumprir o voto,
Trazendo em hombros o velacho roto:
Co'a roupa mal enxuta, inda assustados
Dos euros e escarceus encapellados.
Virão tambem romipetas, trazidos
Da devoção, de offertas opprimidos
Assim que por tal fé, tão extremada,
Bem podéra ésta praça ser chamada
A cidade da Virgem; bem como ella
É cidade de Deus risonha e bella.

Civilisação da Capital do Brazil

E tu, fausto logar, que inda algum dia
Nobre assento serás da monarchia;
Tu que já fôras inclyto e florente
Nas artes, na riqueza e illustre gente;
Escuta agora os dons esclarecidos,
Que a ti do céu estão apercebidos.
Verás soberbas filhas do oceano,
Prenhes de rico pêso, que cada anno
Feudos te pagarão das ricas têas
Das plagas orientaes, das europêas.
Verás do reino physico aclarados
Seus segredos, té-li não revelados,
Madeiros de fabrico primorosos,
Cascas de tintas, oleos preciosos,
Tintas rezinas, massas e perfumes
Que ora desprezam barbaros costumes.

E outras mil raridades descobertas,
Reduzidas a classe e a regras certas.
Thesoiros a meu ver, mais importantes,
Do que teu oiro, do que teus brilhantes.
Verás brilhar as artes, florescendo
Novos inventos: máquinas nascendo:
O prêmio honrado do talento e zêlo,
E este o premio a honrar com merecê-lo.
Respeitando o cinzel dos Praxitelles,
Com lettras de nobreza a arte de Apelles.
Verás das santas leis ao doce abrigo
Da donzella o thesoiro sem perigo.
A orfã lacrimosa consolada,
A viuva de insultos resguardada.
Do avido tutor o desvalido,
Innocente pupillo protegido.
Verás, verás, então, com grande lustre,
Renascer do teu seio prole ilustre:
Nova raça de heroes, bravos guerreiros
Dos heroes da nação filhos e herdeiros.
Rivaes dos Magalhães, rivaes dos Gamas,
Que farão renascer as lusas famas,
Que farão respeitar a patria cara,
Tornando-a por seus feitos grande e clara.
Levando, a ser preciso, o fogo e a guerra
Á ilha mais longiqua, aos fins da terra.
Verás do santo culto a lei sagrada
No último explendor depositada.
Ao céu subir sagrado, puro incenso,
Por mãos mais puras, dado ao Deus immenso.
O santo sacerdocio irreprehensivel,
O templo venerando, o altar terrivel.
Que todos estes bens em fim se esperam,
Quando as virtudes n'um logar imperam.
Verás... mâs ah! não quer o céu qu'a humanos
Eu revele inda mais os seus arcanos —..

MANOEL JOAQUIM RIBEIRO

MANOEL JOAQUIM RIBEIRO (1)

Ao Conde de Sarzedas

Á sombra de um alto freixo,
Quando o sol cresta as boninas,
Almeno a sésta passava
Em uma selva de Minas.

---

(1) Nenhumas noticias possuimos dêste poeta, mais que, endo professor regio de philosophia em Minas, *mandou* ao pu·lico, debaixo dos auspicios do ex-governador daquella provincia Bernardo José de Lorena, conde de Sarzedas, as suas *Obras Poeicas*, as quaes se imprimiram em 1805 na impressão régia em Lisboa em um tomo de 109 paginas de 8.º De algumas dellas se vê, que o poeta já conhecia as lyras de Dirceu, que alguma vez quis imitar.

[Manuel Joaquim Ribeiro nasceu em Portugal, na segunda metade do século XVIII e viveu em Minas Gerais; alí faleceu depois de 1831. Publicou:

— *Obras poeticas*, que debaixo dos auspicios do Illmo. e Exmo. Sr. Bernardo José de Lorena, Conde de Sarzedas, ex-Governador da Capitania de Minas Gerais, manda ao publico... — Lisboa, 1805, in-8°, de 109 pp. (Tomo 1.°).

— *Obras poeticas*, que debaixo dos auspicios da Illma. e Exma. Sra. D. Maria Magdalena Leite de Oliveira, manda ao publico... — Lisboa, 1806, in-8° de 141 pp. (Tomo 2°).

No *Patriota*, do Rio de Janeiro, tomo 2.° (1813) e 3.° (1814), foram publicadas duas odes pindáricas de sua lavra; de publicação em avulso sairam duas orações suas, Rio de Janeiro, 1822 e 1823. Na *Revista do Instituto Histórico*, LX, parte 1.ª, ps. 371/373, lêem-se seus versos *Á feliz e venturosa chegada de Suas*

Seu gado junto de um rio
Que mansamente corria,
Por entre frescos arbustos
Um brincava, outro dormia.
Pêlas folhinhas dos ramos
Brandos zefiros trepavam,
E suaves dormideiras.
Sôbre o pastor espalhavam.
Morfeu, que escondido estava
Entre o seu cabello loiro,
Pouco e pouco lhe estendia,
As suas algemas de oiro.
Té que sôbre a relva molle
Na dextra mão encostado,
Uma aura doce o prendeu
Em que ficou sepultado.
Ledos sonhos voadores
Junto ao rosto lhe adejaram,
E lindos paineis brilhantes
Na idéa lhe pintaram.
Então sua fantazia
Batendo as azas de fogo,
A bella por quem suspira
Presente lhe trouxe logo.
Elle viu a sua Jonia
Ir após do manso gado,
Duas brancas ovelhinhas
Levando junto a seu lado.
"Estas ovelhas, que estimo,
Como estimo o claro dia,
São pâra o meu doce Almeno,
A pastora assim dizia.
"Eu lhe apanho a branda relva
Pêla minha própria mão,

Magestades Imperiaes a esta Imperial Cidade de Ouro-Preto, em o sempre memoravel dia 22 de Fevereiro de 1831.

Era presbítero secular e cavaleiro da Ordem de Cristo.

— Conf. Afrânio Peixoto, *Noções de História da Literatura Brasileira,* ps. 173, Rio de Janeiro, 1931. — R. G.].

Descançam no meu regaço,
De mim sempre junto estão,
"Mil vezes já me tem dito
Quando está no meu casal,
Que ama e respeita em extremo,
Ao nosso maioral.
"As virtudes e as graças,
Ornaram tanto a Lorena,
Que me é tão grato, dizia,
Como a tua face amena.
"Estas ovelhas, que imitam
A alvura da branca neve,
Talvez, qu'em signal de affecto
O meu Almeno lhe leve.
"De várias, cheirosas flores
Uma capella virente,
Ali guardo preparada,
Pâra lhe elle ornar a frente.
"Tomára que já crescessem
Os medronhos rubinsados,
E os rôxos muscateis
Estivessem sasonados.
"Estes sestinhos de juncos,
Que ornam pintados amores,
Almeno os levára cheios
Todos cobertos de flores.
"Eu bem sei que nada valem
Nossos rusticos presentes,
Mâs sua alma bem conhece,
Que são brindes innocentes.
"Se dar-lhe todo o meu gado
O meu Almeno quizera,
Como dou éstas ovelhas
De boamente lh'o dera.
"S'eu vira, que o meu Almeno
Deixava de ser pastor,
E que n'umas ricas minas
Dominava, era o senhor...
"Qu'em cintados cofres tinha
Guardadas pedras brilhantes,

Braçados de barras de oiro,
Mãos cheias de diamantes...
"Tudo, Almeno, tu lhe deras,
Qu'eu sei o teu coração;
Mâs que ha de ser, s'inda tens
De pastor a condição.
"Pêlo affecto que te guarda
Esta alma de que és senhor,
Vai, meu Almeno, vai dar-lhe
As prendas do meu amor.
"Dá-lhe as brancas ovelhinhas,
Dá-lhe a capella tambem...
Mâs, que menino gentil
Pâra aqui andando vem?
"As loiras, compridas tranças,
De rosas traz ennastradas,
Nas suas faces de neve
Vem as papoilas pintadas.
"Lá no hombro lhe diviso
Aurea aljava, estar pendente:
Acaso será cupido?
Esse deus que fere a gente?
"Que fazes aqui menino,
Tão só por entre éstas brenhas?
Não temes que de hirtas feras
Tu pasto a ser lhe venhas?"
"Não temo... amor lhe tornou:
Nas armas que vês comigo,
De quem quizer offender-me
Eu trago prompto o castigo.
"Minha mãe, que em Chipre mora,
Como tu, formosa e bella,
Te manda por mim dizer,
Que Lorena é cousa della.
"Junto ás aras qu'elle occupa
Do prazer no templo ameno,
Prata, oiro, diamantes,
Qu'ella tem, dirás a Almeno.
"Que Lorena tem uma alma
De regio sangue animada,

E que de humildes pastores
Estima o amor, mais nada.
"Essas brancas ovelhinhas,
Que pâra Almeno destinas,
Venus manda que as não leve
Ao maioral de Minas.
"De teu affecto, extremoso,
Que as guarda sempre em penhor.
Dir-lhe-has, pastora, do qu'ésta
Foi a vontade de amor."
E logo as azas batendo
Nos leves ares subia,
Em tanto Almeno gritava
Vendo que amor lhe fugia.
"Suspende, Jonia adorada,
Suspende, detem amor..."
E neste bradar afflicto
Acorda o pobre pastor.
Olha a um e a outro lado,
Mede a solitaria selva,
E apenas vê seu rebanho
Pastando na branda relva.
Neste sonho, que a idéa
Lhe pintava verdadeiro,
Conheceu Almeno que,
Nem dormindo, ha gôsto inteiro.

Que fará o meu bem, a minha Jonia,
Os meus lindos amores,
Depois que os resplandores
Dos seus olhos deixei, mais as campinas
Das aureas, ricas Minas!

Inda o pranto, que ardente as faces rega,
Verterá por Aulindo?
Inda estará sentindo
Aquelle vivo golpe, activo e forte,
Que quasi a pôs à morte?

Ah! quem podéra agora meigo e terno,
Aperta-la em meus braços,
Depois contar-lhe os passos
Que já dei, desde a hora denegrida
Da nossa despedida.

Dir-te-ia, sim, meu bem, dir-te-ia o como
Trespassado o meu peito,
Senti da dor o effeito,
Quando nas mágoas e transportes meus
Te dei o último adeus.

Quando nos longos, espaçosos mattos
Por onde caminhava,
Por ti, Jonia, chamava,
Contando áquelas feras e avesinhas
As tristes penas minhas.

Quando d'agreste, despenhada serra,
Que ardente sol batia,
Pêlas pedras descia,
Té chegar, doce bem, á suspirada,
Agradavel calçada.

Quando à Estrella cheguei, e em curvo barco
Por negros governado,
Entrei no mar salgado,
E nas vélas soprando o vento frio,
Cheguei em fim ao Rio.

Minha querida, minha Jonia bella,
Que mágoa, que saudade,
Ao entrar na cidade,
Não sentiu a minha alma terna e amante,
De ti, meu bem, distante.

Ah! se nos vôos do veloz desejo
Podéra, ó Jonia! ir ver-te...
Que tinha que dizer-te

Do que ausente soffri, ó minha cara!
Que cousas não contára?

Porém a sorte, que me leva errante
Longe de ti, ó bella!
Se agora me atropella,
Virá tempo em que deixe inda juntar-nos,
E felizmente amar-nos.

Então te contarei quanto hei soffrido
Distante do teu rosto:
As penas, o desgôsto,
E a mágoa devorante, em que fluctua
Esta alma — que é só tua.

Junto de um freixo copado
Com minha Jonia adorada,
Sôbre a relva matizada
Doces horas vou passar.
Quem disfructa, o que eu disfructo,
Não tem mais a que aspirar.

Não vem ali bravas feras
Dessas alpestres montanhas,
Só tu, amor, acompanhas
Nosso gôsto singular.
Quem disfructa, o que eu disfructo,
Não tem mais a que aspirar.

Naquelle sitio, sómente
Aos prazeres consagrado,
Não entra inhumano fado,
Nem desgôsto chega a entrar.
Quem disfructa, o que eu disfructo,
Não tem mais a que aspirar.

Ali, de um manso regato,
Se escuta o susurro brando,

Como quem vai murmurando
Do que nos vê praticar.
Quem disfructa, o que eu disfructo,
Não tem mais a que aspirar.

Cantam ternos passarinhos
Nos altos ramos pousados,
E com suaves trinados
Vem nosso gôsto augmentar.
Quem disfqructa, o que eu disfructo,
Não tem mais a que aspirar.

As rosas em tôrno nascem
Da minha Jonia formosa;
Quando me deixa amorosa
Nos seus braços recostar.
Quem disfructa, o que eu disfructo,
Não tem mais a que aspirar.

Suas lindas, alvas faces,
S'eu lhe expresso algum desejo,
Logo cobertas de pejo
Mostram a côr de nacár.
Quem disfructa, o que eu disfructo,
Não tem mais a que aspirar.

Bando de gentís amores,
Nas brancas azas suspensos,
Os nossos gostos intensos
Vem alegres contemplar.
Quem disfructa, o que eu disfructo,
Não tem mais a que aspirar.

Permitta amor que ésta dita,
Qu'eu góso e mais Jonia bella,
Assim em mim, como nella
Nunca se chegue a acabar.
Quando estou com minha amada,
Mais não tenho a que aspirar.

Aqui nesta balça escura,
Da tristeza imagem feia,
Lembranças de um bem que adoro
Vou revolver na idéa.
Ai, ai, ó dores!
Quem póde viver alegre
Ausente dos seus amores.

A terna rolla suspira
Quando não vê o consorte:
Eu longe da minha Jonia
Supporto âncias de morte.
Ai, ai, ó dores!
Quem póde viver alegre
Ausente dos seus amores.

Brutas penhas se me ouvires
Algum amante segredo,
ó penhas! não sei se o diga,
Até de vós tenho medo.
Ai, ai, ó dores!
Quem póde viver alegre
Ausente dos seus amores.

Anda a sabiá cantando,
De raminho, em raminho,
Alegre por ver defronte
A sua amada no ninho...
Ai, ai, ó dores!
Quem póde viver alegre
Ausente dos seus amores.

Eu, porém, sem ter socêgo,
Ando por ésta espessura,
Inuteis queixas formando
Da minha pouca ventura.
Ai, ai, ó dores!
Quem póde viver alegre
Ausente dos seus amores.

Tu, limoeiro, que viste
Aquelle beijo suave...
Folhinhas, guardai silencio,
Só vós, ninguem mais o sabe.
Ai, ai, ó dores!
Quem póde viver alegre
Ausente dos seus amores.

Doces, amantes promessas
Pêla minha Jonia feitas,
Qual será o feliz dia
Que vos veja satisfeitas.
Ai, ai, ó dores!
Quem póde viver alegre
Ausente dos seus amores.

O mais vil d'entre os bichinhos
Vê e logra o bem que adora,
Só eu, infeliz, não posso
Ver a quem nesta alma mora.
Ai, ai, ó dores!
Quem póde viver alegre
Ausente dos seus amores.

Deixai-me tristes lembranças,
Deixai-me infeliz morrer:
Não é justo tenha vida
Quem seu bem não póde ver.
Ai, ai, ó dores!
Eu morro de saudades
Se não vejo aos meus amores.

Canta o pastor namorado
Da pastora os olhos bellos,
Canta-lhe o rosto nevado,
Os longos, pretos cabellos,
Onde amor anda enredado.

Sôbre a borda do saveiro,
Canta o terno pescador
Os grilhões do captiveiro,
Bemdizendo o deus d'amor
Por se ver prisioneiro.

Sua linda, ao som da lyra,
Canta o soldado na guerra;
Ora geme, ora suspira;
Nunca lhe esquecendo a terra,
E a última vez que a víra.

Eu tambem dentro em mim sinto
Igual férvida paixão;
Dos mais eu não sou distincto;
Do meu bem a perfeição
Mil vezes na idéia pinto.

Amor a tuda avassalla,
Ninguem delle vive isento:
Alguem ha que soffre e cala;
Porém o seu fogo lento
Tudo mina, a tudo iguala.

Ao rei no throno sentado,
No inculto monte ao serrano,
A todos fere o vendado:
Ninguem se isenta do damno,
Que faz o farpão doirado.

Achilles com peito de aço
É sensível à ternura:
Do rei Latino no paço
O teucro heroe, por ventura
D'amor não caíu no laço?

Alexandre ostenta forte
Não ver de Dario as filhas,
Mâs depois segue outro norte:

Entre as amantes quadrilhas
Tu o vais pilhar, ó morte.

De Carthago o vencedor
Tambem sente a chama ativa:
Perdido todo o valor,
Á vista de uma captiva
Chora nos ferros d'amor.

Quem levou Helena a Troya?
Deu a Lucrecia o punhal?
Quem urdiu a vil tramoia
Com que no Uraguay fatal
Morreu a gentil Lindoia?

Quem a Cleopatra envia
Do throno ao cahos profundo?
Leva Dido á campa fria?
Quem affamada no mundo
Fez a lusitana Osmia?

Só tu és, idalio nume,
A causa dêstes effeitos:
Ninguem livre se presume;
Tu pões em todos os peitos
Teu activo, ardente lume.

Jonia, a minha Jonia bella,
Me faz sentir igual chamma;
O seu amor me disvella;
Venturoso aquelle que ama
S'é correspondido della.

No meu coração cravada
Tem amor a setta dura,
Mâs não é envenenada:
É setta que, com ternura,
Sempre foi por mim beijada.

S'é êrro, Jonia, adorar-te,
A natureza o protege:
Quem censura nesta parte,
Talvez seja por que inveje
Eu ser feliz em amar-te.

Que querem de mim qu'eu faça,
Vendo teu rosto divino?
Tudo, Jonia, tudo enlaça,
Tudo prende o deus menino
Á vista da tua graça.

Se aquelles guerreiros fortes,
Perdido o marcio furor,
Mudaram seus duros portes...
Se no domínio do amor,
Sentiram doces transportes...

Se aos mesmos padres conscriptos
A gentil Virginia inflamma;
S'em Florença aos patrios gritos
Sacrifica Laura a fama,
Sem temer da crise os ditos...

Fale o mundo o que quizer,
Hei de amar-te, Jonia linda;
O deus Pafio assim o quer;
Té agora ninguem ainda
Resistiu ao seu podêr.

SONETOS

As redeas toma o inclyto Lorena,
A paz nos baixa da justiça ao lado,
Geme a maldade no grilhão pezado
Victima digna da mais dura pena;

A sábia dextra, que o castigo ordena,
Longe afugenta todo o monstro irado,
Da sagrada virtude acompanhado
As redeas toma o inclyto Lorena:
A nuvem do terror ao criminoso
Entre as brenhas persegue e nas campinas,
Té que vindo a seus pés é venturoso:
Com govêrno feliz de acções tão dinas,
Melhora sua sorte o desditoso,
Exulta alegre a afortunada Minas.

Mais póde o sol deixar de ser luzente,
E com a noite misturar-se o dia;
Ser a calma, bem como a neve fria,
E se por natureza o gêlo quente:
Mais póde o mar deixar de ser movente,
E de ser rocha a bruta penedia,
Tornar-se em trevas tudo o que alumia,
E a mesma terra ser resplandecente:
Mais pode o mundo em nada ser desfeito
A materia perder a gravidade,
Deixar o fogo de queimar o effeito:
Mais póde, emfim, ser sombra a claridade,
Que'eu deixar de sentir no terno peito
O golpe que me fere da saudade.

JOAQUIM JOSÉ LISBOA

JOAQUIM JOSÉ LISBOA (1)

Descripção curiosa

Minha Marilia, eu não faço
Do Brazil uma pintura,
De sublime architectura,
Como a que tem Portugal.

---

(1) Quasi tão escassas, como do precedente, são as noticias que temos de Joaquim José Lisboa, alferes do Regimento regular de Villa Rica em Minas. Em 1804 publicou o seu interessante folheto, em 8.º, intitulado *Descripção curiosa*, em que pinta a sua provincia nas quadras que adiante transcrevemos.

Com a invasão dos francezes em Portugal, declarou-se com o maior enthusiasmo contra estes, publicando poesias patrioticas, etc. — Em 1808 (typographia de Simão Thaddeu Ferreira) publicou uma ode ao Silveira e um soneto á guerra. Logo depois (impressão régia) outro intitulado — *A Proteção dos Inglezes* — com um soneto, trinta e duas quadras e quatro decimas, que offereceu ao novo corpo conimbricense. — Em 1810, sob o titulo de — *Obras Poeticas* — (Impressão régia) imprimiu dois sonetos e uma ode ao bispo do Algarve. — Em 1811 (Impressão régia) tambem com o titulo de *Obras Poeticas*, consagrou a Wellington uma ode, um soneto, um dialogo e quatro decimas.

[Joaquim José Lisboa nasceu em Vila Rica, no ano de 1775. — O titulo completo da *Descripção* é: — *Descripção curiosa das principaes producções, rios, e animaes do Brasil, principalmente da Capitania de Minas Geraes*, por Joaquim José Lisboa, Alferes do Regimento Regular de Villa Rica (Armas reais portuguesas).

Pinto com pobre discurso,
Com pouca arte e sem belleza,
Os dotes que a natureza
Lhe deu com mão liberal.
Campos nativos lhe deu,
Deu-lhe bosques, mattos, serras,
E fez fecundas as terras,
De proficuos vegetais.
Ornam aos campos e aos mattos,
Engraçadas, ternas flores,
Com differença nas côres,
No feitio e em tudo o mais.
Serpeando regam tudo
Claros, frígidos ribeiros,
Que descem d'altos oiteiros,
E d'entre rochedos nascem.
Todo o anno ha primavera:
Fosse agosto ou fosse abril,
As arvores no Brazil,
Não me lembro que seccassem.
Seu clima é o mesmo que este,
Porém muito mais sadio,
Porque o inverno é menos frio,
Menos calmoso o verão.
Tão benigna a natureza
Neste paiz nos costuma,

Lisboa. Na Impressão Regia, 1806 (não 1804). Com licença. In-16 de 22 pp. — Consta a *Descripção* de 154 quadras, e foi reproduzida na *Revista do Archivo Publico Moneiro*, ano XIV (1909), ps. 551/565, e por Mário de Lima, *Collectanea de Autores Mineiros — Poetas*, vol. I, ps. 249/271, Belo Horizonte, 1922.

O Alferes havia publicado antes versos pastoris, sob o nome de *Jonino e Tamisa* (Lisboa, 1802); depois a *Ode offerecida ao Illmo. e Exmo. Senhor Francisco da Silveira Pinto da Fonseca, Moço Fidalgo com exercicio no Paço...* — Lisboa, 1808; e a *Protecção dos Inglezes*, impressa em Lisboa e reimpressa no Rio de Janeiro, Impressão Regia, 1810, como se vê da *Gazeta do Rio de Janeiro*, n. 40, de 19 de maio daquele ano: "Sahiram á luz... *A Protecção dos Inglezes*, versos de José Joaquim (sic) Lisboa, por 320 reis. Vendem-se na loja de Paulo Martin. — R. G.].

Que gozâmos sempre d'uma
Deliciosa estação.
Os campos, minha Marilia,
Sendo, como são, regados,
Nutrem numerosos gados,
Sem precisão de pastor.
Um só alqueire de milho,
Na fertil terra plantado,
Dá duzentos ao cançado,
Fatidico agricultor.
Temos nas nossas montanhas,
Inda nas que são mais brutas,
Saborosissimas fructas,
Que poucos conhecem cá.
Nós temos a gabiroba,
O araticum, a mangaba,
A boa jaboticaba,
O saboroso arasá.
O rugado genipapo,
A guaiaba, o bom cajú,
Pitanga, azedinha, ambú,
Cambocá, baco-parí.
Os joazes excellentes,
Côco espinho, jambo, angá,
Temos o mandapusá,
Marmellada e moricí.
A silvestre sapocaia,
As bananas, os mamões,
Limas da China, limões,
Temos manga e jatobá.
Temos a fructa de conde,
Gorumixamas delicadas;
E temos posto em latadas
Mimoso maracujá.
Temos áta, jaca, côcos,
Cabacinhas amarellas,
Ananás e outras bellas
Fructas do mesmo paiz.
Isto junto ao genio docil
Da fiel, brazilia gente,

Faz uma idade excellente,
Produz um tempo feliz.
São fartas as nossas terras
De palmitos, guarirobas,
Coroá cheiroso, taiobas,
E bolos de carimans.
Dêstes bolinhos, Marilia,
Usam muito aquelles povos,
Fazendo um mingáu com ovos,
Quasi todas as manhãs.
Temos o cará mimoso,
Temos raiz de mandioca,
Da qual se faz tapioca,
E temos o doce aipim.
Temos o caraeté
Carajú, cará barbado,
O inhame asselvajado,
A junça, o amendoim.
Mangaritos redondinhos,
Batatas doces, andús,
Quiabos e carurús,
De que se fazem jambês.
Temos quibebes, quitutes,
Moquecas e quingombôs,
Gerzelim, bolos d'arrôs,
Abarás e manauês.
Temos a cangica grossa,
Pirão, bobôs, caragés,
Temos os jocotupés,
Orapronobis, tutús.
Tambem fazemos em tempo
Do milho verde o corá,
Mojangués e vatapá,
Pés de moleque e cuscús.
Os rios, que há lá mais ricos,
Marilia, eu te vou dizer,
Se os não chegares a ver,
Ao menos sabes quaes são.
A Giquitinhonha é um,
Rio do Sono, Abaethé;

Porém maior, que este, é
O que passa em S. Romão.
Ha sitios em que é mais largo,
Que a distancia de tres milhas,
Basta dizer, que tem ilhas,
Que dão pasto para os gados.
São tão fecundas de fructos,
Na estação de varios mezes,
Que nutrem porcos montezes,
Anta, lobos e viados.
Temos o rio das Contas,
Temos o rio da Prata,
Que em varios sitios se trata
Pêlo rio Paracatú.
Temos o Paraibuna,
Visinho da Paraíba,
E temos a Parnaíba,
E o rio Perauasú.
Temos o rio das Velhas,
Que passa por Sabará,
E o rio Preto que está
Visinho ao Arasuahí.
Do alto monte do Itambé
Morada de chuva e frios,
Nascem alguns sete rios
Além do Capivarí.
Temos o rio das Mortes,
O prudente rio Verde,
Porém neste ninguem perde,
Nem vida, nem cabedal.
Sonolento faz seu giro,
Não ha quem delle se queixe,
É riquissimo de peixe,
E por manso não faz mal.
Ha no Sêrro o rio Pardo,
E ha outro Tijucosú:
Rio Escuro em Paracatú,
Orocuia em S. Romão.
Tórno ao Sêrro e mostrarei,
Que um rio Inhacica, ha,

E a Paracatú onde está,
De S. Pedro o Ribeirão.
O rio Doce lá temos,
Que está contiguo Gentio,
E temos no Sêrro frio
O Inhahi e a Paraúna.
O Fanado é em Minas Novas,
E perto de Macaúbas,
Rio Jaboticatubas,
Rio Manso e rio Duna.
Temos o rio das Guardas,
O da Arêa, o Borraxudo,
Que corre tranquillo e mudo,
E temos o Andaiá.
Temos o rio dos Tiros,
O rio Gequitahí,
E o rio de Petanquí,
O qual se chama o Pará.
Ha certo monte, Marilia,
Junto á Comarca do Sêrro,
Que tem em si prata e ferro,
Mesmo em cima do seu cume.
E no Itacambirosú,
Junto á diamantina serra,
Se faz extrahir da terra
Excellente pedra hume.
Ha salitre em abundancia,
Barro para loiça, cal,
E extrahe-se da terra sal,
N'alguns sitios do sertão.
D'uma côr assucarada,
Bem como a ganga de cá,
Da mesma côr temos lá,
No seu cazulo, algodão.
Vamos, Marilia, observar
Outras muitas producções,
Daquelles vastos sertões,
Por onde em soldado andei.
Se eu comtigo for feliz,
E ambos nos formos embora,

Quanto aqui te pinto agora,
No Brazil te mostrarei.
Tu verás naquelles campos
Grande número de emas,
Verás cantar seriemas,
Verás negros orubús.
Verás os pombos astutos,
E verás outra perdiz,
Differente codorniz,
E verás rôxos nhambús.
Verás um passaro lindo,
Todo de peito amarello,
Cujo canto é muito bello,
Porque explica — *bem te vi* —
Grande tucano verás,
Que tem palmo, ou mais, de bico,
Verás ave que diz — *tico* —,
E verás o arasarí.
Gordo, cinzento macuco,
O jacutinga, o jacú,
O nocturno cariangú,
O differente pavão.
Verás encarnada arara,
Outra azul, as mexeriqueiras,
Que são assás chocalheiras,
Em todo o nosso sertão.
Vearás nas nossas lagoas
Colhereira côr de rosa,
A branca garça formosa,
O tristonho jaború.
Verás ave, que não vôa,
Sem correr um longo espaço,
Tem bico de ferro e aço,
O seu nome é tuiúiú:
Tu verás rolinha azul,
E outras mais, que nunca viste,
E ouvirás a pomba triste,
Dizendo que só ficou.
Verás rolinha cinzenta,
Que airosamente passeando,

Anda co'as outras cantando
Mesmo assim — *fogo pagou* —
Os papagaios verás,
E de muitas qualidades,
E outras variedades
D'aves e feras tambem.
Tu verás o João de Barros
A sua casa arranjar,
Onde elle deve morar
Co'a familia e mais ninguem.
Verás negra caraúna,
Curicáca e sabiá,
Que imita ao melro de cá,
Só no canto, não na côr.
Verás catinguento guache
Abrir um leque amarello,
Verás o canario bello,
E o pequeno beija-flor.
Tu verás sabiá-sica,
A juriti, zabelê,
Nos mesmos sitios em que
Às vezes anda o mutum.
Verás socó-boi, marrecas,
Nos lagos do campo ou matto.
Os massaricos, o pato,
Narcejas, carriça, anum.
Eu, Marilia, em Salvaterra
Das aves na casa entrei,
E com vagar observei
O feitio dos falcões.
Todos têm bico revôlto,
Unhas e dedos compridos,
E são muito parecidos
Com os nossos gaviões.
Temos ave no Brazil,
Que ao galeirão se figura,
É o seu nome — *saracura* —,
E nos pantanos habita.
Temos o jaó mimoso,
O minhoto, ave rasteira,

A saborosa capoeira,
Que á perdiz de cá imita.
Uma ave pequena temos,
Que viuva se appellida,
Anda de luto vestida,
Traz capello e diz — *viuva* —
Nos lugares os mais sombrios
Commumente é onde assiste,
Oserva-se sempre triste,
Haja sol ou haja chuva.
Com um passaro pequeno,
Marilia, se viajâmos,
Todos nós nos enganâmos,
Ao qual chamam — *ferrador* —
Com tão grande fôrça bate,
Que na verdade figura,
Que atarraca a ferradura,
Pois faz o mesmo estridor.
Temos o passaro que entôa,
Por mil differentes modos,
Porque elle arremeda a todos,
Seu proprio nome é — *corrixo* —
Tem encontros amarellos,
E são passaros pequenos:
Serão pouco mais ou menos
Do tamanho d'um cochicho.
Supersticiosas velhas,
Das que benzem do quebranto,
Escondem-se ouvindo o canto
D'ave chamada caumhã.
E dizem a outras taes
Que as caumhãs e os bizoiros,
Annunciam máus agoiros,
Quando se ouvem de manhã.
Naquellas mattas espessas
Ha ferozes animaes,
Eu te dou delles signaes,
E das suas condições.
Quatro qualidades d'onças
Nós temos, e temos lobos,

Propensos a fazer roubos,
Pois são do gado os ladrões.
Entre éstas diversas onças,
Ha nellas diversas côres,
Porém todas são maiores,
Que o cruel lobo traidor.
É para a sosuarana,
Porém mais destra em ciladas,
Ha duas que são pintadas,
E o tigre de negra côr.
Ao que cá se chama gamo,
Lá é viado campeiro,
Ha outro que é catingueiro,
Outro chamado virá.
Ha raposa, ha papamel,
E ha do campo e do matto,
De negras mesclas um gato,
Chamado malacaiá.
Temos o caitatú,
O tiririca, o queixada,
Os quaes deixam destroçada
A planta ao agricultor.
Tambem faz mil prejuizos
O astuto macaco, a anta;
Porém o porco é da planta
O peior perseguidor.
Temos dois tamanduás,
Um bandeira, outro merim,
Temos mono, o saguim,
O gambá e a capivára.
Ha outra onça pequena,
Que é do tamanho d'um cão,
E ha tambem pelo sertão
A grande suçuapára.
Ha mocós, ha pereás,
Ha quatís, e ha cotia,
Ha paca, que foge ao dia,
Geriticáca e tiiú.
Temos menor que o saguim,
Um tal caximguemguelê,

Que raras vezes se vê,
Camaleão e tatú.
Temos animal felpudo,
De curtos, nervosos braços,
Que em quanto dá só dois passos
Póde um homem dar tres mil.
Maldito este bicho seja,
Que tão máu costume tem,
Pois delle o nome nos vem
Da priguiça do Brazil.
Tambem, Marilia, lá temos
Cobras muito venenosas,
E por isso assás damnosas
A tudo quanto é vivente.
Mâs mesmo nos nossos mattos,
Nos nossos campos amenos,
Temos contra estes venenos
O antidoto excellente.
Lá temos cobra que engole
Um viado, tendo fome;
É amphibia; e o seu nome
É — *o grande sucuriú* —.
O cascavel venenoso
É a que faz maior mal;
A gereráca, coral,
E o temivel surúcucú.
Mâs estes contrarios nossos
Não 'stão nas povoações,
São dos incultos sertões
Os proprios habitadores.
É certo que em Portugal
Ha lobos, mas não na côrte,
Pois tambem da mesma sorte
São aquelles malfeitores.
Nos nossos rios, Marilia,
Ha muitas variedades,
De peixes de qualidades,
Que em Portugal nunca vi.
Temos a peripitinga,
O pacú asselvajado,

Piranha, bagre, doirado,
Piampára e lambarí.
Temos a corumatá,
A traira, o sorubí,
A piabanha, o mandí,
A corovina, o piáu.
A escamosa matrinxam,
Que no veio d'agoa alveja;
E bem, que mais rijo seja,
O cascudo não é mau.
Os escravos pretos lá,
Quando dão com máus senhores,
Fogem, são salteadores,
E nossos contrarios são.
Entranham-se pelos mattos,
E como criam e plantam,
Diverte-se, brincam, cantam,
De nada têem precisão.
Mâs inda que nada criassem,
Ou que não fizessem rossas
Benignas as terras nossas,
Mil silvestres fructos tem.
E como elles sejam ageis,
Descobrem naquellas mattas,
Carajú, cará, batatas,
E muito mel que ha tambem.
Vêm de noite aos arraiaes,
E com industrias e tretas,
Seduzem algumas pretas,
Com promessas de casar.
Elegem logo rainha,
E rei, a quem obedecem,
Do captiveiro se esquecem,
Toca a rir, toca a roubar.
Eis que a notícia se espalha
Do crime e do desacato,
Cahem-lhe os capitães do matto,
E destroem tudo emfim.
Ora ahi vem o pobre preto
Entre cordas, prêso e nú,

Vão-lhe os bacalháus ao c...
E o seu reino acaba assim.
Os indios daquelles mattos,
Por outro nome — o gentio,
Andam nús na calma e frio,
Do tempo não se lhes dão.
Não tem casas, não fabricam,
Vivem da caça e dos roubos,
São peiores do que os lobos,
Peiores que as cobras são.
A uns chamam boticudos,
A outros chamam chavantes,
Que são no valor constantes,
Os que não são caiapós.
São os caiapós traidores,
Porém assás timoratos;
E ha tambem nos nossos mattos,
Maconís e bororós.
Não têem rei, porém respeitam
Entre si um maioral,
Que traz um penacho, ao qual
Dão o nome de cacique.
Quando uns com outros guerreiam,
Este os commanda, este os rege;
E, pensando que os protege,
Fiam delle o seu despique.
Logo que a gentia pare,
Haja calma ou haja frio,
Mette-se toda no rio,
E o tenro filho tambem.
Este banho é lhe saudavel,
Do vento não se reserva,
Assim vive e se conserva,
Assim nutre e se mantem.
A este mesmo boticudo
Dão o nome de emboré,
Ha capaxó, o qual é
Sempre opposto aos malalís.
O panháme e o mariquita
Giram por diversos mattos,

Ha purís e ha croatos
Monaxós, machacalís.
Os boticudos, Marilia,
Têem beiço e nariz furado;
E nelle têem pendurado
Grande pedaço de páu.
Se gigantes haver podem,
Estes os gigantes são,
Têem fôrças e coração
Inexoravel e máu.
Deixa explicar-te, Marilia,
Quaes são daquelles paizes
As virtuosas raizes,
E oleos medicinaes.
E depois te contarei,
Se me deres attenção
Pâra que remedios são
Os seguintes vegetaes.
Pâra o galico é a salsa
Remedio ha muito approvado,
E applica-se ao constipado
Raiz de carapiá.
A casca d'anta, a chapada,
Pâra dores de barriga,
Diz a gente mais antiga
Que melhor, que ellas, não há.
Tambem é muito excellente
A butua nova, a biquiba,
O oleo de copaíba,
Fumo bravo e fedegoso.
O barbasco, o geribão,
A vassourinha miuda,
Congonha, caroba, arruda,
E o vellame precioso.
Temos a lingoa de vacca,
Que é d'uma folha comprida,
A qual posta sôbre a f'rida,
É remedio especial.
A herva Santa Maria,
Quente e posta sôbre a dor,

Tem virtude superior,
Não ha outra a ella igual.
Temos o sipó de chumbo,
Temos figueira terrestre,
O páu terra, e as fructas dêste,
Remedio dos beiços são.
Temos abob'ra do matto,
Trapoiraba, herva do bicho,
Que se applica por esguicho
Aos que sentem corrupção.
O nhambú, herva rasteira,
Dá um botão amarello,
Que é remedio mui bello
Pâra o dente que nos doe.
O mesmo dente o mastiga,
E aquelle succo excellente,
O faz sarar de repente,
E a podridão lhe destroe.
Nós temos mamona branca,
Temos almeciga fina,
Que é uma espécie de resina,
Mâs d'um cheiro especial.
Posta em parchos junto aos olhos,
Quando nos doe a cabeça.
Sua virtude depressa
Prompto allívio nos vai dar.
Virtuosa epiquaquanha,
Cujo nome é bem notorio,
É purgante e é vomitorio,
Do Brazil todo em geral.
Barbatimão pâra banhos;
E a experiencia nos ensina,
Que contra a febre malina,
A capeba é cordeal.
Corpolento, alto coqueiro,
Produz o nosso sertão,
Dá cortiça, e lá lhe dão
O nome de borití.
Do feitio da romã,
Silvestre fructa lá temos,

A qual cozida comemos,
E lhe chamâmos pequi.
Anda, vamos ver, Marilia,
De Portugal o thesoiro,
Vem ver a extracção do oiro,
Vem ver de tudo a extracção.
Vem ver fabricar o assucar,
Os engenhos de pillar.
Verás tambem fabricar
Alvo, macio algodão.
Verás extrahir da terra
As safiras, os brilhantes,
Os rubins, os diamantes,
Producções de alegres vistas.
Verás o igneo topazio,
A grizolita amarella,
A esmeralda verde e bella,
Verás rôxas amatistas.
Os pingos d'agoa cascudos,
E verás outras pedrinhas,
Chamadas agoas marinhas,
Que são azues por signal.
Lá verás tambem granadas,
Pingos d'outras qualidades;
E verás mil raridades
No interior do cristal,
Todas éstas producções,
Ha, Marilia, no Brazil;
Mâs além destas ha mil,
Que com mais vagar direi.
Só posso affirmar-te agora
Que os fiéis patricios meus,
Adoram no céu a Deus,
E adoram na terra o rei.
E que as agoas, peixes, campos,
Pedras, fructas, oiro, prata,
E o mais que aqui se retrata,
De indiziveis cabedaes.
Nada tem tanto valor,
Como a fiel producção,

D'um sincero coração,
Que te adora sempre mais.
Que nelle moras e vives,
Eu te posso segurar,
Já nasceu pâra te amar,
Pâra te servir nasceu.
Cumpre-te agora, Marilia,
A grata correspondencia,
De dar sempre preferncia
A um coração como o meu.
Se o real regente augusto
Fosse honrar nosso paiz,
Faria ao povo feliz,
E o seu imperio faria.
No logar mais precioso
Das brazilias regiões,
Ou dos nossos corações,
Um throno se lhe ergueria.
Mâs se elle não quer piedoso,
Cheio d'alta magestade,
Ir ver na nossa amizade
O mais innocente amor.
Vamos, Marilia, gozar-nos
D'um paiz que julgam bravo,
Que bem póde o bom escravo
Servir de longe ao senhor.

ANTONIO MENDES BORDALLO

ANTONIO MENDES BORDALLO (1)

A D. João d'Almeida

Cansada a vista, o rosto macilento,
A pelle quasi rota sôbre os ossos;
Perdido o grão socorro dos humanos
A santa paciência.

---

(1) Antonio Mendes Bordallo nasceu no Rio de Janeiro em 24 de Outubro de 1750. — Foram seus pais, Francisco Mendes Bordallo (nascido em Portugal, e Governador do Castello de S. Januario), e D. Anna Maria Alvares e Asturias, nascida no Brazil.

Veio de 16 annos de idade pâra Portugal, com todos os preparatorios pâra a Universidade, ahi se matriculou, formando-se em direito canonico em 1771. — Em Lisboa principiou a praticar a advocacia, em que se fez eminente, sendo o seu nome citado a par do de Silveira da Motta, Saturnino (ambos igualmente brazileiros) Barboza e Araujo, e outros, que naquelle tempo eram ornamentos do foro portuguez.

Teve relações intimas com as pessoas mais notaveis de Lisboa, como José de Seabra, e seu irmão Lucas de Seabra, e Martinho de Mello e Castro, e com os homens mais distinctos em sciencias e litteratura como Stockler, e Almeida (depois barão), Bocage, Sebastião Xavier Botelho, Morgado de Assentiz, e os brazileiros Sousa Caldas, e desembargador Vellozo.

A estas suas relações deveu o não ser envolvido nas perseguições do celebre Manique.

Foi casado com D. Theresa Claudia d'Almeida.

Falleceu em Lisboa a 17 de Fevereiro de 1806, com 56 annos de idade.

[A acrescentar apenas a sua bibliografia conhecida, que se encontra em Sacramento Blake, *Diccionario Bibliographico*, I, ps. 265. — R. G.].

Almeida illustre, qual o furioso
Que perdeu a rasão na violenta,
Na crise mais cruel da infeliz sanha,
Se morde, se espedaça.

Accuso os fados — corro delirante
Á fonte dos meus males: fataes livros!
Desde os primeiros, innocentes annos,
Paixão, doce cuidado!

Fixos os tristes, macerados olhos
Nos sublimes, nos celebres escriptos,
Onde achei a rasão, d'onde a minh'alma
Maravilhada, absorta,

Ás esferas subiu, no immenso espaço
Viu os astros girar; da natureza
Os arcanos, que o vulgo desconhece,
Penetrou atrevida.

Arranco mil suspiros — que funestas
Idéas, na enleiada fantasia,
Se chocam, se confundem, sem que possa
Formar um só discurso!

O pranto se desprende; a dor immensa
Os gemidos suffoca, das virtudes
A mais bella me empresta a sua heroica
Constancia inalteravel.

Os mesmos que m'opprimem, que m'entregam
No seio tragador da vil miseria,
O buido punhal que toca o peito
Suspendem, me desviam.

Os livros onde lia moral pura
Condemnam de Catão o sangue, a morte,
Sou forçado a viver, a ser ludibrio
Dos homens que me ultrajam.

Neste de afflicções duro combate
Se exaltam, se refinam mais pezares:
Os gregos, os romanos já não vivem
Pâra honrar os talentos.

A misera, infeliz bibliotheca
Condemno ao fogo, juro inconsiderado
Offertar nos altares da ignorancia
Frequentes sacrificios.

Porém que injusta, barbara deidade
A sentença revoca? Me apresenta
Do bravo Achilles, do piedoso Eneas,
Os immortaes cantores?

O furor se mitiga, não te espantes
Da subita mudança, caro Almeida;
Se fosse acaso capital delicto
A licção de taes livros,

Com elles entre os braços subiria
Os lugubres degraus do cadafalso,
E diria ao tyranno: — Vil, aprende
A ter alma sensivel — !

O primeiro logar que se offerece
Aos olhos mal enxutos, quebrantados,
Narra os desastres, miserandos casos
Do genitor de Páris.

Então a mente como absorta pára,
Com aquelles combina os meus successos:
Que remedio efficaz pâra os afflictos
Achar damnos maiores!

Tu, que em herança dos avós preclaros,
Recebeste os brasões, o patrimonio;
Tu, que não viste o pavoroso aspecto
Da faminta pobreza;

Que cheio de afflicção, de encolhimento,
Não ensaias, não forças o teu rosto,
Pâra ouvir do ministro inaccessível
Um desabrido — *logo* —.

Que á custa de fadigas, de despresos,
Não buscas o padrinho que te insulta;
Que não és reputado pelos grandes
Animal de outra espécie.

O fertil genio, solidos talentos
Anciosos cultiva, reivindica
Do podêr do fatal esquecimento
A lusa, antiga glória.

A casa de jogo

Brindemos, Chapelain, a companhia
Dos guerreiros tafues, que denodados
Investem do cadete o louro campo,
Que encaram mil azares.

Que importa que o cruel, surdo destino
Desprese do Morão os ais, os votos,
Que importa que o cadete inexoravel
Embote nossas armas!

Não affrouxa a constancia, novo aproxe
Tu e eu dirigimos: pêla esquerda
Eis que a dama apparece, qual Santelmo
Ao náufrago marinho.

Um pirolo, uma paz, um casamento,
Annuncia a derrota; já vacilla,
Já fluctua, e talvez peça armisticio
O medroso banqueiro.

Mâs ah! que a scena muda! Horror, carnagem
O valete nos mostra! os teus suspiros
Só servem de aggravar males tamanhos,
Morão endiabrado.

Fujamos, Chapelain, nada nos resta,
Alem da paciencia; novo esfôrço
Façamos com os dados, *oitos, setes,*
Mudaram nossa sorte.

É igual a desgraça! tudo céde
Ao bravo campeão, filho das musas:
Mais *trezes,* mais *quatorzes,* mostra o dado,
Do que pulgas em maio.

Os fados não se forçam, não se abrandam,
Impreterivel é sua carreira:
Embora filosofe o sabio Motta,
Co'o a sciencia de Euclides.

É preciso ceder, mudar de esgrima,
Unamos nossas armas contra as adens,
Que a par do lombo, em tôrno da chouriça,
Pacíficas descançam.

Ali em batalhão todos unidos,
Qual Cezar de Pompeu ferindo as tropas,
Arremessemos amoladas facas,
Os garfos empunhemos.

Então o bom Faustino, mais affoito
Do que Annibal em Cannas, vai fendendo
Os fartos peitos da perdiz cevada,
Com o durasio trigo.

Então o Bernardino espaventado,
As trigueiras bochechas Baccho invoca,
Invectiva o Duarte, narra os casos
Do desertor de Boston.

A tactica de beber rubro falerno,
Qu'os copos transbordando em grossa espuma,
Alegra os corações, eleva as almas,
Fará grandes conquistas.

Ou praguejem, ou não os maldizentes,
Esta nova invenção de colhêr louros:
É certo que riremos do cadete,
Sem perder um só chavo.

Sátyra aos abusos da Magistratura

(Fragmento d'uma epistola a Martinho de Mello e Castro)

Que devo, pois, temer? .....
Os tristes zoilos, campeões da inveja,
Que podem responder? Que se enfureçam,
Que vomitem negruras, que me insultem,
Porque Pêgas despréso e leio Horacio!
Porque digo e direi nas grandes praças,
Com seguro semblante, que a origem,
A fonte inexhaurivel das trapaças
Com que Mevio retem injustamente
Do afflicto Lelio o pingue patrimonio;
Que o plausivel pretexto com que Silvio,
Juiz iniquo, digno da calceta,
Só porque no processo falta acaso
Uma insignificante palavrinha,
Dá ao direito asperrima tortura;
E o que é mais torpe (tu crerás apenas!)
Prefere Acursio á Ordenação do Reino!
São esses da ignorancia monumentos,
Livros sem methodo, sem nenhum criterio,
Que prohibem o mesmo que aconselham! —..
Porém um sabio professor antigo
De calúmnias, de meios odiosos;

Habil consulto, que de cór sabia,
Folha por folha, Sanches e Molina,
Me falou desta sorte ha poucos dias:
— "Rapaz sem tino, falto de experiencia,
Francez da moda, louco rematado:
Queres reformas, amas novidades,
Sem pezar suas tristes consequencias?!
De tres mil bons e maus advogados,
D'outros tantos fieis e requerentes,
De mais de cinco mil procuradores,
Que vivem nesta côrte, do que chamas
Ladroeiras, calúmnias e trapaças,
Dize, reformador, o que seria?
Mette o teu modernismo n'algibeira,
Os teus e meus avós assim viveram,
Esses costumes, que detestas tanto,
Teem o sêllo da prisca antiguidade..." —..

JOAQUIM JOSÉ DA SILVA

JOAQUIM JOSÉ DA SILVA (1)

Amei a ingrata a mais bella,
Que o mundo todo em si tem:
Eu morri sempre por ella,
Ella nunca me quiz bem.

GLOSA

Quando eu era mais rapaz,
Que jogava o meu pião,
Andava o Centurião
Dando a todos sotta e az.
Nesse tempo aos sabiás
Armava a minha esparrella;
Comia caldo em panella
Por ter os pratos quebrados;
E até por mal de peccados,
Amei a ingrata a mais bella.

Depois de mais alguns mezes
Já por baixo da sobcapa,
Pêlas calçadas da Lapa
Pernoitava muitas vezes.
Não bastaram os arnezes,
Que herdei de Matusalem;

---

(1) A respeito dêste versejador confessâmos ter escassez completa de noticias biographicas. Era çapateiro no Rio.

[Era natural do Rio de Janeiro e viveu aqui do último quartel do século XVIII ao primeiro do seguinte. Sua obra poética anda esparsa nas coletâneas de Januário da Cunha Barbosa e Melo Morais Filho. — R. G.].

Só sei que querendo bem
Me achei como Antão no ermo,
E o mais galante estafermo,
Que o mundo todo em si tem.

Com os annos, com a idade,
Na festa e seu oitavario,
Só, em passo imaginario,
Andava pêla cidade.
Se é mentira, se é verdade,
Diga-o a minha mazella,
Que não sendo bagatella
Bem mostra de cabo a rabo,
Que por artes do diabo
Eu morri sempre por ella.

Depois de velho e caduco,
Já cheio de barbas brancas,
Eu bispei-a dando ás trancas
Nos sertões de Pernambuco.
Ali trabalho e trabuco
Por lhe abrandar o desdem;
Mâs o mau modo que tem,
Procedido da vil prole,
Faz crer que nem a pão mole
Ella nunca me quiz bem.

Ao pé do monte Sião
Ha um pé de cajurú,
Onde .....
O almirante Balão.

GLOSA

Despresou Matusalem
Duzentos annos de vida,
Por não ver na amante lida
O gôsto que o lamba tem.

O juiz de Santarem
Quasi estala de paixão:
Das montanhas do Japão
Ungil-o veiu o seu cura,
Mâs desceu-lhe a quebradura
Ao pé do monte Sião.

Sem dar accôrdo de si
Na dura terra prostrado,
Acudiu-lhe o deus vendado,
Com a funda de David.
Uns daqui, outros dali
Já chegam do Calundú;
Levado de belsebú
Confirma o bom Juvenal,
Que na nossa cathedral
Ha um pé de cajurú.

Esta mentira tamanha
Que soou no Oriente,
Fez abortar de repente
A imperatriz de Allemanha.
Veiu a parteira de Hespanha
Montada n'um baiacú:
Faz-se a guerra no Perú
Por se saber que Mavorte
Vende a gadanha da morte,
Onde .....

No romano capitolio
Todas éstas tradições
Se dão a ler ás nações
N'um grosso livro de folio.
Sentado, então, no seu solio
Sem ter alguma attenção,
Deu tremendo caxação,
No tempo dos tres Filippes,
Em sua filha Floripes
O almirante Balão.

Alminhas do purgatorio,
Que estais na beira do rio,
Virai-vos da outra banda
Que vos dá o sol nas costas.

GLOSA

Atraz da Porta Ottomana
Se conserva um bacamarte,
Com que Pedro Malasarte
Defende a Curia romana.
Nas margens do Guadiana
Dá Castella o reportorio:
Um tal frade frei Gregorio
Nas ventas do seu nariz
Tem um letreiro que diz:
Alminhas do purgatorio.

No passar do Helesponto,
Esta nossa atmosphera
O seu ambiente altera,
Por não achar barco prompto;
Em falsete ou contraponto
O tempo passa do estio;
O mestre inverno com frio
Manda accender o pharol,
Pois vê de ré-mi-fa-sol
Que estais na beira do rio.

Depois do geral diluvio,
Inda nos ficaram mágoas,
Porque no tempo das agoas
Innunda mais o Danubio.
Qualquer atomo ou effluvio
Sempre féde que tresanda;
Renasce o mal de Loanda
Na cidade de Guiné;
Se quereis tomar caffé,
Virai-vos da outra banda.

Raia agora a lua cheia,
A nova faz seu eclipse:
É galante parvoice
Deitar-se a gente sem cêa.
Junto da Palma Idumea
Estão as cousas dispostas
Pâra evitar as propostas
Em que estão sôbre a vindima:
Ponde a barriga p'ra cima
Que vos dá o sol nas costas.

Tenho um galante chinello
Com que vou a São Mattheus,
Tenho a minha fralda rota,
Ninguem me bote quebranto.

GLOSA

Se vós tendes um baijú
Com seus babados de chita,
Eu tenho agora a marmita,
Semi-rubra de ourocú.
Se tendes de gorgutú
Um macaquinho amarello,
Eu nas casas do castello,
Como é publico e notorio,
Por baixo do consistorio
Tenho um galante chinello.

Se vós tendes de cambraia
Camisa fina e bordada,
Eu tenho a minha rendada
Que veiu da Marambaia:
Se de setim tendes sáia,
Eu só tenho os calções meus;
Se com esses trastes teus
De mim toda te desunes,

Eu tenho os pannos de Tunes,
Com que vou a São Matheus.

Se tendes çapato justo,
E pões as mãos nas ilhargas,
Eu tenho as bottas mui largas,
Com que passeio sem custo.
Se tendes de raios susto
Eu caço da vella a escota;
Se tendes no frasco a gota
Como mostra das crioulas,
Eu por baixo das ceroulas
Tenho a minha fralda rota.

Se tendes novo capote
Mais chibante do que o velho,
Eu tenho um torto chavelho,
Que me faz vezes de pote.
Se a cavallo andais de trote,
Eu do chão não me levanto,
Não me assusto, nem me espanto,
Serei sempre pé de boi;
Ora ahi está como foi,
Ninguem me bote quebranto.

BARTHOLOMEU ANTONIO CORDOVIL

BARTHOLOMEU ANTONIO CORDOVIL (1)

Sonho

Sôbre os braços do somno recostado,
Que objectos me não mostra a phantasia?
Pelos vastos espaços do universo
Dilato a vista a um e a outro lado,
Quando da parte austral vejo um gigante
Que um pé tinha na terra, outro nos máres,
Ia a cabeça a se esconder nos ares.

Verdes cabellos de robustos troncos
A frente circulavam bronzeada:
Do collo lhe pendiam por ornato
Amphibios jacarés e acarapepes;

---

(1) Tão pouco possuimos dados para a sua biographia. Era, segundo parece, de Goyaz.

[Nasceu no Rio de Janeiro, em 1746, e chamava-se Antônio Lopes da Cruz, conforme declarou no testamento com que faleceu em Meia-Ponte, capitania de Goiás, a 12 de outubro de 1800. Foi o primeiro professor régio da aula de Latim enviado àquela capitania, nomeado por carta régia de 16 de abril de 1787. — Conf. Americano do Brasil, *No convivio das traças* (*Polêmica*), ps. 94, Goiás, 1920.

Sua obra poética nunca teve edição especial: encontra-se esparsa nas coletâneas de Januário da Cunha Barbosa, J. M. Pereira da Silva e Melo Morais Filho. — R. G.].

Cada pulso prendia uma manilha,
Onde o topazio e os diamantes brilha.

Era rispida a barba, hirsuta e negra,
Povoada de esqualidas serpentes,
Que em tôrno do pescoço se enroscavam;
Por cajado na mão tinha um coqueiro,
Cuja ponta nas nuvens se occultava,
E a base no abysmo se enterrava.

Longa aljava nos hombros lhe carrega
De settas emplumadas guarnecida,
Sustenta a esquerda mão por arco um tronco
De pezado madeiro extenso e bronco:
O peito lhe apertava uma esmeralda
Com certas lettras de rubins gravadas,
Que não pude entender o que diziam,
Por mais que os meus sentidos applicasse:
Eu lhe pergunto, e elle a voz erguendo
Dêste modo fallou com som horrendo:

—" Eu sou o Maranhão, soberbo rio
Que nas minhas entranhas tenho e crio
Immensa cópia de metal luzente:
Altivo pizo, com terror da gente,
Brilhante pedraria e mais riquezas,
Até hoje aos indigenas defezas:
Apezar do furor, a que me inclino,
Devo ceder á fôrça do destino.
Chega o tempo por elle decretado,
Em que manda que eu seja navegado:
Tristão, o bom Tristão, que hoje governa,
Com fama e glória, que ha de ser eterna,
E cujo nome é este, que não lias,
Traz aos meus nacionais ditosos dias.
Elle o primeiro foi, que providente
Fez explorar do meu podêr a enchente;
Elle tenta primeiro os meus desertos,
E poz os meus sertões de todo abertos.

Ao novo navegante e viageiro
Não ha de assombrar mais o canoeiro;
Elle desiste da cruenta guerra,
Com que assusta nas agoas e na terra;
E deixando as pirogas e as covas,
Tristão sôbre a cerviz lhe põe leis novas;
Eu quero obedecer aos seus accenos.
Vós geraes moradores dos terrenos,
Que com meus braços sem terror retalho,
Vinde abraçar o próvido trabalho,
Que Tristão vos offerta, e em breves annos
Subjugados tereis os vossos damnos.
Do meu descobrimento expõe a história,
A quem de descobrir quizera a glória.
Seus designios declara e patentêa
A Francisco, a importancia desta idéa.
Tristão conhece a fôrça e vê a essencia
De uma nova e geral correspondencia;
Mâs antes que o commercio estabeleça
Como prático e sabio, quer que cresça
Uma firme e legal civilidade,
Sem a qual não persiste a sociedade.
Só quando este princípio se conhece
Se faz indispensavel o interêsse.
Communicam-se os povos mutuamente
Pêla troca que fazem differente;
As maximas e as leis introduzidas
Vão pouco a pouco nas nações vencidas
A operação firmando sem excesso,
Que facil torna todo o seu progresso.
Se povos que não pensam, nem discorrem
Com firme actividade, inda não correm
A buscar as riquezas, que lhe offerto
No thesoiro, que tem Tristão aberto,
Tempo virá que busquem infelizes
As ricas producções dos meus paizes,
E que fiquem depois involuntarios
Da oppressão e miseria tributarios.
Systema regular e reflectido
Da bocca de Tristão eu tenho ouvido;

E p'ra vosso constante beneficio,
Sôbre solida base ergue o edificio
De uma futura e doce sociedade,
A industria, a paciência, a sobriedade,
A mutua confiança perduravel,
São de uma precisão indispensavel
Á nascente colonia que se fórma:
Tristão regra vos dá, preceito e norma;
E sem que mais palavras eu repita,
Nos suaves costumes que exercita,
Melhor firmeza e ordem achareis,
Do que na fôrça e no vigor das leis."

Assim o monstro fala, meneando
A virente cabeça, e suspirando,
O beiço, então, mordeu — a cara volta,
E de novo ésta voz aos ares sólta:

— "Finalmente Tristão quebrou o imperio
Que tinha o meu podêr neste hemisferio.
De ardentes febres uma audaz cohorte,
Que atacando era certa e prompta a morte,
Pâra o averno intrepido desterra:
Com fogos novos purifica a terra,
Alimpa-se a atmosphera e as malinas
Pâra longe se vão destas campinas.
Benignos ares são substituidos,
E alimentos saudaveis produzidos,
Em vez das hervas más e venenosas:
Sibilantes serpentes perigosas
Vão a furia cevar n'outros logares
Distantes de meu leito e de meus ares.
E terão os meus nobres navegantes
Outra saude que não tinham dantes.
Sinto o que posso..."

— "Basta! lhe repito:
Não quero escutar mais as tuas vozes:
Antepões a crueza á humanidade?"

— "Perdoa, me responde, crueldade
Não chames ao que é pura natureza:
Tu louvas de Tristão d'alma a grandeza,
Eu sigo a inclinação, que o céu me inspira,
Sem que o louvor denigra com a ira.
Do teu heroe conheço a illustre alma,
Digno, pelo que faz, de loiro e palma:
Elle, só elle rompe-me as entranhas,
Quer-me abater as lateraes montanhas,
Intenta-me arrancar todo o thesoiro:
Como posso ocultar a pedra e o oiro,
Se céde o meu podêr á sua fôrça?
Quem ha, que o seu mandato evite ou torça?
Quer q'os meus hombros com valor supportem
O pêzo que me impõe, e que o transportem
Aos desejados fins do seu destino;
Quer que me sulque o nauta peregrino,
E que tome por fim até ao mar
A volta a direcção que me quer dar."

Em quanto assim comigo conversava
Voltei a face, e vi que branquejava
Um soberbo edificio, a quem adornam
Marmoreos balaustres, encrustados
De laminas brilhantes, d'oiro e prata:
Pêla elevada porta, immenso povo,
Alegre ora sahia, ora tornava,
E mutuamente os parabens se dava.

Ao gigante pergunto o que contemplo,
Quando elle me responde:

— "É este o templo
Da immortal gratidão: esse congresso,
Que vês sahir e entrar com tanto excesso,
E que ser povo immenso tu suppunhas,
São os heroes, que as azuladas cunhas
Ao teu illustre protector deixaram,
E que tanto com elle melhoraram;
Mutuamente se estão congratulando,

E uns aos outros os parabens se dando,
Por ver que em beneficio dos humanos
Enche Tristão o giro dos seus annos,
E que a mão poderosa da alegria
Inda trouxe a Goyaz tão bello dia."

Ouvi a este tempo um grande viva
Que nos concavos ares retumbava:
Acórdo, deixo o templo, e n'um instante
Vejo em agoa tornado o meu gigante;
Porém pâra louvar a Tristão forte,
Tomára sonhar sempre desta sorte.

Dythirambo

Nymphas goyanas,
Nymphas formosas,
De côr de rosas
A face ornai.
Vossos cabellos
Com muitas flores
De várias côres
Hoje enastrai.
Sim, nymphas, applaudi tão grande dia!
E tu, doce Lyeu, pai da alegria
Vem-me influir,
Que os annos de Tristão quero applaudir.
Ó lá, traze do Pheno
O suave licor grato e sereno;
Traze os doirados copos cristalinos,
Venham falernos,
Venham sabinos,
Deita, deita, enche o copo — gró, gró, gró:
Não entornes, espera, que este só
Não é que havemos
Hoje beber;
Mais vinhos temos

Sem confeição,
Pâra brindar.
Ao bom Tristão.
Hoje á sua saude
Pretendo de beber mais de um almude!

Evoé
Ó padre Leneu
Saboé
Evan Bassareu.

Nectar suave, oh! quanto me consolas!
De mim se ausentem
Rixas, temores,
Mágoas, tristezas,
Penas e dores.
Venha outro copo de Baccho espumante,
Que ferva no peito,
E a mente levante.
Nos lusos fastos não se leia agora
Dos seus maiores a brilhante história:
Com alheias acções não condecora
A sua alta memória
O bom Tristão delicias dos humanos.
O curso dos seus annos
Cheios não são dêste furor guerreiro,
Que nos campos de Marte desbarata,
Rende, saqueia, obriga, assola e mata;
Mâs esperem, que escuto!
Vejo os troncos bolir! Ah! sim, bem vejo
Os Satyros brincões, Faunos auritos,
Que cheios de desejo,
Saltando aos ares vem ruidosos gritos,
Os capripedes deuses que diriam?
Se não me engano, em sua companhia
Vem bistanidas Thracias ululando,
Agitadas na rubida ambrozía,
Em choreas sincinnas volteando
Estas doces cantigas modulando:
Goyanos louvemos

Tristão immortal,
Bebamos, dancemos,
Ausente-se o mal.
E os doces licores
Do bom Nicteleu,
Em taças se entornem
De claro cristal.

Evoé
O padre Leneu
Saboé
Evan Bassareu.

Pois já que Tristão
De paz nos encheu,
Gostosos bebamos
O sumo de Oreu.
Traze, traze depressa o Peramanca,
Empine-se a botelha toda inteira.
Mâs que chama ligeira,
Ao modo de uma tropa,
Pêlas tumidas vêas me galopa?
És tu, Bromio gostoso? Eu bem te entendo
Bebamos mais aquelle, que das ilhas
Me mandaram de mimo
Do profundo oceano as verdes filhas.
No licor forte o coração me nada,
Baccho, Baccho, evoé!
O que terei nos pés? Eu cambaleio?
Cahindo estou de somno:
Depois que esvasiei quatro botelhas,
Rubidas tenho e quentes as orelhas,
O nariz frio, os braços estendidos,
Parece-me que gyra a casa toda.
Já não posso suster-me — nos ouvidos
Sinto um leve sussurro:
O corpo tremilhica, o chão me falta,
E julgo que esta casa está mais alta.
Como o teu elixir
Tão depressa, ó Leneu, me faz dormir?!

Agora, que eu queria
Cantar do bom Tristão
O seu candido genio,
O terno coração,
A presaga prudencia,
A profunda modestia,
A serena clemencia,
A justa temperança,
Agora é que me fazes tal mudança?

Evoé
O padre Leneu
Saboé
Evan Bassareu.

Venha um copo, dois copos, tres copos,
Retinem nos ares
Mil brindes contentes,
E os povos ardentes
De summa alegria,
Nas aras do gôsto
Com férvido mosto
Entoem gostosos
Sem mais dilação
Os annos ditosos
Do terno Tristão.

Evoé
O padre Leneu
Saboé
Evan Bassareu.

Sim, do grande Tristão tantas virtudes
O povo lhe louve,
O Neiva lhe dará muitos almudes
Dêste espirito rubro,
Que colhe no moinho,
Que os pezares desvia,
Que o somno concilia,

Que alegra a mocidade,
Que faz vermelha a envelhecida idade.

Evoé
O padre Leneu
Saboé
Evan Bassareu.

LUIZ PAULINO

LUIZ PAULINO (1)

Descrição d'um naufragio

Do vento açoitado
O oceano geme;
Desarvora o mastro,
E nos rouba o leme.
Já rasgada a véla
Pelos ares vôa,

---

(1) Luiz Paulino seguiu a carreira das armas, e serviu em Portugal até general. Era filho da Bahia, e pai do actual visconde da Fonte Nova, Bento da França.

[Luis Paulino de Oliveira Pinto da França nasceu na Bahia, em 30 de junho de 1771. Seguiu a carreira das armas, e era tenente-coronel de cavalaria do exército de Portugal, quando foi promovido, a 30 de julho de 1813, ao posto de coronel agregado ao 1.º Regimento de Cavalaria do exército do Brasil; foi provido nesse posto e no mesmo regimento em 17 de dezembro de 1815; promovido a brigadeiro em 26 de outubro de 1817 e a marechal de campo graduado em 13 de maio de 1819. Foi ajudante-general da expedição mandada contra os revolucionários de Pernambuco em 1817. Por ocasião dos sucessos de 1821 foi nomeado governador das armas pela junta da Bahia; foi também deputado por essa província às Côrtes Constituintes portuguesas. — Conf. Laurênio Lago, *Brigadeiros e Generais de D. João VI e D. Pedro I no Brasil*, ps. 111, Rio de Janeiro, 1938.

Achava-se em Portugal, quando foi enviado ao Brasil em missão especial de D. João VI ao Imperador D. Pedro I; veio a bordo do brigue de guerra *Treze de Maio*, que fundeou na barra,

Nas ondas mergulha
Soçobrada a prôa.
Materia inflamada
Do ar se despega,
Clarão côr d'enxofre
A vista nos cega.

---

segundo noticiou o *Diario do Governo*, nas *Noticias Maritimas*, de 11 de setembro de 1823: "Acha-se fundeado na barra o Brigue de guerra Portuguez *Treze de Maio*, do qual veio um bote a esta Fortaleza com um Official do dito Brigue que trazia officios para S. M. I., e que d'aqui foi mandado para a Cidade escoltado por um Official Inferior."

Nas mesmas *Noticias Maritimas* lê-se: "Dia 9 (do corrente): Lisboa pela Bahia, 61 dias; B. de guerra *Treze de Maio*, Com. o 1.º Ten. Manuel Pedro de Carvalho; traz a bordo o Marechal de Campo Luis Paulino de Oliveira Pinto da França, em Commissão de S. M. F."

A carta régia de D. João VI, trazida pelo marechal, datada de Lisboa, 7 de julho de 1823, ordenava-lhe que entrasse em entendimento na cidade da Bahia com o chefe de divisão José Félix Pereira de Campos e com o Brigadeiro Inácio Luis Madeira, para a suspensão de armas, que deviam imediatamente propôr aos comandantes das fôrças adversas.

O emissário não encontrou na Bahia com quem tratar, motivo por que continuou viagem para o Rio de Janeiro. Pretendendo aqui desembarcar, o governo brasileiro não anuiu ao seu desejo, não se dignando o Imperador em atender à proposta ou convenção alguma de sua parte, não só pela falta absoluta de poderes de que devia vir munido, mas ainda por não haver precedido a indispensável formalidade do reconhecimento da independência política do Império. Levado o fato ao conhecimento da Assembléia Constituinte, afim de deliberar sôbre a conservação do emissário a bordo, ou sôbre o pronto regresso, tendo em consideração o estado de doença que o mesmo alegava, comprovado pelos facultativos que o examinaram e atestaram que o enfêrmo padecia de "dispepsia e hemoptises crônicas", sendo por isso a mudança do local remédio apropriado a melhorar o seu estado, *Diario do Governo*, de 26 de setembro de 1823. Resolveu então o governo que o mesmo se recolhesse à casa de seu cunhado, o desembargador Antônio Garção Pinto Madureira, onde devia permanecer sob a guarda de um capitão, rendido cada dia, afim de ter ali em conveniente cautela o detido, inhibindo-lhe qualquer comunicação com pessoas que não fossem de sua família.

Raio combustivel
Nosso barco arromba,
No bojo dos máres
O ecco retomba.
Tres vezes Neptuno
Com ância implorámos:
Neptuno está surdo,
Em vão o chamámos.

No dia 2 de outubro zarpava o brigue *Treze de Maio*, recambiando a missão do Conde do Rio-Maior, que viera na corveta *Voadora*, entrada no Rio de Janeiro a 17 de setembro, a qual também não conseguiu ser recebida por D. Pedro I, *Diario do Governo*, de 4 de outubro.

O marechal ficou no Rio de Janeiro até 6 de dezembro. O *Diario do Governo*, do dia 10, registrou nas saídas do pôrto daquele dia:

"Lisboa. B. de guerra Portuguez *Glória*, Com. 1.º Ten. Sebastião José Baptista; passageiros o Marechal de Campo Luiz Paulino de Oliveira Pinto da França, com 2 criados..." Na *Gazeta de Lisboa*, de 16 de fevereiro de 1824: "*Noticias Maritimas*. Entradas do dia 8.... — Do Rio de Janeiro, com 63 dias, 55 pessoas (9 passageiros, o Marechal Luiz Paulino Pinto da França, morreu no dia 8 de janeiro na altura de 8 gráos ao Norte da Linha, trazendo 2 criados)..."

Para a biografia de Luis Paulino veja mais o excelente trabalho do Dr. Mário Torres — *Uma família de generais*, in *Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia*, n. 69 (1943), ps. 253/325. Sua obra poética conhecida é escassa. Sacramento Blake, *Diccionario Bibliographico*, V, ps. 447, cita de sua lavra quatro sonetos, publicados tres dêles no *Jornal de Coimbra*, e outro no *Parnaso Brasileiro*, de J. M. Pereira da Silva, e uma poesia, intitulada *O naufrágio*, publicado no mesmo *Parnaso*.

Luis Paulino era senhor do engenho Aramaré, na Bahia, e pleiteou uma feira em suas terras, como se vê do folheto: *Commodidades que o marechal de campo graduado Luiz Paulino da Oliveira Pinto da França offerece para o estabelecimento de huma Feira nas terras de seu Engenho denominado Aramaré, e a que se refere o Decreto de 9 de Agosto de 1819*. (Rio de Janeiro) Na Impressão Regia (1819), in fol. de 6 pp. mm. São assinadas por Tomás Antônio de Villanova Portugal, e precedidas do referido decreto.

— Vale Cabral, *Annaes da Imprensa Nacional do Rio de Janeiro*, de 1808 a 1822, n. 546. — R. G.].

O terror e o susto
De nós se apodéra,
O medo da morte
Só em nós impera.
Montões d'infelizes
Nas ondas sorvidos,
Intentam salvar-se
Por entre alaridos.
Um disputa ao outro
A taboa partida,
E qual mais ligeiro
Vai perdendo a vida.
Acaba a contenda,
A taboa fugiu,
Ao longo dos máres
Boiando se viu.
Feliz o que vive
Na solida terra,
Que negra borrasca
Jámais lhe faz guerra!

SONETOS

A teus pés, fundador da monarchia,
Vai ser a lusa gente desarmada:
Hoje rende á traição a forte espada,
Que jámais se rendeu á valentia.
Ó rei, se minha dor, minha agonia,
Penetrar podem sepulchral morada,
Arromba a campa, e com a mão myrrada
Corre a vingar a affronta dêste dia.
Eu fiel, qual te foi Moniz, teu pagem,
Fiel sempre serei: grata esperança
Me sopra o fogo de immortal coragem;
E as lagrimas, que a dor aos olhos lança,
Recebe, grande rei, por vassalagem,
Acceita-as em protesto da vingança.

Duas horas antes de expirar

Eis já dos mausoléus silencio horrendo
Me impede o respirar e a voz me esfria;
Eis chega a morte eterna; eis morre o dia,
E ao nada a natureza vai descendo.
No, da anniquilação, passo tremendo,
Escudo-me da sã philosophia;
Terror humilde o rosto não m'enfia,
Como Catão morreu, eu vou morrendo.
Mâs ah! tu, d'alma nobre qualidade,
Saudade cruel, co'o soffrimento
Me arremessas ás marés de anciedade...
Mulher... filhos... amigos.. n'um momento,
No momento do adeus p'r'a Eternidade,
Vós sois o meu cuidado, e o meu tormento.

JOSÉ DA NATIVIDADE SALDANHA

JOSÉ DA NATIVIDADE SALDANHA (1)

A André Vidal de Negreiros, natural de Pernambuco, e seu restaurador em 1654.

Eu (mil graças ao céu!) s'em largos campos
Não aro, não semeio
Com malhados bezerros trigo loiro,
Pedindo ao vate Argivo a lyra d'ouro,
Semeio nas campinas a memória
Canções credoras de perpétua glória.

---

(1) Foi um pardo de grande talento: distinguiu-se em Coimbra, onde estudava. Era filho de Pernambuco e de principios ultra-republicanos.

[José da Natividade Saldanha nasceu no Recife, em 1795 (êste é o ano que vem declarado em seu termo de matrícula na Universidade de Coimbra), filho de Lourenço da Cruz. Teve em sua primeira infância a proteção de D. Tomás José de Melo, governador e capitão-general de Pernambuco; recebeu instrução secundária no Seminário de Olinda; na Universidade de Coimbra matriculou-se em 16 de outubro de 1819 e formou-se em 2 de julho de 1823, *Estudantes Brasileiros na Universidade de Coimbra*, n. 748.

Voltando a Pernambuco no mesmo ano de sua formatura, teve o lugar de secretário da Junta Governativa da província. Aderiu ao movimento revolucionário da Confederação do Equador, logo vencido pelas fôrças imperiais; conseguiu escapar à repres-

As redeas toma do cantor do Ismeno,
Musa canora e bella,
Ignivomos Ethontes atropella,
Guia a tua carroça luminosa
Ao bipartido cume:
Os cantores do Pindo que emudeçam,
Ao teu imperio os astros obedeçam.

E mais ligeiro
Do que o ribeiro
Que accelerado
Discorre o prado,
Serpenteando,
Vai tu levando
O teu carro á azul esfera,
Onde Febo só impera.

Fuja o profano vulgo, inepto e rude,
Pàra ouvir os mysterios,
Que o altiloquo vate patentêa,
Quando alegre bebendo a clara vêa,
Da encantadora, diva Cabalina,
Troca a vida mortal pêla divina.

---

são, refugiando-se no estrangeiro, mas à revelia foi condenado à pena última. É conhecida a graciosa procuração em que outorgou plenos poderes ao Dr. Tomás Xavier Garcia de Almeida, membro da comissão militar que o julgou, para enforcar-se em seu lugar. Passou a viver em Bogotá, Colômbia, onde exercia o professorado e a advocacia. Em uma noite de chuva, ao passar pela vala que corre em frente ao hospital de São João de Deus, resvalou e caiu, ficando provavelmente sem sentidos com a pancada que recebeu, porque não pôde safar a cabeça de dentro das águas, e afogou-se aí, num riacho insignificante. Aquela noite foi a 29 para 30 de março de 1832, segundo apurou Argeu Guimarães, *Vida e morte de Natividade Saldanha* (1796-1832), Lisboa, 1932.

Sua obra poética coligiu José Augusto Ferreira da Costa — *Poesias de José da Natividade Saldanha...* precedidas de um estudo histórico-biographico. — Pernambuco, J. W. de Medeiros, editor, 1875, in-8°, com retr. — R. G.].

Oh monte! oh monte ao vulgo inaccessivel,
Onde florêa Apollo!
Quem, do Ethonte domando o bravo collo,
No teu cume fuzila brando canto?
Quem cinge a douta frente,
Póde affoito dispor da humana sorte,
Dar vida ao sabio, dar ao nescio morte?

Se o grande Homero
De Achilles fero,
Que Heitor procura,
A paixão dura
Não arpejára,
Na lynfa amára
Dêsse lago celebrado
Jazeria sepultado.

Se torvos, sopesando invicta lança,
Ó musa, não podêmos
No campo sanguinoso de Mavorte
Espalhar de uma vez terror e morte,
Podêmos, fulminando excelsos hymnos
Dos humanos mortaes fazer divinos.

Levemos dos heroes pernambucanos
A rutilante glória
Ao templo sacrosanto da memória:
Não deixemos em mudo esquecimento
Tantos varões famosos,
Que da inveja a pesar em toda a idade
Entregaram seu nome á eternidade.

Assim de Roma
A glória assoma.
Que do Latino
Em som divino
Relampeguêa
De graça cheia,

Quando fere a doce lyra,
Por quem Orion suspira.

Porém, ó Musa bella, o carro volta
Aos altos Guararápes,
Nelles procura o forte brazileiro,
Tigre sedento, lobo carniceiro,
Que, dardejando a espada em dura guerra,
Faz tremer, ao seu nome, o mar e a terra
Ante os muros de Troia fumegantes,
Pélides furioso
Pêla morte do amigo bellicoso
Mais estragos não vibra, nem ruinas;
Nem o Aquilão fremente,
Que o pégo marulhoso revolvendo.
Vai montanhas de espuma ao céu erguendo.

Brava procella
Tudo atropella;
Ao belga forte
Fulmine a morte,
E o meu Negreiros
Co'os brazileiros
Augura cheio de glória
Em seus brios a victória.

Por cem boccas de fogo devorante
Vulcão impetuoso,
Vomita o bronze atroador e forte
Por entre denso fumo e negra morte;
E o nitridor ginete atropellado
Respira fogo em sangue misturado.

O vibrado corisco tripartido
Pêla dextra divina,
Ou subita estalando occulta mina,
Tão rapida não é, nem tão ligeira,
Com o nosso Camillo,

Que leva enfurecido ao marcio jogo
Fogo no coração, nos olhos fogo.

Prova, ó tyranno,
Pernambucano
Valor preclaro:
Negreiros caro
Consegue o loiro
De heroes thesoiro,
Conservando a invicta espada
No teu sangue inda banhada.

Será preciso ó musa, que sigamos
O heroe a toda a parte?
Que ao Rio Grande vamos e á Bahia,
Onde calcou Vidal a fôrça impía
Do tyranno hollandez, que ao seu aspeito
Sente o sangue gelar no duro peito?

Descancemos do claro Paraíba
Na margem abundante,
Onde brinca favonio susurrante;
Brilhe tambem na vasta redondeza
Esta illustre cidade,
Patria feliz do impavido Negreiros,
Terror do belga, amor dos brazileiros.

Porém em tanto
Suspende o canto;
Do teu auriga
Á dextra amiga
Confia o leme;
O cysne teme
Que do heroe cantando a glória,
Talvez lhe manche a memória.

A D. Antonio Filippe Camarão, natural de Pernambuco, e seu restaurador em 1654.

Dulcisono instrumento,
Que do claros heroes levaste o nome
Ao alto firmamento,
Quando o cantor do Ismeno
O plectro audaz vibrava;
Eleva agora ao templo da memória
Novo heroe, que brilhou no céu da glória.

De sacro enthusiasmo arrebatado
Além da humana esfera,
O argivo cysne, em metro não ouvido,
Celebra o combatente,
Que o bravo corredor domou valente;
Ou nos pitios combates valoroso
O triumpho colheu victorioso.

No Pegaso, correndo o vasto campo
Dos nobres feitos do brazilio Marte,
Vou colhêr sem demora
Flores em toda a parte,
E tecer-lhe depois em Dirce bella,
Ao brilhar do meu canto, uma capella.
D'entre larga espessura,
Ouvindo a voz da patria, a quem opprime
A tyrannia dura,
Sái Viriato forte,
Invicto lusitano,
E, clamando vingança e liberdade,
Resôa a voz na etherea immensidade.

Qual da Sicilia o monte pavoroso,
Que, chamas vomitando,
Entre nuvens de fumo tudo abrasa;
Qual Boreas furibundo,
Que, aberta a porta ao carcere profundo,

Com estampido atroador soando,
Vai as altas montanhas abalando.

Tal Viriato, a patria defendendo,
O Quirino soberbo desbarata;
E, tigre furioso,
Fere, atassalha e mata.
O imperio quirinal ao vê-lo geme,
De susto cheio o capitolio treme.

O Camarão potente,
Indio famoso, illustre brazileiro,
Negro Aquilão fremente,
É, dest'arte, que busca
O batávo em Goianna;
E um dia inteiro em horrida batalha,
Chovendo mortes, o inimigo espalha.

Tanto valor não tem, constancia tanta,
O grande heroe troiano,
Quando, montado no veloz ginete,
Pêla patria peleja:
Troveja mortes, damnos mil troveja;
Brilha o ferreo pavez auribordado,
Açoita as ancas o cocar doirado.

Patrocolo denodado, que atrevido
Ante os muros troianos apparece,
Cedendo ao braço duro,
Succumbe, desfalece;
E o bravo heroe, inda apesar dos annos,
Marcha na frente dos heroes troianos.

O Scipião famoso,
O belga em Santo Amaro derrotando,
Cinge o loiro ditoso,
Seu aspeito annuncia
A fugida ou a morte
De um lado a outro qual peloiro vôa,
Sôa a victória quando o bronze sôa.

Mais velozes não foram na Sicilia
De Pompeu os triumphos,
Que avassallou innumeras cidades,
Com deshumano estrago:
Nem do heroe, que de glória encheu Carthago,
E que, sendo o terror da invicta Roma,
Flaminio, Scipião, Marcello doma.

Não póde estar em ocio descançado
O heroe, a quem Mavorte inflama o peito.
No illustre Paraíba
O hollandez é desfeito;
Cunhaú, onde o belga é triplicado
Vê Camarão, e o belga subjugado.

Sôbre teu alto cume,
Erguido Guararape, altivo monte,
Qual fulgurante lume
Por Jove dardejado,
Brilhar tambem o viste,
Quando todo em furor, desfeito em ira,
Vingança e liberdade só respira.

Quanto é grato suster da patria cara
A fugitiva glória!
Dêste modo se alcança no futuro
Cubiçoso renome,
Que o tempo estragador jámais consome!
É credora de inveja, é feliz sorte,
Pêla patria acabar em doce morte.

Agora, musa minha, em Porto Calvo,
Colheremos a flor mais fresca e bella,
Que ha de ornar do guerreiro
A brilhante capella:
Escape de uma vez o heroe famoso
Do cego tempo ao ferro sanguinoso.

Vibrando a longa espada,
Ao lado marcha do brazilio esposo,

A nobre esposa amada.
No campo dos troianos
Camilla furiosa,
Voando sôbre a grimpa da seara,
Mais triumphos á morte não prepara.

Assoberbam o bátavo nefando,
O quente sangue espuma;
Qual belga foge, qual brazilio fere;
Quem evita o Mavorte,
Na espada feminil encontra a morte:
Ambos assim cobertos d'alta glória
Alcançam do hollandez clara victória.

Brazilio Camarão, indio Mavorte,
Recebe com prazer ésta capella,
Que te consagra o vate:
Com ella adorna a frente;
E da fama loquaz no excelso templo
Aos futuros heroes dá nobre exemplo.

A Henrique Dias, natural de Pernambuco, e seu restaurador em 1654.

Não posso, egrégio Henrique, em larga cópia,
As lagrimas da aurora offerecer-te;
Nem de marmor luzente
Padrões eternos contra o tempo erguer-te;
Porém ao som do plectro, que desfiro,
Com aureo canto eternisar-te posso:
Dom de maior valia,
Que cem columnas do opulento Efiro.

Quando no olympio circo,
Não mortal, todo numen o argivo cysne
Da atropellada bocca
Novos vibrava audaciosos hymnos,

Quanto a rival Corina
Raivava de escutar-lhe a voz divina!
Quanto o mesmo ginete, que a victória
Conseguiu ao Senhor, se encheu de glória!

Nem só de Ilio bateu neptunios muros
O indomavel Achilles,
Quando em tôrno correu do argivo campo,
Largo ribeiro, o sangue de Patrocolo:
Nem o velho Nestor, que honrára Pilos,
Transpoz sómente á vida o curto espaço.

Oh! mil vezes ditoso, o que da lyra
Tirando sons, milagres de harmonia,
Que o Patareu inspira,
Rouba os heroes do tempo á foice impía!
Ditoso, o que n'um frio esquecimento
Não deixa sepultar a patria glória!
Assim Camões divino,
Ergueu-te, ó Gama, eterno monumento.

Assim outr'ora Elpino,
Atropellando os Evos fugitivos,
Da immensa eternidade
As bifores abriu formosas portas,
Quanta d'ali rutila
Brilhante glória em Azamor e Arzila!
Viste de novo Adamastor, ferrenho
Sulcar teus máres lusitano lenho.

Qual furor divinal de mim se apossa!
Que sacro enthusiasmo
Em grossos turbilhões me assalta á mente!
Onde me elevas, impeto divino!
Oh passado! oh futuro! eu vejo tudo,
Abrem-se os penetraes aos meus accentos!

Henrique! lá me assoma em densa treva
Do fero belga a alta trincheira invicta!

Que clamor que se eleva!
Que terror nos cercados que se excita!
O bipene cutello a Parca afia
No fuzilo dos elmos, das espadas;
Troa o bronze inflammado,
Que em chuveiros a morte despedia.

Como debalde intentas,
Belga soberbo, te esquivar ao raio!
Como!... já se arremessam
Altas escadas ás trincheiras altas;
Já tremula a primeira
Sôbre as muralhas portuguez bandeira:
Já curvas, hollandez, com fado escasso,
Altiva fronte do africano ao braço.

Freme na estancia o bellico Mavorte,
Fulminando ruinas.
Lá Dias apparece... ah! quão azinha,
Foge ao vê-lo a batavia atrocidade,
Assim de Heitor fugia o grego imbelle,
Que as muralhas de Troia acommettia.

Que confusão, ó musa, que alarido!
O céu se encobre de negrume horrendo!
Que estrondo nunca ouvido!
Que sangue pêla terra vai correndo!
Que é isto!... Mâs lá sôa... "O belga forte,
Nas Salinas fugir em vão intenta;
Henrique os atropella,
E a seu lado se espraia a negra morte."

Tal do heroe de Carthago
Fugia á vista a quirinal cohorte;
Quando em Tresbia valente
O consul atrevido derrotára.
Tal foge temeroso
Do açor cruento á garra furibunda.
O aereo bando de mimosas pombas:
Tanto do Heitor brazilio assusta o braço!

Como lá foge ao vê-lo nas Tabocas
O bátavo medroso!
Como sem côr, sem vida, espavorido,
De susto cheio, no Afogado foge!
Como tresúa, navegando os mortos,
Na feia barca o sórdido Charonte!

Guararápes! abaixa o nobre cume;
O illustre Scipião lá vai subindo,
Que nunca visto lume
Da fulgurante espada vem saindo!
Relincha o nitridor atropellado,
Sangue e fogo no freio mastigando;
Lá sôa!... lá começa
Dos peloiros o estronde repetido.

Qual do cavallo vôa,
Qual sem cabeça corpo vai rolando,
Qual decepado braço,
Inda tremendo aperta a quente espada,
Qual sem dono ginete
Pisa e repisa galopando o campo...
Lá dá costas o belga, já procura...
Nas densas mattas o mesquinho abrigo.

Musa!... porém já basta, descancemos
Um pouco a lyra d'oiro;
E entretanto conheça o mundo todo,
Que entre o remoto povo brazileiro
Tambem se criam peitos mais que humanos,
Que não invejam gregos, nem romanos.

Ao Mestre de Campo Francisco Rebello, natural de Pernambuco, e seu restaurador em 1654.

Brazileiros!... de novo afino a lyra,
E o numen de Patara,

Que os lisongeiros vates não inspira,
A minha mente inflama.
Tecei-me nova corôa,
Filhas do céu, razão, ingenuidade;
Pois agora acordando
A lyra brazileira os sons argivos,
Vou estampar o nome
De Rebello immortal na eternidade.

Já da apollinea chama
Acceso turbilhão me desce ao peito!
Como um tropel de idéas magestosas
A mente me confunde!
Eu vejo, eu não me engano, o Delio Numen,
Que aos ouvidos me entôa altivos hymnos:
Ó Pindaro! esmorece!
Tu já tens um rival no amor da patria,
No canto, que aos heroes dá nome e vida.

Longe de mim o vulgo boquiaberta,
Que não póde escutar os sons cadentes,
Que o vate desencerra;
Longe de mim a turma aborrecida,
Que á lyrica não sóbe, e que derrama
Versos sem alma, e só no nome versos;
Longe, socios de Mevio, e não de Elpino,
Não de Filinto, Coridon e Alfeno:
Meiga pompa ululante
Não segue os vôos da ave do tonante.

Vem, Aonio, a meu lado ouvir meus hymnos;
Vem a prestar-me a lyra,
Que hoje tem de troar com sons divinos,
Quaes Diniz, que nos guia,
Outr'ora modulára;
Vem comigo cantar, deixa de parte
A arrufadiça Ulina.
Se devemos á patria a nossa vida,

Dêmos-lhe a nossa fama,
Dêmos vida aos heroes, que á patria a deram.

Ó vós, sombras divinas,
Manes de Henrique, manes de Negreiros,
As campas sacudi, erguei a frente,
Pâra escutar o cisne,
Que roubou vosso nome ás mãos do Lethes.
Exultai! novo heroe vai hombrear-vos
Sôbre as azas da fama.
Teve parte comvosco nos perigos,
Vai ter comvosco seu quinhão na glória.

Qual de Roma o guerreiro, que inda joven,
Emulando de Marte a valentia,
Venceu Numancia fera,
Carthago derrotou, deu leis ao mundo,
Foi doce á patria, horrivel ao imigo;
Qual Condé, cujo nome portentoso
Faz de Alcides lembrar os nobres feitos,
E que, quando voava ao marcio campo,
Levava no seu braço
O augurio não falivel da victória.

Rebello assim desfeito em chamma, em ira,
A toda a parte voa,
E onde assoma valor, audacia inspira.
Treme de ouvir-lhe o brado
O belga esmorecido.
Tu, Santo Amaro, o viste, quando inerme,
Provocando o inimigo,
Co'a espada trovejou raios de mortes,
E, Hercules imitando,
Rouba a vida a um Antheu co'os rijos braços

Foge o belga medroso,
Foge á vista do heroe; porém aonde
Póde escapar ao raio? O heroe o segue,
Assoberbando tudo.
Nada lhe embarga os passos, nada o prende;

Chameja, espuma, brama, e os campos tala,
Desmorona os redutos:
E de sangue, e de glória, e pó coberto,
Entre impios ossos caros ossos piza.

Mazurépe! já voa em teu soccorro,
Dos olhos scintillando fogo ardente,
Sedento do inimigo,
O heroe, a cuja fama é pouco o mundo.
Já!... Que horror! entre fogo, entre alarido,
Chove o bronze mortifera granada;
Cruzam lanças, a hoste se derrama...
Exulta, ó Mazurépe! O belga cede,
Antes o brazilio raio
Tudo é pó, tudo é cinza, tudo é nada.

Novo campo de glória se offerece
Ao brazileiro tigre:
Sigismundo a vingar-se lhe apparece.
Ó belga desgraçado!
Porto Calvo famoso
Por três vezes te viu deixar-lhe o campo,
Quando Rebello forte,
Á dextra o raio, o terrorismo á frente,
Impavido assomando,
Tudo era pouco a saciar-lhe a furia.

Assim o antigo persa,
No esquadrão numeroso confiando,
Aos da Grecia guerreiros se apresenta;
Assim Flaminio bravo
Á glória de Carthago, ao fero Annibal,
Tal em Nemêa os bravos sicilianos
A Pericles se offerecem;
Assim nas margens ferteis do Garona
A aguia soberba foi lançada em terra.

Taparica infeliz em ti devia
Com a morte coroar tantas victórias.

Peloiro penetrante,
Rompendo o peito forte, foi beber-lhe
As fumantes entranhas inda quentes,
E envolvido em troféus do seu triumpho.
Na campina mavorcia teve a morte.
Porém quando se chega ao céu da glória
A existencia é pezada:
Assim Turene sôbre o campo expira.

Ó pátria minha e delle! enxuga o pranto;
Morreu; mâs libertou-te,
E de novo revive no meu canto.
Inda hoje a sombra sua
Te cérca a todo o instante,
E co'os olhos em ti, assim te brada:
— "Exulta, ó Pernambuco!
Dei a vida por ti — foi doce a morte!
Não te falta o meu braço,
Tu genios inda tens, que me assimilham."

Ó jovens brazileiros.
Descendentes de heroes, heroes vós mesmos,
Pois a raça de heroes não degenera,
Eis o vosso modelo;
O valor paternal em vós reviva;
A patria, que habitaes, comprou seu sangue,
Que em vossas vêas pulsa;
Imitai-os, porque elles do sepulchro
Vos chamem com prazer seus caros filhos.

Assim em Roma o brio dos Horacios
Nos recemnados filhos vegetava;
Assim o egregio sangue
Em Termopilas dura derramado
Antolhava em seus filhos vingadores:
Tomai delles o brio, a fôrça, a manha;
Sêde sempre fieis á patria cara;
Vós sereis brazileiros;
Sereis pernambucanos verdadeiros.

PADRE SILVERIO DA PARAOPEBA

PADRE SILVERIO DA PARAOPEBA (1)

Fabula do Morro do Ramos

Qual Dom Quixote
No Rocinante,
Já cavalleiro
Me fiz andante.
Apenas raia
A luz plebea,

---

(1) Era filho de Minas e poeta fecundo por natureza. Morreu cego. — Segundo o sr. Paulo Barboza, são muitissimas as composições que deixou, e em todas ellas ha bastante originalidade. — N'uma dellas conta a maneira como fez fortuna nas Minas.

[Chamava-se Silvério Ribeiro de Carvalho, nasceu e viveu cerca de oitenta anos na freguesia de Paraopeba, do município de Ouro-Preto, hoje Itabirito. Era presbítero secular e fazendeiro em suas terras. Faleceu cego, em maio de 1843. — Conf. Cônego Raymundo Trindade, *Archidiocese de Mariana*, II, ps. 1093, São Paulo, 1929.

De sua obra poética o Dr. José Maria Vaz Pinto Coelho coligiu e publicou:

Trovas Mineiras: Rio de Janeiro, Typographia Portugal e Brasil — Rua da Assembléia, n. 34, 1863, in-8°, de 93 pp.

Mário de Lima, *Collectanea de Autores Mineiros — Poetas*, vol. I, ps. 273/293, Belo Horizonte, 1922, publicou oito de suas produções, incluindo a *Fábula do Morro do Ramos*. — R. G.].

Não busco encantos
De Dulcinea.
A estrada busco
De Villa Rica,
Que dôze leguas
Distante fica.
Só por beijar
Neste almo dia
A mão piedosa
D'alta Maria.
Passo a *Itabira,*
Passo a *Caxoeira,*
E a mesma Serra
Subo á carreira.
Aonde o Conde
De Cavalleiros
Deixou a fonte
Aos passageiros,
Que ali descançam
Junto á corrente,
Quando os abraza
A calma ardente.
Logo presago
Meu coração
Cá palpitou-me,
Nem era em vão.
Porque chegando
Ao fim da Serra,
Ouço um ruido
Que ali me aterra.
De espessa gruta
Do sol isempta,
Figura horrenda
Se me apresenta.
Tostado o corpo
Tinha a figura,
Mais de mil palmos
Tinha de altura.
Os olhos fundos,
Faces chupadas,

As barbas brancas,
As mãos myrradas.
Mal se apresenta
Pasma o cavallo:
Cheio de espanto
Assim lhe falo:
— "Quem és, me dize,
Ó monstro horrendo?"
Mal lhe pergunto
Fiquei tremendo.
Depois de um pouco
Estar calado
Como quem soffre
Um mal pesado.
Abrindo a bocca,
Onde se viam
Tres velhos dentes
Que já boliam.
Alçando aos ares
A carantonha,
Com voz cançada,
Porém medonha:
—"Sou *Ramos*" disse,
"Filho da terra,
Que aos altos deuses
Tambem fiz guerra.
"Com *Villa Rica*
Tomei amores,
Que hoje causam
Mágoas maiores.
"Ella me fez
O leito d'oiro
E fez-me entrega
Do seu thesoiro.
Vivia farto,
Alegre e cheio
E dos amores
Em doce enleio.
"Porém os deuses,
Que se aggravaram,

Logo a soberba
Me castigaram.
"Neste alto morro,
Precipitado,
Por meu castigo
Fui transformado.
"Meus longos ossos,
Que aqui jazeram,
Em duas pedras
Se converteram.
"Por maior pena,
Maior castigo,
Tenho a *Velloso*
Por inimigo.
"Elle me estruge,
Elle me aterra,
Fazendo sempre
Contínua guerra.
"Agudos ferros,
Fôrças estranhas,
Me vão rompendo
Estas entranhas.
"Tenho defronte
A minha bella;
Mâs oh! não posso
Chegar-me a ella.
"Deito-lhe os olhos,
Votos lhe off'reço,
Nem um aceno
Sequer mereço.
"Nos seus ouvidos
Por meus suspiros,
Soam medonhos,
Horrendos tiros.
"Lagrimas tristes,
Correndo em fio,
Nas repuchadas
Daqui lhe envio.
"Porém debalde
Suspiro e chóro,

Por essa imagem,
Qu'inda hoje adoro.
"Entre prazeres
De mim se esquece,
Ou por enorme
Me desconhece.
"Pois que com ella
Falar não posso,
Pelo destino
Ou fado nosso:
"Dize-lhe que hoje,
Bem que se occulta,
O seu amante
Tambem exulta.
"Que, pois, lhe pede
Como em penhor
Do seu antigo,
Fiel amor.
"Que dêsse nobre
Metal luzente,
Que do seu seio
Vai na corrente,
"Um padrão alto
Mande erigir,
Onde éstas letras
Faça insculpir:
"— A par de Pedro,
Com alegria,
Por longos annos
Viva Maria.—"

JOSÉ BONIFACIO DE ANDRADA E SILVA

JOSÉ BONIFACIO DE ANDRADA E SILVA (1)

Aos Gregos

Ó musa do Brazil, tempéra a lyra,
Dirige o canto meu, vem inspirar-me:
Accende-me na mente estro divino
De heroico assumpto digno!

Se comigo choraste os negros males,
Que a saudosa, cara patria opprimem,

---

(1) O nome de José Bonifácio, no Brazil e em Portugal, como em geral na Europa, é tão conhecido nas lettras, nas sciencias e na politica, que a sua vida comprehende a história d'um grande periodo, primeiro de história litteraria de Portugal, depois da história do Brazil. Aqui nos limitaremos a dizer que nasceu em Santos a 13 de Junho de 1765, e faleceu aos 6 d'Abril de 1838, e que suas grandes occupações não o impediram de votar ás musas uma parte do tempo. Estando desterrado em Bordeus em 1825 ahi publicou um tomito de poesias avulsas, intitulando-se Americo Elysio. Outras andam dispersas.

[A obra poética de José Bonifácio foi ultimamente inserta nas Publicações da Academia Brasileira (Coleção Afrânio Peixoto), compreendendo a reprodução fac-similar da *editio princeps* das *Poesias Avulsas*, de Américo Elysio (Bordeos, 1825), as poesias ajuntadas na edição do Rio de Janeiro, 1861, e mais uma contribuição inédita, precedidas de lúcido estudo de Afrânio Peixoto sôbre *O Primeiro livro do Romantismo no Brasil*, — Rio de Janeiro, 1942, in-8° paq., de XVII + VII + 187 pp. José Bonifácio, o Patriarca, é patrono da cadeira n. 16 dos membros correspondentes da Academia Brasileira. — R. G.].

Da Grecia renascida altas façanhas
As lagrimas te sequem.

Se ao curvo alfange, se ao pelouro ardente,
Politica malvada a Grecia vende;
As bandeiras da cruz, da liberdade,
Farpadas inda ondeam.

As bayonetas que os servís amestram,
Carnagem, fogo, não assustem peitos,
Que amam a liberdade, amam a patria,
E de helenos se presam.

Como as gotas da chuva o sangue ensópa
Arido pó de campos devastados;
Como do funeral, lugubre sino,
Gemidos mil retumbam.

Creancinhas, matronas, vªirgens puras,
Que á apostasia, que á deshonra vota
O feroz Moslemim, filho do inferno,
Como martyres morrem.

E consentís, ó Deus; que os tristes filhos
Da redemptora cruz, arabes, turcos,
Exterminem do solo antigo e santo
Da abandonada Grecia?

Contra algozes os miseros combatem;
Contra barbaros cruz, honra e justiça:
A Europa geme — só tyrannos frios
Com taes horrores folgam.

Rivalidades, ambição, temores,
Sujo interêsse a inerte espada prendem;
E o sangue de christãos, que lagos fórma,
Um ai lhes não arranca!

Perecerás, ó Grecia, mâs comtigo
Murcharão de Albion honra e renome:

O sórdido egoismo, que a devora,
É já do mundo espanto!

Não desmaies, porém: a Divindade
Roborará teu braço; e na memória
Gravará pâra exemplo os altos feitos
Dos illustres passados.

Eis os myrrados ossos já se animam
De Mélciades; já da campa fria
Ergue a cabeça, e grito dá tremendo
Pâra acordar os netos.

— "Helenos!" brada: "ó vós, prole divina,
Basta de escravidão — não mais opprobios!
É tempo de quebrar grilhão pesado,
E de vingar infamias.

"Se arrazastes de Troia os altos muros
Pâra o crime punir, que amor causára,
Então porque soffreis ha largos annos
Estupros e adulterios?

"Foram assento e berço ás doutas musas
O sagrado Helicon, Parnazo e Pindo:
Moral, sabedoria, humanidade,
Fez vercejar a lyra.

"Ante helenicas prôas se acamava
Euxino, Egeu, e mil colonias íam
Levar artes e leis ás rudes plagas,
E da Lydia e da Europa.

"Um punhado de heroes então podia
Tingir de sangue persa o vasto Ponto:
Montões de corpos inda palpitantes
Estrumavam os campos.

"Ah! porque não sereis o que já fostes?
Mudou-se o vosso céu e o vosso solo?

E não são inda os mesmos estes montes,
Estes máres e portos?

"Se Esparta ambiciosa, Athenas, Thebas,
O fratricida braço não tivessem
Em seu sangue banhado, nunca a Grecia
Curvára o collo a Roma.

"E se de Constantino a infame prole
Do fanatismo grego não houvera
Aguçado o punhal, ah! nunca as luas
Tremularam ufanas.

"Depois que foste, ó Grecia miseranda,
De despotas brutaes brutal escrava,
Em a esquerda o *koram*, na dextra a espada,
Barbaria prega o turco.

"Assás sorveste já milhões de insultos,
Já longa escravidão pagou teus crimes:
O céu tem perdoado. — Eia, já cumpre
Ser helenos, ser homens.

"Eia, gregos, jurai, mostrai ao mundo,
Que sois dignos de ser quaes fostes d'antes;
Eia, morrei de todo, ou sêde livres!"
Assim falou — calou-se.

E qual ligeira nevoa, sacudida
Pelo tufão do norte, a sombra augusta
Desapparece. A Grecia inteira brada:
"Ou liberdade ou morte."

Aos Bahianos

Altiva musa, o tú, que nunca incenso
Queimaste em nobre altar ao despotismo,

Nem insanos encomios proferiste
De crueis demagogos.

Ambição de podêr, orgulho e fausto,
Que os servís amam tanto, oh! nunca, musa,
Accenderam teu estro — a só virtude
Soube inspirar louvores!

Na abobada do templo da memória
Nunca comprados cantos retumbaram:
Ah! vem, ó musa, vem na lyra d'ouro
Não cantarei horrores.

Arbitraria fortuna! despresivel
Mais que essas almas vis, que a ti s'humilham,
Prosterne-se a teus pés o Brazil todo,
Eu nem curvo o joelho.

Beijem o pé que esmaga, a mão que açoita,
Escravos nados — sem saber, sem brio;
Que o barbaro tapuia, deslumbrado,
O deus do mal adora.

Não! reduzir-me á pó, roubar-me tudo,
Porém nunca aviltar-me póde o fado:
Quem a morte não teme, nada teme;
Eu nisto só confio.

Inchado de poder, de orgulho e sanha,
Treme o visir, se o grão-senhor carrega,
Porque mal digeriu sobrolho iroso,
Ou mal dormiu a sésta.

Embora nos degraus do excelso throno
Rasteje a lesma, pâra ver se abate
A virtude que odêa, só me alenta
Do que valho a certeza.

E vós tambem, bahianos, despresastes
Ameaças, carinhos — desfizestes

As cabalas que perfidos urdiram,
Inda no meu destêrro.

Duas vezes, bahianos, me escolhestes
Pâra a voz levantar a pró da patria,
Na assembléia geral; mâs duas vezes
Foram baldados votos!...

Porém em quanto me animar o peito
Este sôpro de vida que inda dura,
O nome da Bahia, agradecido,
Repetirei com jubilo.

Amei a liberdade e a independencia,
Da doce, cara patria, a quem o luso
Opprimia sem dó, com riso e mofa:
Eis o meu crime todo!

Cingida a fronte de sanguentos loiros,
Horror jámais inspirará meu nome:
Nunca a viuva ha de pedir-me o esposo,
Nem seu pai a criança.

Nunca aspirei a flagellar humanos;
Meu nome acabe, pâra sempre acabe,
Se pâra o libertar do eterno olvido
Forem precisos crimes!

Morrerei no destêrro em terra estranha,
Que no Brazil só vís escravos medram:
Pâra mim o Brazil não é mais patria,
Pois faltou á justiça.

Valles e serras, altas mattas, rios,
Nunca mais vos verei! Sonhei outr'ora
Poderia entre vós morrer contente;
Mâs não! monstros o vedam.

Não verei mais a viração suave
Para o aerio vôo, e de mil flores

Roubar aromas e brincar travêssa
Co'o trémulo raminho.

Oh! paiz sem igual, paiz mimoso!
Se habitassem em ti, sabedoria,
Justiça, altivo brio, que ennobrecem
Dos homens a existencia...

De estranha emulação acceso o peito,
Lá me ía formando a fantasia
Projectos mil para vencer vil ocio,
Pâra crear prodigios!

Jardins, vergeis, umbrosas alamedas,
Frescas grutas então, piscosos lagos,
E pingues campos, sempre verdes prados
Um novo eden fariam.

Doces visões, fugi! Ferinas almas
Querem que em França um desterrado morra!
Já vejo o genio da certeira morte
Ir afiando a foice.

Gallicana donzella lacrimosa,
Trajando roupas luctuosas, longas,
Do meu pobre sepulchro a tosca lousa
Só cobrirá de flores.

Que o Brazil inclemente, ingrato ou fraco,
Ás minhas cinzas um buraco nega,
Talvez tempo virá qu'inda prantêe
Por mim com dôr pungente!

Exulta, velha Europa, o novo imperio,
Obra prima do céu, por fado impio...
Não será mais o teu rival activo
Em commercio e marinha.

Aquelle que gigante inda no berço,
Se mostrava ás nações, no berço mesmo,

É já cadaver de crueis harpias,
De malfazejas furias!

Como, ó Deus, que portento a Urania, Venus
Ante mim se apresenta? Riso meigo
Banha-lhe a linda bocca, que escurece
Fino coral nas côres.

— "Eu consultei os fados que não mentem"
Assim me fala a piedosa deusa.
"Das trevas surgirá sereno dia
Pâra ti, para a patria.

"O constante varão que ama a virtude,
Co'os berros da borrasca não se assusta,
Nem como a folha do alamo fremente
Treme á face dos males.

"Escapaste a cachopos mil occultos,
Em que ha de naufragar, como até-gora,
Tanto aulico perverso. Em França, amigo,
Foi teu destêrro um porto.

"Os teus bahianos, nobres e briosos,
Gratos serão a quem lhes deu socorro
Contra o barbaro luso, e a liberdade
Metteu no solo escravo.

"Ha de emfim essa gente generosa
As trevas dissipar, salvar o imperio:
Por elles liberdade, paz, justiça,
Serão nervos do estado!

"Qual a palmeira que domina ufana
Os altos topos da floresta espessa,
Tal bem presto ha de ser no mundo novo
O Brazil bem fadado.

"Em vão de paixões vís cruzados ramos
Tentarão impedir do sol os raios:

A luz vai penetrando a copa opaca,
O chão brotará flores."

Calou-se, então — voou; e as sôltas tranças
Em tôrno espalham mil sabeus perfumes,
E os zefiros, as azas adejando,
Vasam dos ares rosas.

Cantigas bacchicas

A Baccho brindemos,
Brindemos a Amor:
Embora aos coreundas
Se dobre o furor.

Em brodio festivo
Mil copos retinam;
Que a nós não nos minam
Remorsos crueis.
Em jubilo vivo
Juremos constantes
De ser como d'antes
Á patria ficis.

A Baccho brindemos, *etc*

Consocios amados,
Se a patria affligida
Por nós clama e lida,
Pois longe nos vê;
Jámais humilhados
Ao vil despotismo,
No meio do abysmo
Fiquemos em pé.

A Baccho brindemos, *etc*

Gritemos, unidos
Em santa amisade:
Salve, ó liberdade!
E viva o Brazil!
Sim, cessem gemidos,
Que a patria adorada
Veremos vingada
Do bando servil.

A Baccho brindemos, *etc.*

A nau combatida
Da tormenta dura,
Furores atura
Do rabido mar.
Já quasi sumida,
Resurge, e boiando
Lá vai velejando,
Sem mais soçobrar.

A Baccho brindemos, *etc.*

Bem prestes, amigos,
Vereis vossos lares,
Tão tristes azares
Jámais voltarão.
Os vís inimigos
Só colhem vergonha;
E a negra peçonha
Distillam em vão.

A Baccho brindemos, *etc.*

Se a patria nos ama
Amal-a sabemos:
Por ella estivemos
O sangue a verter.
Se a patria nos chama,
Iremos contentes
Com peitos ardentes
Por ella a morrer.

A Baccho brindemos, *etc.*

Patricios honrados,
Aos ternos meus braços
Em mutuos abraços
A unir-vos correi.
Co'os copos alçados
De novo juremos
Que amigos seremos...
Já bebo — e bebei.

A Baccho brindemos, *etc.*

A Venus fagueira
A Baccho risonho,
Ninguem por bisonho
Se esqueça brindar:
Moafa ligeira
Tomemos agora:
Amigos, vão fóra
Tristeza e pezar.

A Baccho brindemos, *etc*

ODES

I

A Poesia

Não os que enchendo vão pompozos nomes
Da adulação a boca;
Nem canto tigres, nem ensino a feras
As garras afiar, e o agudo dente:
Minha musa orgulhoza
Nunca aprendeu a envernizar horrores.

Genio da inculta patria, se me inspiras
Acceso estro divino,
Os porfidos luzentes não m'o roubam,
Nem ferrugentas malhas, que deixaram
Velhos avôs cruentos:
Canto a virtude quando as cordas firo.

Graças às nove irmãs! meus livres cantos
São filhos meus e seus!
A lauta meza de baixela d'ouro,
Onde fumegam siculos manjares,
Do vulgo vil negaça,
Mal comprados louvores não me arranca.

Divina poesia, os alvos dias,
Em que pura reinavas,
Já fugiram de nós. — Opacas nuvens
De fumo os horizontes abrazando,
A luz serena offuscam,
Que sobre o velho mundo derramaras.

Á sede d'ouro, e á vil cobiça dados,
Os filhos teus (ingratos!)
Nas níveas roupas tuas aljofradas
Mil negras nodoas sem remorço imprimem.
Mascarada lisonja,
Fome, baixeza os venaes hymnos dictam,

Então que densos bosques e cavernas
Os homens acoutavam,
Pela musica e dança acompanhada
Benefica poesia a voz alçando,
Do seio da mãe terra
Nascentes muros levantar fazia.

Então pulsando o vate as cordas d'oiro,
A populoza Thebas
Altiva a frente ergueu, ao som da lyra;
E os horridos costumes abrandando

A sentir novos gozos
Aprende a feroz gente, bruta e cega.

Assim Orpheo, se a doce voz soltava,
Os Euros suspendidos,
O rio quedo, as rochas attrahia:
E os raivosos leões e os ursos feros
Manso e manso chegavam
A escutar de mais perto o som divino.

O selvagem que então paixões pintava
Com uivos e com roncos,
Pelas gentis camenas amestrado,
Os ouvidos deleita, a lingua enriça,
E com sonoro metro
Duraveis impressões grava na mente.

Qual a tenra donzella branca e loira
Da Paphia deusa inveja,
Os olhos côr do céo, vermelha a face,
O peito faz sentir que não sentia:
Assim musas divinas,
Corações bronzeados ameigavam.

Entre os frios Bretões, e os Celtas duros
Reinaram as camenas.
De pó, de sangue, de ignominia cheios
Mostra os vencidos Ossians á patria;
E a frente coroando,
Canta os triunfos, canta a propria gloria.

Qual das aves magica harmonia,
Que a primavera canta,
Assim teus feitos, grandes e sublimes,
No dia da victória, herculeo Fingal,
Teus bardos celebravam,
E a testa sobrançuda desfranzias.

Soberbos templos teve, teve altares
Na Grecia a poesia.

Genios brilhantes! seus antigos vates
Os sociaveis nós, uteis e doces;
Humanos apertaram;
Simples e poucas sabias leis fizeram.

A frente levantar não se atrevia
O fanatismo ferreo;
Co'a gotejante espada dos altares
Arrancado, vermelho sangue quente
Que lagos mil formára,
Dos proprios filhos não vertia a terra.

Nem absurda calumnia perseguia
A razão e a virtude...
Se a terra via, via heroicos crimes.
Tu monstro horrendo, horrendo despotismo,
Ah! sobre ti cahiram
Accesos raios, que na mão trazias.

Maldição sobre ti, monstro execrando,
Que a humanidade aviltas!
Possam em novos mares novas terras,
Por britannicas gentes povoadas,
Quebrados os prestigios,
Os filhos açoitar da liberdade?

Então a fome de oiro, mãe de crimes,
Negra filha do inferno,
Não tinha o braço matador armado
Do tyranno europeo. — A Africa adusta,
E a doce patria minha
Seus versos innocente entoavam.

Vós lhe dictaveis, heliconias deusas,
Ternos versos chorosos
Do doce amigo morto á sombra ausente!
Outras vezes as vozes levantando,
A glória dos heroes
Em choréas enérgicas cantavam.

Então nascendo altiloqua epopea
Celebra os semideuses:
Tal da Grecia recente em alvos dias,
A trombeta embocando sonorosa,
Fez ver a luz Homero,
Que depois imitaste, augusta Roma!

Não mil estatuas de fundido bronze,
Nem mármores de Paros
Vencem as iras de Saturno idoso:
Arrazam se pyramides soberbas,
Subterram-se obeliscos,
Resta uma Illiada, e uma Eneida resta!

Qual rouca rã nos charcos, não pretendam
De mim vendidos cantos.
Se a cythara divina me emprestarem
As filhas da memória, altivo e ledo,
A virtude cantando,
Entre os vates tambem terei assento.

II

O poeta desterrado

Ó lyra brazileira, que inspiravas,
Com teus hymnos, no peito amor de glórias:
Tu que o pranto da esposa suspendias,
Quando ausente o guerreiro;

Ora do triste vate no desterro
Já não accendes de Mavorte o fogo:
Nem cantas os trophéos da patria amada
Com magica harmônia.

Fica pois, lyra inutil, pendurada
De secco ramo; ou temperada agora

Em tom mais brando, vai soar tristonha
Em acanhado estylo.

Ah! não digas, ó Zoilo, mal do vate,
Se procurando lenitivo á magoa,
Sob a copada rama solitario,
Enseja amor na lyra.

Um mavioso coração afflicto
Que abandonado em terra estranha geme,
A qual recorrerá propicio nume
Senão a Venus meiga?

Mas a causa, que a alma ora lhe agita,
É tambem de Narcinda a santa causa:
Da terna lyra os sons enchem-lhe o peito
De dôr e de saudade.

Os suspiros que a lyra aos ares manda,
Ella com suspiros acompanha:
São sorrisos da lua, que embellece,
Da negra noite o manto.

Não do regato o placido susurro,
Nem o travesso zephyro, que esperta
Do lethargo da sombra a flôr cheirosa,
Ao pastor é mais grato!

Fresca e gentil, qual matutina rosa
Pelas gotas de maio rociada;
Assim do teu dilecto olhos e peito
Arrebatas sorrindo.

Ah! não digas, ó Zoilo, mal do vate,
Se ainda se acolhe de Narcinda ao seio:
Pois no meio do sonho dos amores,
Tambem co'a patria sonha.

Para a molleza não nasceu o vate:
Em ditosos dias chammejava

Sua alma ardente, do heroismo cheia,
Quando uma patria tinha!

A corda que sicia docemente
Sobre a doirada lyra malfadada,
Outr'ora ousou curvar arco guerreiro,
Vibrar rapida setta:

Os labios, que ora movem molles versos,
Já levantar souberam da vingança
Grito tremendo, a despertar a patria
Do somno amadornado.

Mas de todo acabou da patria a glória!
Da liberdade o brado, que troava
Pelo inteiro Brazil, hoje emmudece
Entre grilhões e mortes!

Sobre suas ruinas gemem, choram,
Longe da patria os filhos foragidos:
Accusa-os de traição, porque a amavam,
Servil, infame bando.

Ah! não digas, ó Zoilo, mal do vate,
Se aos lares seus não volta acicalado,
Subito ferro afogaria o grito,
Que pela patria erguesse.

Ali da santa liberdade os filhos,
Esses poucos, que restam, fugidos
Vivem inglorios; pois as honras dão-se
A perjuros escravos.

Almas fracas e vis! e vós não vedes
Que o facho horrivel, que allumia a senda
Das falsas honras, accendeis no fogo
Que abraza o Brazil todo?

Quando mortes fulmina a tyrannia,
E calca aos pés o merito e virtude,

Uma lagrima se quer não vos arranca
A terra, em que nascestes?

Maldição sobre vós, almas damnadas!
A taça do prazer a vós vos saiba
Como o mel venenoso das abelhas
Da Cisplatina plaga.

Suspirai pelo céo, morrei no inferno
— Contentes, paz e glória de vós fujam
Como as aguas de Tantalo fugiam
No Tartaro dos Gregos.

Ah! não digas, ó Zoilo, mal do vate
Si a Paphia deusa algum consolo pede
Si a aguda dôr, que pela patria sente,
Sonha abrandar um pouco!

Que um raio de esperança o fado accenda,
Que um relampago só penetre as trevas,
Que o seu Brazil envolvem, n'esse instante
Em pé se alçará forte!

Então seu coração no altar sagrado
Da liberdade, deporá ligeiro
A branda lyra — então com nova murta
Coroará a espada.

Oh! quanto é forte um vate, se nutrido
Entre perigos foi! Se denodado
Da morte os brados retumbar ouvira
Com não-mudado rosto!

Que um Trasybulo novo se levante
C'um punhado de heróes, a tyrannia
No ensanguentado throno já lutando
Cahirá aos pés exangue.

Mas em quanto o Brazil adormecido
Brilhantes dias renovar não sabe,

Repita ao menos o seu nome amado
A lyra dos amores.

Da dôr profunda, que a seu vate opprime,
Extranhos se condoam; e os suspiros
Da lyra, que através dos mares voam,
Façam chorar a patria.

Adeus, ó lyra; basta; já se embruscam
Cada vez mais os ares: — sombra espessa
Involve em torno a placida ramada,
Em que teu vate geme.

Fica pois suspendida d'alto cachopo:
Nem mais afflicta mão as cordas fira:
Ao murmúrio da fonte só responde;
Os zefiros te movam;

Aos apartados echos da collina
Muda teus sons; e do pastor a gaita
Fremito doce em ti sómente excite,
Ou zunidora abelha.

Adeus emfim, adeus, lyra piedosa!
Ah! quantas vezes o teu pobre vate
Ameigava comtigo a dôr profunda
Em desveladas noites!

Se tantos males supportou constante,
A ti o deve, ó lyra — já não pódes
Ora mais consolar dobradas magoas!
Adeus, em paz descansa!

III

A sepultura

Ali repousa o divinal poeta
No tumulo! ali donde mansamente
A descansada vaga temerosa
Se arreda com respeito,
Vós singelas bellezas da natura.
Ah! vinde levantai-vos,
E ornai do vosso vate a sepultura.

Ali n'aquelle fundo verde leito
De juncos murmurantes enterrada
A frauta está, que annosos troncos duros
Attrahia ligeiros.
Ah! quem tiver o coração afflicto,
Em tristeza ensopado,
Visite uma e mais vezes seu sepulchro!

Aqui tenros mancebos e donzellas
Mil lagrimas darão ás cinzas frias;
E em quanto seus sons tristes o contorno
Encherem de amargura,
A compaixão c'os olhos desvellados
Crerá que ainda lhe escuta
Suas meigas palavras derradeiras.

Melancholica saudade quantas vezes
Lá pela margem vagará pensando,
Em quanto a fronte adorna o patrio rio
De vernaes grinaldas!
E quantas vezes golpeante remo,
Nos ares suspendido,
Tranquillos deixará seus gentis manes!

Quando o prazer e a festival saude,
Fugindo das cidades se retiram
Aos prados geniais, onde lascivos
Os zefirinhos folgam,

Triste amigo a cabana descubrindo
Entre a varia paisagem,
A face regará com pranto justo.

Mas tu, vate gentil, que friamente
O campesino humido leito habitas,
De que te hão de servir lagrimas tristes
Que afflição entôa?
Que amorosa saudade
Chora debaixo de ligeira véla?

E inda haverá mortal desassisado,
Que sem temor os olhos seus demore,
Sobre pálido tumulo sagrado,
Que lá reluz ao longe?
Á vista delle, doce vate, morre
Toda a alegria minha,
Morre o prazer da amena primavera...

E tu paterno rio despresado,
Cujas margens tristonhas desamparam
Que tristes vão secando,
Ah! da vista me tira aquelle outeiro,
Cujas humidas fraldas
O sepultado caro vate encerram...

Murchos já vejo os valles florescidos!
Habitação de barbaras napeas!...
Que opaca noite escura vem cubrindo
Esta vista solemne!...
Inda uma vez amada sombra ausente,
Da candida natura,
Inda mais esta vez, Adeus filhinho!...

IV

Ao Senhor dom João VI

1820

Co'a santa paz, com teu benigno mando,
A fera esfaimada, mansa ameiga
O timido cordeiro.
O infante que apenas lava os beiços
No leite maternal, teu doce nome
Já repete risonho:

Faz chover tua mão celestes dons,
E vaza mil venturas, qual chuveiro
Por Boreas sacudido.

E os vastos campos, que avisinha o Prata,
Ora de mato e d'herva mal vestidos,
Serão jardins do Eden:

Mas se o colono ibero nos provoca,
Nossos ginetes beberão com gosto
De sangue as aguas tintas.

Da reluzente espada, teus paulistas
Irão sobre os rebeldes sacudindo
Apinhoadas mortes.

E Mavorte, que em sangue ensopa as fauces,
Fará seus membros vis pasto de tigres
E de famintos corvos.

V

Ao principe regente de Portugal

Rasgando o véo de trevas,
Esparge aurora as matutinas rosas:
Assim divina Urania, quando os deuses
No Olympo diamantino em largo gyro
Os extaticos cantos escutavam
Que a lyra acompanhava.
O mesmo padre Jove desfranzindo
A fronte sobrançuda,
Os ouvidos fitáva
Banhados em riso; em jubilos nadava...
A mim, não as corôas alcançadas
Na pythica carreira,
Que Pindaro cantára
Móvem meu estro. — Só quando celebras
Os heróes sobrehumanos,
Que virtude e sciencias embalaram;
A quem povos amaram,
Então deitando mão da lyra d'oiro.
Da lyra, que me deras,
Qual de Cumas a horrisona caverna
Retumbra em torno c'o furor divino;
Assim ó musa, de teu nome accesa
Chameja a mente, ferve todo o sangue...
E ledos hymnos, filhos teus, voando
Os ares vão cortando!

Ah! quem não sente estremecer-lhe o peito
Ouvindo os cantos dos Argivos Cystes,
Odio das musas é — Odio de Jove!
Teu nome amado
Alados hymnos levarão sem susto
Ao templo da memória
João do Brazil, glória, esperança!
E pois que Apollo, e tu divina Urania,
Prenhe de dons eternos
Puro regaço sobre mim vazastes,

Com mão segura de mil novos cantos
Rico feixe ajuntemos,
Com que lhe a frente heroica coroemos.

Mas que scena funérea
Ante meus olhos se abre!
Eis o Tejo tristonho, reclinado
O corpo sobre a urna,
Das Tagides cercado,
Assim o ar povôa de queixumes!
"Já fui Tejo! já fostes Lusitanos!
(E pára um pouco) ó dias!
"Dias de Henrique, Manuelinos dias!
"Já fugiram da patria!
"Os lenhos portuguezes
"Que cem mares arando não trilhados,
"Tres mundos arredados,
"Por cima de milhões de insanos medos
"Ousados conquistaram
"E as quinas indomitas plantaram,
"Minhas margens não saudam.—
"Mil piraticas quilhas
"Do Gallo, do Bretão, do Escandinavo
"Áporfiadas roubam
"O oiro e o sangue da indolente Lysia!
"Meu nome augusto que infundia outr'ora
"Á terra toda espanto,
"Hoje apenas se ouve no Universo.—
"Cumpriram-se os destinos:
"Foi victima de crimes Lusitania!
Assim falou. — E na torvada mente
Revolve um grão tropel de idéas cento
As Tagides chorosas
Se arremeçam ao Deus, e tentam meigas
Amaciar-lhe a magoa:
Mas a magoa que sente
Vive no peito impressa eternamente.

Ah! sim, já fomos Lusos,
Prole somos de antigos semideuses!

Eis de arredadas terras busca a patria
Rico de noções mil, rico de glória
Aventureiro Pedro!
Eis se electriza a mente mais que humana
Do creador Henrique!
A um seu aceno só, ergue-se em pé
Navegação altiva!
Na frente os murchos loiros reverdecem-lhe
Nunes, brilhante de saber profundo,
A douta penna empunha,
E da rica Astronomia as fontes abre.
Então abarca no pejado seio
A bella Lusitania, que remoça
Em ardimento e glória,
Sabios estranhos e varões ousados,
Que transpondo do inerte patrio sólo
O vastissimo deserto,
Encontram nova Patria e asylo certo.

Lusas soberbas Argos
Vão lustrar novos céos, e novos mundos.
Acama-se o Oceano respeitoso
Ante estranhadas prôas;
E o douto astrolabio, que reune
Os mundos, o universo inteiro abre
De mil nações diversas
O mar dissociavel e o liame.—
Colombo, que Lysia ensina e nutre,
Vai embicar n'um mundo,
Que do Tártaro filhos, negros monstros
De crimes asselaram.
Eis o Gama afrontando infindos p'rigos
Ao berço se abalança
Da Aurora pavonada!
Domam os gelos da Hudsonia costa
Corte-Reaes osados. —
Dos inclytos heroes se expande o peito;
E rompendo as prizões da estreita patria,
Vão respirar um novo ar immenso!
Gravidam-lhe a mente destemida

Novos climas e leis, novos costumes,
Mil novas producções, mil novos entes.
Mas ó céos, que transtorno!
Louco mancebo! aos crús alfanges mouros
Dar vás da gente miseranda o collo!
Velho desassisado! ergues fogueiras
Contra a patria, que entregas
Do ibero leão ás impias garras!
Os Netos desgraçados,
Ó inclytos trabalhos mallogrados!
Mas Jove ama a justiça, e pune os crimes:
Nem sempre o céu é surdo
Dos miseros mortaes ao pranto e aos ais.
A patria que gemera agrilhoada
Pelas armas e ardis do ibero infame
Doze lustros inteiros,
Já levanta a cabeça;
E beija a mão libertadora e santa
Do inclyto Bragança.
João o Quarto, Jozé, Maria Augusta
A quem leão ibero não assusta,
Da Lusitania as lagrimas enxugam:
Acham nelles asylo
A razão, a virtude, as artes bellas.
Já sobre a Lusitania vai raiando
Brilhante luz, de novos bens presaga...
Mas, ó Fado cruel, que scena horrivel!
Infame negro monstro,
Que o inferno criou, nutriu, cevou,
A bella Lysia esmaga;
E a luz, que já raiava, abafa e apaga.
Qual túrgida torrente,
Que precipite cahe da rocha ingreme,
Tudo súbito alaga:
Assim das furias o esquadrão cerrado
Sobre Lysia caiu.
Em gomo mata as debeis esperanças
Gallicano granizo.

Eis fusco véo de nuvens atras, grávidas
A Lusitania envolve.
Liberdade, razão, virtude e honra,
Filhas do céo! ao carro maniatadas
Levam de rojo as furias-foragidas;
As artes perseguidas
Pávidas fogem. — Nas campinas áridas
Não brincam prazenteiros
Co'a loira espiga os zefiros travessos:
Filhas do inferno impias
Abafaram de Lysia os novos dias.

Justos benignos deuses,
Deuses outr'ora aos Lusos favoraveis,
Basta de males, basta!
Ouvi os rogos que do peito arranco!
Que súbito portento!
Rasgando os ares que d'amor se accendem,
De Jove omnipotente ao solio eterno,
A Paphia deosa vôa.
Qual depois de borrasca negra e horrenda,
Branquêa os cumes destrançada aurora,
E a creação remoça:
Assim ao ver a bella Cytheréa
O Olympo exulta e goza.
Eis chega a Diva ao pai: Jove estremece,
E para a abraçar do solio desce.
.....

A criação

Lá sobre um alto do nascente mundo,
Donde as aguas tremendo recuaram,
Quando ouviram a voz do Deus do raio,
Poderoza energia discorrendo
Por entre a denegrida humida terra,

Que do abysmo a cabeça levantava,
Organizados, moveis entes cria,
Viçozas plantas, de que o globo pasma!
Pelos ventos aromas mil espalham
Os verdejantes ramos seus diffusos,
Que do ar expansivo a vida tiram:
Os zefiros brincões dependurados
Alegres batem as lascivas azas.

Já d'entre o firme verde labyrinto
Voam, cortando o ar, canoras aves:
Entoando canções em seus gorgeios
Ledas saúdam a menina aurora.
Então amor de prole em laço estreito
As une todas. Laços que natura
Forjou para os viventes, meigos laços,
Que em vão intenta ferreo fanatismo
Quebrar d'entre os humanos, Deus piedoso.

Eis pelo novo campo vem saltando
Animais de cem formas, cem figuras!
Lá da noite do nada, em que jaziam,
Deus lhe faz ver a luz; a luz que tinha
Do esteril cháos fecundado o seio.
Ah! de prazeres mil gozam contentes,
Que natureza liberal derrama:
Nem austera razão, injusta e fraca
Os atormenta com seus vãos remorsos,
Porque teu braço aqui não suspendeste,
Ó sabia, compassiva divindade?
A criadora mão parar devera.
Pobres humanos, ah! porque os geraste?
Leves momentos em prazer gastados,
Que os crimes avenenam, sepultados
Jazer deviam no vazio nada!
Nos campos geniaes de Eden formoso,
Gentil morada, que nos destináras,
Ligeiro somno apenas encetaram
Nossos primeiros paes, a quem o fado,
Invejozo! segou em flor os gozos.

Então o negro averno, impio e tyrano,
Das sujas fauces vomitou senhudo
Cerrados esquadrões de horrendos males,
Mil sanguinosos malfazejos crimes.
O filho infame, bravejando de ira,
No sangue maternal ensopa os braços;
E pensa, ó meu bom Deus, qu'assim lho mandas!
Eis lá na costa d'Aulide saudosa
C'o vivo sangue de Ifigenia bella
As sacras aras da triforme deusa
Manchou deslumbrada a Grega frota.
Ao vento dadas as madeixas d'oiro,
Cingida a frente de sagrada faixa
Ao altar se avisinha. O sacerdote,
Em alto alçando o barbaro cutello,
O golpe lhe prepara. Ternas gotas
A dôr espreme dos bisonhos olhos:
Cruel suspende o golpe: e de que serve
Para ventos domar sangue innocente?
Triste Ifigenia, misera donzella!
Em vez dos laços de hymineo suaves,
Que amor compadecido lhe tecia,
De surdos deoses victima cruenta
Cega superstição a sacrifica!

Lá de Haiti nas praias assustadas
De ver cavados lenhos que orgulhosos
Cerram em largo bojo espanto e morte,
Desembarcam ousados homens-monstros;
E apóz o estandarte correm, voam,
Que fanatismo, que cubiça alçaram.
Imbelles povos, Indios innocentes!
Do armado Hespanhol provam as iras.
Que Deus fizera um mundo crêm os tigres
Para ser preza sua. Em toda parte
Americano sangue, inda fumando,
A terra ensopa, e amollenta as patas
Dos soberbos ginetes andaluzes.
Deus do Universo! a natureza freme,
E de horror na garganta a voz se prende!

Tiranos europeos! e tanto póde
Esse loiro metal divinizado!
E tu, que os crimes dos mortaes conheces,
Deus piedoso, Deus que nos criaste,
Porque cruentas mãos livres lhes deixas?
Devias antes seus nefandos feitos
Manso atalhar, do que punir irado!
E se para o castigo é que os consentes,
Sendo unidos, deixam de estar feitos?
Se a maquina imperfeita não regula,
O artista é só culpado, que não ella.
Ah! se a obra de tuas mãos benignas
Rebelde havia ser a teus preceitos,
Antes, ó Deus, antes a não formasses:
Criar folgaste eternos infelizes?
Que perspectiva horrenda! densas nuvens
O horizonte da razão me embruscam!
Immenso abysmo me rodêa todo!
Fraca razão humana, cháos vasto
De orgulho e de cegueira, ah! não presumas
Misterios penetrar a ti vedados:
Ama os homens e a Deus: isto te basta.

O Brazil

Que é isto, ó musas! porque a lyra empunho,
A lyra que ao silencio consagrara?
De novo os labios não molhei nas aguas
De Aganippe e Castalia! no Parnazo
Não dormi, nem sonhei! Porque estro santo
Me inflama a mente de Apollineo fogo?
Mas eu já vejo o numen que mo accende.
És tu, ó bom João: teus são meus versos;
Gratidão m'os bafeja, a patria os pede.
E tu, João Augusto, ouve estes versos,
Que o Brazil me arrancou do experto peito:

E lança um volver d'olhos piedoso
De amor paterno, sobre a nova China
Que teus Lusos povoam, fertil rica,
Sobre tudo o que vê o sol doirado,
Quando nasce e se põe! Teu é inteiro,
Desde o longo Pará ao largo Prata
Este immenso paiz, mimo do céo!
Que deve merecer-te amplos cuidados.

Não te enganem com vil hypocrisia
Astutos cortezãos, sombrios bonzos,
E os que nos molles vicios ser affectam
"Albuquerques terriveis, Castros fortes
"Em quem poder porém já tem a morte."
Mas em torno de ti adejem brandas,
Filhas do céo! Verdade, sã justiça,
Meiga e candida paz, risonha Flora,
Ceres, Pomona, os Sylfos bemfazejos
Que os tezouros te abram, entranhados
Nas vastas serras, nas impervias matas.
Illumina teus povos; dá socorro,
Prompto e seguro, ao Indio tosco, ao Negro
Ao pobre desvalido. — Então riqueza
Teus cofres encherá. O mar inchado
Verás manso acamar-se, como outr'ora,
De novos argonautas ante as proas;
Verás o Genio da gentil botânica,
A quem a bemfeitora medicina
Corteja, e acompanha a agricultura,
A corôa enramar-te de mil louros:
E criadora chimica escoltada
Das artes todas, verás o rico seio
Revazar sobre ti, sobre teus povos
Dos tesouros que o patrio solo encerra.
Mas hoje justo é que te offereça
A nova Lusitania agradecida
Grinaldas mil de immarcesciveis flores,
Que amor e lealdade te hão tecido.
De jovens e donzellas chóros cento
Com ledos hymnos seus troam os ares;

E bemdizem-te hoje, ó rei Augusto,
Porque commércio e industria tu lhes abres;
Tu lhes dás novas leis e novos foros:
Tu lhes ensinarás a arar a terra,
Os rios navegar, rasgar os cerros;
Porque despedaçando vás benigno
A immunda vestidura da pobreza;
E de brutos farás homens e heróes!

Uma tarde

Como esta mata escura está medonha!
Não é tão feia a habitação dos Manes!
Este ribeiro triste como soa
Por entre o pardo emaranhado bosque;
E como corre vagarozo e pobre;
O sol, que já se esconde no horizonte,
O quadro afeia mais. — O vento surdo
De quando em quando só as folhas move!
A rouca voz pararam temerozos
Os esquivos "jacús" nos bastos galhos
Cheios de "caraguataes" das "upiubas".
Das azas vai lançando a fusca noite
Terror gelado; o grito, agudo e triste,
Nos velhos "sapezaes" dos verdes grillos
Somente soa; e o ar cheio de trevas,
Que as arvores augmentam, vem cortando
Do agoureiro morcego as tenues azas.
É este da tristeza o negro alvergue!
Tudo é medonho e triste! só minha alma
Não farta o triste peito de tristeza!

Anacreontica

Os brincos, as meiguices,
Os arrufos, os risos,
Os odios e caricias,
Termos, "quindins", denguices

Eu já cantei d'Almira;
Que ella me dê amores,
Ah! faze, meiga Venus,
Já que lhe dei a lyra.

A Nize

O rosto de Nize amada,
Se c'os meus labios toco,
Surrindo-me envergonhada,
É qual matutina rosa
Pela aurora rociada.

Outra

Pretendes encubrir, ó nescio amante
O amor em que ardes todo,
Quando suspiras, e andas delirante!
Se assim não fôra, o doce murmurio
Desta fonte, que Nize outr'ora honrara,
Nunca teus olhos humidos tornara!

FRANCISCO VILLELLA BARBOSA,

MARQUEZ DE PARANAGUÁ

FRANCISCO VILLELLA BARBOSA,

MARQUEZ DE PARANAGUÁ (1)

Lyras

Auras, que mansas vibrais
As azas nestes retiros,
Manda amor, vos alimentem
Meus ternissimos suspiros.

---

(1) Francisco Villella Barboza, marquez de Paranaguá, nasceu em 20 de Novembro de 1769, e faleceu no dia 11 de Setembro de 1846. — Veja-se a sua biographia pelo Exmo. Sr. Candido Baptista d'Oliveira, na Rev. do Instituto do Rio, T. 9, p. 398.

[Matriculou-se em Matemática na Universidade de Coimbra, em 31 de outubro de 1790 (obrigado) e em 5 de outubro de 1792 (ordinário); formou-se em 16 de julho de 1796, — *Estudantes Brasileiros na Universidade de Coimbra*, n. 371. Em 1801 era lente substituto da Academia Real de Marinha; por decreto de 29 de dezembro de 1804 foi promovido a capitão do Real Corpo de Engenheiros, conservando o exercício do cargo que tinha na Academia, — *Gazeta de Lisboa*, de 21 de janeiro de 1805, suplemento. Estadista de dois reinados, o Marquês de Paranaguá, antes deputado às Côrtes Constituintes, foi senador pela província de Minas Gerais desde a criação do Snado, membro do Conselho de Estado e ministro e secretário de Estado em vários gabinetes.

— Veja sua biografia, por Cândido Batista de Oiveira, *Revista do Instituto Histórico*, IX, ps. 398/408.

— Sua bibliografia registra Sacramento Blake, *Diccionario Bibliographico*, III, ps. 135/137. — R. G.].

Mas se quereis
Matar ardores,
Temei suspiros
Abrazadores.

Eccos, que nestes rochedos,
Ha muito estais escondidos,
Manda amor, que vos despertem
Os meus ais, e os meus gemidos.
Mas se causar
Não quereis dor,
Não repitais
Queixas de amor.

Regatos que ides correndo
Tão pobres de vossas agoas,
Manda amor, que vos augmentem
O meu pranto, e as minhas mágoas.
Mas se quereis
Puros cristaes,
Prantos de amor
Não recebais.

Auras, eccos e regatos,
Pois amor póde em vós tanto,
Recebei compadecidos
Meus suspiros, ais, e pranto,
Amor vos dê
Frescura amena,
Alegres sons,
Onda serena.

Viste-me, Anarda, e gemeste...
Mas eu que tambem gemia
Os teus ais attribuia
A dó de me ver penar.
Não julguei que de amor fossem;

Este em Gelia estar cuidava;
Cego, então, que o procurava
Tão fóra de seu logar!
Não receies, pois, que n'alma
Mais essa Gelia persista:
Já sou teu, e ésta conquista
Quem te póde disputar?

Sim, Anarda, amor julguei
Existir no peito della,
E no teu estava, ó bella,
Que a mais bella é o seu altar.
Mas alfim em ti o achei,
Foi-se o encanto, e acabou Gelia;
Assim perde o brilho Delia,
Se Phebo chega a raiar.
Não receies, etc.

Se ella tem longos cabellos,
De côr de ebano, e anellados,
Dize os teus não são doirados,
Não fazem tudo cegar?
O sol, meu bem, que aos mais astros,
Por brilhante causa zelos,
Tambem tem loiros cabellos,
Como os teus se veem brilhar.
Não receies, etc.

Se os seus olhos são travessos,
E ardentes como os de Venus,
Não faltam certos acenos,
Certa expressão singular?
Quando amorosos se volvem,
E mostram d'alma a ternura,
Teem a languida doçura,
Em que os teus vejo nadar?
Não receies, etc.

Nos teus olhos quaes dois astros
Marco as horas preciosas,

Em que as vagas amorosas
Meu baixel deve sulcar.
Pois se denso nevoeiro
Gyra nelles do ciume,
Fujo ao trepido negrume
Vou-me no porto ancorar.
Não receies, etc.

Se o seu rosto é bem talhado,
Se é mimosa a face sua,
Tem acaso a côr da tua,
Veem-se as rosas rebentar?
Tu não vês como já murchos
No seu rosto os jasmins pendem,
Não vês como os teus recendem,
Quaes estrellas no alvejar?
Não receies, etc.

Se ella tem a bocca breve,
Por ventura tão jocundo
Vê se o coral rubicundo
Como na tua rasgar?
A tua bocca, meu bem,
É de perolas thesoiro:
Tuas palavras são oiro,
Que a tempo sabes soltar.
Não receies, etc.

Se tem o seio espaçoso,
As ondas nelle espraiadas,
Já batidas e cançadas,
Dormem como em morto mar.
No teu, meu bem, ao contrário
Empoladas ondas vagam,
Onde as vontades naufragam,
Que ardentes se vão banhar.
Não receies, etc.

Se os seus braços são roliços,
Breve a mão, o pé escasso,

Seus movimentos, seu passo,
Teem garbo regular?
Ah! se tu nos teus me prendes,
Sinto de amor as cadeias;
Se danças, ou se passeias,
Vejo-te as graças cercar.
Não receies, etc.

Em fim, Anarda, de Gelia
No que toca a formosura,
Tenho-te feito a pintura;
E tens tu que recear?
Não tens, além de mais bella,
Uma alma em tudo completa
Que sabe nobre e discreta,
Tantas graças realçar?
Não receies, etc.

Se por acaso inda a Gelia
Alguma homenagem cabe,
É de nescio, que não sabe
O que é digno de se amar.
Assim ao barro formoso,
Sem alma, sem movimentos,
Mil profanos rendimentos
Vê-se o mundo tributar.
Não receies, etc.

A Primavera

Lá onde tuas margens, patrio Rio,
Que do primeiro mez tomaste o nome,
Pasce o sidereo Capro o verde esmalte,
E de teus cristais bebe a onda pura,
(Méta antiga do sol, centro hoje de outro,
Cujo lucido império abrange os pólos)

Com providente mão a natureza
O asylo preparou da primavera.
Ali não murcha a rosa: ali os troncos
De flores sempre novas se ataviam.
Ali (em quanto as negras tempestades
Sôbre as azas de Boreas carrancudo
Arripiam do inverno a hirsuta grenha,
No céu rola o trovão, cái o diluvio,
E do septentrião alaga as plagas)
Se acolhe a deusa com as graças todas:
Mas apenas viçosa a amendoeira
Dá signal de acordar ás nuas plantas,
No pressuroso carro Phebo a toma:
Dali volta com elle alegre e rindo.
Quão doce é vêl-a então com mão curiosa
Toucar a densa coma do arvoredo,
E sôbre o verde dos macios valles
Desdobrar a cheirosa bordadura,
Em que arte e mimo despendêra Flora!
Quão doce é vêl-a do sanhudo inverno
Triumphante correr em roseo carro
Os tapizados campos! Vão ante ella
Os capripedes satyros dançando:
Fazem-lhe côrte as graças prazenteiras:
Namorados de vêl-a os bosques cantam:
Os arbustos, os platanos florescem
Com seu halito doce perfumados;
E os virgineos botões, abrindo os labios,
Com pudibundo riso se franqueiam
Ao pranto creador da madre aurora.

Cantai, ó pastoras,
A deusa da selva,
Que veste de relva
As vossas campinas,
E os valles matiza
De sôltas boninas.

E tu, que a natureza estudas e amas,
Andrada, escuta o canto: ser-te-ão gratos

Os sons da patria musa, e o nobre assumpto
Com a lyra nas mãos, na bocca os hymnos
E no peito a virtude, ella te acena,
E te convida para os floreos valles
A saudar as matutinas graças
Da formosa estação, aurora do anno.
Venturoso o mortal, que contemplal-a
Póde longe da côrte estrepitosa,
E se apraz de trocar os aureos tectos
Pelos verdes docéis da umbrosa selva!
Das symetricas praças abhorrido,
Corre éstas veigas placidas, sem ordem,
Habitadas da franca singeleza.
Das flores pelo calice orvalhado
Do tranquillo prazer o nectar gosta:
E se adornando de virentes folhas
No curvo ramo amadurece o oiro;
Encetado sem crime, então lhe deixa
A fragrancia nas mãos, o mel nos labios.

Mas que augusto espectaculo se ostenta!
Eis das moças titães a promogenia,
Que do primeiro sol doirára o berço,
E o fulgido Oriente assignalára
Com acceso rubim sôbre o horizonte!
De brincado lavor vistosas galas
Trajam os céus; e os campos a esmeralda;
E as montanhas de perolas se toucam.
Taes do eden os jardins se nos pintaram,
Que a innocencia enflorou, murchou a culpa:
De cujos restos sempre preciosos
Saudosa a natureza, de anno a anno,
Com pincel immortal reforma o quadro;
Não de teus camarins, mortal vaidoso,
Pâra ornar as paredes viciosas:
No sanctuario está da natureza,
E mui longe de vós, homens vulgares,
Para quem sôbre os valles esmaltados
Não tem côr a tulipa, ou cheiro a rosa.

Salve, pois, estação linda,
Que alma nova dás ao mundo!
Tua vinda,
Teu jucundo
Riso alegra a terra e ar.

Já dos igneos horizontes
Desce á terra alma scentelha:
Sôbre as fontes
Já se espelha
O verdejante pomar.

Já não muge o trovão rouco
Nas profundas cavidades:
Nem tão pouco
Tempestades
Sôbre a costa ouço roncar.

Já co'os sóccos quebra a nevo
O córado lavrador:
Já se atreve
Sem pavor
A seus campos visitar.

Sob o jugo os bois mettendo
Canta o amor; mas sem apêgo:
Descrevendo
Torto rêgo
Que ha de breve semear.

Rejeitando o tojo bravo,
Tenros prados tosa a ovelha:
Vai o favo
Loura abelha
Fabricando a sussurrar.

Cobre povo de mil flores
Todo o valle, e monte agreste:

Traja as côres,
Que o celeste
Arco em chuvas lhe vem dar.

Salve, pois, estação linda,
Que alma nova dás ao mundo!
Tua vinda,
Teu jucundo
Riso alegra a terra e ar.

Mas que fogo divino, que ar mais puro
Me inflamma o coração, me esperta o sangue?
Quão formosa manhã coroa os montes!
Espargindo oiro e lirios se annuncia
O rei dos astros. Como alegre surge
Em pompa conduzindo a primavera!
Sôa nos bosques emplumada orchestra:
Ardem aromas sôbre o altar de Flora:
E adora ao sol alvoroçada a terra!
O' tu fonte de luz, alma do mundo,
Princípio omniparente, e bemfazejo,
Tu, que fazes volver a roda ingente
Da carbunclea carroça luminosa,
Onde as quatro estações gyram perennes,
Sentado no teu solio de diamantes,
Os meus hymnos protege, agora que alto
Lá do animal lanigero celeste
Ambos os pólos vês equidistantes,
E igualmente nos dás a luz e as trevas.
Foste de adoração o digno objecto
Das profanas nações, que te incensaram?
Recebendo de ti alento e vida,
Gratidão lhe dictou canticos sacros:
Levantaram-te altar teus benefícios.

Louvai, pois, viventes,
O lucido nume,
Que próvido lume
Reparte entre os entes:

E o frouxo embrião
Na madre profunda
Anima e fecunda
Da terrea extensão.

Já do arctico pólo
Com jasmins e oiro
Do celeste toiro
Orna o fulvo collo:

Que submisso humilha,
Em amor acceso,
Ao formoso pêso
Da Agenoria filha.

E a terra, a que dera
Nome a gentil moça,
Com graças remoça,
E folga na sphera.

Depois ledo mora
Co'os lumes irmãos,
E os fructos louçãos
Nos ramos colora.

Para elles copeia
Da tenra donzella
A côr da tez bella,
Que o pejo afogueia.

Mas eis a tarde de primores rica!
Em mimos com a manhã rivalizando,
Da creadora estação varía o ornato,
Com diversos paineis vestido o templo
Seguida dos favonios innocentes
Desce o phebeo carro, e a par co'a deusa
A amizade a entretem, amor a encanta.
Em floridos vergeis passeia e brinca.
Aqui tece grinaldas; lá sem ordem

Labyrinthos enreda, enleia sombras:
Entre o mirtho cheiroso o arroio escuta,
E em cochins de verdura afaga os somnos.
Engolfada em taes lidas não receia
A paz da natureza ver turbada.....
Quando do occaso subito negrume
Surge; e sobre o horizonte a nevoa poisa.
Do inverno fugitivo austro juntando
Os dispersos destroços, a reforça:
Cresce, as azas estende, avulta, e voa.
É cerrado esquadrão de feias nuvens:
Cobre parte dos céus: feroz ameaça
Disputar do hemisphério a posse á deusa,
Ai dos encantos seus! Quem os defende?
Dá signal o trovão: começa a lucta.
Quanto me agrada ver estes combates!
Tudo é bello nos céus té seus furores.
Inda entre elles reluz da deusa a imagem!
Em seu auxilio Phebo acode prompto:
Ardente setta rapido dardeja,
Que o seio rasga da assombrosa treva.
Dissipa-se a tormenta: as nuvens fogem,
Dando em tributo aljofares á terra.
Venceu a deusa emfim, e a luz resurge.
Como é mimosa então a natureza
Co'a bocca em riso, e as faces orvalhadas!
Tal a donzella, que travesso amante
Em amorosos brincos magoára:
Chora, e se ri, e alegre entre queixosa
Lhe embebe na alma divinaes delicias:
De pavoneas plumagens guarnecido
Iris levanta o arco do triumpho.
O sol lhe doira a pompa: as flores se erguem
Adornadas de liquidos diamantes,
De enfeitar-lhe a coroa cubiçosas:
E das aves, que attonitas nos bosques
Pela densa ramagem se esconderam,
Harmonioso bando os ares cruza,
Celebrando a victoria, a paz, e a deusa.

Os ledos pastores
De tantos
Encantos,
E ricos primores,

Das frautas nos sons
Com hymnos
Divinos
Decantam os sons.

E tu, ecco, as phrases
Que escutas,
Ás grutas
Ensinas loquazes.

Nas azas então
Os ventos
Attentos
Suspensos estão.

Porém já lança languido sorriso
Phebo sobre os outeiros empinados,
Augusta sombra a natureza envolve,
E doce luz a escuridão prateia.
Eis no theatro da noite a scena posta,
E nocturnos festins tecendo encantos.
Seus mysterios, então, amor celebra.
Do ethereo pavilhão se estende o panno
Bordado da mais rica pedraria.
Do centro pende do soberbo tecto
Argenteo lustre, que illumina a scena.
Eu vos saudo, ó noite, ó lua, ó astros,
Que da quadra gentil sois ornamento!
Nos festejos co'a terra o céu compete.
E fulgores disputa a noite ao dia.
Em aureo e vasto circulo os planetas
Formam attentos nitido cortejo,
Á formosa estação reconhecidos,
Nella o primevo impulso receberam,
Quando do mundo na mimosa infancia,

As prescriptas carreiras ensaiando,
Pela abobada azul promptos rodaram.
Veneranda memoria, anciã, sagrada,
Que repetem fieis á voz do Eterno!

Fervem mil lumes
No céu sereno.
Que ao brilho ameno
Fazem ciumes

Do verde prado,
Tambem bordado
De seus fulgores:
São estrellas no céu, no campo flores.

Ventos mais doces sobre as crespas vagas,
Sobre as verdes searas se derramam,
As perfumadas azas estendendo.
Quaes se repartem do oceano o imperio:
Quaes se dividem as amenas varzeas.
Suaves viraçõe, aquelles cruzam
Os undosos distritos socegados:
E ao voto ardente e saudosa esposa
Prosperos sopram borrifando os deuses,
E os pintados heroes da erguida poppa.
Brincões favonios, estes se divertem,
Ora levando ás sequiosas plantas
A amiga geração nas ferteis azas;
Ora brincando co'os anneis dispersos
Da loura camponeza, que cantando
Entre os dedos de neve o fuso volve,

Neptuno brando
As vagas doma.
Dos mares toma
Zephyro o mando,
Que euro excessivo,
E Africo altivo,
Exercitavam
Nas salgadas campanhas, que guardavam.

Então desperta
Gyra a ambição.
Oh como vão
Por via incerta
Gravidas quilhas,
Das mãis e filhas
Sempre choradas;
Das recentes esposas detestadas!

Já a novos portos
A frota aborda:
A industria acorda
Nos genios mortos:
E ao mutuo bem
Correndo vem,
Inda singelas,
Firmes dando-se as mãos as artes bellas.

Porém quem como tu, illustre *Andrada*,
Na malfadada, ingrata idade nossa,
Ha que assim possa sempre estudioso,
E proveitoso despender da vida
Em melhor lida o seu melhor thesoiro:
Na lyra de oiro ora altos sons tangendo,
Ora regendo os lusitanos choros,
Donde sonoros alvos cysnes voam,
Que o mundo atroam com eterno brado,
O tempo, o fado ameaçando, e a inveja,
Que em vão pragueja vendo a luz phebea.
Astros luzentes sois da lusa sphera:
Vá de era em era vossa fama e glória.
Fiel história põe a salvo os que amam,
E a patria afamam por trabalhos nobres
Que não descobres, ó sagaz talento!
Cada elemento submettendo a normas,
As artes fórmas, e dás leis aos usos.
Em vão reclusos seus thesoiros tinha
Com mão mesquinha a natureza ignava.
Industria cava as preciosas minas:

Cria officinas pertinaz trabalho:
Retine o malho, range a lima, e ruge
Eólo, e muge a lavareda ondeando.
De quando em quando geme a selva; e ás praias
Baixam as faias das frondosas serras,
E a extranhas terras levam uteis seres.
Pomona e Ceres orna a mãi Cybele;
E de Semele guia o filho as danças,
Prendendo as tranças pampinosas vides.
Sempre assim lides, geração humana!
Riqueza mana das proficuas artes,
Que mal repartes, caprichosa sorte.
Porém importe para o bem de tudo
Primeiro o estudo, que nos traz ventura.
Formosa e pura só a dá sapiencia
Á consciencia, que despiu cuidados,
Por livres prados estendendo a vida.
Ali guarida foi achar verdade,
Quando á cidade de entre ardís fugindo,
No seio lindo a recatou virtude,
E ao pastor rude a confiou em guarda.
Muito, pois, tarda para ser ditoso,
Quem cuidadoso alli não busca abrigo;
Onde o perigo da ambição salvando,
E contemplando a universal belleza,
Que a natureza tem tão rica ornado,
Por seu doirado codigo instruido,
Cante embebido na lição celeste
A mão que veste á primavera aas flores,
E á aurora as galas de gentís primores.

No palacio da riqueza
Não habita a sã ventura:
No seio da natureza.
Lê, pois, *Andrada* ditoso,
No grande livro do mundo,
Em quanto o somno profundo
Cérca o leito do ocioso.
Nas puras manhãs suaves,

Quando o sabio o campo estuda
Rouxinol o sauda,
E ledas cantam-lhe as aves.
Nas longas tardes calmosas
O abriga docel frondoso,
E brincar no leito hervoso
Vê as sombras buliçosas.
Logo enlevado o diviso
Co'os olhos nos horizontes,
Quando o sol doirando os montes
Lhes dá o último sorriso
Depois no nocturno véu
Em caracteres brilhantes
Leem os seus olhos errantes
As maravilhas do céu.

ALLEGORIA

O rio e o regato

A um manso regato um dia
Soberbo rio dizia:
"Desgraçado, eu te lamento
"Em teu curso pobre e lento;
"Pois fazendo voltas tantas
"Por entre as rasteiras plantas,
"Corres sem nome, escondido:
"Emtanto que eu conhecido
"Nas cidades mais famosas,
"Minhas ondas copiosas
"Metto, levando a abundancia
"Á mais remota distancia.
"Cem regatos orgulhosos
"De minha alliança, anciosos
"Se vem metter no meu seio
"Sem fazer um só rodeio.
"De mais eu tenho coragem,

"E nada em minha passagem
"Encontro, que eu não arrede,
"Pois tudo a meu valor cede."
Disse; e ainda mais fallava,
Quer da sua origem rara,
Quer das suas qualidades,
Quando a taes fatuidades
Mais sabio o pobre regato
Lhe responde, e mui pacato:
"Quê, amigo! Da matriz
"Ou lago, d'onde sais,
"Não tenho eu tambem saído?
"Logo depois de nascido
"Um e outro n'esta selva
"Debaixo da mesma relva
"Nossas aguas não correram?
"D'onde é pois, que vos vieram
"Tantos fumos de altivez?
"Só o acaso é que nos fez
"Deixando o materno berço
"Correr por lugar diverso.
"Vós em terreno inclinado
"Caminhaes mais apressado
"Absorvendo estes ribeiros
"Que em vós se mettem ligeiros
"Vossas aguas engrossando.
"Eu ao longo costeando
"Estas formosas collinas,
"Minhas aguas crystallinas
"Conduzo tranquillamente.
"Mas por isto, francamente,
"Julgaes ser mais, do que eu, nobre?
"É verdade que mais pobre
"Eu sou de agua, porém ella
"Não é clara, pura e bella?
"Vós causaes o medo e espanto
"Por onde passaes, emtanto
"Que eu com murmurio sereno
"Regando mais de um terreno,
"Fertilizo estas campinas,

"Sem causar essas ruinas,
"Que por vós causadas vejo:
"Antes, sempre bemfazejo,
"Até que a minha corrente
"Se confunda finalmente
"N'esse mar vasto e profundo,
"Onde um dia, sem segundo,
"Tocando os mesmos extremos,
"Ambos junctar-nos devemos."

A Rosa

Bella rosa,
Que vaidosa
Vaes ornar o niveo seio
Que faz todo o meu enleio,
Se maligno
Teu destino
Quer que as bellas companheira
Mais não vejas nas roseiras:
Outras rosas
Mais formosas
Tu verás nas lindas faces
Sempre frescas e vivazes.
Vai, ó rosa
Venturosa,
Exhalar o teu perfume
N'esse altar que um céo resume.

Ah! consente,
Que um ardente
Beijo imprima n'esta folha;
Toma-o antes que eu te colha.
Quando a bella
Vires, e ella
Te beijar, seus labios logo
Sintam d'elle todo o fogo.

Mas já Flora
Triste chora!
Mais os seus jardins não ornas.
Mais aos seus jardins não tornas.

Vai, ó rosa
Venturosa,
Exhalar o teu perfume
N'esse altar que um céo resume.

Lá no meio
D'esse seio
Tens teu throno qual convinha,
Pois das flores és rainha.
Porém tremo
Todo, e temo
Que um rival tenha a lembrança
De ir roubar-te por vingança
Um espinho
Teu damninho
Lhe reserva então, prompta.
Fere a mão, que assim te affronta.

Vai ó rosa
Venturosa,
Exhalar o teu perfume
N'esse altar que um céo resume.

Se ao ferires,
Te sentires
Que seu seio não palpita,
Tem por certa a tua dita:
Se se enfada,
Magoada,
Morre logo; pois receio,
Morras fóra do seu seio.
D'esta sorte
Com a morte
Tens ao menos a ventura
De ter n'elle a sepultura.

Vai ó rosa
Venturosa,
Exhalar o teu perfume
N'esse altar que um céo resume.

CANÇONETAS

I

O beijo

O mel, que das flôres
A abelha extrahira,
Não vale a doçura
De um beijo de Elvira.

O aroma que exhala
A rosa, que abrira,
Não vale o perfume
De um beijo de Elvira.

O arpejo mimoso
Da harmonica lyra,
Não vale o ruido
De um beijo de Elvira.

As chammas do raio,
Que rapido gyra,
Não valem o fogo
De um beijo de Elvira.

O nectar, que aos deuses
Langor terno inspira,
Não vale a embriaguez
De um beijo de Elvira.

II

O retrato

De amor por ordem
A Marcia bella
Em fina téla
Vou retratar.

Vós que ao redor
Lhe andaes nas tranças
Co'as auras mansas
Rindo a brincar.

Subtis amores,
Deixai-as ora:
Ide da amora
A côr buscar.

Pintar com ella
Quero o cabello,
Que a vista ao vel-o
Faz enlear.

Os longos fios
De quando em quando
Vereis fluctuando
Prisões armar.

A lisa testa,
Feliz assento
Do pensamento,
Vê-se alvejar.

Para ella a côr,
Que a tem assim,
Do mogorim
Vinde-me dar.

Bem como estrellas,
Que ao Céo adornam,
Idéas a ornam,
Menos de amor.

Não vos esqueçam
Purpureas rosas
Para as formosas
Faces corar!

Faces aonde
Tenta o desejo
Timido beijo
Ir assaltar.

Mas vós de assombro
Paraes, amores?
Ide os fulgores
Ao sol roubar.

Ide, que eu quero
Pintar-lhe os olhos,
Que pódem mólhos
De settas dar.

Ah! té parece
Que já se movem,
Que d'elles chovem
Farpões no ar!

A bocca breve,
Que é toda mel,
Falta ao pincel,
Com que imitar.

Desmaia o cravo
Morre o carmim,
Onde o rubim
Só tem lugar.

Trazei-me pois
Os do Oriente
Filhos do ardente
Raio solar.

E logo um riso
Dos labios nasça
Com tanta graça
Qu'obrigue a amar.

A voz mimosa,
Ou cante ou falle,
Aroma exhale,
Perfume o ar.

Dos alvos dentes
De fino esmalte
A luz resalte,
Que faz cegar.

Para imital-os,
Como careço,
Perolas peço
De Manaar.

De fino jaspe
Brancos pedaços
Roliços braços
Venham formar.

Braços tyranos,
Que prisões negam,
E se se negam,
É por zombar.

Porém que estranho
Suave enleio!
Quem é que o seio
Póde pintar?

Quem, sem convulsos
Sentir effeitos,
Os niveos peitos
Ousa encarar?

Numes dos céos,
Vós que os fizestes,
Vinde-me prestes
A mão guiar.

Já do marfim
Dous globos tomo;
Vou-lhes do pomo
A forma dar.

Limões, que tremem
N'um ramo, imita,
Quando palpita
O niveo par.

Da vista encanto,
Prazer do tacto,
Nobre recato
Sabe-os guardar.

Sómente é dado
Ao pensamento
O atrevimento
De os contemplar.

Vou pois... mas céos?
Que mão cruel
Ora o pincel
Me vem tirar?

Tyranno amor,
Se era teu gôsto
Este composto
Não acabar;

Não me incumbisses
Empreza assim;
Mas eu, teu fim
Sei penetrar:

Sei que não queres
Que acabe a obra,
Porque o que sobra
Póde matar:

Mata-me embora,
Mas deixa ao menos
Os pés pequenos
Delinear:

Pés, a que loda
A flôr mimosa
Se dobra anciosa
Para os beijar.

JANUARIO DA CUNHA BARBOSA

JANUARIO DA CUNHA BARBOSA

O Nicteroy

Nos braços maternaes, nascido apenas,
Jazia Nictheroy, saturnea prole,
Quando Mimas, seu pai, gigante enorme,
Que ao céu com mão soberba arremessára
A flammigera Lemnos, arranca
Por máres no furor de guerra impía,
Tingiu de sangue as aguas, salpicando
De seu cerebro o Ossa, o Olympo e o Otrys,
Ferido pelo ferro, com que Marte
Vingou do Jove a injúria em morte acerba.

Lamentando se Atlantida, apertava
Ao peito o filho, palida temendo
Trisulcos raios, q'inda accêsos via.

[Januário da Cunha Barbosa nasceu no Rio de Janeiro, rua dos Pescadores (Visconde de Inhaúma) a 10 de julho de 1780, filho de José da Cunha Barbosa, natural de Lisboa, e de D. Bernarda Maria de Jesús, do Rio de Janeiro, posteriormente Barões de Ipiabanha, por Portugal, e faleceu na mesma rua em que veio ao mundo, n. 80, vitimado por uma febre perniciosa, a 22 de fevereiro de 1846.

Para as suas biografia e bibliografia, veja o estudo do Dr. Antônio da Cunha Barbosa, seu sobrinho, in *Revista do Instituto Histórico,* LXV, parte 2.ª, ps. 197/284. — R. G.].

Ouviu seu pranto o rei do argenteo lago,
E o tenro infante compassivo acolhe.
No choque horrivel, que dos Phlegros campos
O mundo sôbre os pólos abalára,
Surgiram novas terras, novos máres
Cobriram reinos, ilhas, cabos, brenhas,
Neptuno aponta á plaga rica e vasta
Do sepulchro do sol erguida ha pouco,
Inda madida e nova, ind'ignorada
Dos homens e do mundo; aqui se abriga
A estirpe illustre em Mimas profligada
Que o justo e paternal intento herdára.
Cresceu co'idade e fôrça, e raiva, e o brio;
Da illustre geração fervendo o sangue
Nas veias da titanea, occulta prole,
Reforça o braço, que arduas feras doma,
Que troncos mil escacha, abate e arranca,
Mudando o assento ás rochas alterosas.
Cinge a frente ao robusto, altivo joven
Cocar plumoso, ornado de amathystas;
Diamantino fulgor contrasta o brilho
De esmeraldas, rubins, topazios loiros,
Que a rica zona marchetando enfeitam.
Negra coma lhe desce aos ventos sôlta
Repartida vestindo os largos hombros;
Nas faces brilha mocidade imberbe,
E a côr, que as tinge, por que o sol as cresta,
Similha o cobre lucido, polido
Nos olhos lem-se os vividos intentos,
Que de Mimas herdára, e occultos jazem
No grande coração, qu'a injúria abafa.
O esbelto collo tres gorgeiras prendem
D'oiro e prata, e manilhas d'oiro e gemas
Aperta o ventre nú, reveste a cinta
Fraldão tecido de vistosas pennas;
Mosqueada pello um tiracollo fórma,
De que pende em carcaz cavado dente
De monstro horrendo pelo mar gerado.
Nicteroy daqui tira hervadas settas,

Em que ás feras certeiro a morte envia,
Quãdo as brenhas perlustra, e o bosque, e o prado.
Empunha a dextra mão robusto tronco
Dos ramos mal despido; é esta a clava,
Que abate os tigres, os dragões, e as serpes,
Mais prompto do que em Lerna o fero Alcides.

Grato a Neptuno pressuroso entorna
Dos altos montes rios caudalosos,
Que pujantes ao mar tributos levam;
Tortuosa marcha Nicteroy lhes sulca
Por onde correm placidos os campos,
Depois que em negras, firmes penedias
Tropeçando furiosos s'indignaram,
Da branca espuma as margens alagando.
Surgem co'as aguas, do thesoiro occulto
Nas entranhas da terra intacta e nova,
Luzentes pedras e oiro, qu'abrilhantam
As curvas, brancas, arenosas praias,
Em que o feudo Neptuno acceita e guarda.
Já pretende vingar a infausta morte
Que ainda Phlegra eterniza, e Marte accusa;
Nem perde a vista do syderio throno,
Herança paternal, de qu'expellida
Fôra por Jove de Saturno a prole.
Justiça e fôrça os animos lhe accendem,
Cauteloso se apresta, e dá-se á empreza,
Dispondo aos céus o ataque occulto e forte.

Trezentos Megaterios, cem Mamoths,
Domados por seu braço ao mar arrastam
Ingentes, negras pedras, qu'encorpora
Promontorios formando, d'onde espreita
De Jove o ciume, e de Mavorte as íras.
Aqui se affundam lagos, rabalçando
Estofas, negras aguas somnolentas,
Que habitam bronzeos jacarés, e monstros
De horrendo e torpe aspecto; d'ali surgem

Escarpados rochedos, em qu'as ondas
Rebentando furiosas o ar atroam,
Mugindo horriveis, revolvendo as costas.
Altas serras do norte ao seul prolonga
Sôbre as nuvens erguendo-se azuladas;
Recortados penedos lhes guarnecem
De guerreiros merlões, vestindo os muros.
Novas róchas ao mar d'aqui se ajuntam,
De espaço a espaço o reino dividindo,
Possantes botareos, que a mão robusta
Do soberbo gigante ás serras dera:
Fechadas selvas cobrem amplos valles,
D'onde avultam mil ingremes castellos
Subindo de uma, e de outra parte ás nuvens,
Urram tigres furiosos, que retousam
Nas horriveis cavernas, aballando
Pedras, troncos, rochedos, valles, rios;
Silvam negras giboias corpulentas,
Vedando ao bosque emaranhado a entrada.

Contente Nicteroy o ensejo aguarda;
Da empreza a glória o enleva, e meditando
Na syderea conquista, devanea.
Lá quando o sol nos máres mergulhava
Os seus fogosos rapidos Ethontes,
Corrido já de Capro o reino em circ'lo
Ás brenhas prompto o joven se encaminha.
D'aqui vaidoso a vista aos céus erguendo
Dos astros marca a lucida phalange.
Daquelle a fôrça, e dêste a raiva observa
Prudente os golpes calculando e os tiros,
Que em breve disparar pretende ousado.

De Marte o aspecto horrivel se lhe antôlha
Scintillando guerreiro, irado e forte;
Inda a lança, que enristra, o sangue empana
De Mimas qu'á vingança o filho excita.
Arde o peito em furor; é fogo, e chamma,
Que abraza, queima, e devorando assôna;

Penedo grave arranca, a Marte o assesta,
Firmado os pés, os braços retorcendo,
Encravados no imigo o intento e os olhos.
Atalha o céu a estolida ousadia;
Eis subito clarão do ethereo assento
As nuvens rasga rapido e estrondoso;
Brama Jove iracundo, sacudindo
Da rubra dexta o raio accêso e prompto.
Baquea o grão colosso, arqueja e treme,
Varado o peito e o coração, qu'entornam
Borbotões d'atro sangue espumeo e quente.
Mordendo as róchas urra e se debate,
Más a vida lhe foge, e a fôrça, e a raiva.
Tomba d'altas montanhas despenhado,
Frondosos troncos, pedras arrastando
Que ao corpo, enorme, enorme estrada abriram.
Ao baque horrivel tremem terra e máres,
E largo tem ao longe ressoando,
Nos fundos vitreos paços apavoram
Amphitrite, Nereidas, Tethis, Glauco.
Tritão ligeiro á flor das aguas nada,
Voltando á praia o rosto observa e admira
Fulgurando d'instante a instante a serra,
Que a chamma cresta, e negro sangue escorre.
Horrendo corpo ressupino avista,
Que entallam terra e pedras, qu'enche e occupa
Do feio bosque ao mar estenso espaço.
Inda o grande penedo, qu'arrojava
Segura a dextra morta; ind'horrorisa
Medonho e fero o aspecto aos céus voltado.

Eis carpindo-se Atlantida commove
Do equoreo reino o lindo côro á mágoa;
Perdida a côr das faces, desgrenhada,
Transida e bella os olhos lhe retratam
Ternura maternal, que o peito nutre.
Convulsa move os passos, misturando
Com pranto amargo as vozes, que lhe troncam

Amiudados suspiros; eis, Neptuno,
Eis de Jove o rancor (exclama, e chora);
Nicteroy insepulto, e sôbre um campo
De um raio jaz ferido! A estirpe augusta
Do pai dos Deoses, hoje acaba, expira
No forte surprehendido illustre joven.
Vingar paterna injúria foi seu crime,
Ao crime excede a pena, se não vales
Á mal fadada Atlantida, que escudas.
Pôde Encelado aos céus arremessar-se
Com fôrça e raiva, altivo presumindo
Privar do throno a Jupiter supremo,
Recobrando o direito ao sceptro avito.
Typheu, Adamastor, Otho, poderam
Soberbos guerrear na empreza affoitos;
Conturbaram, mudando a face á terra,
Montanhas, máres, rios, astros, deuses.
Baixou dos céus terrifica vingança,
Mercurio, Pallas, Marte, converteram
Dos impios em castigo, pennas, ilhas,
Que leves sôbre as nuvens revoavam.
Do fundo averno aquelles bramam; estes
A graves montes sotopostos vivem.
Mâs inda sobem do Etna inflammado
Fumo e chammas, qu'attestam fôrça e brio
Do opprimido gigante inda tremendo
Em Rhódope, Inarrima, e greta as torres
De seus corpos erguidas eternizam
Dos Titãs a memória, a empreza e a estirpe.

Nicteroy de Saturno é prole, é sangue;
E o nome seu a morte aos Lethes dando,
Inglorio o roubará do mundo á fama?
Raivosas feras já talvez devorem
Seu corpo exangue, e já crocitem perto
Em bandos mil carnívoros abutres;
Branquejando os seus ossos talvez mostrem
Em dias, que o futuro esconde aos homens
De ingente monstro horrifico esqueleto;

E a tanto subiram de Jove as iras?
Dá que a fama o celébre, dá Neptuno...
Recresce o pranto, a fraca voz lh'embarga,
As mãos supplice estende, e afflictos vertem
Os lindos olhos lagrimas que suprem
Confuzos termos, qu'em seus labios morrem.

Suspira então Neptuno, e meigo abraça
A lastimosa Atlantida, rompendo
Morno silencio, que suspende e enluta
A maritima côrte. — "É justo!" exclama:
"É justo, sim, que viva eternizado
No mundo o filho teu, qu'outrora fôra
Por mim da morte injusta occulto e salvo.
O pranto enxuga, pois: Neptuno attende
A mãi de Nicteroy formosa e mesta;
Castiga Jove um crime, e não consente
Que sôbre a terra acabe o nome a fama
De um filho, que a vingar seu pai s'erguêra;
Foi de Mimas herança a fôrça e o brio,
Mimas vive lembrando em Phlegra, em Lemmos,
Vivirá Nictheroy, lembrado e eterno
Na serra, e valle, e rócha, que apontára
Ao terrifico Marte, em furia accêso.
A um justo pranto, um justo aprêço é dado,
Ternura maternal te affoita, e eu quero
Do morto filho a glória eternisando,
Mostrar que abrigo heroe de heroes nascido."

De Phebo a luz doirava a serra e as brenhas,
Dos picos mais erguidos dissipando
Nocturna, branca nevoa, que descia
Ao verde prado, então Neptuno surge
Na argentea concha, que Hyppocampos tiram
Os crespos máres, aplainando e abrindo
Ruidosa marcha, qu'alva espuma cobre.
Daqui vaidosos, negros phocas nadam,
No dorso sôbre as ondas levantando

Cymodoce, Melite, Spio, Nisea;
Escamosos dephins dalli se ostentam,
Que em tôrno as aguas assoprando espargem
Dos ares sôbre as nymphas; Glauco, Phorco,
Palemon e os Tritões em turmas seguem.

Defrontam já co'a praia, o campo e serra:
Desmaia a linda Atlantida, banhando
Em novo, acerbo pranto a face e o peito;
Qual flor nocturna e bella, que orvalhada
Nos jardins se aprazia, e ao sol murchando,
A gala perde, inclina-se impellida
Do brando vento ao sôpro, que a affagava.
Neptuno as mãos lhe toma, aperta, beija,
E ao hirto corpo, então, a vista alonga:
Oh virtude d'um Deus! oh fôrça! oh pasmo!
Desfaz-se o grão cadaver prompto em agua,
Que ferve, salta, muge, avulta e açoita
Os valles, selvas, montes, brenhas, róchas,
No extenso mar, que o verde campo alaga.
De espaço a espaço avistam-se os penedos,
Derrocados por Jupiter tonante.
Ao novo mar garganta nova se abre,
Ferindo a costa o válido tridente
Junto á rocha, que a Marte se assestára,
E qu'inda ao mar voltada as nuvens busca
Em confuso marulho, em grossas ondas
Descendo as aguas rapidas enfiam
A estreita foz, qu'as sólta aos máres: Glauco,
Qu'em cem rios banhar-se Thetys manda,
Porq'esse só faltava, alegre, salta,
Expõe ligeiro á tumida corrente
O peito largo e cerulo, qu'a quebra,
Forçando as aguas, dividindo a espuma,
Da hirsuta grenha verdes algas descem,
Assombrando-lhe a testa, a face e os olhos,
(Os olhos, em que Scylla encantos via
Raivoso ciume em Circe despertando,)
A barba negra, esqualida goteja

Salgada lympha d'entre os limos prenhes.
Ramoso tronco de coral na dextra
Levanta aos ares, co'a sinistra rema,
Pairando sôbre as ondas, que lh'escondem
D'atro peixe escamosa cauda e longa.

Ind'alto pasmo os animos enleva,
E já murmura placida a corrente,
Igualando-se ao mar soberbo o lago
Na foz, que a rócha fraldejando affaga,
Quando Glauco o silencio rompe, exclama,
Do peito alegres vozes desprendendo,
Que o trespasso d'Atlantida terminam.

— "Eis divino furor m'impelle e agita,
Deuses, Nereidas, escutai meu canto;
Celeste fogo os ossos me percorre,
Divina inspiração na mente eu sinto,
Vigor mais nobre e santo me arrebata,
Do qu'esse, que d'Anthedon me arrancára
De occultas hervas, por virtude occulta.
Das novas aguas mago influxo tenho,
Já sou propheta e deus — eu vejo, eu vejo
De par em par abertas aos meus olhos
As ferreas portas d'um porvir distante.
Exulta exulta, Atlantida, que a fama
Do morto filho teu sublima a glória,
E eterno o lago faz, eterno o nome.
Troveje em vão Mavorte sôbre a serra,
Em vão raivoso empregue a lança e a fôrça
No grão rochedo, qu'alto feito atesta:
Immortal ficarás, ó pedra, e ao longe
Do novo rio a barra assignalando
Nicteroy lembrarás aos céus e ao mundo.

"Mysterio novo e grande eu vejo e admiro;
Brilhantes feitos surgem refulgindo
Das urnas, qu'inda o fado aos homens veda.
Rompem quilhas soberbas negros máres,

Pasmosa marcha endereçando afoitas;
Domada a furia aos euros, lusos fortes,
Nos céus pregada a vista, e as mãos no leme,
D'aurora ao berço impavido proejam.
Eis subita procella o fado excita,
Á nova plaga e occulta: eu ouço, eu ouço
Propicia e rija os lenhos empuchando
O alegre som dos vivas com qu'arvora
Sôbre as praias Cabral a cruz e as quinas.
(A cruz, que á plaga dá virtude e nome
Nome, qu'atr'ambição trocando, vive
Nos penedos, qu'á dextra o rio apertam
Desta abra ingente, qu'alta glória espera).
Lobriga Marte a lucida grandeza,
Que do imigo o recinto abrilhantado,
Da victória o valor lhe abate e a fama:
Eis prompto Alectrion, mandado espreita,
Do verde lago em meio, em torre erguida,
O mar, a terra e as brenhas; mâs que póde
Da vingança o furor, se o fado é contra?
Mem de Sá daqui surge, é fogo e raio:
Desmantella-se a torre, o gallo escapa;
Lá cresce a grã cidade, que nas águas
Do famoso gigante retratada,
D'altos montes as fraldas borda, e as praias
D'um joven bravo e santo o nome acceita,
Sem perder o de rio ao lago imposto;
Aqui se ostenta próvida a natura,
Thesoiros novos d'alto preço abrindo
No florido matiz do campo e selva.
Aqui do inverno a rispida melena
Não sacode a saraiva, a neve e o gêlo.
De eterna pompa as arvores se arream,
Pomos e flores de seus ramos pendem,
Quaes nunca o horto hesperido guardára.

"Oh com'avulta em glória! oh como a illustram
Heroicos filhos, que o seu gremio adornam!
Nem só Roma verá Sulpicios nobres,

Comprando a grã cidade a pêso d'oiro,
Que de Breno a ambição e a espada aggravam
A mesma ingente glória, qu'assignala
De Romulo o sepulchro, illustra e marca
As auriverdes, nictereicas aguas,
Da patria e da nação o amor floresce
Do rio sôbre as margens. Ah! são lusos
D'antigo tronco ramos, que prosperam
Sem perder a virtude, a fôrça, e o brio.

"Oh com'avulta em glória! oh como a illustram
Do seu governo as redeas manejando,
Incansaveis Andrades, Cunhas duros!
Tu pacato Rolim! activo Almeida,
Que mais amplo podêr regendo elevas
A cultura, o commercio, as armas, tudo
A um lustre, que o teu nome aclara, afama.
Nem céde em zêlo um Vasconcellos dextro,
Que o vício espanca, as artes acolhendo,
Anima o genio, qu'eterniza a glória
Da florente cidade. Um Castro eu vejo
Melancolico e forte. Um sabio admiro
Do rei, da patria amigo; esteio adorno
Do tronco da Nação; thesoiro excelso
De virtudes sublimes; que ama o sabio,
O justo abraço, Portugal seu nome
Na lembrança dos bons fulgura e vive.
Tu guerreiro Noronha as redeas tomas,
Prudente, firme, e proseguindo ostentas
Saber profundo, amor, virtude e genio.
Oh como avulta em glória! Ah! novos fastos
Do filho teu, Atlantida enobrecem
No mundo o lago, qu'hoje occulto admiras.
Dias mais bellos no porvir s'antolham,
E o fado aponta um seculo ditoso,
Em qu'a Elisia disputa a fama o Rio.
Eis amplo assento e base d'aureo throno,
Qu'escoltam sempre lucidas virtudes;
Aqui medra e floresce, em fôrça em glória

Esse tronco, que o céu plantára outr'ora
No heroico solo em que troveja a guerra.
Já d'entre as mãos d'um Pelias, qu'empolgava
Nova Iolcos no Tejo astuto e forte,
Um mais nobre Jason mais sabio escapa.
Perdendo o nome, ao Rio inveja Colchos,
Varão mais digno d'aurea fama; surge
Das negras mãos d'horrenda tempestade
Um dia, que do mundo a sorte muda.
Salve, o dia feliz! ditoso dia,
Que mais ampla carreira ao genio abrindo,
No velho mundo o esfôrço dispertando,
A paz do globo proxima asseguras.
Salve, principe excelso, que abrilhantas
Com justo sceptro e c'rôa a plaga e o lago,
Em qu'hoje o fado o teu podêr m'inculca.
Eternizam-te o nome a história a fama,
Epoca illustre assignalando aos povos
No vasto e rico imperio, qu'ergues sabio.
Vejo as quinas, qu'ao Indo, e ao Ganges davam
Terror, desmaio, floreando ovantes
Das náus dos Albuquerques, Castros, Gamas,
Sublimadas na esphera, agora dando
Do novo reino brazileiro o indicio.
Vejo um rei acclamar-se oh pasmo! oh glória!
Serão d'Ourique os campos estas margens,
Que só natura esmalta agora e veste?
Revive Affonso acaso! É este o Tejo?
É este o luso heroe, qu'um throno funda
Sem dos evos temer o estrago, e a fôrça?
Fulgura o céu d'Ourique; a cruz se adora
D'igneos raios vertida, santa, e bella.
D'alta noite rompendo o véu nubloso,
Reflecte a luz nas armas luzitanas.
Cerrados esquadrões desmaiam fogem
Eclipsadas as Luas cresce o esfôrço
Que o novo reino portuguez eleva.
Ferindo o escudo e as armas mil guerreiros
Lá saúdam monarca Affonso, o invicto,

Que o céu protege, e a terra admira e acclama,
Auspicio igual aqui respeita o Rio;
Luminoso cruzeiro ao sul refulge,
Do novo Reino a glória eternizando,
Que um principe esforçado assenta e firma,
Cingindo a c'rôa e a purpura, que adornam
Eternos brilhos de virtude avita.

"Ao grande ao sexto João, que n'esta plaga
Primeiro ao regio throno sóbe, o mundo,
Erguendo as vistas respeitoso acata:
Nicteroy, Nicteroy, um throno, um reino,
Que a cruz defende, e um sabio escora, e afama,
Do lago teu nas margens brilha, e cresce.

"Vejo a glória esmaltando a Estirpe augusta
Do regio bragantino e excelso tronco;
Nova estrella enriquece o céu do Rio,
Tão bella como a d'alva, tão formosa,
Como a gema engastada em oiro ou prata.
Do mar desponta, é Venus, e os Amores
Em tôrno brincam, do Danubio a seguem;
Já d'um principe heroico aos braços chega,
E o céu que os liga d'hymineu co'os laços,
Em reciproco amor, em grato auspicio,
Perduravel grandeza ao Rio augura.
Nem me occulta o futuro ou fado arcanos,
Que a mente em santo fogo ardendo anceam:
Prospéra, ó par ditoso! Exulta, ó plaga!
Que o céu de bençãos enriquece e assalta!
Clarão de eterna glória os evos doira,
Despontam mais brilhantes novos dias,
Marcando a cruz a duração, qu'escapa
Aos frouxos olhos d'indagar cançados.
Penhor augusto vejo, acato e admiro!
Ternura conjugal o afaga, o abraça;
Nas faces brincam risos, sôbre o berço
Adejam votos do Brazil, do mundo;
Traz no sangue de heroes virtude e graça;

Lamego o sceptro de seus pais lhe off'rece,
Concentra a glória de Bragança e d'Austria.
Nunca ao sol, que desponta a linda rosa,
D'entre as flores, qu'esmaltam prado ou selva,
Do cerrado botão rompeu tão bella;
Nunca, Atlantida, estrella igual fulgindo,
Nas frescas aguas do Danubio ou Tejo,
Dos povos mór applauso obteve — exulta!"

Tremeu de novo a terra e o mar: Neptuno
A Glauco impõe silencio, ao ar levanta
O grão tridente, abysmam-se as Nereidas,
E a mãi de Nicteroy ao côro unida
É nos máres por deusa conhecida.

ALVARO TEIXEIRA DE MACEDO

ALVARO TEIXEIRA DE MACEDO

A festa do Baldo

(Canto último)

Agora maior graça, e novo alento,
Generoso derrama nesta empreza,
Engenho meu, e dá-me no remate,
Benigno fogo que, ao princípio déste,
Qual, no meio, ardente me infundiste.

[Alvaro Teixeira de Macedo nasceu no Recife, a 13 de janeiro de 1807, filho do sargento-mor Diogo Teixeira de Macedo e de D. Ana Matoso da Câmara de Macedo. Seus primeiros estudos foram feitos no Rio de Janeiro; em Pernambuco estudou Latim na aula que davam no Recife os Padres da Congregação de São Filipe Néri, na igreja da Madre de Deus. De Pernambuco passou a um colégio católico em Londres, com dois filhos do negociante Antônio da Silva, seu padrinho de batismo. Depois de quatro anos voltou a Pernambuco, habilitado dos conhecimentos necessários à carreira comercial, que não seguiu. Em 1820 foi levado a Paris, afim de estudar Medicina, mas sua saúde precária não lhe permitiu que ali continuasse. Passou então a Coimbra, mas, elevado ao trono D. Miguel, foi a Universidade fechada. Regressou a Pernambuco e matriculou-se em março de 1829 no Curso Juridico de Olinda, recem-criado; em 1833 concluiu o curso. Depois de formado veio para a Côrte e teve a nomeação de primeiro escriturário da Alfândega do Rio de Janeiro, cargo que exerceu por pouco tempo. Entrou então para a carreira diplo-

Voa soberbo, ou vem comigo junto,
Ganhar, se não me engano, a nobre dita
De vêr o feito nosso percorrendo
Essa terra feliz que chamo patria.

Já que os rijos boléus de má ventura,
Até, por fim, a porta me encerraram
Do templo da justiça, rasga ousado
Engenho meu, caminho triumphante,
Por meio das fileiras indiscretas
Daquelles que a fortuna caprichosa,
Cega sem tacto, p'ra seus fins protege.
Eu, que de tal senhora não recebo
Mil favores, que a vejo dar aos outros,
Que tão mal concebi suas promessas,
Que lancei pelas geiras do futuro,
Sem proveito, sementes d'esperanças,
Pretendo que meu nome, ora esquecido,
Meu nome, que o podêr tão mal afaga,
Viva longo das aras do conceito,
Talvez no coração da minha gente.
Viva sempre seguro na memória,
Daquelles que applaudirem meus esforços.
Eis a sorte feliz que tanto anhelo,
E o maior galardão porque trabalho.
Eis o forte incentivo que, em meu peito,
Faz nascer este amor do imaginario,
Esta nobre missão de ser poeta,
Creando pelo mundo novos entes,

---

mática, como adido à Legação Imperial em Lisboa, servindo de secretário, em 1834; dois anos depois foi promovido a secretário da Missão em Londres; foi em seguida encarregado de negócios em Viena d'Áustria e logo em caráter efetivo; em fins de 1848 foi nomeado para igual cargo junto ao govêrno da Bélgica. Em Bruxelas, a 7 de dezembro de 1849, falecia Alvaro Teixeira de Macedo. — Conf. Antônio José de Mello, *Biographia de alguns poetas e homens illustres de Pernambuco*, III, ps. 147/220, Recife, 1859. — Sua bibliografia em Sacramento Blake, *Diccionario Bibliographico*, I, ps. 68. — R. G.].

Novos homens e coisas apraziveis,
Que se tornam reais pela memória,
Que vivem pela terra em tal certeza,
Qual vive com a materia a sombra della.

Mas é tempo, leitor, que entres comigo
Na festa que em ganha teus sorrisos.
Observa d'uma vez meu Cleto Baldo,
Dando realce a tudo por seus modos,
Observa Dona Clara em seu triumpho,
Qual vistosa rainha de comedia,
Com fórmas estudadas pelas salas.
Olha benignamente, e attento escuta,
Que nem sempre taes coisas se fizeram,
Quaes essas que narrei p'ra teu recreio,
E estoutras que direi no seguimento.

A casa apparatosa do vigario,
Defrontava com um bosque de mangoeiras,
Onde o pomo da India, em maior glória,
Mostra ao sol do Brazil as duas côres,
D'uma face doirada, e d'outra rubra.
Nos salões ao convivio dedicados,
Era tudo bem pôsto, e apresentava
Certo aspecto influindo de ventura
Que os humanos ostentam, raras vezes,
Em dias de alegria, mâs que os anjos,
Ou aquelles que o céu tem por morada,
Constante mostram, porque sempre gozam
Prazer sem fel que o mundo não conhece.

Já no festivo solho percorriam
Numerosos senhores convidados
Louvando a bella ordem e elegancia
De tudo que seus olhos avistavam.
Com igual sentimento várias damas
Formosas no semblante ali vagavam,
Concertando engraçadas seus vestidos,
E quer nas vozes, quer nas várias côres,

De araras lindo bando pareciam.
Soberbas dando ao sol as pennas de oiro.
Em pequenas distancias, a pé firme,
Vários grupos ficaram reunidos,
Conversando, entre si, devidamente.
Se o thema contemplado era sciencia,
Ou arte razoavel, definida,
Aquelles que falavam pareciam
Circumspectos civís e comedidos,
Ouvindo com attenção e cortezia,
Cedendo, quando a fôrça do argumento
Continha convicções bem ponderadas.
Se o assumpto, porém era política,
Vaidosa profissão de certa gente,
Que se occupa do Estado, e do Governo,
Não sei que geringonça de máu toque,
Se ouvia proferir de muitos labios,
E não sei duvidoso, como pinto,
O complexo de frazes, e sentenças,
Dos grandes palavrões, de muita audacia,
Dos aires, e donaires de tal gente.
Gente que tanto fala, e pouco escuta,
Gente, que escuta mais, do que devêra,
Gente, que mais esquece, do que lembra,
Gente inconstante e má que aos povos hoje,
Umas vezes dá c'rôa soberana,
E mil outras condena a vil desprezo;
Gente, que até dos thronos vai fazendo
Naus de viagem, das rainhas fusos,
E dos reis seus disep'los de oratoria!...
Gente, emfim, que p'ra tudo é convidada,
E que Baldo pedio fosse ao festejo.

Pelos claros espelhos suspendidos,
Alguns senhores se miravam ledos,
Namorando as feições que possuiam,
Seguros de agradar ao outro sexo.
Bellas modas de calças e casacas,
Faziam summa glória de seus donos,

E apezar que nos talhes divergissem,
Concordes eram todos lá comsigo,
De serem, pelos rostos e elegancia,
Narcizos, sem senão, e mais sensiveis,
Que o frio matador de Echo amorosa.
Nada inutil creou a Providencia,
Animais exquisitos, passarolas
De máu aspecto, e monstros singulares,
Amphibios numerosos e macacos
Hirsutos e travessos, tudo serve,
E todos teem seus prestimo. Aquelles
Que só nos vultos curam, esses homens,
que Cesar conheceu, vendo em Pharsalia,
Preenchem seus logares nos banquetes,
Servem a certos fins, e tambem prestam
Pâra adubo de risos, p'ra recreio
Da gente mais cordata que os contempla.
Sem elles mal iriam os festejos,
E, sem elles, eu juro, que ha donzellas
(De taes pares condignas totalmente),
Que tristes dormiriam pelos bailes.
Oh! gente afortunada, se soubesse,
Conhecer seu valor, e grande pêso!
No entretanto gozai do largo mundo,
E, por fim, quando a morte vos alcance,
Ireis todos p'ra o céu, que é o vosso reino.

Brilhavam, nesse tempo em toda a parte,
Mil adornos de Flora, não riquezas
De prata burilada. Puros vidros
Com agua inda mais pura, recebiam
Ramos verdes, e flores da floresta,
Tão lindas, tão mimosas, e suaves,
Que dos olhos levavam dentro d'alma,
Brando sentir humano e bemfazejo.

As flores companheiras são do homem
E só delle recebem doce trato:
Os brutos seus encantos não percebem:

Não tendo a luz do céu, e Deus no peito,
Mal podem ver bellezas na materia,
O rigido tapir sae das ribeiras,
Corre pêlas campinas matizadas,
Pisa os ricos tapetes de natura,
Da gentil açucena morde a face,
E rompe mil capellas engraçadas,
Com que Alonso enfeitára a linda Cora.

Do festim os salões naquelle dia,
Estavam convertidos n'um bosquete,
Idéa natural de mestre Berto,
Pâra trazer dos campos a frescura
Do tecto hospitaleiro que o honrava
Ramos cheirosos do araçá bravio,
Tecidos co'a limeira e co'a pitomba,
Faziam linda trança co'a folhagem
Da vermelha pitanga, e da mangaba.
Vergonteas de canella, e da baunilha,
Diziam, que o Brazil tambem é Asia,
Galhos de cajueiros, e do artocapo,
E palmas reluzentes do alto côco,
Contemplavam o arranjo deleitavel
Do campestre recinto simulado,
Por fructos, e por arvores da terra.

Niveas toalhas cobriam largas mesas,
Onde, por duas filas, se avistavam,
Sôbre parras, e flores escolhidas,
O ananaz soberbo e aromatico,
Do Maranhão trazido áquelles lares.
Fructas de conde (cujo mel cheiroso
É nata vegetal) estavam postas,
Defronte de quadrados amarellos
De suaves bananas delicadas,
Linda pera dos tropicos felizes.
Laranjas, abacates, verdes limas,
Morenos sapotís, que o bom Filinto
Em vez de trouxas d'ovos comeria,

Tomavam seu lugar ao pé de cestas,
De mangas soberbissimas e raras,
Que de Itamaracá recebem nome.
Outras fructas formosas e fragrantes,
Com mil doces, e pratos delicados,
Prefaziam o quadro mais completo,
E o mais grato dessér do mundo inteiro.

Sôbre as mesas, desta arte, guarnecidas
Trescalando os effluvios de Pomona,
Escravos apurados assentaram,
Grande cópia de pratos fumegando,
Com viandas e môlhos de apetite.
Appareceram quartos de vitella,
Alvo lombo do cerdo e gorda vacca,
Várias aves, e caça peregrina,
Cujo sabor lhe vem da vida alpestre,
Pescado e camarões do manso rio,
Em loiras frigideiras borbulhando,
Empadas de palmito, grandes tortas,
Arroz de forno com jardim de salsa.
E, p'ra timbre final do rico apresto,
Avultava o melhor dos grandes pratos,
Leitão de espeto, glória dos banquetes.

Com tal disposição tudo era prompto,
Quando Baldo, acenando a mestre Berto,
Confessou ser incerto e vacillante,
Sôbre qual dos senhores reunidos,
Teria logar de honra ao pé de Clara.
— "Hoje voga o princípio de igualdade",
Sisudo reflectiu o heroe da festa,
"Receio dar offensa neste trance,
E no enleio cruel depreco aviso."
Mestre Berto falou desta maneira:
— "As sciencias, as armas, e as riquezas,
Disputam a miudo a primazia,
E os homens arrolados em taes classes,

Para si têm querido a precedência,
Não só nos actos serios e distinctos.
Porém inda nos bailes e banquetes,
Onde ás vezes se encontram misturados,
Céde tudo, porém, á cortezia,
Quando a igreja se mostra em qualquer parte.
As armas, e as lettras retrocedem,
Os ricos, os soberbos se desviam,
Os proprios diplomatas dão-lhe o passo,
Pois de tudo sabendo não ignoram
Que o dizer, *que seu reino é do outro mundo*,
Importa que ella sempre é sobranceira,
Com as azas estendidas, e voando,
Qual sublime condor, sempre elevado
Por cima do que é grande cá da terra.
Dê, pois, ao seu fiel representante
O logar mais distincto que lhe cabe:
Entregue Dona Clara ao bom vigario."
Assim se fez, e musicas do bosque,
Tangeram a entrada pâra o banquete,
E todos com semblantes de alegria,
Tomaram pelas mesas seus assentos,
O gôsto, a novidade do apparato,
Applaudindo o soberbo lanço d'ôlho,
E tudo emfim que ali se descobria.

Depois de curta pausa tinem pratos,
Retinem garfos, facas e colhéres,
Sussurro de festim alto começa,
Olhos scintillam, mãos soccorrem boccas,
Mestre Berto comia, e não falava,
E Baldo, sempre alerta em seus deveres,
Attendia ao serviço das senhoras,
Affavel presidindo ao seu convivio.
Dona Clara, vestida em ricas sedas,
Seu bom gôsto mostrava nos cabellos.
Enorme, coruscante e alto pente
De artistico lavor tinha cravado
Pêlas tranças luzentes de azeviche.

Conta-se que era tal o seu tamanho,
Que o vigario, por vezes, qual Damocles,
Temendo que caísse, deu suspiros!
Era porém o andaime bem seguro,
E a matrona, soberba do enfeite,
Para todos olhava com sorrisos,
Linguagem do prazer que a possuia.

Passava-se o banquete alegremente,
Cosme contava histórias divertidas,
Reinava um tiroteio de bons ditos,
Corria o loiro vinho effervescente.
Oh! que festa ditosa era a de Baldo!
Que prazer, que gracejos, que doçura,
Que toque divinal lhe cala o peito?!...

Glorioso escrivão, se o teu empenho,
Me foi dado cantar a teu contento,
Se tua alma pintei qual tu a sentes,
Perdôa ao bom chronista se não póde
Deixar de publicar tua derrota.
Culpa tua não foi, que foi urdida,
Causada unicamente pelo fado,
Pêla triste ousadia de partidos,
Em tempos duros, tempos revoltosos,
Que tudo impedem, tudo precipitam!
Cantarei o final de teu banquete,
P'ra que o rijo clarim que te dedico,
Soando imparcial teu desconcêrto
Seja crido por todo, quando vibra
O sincero louvor bem merecido,
Das virtudes singelas que tiveste,
E da honra, sem par, do teu cartorio.

Em quanto, pois, a festa progredia,
Rouco volume de medonhas vozes,
Com tropel e nitrido de ginetes,
Os ares atravessa, e passa ao bosque
Incutindo temor nos convidados.

Adeus bello prazer, adeus convivio,
Sobresalto cruel em todos lavra,
E o sexo da brandura colhe medos!
Que berreiros são estes que escutâmos?
Que tiros já tão perto são aquêlles?
Perguntou altamente o bom vigario.
— "Nova rusga", respondem muitas vozes.
"D'um novo presidente quer-se a queda!"
— "Maldita estrella nossa, clama Brito,
Onde iremos parar com taes mudanças?
Qualquer que seja o bem que á patria venha
Desta rusga infernal agora em campo,
Deviam têl-a feito há quinze dias,
Ou então adial-a p'ra mais tarde,
Que o nosso Apollo assim ficára salvo:
Eu te odeio, ambição de baixo intento,
E vós, ó patriotas de taverna,
Ó Grachos de comedia, vís escravos,
Vosso deus e senhor chama-se — oiro —
Vosso mestre não foi Cesar clemente,
Nem Augusto sagaz, correndo ao mando.
O heroe que imitais é Catilina,
Mâs, como elle, achareis forte Petreio,
Que vos corte a carreira fatricida!"
Adeus, bosque gentil! flores do campo!!
Adeus, Baccho e Pomona deleitosos!
E vós, bello perú, leitão intacto,
Fofos pasteis, aureas frigideiras,
Ficareis pâra pasto de guilhotes.
Que deshonra p'ra vós... sereis comidos,
Por homens esfaimados sem fineza,
Que com carne, e feijão foram contentes!
Oh! meu rico banquete adeus p'ra sempre,
Minh'alma aqui vos fica, eu levo os queixos!..."

Bradando estas sentenças singulares,
Mestre Berto saíu sem ser mais visto:
Debandada geral seguiu-se logo,
E o proprio escrivão dono da festa,

Tratou da retirada, e sem bagagem,
Fugiu airosamente pelos fundos
Do amigo, escuro bosque das mangueiras.
Não consta que este heroe, qual o de Troia,
Voltasse na procura da consorte.
Consta só, que depois de grandes riscos,
Unidos foram ter á nobre villa,
Concordes d'esperar pela ventura
De uma paz duradoura, e sem perigos,
De dias mais serenos e seguros,
E, si bem que viveram mais á larga,
Por mais que examinasse, não me consta,
Que o escrivão Goyana e Dona Clara
Procurassem jámais dar outra festa.

FIM DO FLORILEGIO

NOTAS AO FLORILEGIO

NOTAS AO FLORILEGIO

1.ª

Pag. 1.ª da Introdução (Vol. I)

Ao avaliar o estado das linguas e lettras castelhanas e portuguezas na epoca em que se descobriu o Brazil se póde ler com interêsse o seguinte documento, que contém alguns fragmentos curiosos em prosa e verso, os quaes devem augmentar em estimação (apesar do descuido com que parece haverem sido transcritos), quando nos lembremos que alguns delles podem ser obra dos poetas Gil Vicente e Bernardin Ribeiro, que floreceram no reinado no venturoso Manoel. Este documento, que copiámos em Simancas, é uma carta original de Ochoa de Ysasaga, embaixador dos reis catholicos em Portugal, quando o rei portuguez recebeu por espôsa em segundas nupcias a rainha D. Maria. Nesta carta se descrevem por extenso as festas que tiveram logar no real paço de Lisboa, na noite da missa do gallo dêsse anno da boda. Tão importante julgâmos tal documento que passâmos a reproduzil-o na integra, certos de que o leitor nos ficará por elle agradecido, embora tenhamos pâra isso de engrossar de algumas paginas este tômo:

Cópia de uma carta autografa de Ochoa de Ysasaga aos Reys Catholicos

Muy Católicos, muy altos é muy Poderosos Principes é Señores el Rey e la Reyna Nuestros Señores.

Aunque yo sere alla presto queriendo Dios para haser relacion de las cosas de aca por menudo á V. as. porque Juan Ortiz

llevador desta llegará alla antes que yo, paresció que era bien dar parte á V. as. de las fiestas que han pasado aqui en esta fiesta de la natividad de nuestro Señor.

Jueves veinte y cuatro deste Diciembre biespera desta santa fiesta, la Señora Reyna oyo misa en su oratorio e se confesó con fray Garcia de Padilla y· despues comio retrayda. El Señor Rey oyo misa en su capilla é dicieron-me que tambien se habia confesado y á la tarde el Rey y la Reyna juntos fueron á capilla a oir las biesperas y acabaronse despues de nochecido, y despues el Señor Rey fue con la Señora Reyna hasta su posentamiento y dejandola alli se fue derecho á la sala grande de su aposentamiento que estaba mui bien atabiada y fecho un estrado grande con su doser de brocado encima y debajo puesta una silla rica grande cin su mesa delante y assentose alli y traxieronle la collacion con grande triunfo el mayordomo mayor y los maestres salas que disen aca veedores, y muchos pages con platos grandes de conservas y fruta de sarten, e el Duque de Coymbra se ynco de rodillas delante del Señor Rey y estobo asi con unas toallas en el hombro hasta que acabo de haser collacion y en lugar de copa un caballero llevó al Señor Rey un vernegal de agua con unas toallas en el hombro.

Despues de esto dieron collacion á todos los caballeros é fidalgos que estaban al derredor del Señor Rey da la misma manera que estaban en pie y despues dellos á toda la gente que estaba en la sala sobre que andovo grande regocijo como se suele hacer en semejantes tiempos y para segund la noche que era la cerimonia fué real y paresció muy bien á todos.

La Señora Reyna hizo collacion en su cámara y despues las damas y á la sazon la infanta Doña Beatris le embió ciertos platos de fruta de sarten y despues de echa la collacion la Señora Reyna vido que la casa no estaba adrezada como era rason para tal fiesta mandó que le adrezasen luego y de noche colgaron los paños y el doser y fisieron el aparador.

Despues de esto á los ocho horas vinó el Señor Rey á la camara de la Señora Reyna y fueron á los maytines de la misma manera que fueron á la biesperas y el Señor Rey dejando á la Señora Reyna en la tribuna decendió abajo donde estaba puesto su sitial con cortinas y oyeron los maytines solenemente con horganos y chamzonetas y pastores que entraron á la sazon en la capilla danzando y cantando *Gloria in excelsis Deo* y dija la misa

del Gallo pontifical el Obispo de Fez y en acabando los maytines á las dos horas despues de la media noche el Rey y la Reyna se volvieron á sua aposentamiento.

Hoy dia de la Natividade de nuestro Señor antes que emanesciese, la Señora Reyna oyo misa en su oratorio, y se comulgó é dijo la misa fray Garcia de Padilla.

El Rey y la Reyna se fueron á misa con sus mugeres y damas entre las nueve é dies horas é iban vestidos en esta manera.

El Señor Rey trahia jubon ancho de cebti carmesi á la francesa y calzas de grana y borceguis blancos con soletas y una cinta de oro y una espada con su guarnicion de oro rico é un collar de oro mediano con muchas piedras y un bonete de terciopelo doblado y en el uns joyeles de diamantes y encima una loba de brocado pelo negro alcarchofado abierta por los lados.

La Señora Reyna trahia una faldilla de terciopelo negro con tiras de brocado y un cós de puntas de brocado pelo morado oro tirado y una delantera de lo mismo y un abito de terciopelo carmesi de muchas perlas con unas lazadas que vestio el dia que se casó en Alcazar y una cinta de mazorcas de oro de martillo muy rica y linda y un colar de las esmeraldas y en la cabeza echa la clencha un tocadito de oro de martillo todo de emes muy rico y en la garganta un hilo de perlas guesas con una cruz de diamantes colgadas del y muchas axorcas en las manos. Yban detras diez y siete damas todas muy bien ataviadas y perfiladas.

El Señor Rey llevó á la Señra Reyna del brazo esquierdo hasta la tribuna y dejandola alli decendió abajo á sua sitial y dijo la misa pontifical el Obispo de Fez que dijo la del Gallo, y estaba en el altar un retablo devoto como en Iglesia y una cruz grande rica y quatro candeleros de plata y el aparejo de los hornamentos de brocado pelo la mitra y el vaculo bien ricos con mucha pedreria y predicó un clérigo muy bien el nascimento de nuestro Señor y el Señor Rey ofreció en la ofrenda dijeronme que doce ducados los seis por si y los otros seis por la Señora Reyna, y el evangelio y la paz dieron al Señor Rey con Cerimonia como se acostumbra y no llevaron á la Señora Reyna.

Acabose la misa acerca de la una hora y despues el Rey y la Reyna fueron á sus aposentamientos cada uno por su parte y el Señor fué en esta manera, iban con el todos los caballeros y

delante uno con el estoque que le embio el padre Santo y mas adelante los vallesteros de maza que son aca como porteros de Câmara y comió en una quadra donde suele comer los otros dias asentado en una silla debajo de doser de brocado y estaban al derredor todos los caballeros y sus ministriles altos que tocaban um poco desviados. El aparador era mediano trajieron el manjar con trompetas y atabales y no comió carne sino pescado.

La Señora Reyna el tiempo que iba desde la capilla á comer á la cuadra baja encontró con la infanta Doña Beatriz que le venia á ver y á dalle buenas pascuas y un page tras si con un plato grande cubierto con manjar paresciome que era capirotada é hisieron la una á la otra sendas reverencias bien bajas y fueron de mano á mano la Señora Reyna á la mano derecha y la Infanta á la mano izquierda y á la entrada de la puerta rogabanse la una á la otra y entraron casi á la par pero paresciome que la infanta todabia se detybo atras un poquito y fueronse á asentar á camita donde estabieron hablando y holgando hasta que trajieron el manjar.

El aparador de la Señora Reyna estaba puesto mui lucidamente aunque estaba la plata muy apretada que habiendo mucha paratres gradas la pusieron en dos pero mucha é muy buena é muy lusida paresció á todos los que venian á verlo y menester fué habella puesto que no han puesto ninguna ves despues que venieron á esta cibdad ya desian algunos que la Señora Reyna no trahia plata y que la que se puso en Alcazar de Sal cuando se casó era de V. as. y que la haviam trahido alli para hacer muestra y que desde alli la habian vuelto para Castilla.

En manjar de la Señora Reyna trajieron al aparador con trompetas y llevó las fuentes Doña Leonor de Milan y poniendolas en la mesa la infanta se levanto sobre las rodillas para servir con ellas y entonces la Señora Reyna levantose un poquito y asiole del brazo é hizole tornar á sentar graciosamente; en el servicio de la mesa no hobo mas diferencia que en los otros dias que Lope Valdivieso hasia la salva. Doña Angela cortaba y Doña Leonor de Milan serbia con las fuentes y con la copa. El maestre sala con los pajes trahia el manjar á la mesa y estaban todas las Damas al derredor y en las postreras fuentes la Infanta no hiso ninguno mobimento como primero y los menestriles altos tocaron durante la comida altamente.

En acabando de comer vino el Señor Rey á la Cámara de la Señora Reyna é yendose la Infanta mando despejar la Cámara y despues estobieron el Rey é la Reyna solos oyendo musica de Rodrigo Donayre y sus compañeros.

Despues de ido el Señor Rey venieron la Duquesa de Braganza y Doña Felipa á dar buenas pascuas á la Señora Reyna y estobieron asi holgando hasta la hora das viesperas y por que el Señor Rey estaba adrezandose para la fiesta de la noche mandó á los de su capilla que veniesen á desir las viesperas en la sala de la Señora Reyna donde las dijieron cantadas solepnemente.

La Señora Reyna se pusó en su sitial para oir las viesperas y la Duquesa del Braganza un poco desviada mas atras por la parte derecha y mas atras todas las damas é mugeres.

Despues de acabadas las viesperas vino la infanta Doña Beatriz y asentaronse ella y la Señora Reyna en almoadas arrimadas á la Câmara; la Señora Reyna á la mano derecha por la parte de la cabecera y la Infanta por la parte ezquierda y la Duqueza un poco desviada hacial lado de la Señora Reyna y estobieron asi hasta las ocho horas de la noche esperando que se adrezasen los momos y la seis damas que habian de sallir á la francesa y en este tiempo venieron la marquesa de Villareal y la muger del o varano de alvito á dar buenas pascuas á la Señora Reyna y hablando entre otras razones le suplicaron les diese licencia para ver suas Damas porque despues que vino su altesa á cabsa delas sus maridos no hasian caso dellas y el caso porque se sienten ellas es que el marques sirve á Doña Maria de Cardenas y el varon á Doña Leonor de Millan. Cuando ya se acabaron de adrezar los momos el Señor Rey hiso saber á la Señora Reyna para que se fuese y despidiendose de la infanta se fué con sus damas á la sala grande del aposentamiento del Señor Rey que estava muy llena de gento con grand estruendo como para la fiesta que se esperaba y fueso derecho al estrado donde estaba un doser de brocado y debajo seis almoadas de brocado en rencle de dos en dos y asentose en cabo por la parte derecha dejando el hogar bacio para el Señor Rey y las mugeres y las damas se asentaron desde el pie del estrado adelante y luego comenzaron tocar los menestrilles muy al tamente y despues salieron muchos momos con ynvenciones cada ynvencion con trompetas delante como aqui será declarado. En cabo de la sala estaba fecho un retraiymento grande con paños

de donde salió un huerto de encantamiento que venia dentro un arbol membrillo grande muy espantable con tres cabezas feroces y seis manos grandes y con cola tenia rebujado todo el cuerpo de arbol y todo el huerto estaba cubierto al derredor con paramentos de lienzo delgado y venian dentro seis damas Doña Leonor de Millan y Doña Maria de Cardenas é Doña Angela é Doña Leonor Enriques é Dona Guiomar Freire é Doña Maria de Silva vestidas á la francesa trahian en las cabezas unos chapirones de cebti carmesi con miras llenos de mucha pedreria y perlas y cadenas é otras joyas muy relusientes y encima unos velos como se pintam en los paños franceses y unas ropas de terciopelo negro con mangas anchas y con colas largas trepadas y con unas letras por las orillas con cebti branco debajo del terciopelo y en las manos unas achas pintadas de cera ardiendo y en cabo del huerto venia echo un asentamiento principal con almoadas de brocado; pregunté para quien se habia echo aquello y diseronmne que el Señor Rey tenia acordado una vez de venir alli y que despues le dijieron que mejor era venir despues con sus momos tras el huerto porque no fuera honesta para el venir alli sin la Señora Reyna y llegando el huerto delante de la Señora Reyna de la manera que venia paresceia muy real imbencion y saliendo fuera las Damas Doña Angela en nombre de todas dió un escripto á Señora Reyna que desia en esta manera:

"Estando en Itiopia en nuestro huerto damore Sagrado guardado por el Dragon usando de aquel poder que por los Dioses nos fué otorgado de dar remedio á todos los verdaderos amadores vino á nos lo pidir un principe tan enamorado que el so he comparacion de si mismo porque la grandeza de sua pena es mayor que nosa sabeduria y porque en tua alteza que he merecedor de seus amores está o remedio deles é no en nós o tracemus aqui á te pidir que o quieras remediar porque é tua soygecion estima mays estar, que á todos seus Señrios é todos os cavalleros de sua compañia en poder de tuas damas é uoso sean soygetos é sendo coza tan nova aquela que á todas podiam dar remedio o viren pidir a ty por ver una princesa de tanta excelencia ouvemos por probeyto a perda deste poder á te pidimus que nos lo queras otorgar por que o traballo deste camiño se torne en muyto seu é nozo descanso e teu servicio.

"Despues de esto quitando-se de alli el carro vino el Señor Rey con veinte Caballeros de los principales de sua Corte echos momos con sus caratulas e cimeras con grande estruendo de trompetas e dieron dos bueltas por la sala danzando y despues el Señor Rey comenzó yr al estrado y la Señora Reyna des que sentio que era el levantose y salio á recibirle á la meytade del estrado y juntandose el Señor Rey quitó la caratula y el bonete y en grand placer reyendose hisieron sondas reverencias bien bajas el uno alotro y despues fueron á danzar una alta y una baja y danzaron muy bien y volvieron á sentar á su estrado y lo que trahia vestido el Señor Rey era un jubon muy trepado y calzas negras á la derecha hasta la rodilla con unas barras de chaperia espesas y debajo de la rodilla donde suelen apretar las calzas dos hilos ensartados de diamantes é piedras que relucian mucho y zapatos de cuero negros puntiagudos e una cinta de oro de martillo con una daga pequeñita colgada del é un collar de oro sin piedras y un sombrero frances lleno de joyeles con una cimera grande de plumages y el cerco del bonete doblado lleno de chaperia y joyeles que relucian y todos los otros momos venian desta misma é muy bien atabiados cada uno segund su estado y especialmente el Duque de Coimbra trahia un collar de oro con mucha pedreria y perlas muy gruesas y la calza esquierda muy llena de piedras y perlas de la rodilla arriba y el sombrero con su cimera con muchos joyeles y encima del bonete trahia dos sartales de perlas gruesas y lo que trahia cada uno de los otros no pongo aqui porque seria prolicidade. Salvo que despues de asentados el Rey é la Reyna en su estrado cada uno dellos llegando á sua dama quitó la caratula e dió cada uno á la suya su escripto y despues danzaron con ellas y esta misma forma tenian cada uno de todos los otros que venieron despues de estos. Despues de esto venieron otros cuatro caballeros echos momos muy lucidos con sus caratulas y uno en nombre de todos dio un escripto á la Señora Reyna que decia asi:

"Mu.to alta é m.to escelente,
Reyna é m.to poderosa Señora.

Veimos á este Seran
Cada un por sua dama
É vimos a sin razon

Que se fas a quen ben ama
É tornamos á pidir
Por merced á vosa Alteza
Que nos de a quen nos fiz venir
Para que de prazer á tal tristeza."

Despues de esto vino una con caratula que trahia encadenado un gigante muy grande é muy feroz y detras del tres momos muy lusidos con sus caratulas y llegando delante del estrado el que trahia el gigante dio un escripto á la Señora Reyna que desia asi:

"M.to alta y escelente Reyna
é m.to poderoza Señora

Yo soy embiado á ti del poderozo Copido el cual sabendo que el Rey tu marido está en determinacion de haser guerra á sus enemigos deseando mas faborescervos que á todos asi por ambos ser los mays, mas magnificos principes que nunca fueran como porque en tu casa ser junta toda la fermosura que sufe (sic) en el mundo hace ser loada te ofrece para su servicio aleso gigante que por amores de ysorfele fué trahido á sus presiones y con su fuerza te notifica por muy cierta la victoria é te pide en satisfaccion de tamaño beneficio que mandes á las damas de estos tres suyos á que mas que á todos debe por buennos amadores que suas cruezas en ellos no usen porque sino se emendon, muy presto seran culpadas en su muerte y el les tera perdidos."

Despues de esto venieron ocho romeros que iban á Santiago con sus bordones y conchas en un bergantin fecho artificialmente y llegando á la puerta de la sala desembarcaron y uno en nombre de todos dio un escripto al Señor Rey que desia asi.

"Las nuevas van tan crecidas
Rey Santo de tu pasage
Que siendo por nos sabidas
Fecha la pelegrinagen
Te frecemos las vidas
Á seguirmos tu viagen
Sabe que nuestra tencion
En esta guerra que tant'amas
Que es servirmos las dos damas
De las muy famosas Enrriquez y de Millan."

Y despues de esto cada uno de estos romeros echaron sus ropetas y caratulas é dieron sus escriptos á las damas y danzaron con ellas.

Despues desto venieron ocho enemigos malinos muy feroces y trujeron cuatro momos muy lucidos con sus caratulas encadenados y un enemigo de aquellos fué á dar un escripto á la Señora Reyna que desia en esta manera:

"En el ynferno temos sabido ha muito tempo que por tua vinda á estes reynos seriamos deles lanzados fora é de todo destruidos é agora soubemos por estes desesperadus que nos suas damas les embiaron que tiñan ja nelas recibida por Señora, é como de cosa tua non podemos aber parte foy nos mandado trazer á éstes as vosas damas é á te pidir mandes a ellas que les den algun descanso poys por ello son mays atormentados que os otros que nos la fican."

Despues desto venieron ocho almas con candelas encendidas en las manos que sinificaban la misericordia y detras un momo muy bien adrezado y las almas llegando delante de una dama que se llama Doña Leonor Enrriquez, incarouse de rodillas é disieron dos vezes á alta voz *ave misericordia ave misericordia* y luego se bolvieron y el momo dio á la Señora Reyna un escripto que desia en esta manera:

"M.to poderoza Reyna Señora.

Yo soy uno de los tres que este otro dia pidimos á sua Real alteza mandase á duas damas no nos tratasen tan mal y porque ya soy ofrescido para siempre servir una de sua real corte le suplico mande guardar el costumbre que sus antepassados tobieron que era en tales fiestas no consentir á suas damas llevar guantes esquierdos en la mano é agora segundo he visto es por lo contrario si á tal cosa vuestra real alteza diese lugar los de estrañas tierras desesperarian de tan escelentè corte."

Despues de esto vino un page pequeñito con caratula y con una ropeta llena de manillas doradas y detras del dos caballeros con ropas rozagantes de guadameci verde y dorado á la francesa con sus caratulas y el page dio un escripto á la Señora Reyna y el traslado del no embio aqui porque no lo pude haver.

Despues de esto vino un hermitaño con su bordon y barba grande y detras una breña echa á manera de encantamiento donde venia metido un momo y dio un escripto á la Señora Reyna que desia asi:

"M.to alta é m.to escelente Princesa.
É m.to poderoza Reyna Señora.

Querendo mina ventura dar fin á mina vida ofereciosème por enamorado en esta real corte de vosa alteza onde creceo tanta mina pena que cuydey que pacencia á podece resistir é fuyme aos montañas onde me achey tan combatido de cuidado que por leyxar alguna memoria de mina tristeza é sentimento comencey de caminar en esse encantamiento en que vengo topando con ese hermitaño per esconjuraçoes piadosas me pidio á cabesa de mina pena respondile que me fasia asi andar á mays fermosa dama do mundo que estaba en la Real Corte de vosa alteza é hele mobido de piadad me dixo que ó seguise."

Despues desto vino otro momo de la misericordia que vino antes disfrazado con otra manera de habito con su caratula é dió á la Señora Reyna un escripto que desia asi:

"M.to poderosa Reyna Señora.

Dos veces so ya venido delante tu real alteza á que pido por merced no me tenga por sobrado en le tanto importunar por los guantes ezquierdos porque soy venido de muy lexos y á grandes peligros."

Despues de esto vino una muger muy feroza con un encantamiento fecho arteficialmente que paresçia una cueva metida en una breña aspera y venian dentro cuatro momos muy bien ataviados con sus caratulas y esta muger dando um escripto que trahia á la Señora Reyna tomó una porra y quebró este encantamiento y los momos que venian dentro soltaronde é dio cada uno de ellos su escripto á sua dama y danzaron y el escripto que dio la muger á la Señora Reyna desia asi:

"Rey y Reyna scelente
Á quen regnos non nombrados

Occultos nunca fallados
Desde el cabo de oriente
Obedecen nuevamente
Á quien islas
Y tesoros
Encubiertos
Por caminos
Nunca ciertos
Conquistando
Muchos moros
Te son todos
Descubiertos
Dina de mas escelencia
Pues tenieis merecimiento
Que se quiebre en tu presencia
Contra mi consentimiento
Este fuerte encantamiento
E cual tocando la damas
De las que tengo nombradas
Seran sueltas de mis llamas
Abiertas y quebrantadas
Sereis presiones encerradas."

Despues de esto vino el Marques de Villa Real echo momo con su caratula con cuatro pajes delante tambien con sus caratulas é ropetas é dio un escripto á la Señora Reyna que desia asi:

"M.to alta e m.to ecelente Princesa é m.to poderosa Señora.

Eu soy o marques que en esta festa de vossa altesa noso Señor ques dreyto juez por sortes me dey por servidor de vna dama de vosa alteza per saber que yo era mays que todos á quale dama mejor tomaron duas veces por tanto me vengo á quejar á vosa alteza que esta terceyra me mande restituir á seu servivio vna sia asi:

Despues de acabada la fiesta dadas las doce horas de la media noche el Señor Rey danzo con todos los momos en una danza que diceu aca Serau y despues subieron el Rey é la Reyna á sua Camara con mucho placer é triunfo y asentaronse en la Camara y cenaron juntos muy alegremente el Señor Rey de la misma

manera que estaba hecho momo y porque era ya sabado volvierons el manjar de la carne de la Señora Reyna desde al aparador y comieron ambos pescado y despues de cenar mandaron despejar la Camara y quedaron solos para se eacostar. Nuesto Señor les de hijos de vendicion, é á vuestras altezas guarde y prospere como sus reales corazones lo desean de Lisboa 25 de Diciembre — Muy homil Servidor de V. as. que besa sus reales manos é pies — Ocho de Ysasaga."

2.ª

Pag. 16

Os mesmos motivos que tivemos pâra não considerar as obras de Rolim de Moura nesta collecção, militaram ácêrca de André Nunes da Silva, theatino, natural, segundo Barbosa, de Lisboa, e, segundo Sismondi, da Bahia.

3.ª

Pag. 94 e seguinte

Mattos imitou muito não só de Gongora, como de Quevedo, seu modelo. O verso (pag. 94-a)

"Mal direito e bem gibozo"

lembra o de Gongora

"Mal herido y bien curado."

A silva de pag. 143 é, no seu comêço, um verdadeiro plagio da canção de Quevedo (Musa 6.ª)

"No os espanteis, señora Notomia,
Que me atreva este dia
Con esprimida voz convaleciente."

Igualmente a última decima da pag. 106 é feita sôbre a 1.ª de Quevedo, na festa de toiros ao Principe de Galles:

"Floris, la fiesta pasada
Tan rica de cavalleros
No saliera más aguada."
Si la hicieran taberneros

A sátyra ao Cometa, na pag. 107, é parecida com a letrilla de Quevedo

"May haya quien lo consiente."

E a da pag. 118 faz lembrar a do *Chiton* do mesmo Quevedo. A 5.ª decima da pag. 108 é de tal despropósito, que nos justifica o que dizemos na Introducção de que Gregorio ás vezes punha ao lado de algum conceito uma sandice sem sabor.

4.ª

Pag. 173

O soneto que se refere á canonisação de Santo Stanisláo temo-lo hoje por apocrypho; pois que segundo nos consta tal canonisação só se affectuou no princípio do seculo passado, quando já eram mortos os dois irmãos Mattos.

5.ª

Pag. 289 e seguintes

Esta biographia de Claudio necessita em alguns logares mais correcção de estylo que é facil de fazer, e a isso authorisâmos a se afogou no carcere com uma liga. Tomámos a liberdade de quem a reimprima. Na pag. 301 deve preferir-se a versão de que pôr antes da Fabula do Ribeirão na pag. 316, outro soneto de Claudio, com mais côr local, do que elle destinou pâra ahi. Da fabula cortámos um pedaço, onde isso vai marcado no fim da pag. 317.

6.ª

Pag. 314

Em vez de *Briareu*, dizem outros textos *Driario*. Cremos que não deve estar nem de um, nem d'outro modo. Não sería má leitura de *Dirceu?*

7.ª

Pag. 352 e seguintes

Esta primeira composição é não só feita ao poema Uraguay, como á Arte Poetica em geral. A do Templo de Neptuno (pagina 355) parece uma epistola, enviada do Rio a José Basilio; e della se vê que o irmão dêste acompanhára Alvarenga. A composição da pag. 356 é uma ode á paz.

8.ª

Pag. 362

Conservámos o nome *rondó*, dado por Alvarenga ás suas anacreonticas, pâra não deixarmos de dar aos filhos os nomes escolhidos pelo pai; mâs a palavra é franceza, e melhor se diria *rondel*, como no castelhano antigo; mâs verdadeiramente são cantigas, similhantes ás dos trovadores.

9.ª

Pag. 391

O assumpto do Caramurú é mais proprio pâra uma novella, ou pâra um romance historico. Dêste último modo emprehendemos tratal-o, sob o titulo *"O Matrimonio de um Bisavô"* apresentando o assumpto como nos parece mais natural que elle se passaria.

Teriamos que estender nosso trabalho, se nos propozessemos a apontar as bellezas pâra seguirem os principiantes, ou os vicios pâra delles figurem, em muitos logares desta collecção de poesias. O nosso fim não foi publicar uma obra didactica: foi reunir em corpo, e com certa ordem, muitas peças extraviadas; foi acompanhar de alguns modelos a resumida história litterária do Brazil, que publicâmos, e que tem por fim indicar ao publico nossas riquezas litterarias, pâra que os curiosos possam dedicar-se a formar dellas collecção, e salvar as que ainda se possam salvar: ao passo que os principiantes, com estes dois pequenos tomos, poderão ter uma idéa de toda a nossa litteratura, e dos poetas, que tem produzido o Brazil.

FIM

ÍNDICE

ÍNDICE

Pags.

Advertência do Autor 7

Inácio José de Alvarenga Peixoto 9
Biografia pelo Autor 11
Nota de R. G. 16
Obras 17

Eureste Fenício 33
Obras 35

Cartas Chilenas, por Critilo 43
Nota de R. G. 43

Tomás Antônio Gonzaga 51
Biografia pelo Autor 53
Nota de R. G. 72
Obras 74

Domingos Caldas Barbosa 83
Biografia pelo Autor 85
Nota de R. G. 98
Obras 99

Antônio Pereira de Sousa Caldas 131
Biografia pelo Autor 133
Nota de R. G. 135
Obras 137

	Pags.
Francisco de S. Carlos	153
Biografia pelo Autor	155
Nota de R. G.	156
Obras	158
Manuel Joaquim Ribeiro	173
Notas do Autor e de R. G.	175
Obras	175
Joaquim José Lisboa	189
Notas do Autor e de R. G.	191
Obras	191
Antônio Mendes Bordalo	209
Notas do Autor e de R. G.	211
Obras	211
Joaquim José da Silva	219
Notas do Autor e de R. G.	221
Obras	221
Bartolomeu Antônio Cordovil	227
Notas do Autor e de R. G.	229
Obras	229
Luis Paulino	239
Notas do Autor e de R. G.	241
Obras	241
José da Natividade Saldanha	247
Notas do Autor e de R. G.	249
Obras	249
Padre Silvério da Paraopeba (Silvério Ribeiro de Carvalho)	265
Notas do Autor e de R. G.	267
Obras	267
José Bonifácio de Andrada e Silva	273
Notas do Autor e de R. G.	275
Obras	275

Pags.

Francisco Vilela Barbosa (Marquês de Paranaguá) 309
Notas do Autor e de R. G. 311
Obras 311

Januário da Cunha Barbosa 337
Nota de R. G. 339
Obras 339

Alvaro Teixeira de Macedo 353
Nota de R. G. 355
Obras 355

Notas ao "Florilégio", pelo Autor 367

ACABOU-SE
DE
IMPRIMIR ÊSTE VOLUME
EM
11 DE OUTUBRO DE 1946,
CINQÜENTENÁRIO
DA FUNDAÇÃO
DA
ACADEMIA BRASILEIRA

COLEÇÃO AFRÂNIO PEIXOTO

(*continuação*)

Diálogos das Grandezas do Brasil, (notas de Rodolfo Garcia), 1930.
Cartas do Brasil, de Manuel da Nóbrega (notas de Vale Cabral e R. Garcia), 1931.
Cartas Avulsas de Jesuítas (1550-1568), (notas de Afrânio Peixoto), 1931.
Cartas, Informações, Fragmentos Históricos e Sermões, de Joseph de Anchieta (1554-1591) (notas de A. de Alcântara Machado), 1933.
Jesuítas do Brasil e da Índia — do Padre José Caeiro — texto latino e português — 1 vol., 1936.
Tácito Português — Dom Francisco Manuel de Melo, 1940, introdução e notas de Afrânio Peixoto, Pedro Calmon e Rodolfo Garcia.
A Academia Brasileira de Letras (Notas e documentos para a sua história, 1896-1940), com prefácio de Afrânio Peixoto, 1940.

III — BIO-BIBLIOGRAFIA

Castro Alves, por Afrânio Peixoto, 1931.
Euclides da Cunha, por F. Venâncio Filho, 1931.
Álvares de Azevedo, por Homero Pires, 1931.
Junqueira Freire, por Homero Pires, 1932.
Luiz Guimarães Junior, por Iracema Guimarães Vilela, 1934.
Lúcio de Mendonça, por Edgar e Carlos Süssekind de Mendonça, 1934.
Artur de Oliveira, por L. F. Vieira Souto, 1935.
Artur Azevedo, por Roberto Seidl, 1937.
Manuel de Araujo Porto-alegre, por Hélio Lobo, 1938.
Gonçalves Dias, por Josué Montelo, 1942.
Raimundo Correia, pelo Cônego F. M. Bueno de Sequeira, 1942.
Francisco Alves de Oliveira, por Edmundo Moniz e Osvaldo Melo Braga, 1943.

IV — INÉDITA

Pedro Luís, Dispersos, 1934, por Afrânio Peixoto.
Artur de Oliveira, Dispersos, por L. F. Vieira Souto, 1936.

V — DISCURSOS

Discursos Acadêmicos, 11 vols. (1897-1943).

COLEÇÃO AFRÂNIO PEIXOTO

(nome dado às suas publicações pela Academia Brasileira, decisão unânime de 25 de junho de 1931)

Biblioteca de Cultura Nacional

I — LITERATURA

Prosopopéia, de Bento Teixeira, 1923.

Primeiras Letras (Cantos de Anchieta. O Diálogo, de João de Léry. Trovas indígenas), 1923.

Música do Parnaso. — A Ilha de Maré — de Manuel Botelho de Oliveira, 1929.

Obras, de Gregório de Matos: I — "Sacra", 1929; II — "Lírica", 1923; III — "Graciosa", 1930; IV e V — "Satírica", 2 vols., 1930; VI — "Última", 1933.

Discursos Político-Morais, de Feliciano Joaquim de Sousa Nunes (prefácio de Alberto de Oliveira), 1930.

O Peregrino da América, de Nuno Marques Pereira (introdução e notas de A. P., Rodolfo Garcia, Pedro Calmon, Varnhagen e Leite de Vasconcelos), 2 tomos, 1939.

Geórgicas Brasileira, de Prudêncio do Amaral e José Rodrigues de Melo, trad. de João Gualberto dos Santos Reis, biografias e notas de Regina Pirajá da Silva, 1941.

O Uraguai, de José Basílio da Gama (edição comemorativa do 2.º Centenário do Poeta, anotada por Afrânio Peixoto, Rodolfo Garcia e Osvaldo Braga), 1941.

Poesias, de José Bonifácio (Américo Elísio) — Edição facsimilar da 1.ª (1825), com prefácio de Afrânio Peixoto, — 1942.

Uma Página de Escola Realista, de Castro Alves. Edição facsimilar do autógrafo, com prefácio de Afrânio Peixoto, 1943.

Queda que as Mulheres têm para os Tolos, de Machado de Assis. Edição fac-similar da 1.ª, de 1861, com prefácio de Afrânio Peixoto, 1943.

II — HISTÓRIA

Tratado da Terra do Brasil. — História da Província Santa Cruz — de Pero de Magalhães Gandavo (notas de Rodolfo Garcia), 1924.

Hans Staden — Viagem ao Brasil (revista e anotada por Teodoro Sampaio), 1930.

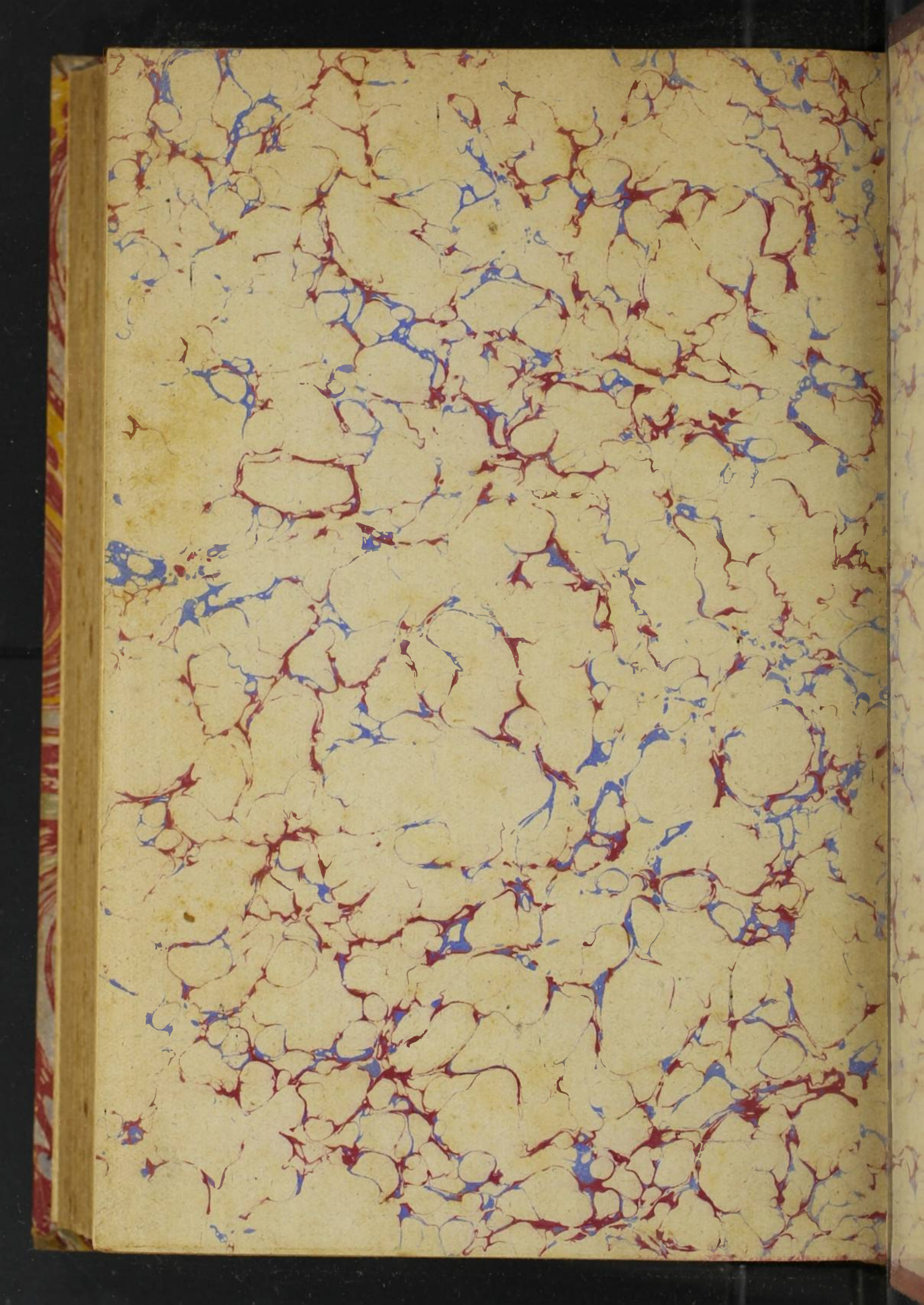
Publicações da
Academia Brasileira

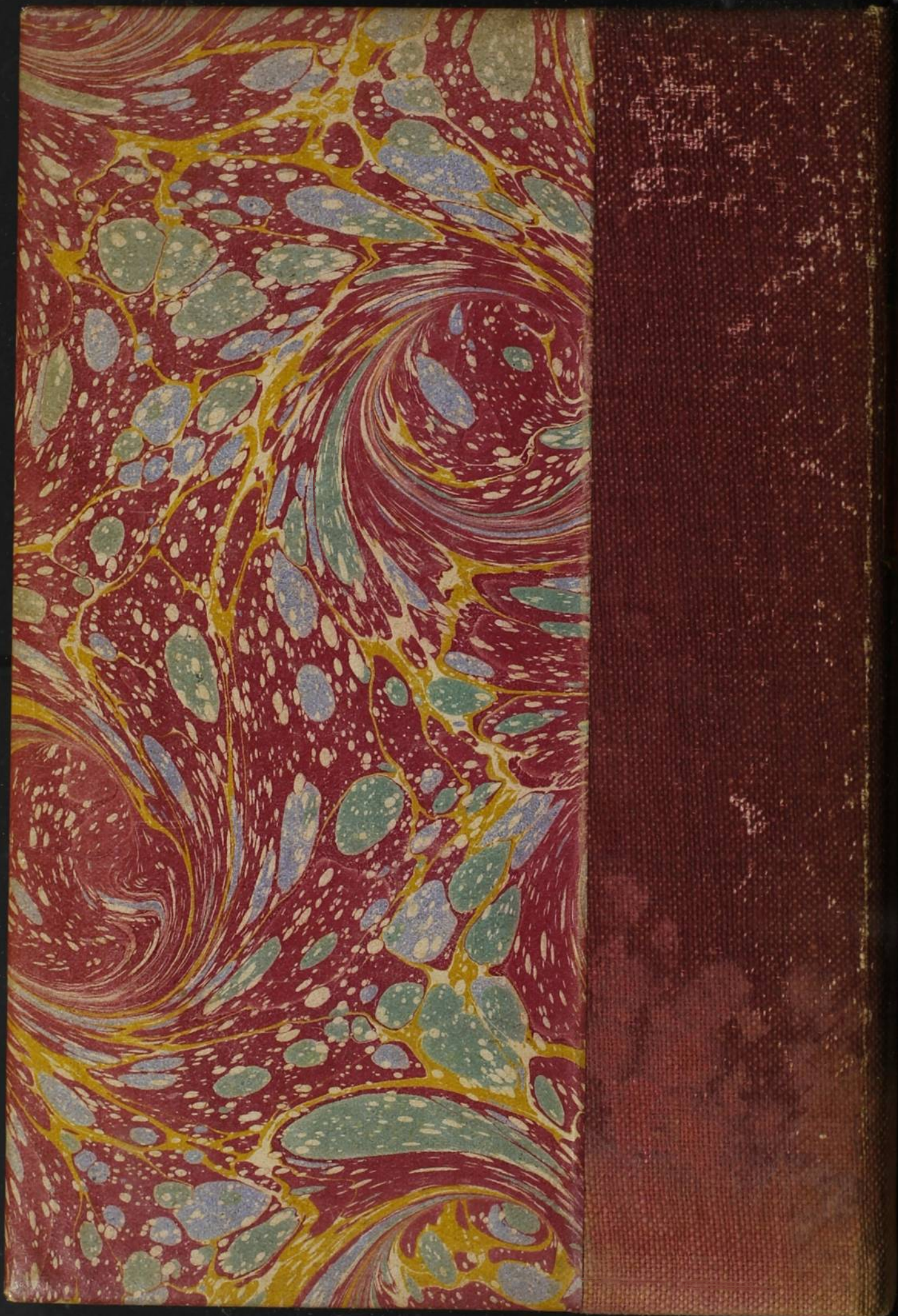
FLORILEGIO
DA
POESIA
BRAZILEIRA

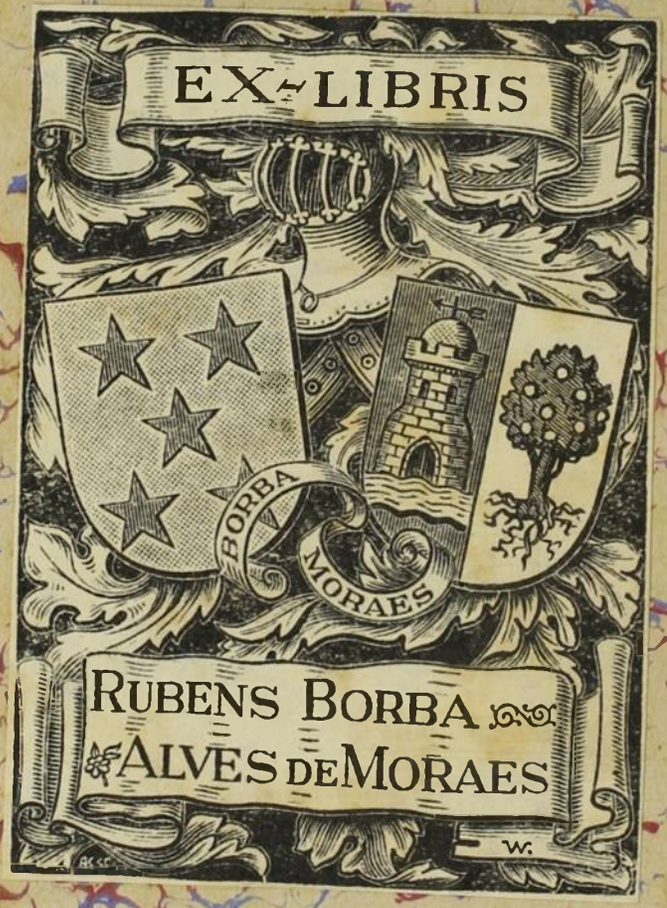
TOMO II

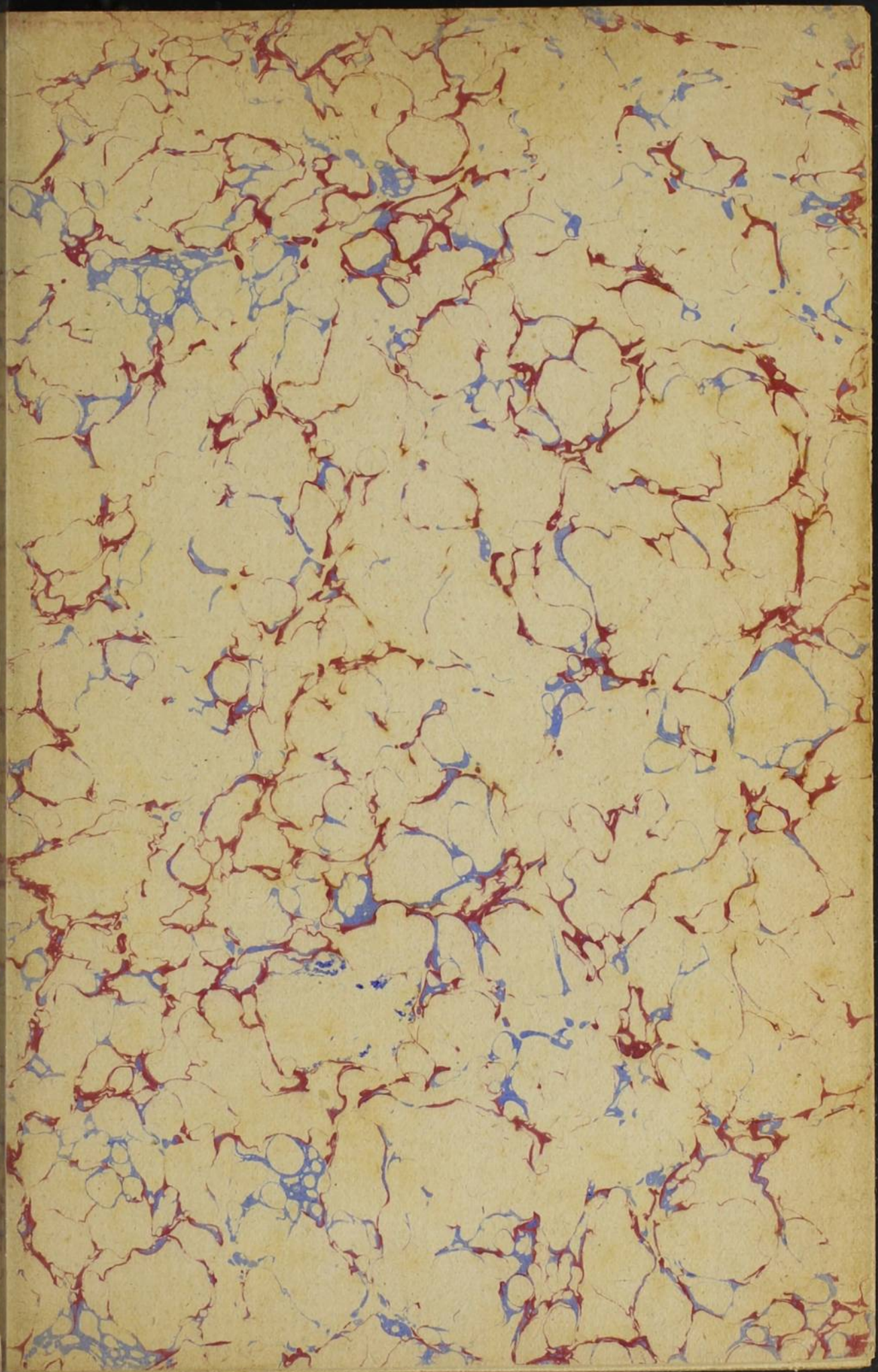
Rio de Janeiro
1946

17652






EX-LIBRIS
BORBA
MORAES
RUBENS BORBA
ALVES DE MORAES



PUBLICAÇÕES DA ACADEMIA BRASILEIRA

Coleção Afrânio Peixoto

I — LITERATURA

Florilegio

da

Poesia Brazileira

ou

collecção das mais notaveis composições dos poetas brazileiros falecidos, contendo as biographias de muitos delles, tudo precedido de um

Ensaio Historico Sôbre as Lettras no Brazil

TOMO III



RIO DE JANEIRO
1946

FLORILEGIO
DA
POESIA BRAZILEIRA

TOMO III

PUBLICAÇÕES DA ACADEMIA BRASILEIRA
Coleção Afrânio Peixoto

I — LITERATURA

FLORILEGIO
DA
POESIA BRAZILEIRA

ou

collecção das mais notaveis composições
dos poetas brazileiros falecidos,
contendo as biographias
de muitos delles,

tudo precedido de um

ENSAIO HISTORICO SÔBRE AS LETTRAS NO BRAZIL

TOMO III



RIO DE JANEIRO
1946

A Academia Brasileira de Letras não é responsável pelas opiniões manifestadas nos trabalhos assinados em suas publicações oficiais.

FLORILEGIO

DA

POESIA BRAZILEIRA

OU

COLLECÇÃO DAS MAIS NOTAVEIS COMPOSIÇÕES
DOS POETAS BRAZILEIROS FALLECIDOS,
CONTENDO AS BIOGRAPHIAS
DE MUITOS DELLES

TUDO PRECEDIDO DE UM

ENSAIO HISTORICO SÔBRE AS LETTRAS
NO BRAZIL.

TOMO III.



MADRID
IMPRENSA DA V. DE D. R. J. DOMINGUEZ.

1853.

A' venda no Rio de Janeiro em casa de
EDUARDO & HENRIQUE LAEMMERT
Rua da Quitanda N.º 77.

Fac-simile do frontespício da edição princeps *do Tomo III do "Florilégio" — 1853.*

PREFACÇÃO

DESTE TERCEIRO TOMO

O inesperado acolhimento que receberam do Publico os dois primeiros voluminhos desta obra, imperfeita como saiu, nos obrigou tanto, que nos propozemos a melhoral-a, logo que isso nos fosse possivel. E ainda que o meio mais commodo fôra o de fazel-o na futura edição, como é natural que ella (que Deus sabe se chegaremos a emprehender) tarde ainda annos, decidimo-nos a dar á luz este terceiro tomo, e pedimos ao leitor que o receba, senão com tanta indulgencia, que bem a necessita, como os dois primeiros, ao menos sem muito desfavor. Ao que for benigno e justo equivale a pedir justiça.

Aos leitores menos benevolos não pediremos nada, nem daremos aqui satisfações; pois estamos persuadidos de que para a maledicencia ellas só servem de alimento. Para prova basta dizer que houve um praguento, Deus lhe perdoe, que poz em duvida se era da lingua portugueza ou gallicismo (!), o vocabulo — florilegio, — porque casualmente o não encontrou alfabetado no seu canhenho. O termo é originalmente latino; e tanto bastaria para merecer perdão quem ousasse apresental-o; porém alem de latino, é êlle muito e muito portuguez, e não só

o abonou modernamente Filinto, mas é tão classico (no sentido que costumamos dar a essa palavra) que o título de um livro impresso em Coimbra em 1656 é o seguinte: — *Primeira Parte do Florilegio Espiritual*. — E este livro de Fr. Faustino da Madre de Deus é justamente um dos que a Academia das Sciencias de Lisboa sancciona como seiscentista de cunho para abonar as palavras de nosso Diccionario, e Moraes o cita na lista dos autores que publica na sua introducção.

Madrid, Dezembro de 1853.

BENTO DE FIGUEIREDO TENREIRO ARANHA

BENTO DE FIGUEIREDO TENREIRO ARANHA (1)

Ao Coronel Manuel da Gama Lobo de Almada, Governador do Rio Negro, e Commissario Principal da quarta Divisão das Demarcações.

I

Em quanto a baixa adulação, sem pejo
Contrafazendo o rosto macilento,
Com vãos ornatos, com postiças côres,
Em público se mostra;

---

(1) Nasceu Tenreiro Aranha na villa de Barcellos do Rio Negro em 1769, e falleceu no Pará em 1811. — Deixou-nos umas allegorias dramaticas, alguns sonetos, muitas odes, alem de varios discursos em prosa. Das suas composições não perdidas fez seu ilustre filho uma edição (Pará 1850) com o titulo de *Obras Litterarias*. É deste livro que aproveitamos as duas odes que offerecemos neste logar.

[Nasceu em 4 de setembro de 1769 e faleceu em 11 de novembro de 1811. Por decreto de 13 de maio de 1806 foi provido na serventia vitalícia do ofício de escrivão da Mesa Grande da Alfândega da cidade do Pará, com a obrigação de satisfazer os donativos e mais encargos impostos no mesmo ofício. — *Gazeta de Lisboa*, de 7 de junho de 1806.

— Veja sua biografia pelo Cônego Januário da Cunha Barbosa, *Revista do Instituto Histórico*, II, ps. 257/260.

Em quanto offr'ce corrompido incenso
Nas aras da forçada dependencia,
Com mão venal e torpes simulacros,
Que vê que estão presentes;

Em quanto do vicio prostitue seu canto
O Vate indigno do sagrado Pindo,
Sacrilego turbando as puras aguas
Da limpida Hyppocrene,

Eu celebro a virtude, ao Gama louvo,
Ella só, ella é digna dos meus versos;
Vamos sinceros coroar de louros
De um digno Heroe a fronte.

Ó doce Muza, minha casta Muza,
Hoje que isenta das crueis torturas,
Que o plectro teu ás vezes tem forçado,
Sonora e livre cantas,

Hoje, soltando as encolhidas azas,
Entregue unicamente a teus desejos,
Sem fadiga e violencia, vai voando
Serena e socegada.

Debalde intenta o impavido Amazonas
Espumante e feroz embaraçar-te,
A negra hirsuta fronte sacudindo;
Mas tú irás constante,

Apezar das correntes, a despeito
Da grão distancia, e d'horridos desertos,
Ao Gama illustre offerecer capellas,
No Guajará tecidas.

Suas *Obras Poéticas*, dedicadas por seu filho João Batista de Figueiredo Aranha ao Imperador D. Pedro II, foram publicadas no Pará, em 1850. Sua bibliografia resume Sacramento Blake, *Diccionario Bibliographico*, I, ps. 398. — R. G.].

ó Gama, ó tu d'Heroes nome preclaro,
Em toda a idade, nos oppostos climas,
Este tributo aceita, que á virtude
Se deve em toda a parte:

Bem como o grande lucido planeta,
Que do ceo nos envia a luz brilhante,
Assim mesmo de longe resplandeces,
De lá meus olhos feres.

Mas qual das tuas cantarei primeiro?
Que portentos, que raras maravilhas!
Se qualquer d'ellas fatigar ainda
Verei épica tuba;

Verei, verei, se as muzas luzitanas,
Mais justas, ou mais bem favorecidas,
Deixando assumptos vãos, amor sediço,
Cajados e cabanas,

O divino furor, o plectro eburneo
Em mais nobres empregos occuparem,
E aos altos feitos dos varões famosos
Cantando eternisarem:

Não foi o Grego Achilles, e o Troiano
Eneas, Godofredo, nem aquelle,
Que de Ad'mastor dobrou a cerviz dura.
Mais dignos que este Gama,

Ora te veja sobre o patrio Tejo,
Ora nos muros Tingitanos, onde
A escolla sempre foi dos nobres Luzos;
Mas tu lições lhe deste:

Tu desde o berço conduzido foste
Pela mão da severa heroicidade,
Que a clara fama oscurecida deixa
Dos Reg'los e Fabricios:

Foi elle, é elle o que guardando intacta
Da honra, e da palavra a fé sagrada,
Escuta ó Roma;... mas aqui de assombro
A muza se suspende;

Se a voz do sangue, e a voz da natureza,
Se os horrores da morte não te abatem,
Invicto Gama, que poder teriam
Os mesmos da fortuna?

Somente do dever, e só da gloria
Os dictames escutas prompto e docil,
Só buscas a virtude, embora sejas
Feliz ou desditoso;

Embora a vil desgraça te ameace,
Arreganhando os verde-negros dentes,
Crescem, soff'rendo os furacões de Eolo,
Os corpulentos troncos;

Aos grandes homens os trabalhos provam,
Só ao merito ataca a torpe inveja;
Mas, qual firme rochedo, o varão forte
Despreza as furias bravas:

Do público louvor a voz sincera
O vinga, e galardoa nobremente,
E do Principe justo a mão sublime
Os premios lhe prepara:

Já por elle estimado e distinguido,
De um modo singular e relevante,
Te entrega uma das chaves, e a mais forte,
Do paraense Imperio;

Já novos louros a colher te envia,
Do Matapi nos campos, onde Marte,
Minerva e Ceres justamente gratos
Louvores te tributam.

Ora inspirado o bellicoso genio,
Ora polindo barbaros costumes,
A abundancia levaste, a qual apenas
Lá te não viu, se ausenta.

Mas onde, aonde te detens, ó muza,
Se em tão vasta carreira a méta buscas?
Da patria, inda que rude, a vóz suave
Já grata nos convida;

Vamos n'ella cantar Almada illustre,
E a lyra, a nova lyra fabricada
De hum tronco, que nascêra nos seus bosques,
Se bem que desditoso.

Qual devido tributo consagremos
No theatro maior dos seus louvores
Ao genio creador que torna claras
Do Rio Negro as aguas;

Que os aridos desertos fertiliza,
Que promove a cultura de seus campos,
E dos seios profundos desentranha
Incognitos thesouros:

Olha longas campinas, que té gora
Somente bravas feras habitavam,
De repente (ó que bens aqui diviso!)
Cobertas de manadas;

Olha a madre commum agricultura
Como florece á sombra do seu braço!
A industria, novas fabricas, prodigios,
Quem pode numera-los?

Como em tão breve tantas maravilhas
Fazer podeste! Mas as densas trevas
N'um momento dissipa a luz brilhante,
Faz tudo um grande genio.

Já da abundancia a cornucopia rica
Derrama ali seus dons; qualquer daquelles,
Que partecipam do teu almo influxo
Os seus effeitos sentem;

Os seus effeitos contam, nas distantes
Remotas praias, as longinquas gentes
De nobre inveja, de alto assombro cheias,
Assim clamar eu ouço;

Povo, que logras tanto bem, tal glória,
Ó povo venturoso, mas cem vezes
Mais venturoso aquelle peito heroico,
Que a tantos faz ditosos;

Que illustre só nasceu para que fosse
Benigno e virtuoso juntamente,
Que o seu poder com beneficios mostra,
Que manda, sendo amado;

Que o rapido fervor de um zelo ardente
Regula sabio, placido dirige,
Que ao seu principe, e povos igualmente
Sustenta co'as mãos ambas:

Eu vejo, eu vejo o Rio Negro ufano
Empolado e risonho despresando
Tardos socorros, que de fonte extranha
Pedia e supplicava;

Em si mesmo, ou no peito inhexaurivel
Do seu próvido chefe agora os acha,
Vale mais que um thesouro um'alma grande
É Gama o seu recurso.

Eu vejo, eu vejo... cem leões soberbos
Fugir, deixando o território luzo,
Sem desastres e sangue, só ao nome
De Gama esclarecido:

Quanto fizeste!... Mas não deve a muza
Temeraria exceder os seus limites
Reconditos mysterios divulgando
Que ao vulgo são defezos.

Já sobre as ondas do Uaupés medonho,
E do Chié remoto vai surcando,
Não em fortes baixeis de altiva pôpa,
De cem canhões possantes,

Não entre fidas, numerosas tropas
De luzitana gente valerosa;
Mas só de poucos desleaes, seguido
Inertes frouxos peitos,

N'um fraco lenho vai o novo Gama,
(Est'outro vencedor de nome eterno)
Não só por mares nunca navegados,
Desconhecidas terras;

Mas tambem por sertões inaccessiveis,
Horrorosos desertos ensilvados,
Horriveis monstros, indomaveis gentes,
Mais feras do que as mesmas;

Brutos selvagens, que de Adão apenas
As feições mal conservam já truncadas,
E que, de humano sangue sequiosos,
A natureza espantam;

Por varios climas, onde a morte habita
Nos estagnados lagos denegridos,
Que corruptos vapores exhalando
Da Estyge ali rebentam;

Por tenebrosos antros, e profundas
Tétras cavernas, onde a noite reina,
Entre espectros e horrores, rodeada
De lugubres morcegos;

Os mais viventes, té as mesmas feras
Ali não chegam; e segundo contam
Antigas tradicções, a poucos passos,
Encontra-se o Cocyto;

Por trabalhos em fim de immensos modos,
No mar, na terra insolitos perigos
Da vida, da pessoa e liberdade,
Além dos que não digo;

De viboras crueis, de infestas pragas,
Da crua fome, e devorante sede,
Da incommoda nudez, e da maligna,
Mirrada enfermidade.

Tudo venceste, insuperavel Gama;
Bem como Alcydes e Theseo venceram;
Porem elles não viram o que viste,
Horrendas catadupas;

Scylla e Carybdes não merecem nome
Apár daquellas, que inda muito distantes,
Sem vistas ser, as carnes arrepiam,
Co' temeroso estrondo

Dos horridos rebombos, que afugentam
Aos seus coviz os brutos espantados,
E os nadadores peixes ao seu centro
Fugindo, asylo buscam;

Milhões de furias do profundo abysmo
Nas agitadas ondas transformadas,
Bem como ardentes legiões que animam
A fervida peleja,

Mas duas rochas furibundas batem,
Volvem, desfazem rigidos penedos,
Entre bramidos e urros, vomitando
Serras de raiva e espumas,

Que ora parece que escalar intentam
Os altos céos, ou já com força incrivel,
Com rapido despenho revertendo
Até o Averno descem:

Aqui, aqui, ó barbara desgraça,
Que mal, que grande mal nos preparavas!
Se o anjo tutelar do Rio Negro
A pátria não salvasse;

A figura tomando de hum soldado
Depressa acode ao Gama esclarecido
Que a largos sorvos na funerea taça
Das parcas já bebia:

Graças te damos immortal vivente,
Por tanto bem, mil graças te rendemos;
E tú, dos Luzos ó rainha excelsa,
De longe estende a vista,

A ver trabalhos, que por ti suporta
O melhor dos vassalos, o mais digno
De sustentar a glória do teu sceptro
Em tão remotos climas;

Que a tantos males, e perigos tantos
Se expõe por te servir unicamente,
E faria ainda mais por teu respeito,
Se mais querer podesses;

Que descobertas uteis te offerece,
Empresas, que ainda aqui nenhum tentára,
Serviços d'alto preço, se outro preço
Quizera de os ter feito.

Porém que grande inopinada scena
Se mostra agora aos olhos meus suspensos,
Que immensa multidão surgindo vejo
Desses sombrios bosques?

Dos montes descem já cobrindo as praias
Mil corpolentos vultos bellicosos,
De tangas, de pennachos adornados,
E de urucú tingidos,

Que a brutal desnudez pouco disfarçam
Onde é somente natural o pejo,
Os mais barbaros incolas do globo,
Que cria a zona ardente,

O Mond'rucú feroz que todos temem,
E se de ouvil-o fica o Mura frio,
Á guerra usado, e ao sangue, que derrama
Dos craneos, em que bebe;

Quaes feros Hunos innundando a terra,
Ou como alluvião de grandes aguas,
A toda a parte, em todo o tempo levam
O susto, o horror e a morte:

Mas já deixada em fim a atrocidade,
Mansos e meigos vejo vir chegando,
E as taquáras fataes, ervadas setas,
As massas e os carcazes

Aos pés depôr com reverente aspeito
Do claro heroe da America, do forte
E raro vencedor, que a lei lhes dicta,
E as almas lhes vencera;

As almas, que tégora não podéram
Indomitas soffrer extranho jugo,
Olhando com rancor a trinta lustros
As quinas sacrosantas;

Já, sobre a mãos eterna paz lhe juram,
Leal obediencia; e só por elle,
Por seu respeito, perdoar promettem
A toda especie humana.

Eis, luza Soberana, as novas gentes
Que Gama, o nobre Gama te offerece,
E ao paraense imperio dilatado,
Já livre de temores,

Uteis amigos, duplicados braços,
Com que extrahir da terra os seus thesouros,
Em cidadãos pacificos trocados
Os mesmos bravos tigres.

E tu religião do céo mandada,
Que n'esta acção tiveste a melhor parte,
Eis os novos prosélytos e filhos,
Que ao seio teu se aggregam:

Tu dirigiste a mão, que os conquistára,
Os meios lhe inspiraste de ti proprios
Sem ferro e fogo, (ó nova maravilha!)
Sem lagrimas nem sangue,

Que Gama poupa só de sangue aváro
Alheio, e não do proprio que despreza,
Pois ama os homens, só detesta o crime,
Só teme a Deus, que adora;

A fé guardada a terna humanidade,
Liberal, generoza, inexhaurivel,
Os planos e os recursos do seu genio
Sublime e poderoso,

As armas foram, que vencer poderam
Estes de bronze tresdobrados peitos,
Virtudes, que, sem outras, bastariam
Á gloria do seu nome.

Eu vejo ainda, ó quadro precioso!
Eu vejo o seu heroe co'as mãos benignas
Ir elle mesmo socorrer propicio
A miseros enfermos;

Elle é sensivel, grato e compassivo,
O meu heroe não é de pedra dura,
Por humano consegue a melhor croa
Que aos semideoses orna:

Prostrado o vejo aos pés da Divindade
Os seus troféos humilde offerecendo,
Co'a mais sincera e solida piedade,
O mundo edificando.

Modelo em tudo ao resto dos humanos
Tambem de heroe christão merece o nome,
Este nome tão raro em nossos dias
Fataes, tempestuosos:

Tremei, tremei, incredulos profanos,
Almas vis só de estupida materia,
Que de espiritos fortes o vão nome
Buscaes no crime e no erro,

Que os olhos fitos sobre o baixo lodo,
Se os levantaes ao céo algumas vezes,
É só para insultar a mão potente,
Que o semeou de estrellas;

Insensatos, tremei, que um braço forte,
Um genio vasto, impavido e sublime,
Vos confunde melhor com seus exemplos,
Que quanto Huécio prova;

Desta fonte celeste a força tira,
Que o firme passo intrepido lhe guia
Sem ella não conheço heros completo,
Só ella immortaliza.

E vós divina, singular e illeza,
Immaculada mãi, do empyreo glória,
A quem Gama, com votos reverentes
Consagra eternos cultos.

Vós, a cujo supremo e doce nome
Este illustre mortal reconhecido
Templos erige, altares off'rece,
Magnifico e devoto;

Patrona digna de um heroe piedoso,
Melhor que as falsas fabulosas deosas
Do filho de Pelêo, do astudo Grego,
E do Troiano errante,

Vós prosperae seus dias e successos,
Que sobre as firmes azas da virtude,
Passando além do templo da memória,
Irão além dos astros.

Ao Sñr. João de Mello Lobo, quando naufragou nos baixos da Tijóca, á entrada do Pará.

II

Em vão dos bravos ventos combatido,
Bramar se vê na praia o mar irado;
As furias não abrandam os bramidos
Do denodado Boreas!

Em vão quem da desgraça sente o golpe
Geme, clama, lamenta, desespera,
As lagrimas não curam a ferida
Do penetrante ferro.

De que serviu áquelle, que os presados
Haveres viu roubar-lhe a fatal cheia;
Da cabana, que os Deoses lhe guardam,
Derribar as paredes?

Se a fazenda se vae, existe o nome,
Se um e outro, ainda resta a doce vida:
Cede todos; porém, rindo da sorte,
Alma nobre lhe fica.

Com ella ficam livres as virtudes,
Que o fazem feliz ou desditoso;
Embora diga o vulgo cego e rude
Aquelle é desgraçado.

Não será, certamente, se conserva
O leme da razão, que da tormenta
Seguro o tornará, forçando o remo,
Ao porto da fortuna.

Infeliz o que a perde, que turbado
Das rotas vélas, dos quebrados mastros
Ás vagas em tumulto se abandona
Dos empolados mares.

As vagas das paixões que nos figuram,
Em um mal aparente, um mal eterno,
Quando piloto sabes, que sucede
A calma á tempestade,

Que da rapida roda, o raio ardente,
Que rasga, que revolve a dura terra,
Não descança no chão, ligeiro sobe,
E procura outro ponto.

Se em extrema desdita te ponderas,
Espera, amigo, espera nova sorte,
Não afflijas os céos, se das maiores
Desgraças não padeces.

Que disseras, se os olhos entreabrindo
Entre mãos argelinas, vis cadeas,
Perdida a liberdade, a patria, o sangue,
Te viras sem amigos?

Oh que amizade, a candida amizade
É santelmo nos mares da fortuna:
Feliz aquelle que, mudando as scenas,
Os amigos descobre.

Não digo que gracejes ao aspecto
Dos pacotes rolando sobre as ondas;
Dos tristes companheiros em derrota,
A ermitões reduzidos.

Nem quero que presumas serviria
Em sorte igual meu animo de exemplo:
Eu te mostro o caminho, que encuberto
Te tinha cega mágua.

Apára a força da cruel pancada
Em escudo de heroico soffrimento,
Quem de Christo as bandeiras segue firme,
Quem por homem se tem;

E qual viçoso delphico loureiro,
Que ora soffra do inverno o sopro frio,
Ora aperte o verão, não perde a galha,
Não murcha, nem abate.

Assim deve ficar uma alma grande
Já nos máos, já nos prosperos sucessos,
Assim ganhar a crôa reluzente
Do mesmo louro feita.

JOSÉ ELOY OTTONI

JOSÉ ELOY OTTONI (1)

EPISTOLA

Ao P. Antonio Pereira de Souza Caldas

De um princ'pio, que o move, anima e nutre
Soprando a chama do aquecido engenho,
Batendo as aras da razão liberta
Desprende o vate a suprimida penna
Da força occulta, que lhe tolhe o rasgo
Não teme o vento rugidor, não teme
A nuvem grossa, que o trovão despeja;
Transpondo o espaço, que ás idéas obsta,
Navega afoito sobre o livre espaço.

---

(1) Nasceu Ottoni na actual cidade do Serro em 1764. Depois de estudar latinidade passou á Italia, donde tornou para Minas a reger uma cadeira de latim. Dahi a alguns annos voltou a Lisboa. — Regressando ao Brazil foi despachado official da secretaria da Marinha, e falleceu a 3 de Outubro de 1851.

[José Elói Ottoni nasceu em 1 de dezembro de 1764. Em Portugal foi secretário da poetisa *Alcipe*, ou D. Leonor de Almeida Portugal Lorena e Lencastre, Marquesa de Alorna, Condessa de Assumar e de Oeynhausen (1750-1839).

— Veja sua biografia in *Revista do Instituto Histórico*, XV, ps. 538/539 (2.ª edição); XXX, parte 2.ª, ps. 501/538, por Moreira de Azevedo, e LXV, parte 2.ª, ps. 343/346, por Nelson de Senna. Sua bibliografia, em Sacramento Blake, *Diccionario Bibliographico*, IV, 409/411. Grande parte de sua produção poética foi recolhida às Coletâneas de Januário da Cunha Barbosa e J. M. Pereira da Silva. — R. G.].

Não cuides Lilia qu'eu avance ousado
Alem da meta circunscripta aos vates:
Da patria amigo, o cidadão respeito,
Respeito as leis, a religião, o estado
Quando cheio de Apollo ás nuvens mande
Meus pobres versos, da desgraça filhos,
O mesmo numen, que os inspira e move,
Bafeja e manda, que inspirados devam
Partir de um ponto que no centro é fixo.
Salvando o golfão, que as paixões exhala,
Sem mancha, livre d'infecção, seguro
Do bafo crestador, que a mente empola,
Não sirvo ao premio da lisonja escravo;
Arrasto os ferros que os mortaes arrastam
Eu amo, ó Lilia, e se o amor é culpa,
De ser culpado não s'exclue quem ama.

Não zombe o sabio de me ouvir, attenda,
Escute o sabio a voz da natureza.
As plantas vivem, porque as plantas amam
Ao tronco unidas, quando os olmos brotam
Brotam as verdes, trepadeiras heras.
Não curva os braços verdejantes, ergue
Soberba o colo, demandando as nuvens,
A palmeira recebe, acolhe, afaga
Suspiros ternos que a saudade envia
No bafo meigo do amador distante.
Se o fido esposo, que de longe exhala
O suco ethereo, que vegeta e nutre,
Cedendo á força malfazeja expira;
A esposa, logo que a exhalar começa
Do fluido exhausto o deprimido alento,
Soquiosa pergunta, affavel pede
Noticia ao vento, que lhe nega e foge,
Não vive a esposa, quando o esposo acaba,
Perdendo a força nutritiva, perde
O vigor da união, que a enlaça e prende;
E do esposo chorando a perda infausta,
Convulsa treme, solitaria morre.

Reflecte, ó Lilia, nos purpueros gomos,
Fecunda prole do virgineo fogo,
Que accende o pejo da engraçada Flora.
Vê, como a força vegetal rebenta!
A aurora ha muito que bafeja o leito
Da florifera Venus, do engraçado
Formoso Adonis, que em consorcio unidos
Prestavam firmes os solemnes votos,
Qu'exige a prole de brincoens amores.
Depois que a tocha nupcial accende,
O purpureo hymineo dá vida ás flores,
Acode aos gomos, e rebenta o germen.
Não pára o fluido, os filamentos incham,
Rebenta o calis, e os amantes soltam
Do peito o aroma que perfuma os ares.

Oh santa, oh justa, oh sabia natureza!
Como é possivel desligar-se um ente,
Que á mesma especie do outro ente é unido!
Os volateis no ceo, no mar os peixes,
O pequeno reptil, o insecto informe,
Os entes do Universo... ou nada existe,
Ou cada especie á sua especie é unida.
E se um ente mais nobre existe, o homem,
Se ũa hydraulica mais sublime o nutre;
Qu'efficaz attracção, que força activa
Dispõem de um ente, que o autor dos entes
Manda que impede aos entes do Universo,
Não por orgulho, sim por excellencia
De um principio, que o move, anima e nutre.

LYRAS

I

Eu te adoro, meu bem; aos teus altares
Humilde eu mando arabico perfume,

Que em solta nuvem de enrolados globos
Ao throno chegue de propicio nume.
Mas ó presagio triste!
O Ceo negro troveja.
Roxo corisco fende o ar nublado:
E o corvo grasna do sinistro lado.

Acode, ó bella, se o teu astro brilha,
Se os nautas clamam — deusa, não te escondas,
Naufrago lenho sobre estranho pêgo
Vence atrevido as empolladas ondas,
A quem te implora, acode;
Eu, que assiduo te imploro,
Que os teus altares reverente vejo,
Serei... ó dôr! a fabula do Tejo?

Denso vapôr electrico discorre
Ingrata via sobre os tôrvos ares;
Manda que o meu batel naufrague
A mão, que enfreia e que serêna os mares.
De mal aceito culto
A reluctante chamma
Suffocada dos ais que amor desconta,
Não se apaga, não morre, ao ceo remonta.

Que eu toque a meta do despreso altivo,
Que eu banhe as faces de amargoso pranto,
Tu pódes conseguir; porém não pódes
Prohibir-me de amar; não pódes tanto.
De orgulhosa vingança
O peso não me opprime:
Se me desprezas, digam se te adoro
Os ais que arranco, as lagrimas que choro.

Este fragil batel, ás ermas praias
Do fulvo Tejo a tempestade lança,
O meu naufragio ao pescador aponte,
Depois de calmo o vento, o mar bonança.

De livido despojo
Os caracteres leia.
Mostrem-lhe o caso de inexperto amante
A rota quilha, o remo fluctuante.

O echo, que o teu nome repetia,
Quando o teu nome ao echo eu ensinava,
Ferindo agora lugubres accentos
Repete o mesmo, que elle então cantava.
E quando entre suspiros
O queixoso amador
— Analia... Analia — diz — vem a meus braços:
Retumba — Analia — sobre os vitreos paços.

As tagides de pejo confundidas,
De susto o pescador arrebatado,
Ouvindo — Analia — ficaram suspeitos,
Qual muda rocha d'outra rocha ao lado.
E mal a negra noite
Estende o manto escuro,
Viram piar ao sitio sobranceiras
Nocturnas aves, aves agoureiras.

Tempo virá, que vendo procurado
Sobre ésta praia algum vestigio humano,
O naufragio de amor dê nome á praia,
Fique a praia do tardo desengano;
E os ultimos fragmentos,
Que á posthuma lembrança
A mão fraterna de piedade ajunta
Irão jazer no templo de Amathunta.

Perdoa, ente de amor, se a formosura
Ingrata sempre ao coração responde;
Ou não existe o Creador influxo,
Ou se o creaste, dize-nos, aonde?
No peito de uma ingrata
Jamais existe amor.

II

Da innocencia e da candura
Scintilla o foco brilhante;
Arde a tocha fulgurante
Que symbolisa hymineo:
Acodem risos de Venus,
Em grupo graças e amores,
Da terra abrolham as flores,
Goteja orvalho do ceo.

Recostado o rio ameno,
Que fecunda estas campinas
Vai retratando as boninas
Sobre o liquido cristal.
Dos augustos ascendentes
Falta o doce, patrio abrigo!

De oliveira tronco antigo,
Falta o leito nupcial!
Aos ardores com que o sol
Tinge a côr da zona ardente,
Suppre o animo innocente
Do moço braço e gentil:
Banha o lucido cruseiro
Novo gráu de claridade
Aos effeitos da saudade
Suppre a gloria do Brazil.

Eis a esposa... Como é pura!
Entre as virgens como é bella!
Eis o heroe, que é digno della!
Já brilha a estrella do sul:
Ao vêr o rosto suave,
Que mitiga a Iberia o pranto
Desdobra Thetis o manto,
Bordado d'oiro e de azul.

É mais bella do que o ramo,
Que jámais as flores perde,

Aonde insecto auriverde
Brilha junto ao caracol;
É mais gentil do que o cedro,
Quando a casca o germe empola,
Mais inocente que a rola,
Quando geme ao pôr do sol.

Abre o caminho á virtude,
Gradas espigas lhe lança,
Ao regio lado a esperança
Bafeja fructos de amor;
Sente a America o preludio
De movimento suave,
Que nas mãos lhe põe a chave
De imperio culto e maior.

Volvendo os fastos de Lysia
Entre os mysterios, que adora,
Ha muito um riso d'aurora,
Este successo prediz;
O natalicio, que o Tejo
Inda recorda saudoso,
Foi annuncio pressuroso
D'este consorcio feliz.

Na belleza do Universo
Formam as leis da harmonia
Simplicidade, alegria,
Que nascem do coração.
Ás núpcias da natureza
O mar e a terra assistiram
Todos os entes sentiram
As leis geraes da attracção.

Assim na infancia priméva
Que o pintor do Eden cantava,
Por entre as flores raiava
A innocencia do jardim;
Como um arroio abundante,

O mel e o leite corria,
O genio da paz tecia
Festões de murta e jasmim.

Eis o berço de verdura
E assucena matisado,
N'este sitio affortunado,
Que o Eden o par descantou!
De ouro e purpuras fulgente
A natureza vestiu-se.
.....
.....

III

Por mais que a lyra eu ajuste,
Por mais que as cordas affine,
A voz da lyra enrouquece,
O som das cordas não tine.

Immortal filha de Jove,
Para que me deste a lyra?
Si o teu vate as cordas fere,
Em vez de cantar, suspira!

Apenas ajusta o canto,
Unido ao som do instrumento,
Treme a voz, e a mão cançada
Manda o som disperso ao vento.

Se à força dos ais, que arranco,
Solto um ai do peito fóra,
O echo não me responde,
E quando responde, chora.

Queres que a mente inspirada
Se occupe de amantes queixas?

E o canto alegre dos hymnos
Se torne em tristes endeixas?

Um genio os passos me guie
Sobre os campos matisados
De frescos lyrios, que, ao longe,
Pareçam grupos nevados.

IV

Josino a Pastora
Que adoras, é bella?
— Não é tão formosa
De Venus a estrella. —

Os olhos despedem
Viveza e calor?
— São mais poderosos
Que as settas de amor. —

Pois ferem, pois matam,
Dizei-me, o que sentes?
— Não matam, não ferem,
Mas são eloquentes. —

Os olhos que exprimem,
Que podem fazer?
— A uns fazem magoa,
E a outros prazer. —

E logo figuram
Dois raios que ferem?
— Figuram brilhantes,
Que fallam, se querem. —

Dizei-me, das faces
A côr é mimosa?

— É um mixto de neve
Com folhas de rosa. —

Tal vez de artificio
Proceda a mistura?
— Pastora innocente
Não ama a pintura. —

Se as faces desmaiam;
Depois não melhoram?
— Desmaiam de susto,
De pejo se coram. —

A côr de seus labios
Mudança não sente?
— Não mudam de côr
Rubins do Oriente. —

A bocca tem todos
Os dotes precisos?
— A bocca é thesouro
De graças e risos.

E os dentes parecem
De jaspe ou marfim?
— Excedem n'alvura
Da Italia o jasmim. —

Figura-lhe o collo,
E o seio descreve.
— É um golfo de amores,
Duas ilhas de neve. —

Os braços, que são?
Responde, Pastor.
— Porções de alabastro,
Cadeias de amor. —

O gesto, a figura,
O talhe é garboso?

— Tem mais gentileza,
Que o cedro frondoso. —

Que seja o retrato
Tal, eu não creio.
— A origem não mente,
Do céo é que veio. —

Se o nome lhe occultas,
Eu mais não prosigo.
— Prosegue; o seu nome...
Perdoa, não digo. —

Ao menos impresso
Não tens no cajado?
— É sobre o meu peito,
Que o tenho gravado. —

V

O ceo, — quem é que não sente? —
Quiz a bem da humanidade,
Que fosse a maternidade
O sacerdocio de amor.
Deu-lhe a voz do sentimento,
Os affectos da ternura,
Deu-lhe o dom de creatura
Semelhante ao Creador.

Se vinga o fructo, que nasce,
De ternos suspiros seus,
Então se assemelha a Deus
Na imagem, que reproduz.
Que dignidade! Estremecem
Os Anjos, a natureza,
Vendo a origem da nobreza
Tão discreta como a luz.

E cabe ao ente mais nobre
No seio de amor nutrido,
Roubar ao recem-nascido
O que a ternura lhe deu!
Assim no embate violento,
Que o mundo moral sentia,
Fugiu do centro a harmonia,
E nas trevas se escondeu.

Lá se escuta ao som do vento
Na solidão pavorosa
De uma noite tenebrosa
Um innocente gemer...
Que tigre de raça humana
No maior agastamento
Pode ouvir este lamento
Sem jamais se enternecer?

N'este recinto innocente,
Onde amor com as graças lucta,
Pois que a miseria se escuta,
Este clamor escutei:
"— De que nos serve a existencia?
"A mão que pode dar vida,
"Se torna sempre homicida,
"Se do interesse faz lei.

"Pequeninos... no regaço
"De calor desconhecido,
"Expostos...! —" E n'um gemido
Esta voz emmudeceu.
Novo clarão de esperança
Que abre o genio bemfazejo,
Por quem chora e vive o Tejo
Sobre o recinto desceu.

Exultai, ó pequeninos,
Aurora de novo dia
De longe vos annuncia
O da existencia prazer.

Sentireis calor tão puro,
Como o sol, quando enche os vales.
Á noite de antigos males
Nova luz vai succeder.

Lyra, se a Augusta Princeza,
Que tu cantas e eu contemplo,
Nos mostra a seu lado o exemplo
De ternura maternal...
Este argumento é mais nobre,
Que o teu som pequeno e rude,
Elle descobre a virtude,
Que liga o bem social.

SONETOS

I

Quando o genio de Lysia á foz do Tejo,
Mostrando a espada e loiro aos pés do Throno,
Tropheos de luza gloria arranca ao somno,
Em qu'a Europa jazia, oh dor! sem pejo;

Quando filha de amor, mãi do desejo,
A saudade em pranto, em abandono
Vendo o berço de heroes, patria, sem dono,
Das cinzas fez brotar valor sobejo;

Quebrou-se o nó, qu'a frouxa Europa atava;
E o Brazil vendo o Principe, qu'adora,
Vem, Princeza, a teus pés depôr a aljava.

Feliz o Tejo então, feliz agora!
Se então era feliz quando gozava,
Agora é mais feliz quando te chora!

II

Sonhei, Marilia, que com tigo estava
Que o terno Honorio alegre me dizia:
Meu pai! apenas este nome ouvia,
Suspenso nos meus braços o apertava.

Que a pequena Eduviges reparava
No meu semblante: como que sorria;
Que os braços amorosa me estendia
E que eu chorando as faces lhe beijava.

Antes Marilia, o sonho eu não tivera!
Nos braços da saudade despertava,
Porém dor tão pungente não soffrera;

Sonhei, Marilia, o que antes não sonhara,
Pois passando de um gozo ao que não era,
Sem filhos, sem Marilia não me achava.

III

Marilia, mal formados caracteres
Apenas eu te envio; aos patrios lares
Uma cópia darás de meus pezares,
Um retrato de meus fieis deveres.

Vai oh carta feliz, não consideres
Que tens de atravessar soberbos mares!
E quando o paço de Marilia entrares,
Beija-lhe a mão formosa, se poderes.

De mim talvez Marilia se condoa...
Dize-lhe?! eu venho do formoso Tejo
Dize-lhe... oh! dor!... eu venho de Lisboa!

Quanto! oh carta feliz, quanto te envejo!...
Vai... arranca-lhe um ai magoado... vôa
Nas brancas azas de um feliz desejo.

IV

Era um sitio de rosas matizado,
Aonde amor depondo a penhe aljava,
Da terna mãi nos braços descansava,
Deposta a venda, o arco desarmado.

Apezar da estação, risonho o prado,
Risonha toda a natureza estava,
Por lei de Jove o tempo respeitava
Um dia que era a Venus consagrado.

O mesmo travesso suspendia
Da bocca o riso, quando a mãi formosa,
Afagando-o nos braços lhe dizia:

"Faz annos Carolina virtuosa,
"Vamos colher em honra deste dia
"Em Chypre a murta, em Amarantha a rosa."

V

Portuguezes! A nuvem tenebrosa,
Qu'offuscava a razão desaparece,
Desfez-se o cahos que a discordia tece:
Já se encara sem medo a luz formosa.

Dos erros a progênie maculosa
Baqueando em soluços estremece,
A justiça dos céos ao throno desce,
Marcando os fastos á nação briosa.

Lysia, berço de heroes, oh Lysia, alerta,
Cumpre que os ferros o Brazil arroje
Seguindo o impulso que a razão disperta.

A expressão de terror, desmaia e foge
Graças á invicta mão que nos liberta
Escravos hontem, sois romanos hoje.

VI

Sinistro agouro do mortal quebranto
No pavez andaluz erguia o brado;
O da Iberia leão como assanhado,
Rugiu, estremeceu de horror, d'espanto.

Perfidia e susto desdobrava o manto
Que envolve e aquece a purpura e cajado,
O Tejo sobre a urna recostado
Com a mão no rosto viu da Iberia o pranto.

Da virtude as primeiras corrompendo,
Rapido impulso de contagio forte
Em Lysia faz que soe o grito horrendo.

O furor da explosão ribomba ao norte,
E o Brasil, por salvar-se, a voz erguendo,
Proclama o grito "Independencia ou morte!"

VII

Para as poesias deste mineiro, que publicamos de p. 29 á 44 do presente volume servimo-nos de impressos modernos, que não concordam em tudo com as primeiras

edições, segundo a confrontação exacta que posteriormente fizemos. — Dessas primitivas edições possuimos quatro folhetos, a saber: 1.º "Poesia dedicada á condessa de Oeynhausen." — Lisboa, na off. Patr. 1801, 30 paginas 8.º; 2.º "Analia de Josino." — Em Lisboa, off. Patr. 1802, 30 pags. 8.º; 3.º "Drama allusivo ao caracter e talentos de M. M. de B. du Bocage." — Lisboa, imp. regia, 1806, 15 pags., 8.º — 4.º "Á Seren. Princesa de Beira Nossa Senhora por occasião do seu faustissimo consorcio, etc." — Rio de Janeiro, imp. regia, 1811: 16 pags. — A lyra I da nossa pag. 31 a 33 é a 2.ª da "Analia de Josino", e deve ter no fim mais os dois seguintes versos:

"Vindouros aprendei, que eu vos ensino,
Qual foi a sorte do infeliz Josino."

Na lyra II (pag. 34 a 36) dedicada á Princesa da Beira, devem ler-se depois das nove primeiras estrofes ou oitavas as duas seguintes, conforme a edição original de 1811:

Sae das mãos do Creador,
Como sae da obra o sello
O par, que fora modello
De sensação virginal.
No mesmo instante s'ouviram
Sabias leis da natureza,
Ligou-se amor e belleza
Com armonia social.

Era o berço de verdura
E assucenas matizado,
N'este sitio afortunado
Do Eden o par descançou:

De ouro e purpura fulgente,
A natureza se veste
O Paranympho Celeste
O Epithalamio cantou.

Na lyra IV (pag. 37 a 39), 1.ª da "Analia de Josino" faltam duas quadras: a 1.ª depois da 14.ª:

Se o todo é perfeito,
Em que base se move?
É sobre dois pontos
E a obra é de Jove."

A outra no fim da lyra, é como segue:

"O numen que adoras
Te abraza e consome;
Que é numen tu sabes;
Analia é o seu nome."

Na lyra III (pag. 36 e 37) ha tão notaveis variantes que preferimos reproduzil-a:

Por mais que á lyra me ajuste,
Por mais que as cordas affine,
A voz da lyra enrouquece,
O som das cordas não tine.
Immortal filha de Jove,
Para que me déste a lyra?
Se o teu vate as cordas fére,
Em vez de cantar suspira.
Apenas o canto ajusta
Unido ao som do instrumento,
Treme a voz, e a mão cançada
Dando o som disperso ao vento.
Se á força dos ais que arranco,
Sólto um ai do peito fóra,

O écco não me responde,
E quando responde, chora.
Queres, que a mente inspirada
Se occupe de amantes queixas?
E o canto alegre dos hymnos
Se torne em tristes endeixas?
Eis que abrindo o seio á nuvem
Rasga celeste clarão:
Sobre ardente espaço corre
Luminosa exhalação.
Os meus ultimos accentos
Se interrompem de um desmaio
Mais veloz, que a chamma ardente,
Inda mais veloz, que o raio.
Baixa então do Olimpo a Musa,
Desperta, me diz mortal,
Vê, que a força te protege
De mão sobre-natural.
Não desmaies, eu t'inspiro;
Se te fraquêa o valor,
Aqui tens na taça o nectar
Contra-veneno do amor.
Disse: mal empunho a taça,
Não gyra o sangue nas vêas
Tão violento, como gyram
Em borbotão as ideas.
O mago encanto, a beldade,
Que os meus suspiros accende,
Profane agora os decretos,
Que a mão de Jove despende.
Amor as trégoas ordena:
E do despojo, que ajunta,
Vai erguer troféos no templo
De Pafos e de Amathunta.
Um genio os passos me guia
Sobre campos matizados
De frescos lyrios, que ao longe
Parecem gruppos nevados.
Sob um docel de verdura
Tecido por mão campestre

Matrona de aspecto grave
Tinha a mão o livro-mestre.
Volvendo as folhas mostrava
Caracteristico emblema,
Que representa em figura
Das estações o systema.
Em grande circulo estavam
No plan'isferio indicados
Aquelles dias, que foram
Por mão de Jove marcados.
Solar agulha, que as horas
Reparte ao dia, apontava
O mais solemne dos dias,
Que o frio Inverno guardava.
Do livro annoso pendia,
Voltando a um e outro lado
A vista alegre e risonha
De um velho grave e rosado.
Até que em fim desatando
A voz o Numen Celeste,
De nova murta auri-verde
Toda a campina se veste.
Correi os reinos, que formam
Do meu poder a grandeza:
Correi (dizia a Matrona)
Os reinos da Natureza.
É curto o espaço, que tem
De meus dominios o nome,
Para gozar um prazer,
Que o tempo audaz não consome.
Hoje as virtudes remóçam,
Remóçam hoje os humanos,
A Natureza remóça,
Porque hoje Analia faz annos.
De aroma os ares se toldam,
Retumbam hymnos suaves:
E a ouvir-lhe o nome, estremecem
De gosto os peixes, e as aves.
As féras tornam-se humanas:
Como em penhor do que ouviram,

Os entes mudos se movem,
Os insensiveis respiram.
Todo em prazer embebido
Eu sinto impulso mais fórte,
Que vem quebrar as prizões
Do meu sublime transporte.
Formosa Analia, os teus olhos
Movem toda a Natureza:
Tu és o encanto de amor,
Tu és de amor a nobreza.
Mas dignos vates te cantem:
A minha voz é pequena;
E a musa, que m'inspirava,
Que cesse o canto me ordena.
Do verde loiro não quero
Por premio a fronte adornada;
Mór premio, Analia, seria
Beijar-te a mão delicada.

Do primeiro dos folhetos mencionados aproveitamos a seguinte:

IV

Cantata

Ao Dez. M. J. de A. T.

De soltas vagas, que batem,
Rebentam gruppos d'espuma;
De magoa o sangue costuma
Nas frias veias gelar.
Aonio parte, e saudoso
Josino fica a chorar.
Respira brando susurro
De rouxinol, que se queixa,
Do fulvo Tejo a madeixa
Começa o vento a espalhar.
Aonio parte, etc.

Prudente nauta suspira
Ao som de rouco trovão,
Varre o luso pavilhão
A superficie do mar.
Aonio parte, etc.

Da curva praia os delfins
Já vão puxando o batel,
Debalde um peito fiel
Pretende o pranto enxugar.
Aonio parte, etc.

Qual niveo cisne, branqueja
O solto pano infunado,
O lenho desancorado
Principia a manobrar.
Aonio parte, etc.

Enquanto nutre a amizade
De puros vótos o effeito,
Suspiros ferem o peito,
E a celeuma fére o ar.
Aonio parte, etc.

Os ais, que voam dispersos,
Em solto pranto involvidos,
Depois que vão, reflectidos
Vem ter ao mesmo logar.
Aonio parte, etc.

Ceruleo Numen encosta
Á tona d'agua a cabeça:
Manda ao noto, que adormeça,
Em quanto o Euro soprar.
Aonio parte, etc.

De pont'agudos rochedos
Desvia o toque inimigo
A mão, que marca o perigo,
Para o saber desviar.
Aonio parte, etc.

As brancas velas se allongam
Da foz amena do Tejo:
De incauto, ardente desejo
Começa o fogo a ateiar.

Aonio parte, etc.
Vai, affoito bergantim,
Contra o auspicio de Juno,
Ver nos braços de Neptuno
Fria Ursa resonar.
Aonio parte, etc.
Verás na zona crestada,
Que adusta ao trópico avança,
Aonde Thetis descança,
E Phebo vai repousar.
Aonio parte, etc.
Patente, aberta enseada,
Dos genios santos cortejo, (*)
Verás de gosto sobejo
Na curva quilha beijar.
Aonio parte, etc.
Verás, que ao filho de Themis
A toga apenas encara,
Humilde beija-lhe a vara,
Que recto deve empunhar.
Aonio parte, etc.
Mas oh! saudade cruel!
Por mais que a vista remonte,
Mal diviso no horizonte
Raza nuvem branquejar!
Aonio parte, etc.
Se acaso allivio procuro,
E a novo objecto me encosto,
Não vejo mais que desgosto,
Não vejo mais que pezar.
Adeos, Aonio: saudoso
Josino fica a chorar.

(*) A Bahia.

VICENTE DA COSTA JAQUES

VICENTE DA COSTA JAQUES (1)

Memento homo qui pulvis est, et in pulverem reverteris.

Soneto

Lembra-te, oh homem! que és de pó formado,
Fragil materia a quem destroe o vento;
És homem por effeito de portento,
Sendo homem serás em pó tornado.

---

(1) Consta que era natural de Itú. Tanto da poesia, como do individuo faltam-nos informações autenticas.

[Vicente da Costa *Jaques*, ou Vicente da Costa *Taques* (Góes e Aranha). Erro de imprensa — *Jaques* por *Taques* — em que os historiadores da Literatura brasileira nunca repararam, e que sòmente agora se revela.

Vicente da Costa Taques Góes e Aranha teria nascido na vila de Itu, cerca de 1749, porque, segundo declara, findou seus estudos de Filosofia de idade de vinte anos, e logo foi provido no ofício de juiz das medições da vila, por nomeação da Câmara, e provisão do Governador e Capitão-general da capitania de São Paulo Luis Antônio de Sousa Botelho e Mourão, Morgado de Mateus (1765-1775), e exerceu o cargo desde 1769 por cinco anos, até fins de setembro de 1775. Em 1777 serviu de juiz ordinário da vila por eleição de barrete, e em 1778, por eleição de pelouros; nesse ano fêz no Itu os funerais do rei D. José I com a maior pompa; em 20 de outubro de 1779 foi promovido a Capitão-mor daquela vila por patente do governador da capitania Martim Lopes Lobo de Saldanha (1775-1782), confirmada em 5 de de-

Séria experiencia te tem já mostrado,
Que deixas de ser homem n'um momento,
Ou já soffrendo de um longo mal violento,
Ou já de um leve sopro dissipado.

---

zembro de 1780. No exercício dêsse cargo, Vicente da Costa Taques prestou notáveis serviços, entre os quais o principal foi o de fazer capturar um grande quilombo nas estradas que seguiam para a província de Cuiabá, custeando tôdas as despesas da diligência. — (*Documentos biográficos*, Secção de Ms. da Biblioteca Nacional, C. 29 — 11).

Em 1780 casou com D. Alda Brandina de Cerqueira Melo, filha do guarda-mor Calixto do Rego Sousa e Melo e de D. Maria de Cerqueira Páis. — L. G. da Silva Leme, *Genealogia Paulistana*, IV, ps. 66, São Paulo, 1904.

Desse consórcio nasceram quatro filhos e uma filha, esta que veio a casar com o Sargento-mor de Ordenanças João de Almeida Prado; os filhos foram: Martim de Melo Taques Góes e Aranha, capitão de milícias; Bernardo Luis Gonzaga Góes e Aranha, capitão de ordenanças; Manuel Floriano Lara Góes e Aranha, professor de Gramática latina e Francisco Xavier de Lara Góes e Aranha, àquele tempo ainda não estabelecido. — (*Documentos biográficos* citados, C. 47 — 8).

Os dois primeiros eram senhores de engenhos bem principiados; os dois outros eram poetas, e suas produções se encontram juntas aos mais papéis de seu pai na Biblioteca Nacional.

Em agosto de 1822 Vicente da Costa Taques apresentou-se em São Paulo ao Príncipe D. Pedro. Afonso d'E. Taunay, *Annaes do Museu Paulista*, III, ps. 361/384, relata a cena do encontro entre os dois, o Príncipe não contendo um frouxo de riso ante o uniforme antiquado e espaventoso do capitão-mor, e este, como no caso de Araribóia com o governador Antônio de Salema, respondendo com dignidade: — "Saiba V. A. R. que com esta mesma farda, durante dezenas de anos, servi aos seus augustos pais, avós e bisavós." E retirou-se altivamente, obrigando D. Pedro, arrependido da grosseria cometida, a mandar pedir-lhe desculpas.

Por uma portaria da Secretaria do Estado dos Negócios do Império, de 11 de junho de 1823, foi recomendado ao Capitão-mor de Itu, de ordem do Imperador, que por todos os meios ocultos que estivessem ao seu alcance, procurasse conservar debaixo da maior vigilância ao Padre Diogo Antônio Feijó, ex-deputado pela província de São Paulo às Côrtes de Lisboa, por ser constante a S. M. I., que êle, aos sentimentos anárquicos e sediciosos de que

Que resta, oh! homem, pois? fitar a vista
No quadro, que te offrece a eternidade
E o céo só deve ser tua conquista,

Ama a virtude, detesta a impiedade
Olha que a morte muito pouco dista
E tens nas cinzas as provas da verdade.

Gloza

Creado o céo por Deus, creada a terra,
E separada a luz da sombra escura,
Creado tudo quanto o Globo encerra,
Em obra mais perfeita Deus se apura,
Na substancia de elevada serra
De que Deus organiza a creatura

---

era revestido, unia a mais refinada dissimulação, da qual sem dúvida resultaria grande perigo à tranquilidade e união dos povos daquela fidelissima comarca, se não se empregassem tôdas as cautelas na sua perniciosa influência; e outrossim, que informasse pela mesma Secretaria sôbre qualquer resultado que obtivesse de suas investigações. Em cumprimento dessa ordem, o capitão-mor declarou as providências tomadas e a vigilância que tinha exercido em em relação à conduta de Diogo Antônio Feijó, morador na vila, alvitrando que o govêrno fizesse sair dela o dito Padre, que devia ser chamado à Côrte, onde poderia reformar-se. (*Documentos biográficos* citados).

Afonso d'E. Taunay, no artigo *supra* indicado, transcreve uma interessante carta de Vicente da Costa Taques, datada de Itu, 6 de janeiro de 1812, ao Dr. Estêvão Ribeiro de Resende, o futuro Marquês de Valença, a qual acompanharam umas glosas de sua lavra poética, dedicadas ao nascimento no Rio de Janeiro, a 4 de novembro de 1811, do príncipe D. Sebastião, primogênito e único da Princesa da Beira D. Maria Teresa e do Infante de Espanha D. Pedro Carlos de Bourbon e Bragança.

Em setembro de 1823 Vicente da Costa Taques foi agraciado com o hábito de Cavaleiro da Ordem do Cruzeiro.

De seu retrato, pintado por Hercules Florence, possuem cópias os Museus Paulista e Histórico Nacional. Vicente da Costa Taques Góes e Aranha faleceu em Itu, a 12 de outubro de 1825. — R. G.].

De humilde barro foi Adão gerado,
Lembra-te, oh! homem, que és do pó formado.

No sopro, que lhe deu o Omnipotente,
Espiritos vitaes logo lhe inspira,
O que ha pouco era barro, é agora um ente
Com alma racional que o respira,
Mas seduzida Eva da serpente,
Soberbo, ser igual a Deus aspira
Perdendo a graça fica n'um momento
Fragil materia, a quem destroe o vento.

Esquecido do ser que recebera
Desobedece o homem desgraçado,
Então o bem conhece que perdera
E fica prizioneiro do peccado:
Á graça quer tornar que recebera;
Mas é já differente o seu estado.
Lamenta, Adão, o teu esquecimento!
És homem por effeito de portento.

Vês, oh homem! o pae, de quem descendes,
Por causa do seu crime suspirando
Que essa materia em que a alma prendes,
Pouco a pouco se vai aniquilando;
Olha os vicios crueis com que contendes,
Que a victoria feliz vão acclamando:
Attende ao teu destino decretado.
Sendo homem serás em pó tornado.

Da desabrida morte a mão mirrada,
Movendo a incurvada fouce dura,
Ou de sangue real a tem mesclada
Ou de pastor a vida desfigura;
A idade juvenil se vê cortada
Dissipa-se a velhice, que já dura
Que a morte não attende a sexo, e estado
Séria exp'riencia te tem já mostrado.

O sabio, o rico, o ignorante, o pobre
Sujeitos são ás leis da natureza,
Tanto vale o humilde, como o nobre,
Todos são concebidos na fraqueza;
A massa, que nos géra, e que nos cobre
É muito debil, falta de firmeza,
Não te fies na gloria, nem no augmento,
Que deixas de ser homem n'um momento.

D'uma pobre membrana produzido
É neste mundo o ente mais perfeito
Que sendo no peccado concebido
Aos males do peccado está sujeito;
Com pezados cuidados envolvido,
Combatendo perigo peito a peito
Acaba de repente entre o tormento,
Ou já soffrendo de um longo mal violento.

Infeliz condição, infeliz sorte,
A culpa original da especie humana,
Seja debil vergontea, ou tronco forte,
Seja planta rasteira, ou árvore ufana,
Tudo o tempo consome, assim a morte
Ao homem tira a vida deshumana,
Ou d'antiga molestia extenuado
Ou já de um leve sopro dissipado.

Mil imagens se offerece cada dia,
Que de caduco sêr te desenganam,
Em ti só póde ser louca mania
Se adoras ainda os idolos que enganam;
Piza aos pés com valor, com energia
Esses objectos vis que se profanam,
Alça os olhos ao ceo, pede te assista,
Que resta aos homens pois? fitar a vista.

Desordem, confusão, horror no inferno
No céu prazer e bemaventurança,
Ali duros tormentos e fogo eterno,
Aqui glória, que só o justo alcança,

Um pai amante, um Deus benigno eterno,
Um demonio que ostenta só vingança
Verás, oh! homem, tanta variedade
No quadro, que te offerece a Eternidade.

Os prazeres mundanos renunciai
Seus bens caducos, sua pompa e glória,
Os bens que são duraveis apreciai:
E risca o que periga da memoria:
Cresce a virtude em ti de dia em dia
Contra o inferno alcançarás victoria,
Traze os santos preceitos sempre em vista
E o céo só deve ser tua conquista.

Ostenta nos trabalhos paciencia,
Nos perigos constancia e fortaleza,
Observa, com uma cega obediencia,
O bem que inspira o auctor da natureza;
Não te afastes jamais da continencia,
Vê que ser peccador é vil baixeza,
Com ardor exercita a caridade,
Ama a virtude, detesta a impiedade.

Saude, robustez e mocidade
Illudem muitas vezes ao vivente,
E a lembrança feliz da eternidade
Nos mundanos é pouco permanente:
Não te engolfes, oh! homem, na maldade,
Contricto te arrepende; e penitente
Entra de novo a celestial conquista
Olha que a morte muito pouco dista.

O marcial guerreiro que assolára
A ferro e fogo o campo inimigo,
O afouto navegante, que buscára
Diversas regiões por mil perigos;
O philosopho sabio, que ostentára
Os systemas dictar a seus amigos
Acabarão. Mortal! é curta a idade
E tens nas cinzas as provas da verdade.

Fr. FRANCISCO DE PAULA SANTA GERTRUDES
MAGNA

Fr. FRANCISCO DE PAULA SANTA GERTRUDES MAGNA

Encomio poetico ao conde dos Arcos

Quu sonoro clamor, que som jucundo
Será este, que atroa e espanta o mundo?
Que aligeira matrona tão formoza
É esta que diviso magestosa?
Sobre os eures voando accelerada,
De auriferas perpetuas coroada?
Da linda côr do céo toda vestida,
Com brancas, niveas azas guarnecida?

[O Padre-mestre Frei Francisco de Paula de Santa Gertrudes Magna era português, natural do Pôrto (não da Bahia, como geralmente se acredita). Monge beneditino da Província de Portugal, foi pregador e mestre de Retórica no mosteiro de Tibães, de sua ordem. Passou a América, deixando os grandes interêsses pessoais, que tinha na côrte de Lisboa, para buscar meios mais aptos de socorrer sua mãe viuva e quatro irmãs e tôda a sua numerosa família, que por um terrível revés da fortuna precisavam do seu benefício (*Documentos biográficos,* Secção de Ms. da Biblioteca Nacional — C. 836 — 16).

Conventual no mosteiro da Bahia, passou para o Rio de Janeiro, cerca de 1813. Faleceu nesta última cidade, em 3 de novembro de 1833. — Conf. *O Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro,* ps. 224/225, Rio de Janeiro, 1927.

Sua bibliografia, in Sacramento Blake, *Diccionario Bibliographico,* III, ps. 83. — R. G.].

O rosto alegre, a roupa fluctuante,
E na dextra o clarim altisonante?
Ah! sim, tu és, oh bella, oh cara fama,
Vinde, povos, correi: ella vos chama:
Escutai os louvores, que publica;
Pois a tuba sonora á boca applica:
Admirai (vos diz ella em tom valente)
O mimo que vos manda o ceo clemente.
O varão a quem deu com primasia
O regimem excelso da Bahia,
É um sabio politico profundo,
Bem capaz de reger, dar leis ao mundo,
Um aulico varão de probidade,
Que acceitando das mãos da magestade
As redeas dos governos mais honrosos
Se ostentou em mil feitos gloriosos
Integerrimo, heroico, astuto, activo,
De si mesmo senhor, das leis captivo:
Um constante sequaz da recta Astréa,
Em cujo coração arde e se atêa
Do bem publico o zelo abrasador:
Um prudente, efficaz governador,
Que o feio crime pune com prudencia,
Quebra a espada homicida, o impio aterra,
Da calumnia mordaz a boca cerra,
Prende as avidas mãos do latrocinio,
E com altas, sublimes providencias,
As artes estimula, anima as sciencias,
Uteis planos na mente excelsa traça,
Do commercio os canaes desembaraça:
Augmenta as producções da agricultura,
E grangêa ao paiz alta ventura.
É dos povos um terno bemfeitor,
Dos tribunaes fiel moderador,
Que, regrando a leal auctoridade
Pela recta balança da equidade,
Cinge a corôa á virtude, enfrêa o vicio,
Faz a terra ditosa, o ceo propicio.
É o conde illustrissimo dos Arcos
O magnanimo, o inclyto dom Marcos...

Aqui a fama a voz tanto forçou,
Que entre as mãos a trombeta lhe estalou.

Mas que genio, que vate sublimado,
Na castalia corrente inebriado,
Cantar póde um louvor assáz honroso
A tam sublime heroe, tam glorioso?
Ah! Que não tenha eu a melodia,
Com que o Tracio cantor penhas movia!
As indomitas feras amansava,
Os troncos e montanhas arrastava!
Altos muros, cidades erigia,
E no horrido averno suspendia
A tristeza, o terro, a confusão!
Mas se um simples furor, se a indignação
Promptos versos dictou a um Juvenal;
Não fará hoje em mim effeito igual
O justo amor de um merito sublime,
Que da fama o clarim ao mundo exprime?
Sim, afoito a meu plectro a mão lançando,
E sem timido pejo a voz soltando,
Como echo da fama eu principio
Do grande heroe o debito elogio.

Se um prudente varão, que assim governa,
Se faz digno de glória sempiterna,
E ter deve por seu merecimento
No templo da memória um alto assento,
A paz desses heroes, raios de Marte,
Que por terra, ou por mar, em toda a parte,
Animosos, por entre mil perigos,
Arrostando da patria os inimigos,
Com mavorcio valor os derrotaram,
E com glória o seu nome abrilhantaram:
Se das musas o canto mais pomposo,
E da patria o louvor mais glorioso
Gosar deve um heroe justo e prudente,
Que os povos rege sabia e destramente,
Vós, musas immortaes, estros divinos,

Vinde, vinde inspirar-me excelsos hymnos;
Que engrandeçam, que elevem com espanto
O sublime varão, que eu hoje canto.

E vós, divino Apollo, ardente nume,
Que os vates inflamais no sacro lume:
Vós, auctor da canora poesia
(Arte excelsa, que em metrica harmonia
Com brilhantes, altissimos conceitos
Dos heroes eternisa os grandes feitos,
E co'magico assento dos seus hymnos
Os caducos mortaes torna divinos)
Prestai-me o vosso plectro harmonioso,
Com que possa cantar o nome honroso
Deste chefe exemplar nos seus governos
Que o ceo já destinou para reger-nos.

Mas que scena brilhante se me off'rece!
Que deidade a meus olhos apparece!
Apollo de Camenas rodeado
N'um carro brilhantissimo, tirado
Por valentes frisões, socios de Ethonte,
Lá desce do castalio, excelso monte,
A sacra eburnea lyra temperando:
Sobre o nosso horisonte vem marchando.
Oh como vem tam bello e tam risonho!
Mas que vejo! Que é isto? Será sonho?
Não, não é illusão, não é engano.
Das Camenas o nume soberano,
Chegando a mim, com gesto gracioso,
Sustendo o veloz carro luminoso,
Me entrega o tetracordo temperado;
E deixando Calliope a meu lado,
Ao Pindo se recolhe velozmente,
Seguindo a lactea via refulgente.
Que dita o sacro Apollo me segura!
Calliope a meu lado... Oh que ventura!
Vinde, vinde, pacificos Bahianos
Restos nobres de antigos Lusitanos,

Vinde entoar comigo um novo canto,
Que os dous orbes atroe, encha de espanto.
Eis a lyra celeste, aurea e sonora
Desse Deos immortal, que o Pindo adora:
Ao som de tão melodico instrumento
Cantar o singular merecimento,
Desse conde, exemplar da humanidade,
Do throno arrimo, espelho da equidade,
Da nobresa esplendor, da patria lustre.
Que as virtudes herdou com o sangue illustre
De seus avós preclaros tão famosos,
Dos inclitos Noronhas gloriosos,
Que abrangem por divisa em seus brasões
Arrogantes castellos e leões
Como prole antiquissima e real
Dos monarcas de Hespanha e Portugal,
Stirpe excelsa de heroes recem-laçada
Com a egregia familia celebrada
Nos fastos hespanhoes e portuguezes,
Com a inclyta prole dos Menezes;
Cujo sangue por feitos illustrado,
Nos seculos remotos dimanado
Do alto e regio solio de Leão,
Correndo enlaçado em geração
Com o sangue preclarissimo e real
D'altos reis de Navarra e Portugal,
Ostentou seus influxos poderosos
Nos grandes Marialvas façanhosos,
Como a Hespanha assombrada viu mil vezes
No bravo dom Antonio de Menezes,
Varão inseparavel da victoria.
Que o reino luzo encheu de immensa glória,
Heroe, a cujo nome poderoso
Teme o Hispano inimigo inda medroso;
Pois mil vezes na horrida campanha
A cerviz abateu da altiva Hespanha:
Já, qual raio veloz devastador,
Rompendo as linhas d'Elvas com valor,
E ganhando a campal, feliz victoria
Que seu nome esmaltou de eterna glória:

Já tomando de assalto em duas guerras
A Valença de Alcantra, e varias terras:
Já c'roando seus meritos preclaros
Na victoria alcançada em Montes claros,
Onde a Hespanha orgulhosa em fim vencida,
Suas armas depoz esmorecida.
Mas em vão, musa minha, as azas bates,
Se numerar pretendes os combates,
Em que as palmas colheram da victória
Estes e outros avós de eterna glória,
Que o tempo assolador aos pés calcando,
E da parca inflexivel triunfando,
Sobre as azas do grande e heroico exemplo
Subiram da memoria ao sacro templo.
Deixa, musa, do conde a glória herdada
Da sua alta ascendencia abrilhantada:
Não, não firmes jamais os teus louvores
Nas façanhas de seus progenitores;
Que o illustre brasão das grandes almas
"Não se deve tecer de herdadas palmas";
Nem o nobre esplendor do nascimento
Prestar póde immortal merecimento,
A mesma voz da candida verdade
Altamente nos grita e nos persuade
Que se o nobre por si nada merece,
Quanta mais honra herdou, mais se invilece,
Que sem virtude a egregia fidalguia,
A pezar da vã pompa e da ufania,
Com que a plebe grosseira e rude assombra,
Tem menos realidade do que a sombra;
Esta ao menos é um nada, que se vê;
Parece alguma coisa e nada é:
Mas a herdada nobreza sem virtude,
Que os esquentados cerebros illude,
É um nada enganoso, hereditario,
Só visivel no mundo imaginario.
Embora exaltem outros a grandeza
Dos soberbos fantasmas de nobreza,
Desses grandes do mundo, semelhantes

Áquelles altos montes arrogantes,
Sempre inuteis, estereis, sem cultura,
Que de grandes só tem a enorme altura:
Rudes massas bem dignas de desprezo,
Que a terra opprimem sempre com seu pezo,
E tornam com a sombra infructuosos
Os seus proximos valles espaçosos.
Eu jamais louvarei os brazões futeis
De algum desses varões á patria inuteis,
Que á sombra de seus troncos elevados,
No regaço da inercia reclinados,
As frontes cingem de vetustos louros,
E da patria desfructam mil thezouros,
Graças, titulos, honras e favores,
Merecidos por seus progenitores.
Durmam pois no profundo esquecimento
Os illustres varões por nascimento,
Que devendo deixar exemplos raros
D'altos feitos, de meritos preclaros,
Que resistam da parca ao duro corte;
Não deixam mais que pó nas mãos da morte.
Eu canto um conde illustre, egregio inteiro,
Nos governos heroe, de heroes herdeiro,
Que se grande saiu por nascimento.
Maior se fez por seu merecimento.
Sólta, musa canora, os teus louvores,
Fala: mas não suspende os teus clamores.
Fale o grande Pará, que inda saudoso
Do seu justo governo precioso,
Inda chora, ou lamenta inconsolavel
A sua infausta perda irreparavel;
Conservando nos gratos corações
Mil bellos monumentos, mil padrões,
Erguidos a tão caro bemfeitor
Pelas mãos do mais grato, ardente amor,
Monumentos mais fortes, mais seguros,
Q'os jaspes, q'os metaes, q'os bronzes duros.
Fale a côrte real americana,
Hoje assento da c'rôa lusitana,

Que ao clarão da lucifera exp'riencia
O viu mover com zelo e com prudencia
A fulminante espada da justiça,
Cortar da horrenda hydra da cubiça
As avidas cabeças pululantes,
Derribar torpes vicios dominantes,
E velar pelo publico socego,
Mostrando-se em tão alto, honrar o emprego
O mais bello exemplar dos vice-reis,
Eficaz zelador das patrias leis.
Cante em fim seu louvor em tom jucundo
A Lysia, o Portugal, o Novo Mundo,
Onde brilhando voa e se derrama
Sobre as aras altisonas da fama
O nome de um heroe tão exemplar,
Que no governo vem resuscitar
As virtudes heroicas, eminentes,
Que ostentaram seus nobres ascendentes:
O quarto, o preclarissimo dom Marcos,
Sexto conde, com titulo dos Arcos,
Varão douto, politico e profundo
Capaz de dirigir os reis do mundo;
E o nobre dom Rodrigo de Menezes,
Honra e glória dos grandes portuguezes,
Varão digno do credito immortal.
Q'inda tem nesta vasta capital,
Onde restam brilhantes monumentos
Da piedade exemplar, zelo e talentos,
Que tanto no governo o distinguiram,
E de esplendida glória o revestiram.
Alegra-te, Bahia, exalta a frente;
Pois verás em teu seio brevemente
Um heroe, que reune os altos meritos
De tantos ascendentes benemeritos,
Já do trono emanou a escolha justa,
Já o conde osculou a mão augusta.
A Lysia americana o viu saudosa,
Entrar na regia náo, que já vaidosa
C'o thesouro riquissimo, que encerra,

O curvo ferro guinda, larga a terra,
E já soltando aos euros todo o panno,
Vem sulcando este tumido Oceano,
Que debaixo da curva e ferrea quilha
Co'pezo deste heroe geme e se humilha.
Mas que ouço? Que salvas estrondozas
Retumbam n'estas margens espaçosas?
Alviçaras, Bahia, que é chegado
O teu governador tão suspirado.
Já na barra se avista a náo possante,
E sobre o mastro a flamula volante:
Já os fortes por bocas de canhões
O salvam com belligeros trovões.
Ao crebro trovejar do bronze ardente
Acode alvoroçada a incauta gente.
Que scena já diviso tão vistosa
Nesta vasta metropole famosa!
Exultam com razão seus habitantes;
O prazer resplandece nos semblantes.
Que novo, que geral contentamento!
Tudo vejo em acção, em movimento:
Soam vivas, repiques festivaes,
Ouço caixas, trombetas marciaes,
A cujos valentissimos accentos
Marcham destros, armados regimentos,
Formados em bellissimas fileiras,
Arvorando as belligeras bandeiras.
Já corre o senado com presteza,
O clero, os magistrados, a nobreza
A receber com splendido aparato
O conde excelso em tão plausivel acto.
Já corre o povo á praia furioso
A ver o novo chefe tão famoso,
Que em brilhante escaler já fluctuando
Á ribeira espaçosa vem chegando.
Apenas salta em terra, me parece
Que logo o vicio esqualido estremece;
Que o solido immortal merecimento
Ergue a frente humilhada, cobra alento,
Descobrindo o Mecenas mais zeloso

Nesse chefe illustrado e poderoso,
Que entrando vem com vivas festivaes
Ao travez das fileiras marciaes.
Que alegre comitiva tão pomposta
Adorna a sua entrada gloriosa!
Apoz delles empunhando a nua espada
Vem marchando a policia dezejada.
Com ar severo e passo magestoso
Vem Minerva, qual astro radiozo
As luzes da sciencia derramando,
E com vivos fulgores dissipando
Da profunda ignorancia a noite escura,
A seu lado lá vem a agricultura
Coroada com mimosas, lindas flores,
Offertando risonha aos moradores
Doces fructos, que a terra amena cria.
A prudencia, que o conde excelso guia
A palacio já chega: e por cautela,
Qual vigilante astuta sentinella,
Ás virtudes entrada livre deixa:
Mas com provida mão as portas fecha
Á lisonja, ao suborno, ao despotismo,
Á mole impunidade, ao fanatismo.
A vil adulação vendo-se expulsa,
Logo ardendo em furor, brava e convulsa,
Dos frivolos adornos se despoja,
E por terra iradissima os arroja.
O suborno, ministro da cubiça,
E fatal corruptor da sã justiça,
Á vista de tão recto e justo conde,
Deixando os tribunaes, triste se esconde.
Astréa, que banida se supunha,
Erguendo a fronte airosa, a espada empunha,
Sustentando na mão com segurança
A legal e rectissima balança.
A solicita industria vigorosa,
Pondo a inercia em fugida vergonhosa,
Desvelada correndo por mil partes,
Uteis fabricas ergue, anima as artes,

Como astuta, engenhosa directora:
Ao som da sua voz despertadora,
O ocio inerte, filho da preguiça
E o somno despertando s'espreguiça,
E gemendo se esconde na espessura,
Deixando os ferteis campos sem cultura.
Tudo toma um aspecto mais brilhante
No sublime governo dominante...
Mas aonde por mão archipotente
Me vejo arrebatado incautamente?
Que nympha de immortal, gentil belleza,
Na mão levando a nivea tocha acceza
Por entre pavorosa escuridade,
No templo me introduz da eternidade?
Ah! sim, tu és, linda Almathea,
Sybilla oriental, casta cumea,
Que a meus olhos, rasgando o véu escuro,
Me apresentas no quadro do futuro
A grande soteropole famosa
Gozando a idade d'ouro preciosa,
Cantada por mil vates eminentes
Em seus versos canoros, eloquentes,
Oh que emblemas no quadro edificante
Diviso á luz da tocha cintilante!
Ali vejo Bellona furiosa,
Preza ao carro da paz victoriosa,
E de um lado a policia dominante,
Conduzindo a pompa triunfante
Pela dextra a risonha urbanidade.
Mais ao longe a brutal barbaridade,
Fugindo de temor com passo incerto
A entranhar-se nas brenhas de um deserto,
De outro lado o commercio enriquecido,
De rogaçante purpura vestido,
Entornando com seu robusto braço
Da Bahia no candido regaço
A curva cornucopia de Almathea,
Do mais puro, estimavel oiro cheia.
No centro do painel, que se m'off'rece,

Vejo á vivida luz, que me esclarece,
Os Bahianos polidos já contentes
Engolfados em brincos innocentes,
Desfructando a mais doce liberdade
Entre os braços da amavel sociedade.
Uns à sombra dos troncos mais frondosos,
Comendo bellos fructos saborosos,
E com liquido nectar deleitavel
Mil saudes fazendo ao conde amavel.
Outros juntos nas placidas campinas
Já tecendo-lhe c'roas de boninas,
Já cantando á porfia os seus louvores,
Levando até ás nuvens seus favores,
Sobre as azas sonoras da harmonia
Nos mais vivos transportes de alegria:
Todos abençoando com ternura
O benéfico auctor de tal ventura.
Vejo emfim... Mas que velho venerando
Nos penetraes do templo vem entrando?
Com habitos de cynica pobreza,
E na mão a lanterna traz acceza?
Será este o Diogenes famoso,
O cynico arrogante, que orgulhoso
Aos pés calcava o fausto de Platão?
Sim, é elle, que o palido clarão
Da esqualida lanterna levantando,
Com estoica irrisão vem contemplando
Dos guerreiros heroes mais valerosos
Os celebres triunfos sanguinosos,
Pintados por destrissimos pinceis,
Nesses amplos magnificos paineis,
Que guarnecem de pompa respeitavel
As paredes do templo veneravel.
Já perto vem de mim com ar estoico:
Já vê com reflexão do conde heroico
O regimem benefico, espantoso
No quadro do futuro mist'rioso:
Mas apenas do alto do painel
Vê do conde o retrato mais fiel;

Exclama, em alegria transportado,
"Eis o homem por mim tão procurado!"
E curvando a cabeça reverente
De um sopro a luz apaga de repente.
Aqui tudo a meus olhos se escurece,
Toda a grata visão se desvanece.
Ó bom conde, que bens tão preciosos
Augurais aos Bahianos venturosos!
Oh mil vezes feliz, ditosa gente,
A quem o ceo envia um tal presente!
Tomai pois nessas mãos industriosas
As redeas do governo magestozas.
Não pareis na carreira edificante,
Em que a passos velozes de gigante,
Correis ao sacro templo da memoria
Coberto de brilhante, immensa glória.
Realisai, pr'enchei os grandes planos,
As bellas esperanças dos Bahianos,
Que sensiveis a tantos beneficios
Lá nos tempos vindouros mais propicios
Taes padrões erguerão á vossa glória,
Q'immortal vos farão na lusa historia:
E por bocas de egregios oradores,
Da eloquencia espargindo os resplandores,
Levarão vosso nome á eternidade
Sobre as azas da candida verdade;
E se faltam do Pindo altos cantores,
Que vos possam tecer dignos louvores;
A gratidão fecunda dos Bahianos
Crescerá vates destros, soberanos,
Que nas chamas de Apollo radioso
Accendendo o seu facho luminoso,
Farão patente aos olhos das nações
Das suas brilhantissimas acções
O quadro magestoso, e verdadeiro,
Que de espanto encherá o mundo inteiro.
Eu mesmo em refulgentes, gratos hymnos,
Vossos feitos de eterno aplauso dignos,
"Cantando espalharei por toda a parte,
"Se a tanto me ajudar engenho e arte."

A D. Fr. José de Santa Escolastica, bispo de Pernambuco

I

Que nova! que eleição! que regia escolha!
Transportado em prazer já tomo a lyra:
Estros, numes, camenas, inspirai-me;
Fazei que eu hoje destro as cordas fira:
Descei, vinde ensinar-me um novo canto,
Que ao mundo inteiro cause assombro, espanto.
Mas a lyra sem uso em pó envolta
Não modula, não forma altos accentos:
Trazei, musas, de Apollo a eburnea cythara,
Ou essa de Anfion, que enfrêa os ventos,
Que os troncos arrebata, eleva muros,
Que retumbe nos seculos futuros.

Não canto empresas,
Valor, nem arte
De heroes valentes,
Raios de Marte,
Que até ao Orco o Cérbero atterraram
E Caronte de susto affugentaram.
De Pallas préso
A sabia mente
Mais do que a Pallas
Armipotente.

II

Ah! se correr podesse a Lactea via,
Dando um salto veloz de'sfera em'sfera,
Lá desses altos mundos luminosos
Com a voz do trovão gritar quizera,
Desta sorte chamando ao orbe attento
Em favor do mais são merecimento:
Cegos amantes de pomposos nadas,
Cessai de honrar fantasmas da grandeza;

Venerai na sciencia e na virtude
A verdadeira, a sólida nobreza.
Que o meu sublime heroe caracteriza
E no templo da glória o eterniza.

Assim dos astros
Bradar quizera,
No orbe inteiro
Soar fizera.
Uma regia eleição, um premio justo,
Que honra a sciencia, a virtude, o throno augusto.
Mas que altos vivas
Sólta Ulissea
Que prazer novo
Se patentea!

III

Ó tu, Porto feliz, honra dos Luzos,
Thesouro immenso de talentos raros,
De Jozinno immortal patria ditoza,
Canta alegre os seus meritos preclaros,
No brilhante esplendor d'excelsos hymnos
Acompanha os varões benedictinos.

Ordem de heroes, jardim, onde nasceram
Mil flores de virtude egregia e santa,
Mina de tantas joias, que luziram
Sobre a c'roa da igreja sacro-santa;
Festeja, exulta, applaude a feliz nova,
Que a tua glória antiga se renova.

Do alto empyreo
O grande Bento
A fronte excelsa
Inclina attento:
Ao 'splendor, que do numen reverbera,
Fitando os olhos na terrena esfera,

Que alegres scenas
Ali não topa
Sobre o theatro
Da vasta Europa.

IV

Lá divisa na Roma um filho, um chefe,
Qu'o Eterno escolheu dentro em seus claustros,
Para reger da igreja a barca mystica
No furor das tormentas e dos austros:
Lá vê para outros filhos destinados
Mitras, baculos, purpuras sagradas.

Vê tambem com prazer no luzo imperio
Raiar um novo dia luminoso,
Nascer da glória antiga a bella aurora
Na eleição de um pastor, d'um filho honroso,
De quem Bento parece gloriar-se,
Se a glória, que possue, pode aumentar-se.

Ligeira fama,
Ah! voa, voa,
Por boccas cem,
O mundo atroa.
Retumbe nos dois polos com teu brado
O louvor de um varão tão sublimado,
A quem premêa
Com honra justa,
Cingindo a mitra
A mão augusta.

V

Eu vejo, eu vejo a fama abrindo as azas,
Seu rosto alegre, a roupa fluctuante,
A dourada madeixa aos ventos solta,
A na dextra o clarim altisonante,

Com veloz rapidez cortando os ares,
Voando a Pernambuco sobre os mares.

As praias divizando emboca a tuba,
As faces incha, córa, o brado soa,
Retumba nos palacios e cabanas,
Os campos e cidades despovoa,
Todos correm ao som dos seus clamores,
Assombrados escutam os seus louvores.

Ouvi, (diz ella
Com tom valente)
O dom, que baixa
Do ceo clemente.
O pastor, que vos manda a Providencia,
É o modêlo, o prodigio de eloquencia,
Que espanta, enlêa
Tudo arrebata
A quem nomeam
Lingua de prata (1).

VI

Sua voz, nos effeitos espantosa,
É luz das mentes, freio das paixões,
Grilhão do vicio, germe da virtude,
Iman de affectos, norma das acções,
Torrente impetuosa e sal da terra,
Horrisono trovão, que o impio aterra.

O Minho, a Beira, a Lysia, o Reino inteiro
Louva o sabio pastor que eu hoje canto.
Esse regio orador, gloria dos Bentos,

(1) Assim lhe chamou o serenissimo senhor D. Gaspar, arcebispo primaz, a primeira vez que o ouviu annunciar a divina palavra, e por este mesmo nome foi d'ahi em deante nomeado, e conhecido em toda aquella provincia, e ainda fóra della.

Que jámais desprendeu sem novo espanto
A voz divina, o grito da verdade
Na presença da augusta magestade.

Seu novo emprego
Sua eleição
Foi simples obra
Da rectidão.
Não é, não é mercê, que ao regio ouvido
Dictasse a protecção de algum valido,
Seu proprio merito
Foi o patrono
Que orou por elle
Aos pés do throno.

VII

De egregios mestres foi o mestre egregio,
Que no quadro geral da natureza
As luzes da razão soube indicar-lhes
Da sã filosophia a gentileza.
De ambages escholasticas despida,
E de quimeras vãs desenvolvida.

Sua mente engenhosa, aguda, excelsa,
Qual aguia magestosa aos ceos voando,
Sobre as azas da sacra theologia
No sol de gloria as vistas empregando,
Bebeu no seu 'splendor luzes tão raras,
Que as verdades obscuras tornam claras.

Em vão se cobre
De um véo modesto,
Seus dons transpiram
Seu porte honesto.
Brilha a honra, a candura, a singeleza,
Um sabio sem orgulho e sem fraqueza,
Da ordem lustre,

Da patria amante
Da igreja escudo
Do throno atlante.

VIII

Um censor, que luctando contra o erro, (1)
Tem sempre defendido e segurado
Com um braço o altar, com outro a c'roa,
Fazendo perecer junto a seu lado
Aos golpes da censura a má doutrina
Que sem strondo os ataca e os arruina.
Tão util com a penna ao regio throno,

Como o forte guerreiro com a espada
Da mitra episcopal se fez tão digno,
Quanto é de cingir a banda honrada
O bravo capitão, que na campanha
De esplendido suor as faces banha.

Mais alto emprego,
Canto mais raro
Assáz merece
José preclaro...
Seu nome proferi... que mais intento?
Dar não pode o clarim mais alto accento.
Estalou a tuba
Com tal clamor,
Dar-lhe não posso
Maior louvor.

---

(1) É incrivel o zelo, e disvello, com que se portou no emprego de censor: sacrificando a tão rude trabalho os dias, e as noites com espanto dos companheiros, e não menos utilidade publica.

MANUEL FERREIRA D'ARAUJO GUIMARÃES

MANUEL FERREIRA D'ARAUJO GUIMARÃES

Á morte de D. Rodrigo de Souza Coutinho, conde de Linhares

EPICEDIO

Non sibi, sed patriæ vixit, regique, suisque,
Quod daret, inde dives; felix numerare beates.

HORACIO.

Assim aguia veloz, cortando as nuvens
Vai de Phebo libar o lume eterno,
E dos mortaes os olhos assombrados
Seu trilho não rastejam.

[Nasceu na Bahia a 5 de março de 1777, filho de Manuel Ferreira de Araujo e de D. Maria do Coração de Jesus. Fêz os primeiros estudos na cidade natal. Afim de continuá-los seguiu para Lisboa, em 1791, e quatro anos depois matriculava-se na Academia Real da Marinha, cujo curso concluia em 1801, com tão boas notas que foi imediatamente nomeado lente substituto da mesma Academia, com a patente de 1.º tenente da Armada portuguesa. Voltou ao Brasil em 1808, ficando no Rio de Janeiro. Em 1811 passou a capitão do Corpo de Engenheiros e lente da Academia Militar, sendo promovido no mesmo ano ao posto de sargento-mor graduado, em que foi efetivado em 1813; em 1813, a tenente-coronel graduado e efetivado em 1818, passando no ano seguinte a coronel graduado. Em 1828 foi elevado a brigadeiro

Assim por Boreas bafejado o lenho
O salso campo de Neptuno lavra,
E debalde a saudade mesta espreita
Vestigios de momento.

Maligna inveja, alçando a face horrenda,
Ora entre os immortaes procura o justo,
Contra quem despediu com furia brava
A setta envenenada.

Coutinho sobre as azas da virtude,
Transpondo os astros, por vereda ignota
Á sedenta ambição, ao ocio torpe,
Encara a eternidade.

Com suspiros saudosos Lysia expressa
Da perda ingente o amargo sentimento,
E culpa em sua dor o ceo tyranno,
O ceo que lh'o roubára.

Fatal necessidade! lei soberba,
Que os perversos e os bons baralha injusta!
Que não possa esquivar-se á urna ingrata
O nome de Coutinho!

Levanta o veo, ó musa luctuosa,
Deixa da sepultura as frias margens,

---

do Imperial Corpo de Engenheiros, posto em que obteve reforma em 1831.

São vários os empregos e comissões que Manuel Ferreira teve no Rio de Janeiro, dos quais se desempenhou com grande inteligência e brilho. Foi redator da *Gazeta do Rio de Janeiro* e do *Patriota* (1813-1814), deputado da Junta da Tipografia Nacional, etc.; redigiu e publicou muitos trabalhos de sua profissão. Faleceu no Rio de Janeiro a 24 de outubro de 1838.

— Veja sua biografia por Antônio Joaquim Damásio, *Revista do Instituto Histórico*, VI, ps. 370/377.

Sua bibliografia, em Sacramento Blake, *Diccionario Bibliographico*, VI, ps. 72/75. — R. G.].

O heroe que merece os teus louvores
Da parca tu defendes.

Deixa á morte os despojos mentirosos,
E em firme mausoleo que o tempo insulte,
Da tua gratidão grava a lembrança,
E do varão a glória.

Ainda em verdes annos esgotava
Da sciencia os arcanos mais sublimes,
Espantou-se o Mondego dos talentos
Do segundo Bernoulli.

O Pado vê do zelo mais ardente,
E profundo saber nobres ensaios,
Emquanto da nação, da patria amada
Os direitos sustenta.

O Pado e o Doria viram ternos laços
Hymeneo apertar com bons auspicios,
E as chammas que accendeu nos firmes peitos
Jamais se entibiaram.

Já de Lysia feliz ao vasto imperio
Encosta os hombros com valor prestante,
Qual o robusto Atlante o globo immenso
Sustenta denodado.

Caudaloso Amazonas, Indo, Ganges,
Quantos do claro Tejo as leis recebem,
O collo inclinam ao monarcha excelso,
E o ministro respeitam.

Intrepida marinha arrostra os p'rigos,
Debella os inimigos, vence Eolo,
E de João á dextra entregaria
De Neptuno o tridente.

Mas não bastava que de Pitt a estrada
Trilhasse gloriosa: novo Cesar,

Emquanto algum rival vencer lhe falta,
Nenhum vencido julga.

Colbert, Richelieu, fracos modelos
Á sua imitação inda prestavam
O amigo de seu rei, mais que ministro,
Sully é seu exemplo.

Em fervidas procellas, entre escolhos,
Por miseros naufragios infamados,
Guia o ufano baixel seguro e forte,
As ondas não recêa.

Nuvem ligeira esconde agora o sabio,
Que brilhava, qual Phebo entre as estrellas,
Aos livros volve, aos livros companheiros
Na muda soledade.

Assim de Roma nos viçosos dias
Pequeno campo cultivava ledo
Illustre senador, que as leis dictára
Ao orbe amedrontado.

No clima que elle preza, clima ingrato,
O amor da patria desenvolve extremo,
Da inteireza escudado e da verdade,
Que o berço lhe embalaram.

As sciencias que fogem de Mavorte
Ao sanguinoso estrepito, se abrigam
Do throno de João sob os auspicios,
No Brazil venturoso.

As vedadas prisões quebra ao commercio,
Salta barreiras que a ambição defende:
Por vez primeira caudalosos rios
Sob a quilha se curvam.

Minerva e Pallas, em abraço eterno,
Juram da glória transportar á estancia

O ministro immortal que o bem do estado,
Não o proprio, desvela.

Mas onde, ó phantasia, onde te engolphas?
Onde da gratidão te eleva o fogo?
Ao pranto volve, ao pranto, que é devido
Ás cinzas de Coutinho.

Eu não temo pisar acesas brasas,
Quando á virtude o elogio teço:
Receio, sim, que as vozes da amizade
Suspeitosas pareçam.

Á inveja deixemos triste peso
Da sua confusão, do seu opprobrio,
O rubor que lhe tinge a baça frente,
Louvor é mais seguro.

A ausencia de Armia

O campo viçoso,
De flores juncado,
Em si esmaltado
O riso trazia.
Agora despido
Sem fresca verdura,
Só pinta a amargura,
Retrata a agonia.

Perguntas a causa?
Ausentou-se Armia.

O rio engrossava
Em agua abundante,
Soberbo, arrogante,
Das margens sahia.
Agora em segredo
Monfino já corre.

Parece que morre
A sua alegria.
Perguntas a causa?
Ausentou-se Armia.

O gado formoso
Alegre brincava,
Ligeiro buscava
A relva macia,
Agora espantado
Nos montes errando,
Tristonho balando
Pavor desafia.

Perguntas a causa?
Ausentou-se Armia.

As settas funestas
Lançava Cupido,
Nem Paphos, nem Guido
Mais ledo o não via.
Agora encerrado
Em ermo retiro,
Saudoso suspiro
Aos ares envia.

Perguntas a causa?
Ausentou-se Armia.

Ha pouco de um bem,
Que adora constante;
O bello semblante
O gosto infundia.
Agora em tormentos
Exhalando a vida,
A morte convida,
A morte tardia.

Perguntas a causa?
Ausentou-se Armia.

FRANCISCO BERNARDINO RIBEIRO

FRANCISCO BERNARDINO RIBEIRO

Epistola

É natura nos seus passos uniforme,
Nem chega ao topo quem não sobe a escada.

A aguia pequenina, quando quebra
Com o debil biquinho a casca do ovo,
Implume se apresenta á mãe cuidosa;

[Francisco Bernardino Ribeiro nasceu no Rio de Janeiro, em 12 de junho de 1815, filho de Francisco das Chagas Ribeiro e de D. Bernardina Rosa Ribeiro, e foi batisado na freguesia da Candelária. Fêz aqui seus estudos preparatórios e em 1830 matriculou-se no Curso Jurídico de São Paulo. Concluido o bacharelado em Ciências Jurídicas e Sociais, apresentou-se a defender teses para obter o grau de doutor, que sustentou em 7 de maio de 1835. Em seguida inscreveu-se em concurso para lente substituto, no qual foi unanimemente aprovado, sendo nomeado em 11 de janeiro de 1836. Era tão jovem, que os estudantes lhe chamavam o *Mestrinho*.

Foi o principal fundador da Sociedade Filomática, em 1833, e redator de sua revista, que alcançou alto conceito no mundo das letras, não só em São Paulo, como em todo o Brasil.

Aos vinte e dois anos completos falecia no Rio de Janeiro o Dr. Francisco Bernardino Ribeiro, e era sepultado no Convento de Santo Antônio.

— Veja sua biografia por Moreira de Azevedo, *Revista do Instituto Histórico*, XXXVI, parte 1.ª, ps. 188/196. — J. L. de Almeida Nogueira, *A Academia de São Paulo — Tradições e Reminiscências*, etc., sexta série, ps. 40/48; Spencer Vampré, *Memórias para a História da Academia de São Paulo*, I, ps. 185/188, São Paulo, 1924. — R. G.].

Não se ergue logo ás ingremes alturas
Do firmamento azul; nem desce á terra,
Qual raio ardente arrebatar a preza,
E arrancar-lhe co'as garras a existencia.
Cria co'o tempo forças, abre as azas,
Qual rio que correndo engrossa as aguas.
Desprega os vôos apoucados ora,
Ora subidos; fita em Phebo as vistas,
E tenta remontar-se até o Olympo,
Pois arde Jove ao lado, e arrebatar-lhe
Um novo Ganimedes: tal o vate
Agora Albano é, depois Elpinos.

Mas não commeces, Montaury, como usa
Gente de Lysia: quadras namoradas,
Insipidas canções, crueis idilios,
Magro soneto, cortesans bucolicas
São todo o esmero dos trovistas nossos.
Imita o Anglo excelso, o Gallo astuto,
E fitando na glória audazes vistas,
Canta a nobre virtude, acções preclaras,
Amor da patria, destemidos feitos;
Na lyra então não ouvidas vozes,
Sublime inspiração do estro divino.
Ou se o mundo real, tudo o que existe,
Te não esperta a mente, inflamma o espirito,
Da longa fantasia os campos ara;
Cria dourados palacios, frescas sombras,
Aprasiveis regatos, verdes campos,
Jardins amenos, deleitosos bosques;
Ahi rindo do mundo e das desgraças,
Que rebentam da terra, a par dos fructos,
Abre teu coração a novos seres,
E novas sensações gratas acolhe;
Zomba de invejas, de ambições, de fastos.
D'essa alma, que affeições doces formaram,
Verte rios de gosto, de delicias,
E de sensibilidade amavel, terna;
Esmalte o universo das bellezas,

Em que a mente borbulha; não, não percas
O germen que plantára a natureza.

Ahi tens o bello, o encantador Ovidio,
Que te dirija o passo, ahi tens o Ariosto,
Byron, Sterne, Garrett honra dos Lusos;
Segue seus traços, colhe seus exemplos,
São d'aureas ficções mestres peritos,
Oh! como ideiam n'alma mil venturas,
Glórias sem conto, innumeras delicias,
Oh! Como abandonando estes martyrios,
Que no mundo real nos atormentam,
Buscava benignos, placidos prazeres,
A que Urania gentil só nos convida!
— Que ditosos que são os que se entregam
Aos impulsos da mente, oh! quão felizes
Os que em delirio seus desejos passam!
Ri para elles o universo inteiro,
Suave sôpro de perpetuo zephiro
Consola os dias, refrigera os ares,
Limpa de nuvens carregada vida,
Descobre no horisonte sol doirado,
Manto de rosas pelo ceo desdobra.

Ó fantasia, ó doce encanto do homem!
Enlevo d'alma placido e contente!
Quem pudesse gozar quanto nos mostras
Com tuas magas variadas tintas!
Triste realidade da existencia
Quão longe estás de tão amenos sonhos!
Tu nos pintas quaes somos, quaes passamos
Esta vida de angustias e tormentos,
Que com ardentes lagrimas começa,
Que com saudosos prantos se termina!

O Algoz

Eu vi um homem!... Ou me illude a mente!
Que horror que eu sinto!... Homem!... não, era
Tranquillo fratricida,
Como podeste, ó monstro,
Aridos olhos attentar na victima,
Desfallecida, exangue?

Como podeste impavido roubar-lhe
Miseranda existencia co'os redobres
De angustias repetidas,
Sem o brado ouvires,
Que dentro d'alma rompe e clama — É homem
E homem desgraçado? —

Como o podeste sem arripiar-te
As carnes frio horror? Sem vêr diante
Squalido fantasma
Habitador dos tumulos,
Co'a mirrada mão prender-te os braços,
É teu irmão! — clamar-te?

Que é d'esse coração, que o sêr te alenta?
Inda palpita? Não. Quente de crimes
O sangue infeccionado
Dispara só arrancos,
E cada arranco ordena um attentado.
Deixaste-te de ser homem!

És aborto do inferno, ente perverso!
Nasceste apenas para ser vergonha,
Opprobrio da existencia;
É mais que tu ditoso
Aquelle, que arrojaste á sepultura,
Que suas mãos cavaram.

Esse ostentou furores desastrosos;
Mas não mostrou á face do universo,

Que surdo á natureza,
Já saciado tigre,
Em paz — com as garras meneava a morte
Para extinguir humanos.

As letras

Genio da patria terra,
Ó Musa do Brazil, canções me inspira!
Embebe esta alma em chammas,
A lyra americana me encordôa;
Ouçam meus versos posthumas edades!

Que espectaculo novo
Os confusos sentidos me alvorota!
Correm rios de sangue
Apóz volvendo corpos semi-mortos,
Cadaveres sangrentos arrastando!

A guerra ainda conquista
Para n'ermas terras, palmo a palmo,
Os echos, que ribombam,
São ainda hoje os gemidos da desgraça;
Os barbaros clamores da victória.

Não, que avidos meus olhos
Em vão procuram marciaes phalanges,
Que a morte commandava;
Em vão a fantasia encara horrores,
Que uns aos outros na mente se atropellam.

Diamantino cravo
Fixou o tempo á roda impetuosa
De antigos desvarios;
Sob a campa do olvido ferrolhadas
C'os crimes jazem gerações infames.

Eras d'atra memoria
Nem eu as já distingo; o baço lume
Que protegia o crime,
Ennuviou o sol da liberdade,
A cuja luz pimpolhos tenros brotam.

Eu os vejo, que surgem;
Audazes vistas para a glória erguendo,
Intentam conquista-la,
Despedaçados ruem baluartes,
Rompem d'aqui, d'ali, elle se rende.

Como os louvores ganhados
Em vez de sangue, só respiram honra,
Que lagrymas não custa!
Quão diversos que são tropheos de Apollo
Dos estandartes rotos de Mavorte!

Quando tuba guerreira
Os bellicosos animos incita,
As carnes se arripiam:
Contente folga a natureza, quando
Os sons das lyras ferem as estrellas.

Mas oh! que as palmas fogem,
Que a glória arrebatastes: sem constancia
Perde-la-eis para sempre:
Avante p'ra o combate, não percamos
Os bellos annos que ora desabroxam.

— Constancia — assim clamava
Quando rasgava o pavoroso abysmo
O Genovez ousado;
Quando a morte se erguia do Oceano,
De raio, de procella armado o braço.

Tambem ardor, constancia
Lhe abriu as portas do universo novo
Que d'agua á flôr rebenta,

A vaidosa cabeça aos ceos alçando,
A patria nossa, de Colombo a terra.

Sede novos Colombos,
Marcai nos fastos da Brazilia historia
Uma era memoranda;
Abri do immortal templo a porta augusta,
Arcanos descerrai té qui vendados.

Em vão se morda a inveja,
Em vão co'as proprias mãos lascere as visceras
Dispare atroz arranco;
Bafos de peste só corrompem corpos
Onde o veneno gyra pelas veias.

LUIS RODRIGUES FERREIRA

LUIS RODRIGUES FERREIRA

Á morte do senhor D. Pedro I

É morto, oh dor! o Duque de Bragança,
O fundador do brazileiro Imperio!
Seu corpo em paz no tumulo descança,
Folga sua alma lá no assento ethereo.
Viveu, em quanto os alicerces lança
Da liberdade em um e outro hemispherio;
Porém duram seus feitos na memória,
Gravados pela propria mão da glória.

[Luis Rodrigues Ferreira nasceu no Rio de Janeiro em 1813, filho de João Rodrigues Ferreira. Bacharel formado em Ciências Jurídicas e Sociais pelo Curso Jurídico de São Paulo, em 1834. — J. L. de Almeida Nogueira, *A Academia de São Paulo — Tradições e Reminiscências*, etc., sexta série, ps. 122.

Era morador e proprietário da Chácara da Saúde, no Rio de Janeiro, e requereu com seus irmãos José e Cândido, em outubro de 1851, a concessão de quatro penas dágua, não só para uso doméstico, como também para seu estabelecimento denominado Trapiche da Saúde, sendo a água derivada do encanamento público que passava pela rua da Saúde. Por despacho de julho de 1852 foi-lhe concedida uma pena. Era advogado, e foi juiz de paz do segundo distrito de Santa Rita, eleitor e vereador na Côrte. Alegando pertencer a uma família nobre e distinta, com bens de fortuna, pediu ao Imperador a graça de o nomear moço da Imperial Câmara, o que lhe foi concendido.— (*Documentos biográficos*, Secção de Ms. da Biblioteca Nacional, C. 777 — 28 e C. 781 — 1).

— Em relação à sua obra poética não há informação. — R. G.].

Brazileiros! mostrai nos peitos vossos
Humanos corações e não ferinos;
Chorae quem vos quebrou os grilhões grossos,
E buscou melhorar vossos destinos.
Pagae assim a seus illustres ossos
Tributos de respeito d'elle dinos,
Já que a Lysia tocou, que os guarda e acata,
A honra de os cobrir de terra grata.

Quem é que assim tão generoso abdica
Duas corôas da ambição na idade!
Só elle! a quem sobrava a que lhe fica,
Glória de dar aos povos liberdade:
Mas na morte alcançou outra mais rica,
Porque tanta virtude e heroicidade,
A devia ter só no ceo sublime,
E não na terra, habitação do crime.

Oh alma illustre! pois tantos cuidados
Cá na vida estes povos te deveram,
Roga a Deos, que remova os negros fados
Que os aguardam, depois que te perderam:
A fim de que vejamos conservados
Os dous thronos irmãos, nos quaes imperam
Tuas leis, para glória dos dois mundos
Com Pedro e com Maria, ambos segundos.

GLOZA

A Saudade

Solatium miseris socios habere.....

VIRG.

Que é isto Portugal! envolto em pranto!
Errante moves titubiantes passos!
Hirsuta a barba! e as cans soltas em tanto
Fluctuando nos tristes hombros lassos!

Tu, coberto de luto! e com espanto
Cruzados sobre o peito os froxos braços!
Ah! já sei a razão desta mudança:
* É morto, oh dor! o Duque de Bragança.

Oh vós tagides tristes! vós camenas,
Que prezidis ás nénias luctuosas;
Vós, que provais o fel das rudes penas,
Vós que em Lysia contestes (1) dessas scenas
De dor, e d'afflicções nunca extremozas;
Ajudae-me a chorar neste hemispherio
* O fundador do brazileiro imperio.

Patria minha, oh Brasil; chora comigo
Esta perda fatal! sim, Pedro é morto!
Perdemos n'elle um pai, um terno amigo,
Orfãos todos estamos, sem conforto,
Em quanto o mundo inteiro um firme abrigo
Da Liberdade, n'elle encara absorto,
Sua alma arfando em glória aos ceos avança,
* Seu corpo em paz no tumulo descança.

Cessem quantas acções e nobres feitos,
Praticaram varões, que aponta a historia.
Quem rapido ganhou milhões de peitos
Por milhares de acções de fama e glória,
É mais digno por certo dos respeitos,
Que nos deve inspirar sua memória.
Seu nome vence cá da morte o imperio:
* Folga sua alma lá no assento ethéreo.

Talhado pela mão da Providencia,
Para feitos de glória nunca ouvida,
Na breve, que gozou, curta existencia,
Fez quanto se faria em longa vida.
Deu-nos leis, fóros, patria, independencia,
Ainda mais, constituição subida;

(1) Sic.

E, da luza e brazilia segurança,
* Viveu, em quanto os alicerces lança.

Neto de tantos reis famigerados,
Nem o deslumbra o solio, nem grandeza:
Só anhela por modos combinados
Os fóros vindicar da natureza.
Mas querendo entre povos illustrados
Os desvios conter da realeza,
Eis que o pendão arvora com criterio
* Da Liberdade em um e outro hemispherio.

Confessa, pois, Brazil, quantos cuidados
A seu peito deveste generoso,
Quando frustra esses planos negregados,
Que Portugal te urdia caviloso.
Satisfeito com teus futuros fados,
Em seus braços te aperta carinhozo:
Isto só bastaria á sua glória:
* Porém duram seus feitos na memória.

Nos campos do Ipiranga a voz atrôa,
Que altiva brada — Independência ou Morte; —
E o ribombo da voz ingente sôa,
Desde os angulos do sul té os do norte.
Então de boca em boca o nome vôa
De Pedro e Liberdade com transporte,
E mil nobres transumptos colhe a historia,
* Gravados pela própria mão da glória.

"Eis aqui, Brazileiros! o momento
"De vossa liberdade, então exclama,
"É tempo de expirar o aviltamento
"Que ha tres sec'los garboso vos infama.
"Que se extinga um tão longo soffrimento
"A razão e justiça hoje reclama:
"Mas de firme constancia sãos esforços,
* "Brazileiros, mostrai nos peitos vossos.

"Do luzitano sólio inda que herdeiro,
"Por vós eu o desprézo de bom grado:
"Prézo mais ser aqui Pedro primeiro,
"Que ser em Portugal quarto acclamado.
"Mostrar quero á Europa e ao mundo inteiro
"Que o Brazil deve ser emancipado;
"E que tendes por lei d'altos destinos
* "Humanos corações e não ferinos.

"Mesmo impavido irei á vossa frente
"Debellar as phalanges bellicozas,
"Que temerárias venham hostilmente
"Insultar nossas praias venturozas.
"Morra embora; porém vendo contente
"As liberdades patrias gloriosas:
"Se na luta expirar, entre os destróços
* "Chorai quem vos quebrou os grilhões grossos.

"Só aspiro, por premio das fadigas,
"A que me vou expôr por vossa glória,
"Que vos não lacereis com vis intrigas,
"Que seja em tudo grande a vossa história,
"Eu só quero que um dia oh Brazil! digas:
"— Ditosos filhos meus! tende em memoria,
"Que é Pedro quem vos fez da patria dinos,
* "E buscou melhorar vossos destinos. —

"Fôra ingrato e meus filhos deshumanos,"
Lhe tornou o Brazil dando um suspiro,
"Se taes bens e favores soberanos
"Olvidar nos fizesse o tempo diro.
"Magoados soluços, ais insanos
"Te daremos no teu final retiro:
"E a justiça dirá com pranto aos nossos
* "— Pagai assim a seus illustres ossos. —

"Mas lagrimas que são a quem fez tanto!
"A quem tocou da glória a méta extrema!
"A quem com braço herculeo e por encanto
"Os ellos nos rompeu da ferrea algema;

"A quem nos resgatou do vil quebranto,
"Fundando o liberal, doce systema,
"Não só sabem humanos, mas divinos
* "Tributos de respeito, d'elle dinos.

"Se as cinzas dos heroes que pugnárão
"Em defeza das patrias liberdades,
"Assellam nos paizes que as guardaram
"Eternos monumentos de saudades;
"Se estes restos mortaes perpetuaram
"Ali honra e valor e heroicidades;
"Vanglorie-se Lysia altiva e grata,
* "Já que a Lysia tocou que os guarda e acata.

"Inda ufanos, senhor, no paiz d'ouro
"Teus venerandos ossos guardaremos:
"Mas teu nome e teus feitos sem desdouro
"Gravados em nossa alma encerraremos.
"Ah! se o ceo nos privar deste thezouro,
"Feliz aquelle sólo (nós o cremos)
"Que tiver com vanglória, a mais sensata,
* "A honra de os cobrir de terra grata."

Já da torpe discordia a voz se escuta,
Ressurgida dos antros lá do averno,
Que interrompe com manha arteira e bruta
Do Brazil o discurso amigo e terno.
"Assim te entregas, diz-lhe, á mão astuta,
"Que te prepara um outro jugo eterno?!
"Tanto zelo... e bondade... pois, que indica?
* "Quem é que assim tão generoso abdica?"

Com soberba razão hoje pasmando,
Ficaria de certo o mundo inteiro,
Se houvesse tal blasfemia vomitado
A discordia no sólo brazileiro;
Pois que estava sómente rezervado
Ao grande, ao immortal Pedro primeiro,
Desprezar, por amor da Liberdade,
* "Duas coroas da ambição na idade.

Eu de novo te invoco, oh Musa!
Tu me aponta se acaso houve na historia
Heroe que iguale a este, ou quem produza
Deslumbre inda o menor a tanta glória!
Dezistir da brazilia e c'roa luza,
Como se fôra cousa transitoria,
Só Pedro, cuja glória em vão se explica:
* "Só elle a quem sobrava a que lhe fica.

Na verde primavera de seus annos,
Quando infrene paixão nos predomina,
A ser grandes, do mundo os soberanos,
Com prodigios de assombro então ensina,
Todos quantos forjados, negros planos,
Naquelle e neste pólo, contramina:
Deixando a saciar sua vaidade,
* Glória de dar aos povos liberdade.

Eis com negra ambição, damnada intriga,
Com nefanda artimanha, insolentes,
Transvertem, como acção, da patria imiga,
Suas puras acções mais innocentes.
Mas Pedro, que não quer que mais prosiga
Essa horrivel facção d'incautas gentes,
Larga a c'roa, que em vida o mortifica,
* Mas na morte alcançou outra mais rica.

Cercado de amarguras neste ensejo,
Deixa o Brazil, a patria que adoptara;
Mas receando ver a extremo arquejo
Esta plaga infeliz que tanto amára,
Lhe entrega os filhos seus, pois seu dezejo
É ver salva a nação que libertara.
Como pois combinar tanta bondade!?
* Porque tanta virtude e heroicidade!?

Ao pezo enorme da britania quilha,
Já se curvam longinquos, crespos mares,
Quando junto á consorte e cara filha,
Grandes planos revolve salutares.

Mas em quanto a anarquia esmaga e trilha
Das leis e bons costumes os altares,
Foge-lhe a paz; porque na dôr que o opprime,
* A devia ter só no ceo sublime.

"Ficai em paz, exclama, oh insensato
"Que assim vos conspirais contra um amigo!
"Embora requinteis vossos maos tratos,
"Que eu não mudo do norte em que prosigo:
"Bem tarde sabereis os sceleratos...
"Que vos promettem dar paterno abrigo,
"Pois só viso no ceo premio que anime,
* E não na terra, habitação do crime."

Já na Gallia e Britania se aprezenta,
D'ambos povos bemquisto e bem acceito:
E qualquer dos monarcas mais se ostenta
Nos meios de lhe dar maior respeito.
Então o grande plano se fomenta,
Que deve em Portugal ter pleno effeito;
Eis a c'roa de teus propicios fados,
* Oh alma illustre! pois tantos cuidados!...

Á testa de seus bravos companheiros
Vem juntar á Terceira os mais soldados:
E já com nacionaes, já estrangeiros,
Do Porto affronta os portos destinados.
Salta: e logo os rebeldes, que primeiros
Ao encontro lhe saem, são derrotados.
Salvou-se o Porto: e os louros que colheram
* Cá na vida estes povos te deveram.

Com força escassa ataca a força immensa,
Que em favor de Miguel resiste forte;
Provincia já não ha breve ou extensa,
Que a victoria não custe estrago e morte.
Salvou-se Lysia alfim, quando não pensa
Tão depressa mudar de estado e sorte;
Pedro exulta: e dos povos desgraçados,
* Roga a Deos que remova os negros fados.

Desassombrada Lysia, e o monstro expulso,
Dias etesios para os Lusos nascem:
Maria empunha um sceptro, inda convulso,
Que suas mãos talvez nunca empunhassem.
Sem ti, Pedro immortal, sem teu impulso,
Talvez que inda os povos arrastassem.
Esses férreos grilhões que já soffreram,
* Que os agoardam, depois que te perderam.

Mal se firmava ainda a liberdade,
Quando approuve ao supremo archipotente
Premiar ao heroe da nossa idade
Com a palma immortal da glória ingente.
Mas Pedro, que ao vigor da enfermidade
Seu corpo fallecer de todo sente,
Fixa um bello porvir a seus estados,
* A fim de que vejamos conservados.

Lutando já co'as dores, já co'a morte,
Se despede de todos seus amigos;
Ora abraçava a filha, ora a consorte,
Pedindo até perdão a seus imigos.
Eis sua alma abandona o peito forte:
Seu corpo resta nos lethaes jazigos:
As leis tremem de horror, e estremeceram
* Os dous thronos irmãos, nos quaes imperam.

Já marcha de Queluz p'ra São Vicente
A pompa funeral: ceos! que tristeza!!
O pranto corre em jorro, e se não sente
Mais do que ais e soluços por fineza!!
Aqui o orfão geme amargamente,
Ali o ancião e a viuveza:
Mas adoram-te, oh Deos! na dôr profundos,
* Tuas leis para glória dos dous mundos.

Em paz descança, oh alma gloriosa!
A par de um ser, que a tudo é sobranceiro,
Que eterna gratidão vai pressurosa
Gravar em tua campa este letreiro:

Aqui jaz quem fez Lysia venturoza:
"Quem fez livre o Brazil, Pedro primeiro:
"Quem a glória firmou d'ambos os mundos
*"Com Pedro e com Maria, ambos segundos." (1)

Deu-se para glosar o seguinte

MOTE

Heroe na vida, mais que heroe na morte.

GLOSAS

I

Languida voz, no peito reprimida,
N'um peito de mil penas escoltado,
Mal póde articular em som magoado
De Pedro o nome e fama tão subida.

Este heroe que com glória nunca ouvida
Dous sceptros desprezára de bom grado,
Em prol da liberdade ora immolada,
Acaba de exhalar a doce vida.

Manes de Jefferson; de Penn ditoso;
Manes de Lafayette sempre forte;
De Washington e Franklin saudoso;

Surgi das frias campas lá do Norte;
E admirai em Pedro, o mais famoso
Heroe na vida, mais que heroe na morte.

---

(1) Não desconhecemos que algumas destas estancias teem pouco merito, e que ha nellas versos prosaicos e até incorrectos. Como porem esta composição é hoje rara, preferimos reproduzil-a por inteiro.

II

Aqui da estancia amêna aonde habito,
Eu te saudo, oh Lysia venturosa!
Lysia, patria d'heroes, hoje saudosa,
Teu nome com respeito aqui repito.

Tu, que ao maior heroe do orbe inclito
De haveres dado o ser eras vaidosa,
Hoje triste lhe encerras, mais ditosa,
As cinzas no materno seio afflicto.

Cesse a vanglória pois de Grecia e Roma,
De Sparta e Macedonia o vão transporte,
Que nova direcção a história toma.

Enxuga o pranto, oh Lysia! e exulta forte:
Pois dentre os filhos teus Pedro te assoma,
Heroe na vida, mais que heroe na morte.

III

Se um Tito ainda hoje é apontado,
Qual modello dos reis e dos humanos;
Se fizeram a glória dos Romanos
Antonino, e um Trajano decantado:

Se um Frederico foi de Prussia olhado
Capaz de dirigir os mais sob'ranos;
Se um Pedro, o grão Czar dos russianos
Tem renome na historia sublimado:

Esse, que ao povo luzo e brazileiro
Deu patria, e liberdade d'alto porte,
Nos fastos das nações será cimeiro.

Pois da Parca não soffre o duro corte,
Quem é como qual foi Pedro primeiro,
Heroe na vida, mais que heroe na morte.

FRANCISCO FERREIRA BARRETO

FRANCISCO FERREIRA BARRETO

O primeiro homem

Depois de mil mundos
De immensa grandeza,
Que falta? Inda resta
A maior empreza.

[Francisco Ferreira Barreto nasceu no Recife, em 5 de abril de 1790, filho de Vicente Ferreira Barreto e de D. Adriana de Messias Barbosa. Seus estudos primários e secundários foram feitos na cidade natal; em 1813 ordenou-se presbítero no Seminário Episcopal de Olinda. Foi eleito deputado suplente à primeira Assembléia Constituinte, em que tomou assento; dissolvida essa Assembléia em 10 de novembro de 1823, regressou à província e foi despachado vigário da freguesia de São Frei Pedro Gonçalves do Recife, em que se colou; foi em seguida nomeado pregador da Imperial Capela e condecorado com gráu de Cavaleiro da Ordem do Cruzeiro. Daí por diante foi apenas o Vigário Barreto, todo entregue às obrigações pastorais de sua freguesia, nem mesmo interrompidas quando, em uma legislatura, foi deputado à Assembléia Legislativa Provincial.

O Vigário Barreto faleceu no Recife em 25 de fevereiro de 1851.

— Veja sua biografia por Antônio José de Mello, *Biografias de alguns poetas e homens illustres da Província de Pernambuco*, II, ps. 19/107, Recife, 1858, — onde se encontra a maior parte de sua produção poética.

Sua bibliografia, em Sacramento Blake, *Diccionário Bibliographico*, II, ps. 443/445. — R. G.].

Silencio!... Silencio!...
Ceos! ouvidos dai!
Cahos! eternidade
Abysmos! pasmai!

Deus em suas mãos
A argilla tomou:
Argilla! o que és tu?
"O homem já sou".

Homem! quem seria,
Que assim te formou?
"Aquelle que os astros
"E a argilla creou."

Eis a nossa origem,
O que somos nós.
Plantas! escutai-o,
Tem vida, tem voz.

Meio-barro ainda,
Entrou a agitar-se:
Existe!... mas como?
Não sabe explicar-se.

Um suor ligeiro
Então lhe apparece:
Tem vida, elle sente,
Respira, conhece.

Inda mal seguro,
A custo surgiu:
Um pé vacillante
Na terra imprimiu.

Attonito, os olhos
Nos céos embebeu,
E aos campos, aos montes,
Depois os volveu.

Olhando-se então,
Reflecte, imagina;
Seu ser, o seu todo,
Contempla, examina:

Excita-se e logo
As forças prepara:
Caminha umas vezes,
Outras vezes pára.

"Quem sou existindo!
(Suspenso bradava):
"E antes de ter vida,
"Quem era? onde estava?

"Meus olhos se abriram...
"A luz me cercou...
"Seres! ensinai-me,
"Dizei-me: quem sou?

"Quem poude, dizei-me,
"Dar ao nada essencia?
"Como é, que passei
"Do nada á exictencia?

"Ouve, Natureza!
"Escuta este ser
"Que achou-se em teu seio,
"Sem nunca o prever!

"Eu não me recordo
"De ter vida outrora,
"Mas eu estou certo
"De que vivo agora.

"Palpita-me o peito:
"Oh! não, não deliro!
"Não sei dizer como;
"Mas sei que respiro.

"Eu sinto e conheço...
"Como se fez isto?
"Se conheço, penso;
"Se penso, eu existo.

"De que modo pude
"Pensar e sentir?
"Quem foi que me disse
"O que era existir?

"Palpita-me o peito
"Oh! não, não deliro!
"Não sei dizer como,
"Mas sei que respiro.

"Meus olhos se abriram
"A luz me cercou...
"Seres! ensinai-me,
"Dizei-me: onde estou?

"Da razão a chamma,
"Fulgurando, lavra,
"E ao meu pensamento
"Liga-se a palavra.

"Discorro e alcanço,
"Combino e prevejo,
"Mil sons articulo,
"Dou nome ao que vejo.

"Mil sons articulo!
"Que prodigio immenso!
"Como póde a lingua
"Dizer o que eu penso?

"Quero: o meu querer
"Traz-me a liberdade:
"Como esta depende
"Da minha vontade?

"Meus olhos se abriram,
"A luz me cercou...
"Seres! ensinai-me,
"Dizei-me: quem sou?

"Se intento mover-me,
"Basta o meu intento;
"Subito da inercia
"Passo ao movimento.

"Eu movo-me, e logo
"Dezejo parar;
"Depressa me sinto
"immovel ficar.

"Oh! nuvens! oh! astros!
"Oh! céos! oh! fulgores!
"Oh! montes! oh! rios!
"Oh! campos! oh! flores!

"Meus olhos se abriram
"A luz me cercou...
"Falai — instrui-me,
"Dizei-me: onde estou?

"Vejo-me abysmado
"Nas trevas, na luz,
"Traz o dia a noite,
"A noite o conduz.

"Falai, arvoredos!
"(Eu nunca vos vi)
"Falai, instrui-me:
"Quem me trouxe aqui?

"Quem poude crear-me?
"Respondei-me quem?
"Ninguem me responde,
"Não ouço ninguem.

"Busco a minha origem,
"Indago o meu fim,
"Ninguem me responde,
"Não sei donde vim.

"Meus olhos se abriram,
"A luz me cercou...
"Seres! ensinai-me,
"Dizei-me quem sou?

"Prodigios que eu vejo,
"Sois vós illusão?
"Existis acaso?
"Ou mente a visão?

"Eu fecho meus olhos,
"Tudo se esvaece:
"Eu abro, e logo
"Tudo me apparece.

"Fecho-os outra vez,
"Tenho tudo ausente;
"Se de novo os abro,
"É tudo presente.

"Prodigios que eu vejo,
"Sois vós illusão!
"Existis acaso?
"Ou mente a visão?

"Na escalla dos seres
"Tudo tem seu par,
"Serei solitario?
"Serei singular?

"Entes mil povoam
"A terra, e os ares,
"Voltejam os peixes
"No seio dos mares.

"O fulvo leão
"De garbo se arreia,
"Ao lado da socia,
"Rugindo, campeia.

"A zebra listrada,
"E o gamo veloz,
"Tem seus similhantes,
"Não existem sós.

"No campo os soffreos (1)
"Canções vão tecendo,
"E as rolas no bosque
"Respondem gemendo.

"Dois melros gorgeiam,
"Dois pombinhos rulam,
"Lá marcham dois tigres;
"Dois cordeiros pulam.

"Suaves accentos,
"E graves ruidos,
"Ligeiros penetram
"Meus fracos ouvidos.

"As flores de dia
"Matizam os campos,
"De noite os esmaltam
"Subtis perilampos.

"Vi todos os seres
"Não vejo o meu par,
"Serei solitario?
"Serei singular?

---

(1) O soffreo é um lindo passaro, vestido de preto lustrozissimo, com amarello muito acceso, e as azas matizadas de branco, que exprime em seu canto a palavra *soffreu*.

[*Sofrê, Corrupião, Concriz* ou *João Pinto,* é o *Xanthornus* (*Icterus*) *jamacai,* pássaro da família dos Icterideos].

"Nem vive nos vales
"Nem vive nos montes,
"Nos mares não vive,
"Não vive nas fontes.

"Na escalla dos entes
"Tudo tem seu par:
"Eu sou solitario,
"Eu sou singular.

"Prodigios, que observo,
"Não sois illusão!
"Vós sois existentes,
"Não mente a visão.

"Portentos tão grandes
"Quem obra? quem faz?
"Oh! causa! oh! principio!
"Quem és?... onde estás?

"Origem! luz! força!
"Norma! vida! ser!
"Ordem! graça! termo!...
"Que posso eu dizer?

"Quem és?... Se me animo
"A romper teus véos,
"Na terra te vejo,
"Descubro nos céos.

"Tens a natureza
"Prostrada aos teus pés,
"Conheço que existes;
"Não sei quem tu és.

"Quem és?... E de novo
Os céos contemplou:
Perdido no espaço,
De assombro parou.

Quem és?..." (disse ainda)
O Empyreo se abriu,
E a face do Eterno
Clarões espargiu.

Humilhai-vos, montes,
Ao summo Adonai!
Tocados de espanto,
Mares! recuai!

Recebe-o nas azas
Veloz cherubim,
E vence de um vôo
Espaços sem fim.

Regiões immensas,
De ardentes faróes,
Com elle atravessa,
Boiando entre sóes.

Do Genio a plumagem,
Que enleio produz!
Fuzilam nos ares
As tranças de luz.

O ser infinito,
No transito seu,
De globos fulgentes
Os ares encheu.

Da face dos olhos,
(Fontes d'esplendor)
Cahiam-lhe estrellas,
Tudo era fulgor.

Librado nas pennas
Do Genio velóz,
Nos campos do Eden
Soltou sua voz.

Abatei-vos, montes!
Ouvindo Adonai!
Florestas! curvai-vos!
Mares, recuai!

"Os céos (diz ao homem)
"Do nada criei,
"A terra do nada,
"Do pó te formei.

"Eu sou do que existe,
"Primeiro motor:
"Não ha outra origem,
"Nem outro senhor."

Disse: de improviso
Foi tudo tremor,
E os ares respondem
"Origem!... Senhor!..."

As penhas retumbam:
(Que horrivel fragor!)
"Origem..." repetem,
Repetem... "Senhor!"

Do Tartaro as portas
Rangeram de horror;
Bradaram... "Origem!..."
Bradaram... "Senhor!..."

Soltando estes eccos,
Dobrou-se o terror,
E ainda tres vezes
"Origem!... Senhor!..."

Das trevas o Archanjo
No abysmo tremeu,
E Deus entre os astros,
O Rosto escondeu.

Os montes escutam
Tudo o que elle diz,
E ondeiam medrosos,
Na vasta raiz.

Abatei-vos, montes!
Á voz de Adonai!
Florestas! curvai-vos!
Mares! recuai!

Attonito o homem,
Assim que o ouviu,
Co'a face por terra
Submisso cahiu.

Reflecte em silencio
Na vóz do Immortal;
E adora dos seres
O ponto vital.

Montes! abatei-vos
Ao summo Adonai!
É tudo obra delle,
Mares! recuai!

Primeira mulher

Não acha o homem
Seu par no mundo;
Traz-lhe o desgosto
Somno profundo.

Deus que o penetra,
Triste o não quer:
E do homem fórma
Logo a mulher.

Já se arredonda
Celeste rostro...
Que alto desenho!
Novo composto!

Mimos e graças,
Do céo resumo,
Pulam ao toque
Do dedo summo.

Que maravilha,
Da mão suprema!
E eis a primeira
Belleza extrema!

Quantos prodigios!
Mas que importava!
Tudo sem vida,
Sem côr estava.

Então o sangue
Se revolvendo,
No peito, em ondas,
Corre, fervendo.

Ao forte impulso
O coração
Recebe e soffre,
Grave impressão.

Já se comprime,
(Pasmoso effeito!)
Já se dilata
Dentro do peito.

Fraco ao principio,
Lento palpita,
Depois mais forte
Bate e se agita.

Do sangue ao gyro
Surge o vigor,
Tudo tem vida,
Tudo tem côr.

O corpo treme,
Ligeiramente;
E pouco a pouco
Se anima, e sente.

Ligeiros n'alma
(Quantos portentos!)
Fervem e pulam
Os pensamentos.

Logo os cabellos
Se desenleiam,
Negros se tornam,
Crespos ondeiam:

Cobrem avaros
A neve pura
Do peito, aonde
Vive a ternura.

Longos, espessos,
Brilhando avultam,
E as outras fórmas
Assim occultam.

Brunida testa
Vai branquejando,
E as sobrancelhas
Negras ficando.

O azul suave
Que os céos ornou,
Nos meigos olhos
Vivo brilhou.

A claridade
Veiu feri-los,
Ella fechou-os,
Mal poude abri-los.

Faces de neve
Se avermelharam.
Rosas purpureas
Então ficaram.

Então os labios,
Calor tomando,
Rubins ardentes
Se vão tornando.

Sostem altivo
Belleza tanta
Collo de jaspe
Que a vista encanta.

Intactas ficam
Mil outras graças:
Basta, paremos,
Tintas escassas!

Jamais profane
Sombra grosseira
Castas delicias
Da mãi primeira.

Longe, bem longe,
Lasciva côr
Da obra prima
Do Creador.

Sublime esforço
Das mãos de Deus!
Mancham-te os mimos
Os pinceis meus.

Homem! desperta
Do somno amargo,
Recobra as forças,
Deixa o lethargo.

Ah! porque dormes!...
Tibio! desperta!
Estende os braços,
A esposa aperta.

Ah! porque dormes!...
Ei-la a teu lado:
Elle abre os olhos,
Como assombrado.

Subito a encontra,
Cheia de vida,
Sobre a viçosa
Relva florida.

Julga verdade...
Julga illusão...
Timido, incerto,
Lhe estende a mão.

A face, o peito,
Brando palpou:
Ella existia,
Não se enganou.

Então absorto,
Sem movimento,
Na esposa engolfa
Seu pensamento.

Na que é de graças
Vivo modello,
Viu outro elle,
Porém mais bello.

Contempla as faces,
Meigo suspira;
Attende aos labios,
Quasi delira.

Olhos... cabellos...
Nada perdôa:
Co'a idéa errante
Ligeiro vôa.

Cheio de assombro,
Tudo regista:
Não sabe aonde
Repouse a vista.

Com taes encantos,
Tal perfeição,
De gosto arfava
Seu coração.

Reflecte ainda
Suspiros sólta,
Vai-se um instante,
Rapido volta.

Seu par formoso
Tornando a ver,
De vê-lo sente
Novo prazer.

Jámais o pejo
Seu rosto opprime,
Pois que a vergonha
Nasceu do crime.

Era de graça,
De luz ornado!
Quem tem remorso,
Sem ter peccado?

Simpleza é todo,
Todo é candura:
Não é mais virgem
A flor mais pura.

Não era a culpa
Contra o pudor:
Era a innocencia
Sentindo amor.

Não o delicto
Junto á belleza
Tu, simpathia!
Tu, natureza!

Viu-a, e amou-a,
Deu ternos ais:
Sabe só isto,
Não sabe mais.

"Já solitário
"(Diz-lhe) eu não vivo:
"Tu me pertences,
"Doce attractivo!

Os froxos lumes,
Eis que o ouviu,
Fitou no esposo,
Terna sorriu.

Co'a voz a idéa
Procura unir
E ella forceja
Por se exprimir.

Logo os seus labios
Vão murmurando
Um tom macio,
Confuso e brando.

Quando de todo
Desprende a fala,
Grato perfume
De dentro exhala.

"Se te pertenço,
"Tambem és meu"
Disse. Elle torna:
"Sim, eu sou teu.

"Não nos separe
"Momento algum:
"De dous que somos,
"Sejamos um.".

ANTONIO AUGUSTO DE QUEIROGA

ANTONIO AUGUSTO DE QUEIROGA

Lyra

Tudo é silencio no bosque!
Que solitaria mansão!
Sabiá, cantando amores,
Só povôa a solidão,
Em debil ramo, saudoso
Descanta, geme e suspira.
Ah! Junta, cantor plumoso,
Junta aos sons da minha lyra
Teu canto melodioso...

[Antônio Augusto de Queiroga nasceu em 1811, na vila do Príncipe, hoje cidade do Serro, Minas Gerais, filho de Bernardino José de Queiroga. Matriculou-se no Curso Jurídico de São Paulo em 1829, aos dezoito anos de idade, e ali se bacharelou em Ciências Jurídicas e Sociais em 1833, colando o gráu no ano seguinte. — J. L. de Almeida Nogueira, *A Academia de São Paulo — Tradições e Reminiscências,* etc., sexta série, ps. 8/12.

Quando estudante foi um dos fundadores da Sociedade Filomática de São Paulo e um dos redatores de sua revista. — Nelson de Senna, *Serranos Illustres,* in *Revista do Instituto Histórico,* LXV, parte 2.ª, ps. 361/363.

Antônio Augusto de Queiroga faleceu em 1855, no Serro.

— Sua obra poética, em parte, recolheu J. M. Pereira da Silva, no *Parnaso Brasileiro*. É louvada por Silvio Romero, *História da Literatura Brasileira,* II, ps. 52 (3.ª edição), como o melhor documento da estesia do poeta a sua *Lira do sabiá,* que aqui aparece. — R. G.].

Tua musica suave
É doce como a lembrança
Que em desabrida tormenta
Forma o nauta da bonança:
Dize, tu cantas zeloso?
Ou feliz amor te inspira?
Ah! Junta etc.

Livrem-te os céos do ciume,
Meu querido passarinho;
E que a tua amante ingrata
Te menospreze o carinho.
Mas tu não cantas queixoso,
Amor teus versos inspira.
Ah! Junta etc.

Que accento que escuto agora!
Repete-o por piedade,
Alenta meu peito amante,
Mitiga minha saudade;
Esse nome harmonioso
De novo estes ares fira!
Ah! Junta etc.

Dize-o agora — oh! — não me occultes
Quem meus amores te ensina,
Cantaste a belleza, as graças,
Pronunciaste Oscarlina;
Viste-lhe o rosto formoso,
Onde risonho amor gira!
Ah! Junta etc.

Ou viste-lhe o seu retrato
Na aurora purpurea e bella?
Na rosa as faces mimosas,
Os olhos n'alguma estrella?
Se a já viste, és desditoso,
Comigo em zelos delira!
Ah! Junta etc.

Mas ai! A linda Ocarlina...
— Porque seu nome disseste? —
Não me attende, e a funda chaga
Abrir de novo quizeste!
Vi seu rosto gracioso...
E oh! nunca o rosto eu lhe vira!...
Ah! cessa cantor plumoso,
Discorda os sons da lyra
Teu canto melodioso!

Se estimas o teu descanso,
Não lhe repitas o nome;
Teme o fogo do ciume,
Que este meu peito consome!
Vive em paz, d'ella te esquece,
Mas lembrem-te estes meus ais,
E chora os desgostos meus...
Ah! basta, não cantes mais,
Adeus, passarinho, adeus!

ODE

O Carrasco

Eia, Musa, desçamos
A ensopar o pincel na côr do Inferno!
O coração que é d'homem
Fuja de ouvir-me, trema d'escutar-me...
São puro horror meus versos denegridos.

Ao som da surda grita,
Por entre a multidão espavorida
Vinha o réo ao patibulo!
Cumpra-se a lei! — que fez — .....
.....

Que transportes que eu sinto!!
Tumultua-me o sangue pelas veias:
Meus olhos cubiçosos,
Anhelando o espectaculo nefando,
Empanam-se, medrosos de encontra-lo!

Ei-lo que move os passos,
Um por um que o coração lh'os veda!
No seu rosto convulso
Pintada a morte com visagens feias
Aggrava mais e mais o horror do transe.

Que montão de fantasmas
Se ergue por toda parte ao desgraçado!
No funebre ataúde
Negreja a imagem do futuro ignoto,
Que no escuro dos tumulos se aplaina.

Um só momento apenas
Da eternidade lhe separa o tempo!
No cimo do patibulo
De atropellar-lhe a vida d'um momento
Sentada a morte está sorrindo anciosa!...

Mas que força violenta
Do cadafalso me retira os olhos?
Que mais horrores faltam
Que nova atrocidade para o quadro?
— Não vês! lá tens o horrido carrasco!

Descae mão de segure
Sobresaltada de vapor á morte!
Precipita-se em terra,
E de longe volvendo o rosto esqualido,
Encara o monstro e pasma d'avistal-o!

Eu o vi sem turbar-se
Da victima infeliz galgando os hombros,
Com frenesi não visto,

Aridos olhos, o semblante alegre,
Contar suspiros, numerar-lhe as ancias!...

És monstro mais que um tigre,
Que a natureza não produz carrascos —
Esse peito de bronze
Essas ferrenhas, asperas entranhas
Ai! só póde formar a mão dos homens!

A musa horrorisada
Não póde proseguir, — das mãos me arranca
A criminosa lyra:
E fazendo-a pedaços, foge e brada
Que finde aqui com lagrimas meu canto.

CANTATA

O retrato

Debalde o jasmim no valle,
E o mimo da natureza
Abre o rociado seio,
Mostra as graças e a belleza,

Debalde viçosos nascem
O lirio, o cravo e a assucena,
Ao choro da linda aurora
Em madrugada serena.

Para retratar as faces
Do meu bem, dos meus amores,
Não valem as rosas, não valem
Os jasmins e as outras flores.

A brilhante estrella d'alva
Os olhos mal lhe retrata,
A redonda lisa testa
Excede a brunida prata.

Os labios, os roseos labios,
Por onde fala a candura,
Não pintam a romã partida
No meio de neve pura?

D'estas aureas fontes, lindo
Pistillo da formosura,
Pendentes mil cupidinhos
Lhe estão chupando a doçura.

Se te visse o mesmo Jove
Encantado te adorára,
E gozos do Paraiso
No teu semblante lográra.

Então que muito, ó Marilia,
Que eu de amores gema e chore?
E que dentro do meu peito
Te erija um templo e te adore?

GASPAR JOSÉ DE MATTOS PIMENTEL

GASPAR JOSÉ DE MATTOS PIMENTEL

Cantico ao 7 de Setembro

É p'rigozo soltar meu estro ousado,
Quando a patria nação off'rece ao globo
Novos quadros, que a lei reprova e risca;
Nem soffre que o poder, com dextra armada,
No seu vasto recinto, irado toque;
Compete em temporal ao rijo nauta,
Os mares affrontar, salvando a vida,
Em noite de pavôr, que raios vibra,
Sossobre a nação pendente, entregue aos ventos.

[Pouco se sabe desse poeta. — Em dezembro de 1839, em requerimento ao governo da Regência, declarou que, tendo feito alguns reparos e festejado o Senhor Bom Jesús dos Perdões na igreja do Colégio dos Jesuitas, sita no Morro do Castelo, por essa ocasião obtivera dados sobre haverem subterrâneos naquele local; por não haver quem se prestasse a fazer as despesas necessárias, e como era de utilidade geral se descobrirem tais subterrâneos, onde se poderiam encontrar monumentos da antiguidade, e talvez mesmo alguns objetos de valia, — propunha-se a fazer à sua custa todo o dispêndio necessário para se levarem a efeito as explorações nos lugares mais apropriados, que forem tendentes ao descobrimento dos subterrâneos, ficando pertencendo à Nação todos os objetos, em cujo caso se lhe pagarão as despesas feitas, nunca excedendo à quantia de um conto de réis, e uma gratificação que o governo entendesse justa. Essa concessão fôra antes dada a João Waterhouse. — (*Documentos biográficos,* Secção de Ms. da Biblioteca Nacional, C. 870, 43).

Da obra poética de Matos Pimentel só é conhecida a parte que o Autor aqui publica. — R. G.].

Eis-me em meio do crime e da virtude,
Encarando o terror da atroz calumnia;
E vendo a sam virtude atropellada,
N'este horrivel painel de negras côres;
Vejo o monstro infernal, d'aspecto horrendo,
Colhendo d'entre horror do escuro averno,
Somente adulador, perjuro, infame.

A patria, que offuscou de Roma o brilho,
Só curte, em desprazer, tristonhos dias,
Que a discordia brutal está traçando,
Para o mando empolgar na patria minha!!!
Já de Bueno não vejo a sombra amiga;
Nem encontro o fulgor do phebeo nume
Que dourava a extensão de um povo livre:
Tudo marcha o fatal, horrendo monstro,
Que só folga em traições, em crime folga.

Serenas virações, soprando espalham,
Negros vapores que enlutavam Iris
Oh! que campo immortal Jove apresenta,
Tendo em alto padrão gravado o dia
De Setembro sete p'ra a patria honrozo;
Em vinte dois segura astro brilhante,
Que a luz encrava no Piranga ameno;
E para confuzão de horriveis monstros,
Erga-se o pano e seus contrarios olhem.

Lá vejo preparada esquadra immensa,
Arrostrando o furor da luza força!
E tendo a bordo seu mavorcios peitos,
Que Cokrane animava em altos brados;
Sabendo com valor mandar ao Lethes
O monstro, que insultava a independencia!

Já sobre o Maranhão tremula ovante
Bandeira que firmou a liberdade!
Militares heróes á patria deram
Exemplos de heroismo ao mundo inteiro!

Marchava de laureis na fronte sua
Labatut immortal que igual a Jove
As furias sepultou no cahos infando!

Adoptivos varões, tambem fizeram,
A prol da independencia, bons serviços,
Offertando á nação baixel (1) soberbo!

Não me esqueço dos Limas, que souberam
Ás luzas legiões mandar os tiros!

Nem tão pouco heróe, famoso Taylor,
Que soube defender brasilio povo!

Se Nobrega morreu, na patria vive
Seu nome escripto, em corações gravado!

.—.

Eis em meio do povo o velho honrado,
Que faz ver ás nações da antiga Europa,
Que seu patrio paiz manda e não serve!
O grande, o sabio, o magestoso Andrada,
Que soube o imperio unir n'um só momento;
E a independencia alçar segura e firme,
Que a caterva brutal rangendo o dente
Não poude com punhaes inda arranca-la
Dos ternos corações que a patria adoram.
Póde inveja feroz, ardendo em ira,
Póde ingrato infiel roubar-lhe a vida,
Mas não póde roubar-lhe a fama e honra,
Porque Jove bradou a fama dice
Abri, verdade, abri teu aureo cofre
No seio ponto, que illusões não soffrer.

---

(1) Alguns brazileiros adoptivos, negociantes do Rio de Janeiro, offereceram uma fragata para sustentar a independência do Brazil.

O Brazil contra a discordia (1)

Nunca, monstro cruel, teu throno infame
N'este ingente paiz verás firmado!
Obstaculos sem fim, que tu traçaste,
Estorvando a carreira magestoza
De nossas sacras leis, que um Deos affaga,
Que vigora, abrilhanta, e apaga o faxo
Da discordia infernal, que em crimes folga,
Onde impera o feróz Plutão horrendo
Em throno acêzo de terriveis fogos,
Ao lado tendo a tetrica consorte,
De negro manto recamada, e cheia
De feias côres, de medonho aspecto,
Promulgando a brutal, horrenda furia,
Que vá roubar a glória, os mil thezouros
Que os povos do Brazil no throno assentam:
Escuta as santas lei, que Jove escuda
Em ferros vivirás, malvado monstro!
Se Lyzia quebra do Hespanhol soberbo
Um jugo infame que lhe aponta a historia,
Se do norte o torrão livre se aclama
Do Britano poder no golfo immenso;
Minhas vozes soar ouve perversa,
E vê de Jove a justiceira dextra!

---

(1) Scena quarta do *Drama Allegorico* ao dia 7 de Setembro.

MANUEL ALVES BRANCO

MANUEL ALVES BRANCO

Á Liberdade (1)

(Em 1820)

Genio das solidões, em quanto curvo,
Calcado aos pés do fero despotismo,
Geme o Universo, no teu sacro asylo,

---

(1) No momento em que colligimos as duas seguintes odes deste poeta, bem como todas as composições do seguinte, vivem um e outro para a patria e para o mundo; e pedimos a Deus os conserve por largos annos. Como porem não pertencem elles, na condição de poetas, á epocha actual (da qual contamos occuparmo-nos em outro volume), e como ambos, segundo nos afirmam seus amigos, já se despediram de todo das musas, e por conseguinte não é natural que reformem as poesias que publicamos, e como, finalmente, nos abstemos de julgar seu merito por agora, decidimo-nos a incluir aqui essas composições, certos de prestar com isso um serviço aos amadores da boa poesia.

[Manuel Alves Branco, filho de João Alves Branco e de D. Joana Joaquina de São Silvestre Branco, nasceu em Maragogipe, Bahia, em 7 de junho de 1797. Matriculou-se na Universidade de Coimbra: Matemática, a 21 de outubro de 1815 (obrigado); Filosofia, a 10 de novembro de 1817 (obrigado); Direito, 1818. Formou-se em Direito em 8 de julho de 1823. — *Estudantes Brasileiros na Universidade de Coimbra*, n. 647.

De volta a Bahia, em 1824, ali exerceu cargos de justiça. Em 1832 foi chamado ao Rio de Janeiro para ocupar o lugar de contador geral do Tesouro. Foi ministro da Fazenda na regência

Venho ampliar minha alma;
O monstro aqui não temo,
Nem os seus vis satelites bifrontes:
Só nos rodeiam n'estas soledades
Os Arabes errantes,
Do homem primitivo o só modêlo...
O deserto é seu templo, ao Sêr Supremo
D'onde oblações enviam.
N'estes aridos plainos sem limites,
N'estes combros de areias movediças,
N'este, de horrores estendido abysmo
Habita a foragida liberdade.

Ei-la doirando
D'este ermo as trevas
Com seus influxos:
Arma-lhe a dextra uma afiada espada,
Punição de tyrannos;
Á sinistra a balança,
Penhor do sancto dogma da igualdade,
Tem a seu lado a rigida virtude,
A cujo seio desce
Dos ceos cadeia d'aço sempiterna.
O primeiro fuzil Zenão sustenta,
E Lycurgo severo;
Na branca simples veste a deusa enxuga
O sangue, que dimana das feridas
Do intrepido Catão, Seneca illustre,
De Traséas, de Peto venerandas.

Feijó, e ainda desta pasta e de outras em vários ministérios. Teve o título de Visconde de Caravelas (2.º), foi senador pela província da Bahia e conselheiro de Estado.

Faleceu em Niterói em 13 de julho de 1855.

— Veja seu elogio histórico por Manuel de Araujo Porto Alegre, *Revista do Instituto Histórico*, XVIII, ps. 474/475 e 529/537 (2.ª edição).

Sua bibliografia, em Sacramento Blake, *Diccionario Bibliographico*, VI, ps. 8/9. — R. G.].

Martyres da virtude, eu vos saúdo!
Eu vos adoro, divinaes portentos!
Por vosso honrado sangue, e pelo ferro
Que essas veias rasgou, dai que rebentem
Na amada patria emulos da glória,
Emulos vossos, que atro despotismo
Nas furnas infernaes sedento ruja,
E o mundo, que accurvou, console Themis.

Como é da deusa o solitario asylo
Magnifico na sua singeleza!
Dos bronzes, nem dos marmores o orgulho
Este alcaçar profano
Seus atrios não respiram.
Do Oriente, a molleza affeminada,
Sob o relento, sob o ceo patente
Ouve as queixas do probo,
Do oppressôr envenena os passatempos,
Pune a avareza do juiz iniquo!...
Lá me acena, e me aponta
Para o quadro dos tempos resgatados
Das mãos do esquecimento; lá me abrem
Seus thesouros, e os seculos aventam
Pela dada sahida atropellados.

Lá se levantam
Em tensas turmas
Leões do Caucaso!...
Ennoitecem os ceos pulvereas nuvens,
Descora Marathona!
Tisiphone anciosa,
Precursora da morte, batte as azas,
E faminta de estrago, abrindo a bocca,
Crespos dragões vomita.
Misera Grecia, lá se despedaçam
As columnas da tua independencia!
Mas que heroe d'ali se ergue?...
Do elmo fuzilam vividos coriscos,
É Pallas, se demove os igneos olhos;

É Coriolano fumegando em ira;
É Reinaldo no arrojo impetuoso!...

Genio sublime, impavido Milciades,
A pinha das cohortes inimigas,
Precedido de horrores, arremettes.
Eis descosidos batalhões serrados;
A floresta de lanças cáe por terra,
Embotadas no escudo d'aço fino.
Triumpha; e sobre a ruina dos tyrannos
Hasteia os teus pendões, ó liberdade!

O destino com cravos de diamante
Fixará infausto aresto inexoravel:
A Pythia o lêra na convulsa tripode.
"— Novo Theseu valente
"— Co'os perigos se affronta,
"— Novos monstros ao duro braço rende.
"— Mas que pranto, que ululado se ouve,
"— Se alonga em toda a Grecia?
"— Vergonhosa auricidia os pulsos lhe ata! —"
Ah! Completou-se o oraculo tremendo.
Tu foste, ó liberdade,
Demandar outras plagas mais amigas.
Onde plantasses os salvados garfos,
A cuja sombra acolhem-se as virtudes,
Cujos frutos são sólida ventura.

Eis o terreno
De semi-deuses
E monstros berço,
Onde extremada a natureza humana
Elevou-se até Bruto,
Abateu-se até Nero.
Remontando de novo ao grande Aurelio,
Não vês este horizonte endeusado
Que em derredor o cinge?
Não vês aquela cupola soberba?
D'ali flexando os vôos possantes aguias

Quaes aligeros Euros,
Ou quaes o pensamento o espaço tragam,
As tyrannas cabeças ameaçam.
D'ali dos Scipiões a voz rompia,
Nas azas da victoria aos polos ambos.
ó Roma, alta Princeza das cidades,
Dormitas? Onde os teus antigos brios?
Eia, accorda, eia, arranca denodada
A mascara fagueira d'essas hydras,
Que famulentas, em teu sangue illustre
Anhellam saciar perfidas garras.
Não tens a liberdade em teu amparo?
Ah! que á cobiça franqueaste o peito!

Contemplai, póvos livres, no cadaver
Da soberana de um milhão de imperios...
Chorai sobre estas ruinas magestosas!...
Aqui foi Roma, ó Povos!
A mudez dos sepulchos,
Onde o Veto troou, tremendo impera,
Será que mais horror a terra opprime?
Que lugubre alarido
Nos antarticos gelos longo echôa?
O ar se entenebrece, arqueja a terra,
Ensanguentam-se os astros:
Redobrados trovões estalam!
Travam combate horrisono co'as penhas
Enfurecidos mares; ronca rouco
Da tempestade o genio pavoroso!

Por amplo hiato
Feias harpias
O inferno aborta
Entre ondas de espessissimos vapores.
Tantos grãos não revolve
No seu bojo o Oceano!
Co'as estridentes, rebatidas azas
Vem sulcando cahoticos negrumes!
Tu as sentiste, Europa!

Tu gemeste nas trevas enredada.
A santa liberdade espavorida
Desampara teu gremio;
Arvora o ferreo sceptro a tyrannia!...
Ai de ti! miseranda, quantos seculos
Pendem de horrores!... Ai que a tocha eterna
Da razão tenta embalde alumiar-te!

Por aqui, por alli crepusculavam
De espaço a espaço dias milagrosos
Abafados em sangue mal nascidos!...
Já quasi fenecia o sancto lume,
Eis que avulta em vigor e aclara os orbes.
É fama que de lobrega espelunca
Troou pesada voz — Somos vencidos!
Fugi ó filhos; o homem conheceu-se.

Genio que transvoaste destemido
O pego tenebroso das edades,
Apressa-te em beber no arco sonóro
A setta mais estreme,
E pello véo que enlucta
Do globo a maior parte darda os fócos
Onde a luz concentrou-se portentosa.
Olha o genio da America,
Açaimados no Norte os negros monstros,
Como pelo Occidente ao Sul discorre!...
Olha a soberba Hisperia,
C'roada de triumphos mauritanos,
Perseguindo-os na trepida fugida!...
Olha d'heroicas cinzas renascendo
A Italia, e braço a braço co'elles trava!...

Mas d'onde assoma
Novo luzeiro,
Que ressumbrando
Vem das espessas trevas fugitivas?
Enlevado o contempla,
Em extasis profundo,

Um mortal antes nume, alçando a fronte
Gotejante de um rio caudaloso.
Tremei, filhos do Averno,
Tremei que Lysia accorda do lethargo
Inerte em que jazia, e em brado iroso
Já proclama os mysterios
Gravados co'o cinzel da eternidade
Na natureza do sacrario augusto.
Livres e eguaes nascestes, lusitanos!

Lei, bem commum; decepe-se o que damna
Quão rapido no peito humano se ergue
A natureza ao grito da verdade!...
Quão rapido baqueia a prepotência,
Que tem por base lagrymas e sangue!
Manes de Freire, venturosos manes,
Cantai, cantai victoria; ley tremenda
Não póde a natureza revogal-a.
Vos condemna ao sepulchro — mas vencestes!

Cuidava o monstro suffocar em cinzas
Os sentimentos do homem, reduzil-os
Aos de indignos escravos, que o cortejam,
Ufanos de beijarem
O pó, em que elle pisa!
Cego não via da razão o braço
Estalar-lhe os degráus do altivo throno,
Preparar-lhe alta queda!
Cega não via sua luz divina,
Que já nos horizontes scintillava,
Ameaçando raios!...
Ó luzos! parabens! No vosso seio
De novo alça a razão seu templo augusto.
Eia! Vamos beber na fonte pura
Dos seus archivos preciosos dogmas!

Ao dia dois de Julho

(da provincia da Bahia)

Vereis o amor da patria não movido
De premio vil, mas alto, e quasi eterno
Que não é premio vil ser conhecido
Por um pregão do ninho meu paterno.

CAMÕES.

I

Genio, que no verdor da mocidade
A mente me ascendeste,
E me guiaste ao templo
Do venerando numem
Que ennobrecera o coração de Péto,
De Catão, de Trazéas;
Oh Genio! oh meu querido!...
A patria, a cara patria
Ha muito, que ferir as aureas cordas
Da Lyra não me ouviu, em que soberbo
O hymno sonoroso
Cantei da liberdade.

Á patria, oh genio, á patria!...
Antes que a fria idade
De todo me regele a fervorosa
Veia desse estro audaz, que acções preclaras
Alvoroçar sohiam:
Vamos gravar nos corações bahianos
Co'o buril sempiterno da poesia
As memorias da patria; embriagal-os
No favo delicioso de sua glória.
Quem mais que a patria vos merece oh genio?!
Que assumpto mais brilhante
No dia venturoso
Do seu grande triumpho?!

Á patria, oh genio, á patria!!!
Ai! Longe della não me é dado agora
Assistir ao festim da independencia!!...
Mas eu a vejo!!... O coração a sente!!
Eil-a perante mim! Eil-a vestida
De riquissimas gallas!!
Mil vivas triumphaes os ares rompem!...
Salve, oh cidade da montanha, salve
Rainha das cidades:
Salve, oh Bahia, salve oh minha patria,
Oh sol, oh mar, oh terra hospitaleira
De preclaros varões progenitora,
Do patriotismo e do saber morada.

II

Que vasto golfão!! Mil baixeis povoam-no...
Das fluctuantes flamulas
O ar traja mil cores!!...
Aqui do nobre Támisa,
E do Sena guerreiro, e das planicies
Que os dois volcões abraçam
Com diluvios de fogo:
Aqui de todo o mundo
As variadas producções affluem!...
Oh maravilha!! Os homens se irmanaram;
Leis barbaras cahiram
Á tua voz, Commercio!...

Eis do vosso trabalho
O triumpho, oh bahianos!...
Guarda Ceres aqui thesouro immenso,
O arado venerai. Nos primitivos
Tempos da especie humana
O arado foi de reis honroso emprego;
E romanos heroes d'alta nomeada
Depois de manejarem do governo
O pesado timão; de aos pés calcarem
Da guerra vezes mil as tempestades

Suas mãos vencedoras
Lavrando os patrios campos,
No arado descansaram.

Toma azas, oh minha alma;
Por toda a parte vôa; estanca a sêde
De vida na fragrancia do ar da patria;
No aljofar de suas praias, na frescura,
Na sombra e na esmeralda de seus bosques.
Olha que céo tão puro
De orientaes recamado, donde chovem
Sorrisos d'alegria sobre os mares,
Que um sol d'oiro povoa
De buliçosos, nitidos brilhantes.
Olha o bello archipelago, entre todas
As ilhas que o povoam, como avulta
A ilha do valor — Itaparica!!... —

III

Ouve a voz da alegria nas palmeiras
Do sitio dos prodigios
Encanto das bahianas!!
Ouve a voz da saudade
Do romeiro da hermida solitaria
Naquella ponta erguida,
Quando em chuva de prata
As vagas arrebatam
Sobre a cavada, verdenegra penha;
Ou como que do eterno movimento
Cansadas se espreguiçam
Sobre lençoes de perola!...

Eis o primeiro templo
Do Tropico em ruinas!!...
Eis o palacio, a cujo audaz aceno
Todo o Brazil tremendo ajoelhava
No tempo dos tyrannos
Que a patria soube repellir. Oh glória!!...

Foi dado a nossos paes romper arcanos
Que a fantazia apenas viu de longe
Na illusão do desejo; a nós foi dado
Quebrar do despotismo o ferreo sceptro
E segurar aos netos
Venturoso futuro
De paz e liberdade.

Vês aquelle arrecife,
Que do pelago immenso as furias quebra?
Aqui fez-se em pedaços o madeiro
Que nestas praias nunca dantes vistas
A tempestade arremessou primeiro!...
Aqui Diogo intrepido
Viu tragados os membros palpitantes
Dos companheiros seus; aqui tremendo
Do disparado raio
O anthropophago fero as mãos lhe entrega;
Aqui Paraguassú se arroja às vagas
Após o caro esposo; o último alento
Aqui soltaram as rivaes que a seguem.

IV

Foi neste sitio, que a primeira pedra
Se lançou da cidade!!
Usurpada a Diogo
Pelo infame Coitinho
A ti, grande Thomé, cabe esta glória!...
A tua voz rendidos
Os guerreiros das brenhas
A lei de paz recebem;
Pendem da boca do divino Nobrega!!...
A tua voz na c'roa da montanha
Lá se eleva a risonha
Mão do imperio do Tropico?

Feliz, feliz mil vezes
Quem tuas praias, patria,

Jámais perdeu de vista, e alheios ares
Nem um só dia respirou. Cortadas
São d'amargura as horas do desterro
Inda na mór ventura!!...
Ah! Se eu pudera repousar agora
Sob o docel purpureo das mangueiras
Ou do sombrio laranjal nas brizas
Frescas beber oceanos de fragrancia,
Quaes me figura a fantazia; a morte,
A mesma morte, oh patria,
Eu não sentira... Alegre
Ao tumulo descera.

Região de delicias
Sêde sempre feliz. Jamais a guerra
Esse aborto dos crimes d'anarchia,
Essa furia que folga, e se deleita
Em devorar imperios te inquiete!!...
Sei que a guerra não temes;
Mas sem a paz da Independencia o tronco,
De amiga liberdade a tenra planta,
Definhará sem fructo!!...
Sobeja-vos a glória dos combates;
Se ella te é grata, basta recorda-la,
E nas paginas d'oiro do passado
Ver mil vezes gravado o vosso nome.

V

Sobre o alcantil da rocha, onde continuo
As ondas se embravecem;
Em balde ergues o forte
De Coligny soberbo,
Audaz Villegaignon; por mãos bahianas
Lá mesmo as sacras quinas
Tu verás arvoradas!!...
Na visinha planicie
Entre estes morros tem de ser fundada
Do novo imperio a capital. Oh patria!...

A opulenta cidade
É sangue de teus filhos.

Aymurés e Tamoios
As armas depuzeram.
De teus canhões á vista espavorido
Foge o corsario atroz, que a rica presa
De antemão devorava!!...
O Maranhão te deve a liberdade,
Sucumbiu Rivardière. A Gallia altiva
Senhora da victoria desanima!
Ella pasma de ver seus estandartes
Derribados, e os loiros
Que os seus heroes cingiram
Murchos, despedaçados.

Olha para o horisonte,
Onde pousada aquella nuvem triste
Abafa a luz do sol, e as ondas beija!...
Não vês em baixo aquelles pontos negros
Que ora se escondem, ora no ar se elevam
Ao baloiço das vagas?!...
Elles avançam para nós, e crescem!!...
Será que dos abismos se arrojaram
Novos monstros ao mundo?.
Não, não. Sessenta velas prenhes d'armas,
E da flor dos guerreiros, que ao tyranno
Philippe o cruel sceptro espedaçaram
Trazem cadeias para nossos pulsos...

VI

Armas! Armas! Os guardas da cidade!
Armas! Armas! mancebos,
Correi, cubri os muros!
Mas onde muros e armas?
Os descuidos da paz tudo destruiram!
Mendonça, os teus descuidos!...
Desgraçado Mendonça,

Desagrava tua fama,
Salva a cidade, ou morre. Já nos ares
A claridade pallida,
O estampido das bombas
O horror da morte espalham!...

Já dois postos occupam!...
Ei-los abandonados...
Os inimigos fogem, precipitam-se!!...
O campo emmudeceu; farta de sangue
Tezifone adormece!!...
Mas que ouço, oh ceos?! Que lugubre ululado
Nas azas se ergue desta noite horrivel?...
"Ai temerarios!! Que fazeis sem armas?"
Clamam as mãis, as filhas, as esposas!!
Pousou na face do Anjo da victória
Melancolica nuvem;
Irado ei-lo que brada
"Ao Reconcavo, filhos."

Entra a cidade Will'kens;
Entra Shoutens, Vandort; entra João Kyfe;
Deserto é tudo; aqui só ha cadaveres.
Mas o dia da colera não tarda,
O dia da vingança!... do oceano
Traz sons de guerra a briza!!...
Ceos! Que nuvem de pó se eleva ao longe?
Armas brilham!!... Legião cerrada avança!...
Ei-los, ei-los que voltam...
Ei-los da patria aos martyres off'recem
Vasta hecatombe... Os manes seus exultam!...
Patrid, Nassau, Lichtard, Valduino, em balde
O cahido estandarte hasteiar intentas.

VII

A Marcos, a Padilha eterna gloria!!...
Aquelle com a palavra

Divina aos combatentes
Deu vigor, deu esforço:
Este co'a espada bahiano raio
A Vandort derriba,
As falanges devora!...
Mas porque me arrebatas,
Musa, a tempos remotos? Crês acaso
Que em nossos dias nada pôde a patria
Apontar de glorioso
Ás gerações vindouras?...

Eu vi sobre a cidade
Um monstro pavoroso
Mover milhares de cabeças horridas!!...
Selva de lanças eram seus cabellos,
Incendios os seus olhos...
Cadaveres tragando os duros ossos
Nos dentes lhe estalavam, sangue em ondas
Das fauces lhe corria; não despenha
Tanta agua a cataracta do Niagara!!...
Eu vi tremerem vales e montanhas
Traz volverem os rios
Aos roucos e medonhos
Sons, que em furia soltava...

Amargura de morte
Bebeu meu coração! irmãos ingratos
Prepararam punhaes; irmãos, que ha pouco
Nos promettiam paz!... Ai! desgraçado
De quem a voz ouviu da boca hipocrita!!...
Os tribunaes cerrados
Rôtas as leis, manchado o sanctuario
Canta o infame triumpho o lusitano!!
Pallida a face arreda
E se cobre de lucto a liberdade!!...
Que trevas no ar! Que gelo sobre a terra!!
Só continuo rengir de linguas ouço...
D'homens está despovoada a patria?

VIII

Pela primeira vez desanimados
Eu vejo os seus guerreiros!...
Mas que!... reinarão sempre
Tredos filhos das trevas
Parto de crimes, parto de anarchia?!...
Não, não. Á tempestade
Succede manhã clara;
E ao longe já começa
A argenteiar-se o Oriente. Á flor da vaga
Que vai surgir da geração que passa
Tem de ser elevada
A candida virtude.

Que varão venerando
Habita no retiro
Tranquillo que este albor feriu primeiro?!...
Crava-lhe o peito a angustia, mas na face
Pousa a serenidade
Brilha d'uma alma pura a confiança...
De guerreiros um circulo o rodea!
Elle lhes fala: "Quem! Quem póde, amigos
"Arrancar-vos das mãos a invicta espada
"Na agonia da patria? Ella nos mostra
"As feridas e os lividos
"Ou morrer ou vingal-a!..."

Pires, Brandão e Castro .
Guerra juraram; guerra tudo atroa!...
Que gente é essa, que das brenhas surgem?
Povo sem armas, quasi nú se arrostra
Co' inimigo coberto d'aço e ferro?!...
Cantará minha lingua
Prodigios de valor? Ceos!!... Que surpresa!...
Perdeu-se tudo? Fogem? Não. Lá param.
Um heroe os reanima!...

Sobre os canhões a sua voz troveja
Avante! Avante!... Lá se precipitam
As falanges!... Lá cahe ferido Jacome!...
Lá proclamam victória — A quem? — Á patria?

IX

Este dia é sagrado ao teu triumpho,
Bulcão é obra tua...
E porque não assistes
Ao festim da tua glória
Oh patriota, oh cidadão magnanimo?
Aqui receberias
A aureola, que a patria
Por minhas mãos tecera
Para ornar-te a cabeça radiante...
Depois te delatara os attentados
De perversos que a patria
Destruir tentam de novo.

Grande varão, se ouviras
Que o saber, que a virtude
São calcadas aos pés; que ao louco orgulho
Dos monarchas, succede a hypocrisia;
Que a baixeza entumece;
Que a impudencia alardeia; e pela fama
Nobre premio d'heroes só o oiro adoram!!...
Que pelo pó quasi em pedaços roda
A c'roa imperial, e ensanguentada
Curva a nação a fronte soberana.
Como indignado os monstros
Commigo não votaras
Á execração dos seculos!!...

Ai... Tu já não existes,
Tu, columna da patria. Oh, dor! Oh magoa!
Sobre os despojos teus fechou a morte

Suas portas de bronze, e em cima dellas
Está assentada a eternidade, a glória!!...
Mas que vejo? Um sepulcro.
A lapida lá cahe; gemem fantasmas!!...
Lá se levanta a imagem veneranda.
"Bahianos, sede unidos."

"Guarda este dia no futuro grande."
"Segredo e grande bem." Disse, e furtou-se
Aos braços meus, que o procuravam como
Sombra de nuvem que nos campos passa.

DOMINGOS BORGES DE BARROS,

VISCONDE DA PEDRA BRANCA

DOMINGOS BORGES DE BARROS,

VISCONDE DA PEDRA BRANCA (1)

EPISTOLAS

I

A Paulo José de Mello

Venturoso o mortal que longe vive
Do tumulto enfadonho das cidades,
Que de Flora e de Ceres dado ao culto,
Nos campesinos bens delicia encontra:
Claros, tranquillos os seus dias correm,
Como a limpida linfa que o sacia.
Mimos de prole, afagos da consorte
Doce lhe tornarão da idade o pezo.

---

(1) Veja a nota da pag. 151.

[Domingos Borges de Barros nasceu na Bahia em 1780, filho de Francisco Borges de Barros. Matriculou-se na Universidade de Coimbra em 3 de outubro de 1800 e formou-se em Filosofia em 26 de julho de 1804. — *Estudantes Brasileiros na Universidade de Coimbra,* n. 512. Depois de formado esteve na França; em Paris foi retido pela invasão francesa em Portugal, até 1810, quando conseguiu fugir para os Estados Unidos, de onde embarcou para o Brasil no ano seguinte. Chegando ao pôrto da Bahia

Sem a opressão que o espirito aniquila,
É no teu seio que do genio as molas,
Mostram quanto vigor lhes deu natura.
As leis que a illustre Roma fez ditosa,
Foi no teu seio que estudou Pompilio.
Vós campos Mantuanos inspirastes,
Ao sublime cantor sublimes versos;
Nas margens do Mondego, ou nas do Ganges,
Foi que Apollo baixou a ter comtigo
Camões, grande Camões, genio divino.
Murcham na frente dos heroes os loiros,
Os monarchas baqueam do alto solio,
Esbroam raios empinadas torres,
Grandezas, honras, titulos acabam;

---

foi preso por suspeitas de ser agente da França contra Portugal, e mandado ao Rio de Janeiro para apuração da culpa que lhe era imputada; aqui chegando foi imediatamente restituido à liberdade. No Rio de Janeiro foi constante colaborador do *Patriota* (1813-1814), onde os artigos assinados B*** são de sua lavra. Publicou então: *O merecimento das mulheres*, poema de Mr. G. Le Gouvé, do Instituto de França. Traduzido do francês por B***, Rio de Janeiro, na Impressão Regia, 1813, in-8.°.

Em 1821 foi eleito deputado às Cortes de Lisboa. Retirando-se para a França (1823), foi ali investido das funções de ministro do Brasil junto ao governo de Luis XVIII (1826). Foi em seguida feito Barão e Visconde da Pedra Branca. Em 1829 ajudaria prestimosamente as negociações para o casamento de D. Pedro I com a princesa D. Amélia de Leutschenberg. Em 1826 havia sido escolhido senador por sua província, mas só veio tomar posse de sua cadeira sete anos depois, chegando ao Rio de Janeiro em 18 de julho de 1833, a bordo do paquete inglês *Reynald*, conforme notícia da *Aurora Fluminense*, de 26 daquele mês e ano.

Tornou a Europa, vindo depois para a Bahia, onde em 1855 falecia nas terras de seu engenho.

Pedro Branca foi poeta ao gôsto da época e desde 1825 publicou versos à moda romântica, sobretudo um poema, *Os Túmulos*, reeditado pela Academia Brasileira de Letras, em 1945, com erudito e brilhante estudo de Afrânio Peixoto, que o considera com razão precursor do nosso romantismo.

Patrono da cadeira n. 13 dos membros correspondentes da Academia Brasileira. — R. G.].

Mas teu nome Camões transcende o olvido,
Qual as eras eterno, é sempre novo.
A morte destruir não póde o genio,
Porção sagrada qu'emanou do Eterno.
Gostosa solidão da paz morada!
Geram, arreigam n'alma tuas auras,
Virtuosos altivos sentimentos.
Provêm da tyrannia os vicios todos,
E tu da liberdade o estadio off'reces.

De momento em momento um quadro novo,
Mandas risonho captivar os olhos.
E que de vós privado sorte adversa!...
Homens que só de humano a forma tendes,
Entes qu'enxovalhaes a natureza,
Dos fados apezar, hei de fugir-vos.

Foge ó Paulo d'estranhos climas, foge!
Vai no lindo Maré gosar da vida.
São vistas as demais, vista uma corte.
Por cá verias quanto lá tens visto
D'afidalgados Mydas a cohorte,
Expressões só dos labios, falso rizo.
São tão raros os bons por toda parte
Como por toda parte os máos abundam.

O velho habitador do velho mundo,
Prazeres naturaes tendo esgotado,
Acomode a seus vicios seus prazeres:
Mas quem n'um mundo novo origem teve,
Vá no seu mundo ter prazeres novos,
Viçosa natureza nos circunda,
E velhos hemos ser onde ella é moça?
Afasta ó sabia mestra! ó mãi dos entes!
De mãos ingratas teus perennes mimos;
Arem filhos ingratos terra ingrata.
Inda bem que os deixaste, e o Mundo Novo
O teu querido é, com nosco habita!

Paulo, consulta, lê, medita, estuda,
O livro que ante os olhos tens patente.
Arando as terras examina os sulcos,
Semêa; e da semente segue o curso,
Como rebenta o germen, como cresce,
Que tempo, que terreno mais lhe quadra,
Se o fundo ou flor da terra mais dezeja;
Se linfa te pedir busca regal-a,
Se o sol lhe cresta a face dá-lhe sombra.
Ou da poda, ou do enxerto espreita a quadra,
Do tronco a consistencia e o parentesco,
Quando a flor desabroxa, e em botão fexa.
Consulta da semente a madureza
Antes que da colheita a lida encetes.

Dos novilhos escolhe o mais formoso
O cordeiro o mais forte, e da progenie
O curral povoar pertença a estes.
Como os fructos melhores torna o enxerto,
Amelhora-se a grei cruzando as raças.
Limpeza nos rediz jamais faleça,
Onde abrigados os rebanhos durmam.
De plantas nutritivas farta os pastos,
E cuidoso das más busca expurga-los.
Na tosquia a tesoura a pelle evite.
Dos bois o pasto separado seja,
Do pasto em que outra grei tira o sustento,
Ou primeiro que os mais, o boi só pasce.
Males próprios ao clima, à especie proprios
Devem ser estudados junto ao enfermo;
É do cultor o gado a grão riqueza.
Na pratica verás mais que nos livros.
O velho lavrador consulta attento,
"Pois ainda que em scientes muito cabe,
Mais em particular o experto sabe."
As cortes desdenhando, e seus fantasmas,
Na patria herdade assim tranquillo vive,
Quem de cuidados taes prehenche os dias.

Ver novas gerações, melhores outras
Pelos desvelos seus, quem mais cubiça?
De casal em casal seu nome passa,
Com elle correm as idéas suas,
Enriquecendo a patria, a si, aos outros,
Deixa nos corações grata saudade.
Povoação, commércio, artes, sciencias,
Mudam, mudando de cultura a terra.
Dos imperios a sorte está no arado,
Não consiste na lança a força d'elles.
Lagrimas banham da victória o carro,
O triumfo em segredo o heróe prantea,
Luto succede da victória aos vivas.
Essa arte deixa que natura en luta,
Abraça a outra que natura adorna:
Glória, prazeres, paz, ventura encontra
Quem das cortes fugindo, o arado abraça.

Parte para Maré; e seja um dia
A Ilha de Maré de Venus ilha,
Da virtuosa esposa os mimos goza,
A velhice da mãe suave torna.
Espera o Borges que saudoso fica,
E a mão do pai beijar, do amigo as faces,
Em breve tempo correrá contente,
E das cortes mofando, e seus enganos,
No patrio ninho que adoramos ambos,
Dos pais e d'amizade no regaço,
Dias felizes passará comtigo,
Uma vez da ventura o rosto vendo.

Paris, 1806.

II

Ao Dr. Francisco Elias Rodrigues da Silveira

Olhos vendados, e bordão na dextra
Co'as doenças jogando a cabra cega,
Certo mordaz pintava a medicina.
Era o empirismo, e o nome confundia.
Como co'a natureza conversava
Hipocrates outr'ora, e Elias hoje,
Se o soubesse, do quadro córaria.

Manes de Boherhave se insultados
Fostes por charlataens, corre a vingar-vos
O profundo Silveira. Em debandada
Perdido o passo grave, ei-los a trote,
O embrulhado vasconso deslindado
A mascara cahiu, ei-los por terra.

Graças Silveira recipes cordatos,
Tristes doentes livraram da tumba;
Gatos-pingados hão de ter susto,
E os sinos mudos penderão das torres.
Mas leva o teu saber á patria nossa,
Onde a luz recebeste, augmenta as luzes,
A natureza virgem mil segredos
Tem que dizer-te, quer falar comtigo.
Cuidadosa semeou com mão prudente
O antidoto efficaz junto ao veneno:
Contem cada paiz quanto lhe cumpre,
Remedios proprios tem, se males proprios,
É do medico sabio o pesquizal-os.
Distila, rala, piza, queima, infunde
Combina, simplifica; não descances,
Por abrolhos se vai da glória ao templo.
Campo ás experiencias tens fecundo;
Da natureza em flôr doces primicias
Terás, com que teu nome eternizando

D'Epidauro a sciencia enriquecendo,
A vida curta alongarás ao homem.
No Mundo-Novo, novos bens espalha.
Parte, das bellas não te empessa o pranto:
Perder de vista uns olhos feiticeiros,
Um surrizo que o peito queima, custa;...
Mas da fama o clarim alto ressoa
Nas almas, quaes a tua, virtuosas
O patriotismo abafa as paixões todas.
De Gameiro, de Paulo d'Oliveira,
E aos d'esses poucos mais fidos amigos.
Juntem-se exforços nossos; e da patria
Vamos bem merecer, morrer por ella.

Paris, 1806.

III

A Filinto

Veio-me co'a razão o amor da patria,
Aquella enobrecendo, este incitando
O estudo, vereda encontrar busco
Qu'a prol da patria os passos me encaminhe.
Nas plagas de Cabral, meu patrio ninho
Tão louçan, quanto inculta a natureza
Admiro absorto. Aqui longevos bosques,
Com verde espesso manto, insultam, quebram
Do sol os raios, e os erguidos cimos
Vão topetar co'as nuvens: aprumados
As curvas praias ornam, os pés dando
Aos abraços de Thetis, hospedosos
Ferteis coqueiros, que no fructo off'recem
Ao lasso navegante o licor doce,
A saborosa polpa, o azeite, o prato,
E nas fibras do tronco a forte amarra.
Qual Cibeles mamifera entre as Deosas,
É matrona dos bosques a Jaqueira.

Por entre as luteas flores, verdes rama
Do patente casulo pende a felpa
Do niveo algodão; bem quaes d'Odino
Nas plagas, os carambanos alvejam.
Os jambeiros Favonio embalsamando,
No matizado prado ergue a corôa
O cheiroso ananaz, o rei dos frutos.
A quente especiaria não falece
Nem balsamos e aromas, e a casca amiga
Da existência do homem. Mais brilhantes
Sorteadas cores patentea Flora,
De mais gostosos, mais brincados dotes
Pomona aqui se arrea: aqui de Ceres
São prodigos os dons. Mais longe encaro
O Gigante das aguas dominando
Despota sobre os mares; n'estes climas
Em tudo farta a mão da Natureza,
Té nos horrores seus, grande, arrebata.

Porque junto a tão solidas riquezas
As fontes d'esse ouro insultuoso
D'esse empeço da industria, esse que incita
As sordidas paixões, deslumbra estados
Natura poz? Por elle o homem muda
O curso aos rios, desmorona serras;
Por elle de insultada a madre terra,
Mostra na esteril face a injuria sua.

Vingar de Ceres pretendi a afronta,
Deixando os patrios, em alheios climas
Vim luzes grangear: e quando o estudo
Refocilar da lida permittia,
Deleitavam-me as musas. Li teus versos,
E Horacio em luso metro ler cuidando,
Á mente, ao coração juntos falaram.
Ah! quantas vezes pranteei teus fados?
Quantas depois aos meus hei dado graças
Porque deram que eu visse o luso vate?

O poetico estadio tu me abriste,
Se um dia em branco ocio, verso digno
Correr da penna minha, a glória é tua.

Sem o incentivo teu, sem teus conselhos,
Como versejarei de ti distante?
Teus versos estudar, louvar teu nome
Em baixa escura proza, eis quanto posso.
Do fraudulento oceano os perigos
Vou de novo arrostar. Vou ver o berço
De Washington, do Franklin... Ficas Filinto,
E eu parto!... Porque o mar divide as terras?
Qual prende as almas d'amizade o laço,
Porque ligar tambem não pode os corpos?
Tal quer a natureza, e tal nos dicta
Na saudade, atracção que o peito arrasta,
Para ao do amigo qu'está longe unir-se.

Se os céos derem que um dia a cara patria
O mui querido pai e amigo veja,
Com nosco vivirás Filinto amigo.
No certame poetico teus versos
Nosso farol serão. O Luso idioma
Hemos de aprender nelles, e comtigo
Relendo-os vezes mil, conversaremos.
E quando junto no amical banquete,
Nos copos espumar festivo Bacho
O primeiro tinir será teu brinde.

Em tanto qual vai ser a sorte minha?
Alheas terras deixo, alheas busco!...
Quando verei os bosques onde infante,
Dei os tenrinhos passos mal seguros?
Quando... Filinto, adeos, lembre-te as vezes
O mui saudoso, grato amigo Borges.

Paris, 1810.

IV

A Manuel Rodrigues Gameiro, Visconde de Itabayana

Respira coração! Eis os logares
Qu'em vão buscavas por estranhos climas,
Eis a ventura! Eram arremedos
Quanto longe d'aqui prazer julgavas.
Foi n'estes montes, n'estas matas virgens
Que modelado foste: a vida houveste
D'estas limpidas aguas, d'estas auras.

Sitios amenos, que me deste vida,
Salve! queridos! beijo a patria terra!
Dos meus primeiros jogos companheiro,
Tu, por quem accender-se d'amizade
O fogo começou, no infantil peito,
Recebe os versos meus despidos d'arte,
Filhos da simples Musa que os inspira,
Do meu Jacuipe nas agrestes margens.
Das dilicias. Gameiro, escuta as vozes.

Aqui jamais ardeu d'amor o archote,
Nem tanta força tem brandindo o arco,
Qu'estes outeiros seus farpões alcancem.
Os ais primeiros qu'estes ares ouvem,
Echo as primeiras queixas que repete
Balbuciando mal, são minhas queixas.
Nunca o Jacuipe viu nas suas aguas
Misturarem-se lagrimas e nunca
Nas suas margens suspirar a avena.
Os enganos d'amor eu só lamento.

O implumado cantor d'estas florestas,
Da cithara e da frauta ouvindo accentos,
Fingir procura, gorgeando o canto.

Do suspiroso bosque, o inquieto sopro
De Favonio, tranquilla deixa a folha.
O tronco annoso o ancião do bosque,
Para saudarvos os velhos ramos curva:
Á sombra sua foi que os mal seguros
Primeiros passos ensaei na infancia...
Dizei-me oh! brenhas, arvores frondosas,
Dos meus primeiros gostos que fizestes?
Aqui da curta vida não parecem
Longos os dias, nem se estudam modos
De matar tempo, quando o tempo é tudo.
Não constrange as feições fingindo rizo.
Aqui, de accordo o coração e os labios,
Pedir não usam expressões ao engano;
Mudo o artificio, fala a natureza.
Aqui não vem quebrar da guerra os rufos;
A victoria não traz de sangue a sede
Que os laços sociais desata e piza;
Dos idolos mortaes que a tumba some,
A vil adulação aqui não chega.

Desafogado o espirito medita
De Deus nas obras que admira e adora.
A razão dos sophismas escarnece:
Nem se illude a virtude ao pé do crime
Quando diz seu veneno assucarando:
"Quem mais goza no mundo é mais ditoso,
Para o gozo alcançar licito é tudo."
E as leis do céo, da terra vilipendiando,
Vazio acazo supre ao Autor dos mundos.

Ai! que restará ao justo, ao disgraçado,
Gostoso meio de tratar co'o Eterno?
Deixa que sobre o tumulo do amigo
Gaste o amigo do pranto; dá que o filho
Espere unir-se ao pae, a esposa ao esposo.

N'esta calada gruta, vem Gameiro,
Beber a paz nas aguas do Jacuipe;

Respirar liberdade n'estas auras.
Mimo das musas, generoso Paulo,
Vem, que palacios de Maré se avistam.
Vinde ver como em lidas proveitozas
Sereno passo o tempo, como o homem
Util a si, aos outros prestar póde.

Do mesquinho captivo a sorte illudo,
E de cuidados, de attenções em premio,
Do captiveiro disfarçando o tedio,
O homem que comprei, ha de querer-me:
D'elle amado hei de ser, se ha qual nos nossos,
A gratidão no coração do escravo.
Tenho affeição do pae, se o filho afago,
Tenho a do infermo que aligeiro as dores
A justiça o respeito me grangêa,
E já como em familia vivo entr'elles.
A terra que jamais seus dons recusa
A quem suor lhe dá, promette franca
D'arvore que plantei sapidos fructos.
Como a roza de Zephiro beijada
A cultura, sorrindo, me agradece!
Como o cabrito afoito insulta o p'rigo
Da ponta do penhasco pendurado!
Como no prado curvetea o potro!
Como farto o rebanho cabriola..!
Sitios amigos, porque imigos fados
De vós por tanto tempo me afastaram?

Mas lá chega o colono venerando!...
Porque de nós fugistes, me pregunta?
Não vos matou a saudade? e a memória
Não vos era afflictiva companhia?
Qual estrangeiro sois aos filhos nossos;
Lá que foste buscar? e o amigo certo
Com quem na verde idade meditavas
Quaes os caminhos de salvar a patria,
Do ferreo jugo que nos poz a Europa,
Onde eras? que fazeis? a patria geme!

Que foste lá buscar? terras d'Europa
De vicios cento, de sobejos damnos,
N'estas agrestes innocentes plagas,
Pelas que nos separam vastas aguas,
Já não vos cança que chegar vejamos,
Carregados navios arrojarem?
Que mais nos querem, d'essa Europa as gentes?
Não mais o velho! basta, não me mates.

Pinúm, 1812.

Ao chegar á Bahia

Salve ó berço onde vi a luz primeira!
Risonhos montes, deleitosos ares!
Eu te saúdo ó patria!
Como no peito o coração festeja!
Todo me sinto outro: são delicias
Quanto em torno a mim vejo.
Tem outro ar o céo, outro estas arvores!
Por onde adeja Zefiro embalsama!...
Dá que te beije ó terra!
Deste que só tu dás prazer, tres lustros
Privado qual proscrito arrasto a vida
Em forçados errores.
Ó quanto da ventura o ledo aspeito
Das passadas disgraças a lembrança
Nos aprezenta viva!
Não houvera prazer se a dôr não fôra;
Perenne facil gozo, toma a essencia
Da fria indifferença.
Aqui foi que eu nasci, devo a existencia,
Devo tudo o que sou a ti ó patria!
Eis-me: é teu quanto valho.
É nos trabalhos que no peito ferve
O nobre patriotismo: o braço, o sangue
Aqui te entrego ó patria!

1811.

Improviso

Deixei o pai, irmãos, deixei amigos,
As arvores, os sitios que indeleveis
Traços no coração gravam na infancia.
O' cara patria! para dar-te em mimo
Luzes fui mendigar. Affrontei vagas,
Outros climas soffri, e alheias manhas.
Da luza Athenas co'as lições não vastas
Minerva me apontou a patria illustre
Do immortal Lavoisier, sabio Olivière;
Lá respirei o ar que respiraram;
Ouvi de seus alumnos seus preceitos.
Do Batavo incançavel os milagres
Vi; e lavrada a Belgica por Ceres.
Do pousado Allemão parei nos campos.
Os povos visitei que a França habitam,
Desde o fofo Gascon, ao Breton rude,
Uns mais qu'outros brincões, crianças, bravos.

Tendo p'riges, e mares vagueado,
De Washington, de Franklin visto as plagas
Gratas á liberdade, aporto ás minhas.
A seu paiz, seu rei, ó quanto é bello
Lustros quatro off'recer d'estudo e penas?
E crivel póde ser!... ó Rei! ó Patria!
Os ferros oiço qu'annunciam crime.
Qu'um Paulo, qu'um Gameiro, honrados homens,
De longe me pranteem de que vale?
Da tyrannia os ferros nos separam.
ó generoso Paulo, a nossa patria,
Que! dos desvelos meus a terra é esta?...

Dizei dos crimes tenebrosa estancia,
De quanto vilipendio o patriotismo
N'estes lugares insultado vistes.
Dizei... mas o que admiro? por ventura
Os homens não conheço? o que queria?
Caricias, premios? Insensato! os premios...

Arrastar podem a innocencia aos carceres,
Mas de constancia armado o varão justo,
Co' pezo de seus ferros não se curva,
Se ao crime opprimem, a virtude adornam.

Bahia (estando prêso) em 1811.

Aos amigos

Qual entre açores vive exposta a pomba,
Em risco o homem bom vive entre os homens.
São máos os homens, máos os seus costumes.
Porque a misantropia reprehendemos?
Ella deve ser do prudente a guia.

Lá nos estranhos climas os trabalhos
Soffria, por mentiras de esperanças
De mimos (que talvez me dava a patria),
Doces mimos d'amor, não da fortuna.
Do vencedor da Europa affronto a sanha,
Illudo os Argos seus, desdenho offertas,
Entrego a vida a congelados mares...
Nenhum carinho para a patria é longo,
A quem a patria adora nada atterra.
Honra, constancia, e vós ó patriotismo!
Sois vans chimeras?... quanto m'enganastes!

A familia dispersa, os bens perdidos,
Perdida a cara mãe! resta-me a patria
Essa de meus desvelos digno objecto,
Ao ve-la disse, sem fitar, a ingrata
Ferros lança nos braços que lhe estendo,
Seu regaço é prizão, seu mimo insultos!...
Mas foi a patria? não, que a patria geme...
Quando o feliz refluxo d'essas ondas,
Que a nossas praias arrojaram crimes...

Quando?... Fugi meu pai, Gameiro, Paulo,
Pois libertar a patria não podemos,
Qu'ao menos longe della nossos olhos
Não firam quadros, que dão mate ao brio.
Pois que em nós d'amizade os bens sentimos,
Gozemos esses bens: eia fujamos;
Não venha da verdade a mão terrivel
Qual o outro, este véo despedaçar-nos.
Se tal partido não julgaes acerto,
Se fugir duvidaes, irá comigo
Um desengano mais! Adeus, amigos.

1811.

Aos Bahianos

No dia da abertura do seu novo theatro

Alteram-se as nações cahindo as eras,
Esta dos vicios solapada expira,
Est'outra crime de seu pezo esmaga.
D'Asia ao mando curvou outr'ora o mundo,
Mas hoje apenas no-lo conta a historia.
Quem hoje habita o Egypto, quem Athenas?
Das cinzas de Carthago surge Roma,
Roma dos reis terror, do mundo espanto,
Patria de Fabios, de Catão, de Bruto,
Ao jugo aventureiro a cerviz dobra.
Anime o patriotismo o rei prudente,
Da victoria o não cegue fugaz brilho:
Segue o fausto á victoria, ao fausto a queda.
Dos insultos dos paes os filhos gemem,
E a historia leva aos seculos vindoiros,
Enxovalhado nome e a pár os crimes.

Despotico volcão na Europa estoira,
No ar esvoaçando; guerra brama,

E aos roucos sons no ar braveja guerra!
Do bronze aos roncos, ao tenir das armas.
Foragidos d'Europa as artes querem
De Ptolomeu poupar cazo funesto.
Mata a sciencia o halito despotico...
Porém debalde o vandalismo tenta
Fazer retrogradar do espr'ito o curso,
Co'a imprensa Coster segurou-lhe o passo.
Mimosas filhas do celeste Pindo,
Céo mais ameno que o de Grecia ou Roma,
Carinhoso Brazil vos offerece.
Qual a flôr em terreno mais benigno,
Mais viçosa surri ao dia abrindo,
Taes em seu seio brotareis mais lindas.

Um do vosso Diniz ditoso neto,
O caminho vos mostra, eia segui-o,
Do Genio os voos despregai afoitas.

Já de Neptuno a sanha, e a furia insultam
Altivas quilhas tremulando as quinas.
Não dos raios da guerra a dextra armada,
O principe demanda alheios climas.
O que as esferas rege, e os reis domina,
Um novo imperio levantar-lhe ordena.
Quer que nos corações as bazes firme,
Que ao lado da pacifica oliveira,
Estreitadas em doce, eterno abraço,
Embelezem o throno artes, sciencias.

Do Amazonas ao Prata a natureza
A nobre pompa sua patentea,
Todas as regiões aqui se enleam,
Esta do globo magestosa plaga,
Uniu Cabral do rei a magestade.
Dos que do mar os terminos quebraram,
Os netos são que as portas lhes defendem;
O mesmo brio, e sangue, hoje os anima,

E ao aceno do rei vereis ó povos!
Novos Gamas surgir, surgirem Castros.

Foste a primeira que no Mundo-Novo
Viste, ó Bahia! d'um monarcha o rosto.
Se te deixou, com elle vai saudade.
E d'esse que cuidar de teus direitos,
Mandou, na escolha seu amor conhece.

....

O som de sua voz hoje ó Bahianos!
Dos costumes a eschola as portas abre.
Castigue os vicios aterrando, ou rindo.
Gostem as mãis de Merope os estremos,
E de Medéa ao aspeito os olhos voltem.
Ao ver Atréo do horror o irmão se errice,
Do amigo as faces Pilades alegre.
Amor chore d'Ignez o cazo triste.
Manchando o filho em sangue parrecida,
Mafoma cubra d'asco o fanatismo,
Do ciume o furor Fayel corrija.

Que o rizo mofador opprima e corra
A hypocrisia, a sordida avareza,
De baixos corações rasteiros vicios.
O gesto, as vozes, a poesia adornem,
Que d'armonia os sons o ouvido encantem.
Que magico pincel a vista illuda.

Em ar bisonho e acanhados modos,
No máo pejo a decencia não consiste;
Quadra rosto sombrio ao criminoso,
O refalsado gesto a hypocrisia,
Desenvoltura é marca de licença,
É grave, é lhana de descencia a face.

Nunca do honesto se transcenda a meta;
Que offendido decoro affronte o pelo.

A punição do crime o criminoso,
E da virtude o premio o justo vejam.
Veja a innocencia da maldade as tramas.

Da boa sociedade o trato afavel,
Costumes espinhosos amaciem;
Patrios feitos na scena, affetos novos
O patriotismo, o coração convidam.

Nua do som didactico a virtude
Melhor ao coração no exemplo fale,
E a mente deleitando, a scena deve
As normas da moral gravar nos peitos.

A uns cabellos

Bahia, 1813.

Acuzais lindos cabellos
Linda mão que vos cortou,
E de vossos companheiros
Para sempre vos privou.

Elles, Marilia enfeitando,
Tem mais dita, mais belleza,
Mas vós escolhidos fostes
Como penhor de fineza.

D'aquella com quem me vistes
Ser tão feliz, tão ditoso,
Só vós me restaes: de nós
Qual é menos venturoso?

De Marilia a fronte ornastes
Pouzaes no meu coração,
Se perdestes na ventura,
Ganhastes n'adoração.

Sobre o meu peito assim juntos,
Junto a Marilia andareis,
E em quanto o peito existir,
Sobr'elle repousareis.

Mas eu... formosos cabellos!
Como vivo, e então vivi!...
Lembrai-vos que testemunhas
Vós sois do bem que perdi.

A Marilia

Bahia, 1814.

Debalde, ó roza pudica,
Desabrochas no botão,
Debalde teu cheiro entornas
N'esta morna solidão.

Ternos cantores dos bosques
Debalde as vozes trinaes,
Não ha prazer que me agrade;
Eu só gosto de meus ais.

Sereno claro Jacuipe,
Teu murmurio me importuna,
Se d'elle gostava outr'ora,
Outr'era a minha fortuna.

Nem mais me apraz ver comtigo
Minhas lagrimas correr,
Tu leva-las já não podes
Onde ellas devem ir ter.

Salgueiro! a tua linguagem
Qu'outrora eu tanto entendia,

Hoje é muda, não entendo:
Tua conversa enfastia.

Eia! Respondei-me todos
Meus prazeres onde estão?
Dos meus gestos que fizestes,
Onde está meu coração?

Minha Marilia, onde está?
Respondei-me, ó rio! ó flores!
Se eu sou d'ella, e ella é minha,
Quem me rouba os meus amores?

Céo! se um rival em seu peito!...
Não, não temas coração,
Outros labios mentir podem,
Porem os seus labios não.

Elles disseram-me, eu te amo!
E seus olhos mais disseram,
O meu coração, bem sabes
A impressão que em nós fizeram.

Soffre alguns momentos mais
A saudade, a auzencia, a dor,
Coração, mas não recees,
Tal receio insulta amor.

O juramento que guardas
Formaram os olhos seus:
Não juram como os da terra,
Os olhos que são dos ceos.

Oh! meu bem, apressa o instante
Em que d'Hymenéo nos laços
Subamos ao ceo d'amor
Eu nos teus, tu nos meus braços.

O Adeus

Chegou do adeus o instante:
Minha Marilia, adeus!...
Ai! que viver é morte
Longe dos mimos teus.

Meu coração! ai! triste!
Mais gôsto não terás,
E tu, de mim, quem sabe,
Se mais te lembrarás.

Lá por agrestes selvas
Saudosos passos dando,
Irei por ti, Marilia,
Aos montes perguntando:

Um dia e outro dia
Irei passando assim,
E quem sabe se tu
Te lembrarás de mim!

Verei, meu bem, mil vezes
Aquelle sitio amigo,
Aonde, ó minha vida!
Fui tão feliz comtigo.

Lembranças cento, a cento,
Hão-de matar-me em fim;
E tu n'alguns instantes
Te lembrarás de mim?

Ás margens do Jacuipe
Meus pés me hão-de arrastar,
Por mais que fugir queira,
Sei que lá hei-de ir dar.

Com suas mansas aguas
Como hei-de conversar?

Por ti, qu'hei de dizer-lhe,
Quando elle perguntar?

Sitio onde amor juramos
No mais ditozo abraço,
Onde o primeiro beijo
Firmou d'amor o laço,

Teu coração te explique
Seu doce palpitar,
E como bem me lembro,
Bem se ha-de elle lembrar.

Ah! lembrem-te os momentos
Queridos dos amores,
Lembrem-te... tu bem sabes...
Lembrem-te os seus favores.

De ti já não duvido
Sim, tu me amas, sim,
E qual de ti me lembro
Te lembrarás de mim.

Ao rio Jacuipe

Cançoneta

Manso Jacuipe
Rio saudoso,
Ouve os queixumes
D'um desditoso.

Viste-me alegre
Ve-me choroso.

Tinha jurado
De Amor zombar,
E nova jura
Venho hoje dar;

Quem viu Marilia
Jura de amar.

Antes de vê-la
O gosto ou dor,
Qu'em mim sentia
Não era amor.

Hoje arde o peito
Sou todo ardor.

Hoje é que sinto
Essa ternura
Que só Marilia
Tem na candura.

Mimo dos céos,
Dom d'alma pura.

Já lhe fiz dote,
Do coração:
É seu: quer ella
Acceite ou não.

Embora chamem
Erro ou razão.

Morro se d'ella
For desprezado,
Jacuipe amigo
Ahi tens meu fado,

Ahi tens a sorte
D'um desgraçado.

Perdendo a vida
Cessa o penar:
Porem Marilia
Onde ha-de achar

Quem como eu amo
A saiba amar?

O nome e a jura
Qu'eu a ti digo,
Só a Marilia
Ó rio amigo!

Dize, se um dia
Falar comtigo.

E vós Favonios
Que assim brincaes,
Quando ao pé d'ella
Brando adejaes,

Dizei-lhe ao ouvido
Que sois meus ais.

Placida limfa
Que lá vás ter,
No teu murmurio
Convida-a a ver.

Lagrimas que ella
Me faz verter.

Ao Tabaco

Quintilhas

Nulla salutifero se comparet herba tabaco
Viribus hac omnes ex superat reliquas.

J. P. Germarchemius.

Odorifero tabaco
Minha homenagem recebe;
Cante aos louvores de Bacho,
Cante amor, quem não concebe
Como alivias o caco.

Se em vez do manhas damnozas
Quaes o amor, o jogo, o vinho,
As vossas ventas ranhosas
Enchesses (gado domninho)
De pitadas saborozas.

De tal uso assoberbados
Os dedos desprezariam
Garrafas tocar e dados
E inda menos tocariam
Em objectos vedados.

Quanto apetite culpado
Tentasse vos assaltar,
Com a pitada occupado,
Ousa-la-hias largar,
Ó tabaquista arreigado?

Nariguda confraria
Séria gente tabaqueira,
Da caixa, sem ironia,
Confessai, de quanta asneira
Vos livrou a companhia?

Naturalista profundo,
Pesquisando a Natureza,
Altos segredos do mundo,
Quando vistes com clareza,
Vistes a caixa no fundo.

Quantas pitadas não sorves,
Mathematico incansavel,
Quando abaixo e acima volves
Teimoso incommensuravel,
Que sem caixa não resolves.

Quando remexendo a bola
Busca fugitiva rima
O poeta que se esfola,
Se uma pitada sublima,
Traz-lhe o termo, e o consola.

Não é digno de viver
Quem o tabaco despreza,
Molière ousou dizer;
E do contrario a defensa
Quem ha que possa emprehender?

Foi o maior tabaquento
Da Prussia o maior monarcha,
Em armas, letras portento,
P'ra dar de tabaco um arca
Cada anno ao nariz e ao vento.

D'outra guiza preparado
Tambem o tabaco exalta,
Quando miudo picado,
Pela gente baixa ou alta,
É no cachimbo fumado.

Não vai afrontar os mares
O marujo sem cigarro,
E fumando os militares

Seguem da victória o carro,
Co'o fumo toldando os ares.

Quando lá de Portugal
Á França Nicot o trouxe
Admiração causou tal,
Que Medicis dignou-se
Dar-lhe o seu nome real.

De Jean Nicot vem-lhe o nome
Tambem de Nicociana;
E o de Santa Cruz obteve
Da Curia sacra de Roma,
Que ao Tejo igualmente deve.

Porque, teme elle o pomposo
Grande nome de Herva Santa?
Porque, em virtudes famoso,
Tem força medical tanta
Que passa a miraculoso.

De cardeal legatario
Mão sagrada cultivado,
Que planta do campo o herbario
Que vegetal tão honrado,
Foi já n'esse reino vário?

Com metade da honraria
Qu'essa planta mereceu,
Outra qualquer quereria
Ir a nobre, de plebeu,
A patria desprezaria.

Mas elle o nome conserva
Do caro silvestre ninho,
Só fazer bem se reserva;
Qual arbusto campesinho
Vive, ou qual ignota herva.

Sem ti planta precioza
De que servira o nariz?
Desta vida trabalhosa,
Para consolo te quiz
Dar-nos, mão de nós piedosa.

Quando á pitaria unido
Vai-se o teu cheiro espalhando,
Como sabe do sentido
Ir as magoas afastando,
Dar o socego perdido!

E como, quando o prazer
Do coração nos transborda,
Sabes das ventas correr,
Tocar da milicia a corda,
E o gozo melhor fazer!

Deixar a caixa querida,
Da morte é bem máo signal,
Porém apenas a vida
Volta, e nos livra do mal,
A caixa é logo pedida.

Minha fiel companheira
Jamais te abandonarei:
E na hora derradeira,
Juro que te guardarei
Junto á minha cabeceira.

E se inda tabaquear
Podemos alem da morte,
Se essa ventura ha sem pár,
Praza aos ceos que eu tenha a sorte
De minha caixa levar.

Cantigas improvisadas

No mar, indo preso da Bahia para o Rio de Janeiro.

Ingrata patria,
Cruel querida,
Quero deixar-te
Deixo-te a vida.

Ficam parentes,
Fica o amigo,
Só a saudade
Trago comigo.

Em terras d'outrem
Soffrendo damnos,
Foram meus dias
Magoados annos.

Tinha a esperança
Por companhia,
Tudo era pouco,
Por ti soffria.

Hoje sem ella
Que mais me resta?
Vida assim triste,
De nada presta.

A paz buscava
Nos patrios lares,
Achei por mimos,
Ferros, pezares,

Ingrata patria
Sempre querida,
Quero deixar-te
Deixo-te a vida.

A uma menina

No dia em que fazia 15 annos.

Fugiu de ti hoje a infancia,
E rebenta a flor da idade,
Co'a infancia fugir não deixes
A meiga simplicidade.

Seus modos dão mais realce
Aos dotes da gentileza,
Não ha bello verdadeiro
Quando falta a natureza.

De tua mãe carinhosa
O conselho, o exemplo aceita
Que te protesto, Climene,
Que sempre serás perfeita.

ODES

I

Dia 12 de outubro, 1823

No incauto povo os crimes embebia
Por labios embusteiros enfeitados,
Maculando a fagueira Liberdade,
Demagogia astuta.

As mimosas feições, as lindas formas
Do viçoso Brazil, já se afeavam,
Sob as sanguentas garras com que ancioza
A anarchia o empolgava.

As mães choravam já, tremia o espozo,
Os degraos do patibulo a virtude
Contava já, e aos urros da revolta
Jubilava o perverso.

Lá cahe o Imperio de aluidas bases!...
No ameno vale, na floresta virgem,
Lá se estende o ribombo surdo e rouco
Do mugido do crime.

Rasgado o coração!... ai! Pedro! Pedro!
Morre, se tardas, o Brazil, acode!
Defendel-o juraste, o voto cumpre,
Se não, aos ceos insultas.

Onde os punhaes? e o halito empestado,
Que em negra nuvem sobre nós pezava?
Eis o ceo azulado, o ar suave
Que dá vida ás delicias.

Salve! querido brazileiro dia?...
Tu, que em dote ao Brazil seu Pedro deste
No circulo dos evos perguiçozo
Volve puro e risonho.

II

Dia 22 de janeiro, 1825

Da gloria enlevo não subira a tanto,
Sem a doce esperança dos sagrados
Da fagueira belleza.

Sem os carinhos da adorada espoza,
Suportaveis não foram penas lidas,
De que se a vida mina.

Além da tumba que emportará a fama
Se na prole (inda um mimo da consorte),
Não continuasse o homem?

Sexo querido, da virtude imagem,
A delicia é comtigo; se não foras,
Fora o mundo um deserto.

Se na choupana estás, lá estão deleites;
E se ao lado do heróe o throno ocupas,
Abrilhantas o throno.

Dado fôra sem ti vestir a purpura
A justiça, o valor, mas não vestira
As graças, a clemencia.

Heróe sem Leopoldina Pedro fôra,
Mas o Brazil o heróe deificando,
Gemera em orfandade.

Da Santa Cruz imperio não tivera
Sem Leopoldina, as prendas preciozas,
Que lhe asseguram seculos.

Nossas tenrinhas flores brazileiras,
Guardai ó Deus!... sómente um pai conhece!
Mas que sagrada aurora!!!

Dando a filha dos Czares ao mundo,
Á realeza meio-mundo deste,
Dia grato aos monarchas!

Lá do Danubio as ninfas te saudavam,
Quando as ninfas bahianas o seu Pedro
A vez primeira viram.

Como lhe envesga os olhos a anarchia!...
Io! de Leopoldina a prole augusta
De Pedro a obra firma!

Io! dia sem par! são obra d'outros
Trophéos e independencia tuas graças,
E a duração do Imperio.

Os tumulos

CANTO I

Longe risonhos engraçados sitios,
Frescos ribeiros, auras perfumadas.
Esfriou nos meus labios o sorriso,
Nos meus olhos as lagrimas secaram.
Foi-se até de chorar triste consolo.
Gravosa idéa e espirito acobarda.
Quebra-me as forças; já não vivo, existo;
No futuro morri, morrendo o filho.
É mansão minha o olvido, que vingado
Via em virtudes, que no filho abriam.
Meiga filhinha, virtuosa esposa,
Orfans comigo, iguaes na desventura
Vinde um adeus dizer ao irmão, ao filho.
Á noite cede o sol a etherea via;
Longe de vãos prazeres, vamos juntos,
Por entre sepulturas vagueando,
Amargoso consolo vem, saudade!

Palida fria luz derrama, ó Phebo!
Sentidas queixas, triste gorgeando,
Desate suspirosa philomela.
Mirtos, ornai amantes venturosos,
Em torno a mim cyprestes mil negregem.

Um ai alheio o misero consola,
Ninguem um ai me dá, ninguem me escuta!...
E compaixão procuro?... anhelo a morte:

A morte é refrigerio da desgraça,
E para o justo a noite d'um bom dia,
A morte espanta só quando pensada,
A morte é nada, a eternidade é tudo.

Cercado estou de tumulos... abri-vos
Reino da morte, abrigo do infortunio!
De chimeras caducas desengano.
Erguei-vos mestas, pavorozas lousas!
Ossos mirrados, lividos despegam,
Fetidas carnes, podres ligamentos.
Que impuros vermes em silencio passem;
Ascosos restos de formosas fórmas.
Eis os profundos admirados sabios,
Os reis altivos, grandes e temidos!
Nem teus visos belleza aqui se estreiam.
Igual poeira dão, cajado, sceptro,
Os farrapos do pobre, e a regia purp'ra;
Na sepultura tudo se confunde;
Tudo assim passa, a morte acaba tudo.
Da humana vida aurora e o ocaso tocam.
É como a luz a vida, apaga-a um sopro.
Sabemos vida ter porque sentimos,
Vem de fóra o sentir, a vida é nada.

Após honras serpeai rasteiros entes,
Esse raio apagai que vence a morte,
A virtude: e depois notai os tumulos!

De inconsolavel mãe ouço os queixumes!...
Sombra querida, do querido filho!
"Meu amor, meus desvelos, nada pôde!...
"Meu Deus, tanta oração, tão puros votos
"Tudo baldado foi!... Mais não augmenta
"Um esp'rito celeste a glória tua,
"E perdi no meu filho a glória minha.

"Se mais era que humana a prenda amada,
"Porque o fizeste assim, para roubar-m'o?

"Para todos tão bom, és máo comigo?
"Que mal te fiz meu Deus?... Porém que vejo!
"Oh! quanta luz diviso! vejo as fontes
"Do eterno incomprehensivel!... eis meu filho!...
"Filho adorado vem, corre a meus braços!
"Olha o seio infeliz de que nasceste,
"Olha estes peitos que te deram leite,
"Conhece aquella voz que os sons primeiros,
"A formar te ensinou, que te chamava
"Para teus jogos; tua mãe conhece:
"Dos teus primeiros gostos companheira,
"Companheira fiel nas tuas dores.
"Quem te beijava quando ao pobre davas,
"Quem te beijava quando o amor da patria,
"Vinha do coração no infantil fogo.
"Quem esquecendo o alimento, o somno,
"Junto ao leito da dôr constante viste
"Quem pela vida tua dera a vida.

"A cada passo um nobre monumento
"Do que serias, filho, vem matar-me;
"Ó Brazil! ó Bahia! ó patria nossa!
"Chorai meu filho, que um heróe perdestes!
"Nem o materno amor me cega: digam
"Quantos o viram, qual a nossa perda.

"Dias de angustia assim porque fugistes?
"Vinde outra vez trazei minha esperança,
"Trabalhos mil com ella embora venham.
"Deus, ou dai-me o meu filho, ou dai-me a morte.
D'um pai nenhum trabalho as forças quebra
Quando se vê na prole continuado.
A filha move sentimentos brandos,
O filho eleva para a glória o brio.
O filho é outro elle, além da tumba
Vê remoçarem as fadigas suas:
Do filho no esplendor, no porvir goza.
Lá vai seu nome de lauréa ornado.
O movel principal de humanos feitos,
O amor proprio, se dilata e farta.

Ah! como foges mentirosa esperança!
O doirado futuro como embaça
O halito da morte! Vãos projectos!
Já da verdade o espelho formidavel,
Mostra o que são da terra os bens caducos.
Que mais aspira o pai, que mais deseja?
No futuro morreu, morrendo o filho!...
Hymeneo que de flores coroado
Sua dita fazia, e seu tormento:
A dôr lhe dobra da consorte as dores.
Fita a querida lamentosa esposa,
Vê do filho as feições, não vê seu filho.

Ali brincava, aqui lia comigo;
Este desenho é seu, eis sua letra!
Cobrem a meza insulsas iguarias.
Junto a mim se sentava... onde! onde!
Ai! como do consorcio o tecto amado,
Cobrindo o casto amor, afflige agora!
Ai! quanto fujo de mirar a esposa!
Leio em seus olhos o que n'alma sinto,
E sei que os meus lhe estão dizendo o mesmo.
Nem eu, nem ella pronunciar ousamos,
Partem do peito os ais, dos olhos pranto.
São ambos desditosos, mas se querem,
E porque muito ama, temem-se ambos:
A saudade os separa, amor os chama.

Tu meu thesouro, filha suspirada,
Da vida alento, que tremendo adoro;
Que transcendes no esp'rito tanto a idade,
Qual teu irmão, precoce!... vai-te idéa!...
Como no frio. no forçado rizo
Com que para alegrar-me, o mal disfarças,
Minha alma punges, com doçura amarga!
Constranjo o rosto a desmentir o peito.
Esse terno cuidado que desvia,
De nossos olhos, do irmão perdido
Os móveis favoritos, os brinquedos,

A custosa attenção com que o não chamas!...
Teu doce agrado me envenena a vida.
Oh! alma, de minha alma, ó minha filha,
Vem a meus braços, vem, chora comigo;
Não temas de irmão dizer o nome;
Eia, de pranto nossa dôr fartemos.
Ainda a vida em flor, innocentinha,
Ignoras o prazer, e a dôr conheces?
Ahi a tens, guardai-a, ó Providencia!
Porque sem ella suportára a vida!
A filha existe... a vida te agradeço;
Agradeço o meu mal, é bem da filha.
Sacrificios humanos não te bastam!
Ahi tens meu filho morto: tenra planta
Longe do clima seu, medrar não pôde.
Patria, longe de ti, por ti soffria,
Balança o amor da patria, o amor paterno;
Que mais querem de mim? mais soffrer posso!
Quebradas forças, animo abatido
S'inda podem prestar-te, anciada patria,
Qual meu vigor te dei, dar-te-hei o resto:
Com que ufania te legava o filho!
Ó quanta nelle tu perdeste glória?
Ouve-lhe a voz extrema e extremos votos;
Elles quebraram junto do meu peito.
"Vinde a mim charos paes, nada de pranto,
"Pouco tenho de vida, ó paes! beijai-me...
"Minha irmã onde está? quero abraçal-a.
"Pois que ao Brazil servir me não foi dado,
"Ao menos saiba que por elle morro.
"O que o Brazil me deu, o Brazil tenha:
"Não, não deixem meu corpo em terra estranha
"Entreguem-me ao Brazil... ultima graça...
"Eu fui bom filho. Adeus!" e um ai! meu filho!
Sombra adorada, assim ó heróe, o justo
No fim de longa vida o mundo admira:
Pia resignação, corage heroica,
Serenidade sempre inabalavel
No soffrimento, e mesmo até desprezo.

Assim que da affeição via os indicios,
Voava a gratidão sempre em seus labios.
Porqu'outrem não soffr'esse, impunha ás dores;
Com suas proprias mãos curava as chagas!
As bemfazejas mãos qu'inda estou vendo
Erguidas para o céo, a Deus orando.
Inda me sôa n'alma a voz quebrada,
"É baldado pedir, o céo me chama."
Inda o que disse seu retrato vendo:
"Perdeis o original, guardais a cópia."
Inda... e é religião soffrer?... não posso.
Quantas vezes os gemidos suffocando,
Sobre o chagado corpo quantas vezes,
O meu corpo estreitando, a mão convulsa
Desfallecida já, secou meu pranto;
E com frio serriso procurava
Um consolo me dar, forçando a angustia?
Com a patria sonhava: e quando a febre
Abalava pungia o assento d'alma,
Era para exaltar o amor da patria,
A saudade dos seus, o amor paterno.
Se ao Brazil não serviu, morreu por elle.
Nem ao menos ó céo! lhe deste o gôsto,
De ver, morrendo, a patria libertada!
Da Divindade arcano impenetravel,
Inda na infancia; e já virtude tanta!...
Tinha dez annos!... Religião, conforto.

Sagrada habitação d'alma celeste
Lamentoso penhor, tristes rel'quias!
Não, não sereis entregue á terra estranha.
Vivo com nosco tu peregrinaste,
Morto acompanharás nossos errores.

Ó tu que encerras, urna respeitosa,
O puro coração do infante puro,
Para tanta virtude estreito estadio:
Aquelle coração tão compassivo
Tão bom, tão sancto, além da idade sua...

Urna que encerras da bondade o templo,
Do desditoso pai te banhe o pranto.
Dá que te abrace em quanto a alma ao corpo.
"A seus paes, e ao Brazil" doce verdade,
Que me lascera o peito, ai!... já não sente,
Immovel, frio!... nunca mais? oh! filho! filho!
O halito de Deus, alma divina,
A Deus voltou, no mundo não cabia.

CANTO II

Memória, o que és tu? bem, ou tormento?
Porque lembras a dôr, sem dar-lhe allivio,
E o prazer porque se mais não torna?
Rodage intellectual o pensamento,
A despeito de nós, ou marcha ou pára;
Dá-lhe impulso, invisivel movimento.
Potencia d'alma, é no teu crepusculo
Onde antigas lembranças vão perder-se.
Eu peço ao coração minhas lembranças,
E vivo tabernaculo que guarda
Os nobres, os felizes sentimentos;
Não mente o coração, falha a memória:
Tende a memória á obscuridade, ao nada,
O coração á luz; tendo a Deus mesmo.
Lembrança, tu por quem revive o homem
Na passada existencia; espelho magico
Que reflectindo os casos, os objectos
Emprestas essa vaga poesia
Dos vislumbres suaves da existencia:
O longe, a ausencia, geram esperança,
Que sem ella o porvir fôra martyrio.

Sombra querida do querido filho,
O amor de teus pais cumpriu teus votos,
E satisfez o nobre teu desejo;
Elle um dever sagrado nos impunha;
Teu corpo não consome terra estranha,
Está na terra de que foi formado,

Entregue ás auras que lhe deram vida:
Essa terra, essas auras, teus encantos.
A luz que te animava, e ver cuidasae
Do Brazileiro sol na hora extrema,
Quando a ultima voz que nos chamava
Repetiu balbuciando "Deus e patria"
"D'outro sol, d'outra terra nada quero,
"De meu paiz té gosto dos defeitos;
"Estrangeira pronuncia imittem outros,
"Meu assento bahiano guardei sempre,
"E lembrança dos sons da minha infancia:
"Não, não deixem meu corpo em terras d'outros.
Da fallaz illusão em seus enganos
Cuido abraçando o ar, tocar sua alma.
Do orbe o espaço attrahe o pensamento,
Qual o abysmo ao que n'elle mette a vista.
Como os corpos, o espirito procura
De seu ninho as caricias, os costumes.
Quer a côr de seu céo, quer os seus astros.
Dos Tropicos a planta se estiola,
Morre abafada de pezadas nuvens,
Que de seu claro sol os raios furtam.
Qual filante meteóro, faiscando
Na etherea via seu phosphorio lume,
Assim foi seu espirito entranhar-se
N'abobada azulada em facho d'oiro,
E largar uma lagrima suave
Que infiltra o coração, e a dôr adoça.

Lá do fóco da luz, centro das fôrças,
Em derredor das quaes os mundos giram,
Lá na mansão do justo e da innocencia,
Ao Todo-Poderoso o filho leva
A nossa, a tua fervorosa prece,
Pelo nosso Brazil, por nossa gente,
Quanto aos olhos do pai o filho agrada!
Quantos viram o meu, bençãos lhe deram.

Homem de bronze manda o filho á morte,
E se parceiros tens, heróe te chamem,

Se da vida cortando o fio a morte
Nos matasse a saudade, esse agro-doce,
Esse laço que prende o vivo aos mortos,
Como vivera o pai, morrendo o filho?
O filho que seu pai leva ao futuro;
Continuação do pai, do nome e feitos,
O passado, o porvir, tudo está n'elle.
Arrancando de nós parte da essencia,
E a viver obrigando-nos, oh! fôra
Decreto horrivel do poder tremendo!...
Onde me arrasta a dôr? perdão! piedade!
Dôr que blasphema, não é dôr, é raiva.

Seja qual fôr a mão, qual a barreira
Que de meu charo filho me separa,
Hei de tornal-o a vêr, a alma não morre,
Sopro de Deus, é como Deus eterna.
Só o que é falso e máo é impossivel.
Revelações ás vezes tem nossa alma
Do que ha de acontecer, nós não só vemos
Pelos olhos do corpo; mysteriosos
Mais penetrantes são d'alma os sentidos,
Quando a fim prematuro declinamos.
Quantas vezes erguendo as mãos e os olhos
Para a imagem da immaculada Virgem,
Seu angelico aspecto, me enlevava!
Punha seu coração em sua préce.

Da pia contrição necessidade
A préce é, a préce é o perfume
Que só deve incensar de Deus os passos.
Devota relação de Deus com o homem,
Meio glorioso de tratar com o Eterno,
Cadeia que suspende o pensamento
Dos mundos, e que os prende á Divindade:
Delicia, allivio d'existencia afflicta,
Privilegio sem par com que podemos
Em lampejo de luz, a furto a vista
Pôr no horizonte de futura vida;

Vida sem fim, e não essa que marca
Oscillações do pendulo, e que passa
Como a roda do carro, que rodando
Encurta o espaço; e nem como da nave
A prôa que após si as vagas deixa;
Gôso do coração, gôso da mente;
Eu sinto a préce elevar-me ao Empireo
Qual das flores o aroma, qual das aves
A maviosa voz que o bosque alegra:
O fresco orvalho qu'em neblina sobe,
Da madrugada as roupas branqueando,
De fino aljofar enfeitando Flora.
Macia viração, do quasi dia
Do sol inda furtiva claridade,
No sombrio do templo magestozo, —
Madrugada gentil c'os teus encantos
Acorda a devoção nos entes todos:
E toda natureza a Deus festeja,
Respeitozo holocausto offerecendo
Em carinhoso aveludado sopro,
Em suaves aromas, puros cantos
Que são da préce o som que sahe do peito.
As funestas idéas se esvaecem
Com a noite que foge, despertando
A mimoza da vida, a esperança.
De sublimes prodigios enlevado
Scintilantes espiritos divinos
Em religioze arrobo o pensamento,
Entrar por todo eu, sinto devoto,
E creio absorto na immortalidade.
Quanto empenho incred'lo porque obtenhas
D'um rei, e d'um ministro uma audiencia!
Com que anhelo o colloquio de uma bella?
A préce é colloquio, a audiencia
Do Senhor dos ministros, reis e bellas.

E tu impio o que vês em tanta glória?
Em tanta luz, em tanta maravilha!
Se teus olhos se offuscam, miseravel!

Tua fraca razão o que te mostra?
Olhos que Deus não veem, vendo o universo!
Recorre na afflicção ao teu acaso:
Tu que da préce o lenitivo arredas.
Lá vem do desengano a fatal hora,
Vem o remorso, roubo do socego,
Rasgar-te o peito co'viperio dente.
Traz ante os olhos o supplicio sempre,
Aquelle que ao supplicio sobrevive,
Furta-lhe a consciencia a sombra d'elle.
Atheo, dize em que pões tua ventura,
Patria, amigos, familia que te importam?
Sem religião o que é sociedade?
Que nexo póde haver que ligue os homens?
Se a virtude co'vicio se confunde
Se o bem premio não tem, castigo o crime?
Tanta filaucia em si, é insolencia
Que insulta a natureza, inverte a ordem.
Porque ha-le trabalhar quem nada espera?
Para quem nada espera, tudo é nada:
Quem um fito não tem sabe ser homem,
Sabe amor o que é, sabe o que é patria?
A coração de lama do que valem
Carinhos do hymeneo, mimos da prole;
Esse tecto que cobre respeitozo
Casto conchego, paz, amor, delicias?
Que é tão deserto quando falta o filho!
Imperio quem te formou? foi teu acaso,
Teu acaso que é? palavra ôca,
Refugio d'ignorante soberbia.

Dizes que não ha Deus, e existe o acaso!
Ha obra sem author! eia responde!
Eu adoro o meu Deus, tu o que adoras!
Tão nobre sentimento não conheces
Infeliz! que te pões a par dos brutos:
Seremos fumo que se vai nos ares?
Um fantasma será essa potencia
Que inventa, que compõe? O que é o homem?

Quem fez a luz qu'oriente inunda,
E estende esse horizonte immensuravel?
Foi para em um momento confundir-nos
Quem alçou esses picos que o sol doira?
Desdobrou esse immenso espaço de aguas?
Quem ordenou que o coração batesse,
Sem que se explique o espirito pensasse?
Amizade e amor são meros ditos?
São meros ditos, honra, patriotismo?
Teu Deus são algarismos e phenomenos,
Tua revelação a natureza,
Teu Evangelho, tua biblia o instincto?
Se crês no instincto, e crês na natureza,
Porque não crês em Deus, se Deus é tudo?

Eia mostra o que sabes, das sciencias
Cuidas subir os gráos, e nunca chegas
Ao ultimo que toca a Divindade.
No ronco do trovão que a terra aballa,
E no rouco ribombo o ar estruge
No fuzil do relampago que silva,
No raio que crepita, offusca e estala,
No mugido do mar, rolando irado,
No vento que sibila, zune e açoita,
Um poder sobr'humano não descobres?
D'onde, aos astros vem o brilho, e o curso,
D'onde do mar o fluxo e o refluxo?
Vez nas sementes arvores e fructas,
E raças d'animaes da terra, na serenidade.
Não vês a imagem da risonha noite
D'essa eterna verdade de que os homens
Turbar não podem a divina fonte?

Tu que só crês nos corpos, porque os tocas,
E que negas do espirito a existencia,
Vem ao albor d'aurora ver os campos;
Olhar quanta alegria o sol difunde,
Sentir da flôr no aroma, de Favonio
Affaveis beijos que fugaz espalha;

Tocas a luz, os cheiros, a alegria?
E negarás seus mimos deleitozos?
Se os sentidos falhando, a crença é erro,
E se engana a razão, feliz engano,
Que faz mirar ao longe uma ventura.
A mundana fortuna transitoria
Outra melhor fortuna não promette?
Qual a terra no orbe fragmento
Attesta, e aos olhos apresenta os mundos?
O desejo constante que nos segue
É de feliz futuro uma promessa:
Felicidade, dom não é da terra,
Tem origem no céo, e não se perde:
Ha um eterno amor cuja faisca
O nosso é, e vai lá confundir-se
Nos profundos arcanos d'onde veio.
Da eternidade no fiel depósito
Tudo está, dores, lagrimas, prazeres,
Acha-se tudo qu'existiu e existe.
Quem medir póde a orbita grandiosa
Da sublime divina intelligencia,
De que nós somos minima parcella?
Sem attingir, sentindo o infinito,
Absorto perante a magestade,
Em tal aprehensão vendo o que vales,
Ajoelhado adora pede espera —
Seu presente, o desejo não preenche,
É que o porvir o quer — que seja occulta!
O thesouro de Deus guarda o futuro;
E o que espera tem delle alguma graça?
O thesouro de Deus guarda o futuro;
E o que espera tem delle alguma graça?
De feliz a expressão gostosa é "Hoje",
Como o frio "Amanhã" pertence ao triste;
Amar é quando o coração admira,
Admirar é quando o espirito ama;
Quando é completo o amor é paciente
É absoluto, e julga-se perpetuo.

Progresso e fim reproducção demonstram,
Nada é perfeito, tudo é transitório,
Tudo acaba e revive, o homem mesmo
Que ufano cuida ser de Deus imagem,
Seria eterno se perfeito fôra.

Deus é mysterio, adoração, grandeza,
Omnipotencia, amor, justiça, glória,
Termo não ha qu'exprime o inexplicavel.
Tentem sophismo, pedantismo embora,
Trocando uns termos, inventando outros,
Explicar o que a mente não alcança.
Ente rasteiro pára em tua esfera.
É de tua razão curto o limite,
D'essa razão além, tudo é delirio.

Ente dos entes quem negar-te ousa?
Para em mim contemplar-te, eu fecho os olhos.
Sentindo humilde a fraca humanidade,
N'um enlevo de luz, curvado adoro
E beijo a madre terra que nos nutre.

Apezar dos esforços da impostura,
E futeis devaneios de filaucia,
Em nossos corações conserva a crença,
O sentimento religioso ainda
Nos habitos, nos usos, nos costumes,
Nas tradições que a fé tem consagrado,
A sempre-viva flôr inda se colhe;
Inda viva essa pia reverencia
Qu'ao aspecto da cruz curva os joelhos.
Desvairados espiritos nutridos
De ficções mentirosas da demencia
Riscar da consciencia em vão pretendem
A convicção de um Deus, refugio amigo
De quem, soffrendo, pega-se á esperança.
E a fé, a esperança realizada,
A fé sustenta, a esperança anima,
A caridade une consolando.

Vanglorioso sofista não arrosta
Do seu talvez tremendo a hora horrivel;
Não; um talvez não é a vida eterna.
Sem fé e sem esperança a existencia
De desesperação fôra o martyrio,
E a suspeita seus olhos envesgando
Olhára de través o juramento,
Os laços de familia, os d'amisade;
Respeito ás leis, dever, direitos de homem,
Promessas, convenções, palavra de honra,
Foram ludibrios em falaces termos:
De seu chefe o soldado duvidoso
Ao rufo do tambor largára as armas,
Nem fiando no medico o doente
Tocára a taça que a saude encerra:
O duvidoso estado a paz espanca
Nem ha satisfação quando ha suspeita:
Sem fé, sem crença, o animo franquea,
Sem caridade o coração resfria,
Apaga-se esse fogo sacrosanto
Que no seu bemfazer a Deus imita:
Murcha da vida a flôr, por Deus plantada —
Vós que mães deshumanas engeitaram,
Negando-vos um seio amaldiçoado,
D'onde o materno amor fugiu de pejo,
E vós qu'a morte deixa em orfandade,
E vós pela doença acabrunhados,
Vós honradas ruinas mutiladas
Pela ira do ferro e das bombardas,
Victimas da mizeria e do abandono,
Erguei ao céo as mãos esperançozas.
Nas filhas d'esse heróe da caridade;
Firmes na fé obstaculos não conhecem
Deixando paes, irmãos, amigos, patria;
A sua patria é lá onde outros soffrem.
Dos mares desdenhando as tempestades,
De zelo caridoso apoderadas,
Vem animar o filho abandonado,
Dar meiguices de mãe ao orfãozinho,

Ao que chora, uma lagrimas sentida;
De conforto um sorrizo ao moribundo
N'essa muda espressão, n'esse segredo
Que a mulher só conhece, e a dôr percebe,
Da paciencia, de bondade imagem,
Vós que dos corações sabeis os trilhos,
Vós virtude em ação, mulheres santas,
Vinde, da caridade irmãs benignas,
Por vós espera o desvalido, o pobre,
O soffrimento, a dôr, doença e fome:
Vinde, o Brazil vos chama abrindo os braços,
Vinde, aceitai do pobre a hospedagem,
Ella é do pobre o simples agazalho.
A dôr mais que a ventura as almas liga,
Melhor do que gosar, é zoffrer juntos.
A paz e a esperiencia da velhice
São os adornos que lhe ganha estima,
Dão-lhe respeito as cans, sciencia o estudo
É a velhice junto á juventude,
Sombra de tarde na manhã viçosa.

Da influencia do clima, e seus productos
Tão ricos n'este prodigo hemisferio,
Quanto d'estrellas é o céo, que o cerca,
Pedi ao ancião lições proficuas,
Mil segredos á analyse inda ocultos,
"Pois inda que em sciencias muito cabe,
"Mais em particular o experto sabe."

Tu dos impios terror, glória dos justos,
Ó morte! porque em flor e tão mimosa
E tanto azinha me roubaste o filho?
Avarenta dos bons, mais alguns dias
Porque não déste ao pai, para mirar-se
Gosando o melancolico reflexo
D'esse olhar que diz mais do que a palavra
D'esse olhar que calara no meu peito?
D'esse sereno aspecto, essas mãos juntas
Por seu paiz orando, aos céos erguidas?

Nem vacilaste ouvindo os ais pungentes
Do pai, da mãe, e a supplica innocente
Da tenra irmã chorando o amor fraterno?
Porque a foice, ó Brasil, não desviaste
D'um digno filho que esperava a fama?
Não sabias que joia te furtava?

Uma porção de mim, de mim sumiu-se,
So metade da vida me acompanha,
Como é vazio o mundo sem meu filho!
Minam meus dias afflicção, saudade;
A dôr do coração aggrava tudo.
Fôra um deserto o Eden, quando fosse
N'elle a separação dos que se amaram.
A demora entre a perda e a esperança
Grato intermedio é que nos foi dado,
Para enganar o mal, bem como aos olhos
No golpe do machado, e o som que o segue:
Assim tendo perdido quem amamos
Dura a prolongação d'essa miragem,
Como quando do sol fitando o occaso
O astro já sumido no horizonte,
Sentem-se ainda seus raios que esclarecem,
E cuida-se inda vêl-o radiando
Longo tempo depois dentro da idéa,
E só depois que pouco a pouco apaga
É que julgamos ter em fim morrido:
E a morte o que é? Sumiço, olvido.
Mas do filho a lembrança acaba nunca?
O filho é outro eu, em mim reside
Fôra esquecer-me, esquecendo o filho.
Deixas da morte, restos preciosos,
Reliquias de saudade, eu vos respeito!
Esta é sua lettra, sua pena
O coração guiava amor dictando:
Estes eram seus moveis favoritos:
Seus jogos tinham sempre em patrio fito,
Que desse a seu paiz prol e renome,
Testemunhas fieis são seus desenhos,

Seu coração, seus nobres sentimentos,
Tudo era Brazil: como o vi bello
Ante a estatua do nobre mutilado
Terror de Trafalgar, d'Albion glória,
Mentiroso porvir ancho aspirando,
Pensativo exclamar: "sim eu te juro
"Meu modelo serás, hei de imitar-te!!!"
Aqui brincava, ali... leito de angustias
Quanta resignação, quanta ternura!
Do justo a impavidez, a paz do santo.
Quando o espirito do corpo se desprende
Livre soltando da materia os laços,
Fulguram n'elle assomos de divino:
"Debalde procuraes guardar-me a vida
"Não deparastes de meu mal com a séde;
"Ahi está da morte o espectro, d'olhos fitos,
"C'o frio dedo aponta a eternidade."

Saudade esperançoza que disfarças
Os pezares d'auzencia, e a morte illudes,
Que fingida doçura dás ás lagrimas,
Que n'um ai, n'um suspiro dás alivio,
Que desenhas aos olhos da memória
Meigos abraços, sitios deliciosos,
Onde tranquillos bonançosos dias,
Passavam como o limpido Jacuipe,
Sitios amigos que comigo choram
Tão alegres então, hoje tão tristes,
Sitios que o nascimento aformoseam,
Arvores que plantamos, esperando
Gosar de vosso sombra, vossos fructos
Tão frondosos estaes, e onde está elle?
Vós sitios que prodigios celebraram,
E que em nossos errores visitamos,
E que a fiel lembrança entregue á fama,
Lembrando os genios que lhes deram nome,
Mais um monarca a brasileira terra
Se a morte... Vai-te embora afflicta idéa,
Saudade, triste enlevo da ternura,

Deixa correr meu pranto, não me roubes
Fagueiras illusões, deixa-as comigo,
Não as tires de mim, são meu sustento;
Ralam-me o coração, e eu gosto d'ellas.
Dão-me frio prazer, mais não se apagam
Consome-se a memoria dos sentidos,
Mas para a d'alma não existe o tempo,
Esse poder esquecedor de tudo.
Menos da gratidão, patria, amizade.
Vem magia da vida, vem saudade
Co' teu segredo de animar chorando.

O amor que o dever creou no peito,
Que razão e virtude confirmaram
Um elemento faz de nossa essencia,
Que anciosos buscamos; se o encontramos
A vida é, e se nos foge, é morte:
Dentro do coração existe um molde
Qu'a simpathia preencher procura;
O meu perdeu-se na esposa, e onde?...
No tumulo ella jaz em terra estranha!
Onde esse sitio tão sanctificado?
De meus ais, meus suspiros testemunha,
Essa lousa banhada de meu pranto,
E do pranto da filha, quando juntos
Ajoelhados, mudos e convulsos
Em religioso paternal abraço,
Nossa devota préce ao céo subia?
Se longe vos deixei, sagrados restos,
Foi porque lá ficou comvosco a filha,
Penhor de puro amor, penhor querido
Que tu casto hymeneo me confiaste;
Oh! lá não ficareis, eu vou buscar-vos,
Vosso jazigo é junto ao nosso filho;
E se em vida a fortuna nos foi falsa,
Em nossa terra junte-nos a morte.
Se do destino o quero inextrincavel
Inda uma vez levar-vos, cara filha,
Ao sitio onde perdi esposa e filho,

Ide ao lugar tristonho onde ajoelhados
Confundiamos lagrimas e préces;
Lá onde juntos tanto recorremos
Com respeitoso pé da morte o estadio.
Da virtuosa mãe faze que os ossos
Aos do pai e do irmão venham juntar-se:
Não, não fique um de nós em terra estranha:
Ella que a seu Brasil idolatrava,
De patrio fanatismo glorioza,
Ella!... Deos de piedade socorrei-me;
Resignação, conforto no abandono,
Tu coragem da dôr, do justo amiga,
Companheira fiel na desventura
Dá que a miseria cobre, que repelles
A desesperação, blasfemias, crimes,
Acode-me co'teu celeste influxo.
Do velho pai e do viuvo esposo
O frio adeus perfumo de esperança.
Se ao do pai o amor supre o da patria,
Ó minha patria! supre a esposa e o filho.
Venturosos esposos, pais feizes
Alegre descuidada mocidade,
Deixai da morte o merencorio estadio:
Festiva gala fuja ao mesto luto
O riso d'alegria insulta ao triste,
Mansão da morte, augusto cemiterio
Tu mostras que são dôr, mizeria, angustias
O sustento amargoso da existencia,
Ai! quanto observo em ti, sinto em meu peito:
Não sei que força invicta a ti me arrasta:
A dôr convida á dôr, o pranto ao pranto.
No impassivel silencio dos tumulos
Ante mirrados ossos, fria cinza,
N'essa muda eloquencia do sepulchro,
É que o seu nada reconhece o homem.
As graças, prendas que a belleza enfeitam
As bellas formas qu'encantavam hontem,
O que são hoje? Abri-vos sepulturas.
A vida dos sentidos dura um dia,

As illuzões no feretro se apagam
E da imaginação as vãs mentiras
Ao clarão da verdade se esvaecem:
O desengano o coração resfria.
Viver, é esperar que a morte chegue.

* * * (1)

(1) Não pensavamos cair na debilidade de apresentar producção nossa a figurar no Florilegio. Havendo porém sido mais de uma vez interrogado acerca da forma que haviamos adoptado no assumpto do Caramurú, a que nos referimos a pag. 382 do 2.º volume desta obra vemo-nos obrigados a incluir esta producção, na qual, além da rima aturada, como usavam os antigos, procuramos conservar a naturalidade, attributo especial deste genero de composições, a que hoje em Portugal chamam *xácaras*.

[O romance-histórico *Caramuru* teve nova edição, Rio de Janeiro, 1859, de formato liliputiano, impresso em tinta dourada, com tiragem limitada a reduzido número de exemplares, hoje de suma raridade. A Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro possui esse cimélio, graças à generosidade de Afrânio Peixoto.

Francisco Adolfo de Varnhagen é patrono da Cadeira n. 39 da Academia Brasileira. — R. G.].

O matrimonio de um Bisavô

ou

O Caramurú

(*Romance historico brazileiro*)

INTRODUCÇÃO

Oh tu que conheces
A linda Bahia
De Todos os Santos,
Q'ostenta á porfia

Co'as plantas, co'as aves,
Na terra baldia,
Co's peixes sab'rosos
Do mar e da ria, (1)

C'os montes, c'os valles,
Que tempos havia
O Indio por caça
A pé percorria: —

Consente que eu conte,
Que o sei todavia,

---

(1) Ria é o nome verdadeiramente portuguez para designar o que n'alguns pontos da nossa costa se diz mar pequeno, ou aguas salgadas sem onda. Em Portugal dizem a *Ria d'Aveiro*.

Um conto d'amores
Que li n'outro dia.

I

A DESERÇÃO

Dez annos passados
Depois que á Bahia
A gente d'Europa
Aportado havia,

Uma caravella
Ali discorria,
Em busca do lenho
Da tinturaria:

Surgindo no porto,
De bordo fugia
Um pobre grumete
P'ra terra bravia.

— Que fazeis Diog'Alvares?
Com essa ousadia
Deixardes os vossos...
É quasi heresia.

"Soffrer antes quero
Qualquer tyrannia
Que o vil contramestre
Que a mim me zurzia."

Mas outro motivo
Por certo existia:
Leitor! imagina
Qual elle seria...

Atinas por certo
Que nisso andaria

D'alguma moçoila
A feiticeria...

E como era guapa,
Toda galhardia,
A tal que a fugir
Assim o movia!...

II

A ASSALTADA

E já terra dentro
Diogo se ia;
Nem vê os perigos
De tal tropelia.

Descuidado passa
A veiga sombria;
Não attende ás plantas
Nem á monteria.

Nem prova um só fructo
De tantos que via;
Tão pouco dos passaros
Ouve a melodia:

Só leva occupada
Triste a fantezia
Na que ardentemente
Amava e queria.

Eis que de improviso
A turba gentia
Assalta em magote
Com gran roncaria.

Vede o pobre amante
Se não soffreria

Com a tão inhospita,
Hostil correria!

E bem que o "pagé"
(Feitiço ou espia)
Revela os intentos
Qu'o estranho trazia.

Maldito o gentio,
Com aleivosia,
Não tarda a marcar
O festivo dia

Em que esse infeliz
Tragado seria:
E para o matar
Os gumes afia.

III

ORATORIO E AMOR

E para ceval-o
P'ra carniceria,
Lh'offerece manjares
Com grã bizarria.

E dão-lhe agasalho
N'uma rancharia;
Tambem o distrahem
Da melancolia;

Pois que lhe consentem
(Que galanteria!)
Que escolha uma noiva
De tantas que via.

Dar gosos á victima
Por mais barbaria

Tal é o brazão
Da anthropophagia.

A bella escolhida,
Que tal companhia
Ao pobre captivo
Agora fazia,

Podeis afigurar-vos
Que a mesma seria
Que tanto o presava
E ali o seguia;

De Paraguaçú
Sobrenome havia;
É filha mimada
Do valente Uivia,

Principal da terra,
Que á filha queria
Mais que ás suas armas
E toda a iguaria;

Mais que á sua glória
E supremacia;
Mais que aos outros filhos
E quanto haveria.

Por não desgostal-a
O que não faria!
Matará quem fira
Da filha a cutia!...

IV

A MANIFESTAÇÃO

Mas chega a final
O marcado dia:

Os vinhos são feitos
E tudo é folia!

E Paraguaçú
Ao pae descobria
Que com o captivo
Fugir-se queria;

Que o ama de veras;
Que não viviria
Mesquinha sua alma
Se o noivo morria:

Que estava com elle
Em tal harmonia,
Que ella era a só causa
Porque elle soffria...

E mais lhe revela
Que parir devia
Que o céo mandaria.
Um filho de Diogo,

E qu'o coração
Lhe não consentia,
Por ser de captivo,
Lhe matem a cria.

"Não sejas tontinha"
O pai respondia;
"Dos usos antigos
"Respeita a valia:

"Sem bailes, sem festas
"A vida enfastia:
"Sem vinho e moquem
"Não ha cortezia." —

V

O SUPLICIO

E atado a uma corda
O noivo trazia;
E a turba o saudava,
Com grã vozeria.

Entre dois moirões
O triste prendia
Alguem por escarneo
Uma arma lhe fia.

Então se avançava
E galas vestia,
Com plumas e contas
De mais louçania,

O fero carrasco
De cara judia,
Que se proposera
P'ra tal barbaria;

E o seu "tangapé"
(Que assim se dizia
A espada que empunha)
A cair já ia,

Quando preso o braço
Subito sentia;
E soltar o golpe
Por si não podia.

Qual era o novo anjo
Que assim suspendia
Um golpe fatal,
Quem não desconfia?

Um anjo da terra
É, sem poesia,
A filha do forte,
Do valente Uivia.

Quando este tal viu...
Bem s'enfurecia,
Por ter uma filha
Que assim o confundia!

E ella ao captivo
Ai! toda s'unia;
C'os proprios cabellos
Seu corpo cubria.

"Que morram os dois!"
A turba dizia,
Outra nova turba
O voto applaudia.

VI

VINGANÇA!

"Não!" grita offendido
O valente Uivia:
E salta ao terceiro
E arengas tecia:

Logo ao matador
De morte feria:
E a filha liberta,
E o que ella queria,

Já tem por si parte
De tal mouraria;
Punir querem outros
Tanta rebeldia:

Eis travam peleja
Con gran gritaria;
E mal dos amantes,
Se não vence Uivia!...

A um e a outro
Ninguem resistia;
Qual mais s'esforçava
Causando avaria...

Té que, Deus louvado,
Já tudo fugia...
E livre o captivo
Abraça a gentia.

D'então em diante
Os seus socorria,
Que a sorte ou o intento
Ahi conduzia... —

VII

O MOSQUETE DO NAUFRAGIO

Mas quando Coutinho
Que á capitania
De parte d'el-rei
Tem desta Bahia,

Por velho e sem forças,
Nem sabedoria,
Fugir-se aos "Ilheos"
Inerme entendia,

Julgou Diog'Alvares
E a raça d'Uivia,

Valer ao bom velho
Que aflicto se via.

Com Alv'res, Coutinho
E mais fidalguia
Então regressavam
Á linda Bahia.

Rebramava o norte;
A onda crescia;
Aguava o baixel;
A enxarcia rompia.

Amaina!... Orça!... Ferra!
Fatal gritaria!...
Ninguem já sentende,
E o barco s'abria...

Salvos, ai! os tristes
Daquella agonia,
Nas praias da Ilha
Contraria aos d'Uivia,

Em mãos caem presas
Da cafila impia;
E que fim tão triste
Diogo teria... —

Se Paraguaçú,
Que ali tambem ia,
Lhe não dá socorro;
Com soberania,

Mostrando o mosquete,
(Que salvado havia
Com polvora e balla
O noivo), dizia:

"Que ao homem do raio
O céo protegia

E ali o mandára
Provar valentia..."

"O raio que vêdes"
(Então proseguia)
"A morte com fogo
Ao contrario envia." —

Pum!... Oh que estampido
Nos ares zunia!...
No chão um "guará"
Ferido cahia;

E o bruto gentio,
Co' susto fugia;
De longe é qu'olhava
P'ra tal arma esguia.

E "Caramurú",
(Que em sua aravia
Quer como dizer
Tremelga ou enguia)

Nomeia o mosquete
E quem a ousadia
De o disparar teve
Quando elle descria.

VIII

O CASAMENTO

Presou Diogo o nome,
Que rima fazia,
C'o da guapa noiva
P'ra quem só vivia. —

Com ella ha quem diga
Que á França se ia:
O conto nem nega
Que fosse á Turquia;

Mas era christã
A tal monarchia:
Que o conto nos diz
Que a nossa gentia

O sancto baptismo
Ahi recebia:
E foi Catherina
O nome da pia. —

Tambem diz o conto
Que em certa abbadia
Tomára primeiro
A Eucharistia: —

E que, ambos devotos,
Á virgem Maria
Fizeram promessa
D'uma romaria —

E que já bisnetos
Nosso par havia
Quando em lei da graça
A estola os unia. —

Segundo o que reza
(Se o sei todavia)
O conto de amores
Que eu li n'outro dia. —

APPENDICE

FLORILEGIO

DA

Poesia Brazileira,

CONTENDO, UM NOVO SUPPLEMENTO, COM PRODUCÇOES DE VINTE E QUATRO POETAS AINDA NAO CONTEMPLADOS.

TOMO III. — APPENDICE.

VIENNA.
Typographia do filho de Carlos Gerold.
1872.

Fac-simile do frontespício do Apêndice *ao tomo III do "Florilégio" — 1872*

SATISFAÇÃO

Publicamos estas poucas paginas, mais por descargo de consciencia que na persuasão de que ellas possam vir a ser mui lidas e apreciadas. Mas uma vez que chegámos a ter destas composições noticia, pareceu-nos que ficavamos como em divida, não só com a memória de seus autores, como tambem com os possuidores do nosso pequeno *Florilegio*, não as publicando. Se não incluimos nenhuma do P. João de Mello, nem de Manuel J. Cherem, é porque as não conseguimos obter; pelo que só nos resta emprazar a quem as possua a dar dellas alguma notícia. — Quanto ás poesias de varios Pernambucanos, dadas a conhecer pelo Sr. Commendador Mello, dispensamo-nos de contemplal-as aqui por varios motivos.

Não nos deteremos rectificando alguns erros commettidos no *Florilegio*, principalmente no que respeita ás biographias de muitos poetas, especialmente dos que tiveram parte na conspiração mineira ou do Tiradentes.

Muitas dessas rectificações, em virtude da leitura do processo, acham-se publicadas por nós mesmos, nas Revistas do Instituto, onde se poderão encontrar. Devemos aqui acrescentar que a 2.ª edição de Gonzaga (ainda sem a 2.ª parte) foi feita em 1792, na Typographia "Nunesiana" em um vol. de 118 pag. in 8.º, em papel forte, de que possuimos um exemplar.

É hoje sabido que Gonzaga, bem que oriundo do Brazil e ahi creado, nascera no Porto, que Manuel Joaquim Ribeiro era filho de Sanhoane em Portugal; e julgamos haver, por mui fortes inducções, mostrado (*) como as *Cartas Chilenas* (aliás *Mineiras*) devem ser consideradas producção de Claudio Manuel da Costa.

Em todo caso, declaramos que nunca suppuzemos Caldas Barboza autor de taes cartas, como o julga o amigo Sr. Innocencio na pag. 186 do 2.º vol. do seu *Diccionario*. O primeiro serviço que fizemos foi reconhecer que a crítica se referia a Minas, e não podia ser obra de Gonzaga. Quanto ao mesmo Caldas já dissemos (pags. 125/126) que desde 1855 possuimos a *Descripção de Bellas*, a *Vingança da Cigana*, a 1.ª ed. da *Doença* (com as *iniciais D. C. B.*), a 3.ª (1819) da *Historia Sagrada*, e um exemplar (unico de que ha noticia) da composição intitulada *"Nas felicissimas Núpcias"* etc. que reproduzimos nas pags. 126/130.

Os versos que damos de Bento Teixeira Pinto, o mais antigo dos poetas brazileiros, são copiados do unico exemplar, que talvez exista, da sua *Prosopopéa*, edição de 1601, o qual se guarda na Bibliotheca Publica de Lisboa. (1) Acha-se o dito poema annexo á 2ª edição da relação da viagem da náo Santo-Antonio, em 1565; relação

---

(*) Veja-se a nossa *"Carta ao Sr. dr. L. F. da Veiga accrca do autor das Cartas chilenas"* — Rio de Janeiro, 1867.

(1) [Ao mesmo tempo (1872) em que Varnhagen descobria na Biblioteca de Lisboa um exemplar da *Prosopopéa*, da edição de 1601, Ramiz Galvão encontrava outro na Coleção Barbosa Machado, da Biblioteca do Rio de Janeiro, do qual tirou a edição de 1873. — Conf. *Revista do Instituto Histórico*, XXXV, parte 2.ª, ps. 591, 613/614. — A *Prosopopéa* teve outra edição, por Afrânio Peixoto, nas Publicações da Academia Brasiieira, Rio de Janeiro, 1923. — R. G.].

não escripta pelo mesmo Bento Teixeira, que não vinha a bordo, e seria então criança. O poema é composto já no reinado de Filippe 2.º.

Dos versos mysticos do Pernambucano (natural do Recife) Salvador das Neves, possuimos um exemplar, unico que temos visto, da edição de Serva, Bahia, 1816.

Na primeira quadra deste seculo, publicou, em França, Ed. Corbière umas poesias, com o nome de *Brésiliennes*. — Apezar deste nome, e da insistencia do poeta a querel-as fazer passar por apenas traduzidas por elle ao francez, são-lhe geralmente attribuidas.

Assim pois com as composições que ora offerecemos ao publico damos por concluida a tarefa que ha perto de trinta annos emprehendemos, e que começámos a imprimir em 1846, enviando, desde logo, para o Rio de Janeiro as biographias que iamos apromptando, e que não deixaram de ser aproveitadas... Tanto a nossa collecção, como o esboço de historia litteraria que a precede, foram então recebidos com bastante favor no Imperio e fóra d'elle, e uma e outro serviram de muito para o academico austriaco Fernando Wolf escrever a sua chamada *Historia da Litteratura Brazileira*. No Imperio a nossa publicação, com certa unidade, se não contribuiu para a fraternidade de algumas de nossas provincias entre si, tinha aspirado a taes miras, e, se não recrutou proselytos da politica para a litteratura, não foi por que deixasse de prégar essa nova cruzada.

Devemos aqui acrescentar que das composições de Gregorio de Mattos possuimos hoje dois differentes manuscriptos, um de excellente lettra em quatro tomos, que já possuiamos ao publicar o primeiro volume de *Florilegio;* e outro de lettra contemporanea, muito mettida, e em um só volume, bastante grosso, encadernado tosca-

mente, porventura na propria Bahia, ha mais de seculo e meio. Um e outro serão postos á disposição de quem, offerecendo as necessarias garantias, quizer emprehender uma edição separada das obras do satyrico bahiano.

Concluimos declarando que este "Segundo Supplemento" deverá entrar no tomo III.

Vienna d'Austria,
Outubro de 1872.

B. de Porto-Seguro.

NOTA

Um fólio solto — pela redação, da autoria de Varnhagen, mas escrito à máquina parecendo copia de original autografo, ditraído, reza:

ADVERTENCIA

O supplemento segundo que devia comprehender as composições dos poetas antigos, não contemplados no texto dos primeiros volumes, não sae por ora a publico, por nos não haver sido confiado, como esperavamos, o texto, donde podessemos copiar as poesias, aliás impressas, do P. João de Mello, de Manoel José Cherem e de José Pires do Carvalho. — Algumas poesias mais modernas, v. gr. de Pedro José da Costa Barros e José Pedro Fernandes (Rio. — 1830 typ. de Gueffier) e de Paulo José de Mello (Rio, 1841), não pedem reimpressão; e uma ode do Conego Cão d'Alboim (Lisboa — 1801), bem como varias das poesias contidas na "Relação dos Festejos, etc." (Rio de Janeiro 1818) não nos pareceram poder de modo algum interessar aos amantes das lettras. Registando porém a notícia dellas, pedimos que se nos não taxe de omissão o que foi accordo intencional. Quem venha a possuir as obras dos tres autores citados, ou ao menos copia de alguma composição de cada um delles, prestaria serviço ao paiz reimprimindo-os, ou confiando-as para este fim ao editor desta collecção, para as unir no segundo supplemento a algumas

contidas no vol. das composições da "Academia dos Selectos", erigida no Rio de Janeiro em 1752, e que em 1754 publicou em Lisboa Manoel Tavares de Sequeira."

Segundo conjecturamos êste fólio evidentemente escrito por Varnhagen, era nota autografa apensa e solta ao volume da "coleção do autor". Admirador que manuseou o volume não resistiu ao desejo de um escrito do grande escritor e, à maquina, trasladou a nota, que acabamos de transcrever.

A. P.

BENTO TEIXEIRA PINTO

BENTO TEIXEIRA PINTO

Descripção do Recife de Paranambuco

Pera a parte do sul, onde a pequena
Ursa se vê de guardas rodeada,
Onde o Cco luminoso mais serena
Tem sua influição, e temperada,
Junto da Nova Lusitania, ordena
A natureza, mais bem atentada,
Um porto tam quieto e tam seguro,
Que pera as curvas náos serve de muro.

É este porto tal, por estar posta
Ua cinta de pedra inculta e viva,
Ao longo da soberba e larga costa
Onde quebra Neptuno a furia esquiva.
Antre a praia e pedra descomposta,
O estanhado elemento se diriva,
Com tanta mansidão, que ũa fateixa,
Bast'a ter a fatal Argos anneixa.

[Sôbre Bento Teixeira, veja a *Nota preliminar* de Afrânio Peixoto, no tomo I do *Florilégio*.

O anotador excusa-se de repetir os argumentos já explanados, deduzidos de documento formal, segundo os quais o considerou português, natural do Pôrto, etc. — R. G.].

Em o meio desta obra alpestre e dura,
Ua boca rompeo o mar inchado,
Que na lingua dos barbaros escura,
Paranambuco, de todos, é chamado:
Do *Para-ná*, que é mar, *Puca*, rotura,
Feita com furia desse mar salgado,
Que, sem no dirivar commetter mingua,
Cova do mar se chama em nossa lingua.

Per a entrada da barra, á parte esquerda,
Está ũa lagem grande e espaçosa,
Que de piratas fôra total perda,
Se ũa torre tivera sumptuosa.
Mas quem por seus serviços bens não herda
Desgosta de fazer cousa lustrosa,
Que a condição do rei que não é franco,
O vassallo faz ser nas obras manco.

(Do Poema *Prosopopéa*, ed. de 1601).

DIOGO GRASSON TINOCO

DIOGO GRASSON TINOCO

Estancias do poema "Descobrimento das Esmeraldas", escripto em 1689

Partida de Fernão Dias Paes. (Est. 35).

Parte emfim para os serros pertendidos,
Deixando a patria transformada em fontes,
Por termos nunca uzados, nem sabidos,
Cortando mattos, e arrasando montes,
Os rios vadeando mais temidos
Em jangadas, canoas, balsas, pontes,
Soffrendo calmas, padecendo frios
Por montes, campos, serras, valles, rios.

Indio do lago Vupabussú. (Est. 61.ª)

Era o silvestre moço valeroso,
Sobre nervudo, de perfidia alheio,
O gesto respirava um ar brioso,
Que nunca conhecera o vão receio:
Pintado de urucú vinha pomposo,
E o labio baixo rôto pelo meio,
Com tres penas de arara laureado,
De fléchas, de arco e de garrote armado.

[Veja nota XII à *Introdução* do tomo I, ps. 52. — R. G.].

SEBASTIÃO DA ROCHA PITTA

SEBASTIÃO DA ROCHA PITTA (*)

SONETOS

1.º

Ao tumulo do rei Pedro IIº na Bahia

Este horroroso Alcacer da saudade
Da magoa soberbíssimo aposento,
Onde mora a lembrança por tormento,
Onde vive por culto a Magestade:

Altar ao melhor Rei da nossa idade,
Que logra em firme e duplicado assento,
Como humano na terra, monumento,
E cadeira no Ceo, como deidade:

E memoria, que ao seu segundo Marte
Pedro eterniza em magoas a Bahia,
Que competem dor, grandeza e arte:

(*) Tanto estas poesias do historiographo bahiano, como as de seu compatriota o licenciado Gonçalo Soares da Franca são tomadas do rarissimo folheto (que possuimos) impresso pelo proprio Rocha Pitta em Lisboa, no anno de 1709, com o titulo de *Breve Compendio e Narraçam do funebre espectaculo que na insigne Cidade da Bahia* etc.

[Veja nota XXVIII à *Introdução* do tomo I, ps. 57. — R. G.].

Mostrando nesta grande fantasia,
Que lhe tocou do amor a maior parte,
Como parte maior da Monarquia.

2.º

Á imagem da Morte, sobre o Tumulo, coroada, e tendo n'uma das mãos a fama e n'outra a eternidade

Oh tu, que do poder fazes vaidade,
Quando ao sceptro de Pedro não perdoas,
E mostras que no fragil das Coroas
De ser mortal não livra o ser deidade.

Se chegas a prostar-lhe a Magestade;
Como tanto as virtudes lhe apregoas,
Que dellas o clamor na Fama entoas,
E a memoria lhe poens na Eternidade?

Se sempre dos teus golpes foi effeito
Pôr ao applauso fim, como a esperança;
Que amor é este agora? Que respeito?

Mas é, que o ser de Pedro tanto alcança;
Que, se chega a acabar quanto ao preceito
Não se póde extinguir quanto à lembrança.

3.º

Á morte do mencionado rei

Oh Rei, por cujo amparo o Luso clama
Com pranto, com horror, e com tristeza
Morto per pena, vivo por fineza:
Cinza fria, mas sempre ardente chama.

Se contra tanto resplandor se inflamma
A morte: só vos tira nesta empreza;
A vida, que vos deu a Natureza;
Mas não a vida, que vos deu a Fama.

A Morte pertendeu nesta victoria
Triunfar de Vós: porém com dor interna
Ella despojo foi da vossa gloria.

Porque o grande Motor, que nos governa,
Porque fosses Trofeo só da memoria,
Vos deu vida mortal, mas fama eterna.

ROMANCE

(Em Castelhano)

Ao mausoleo

Compendio de luz y sombra:
Cielo de Estrellas y horrores:
Para las Esferas gala,
Y luto para los Orbes.

En el resplandor, que vistes,
De que nube te compones
Con multitud de tinieblas
En tanta copia de Soles?

El traje, de que te aliñas,
Es todo contradiciones:
Y no conoces tu mismo,
Sie eres dia, ò si eres noche.

Que Planeta en ti se ostenta
Con deliquios y candores,
En el Oriente ufano,
Y triste en el Orizonte?

Que Astro pues en ti se mueve
Sin curso, pero con orden;
Y parece al mismo tiempo
Sol que nace, y que se pone?

Si eres Emisferio en rayos,
Nublada Esfera en colores;
Como enbueltas con las glorias
Puedes juntar las pasiones?

Di: que mysterios son estos,
En que publicas, y escondes
Mucho para los discursos,
Tanto para los dolores?

No hagas del silencio alarde;
Que arder, y callar se oponen:
No se callan los gemidos,
Quando los pechos se rompen.

Si eres Volumen de Amor
Con Estrellas por renglones;
En ti las quexas se escrivan,
O' las memorias se borren.

Si eres carcel, donde estan
Nuestros afectos conformes;
O' nos suelta los suspiros,
O' nos quita las prisiones.

Si eres Sepulcro de un Rey
Mayor, que ha tenido el Orbe;
No solo en incendios pagues,
Quanto en Magestad recojes.

Publica en tu voz tu empeño:
Y harán luego tus clamores
(Pues la grandeza te ensalça)
Que los ecos te coronen.

Pero harto en brillar lo dizes:
Todo en arder lo propones;
Porque en las lenguas del fuego,
Los movimientos son vozes.

Palabras son tus centellas,
Tus incendios son razones,
Que con las luzes se han hecho,
Quanto màs claras, màs nobles.

Arde pues, y a Pedro ofrece
Apurada en tus crisoles
En ese Templo de Amor
Toda la fé de los hombres.

GONÇALO SOARES DA FRANCA

GONÇALO SOARES DA FRANCA

Na morte do rei Pedro Segundo

Texto de Camoens. Cant. 4, Oit. 50.

Não consentio a morte tantos annos,
Que de Heroe tam ditoso se lograsse
Portugal; mas os Côros soberanos
Do Céo supremo quiz que povoasse.
Mas para defensivo dos Lusitanos,
Deixou quem o levou quem governasse,
E aumentasse a terra mais que de antes,
Inclyta geração, altos Infantes.

Depois que a Monarquia Lusitana
As redeas applicou Pedro o Segundo;
Abatida na guerra a furia hispana,
Na paz o Reino foi assombro ao Mundo:
Inveja porém, cega, e tiranna,
Deste de Portugal bem tam fecundo,
Que lograsses tal bem, sem ver taes damnos,
Não consentio a morte tantos annos.

Doze lustros, ainda não compridos,
(Esfera curta a Sol tam luminoso)
Tinha do Luso o Sol; quando vencidos
Vio seus raios de eclipse tenebroso.

[Veja nota XV à *Introdução* do tomo I, ps. 55 — R. G.].

Decretos são do Ceo não comprehendidos.
Que dando a Portugal Rei tam famoso,
Não quiz mais, porque mais triste o chorasse,
Que de Heroe tam ditoso se lograsse.

Ou foi de nossas culpas digna pena,
Ou de meritos seus foi premio digno;
Que a mesma dor que a magoa nos condena,
A Pedro sobe ao solio cristallino.
Oh como justamente o Céo ordena
A sua gloria, o nosso desatino!
Não merecíam, não, dons mais que humanos
Portugal; mas os Córos soberanos.

Foram deste Monarca relevante
Tantas as prendas, tal a virtude era;
Que inda a menor virtude, Astro brilhante,
Da terra a esfera pouca transcendêra.
Novo Alexandre pois, seu peito ovante,
Porque mais Mundo o Mundo lhe não dera;
O Reino, que era bem só suspirasse,
Do Ceo supremo quiz que povoasse.

Justo foi, que assim viva sublimado;
Mas não que o Reino assim fique abatido:
Porque ser entre os Anjos collocado;
O não livra entre os homens de esquecido.
Não foste, ó grande Rei, Rei só creado
Para o Ceo; para nós tambem nacido:
Não só para troncar vicios profanos,
Mas para defensão dos Lusitanos.

Consente a nossa queixa; se consente
Attenção esse Trono, onde subiste:
Que quando a queixa é justa, a dor vehemente,
Rompe o foro ao respeito um peito triste.
Mas já vejo, que fallo cegamente;
Pois bem que Portugal sem Pedro existe,

Portugal (quando Pedro se apartasse)
Deixou quem o levou quem governasse.

Não podia a suprema Providencia
A' palavra faltar sempre observada,
Que nunca ao scetro nosso descendencia
Na prole ha de faltar attenuada.
Não temo a successão, temo a potencia;
Que a tanto Heroe é pouco o Mundo, é nada:
Só, se estendesse termos mais distantes,
E aumentasse a terra mais que de antes.

Se sómente ao primeiro, que hoje é Quinto,
(Herdeiro digo) vem o Orbe inteiro
Estreito Mappa, Epilogo succinto;
Que Mundo ha de bastar ao derradeiro?
Eterno a Portugal de agora sinto:
Faltam Reinos, não falta ao Reino Herdeiro;
Pois hoje nos seguram relevantes
Inclyta geração, altos Infantes.

SONETO

Epitafio em versos dos Luziadas

Ouvi o nome engrandecido
Do justo, e duro Pedro nace (*) o brando,
De Nações diferentes triunfando,
Com vulto alegre, qual do Ceo subido.

Pois contra o Castelhano tão temido
Os fortes portuguezes incitando;

(*) Nasceu entre triunfos.

Contra vontade sua, e não rogando,
Pazes (*) cometer manda arrependido.

Mas entre tantas palmas, salteado
Da temerosa morte; fica herdeiro
Um filho seu, de todos estimado:

Que nenhum dizer póde que é primeiro
De um Rei, que temos, alto e sublimado,
Outro Joanne, invicto Cavalleiro.

(*) Alude á paz de Castella, solicitada pelos mesmos Hespanhoes.

SEBASTIÃO BORGES DE BARROS

SEBASTIÃO BORGES DE BARROS

SONETOS (*)

(Ao mausoléo do abbade Manuel de Mattos Botelho irmão do arcebispo da Bahia)

1.º

Esse tumulo egregio, esse aposento
Dos affectos do Emporio Americano,
Se horroroso theatro ao desengano,
Obelisco mayor do sentimento:

Se é compendio de sombras, se instrumento
Da saudade, da dor, mais deshumano,
Como em lutos ostenta soberano
Essa luz, esse lustre, esse ardimento?

(*) Transcriptos da *Relação Summaria* etc., publicada pelo Dr. João Borges de Barros, em Lisboa no anno de 1745, in 4º.

[Sebastião Borges de Barros, natural da Bahia, aí viveu pela primeira metade do século transato.

Suas produções poéticas resume Sacramento Blake, *Diccionario Bibliographico*, VII, ps. 204. — R. G.].

Parece, que no horror a luz se inflama,
Na vaidade o respeito pervertido,
Quando em mágoa cruel o Mundo inflamma;

Mas oh, que os rayos são, que esclarecido
O Sol de Manoel hoje derrama,
De entre as sombras da morte renascido!

2.º

Essa de assombros, fabrica sublime,
Que entre o palido horror a luz desata,
Promulgando nos lutos, que retrata,
Os Sabéos odoriferos, que exprime:

É de um Fenix a pyra, que se exime
Da ley fatal, que tudo desbarata,
Porque se mais nas cinzas se recata,
A melhores incendios se sublime.

Alumno, e genitor de si, procura
Do Divino Ponchayo o ardor fragrante,
Por ter a um tempo o berço e sepultura:

Assim pois do caduco respirante,
Desde o horroroso pó da morte escura
Renasce á eterna vida triunfante.

CONEGO FRANC. XAVIER DA SILVA

CONEGO FRANC. XAVIER DA SILVA (*)

1748

SONETO

Maranhão e Mariana são dous mares,
Que por mar cada um delles prinncipia:
Mariana mar de gosto, de alegria;
Maranhão mar de dores, de pezares.
De um e outra paixão, como exemplares,
Cada qual no seu nome traz a guia:

(*) Publicamos o seguinte soneto como amostra das poesias de differentes autores sem duvida brazileiros alguns, que se recitaram por occasião da posse, em 1748, do 1.º bispo de Mariana, que acabava de ser bispo do Maranhão; por isso que o tema de quasi todos é o que consta deste soneto; amargura do Maranhão pela ausencia do bispo, e alegria de Marianna pela sua presença.

[Francisco Xavier da Silva foi cônego da Sé de Mariana. Pregador de nomeada, fêz na catedral daquele bispado a oração fúnebre de D. João V, que causou sensação e lhe atribuiu simpatias da Côrte. Em certa época foi remetido preso para Portugal, de onde voltou com ordens para que lhe fôsse restituida sua cadeira e pagas as côngruas vencidas. — Conf. Cônego Raymundo Trindade, *Archidiocese de Marianna,* II, ps| 598, S. Paulo, 1929.

Sua bibliografia, em Sacramento Blake, *Diccionario Bibliographico,* III, ps. 146. — R. G.].

Elle a Mara passando, ella a Maria,
No amargor, na doçura singulares.
A inteireza do I figura é clara
Do insigne Bago do Pastor de Jetro,
Quando assiste em Mariana e deixa a Mara.
E sem Bago, ou com elle, soa o metro,
No Maranhão de pena Lyra amara,
Em Mariana de gloria doce plectro.

Dr. JOÃO BORGES DE BARROS

Dr. JOÃO BORGES DE BARROS (*)

SONETOS

Á morte de D. João V

1.º

Do Luso Salamão, monarca invicto,
Todo o Universo a perda infausta sente;
Porque a quanto illumina o Sol ardente,
Chega do Imperio seu o amplo districto.

(*) Tanto as poesias deste autor, como as dos tres que seguem e as de Itaparica, contidas no *Supplemento Primeiro* de p. 247 a 251, foram impressas em 1753, em Lisboa, no livro infolio *"Relação Panegyrica das honras funebres que consagrou a Bahia"* etc. pelo proprio Dr. João Borges de Barros.

[O Dr. João Borges de Barros nasceu em Traripe, termo da vila de Purificação, arcebispado da Bahia, em 16 de abril de 1706, filho do coronel Domingos Borges de Barros e de D. Maria de Araujo de Azevêdo. Estudou no Colégio dos Jesuitas da Bahia, passou depois a Portugal e formou-se em Cânones na Universidade de Coimbra. De volta a Bahia, foi primeiro desembargador numerário da Relação Eclesiástica, tesoureiro-mor da Catedral da Bahia, e repetidas vêzes visitador dessa cidade e arcebispado do Brasil e governador do mesmo. Foi acadêmico de número da Academia Brasílica dos Renascidos, publicou duas Relações e deixou em manuscrito, de que não há notícia, um panegírico do Conde

Da immensa dor o circular conflicto
Ao Setimo Trião, ao Austro ingente,
Ao Berço Eóo, à Plaga do Occidente,
Verte igualmente o pranto, forma o grito.

E inda a Circulos novos se estendera
De affectos immortaes fineza rara,
Em fé de quanto amára o que perdêra.

Não cabe em fim no mundo a dor amara;
Novos orbes suspira, nova esféra;
Pois se mais mundo houvera, lá chegára.

2.º

Foi Salamão no dote da sciencia,
Do regio throno singular ornato:
Da riqueza, com maximo apparato,
Teve, qual Salamão, toda a affluencia.

Ao culto sacro prodiga assistencia,
Qual Salamão, prestou sempre a Deos grato;
De Salamão na paz foi o retrato,
Com dócil coração, branda clemencia.

Foi gentil, justo e pio; e em fins notoria
Semelhança lhe fez, sem menor falta,
Dando assumpto immortal a nova historia:

Mas sobre Salamão tanto se esmalta
Do egregio successor na illustre gloria,
Quanto Joseph a Roboão se exalta.

---

de Sabugosa, e várias poesias. — Conf. Alberto Lamego, *A Academia dos Renascidos — Sua fundação e trabalhos inéditos*, ps. 33/34, Bruxelles, L'Édition d'Art Gaudio, 1923, — onde aparecem dois sonetos dêsse poeta. — Varnhagen, *História Geral do Brasil*, IV, ps. 338, nota. — R. G.].

SILVESTRE DE OLIVEIRA SERPA

SILVESTRE DE OLIVEIRA SERPA

Canção

O Monarca das luzes proeminente,
Que dá com seu esplendor glorias ao dia,
Pompa da Esféra, em que todo o vivente
De olhos a pezar tem alegria:
No zenith quando alarde
Faz das brilhantes luzes,
Arrasta sobre a tarde
Os funebres capuzes,
E acha no mar, que as luzes lhe retrata,
Mausoléo de cristal, urna de prata.

O agradavel jardim, que tão florido
Se ostenta, na manhãa alegre e clara,
Dos ardores da calma combatido,
Murcha de tarde a pompa, que o exaltára:

[Silvestre de Oliveira Serpa nasceu na Bahia por fins do século XVII e princípios do seguinte, filho de Francisco Alvares Carneiro e de D. Arcângela Guedes de Brito. Era irmão do Padre José de Oliveira Serpa, *infra*. Sôbre êsse poeta não há mais informações além da que foi acadêmico de número da Academia Brasílica dos Renascidos. — Alberto Lamego, *A Academia Brazilica dos Renascidos — Sua fundação e trabalhos inéditos*, ps. 26/29, Bruxelles, L'Édition d'Art Gaudio, 1923, — publica uma silva métrica de sua lavra poética, lida em uma das sessões da Academia, e até então inédita. — R. G.].

Porque o Sol violento
As folhas desbarata,
Quando a força do vento
As flores lhe arrebata.
Quem cuidára que tanta bizarria
Teria a duração menos de um dia!

Ramalhete animado o passarinho,
Que as flores desafia e galantêa,
Brincando alegre em um, e outro raminho,
Com quebro natural solfas gorgêa.
Quando mais descuidado
Do ar goza o indulto,
Se acha prezo e atado
No laço ali occulto.
Avezinha infeliz, que com engano
Entre flores tiveste o mayor damno!

O edificio eminente, a torre erguida,
D'arte primor, escandalo do vento,
Que vendo-se das nuvens competida,
Levanta a grimpa ao alto firmamento.
De repente assaltada
Do furacão vehemente,
A pompa arruinada
Em breve espaço sente,
Dura sorte! que a torre em tanta altura
Sugeita esteja a uma desventura!

Assim o Fidelissimo Monarca,
Da Lusitania Sol resplandecente,
Ao duro golpe de traidora Parca,
A pezar nosso vê-se no Occidente.
Como jardim sem flores,
Qual ave em prizão dura,
Da tuba nos horrores
Em estancia escura;
Não lhe valeu ser torre peregrina,
Para escapar à última ruina.

Nove annos resistiu ao fero assalto
Da doença varias vezes repetido,
Se do seu proprio esforço nunca falto,
De auxilio superior sempre assistido.
Nessas adversidades
Tinha a sacra Aurora
Que das Necessidades
É divina Senhora,
E do mal contra a furia repetida
De escudos mil foi Torre guarnecida.

De suas forças o braço, que é o direito;
Empenhou a favor da Igreja Santa;
O mal por isso tendo-lhe respeito
Sómente o braço esquerdo lhe quebranta.
Foi alta providencia
Do Senhor soberano,
Se outra vez á pendencia
Tornasse o Otomano,
Que no escudo real das sacras Quinas
Teria o Turco infiel mortaes ruinas.

Esse mesmo feliz e regio braço,
Que com mão liberal, que com grandeza
Para o culto de Deos não foi escaço,
Nem avarento foi para a pobreza;
Sempre incorrupto e forte,
Nos seculos futuros
Gozará contra a morte
Privilegios seguros:
Será de-Portugal eterno gozo
A mão provida, o braço officioso.

Tambem livre de tanta violencia
Viu-se a cabeça por mercê divina,
Que da sabedoria e da prudencia
Com grande admiração era officina.
Jaz agora escondida
Em silencio profundo;

Mas ainda temida
Dos Principes do Mundo;
Que as suas normas no geral conceito
Vivas ainda estão para o respeito.

Um Rei tão sabio, um Rei tão poderoso,
Que dos Vassallos seus por maior gloria
Mostrando-se na Europa generoso
Com a paz soube conseguir victoria.
Deixando ao Mundo absorto
Na morte intempestiva,
Inda depois de morto
É preciso que viva;
E em sinal de victoria preeminente
O tumulo escolheu em São Vicente.

Mas, ah! Musa! suspende o enthusiasmo,
Que deste Rei o transito penoso
Sendo para o Universo assombro e pasmo,
Ha de ser para a Historia assumpto honroso:
E ao discurso a razão discreta aponta,
Que a fama o tem tomado á sua conta.

Já é, Senhora, forçoso,
Que deixeis pezar tão justo;
Vivo em vosso Filho Augusto
Tendes o defunto Esposo.

Já que vos deixou com vida,
Senhora, a parca cruel,
Quando roubou de um docel
A vossa Prenda querida:
Como Rainha entendida
Suspendei o mal penoso:
Crede, que em eterno goso
Está vosso Esposo vivo,

Vede que este lenitivo
Já é, Senhora, forçoso.

Bem sei que é justo o pezar
De vos veres dividida
De um corpo, em que tinheis vida
Com união singular:
Mas se elle chega a gosar
Vida da morte sem susto;
Perolas de tanto custo
Reprimi no coração,
Que em tanta gloria é razão,
Que deixeis pezar tão justo.

Sei que aquella Magestade,
Sei que aquella gentileza,
Vos ha de causar tristeza,
Vos ha de fazer saudade.
E aqui tambem com verdade
Achais um alivio justo,
Que da verdade sem susto
Dicta o amor e a razão,
Que tendes ao Rei Dom João
Vivo em vosso Filho Augusto.

Vossa memoria applicai
(Quando eu só me maravilho)
Que do Pai a este Filho
Nenhuma distancia vai.
Vivo o Filho, e vivo o Pai
Venera o Reino amoroso:
Trocai pois a pena em goso,
Que a impulsos de amor activo
Em nossos corações vivo
Tendes o defunto Esposo.

Para o Brazil mostras dar
Da extensão do seu tormento.
Pede suspiros ao vento
Supplica prantos ao mar.

O Monarca Lusitano
João o Quinto, sem segundo,
Falleceu, pezar profundo
Sente o Orbe Americano.
Da Parca o golpe tiranno
Vêm-se os bronzes lamentar,
Turbou-se a terra e o mar,
E akalmou em fim o vento,
Inda é pouco sentimento
Para o Brazil mostras dar.

Neste pezar verdadeiro
Quando o Brazil mais se inflamma,
Pede logo á veloz Fama,
Que dê parte ao Mundo inteiro.
E bem que não é primeiro
Em tão justo sentimento;
Com clamores cento a cento
Quer por idéa entendida,
Que o Mundo seja a medida
Da extensão do seu tormento.

Quando se mostra a afflição
Em seus pezares crescida,
Causa syncopes á vida,
Desmayos ao coração.
Neste mal, nesta paixão
Tem o Brazil seu tormento;
Pois que faltando-lhe o alento,
Muda a voz, o peito rouco,
Para respirar um pouco
Pede suspiros ao vento.

Da pena e amor na fragoa
Com lagrimas mil a mil
Receya triste o Brazil,
Lhe falte nos olhos agoa:
E por augmentar a mágoa
Sem dar alivio ao pezar,
Para um perpetuo chorar
Da saudade sem desvios,
Pede lagrimas aos rios,
Supplica prantos ao mar.

P. JOSÉ DE OLIVEIRA SERPA

P. JOSÉ DE OLIVEIRA SERPA

Glosa ao mote da pag. 36

Do seu Rei, e seu Senhor
Sente o Brasil tanto a morte
Que intenta de alguma sorte
Dar mostras da sua dor.
Deste damno o cruel rigor
Não tem com que comparar:
Toda a terra e todo o mar
Na sua extensão contemplo,
Nem póde haver outro exemplo
Para o Brazil mostrar dar.

Tão extensa é sua dor,
Como é sua causa intensa,
E assim fica a mágoa immensa,
Porque era immenso o amor.
De tantas penas o horror
Mal cabe no pensamento:

[José de Oliveira Serpa, irmão de Silvestre de Oliveira Serpa, nasceu na Bahia em 1696, — *Revista do Instituto Histórico*, X, ps. 537. Foi padre, pregador notável e membro da Academia Brasílica dos Esquecidos. — Varnhagen, *História Geral do Brasil*, IV, ps. 84, nota.

Sua bibliografia em Sacramento Blake, *Diccionario Bibliographico*, V, ps. 111/112. — R. G.].

E por mostrar seu intento
Medir a esféra deseja,
Para que retrato seja
Da extensão do seu tormento.

Em suspiros se desata
Da sua saudade effeito,
Mas não desafoga o peito,
Nem pelo alivio se mata.
Do ar nos páramos retrata
O excesso de seu tormento;
E se fraquea o alento
Do peito na ardente fragoa,
Para esforçar sua mágoa
Pede suspiros ao vento.

Correm lagrimas a fios,
Não cessa o continuo pranto.
E com ter chorado tanto,
A mágoa não tem desvios.
Os seus dous mayores Rios
Neste pranto ha de esgotar;
E quando em fim quer chorar
A morte de seu Senhor,
Por credito da sua dor
Supplica prantos ao mar.

DECIMA

Chorava Europa em Lisboa,
A America na Bahia,
Africa em Loanda sentia,
Asia lamentava em Goa.

Por todo Orbe a Fama entoa
Com sentimento profundo,
Que este rei sabio e jucundo,
Da cruel Parca troféo,
Se não fôra para o Ceo,
Puzera em paz todo o Mundo.

SONETO

Á perda, em um naufragio, da primeira remessa a Lisboa do Manucripto acerca destas Exequias

De America à Europa transportado
Da Bahia o pezar quando se via,
Ao impulso fatal da morte impia
No crystallino centro é sepultado.

Com violencia das ondas soçobrado
Foi o baixel, que a Historia conduzia:
Sim; porque o sentimento da Bahia
Era grande, era muito, era pezado.

O Bahiense amor ainda accezo
Mostrava no papel a ardente fragoa,
Com que ama ao Rei, da Morte com desprezo.

Tragico fim! mas proprio à nossa mágoa,
Que era fraco o baixel a tanto pezo,
Se a tanto fogo o Mar era pouca agoa.

JERONYMO SODRÉ PEREIRA

JERONYMO SODRÉ PEREIRA

SONETO

É morto o Fidelissimo Monarca,
De Lysia amado Rei! quem tal diria!
É morto; pois já sôa na Bahia
A perda, que nos deu a cruel Parca.

[A genealogia colonial bahiana teve três indivíduos (ou mais), que acudiam ao nome de Jerônimo Sodré Pereira: o primeiro veio de Portugal nos princípios da fundação da cidade; o segundo foi cunhado do Padre Antônio Vieira, casado com D. Maria de Azevêdo. O Padre, participando êsse consórcio a D. Rodrigo de Meneses, em carta de 1 de agôsto de 1671, escrevia: "A cabana em que nasci não tem outra esperança de ter sucessor legítimo senão esta..." — J. Lúcio de Azevêdo, *Cartas do Padre Antônio Vieira,* II, ps. 361, Coimbra, 1925. — O irmão, Bernardo Ravasco, sòmente lhe déra bastardos. O outro Jerônimo Sodré Pereira era filho do alferes José Sodré Pereira e de D. Teresa Maria de Brito; foi batisado em 21 do fevereiro de 1719, na capela de São Pedro do Traripe, e deve ser o poeta contemplado, isso porque, nascido no ano *supra,* estava em condições, aos trinta e um de idade, de poetar, lamentando a morte do rei D. João V, ocorrida "no dia de Santo Inácio", 31 de julho de 1750, como fêz no soneto aqui recolhido.

Moço fidalgo da casa real, era mestre de campo de auxiliares em 1769. Foi casado com D. Catarina Maria da Graça de Albuquerque, filha única do sargento-mor João de Couros Carneiro e de D. Joana de Vasconcelos. — Conf. Jaboatão, *Catálogo Genealógico,* ps. 334/335. — R. G.].

A quanto o Sol rodêa e o mar abarca,
Creyo que a nossa magoa chegaria;
Dos olhos se ausentou; morreu no dia
De Santo Ignacio, o grande Patriarca.

Porém morto o não quer ter a memória,
Por gozar de João a Magestade
A graça nesta vida transitoria:

Pois mostra a fé mais pia com verdade,
Que elle vivo estará na eterna Gloria,
Nós neste Mundo mortos de saudade.

Dr. JOSÉ PIRES DE CARVALHO
E ALBUQUERQUE

Dr. (*) JOSÉ PIRES DE CARVALHO E ALBUQUERQUE

Do *Culto Metrico* á Virgem da Conceição, poema de mui pouco merito na verdade, só é conhecido o exemplar da 2.ª edição (Lisboa 1760), que possue o Sr. Jorge Cesar de Figanière. Compreende o 2º canto com 119 estancias, que não se continha na 1.ª edição. É um vol. de XXII — 102 paginas de 4º. O 1.º canto contém 89 estancias, das quaes nos limitaremos a transcrever as tres seguintes, que são as 56ª, 66ª e 80ª.

Depois em fim, oh Virgem pura e bella,
Que trouxestes no ventre o Rei da gloria,
Ficais sem corrupção pura donzella,
Tendo-o já dado ao mundo em luz notoria
Fostes divina, scintillante estrella,
Que a luz nos dais melhor para a vitoria:

(*) Em Canones, ex-provedor d'Alemquer, alcaide mór de Maragogipe, Secretario de Estado do Brazil e Censor dos Renascidos. Na "Relação Panegyrica", de que fizemos menção, se encontra um soneto deste autor.

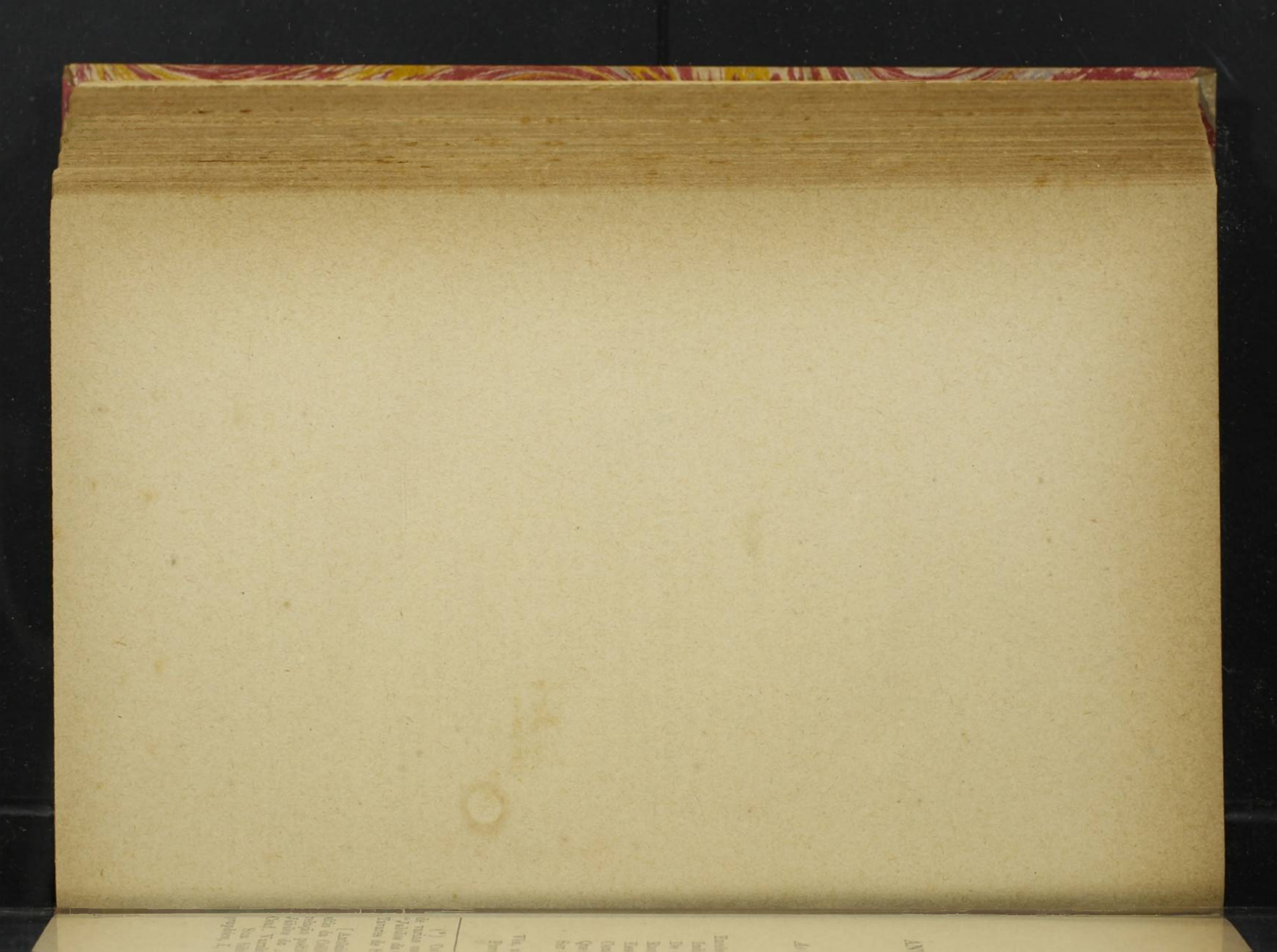
[Nasceu na Bahia, filho de Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque e de D. Teresa Cavalcanti e Albuquerque. Era fidalgo da Casa Real e Cavaleiro da Ordem de Cristo. — Jaboatão, *Catálogo Genealógico*, ps. 68; Borges da Fonseca, *Nobiliarquia Pernambucana*, I, ps. 335. — R. G.].

Mas que muito se o Deos do vencimento
Em vossos braços posto admiro attento.

São vossos braços throno a Deos menino,
É vosso seio o Ceo, em que se adora,
E sendo de justiça Sol benino
O tornais todo amante, alta Senhora:
Porque se em vós achou o Sol Divino
Throno, Sol, Oriente, Esfera, Aurora,
Mitigou tanto em vós o ser ardente,
Que ficou todo brando o Omnipotente.

Recebei esta offerta limitada
Da minha devoção no sacrificio,
Que em tosca lyra menos temperada
Vos dá do meu dezejo humilde indicio:
Bem quizera que fosse sublimada
A musica que entoo em vosso auspicio;
Mas porque nada posso, como vejo,
Aceitae-me os affectos do dezejo.

ANTONIO CORDEIRO DA SILVA



ANTONIO CORDEIRO DA SILVA (*)

1752

Ao Governador Gomes Freire, soccorrendo a Colonia

Excelso Freire, em cuja illustre vêa
Inda hoje pulla aquelle sangue Hesperio;
De que tanto se anima e lizongêa
Rausona, irmão de Augusto Desiderio:
Esse, que em Lombardia o sceptro altêa
Com valor tão ousado, altivo imperio,
Que pretende guerreiro e denodado,
Ser do Mundo terror, do Ceo cuidado.

Vós, a quem o clarim desinquieto,
Porquanto rega o Tejo, ara o Pactolo,

(*) Copiamos a composição que damos deste poeta, autor de varias outras, bem como as dos cinco immediatos, do volume "*Jubilos da America*", publicado em Lisboa em 1754 por Manuel Tavares de Sequeira e Sá.

[Antônio Cordeiro da Silva era capitão e esteve presente ao sítio da Colônia do Sacramento, em 1736, que descreveu em uma relação poética de vinte e nove oitavas rimadas, publicada nos *Júbilos da Amêrica*, ps. 253/262, e transcrita em seguida. — Conf. Varnhagen, *História Geral do Brasil*, IV, ps. 12, nota.

Sua bibliografia em Sacramento Blake, *Diccionario Bibliographico*, I, ps. 139. — R. G.].

Acclama valoroso, expõem discreto,
Alma de Marte, coração de Apollo:
Pois tanto deste e aquelle Astro inquieto
A Esfera illuminais, luzis o Polo,
Que vos cede contente, alegre doa,
Quando Marte o bastão, Apollo a croa.

Vós, cujo nome generoso e claro
Mais estatuas merece e mais louvores,
Que marmores branquea a nivea Paro,
Que Arabia cheiros têm, Campanha flores
Em cujo animo esplendido e preclaro
Tantos se admiram exoticos primores,
Que de não costumada, nas que acclama,
Causam vossas acçoens assombro á Fama.

Agora me inspirai, com doce agrado,
Um forte influxo, na harmonia fina,
Com que ũa vossa acção, de eterno brado,
Possa ao plectro cantar, que a Musa afina:
Que se eu, de vosso espirito animado,
Beber de Pimpla a copia crystallina,
Farei que a voz, por Vós, com fausto agouro,
Seja um clarim de prata, em bocca de ouro.

Era a estação fructuosa, a idade brava,
Em que o fecundo valle, o celso monte,
Dos pomos, que Pomona sazonava,
Enriquecia o seyo, ornava a fronte:
Neste tempo o Pastor de Admeto entrava
No Animal, que mordeu o destro Oriente:
Turvo o ribeiro o campo discerria,
Bramava o vento, o mar se enfurecia.

Quando, ao mar dando susto, á terra medo,
Com o tremendo poder, copia excessiva,
Sobre a Colonia, intrepido Salcedo,
Se posta ufano, com arrogancia altiva:

E como traz no pensamento lédo
A Praça já sujeita á furia esquiva.
Desta posse na doce confiança,
Olhava com desdem para a esperança.

Campos talando, e montes opprimindo,
Vem de Tapis um corpo innumeroso,
Que em seu soccorro, rege, conduzindo
Um Peruano atrevido e valorozo:
Os quaes, como costumam, despedindo
De suas vozes o estrondo pavorozo,
Ferir o ceo, e estremecer o vento.
Lograram, com audace atrevimento,

Não tantas érgue o tumido Oceano
Espumas crespas, na campanha errante,
Quando o cruel Harpactas inurbano
Sobre elle cahe, com impeto bramante:
Não tanto um Terremoto deshumano
Estampido levanta ao ceo rotante
Como os Tapis, com estro enfurecidos
Conduzem gentes, rompem em alaridos.

Chegado em fim o campo armipotente
A pôr a nossa Praça em sitio duro,
Planta o ataque em sitio conveniente,
Bate com o voraz bronze o forte muro;
Mas aturando este a furia ardente,
Zomba da bateria tão seguro,
Como o marino escolho burla immoto
Do mar a sanha, a cólera de Noto.

Ao fremido feroz da artilheria,
Que de ũa, e outra parte laborava,
A terra se queixava, o ar gemia,
Bramava a gruta, a penha retumbava:
De temeroso, ao mar retrocedia
O vasto Paraguay a espuma brava:

E até da linda Clicie o Deos amado
Um pouco a luz perdeu como enfiado.

Torna outra vez tyranno o bronze activo
A atormentar o muro reluctante,
Com força tão cruel, trato excessivo,
Que muros desfizera de diamante:
Mas não se perturbando o muro altivo
A tanto affar ardente e resonante,
Pelas boccas de cobre ignipotente
Responde ao dano, em dano mais vehemente.

Mas, sendo do Inimigo a insistencia
Cada vez mais atroz e mais iguita
Bem que provava dura resistencia,
Com ella mais se aggrava, e mais se irrita:
E assim com pertinace, ardua violencia,
Do canhão tanto as projecçoens excita,
Que conseguio, em horrida batalha,
Lançar por terra um lanço da muralha.

Acodem logo os bravos defensores
A reparar do muro a destructura,
Qual costumam os Dédalos voadores
Redimir de suas cellas a rotura:
Alli do Lysia aos emulos mayores
Mostraram com coragem ardente e dura,
Que onde estão Portuguezes valorosos
Frustraneos são os muros alterosos.

E bem que em nós, com animo sanhudo,
Com ousadia furibunda e intensa,
Tão valente é a espada, como o escudo,
Tão forte a offensão, como a defensa:
De Hespanha agora ao capitão membrudo,
E do Tapi arrogante á turba immensa,
Lhes mostrámos, com rápido ardimento,
Que era mais o valor que o soffrimento.

Ao campo saem, de seu peito armados,
Os Lusitanos rigidos e austeros,
E quanto encontram, prostram denodados,
A quantos se lhe oppõem, derrubão féros.
Por toda a parte vibram, de esforçados,
Estocadas crueis, golpes severos:
Quanto aos olhos se expõem, quanto aos ouvidos,
São cabeças truncadas e ais sentidos.

Repetem as sortidas e os rebates,
E em todos foi unanime o successo,
E se houve differença nos debates,
Foi fazer-se o valor reo pelo excesso:
Dam-lhe tão asperissimos combates,
Fazem nas armas tão gentil progresso,
Que parece que Marte, em seu reforço,
Seus peitos arma de seu proprio esforço.

Assim fulminam golpes sanguinarios,
Assim vibram o alfange furibundo,
Como quando com rayos temerarios,
Jove os montes soterra, ameaça o mundo:
Tanto nos choques, nos encontros varios
Seu valor acrisolam indignabundo,
Que Cadmo na seara de seus dentes
Não viu colheita de homens mais valentes.

E como avaliavam por injuria
Da Praça o cerco férvido e tremendo,
Com mais sãgue do que agoa leva o Turia
Determinam lavar o aggravo horrendo:
Não perdoando por isto a raiva, ou furia,
Tantas cidades e estragos vão fazendo,
Que inda que foi immensa a culpa ou reato,
Sobejou a vingança ao desacato.

Não cessou neste tempo o som terrivel
Da Lusitana tuba bellicosa

De incitar ao conflicto atroz e horrivel
A gente mais que todas valorosa:
Nem cessa a Lusa espada irresistivel
De mostrar-se tão crua e sanguinosa,
Que com o sangue, que verte, e que se perde,
Trocou, em mar vermelho, o campo verde.

Querer contar os golpes e as feridas,
Que o braço Portuguez deu duro e forte
Quantas Indas alli, Iberias vidas
Exhalaram o vigor, bebêram a morte;
É numerar as furias dos Atridas,
É supputar as iras de Mavorte:
Não o estranhem os doutos e eruditos,
Pois foram os golpes mais do que infinitos.

Já maldizendo a Coya Peruana,
Já imprecando o capitão da empreza,
A Indica Nação e a Castelhana
Cedem ao valor da gente Portugueza:
Tambem Saicedo a arrogancia ufana
Das nossas armas cede á gentileza:
E um temor concebendo imbelle ou Scythio,
Desceu da opinião, e ergueu o sitio.

Desiste da cruenta e dura guerra,
E da empreza cessando endurecida,
A victoria nos deixa e a terra,
Contente de nos não deixar a vida:
Já por uma, e por outra estancia erra
Com tão fero pesar, dor tão subida,
Que o mal, que o perturba e que o assombra,
Por mais horrivel tem a luz que a sombra.

Alegre, claro, triste e macilento
Para nós, e Hespanhoes foi este dia:
A nós de gosto, a elles de lamento,
A uns de applauso, a outros de agonia:

Declarado por nós o vencimento,
Por elles declarada a sorte impia,
Da Quinta Esfera o Deos croa e reveste
A nós de louro, a elles de cypreste.

Desta luzida e prospera victoria,
Deste tropheo sumptuoso, altivo, eterno,
A quem, se não a vós, se deve a glória,
Quem, se não vós, foi delle o author superno?
Vós, a quem nos archivos da memoria
Ha de guardar o evo sempiterno,
Com valor, que influido a todos salva,
D'aquella Elvas fustes o Marialva.

Vós fizestes, dynasta esclarecido,
Com os esforços da vossa vigilancia,
Que o Salcedo arrogante e atrevido
Não fosse o Scipião dessa Numancia:
A excessos de valor reproduzido,
Para opprimir-lhe a barbara jactancia,
Conseguistes estar, sem ceremonia,
Juntamente no Rio e na Colonia.

Vós sempre aquella praça petrechastes
De muniçoens, de viveres, de alentos;
E pelo que antevistes e avizastes,
Viu baldados Salcedo os seus intentos:
Tão prompto nos soccorros vos mostrastes,
Prevenistes tão breve os provimentos,
Que em ña, o outra, aquella, esta occurrencia,
Vencia ao pensamento a diligencia.

A não ser, Claro Freire, o vosso aviso
De tão illustre e superior esfera,
A não ter o valor, que em Vós diviso,
De Marte a condição, que esforços gera;
Fora da sorte o dãno tão preciso,
Que a Colonia se entrara ou se perdera:

Com que ou fosse valor, aviso, ou traça,
Vós fostes redemptor d'aquella Praça.

Por isso, ó FREIRE generoso e illustre,
Por isso, ó Lusitano excelso Marte,
Desse triumpho, que nunca o tempo frustre,
Comvosco a melhor parte o Ceo reparte:
Que como lhe influistes ser e lustre,
A vós se deve a mais luzida parte:
Qual producção de serra diamantina,
Que mais deve ás estrellas, do que á mina.

Se sois por esta acção gloriosa tanto
Vosso Nome modúlo peregrino
Com grosseiro furor, com humilde canto,
Em plectro menos aureo, e menos fino:
As mais acçoens, que são da fama espanto,
Cante engenho mais altivo e divino,
Té que de vosso nome sem segundo
Seja annalista o sol, volume o mundo (*).

(*) Este poeta, bacharel em Cânones, e capitão de Infanteria do Rio de Janeiro, deixou mais um soneto e um romance hendecassyllabo a este assumpto, e outro romance analogo á Conceição da Virgem, que com o titulo de *"Maria Immaculada"* publicou em Lisboa em 1760, em XXXII-68 paginas in 4. Innoc. I, 114.

ANGELA DE AMARAL RANGEL

ANGELA DE AMARAL RANGEL

(Cega de nascença)

Soneto

Illustre General, vossa Excellencia
Foi por tantas Virtudes merecida,
Que, sendo já de todos conhecida,
Muito poucos lhe fazem competencia:

Se tudo obrais por alta intelligencia,
De Deos a graça tendes adquirida,
Do Monarcha um affecto sem medida,
E do Povo úa humilde obediencia:

No catholico zelo, e na lealdade
Tendes vossa esperança bem fundada;
Que na prezente e na futura idade,

[Angela do Amaral Rangel nasceu no Rio de Janeiro, no primeiro quartel do século XVIII. Chamavam-lhe a *Ceguinha,* porque foi privada da vista desde o nascimento; filha de família abastada, recebeu educação moral e religiosa aprimorada. Poetisa expontânea, a maior parte de sua produção perdeu-se; dela só se conhecem os *Dois romances líricos,* em castelhano, na colecção dos *Júbilos da América,* e dois sonetos, também alí insertos, um deles aqui transcrito. — R. G.].

Ha de ser a virtude premiada
Na terra com feliz serenidade,
E nos ceos com a gloria eternizada.

Romance lyrico

Fundar casa para Dios
En un desierto pais,
Solo una Illustre Excelencia
Lo pudiera conseguir.

Hazer corte a un desierto
Tan opulenta, e feliz,
Que de octava maravilha
Bien pudiera presumir.

Es esa fabrica hermosa
O ese hermoso pensil
De candidas Asucenas
Un bellissimo jardin.

Corte de la Primavera,
Adó siempre hade asistir
Sin dependencias de Mayo,
Y sin favores de Abril.

Pues corre por vuestra cuenta,
A ese Vergel conduzir
Divinas flores que el Alva,
No las pueda competir.

Es un nuevo Paraiso,
Que es cada Theresia un Angel,
Porque se suele dezir,
Cada Monja un Serafin.

Dó, apezar del Inferno,
Hande brillar y luzir
Prodigios de ciento en ciento
Virtudes de mil en mil.

Dese sagrado Palacio
Quiziste el nombre excluir,
Que no quizo la modestia
Tal vanidad consentir.

Diziendo que solo á Dios
Se ha de alabar y servir,
Que solo su nombre santo
Alli se ha de proferir.

Vivid edades Nestorias
Gloria de Vuestro Brasil,
O como el Ave de Arabia,
Que muere para vivir.

Dr. SIMÃO PEREIRA DE SÁ

Dr. SIMÃO PEREIRA DE SÁ (*)

Pulse o plectro o Canóro movimento,
Calliope me inspire novo alento,
Ferindo o firmamento o ecco agudo,
Que a Catadúpa intenta fazer mudo;
E animado de força poderoza,
Cantará minha Musa sonoróza.
Já levo á bocca a trompa,

(*) Deste fluminense encontram-se na mesma collecção outras composições mais. Vimos tambem de sua penna, em manuscripto, os *Conceitos jocoserios*, em 25 cartas em prosa (a primeira acerca do incendio do convento de S. Bento), e as *Erudições Jocosas* em verso.

[Simão Pereira de Sá nasceu no Rio de Janeiro a 22 de junho de 1701, filho de outro de igual nome e de D. Ana Bocau; era irmão de Frei José Pereira de Santa Ana, autor de uma *Crônica dos Carmelitas*, ordem religiosa a que pertencia. Simão Pereira estudou no Colégio dos Jesuitas do Rio de Janeiro, onde recebeu o grau de mestre em artes; na Universidade de Coimbra formou-se em Cânones a 23 de julho de 1729. Em 1752 era procurador da Corôa e Fazenda e promotor do Juizo da Provedoria das Capelas e Resíduos do Rio de Janeiro.

Participou da Academia dos Seletos, e nos *Júbilos da América* publicou uma carta, um *Romance heróico* e três sonetos. Escreveu a prestimosa *História Topográfica e Bélica da Nova Colônia do Sacramento do Rio da Prata*, publicada em 1900, em comemoração do quarto centenário do descobrimento do Brasil, com magistral introdução de J. Capistrano de Abreu, a quem o anotador deve esta notícia. — R. G.].

E os ares tanto rompa,
Que rouca por cantar e emmudecida,
Admirada se fique, ou suspendida.
A clara Aganippe encrespando escumas
Levante de crystal flamantes plumas:
Tambem por primaveras
De purpuras se vistam as esferas.
Que o Principe do dia, e mais das luzes,
Sahindo dessa quarta galeria,
Por Freire illustra a douta Academia.
Estatuas lhe levanta,
Applausos lhe decanta,
Porque, fundando em Deos a mór ventura,
Em templos, seus agrados mais procura:
Virtude sem segunda,
Que só em Deos se funda,
Confessando discreto,
Que quem a Deos dá tudo totalmente
Logra os timbres na terra de prudente,
E lá no sacro Empireo patria eterna,
Os gostos, premios, gloria sempiterna.
Em Maximas Christãas tão singulares,
Que rompendo assombrozas esses ares,
Um heróe, um Antêo o mundo acclama,
Por mil boccas tambem o julga a Fama.
Desse barbaro feroz e arrogante
Sua espada valente e militante,
Será, com feliz sorte,
O que dezate e corte
Outro Gordio mais cego que o valente
Macedonio cortou com mão potente.
Agora mais que aquelle soberano,
Sendo o credito, e o lustre Lusitano,
Alexandre segundo,
A vossos pés rendido todo o mundo,
Vos acclamam sem força, nem violencia,
Primeiro luminar do Luzo Imperio,
Que o sceptro segurais neste hemisferio.
Se na passada idade

Vos conhecêra o seculo dourado,
Alma foreis de Marte celebrado,
Como altiva publica (e ainda diz pouco)
A Marcial consonancia estrondo rouco.
Explendor sem segundo,
Que coraçoens attrahe do novo Mundo,
Sacrificios vos rendo tão devotos
Que ennobrecem os cultos a meus votos,
Pois trazendo á memoria,
Dia tão fausto em repetida gloria,
O silencio será, em bello espanto,
Vegetavel volume do meu Canto.

P. ANTONIO JOSÉ GOMES DA COSTA

P. ANTONIO JOSÉ GOMES DA COSTA

Ao Secretario da Academia dos Selectos
M. Tavares de Sequeira e Sa

Dispende, Apollo, desse sacro Coro,
E altivo em tudo, as luzes, que te imploro,
Para meu desempenho,
E lustre, em fim, cabal do meu engenho;
Sendo encomio, que pede, este tão grave,
Nobre Musa, alta voz, lyra suave.

Para assumpto elevado,
Que plectro era melhor, mais sublimado,
Que essa lyra com vozes sempre bellas,
Que pulsa encordoada entre as Estrellas?
Solta pois a corrente
Dessas agoas do Pindo, transparente.

Doce Canto formára:
Mas quem me não notára

[Antônio José Gomes da Costa morava no Rio de Janeiro, e foi presente à Academia dos Seletos, em exaltação a Gomes Freire de Andrada, a quem ofereceu o seu *Applauso métrico*, que vem nos *Júbilos da América*, ps. 347/356. Ao secretário da mesma Academia dedicou um soneto, *ibidem*, ps. 357, e ainda *Epístola* em versos.

Sua bibliografia em Sacramento Blake, *Diccionnrio Bibliographico*, I, ps. 216/217. — R. G.].

Fazer, com novo espanto,
De assumpto festival nocturno Canto,
Tocando lyra, bem que acórde toda,
Que só da noite á solfa se accomoda?

A tudo expôr-me quero,
Só porque, em fim, applauda a quem venero.
Apollo me acompanhe,
Porque altivos louvores desentranhe,
Ao compasso da lyra,
Meu peito, que contente hoje respira.

É Tavares o objecto,
A quem louvar pretende o meu affecto,
A elle hoje as minhas vozes
Em fugas se terminam mui velozes;
Pois é de seu talento a galhardia
Brazão de Apollo, lustre de Thalia.

Aqui meu instrumento
Parára obsequiozo o seu concento
Inculto e desabrido;
Se, do seu plectro aos rasgos suspendido,
O não julgasse o mundo, sem engano,
Doce Amphião, discreto Lusitano.

Por isso continúa
Ainda o seu toque a lyra, que gradúa
Feliz a vossa dita,
Com que na Academia se acredita
Vosso Nome immortal, ó generozo
Tavares, de Helion Principe airozo.

Agora immortaliza
A Fama a vossa penna, que eterniza
A vossa gloria, quando
Da vaga Trompa o brado reforçando,
Qual gigantino dedo, em voz preclara,
Indice faz da corpulencia rara.

Só Vós, douto Tavares,
Que Apollo vos dedique seus altares
Mereceis por exemplo
A Postr'idade, e que em seu nobre templo
Vos colloque por brio;
Pois o confessa assim todo este Rio.

Nos Annaes celebrados
Esta gloria (porque perpetuados
Fiquem vossos louvores)
Se assente; porque a Fama aos vividores
Applausos vossos, cante, em voz notoria,
Immortal o louvor, eterna a gloria.

Dr. RODRIGO DE SEIXAS BRANDÃO

Dr. RODRIGO DE SEIXAS BRANDÃO

SONETOS

Jubileu da America
contem estes dois sonetos
e mais muitas poesias

1.º

Fugir á ostentação, que o mundo estima,
Desprezar o louvor, que o genio abraça,
Não é da terra productiva graça,
É virtude especial, que vem de cima.

Andrada o nome occulta, quando gnima
Um novo Ceo na terra. Há quem tal faça!
Se em qualquer invenção, que o homem traça,
Quer logo que o seu nome se lhe imprima.

Como por Deos na terra o nome occulta,
Melhor o manifesta, sem vaidade,
Pela gloria immortal, que lhe rezulta;

[Esse poeta desconhecido devia ser natural de Minas Geraes, onde a família Seixas Brandão, de Marília de Dirceu, floresceu no século XVIII. Seria formado pela Universidade de Coimbra antes da reforma pombalina, isto é, antes de 1772, porque seu nome não se inclúi na relação dos *Estudantes Brasileiros na Universidade de Coimbra* (1772-1872).

Sua bibliografia em Sacramento Blake, *Diccionario Bibliographico*, VII, ps. 426. — R. G.]. nasceu no Rio, filho de André de Barros Brandão. Entrou para a Un. de Coimbra em 1735. Formou-se em leis em 1748.

Porque de animo pela heroicidade,
Com que a expressão do Nome difficulta,
No grande livro o expôem da Eternidade.

2.°

Por armas, cujo sequito excitava
De Gomes Freire o espirito animozo,
As letras repudia, em que famozo
Alumno de Minerva se ostentava:

Ao belligero estrondo o affervorava
De seus antepassados o gloriozo
Nome excelso, que em lance victoriozo
Conseguiram, e Gomes só prezava.

Mas sendo armas, ou letras, geralmente,
As que fazem ao homem conhecido,
Fez-se em letras por armas excellente;

Porque quando dos seus segue o partido,
Quem duvida que então gloriozamente
As armas lhe daô nome de entendido.

Dr. THOMAS RUBY DE BARROS BARRETO

Dr. THOMAS RUBY DE BARROS BARRETO

SONETOS

1.º

Quebra-se o bronze, a pedra se arruina,
Consome-se o buril na eternidade,
A inscripção, monumento, a antiguidade
Tudo acaba, tem fim, tudo termina.

[Para Sacramento Blake, *Diccionario Bibliographico*, VII, ps. 297, Tomás Rubi de Barros Barreto, pelos apelidos, teria nassido em Pernambuco, o que Arthur Motta, *História da Litteratura Brasileira — Epoca de transformação — Seculo XVIII*, ps. 153, adotou sem qualquer outra prova. Como Jaboatão e Borges da Fonseca façam omissão de seu nome entre os das famílias baianas e pernambucanas, de que trataram largamente, a suposição de Blake e a afirmação categórica de Motta, carecem de fundamento, ainda por que tais apelidos tanto se podem ajustar a um pernambucano, como a um baiano, como a um fluminense, como também a um português legítimo, hipótese mais simpática.

Quanto se apura sôbre Tomás Rubi é que era formado em Direito e magistrado. Servia cargos de justiça na capitania de Minas Geraes durante o governo de Gomes Freire de Andrada, quando, cerca de 1749, por comissão dêsse governador e em virtude de ordem régia, foi incumbido da divisão de limites entre aquela capitania e a de São Paulo, o que executou, principiando do alto da serra da Mantiqueira, onde estava um marco antigo, e tirando uma linha pelo cume da dita serra até ao morro do Lopo, e dêste ao morro de Mogiaçu, e dele ao Rio Grande, onde começa

(1) Foi nomeado ouvidor do Rio das Mortes em 21 de Abril de 1747. (Cf. Relação dos lugares de Letras que foram providos por despacho de Sua Magestade de 21 de Abril de 1747 — 1 fl. avulsa s. lugar de impressão, que possuo)

Do que a Deos se tributa e se destina,
Querer parte, não é de heroicidade,
Antes sim é vangloria, ou é vaidade,
Que na infame jactancia predomina.

Dá a Deos este heróe um templo, e hospicio;
E porque das offertas nada tome,
Até das inscripçoens faz sacrificio.

---

a capitania de Goiás, — José João Teixeira, *Instrucção para o Governo da Capitania de Minas Gerais*, in *Revista do Instituto Historico*, XV, ps. 283.

Em 1752 estava no Rio de Janeiro, presente à Academia dos Seletos, celebrada em homenagem a Gomes Freire, como adiante se verá; em companhia do mesmo Gomes Freire e demais membros da comissão de limites da divisão do Sul, em cumprimento do Tratado de 1750, embarcou na nau de guerra *Nossa Senhora da Lampadosa*, a 19 de fevereiro daquele ano, — Varnhagen, *História Geral do Brasil*, IV, ps. 164, nota.

Em 1759 era desembargador da Relação da Bahia e seu chanceler. Em maio atendia ao convite do Conselheiro de Ultramar José Mascarenhas Pacheco Pereira Coelho de Melo para a fundação da Academia dos Renascidos, da qual foi sócio de número, — Alberto Lamego, *A Academia Brasileira dos Renascidos — Sua fundação e trabalhos inéditos*, ps. 13, Bruxelles, L'Édition d'Art Gaudio, 1923.

Em 15 de agosto do mesmo ano de 1759, em carta ao ministro Côrte-Real, informava a respeito do coronel Pedro Leolino: "... o qual merece que S. M. o atenda com algum soldo, com que possa passar o resto da vida, que será pouca, porque já passa dos oitenta anos, toda empregada a maior parte no serviço de S. M..." — Varnhagen, *História Geral do Brasil*, IV, ps. 159.

Em 8 de julho de 1760 tomou posse do governo interino da capitania por morte de D. Antônio de Almeida Soares Portugal, primeiro Marquês do Lavradio (8.º vice-rei); devia governar em companhia do coronel Gonçalo Xavier de Brito e Alvim e do desembargador José Carvalho de Andrade, mas êstes desistiram, e assim governou só até 21 de junho do ano seguinte, — Varnhagen, *História Geral do Brasil*, V, ps. 308.

Em 12 de novembro de 1762 remetia Tomás Rubi para a Côrte a *Narração panegírica das festividades com que a Cidade da Bahia solenizou os felicíssimos desposórios da Princeza Nossa Senhora [depois Rainha D. Maria I], com o Infante D. Pedro*, —

publicada nos Anais da Bibl. Nac. Vol 31 p. 408/434.

Mas julgo, porque as glorias bem lhe some,
Que occultar o seu nome no edificio,
Foi meio de exprimir mais o seu nome.

2.º

De fortes inimigos não se alcança
O triunfo só a estimulos do braço,
Mais faz a diligencia e o cansaço
De um general de próvida ordenança.

A faltar o conselho, ou ter tardança
Servirá o valor só do embaraço,
Sendo o estrago primeiro, que o ameaço,
E perda, o que até alli era esperança.

Não padeceu tão triste e infausta estrella
A Colonia immortal do Sacramento
Sitiada das Armas de Castella.

Pois teve para o fim do vencimento
Deste heroe diligencias por cautéla,
Direcçoens de seu grande entendimento.

---

festividades que começaram em 23 de setembro de 1762, e duraram três dias, — Varnhagen, *História Geral do Brasil*, IV, ps. 332, nota. Daí por diante não se colhem mais notícias a respeito de Tomás Rubi.

Como se disse, esteve presente à Academia dos Seletos, no Rio de Janeiro, e na coleção dos *Júbilos da América* (ps. 506-520), deixou quinze sonetos de sua lavra poética. — R. G.].

ANTONIO JOSÉ VAZ

ANTONIO JOSÉ VAZ (*)

CANTICO

Em acção de graças a Deus, no dia anniversario do natalicio de Principe regente

(13 de maio 1810)

Causa das Causas Portentoso Ente,
  Por Quem reinam os Reis,
E o mais amavel PRINCIPE REGENTE
  Numera justas Leis:
Bem como conta venturosos annos,
Porque exultam fieis Americanos.

De Saturno, a cantar-te aspira a Muza,
  Passar o anel chumbado,
E sem recear encontros de Meduza
  No vôo arrebatado,

(*) Na propria dedicatoria diz: "que todos os fieis vassallos brazileiros *devemos*" etc.

[Antônio José Vaz nasceu em São Paulo por meiados do século XVIII e faleceu em 12 de julho de 1823. Foi coronel de milícias e abastado proprietário na província.

Sua obra poética é mencionada por Sacramento Blake, *Diccionario Bibliographico* I, ps. 232. — R. G.].

Na região, que monstros não rezerva,
Vai ver auspicios da melhor Minerva.

Já me sinto elevar sobre as esferas
  Desses nadantes mundos.
As orbitas já deixo, as atmosferas,
  Desses Globos rotundos;
Já chego ao Ceo das nitidas Estrellas,
Aonde o Astro que invoco as faz mais bellas.

Tu me inspiras, benefica me inflammas,
  Aurora Soberana.
Minha Alma toda electrizada em chammas,
  Fervida e ufana,
Não teme de trazer fogo do Ceo,
Melhor que Richeman, que Prometheo.

Tu que na lente ustoria da malicia,
  Voltar abrazadores,
Da popular prezumes impericia,
  Os raios criadores
Da revelada Luz, encaminhante
Da razão sempre fraca e desvairante.

Tu agora mortal; que entorpecido
  No orgulho do Atheismo,
Cerrando a vista, ensurdecendo o ouvido,
  Segues um scepticismo;
Eu te obtesto, que attendas ao meu Hymno,
Verás nas obras um Author Divino.

Em duplice vertigem se movia
  A machina do mundo (*),
E o ar, que a atmosfera lhe cubria
  Movia-se segundo
As Leis de atracção e gravidade,
Que o Grande Pai lhe impoz da Eternidade.

(*) Dito por hypotese.

A opaca Lua, Satelite constante,
Os passos lhe seguia;
E á proporção, que ao Sol firme e distante,
Voltava-se, ou fugia,
Ora dias e noites se alternavam,
Ora as estações se transmutavam.

No grande e no pequeno se admirava
A Sabia Providencia;
O insecto, o Elefante, indicios dava
De tanta Omnipotencia,
Que de atomos formára os Elementos,
Principios de tantos mil portentos.

Da antiga noite desse cahos horrendo
Surgira de repente
Um theatro de prodigios estupendo,
Que transportava a mente;
Já toda a Natureza proclamára,
Um Deos Grande, que o plano lhe traçára.

Que linhas bem tiradas a infinito:
Do centro da materia!
Que luzimento aos Astros circumscripto
Na região etheria!
Que pezos graduados, que excellentes
Proporções, aos fins correspondentes!

Que solidos 'em fluidos nadantes
Opacos e sombrios,
Nos espaços, que Astronomos errantes
Supporiam vazios!
Que voloes inflammados, d'onde os raios
Sahindo troam mundos de demaios!

Que depozito immenso e espantoso
De agoas e de neve?
Que alastrado granizo montuoso,
Que se sustenta leve,

Sobre os ares ramosos, d'onde os ventos
Ou resonam, ou surgem violentos!...

Mas, onde vás, o Musa, arrebatada
As nuvens traspassando?
Acazo em mar e terra authenticada,
Não pódes ir mostrando
A mesma idéa da GRANDE OMNIPOTENCIA?
Que em tudo fez sellar sua Providencia?...

Abatte um pouco as azas, e observando
A esferoida figura
Da terra a que os mares rodeando,
Lhe formam a estructora.
Olha qoe admiravel symmetria,
Qoe engenhosa e sublime Geometria!...

Tu já te remontaste a essas Estsellas,
Agora aos fundos mares
Ah? desce a contemplar coisas tão bellas,
Como viste nos áres,
Olha como da Lua pelo isfluxo,
Bolindo estão as Ondas em refluxo!...

Ai, se ellas dormissem estagnadas,
Que males causariam!
Pelo Sol em vapores exhaladas
Tudo empestariam...
Mas, aqui vem Prometheo todo cansado,
Conduzindo o rebanro de seu gado.

Olha que vasto Imperio numerozo
De mudos differentes?
Ricas perolas, o aljofar precioso,
Corais mais excellentes,
Tudo se cria neste numido Elemento,
Que pasmo, que prodigio, que portento!

Porém que novo encanto me surprende!
Que vistas sobre a terra!

Que nova maravilha que transcende
  Quantas Natura enierra?
Um Ente de mais alta dignidade
Eu diviso em quem brilha a Divindade.

Eu o vejo de aspecto magestozo,
  Sublime e levantado,
De graças mil compendio volumozo,
  Universo abreviado;
Que obra, não por instincto maquinal,
Mas por ordem de uma, Alma racional.

Eu o vejo absoluto Soberano,
  Cuja voz dominante
Dispoem dos Astros, Ventos e Oceano,
  Vejo que a turba errante
Dos animaes indoceis lhe obedece,
Que tudo aos seus desejos comparece.

Eu vejo em Campo deilicioso
  De flores matizado,
Aonde destilla aroma especioso
  Um cheiro delicado;
E as abelhas amigas da fragrancia,
Fabricam sempre meliflua abundancia.

Onde Ceres, Pomona, o seu thesoiro
  Abrindo lhe offerecem.
E as ricas messes e os pomos de oiro
  A um tempo madurecem;
Onde em fim sempre reina a Primavera,
E do Inverno o rigor já mais se espera.

Mas ai, que neste bello Paraizo,
  Em fontes cristallino,
Lá tropeça no espelho de Narcizo,
  E julga-se Divino:
Lá perde as graças, perde a formosura,
Ri-se a Serpente, e se abre a sepultura.

Plantar podéste em fim, monstro horrorozo,
Do Erebo a semente
No mesmo Coração, que respeitozo
Devêra obediente,
Adorar dentro d'Alma a Divindade;
Insuflando-lhe a tua vaidade.

Viste nelle as bellas excellencias,
Que orgulhosa perdeste,
E ardendo em zelos mil, em displicencias,
De um pomo te valeste,
Para inspirar desejos tenebrozos,
Que impedissem progressos gloriozos...

Porém... que aguarda a Urna dos Decretos
Do Soberano Ente!...
Mal pensaste os Arcanos mais Secretos
Mortifera Serpente...
Teus improbos prestigios, tua maldade,
Lá vão formar um triunfo á humanidade.

Eis, desce um Deos, que vem a humanizar-se
Victima da obediencia:
Eis, sobe o Homem já a divinizar-se
Nos braços da innocencia.
Olha de que esplendor, nova belleza,
Não se reveste a humana natureza!...

Mas que... do negro baratro appareces
De novo te arastrando,
Imperio, honras vãs que lhe offereces
De lá vens cogitando!...
Infando monstro a tanto t catreveste,
A teus DEOS E SENHOR tentar pudéste?...

Não vês que em hypostatica Igualdade,
De um DEOS a Natureza,
Se uniu, por confundir-te, á Humanidade?
Vacillas na incerteza?

Ouve a repulsa... espera... não te espantes...
Está escripto em purissimos diamantes...

Fugiu, fugiu a Serpe exasperada,
Largando-lhe a victoria,
Mas, porque fosse a obra consumada,
Quiz por maior glória,
Que o Labaro da Cruz fosse arvorado,
E com seu proprio sangue rubricado.

Que assumpto para os Anjos!... DEOS ETERNO,
Que a tua Imagem bella
No PRINCIPE nos déste o Pai mais terno,
Que todo se desvella
Por formar as delicias dos humanos,
Ditosos lhe dilata os seus bons annos.

Sustenta-lhe, co'a Regia Investidura,
Os dons da Realeza;
Os dons de Sapiencia e de cordura,
Justiça e Fortaleza;
Porque nos desempenhe sempre grato,
Teu Grande Original de que é retrato.

SALVADOR DAS NEVES

SALVADOR DAS NEVES

Natural do Recife

1816

Hymnos Sacros (*)

Deos vos salve, Excelso
Filho de David,
No Passo do Horto
De Gethsemani.

Nesse triste Passo
Começou Jesus
A obra, que vai
Consummar na Cruz.

Para nosso bem
Cheio d'afflicção
Fazia a Deos Padre
Fervente Oração.

[Salvador das Neves, pernambucano, viveu até cerca de 1826. Sua obra poética conhecida é a que o Autor descreve.

Sacramento Blake, *Diccionário Bibliográphico*, VIII, ps 191. — R. G.].

(*) Damos somente, como amostra, estes ao Senhor dos Passos, deixando os outros, á Virgem do Rosario, juntos no mesmo folheto.

Para nos salvar
Bem se compromette
Entre as agonias
Do Monte Olivete.

Prompto o seu Espirito,
E sempre constante;
Sua carne enferma
Quasi agonizante.

Por nós derramou
Em grande effusão
Seu Sangue coado
Em transpiração.

Pelo vosso Sangue
Vertido no Horto;
Dais ás nossas almas
Da graça o conforto.

*

Deos vos salve, Filho
De Deos d'Abrahão,
No nocturnol Passo
Da vossa Prizão.

Divino José
Tão esclarecido
Por vossos Irmãos,
Já prezo é vendido.

Sois Templo animado,
Sois Arca dt Deos,
Entregue por ódio
Aos maos Filisteos.

David Sacrosanto
Entregue aos abalos

Das mãos dos seus mesmos
Rebeldes vassallos.

Affrontoso golpe
Por todos foi visto
Darem por desprezo
Na face de Christo.

Por que não seccaste
Sacrilega mão,
Como succedeo
A Jeroboam?

Prendei a minha alma
Sempre ao vosso lado
Para não cahir
Já mais em peccado.

*

Deos vos salve, Autor
Dos dias e noites,
No tremendo Passo
Dos crueis açoites.

Nesse horrivel Passo
Mandam que se puna
A Christo innocente
Atado á columna.

Os crueis verdugos
De Jesus raivosos
Lhe deram açoites
Os mais rigorosos.

Não são mais ferozes
Crueis leopardos,
Do que foram esses
Algozes malvados.

Qual manso cordeiro
Soffreu muitas dores
Por tantos cutelos
Dos seus matadores.

Do Sagrado Corpo
Já todo exangue
Por tantas feridas
Gotejou seu sangue.

Pela penitencia
Minha alma se una
Comvosco no Passo
Da forte columna.

*

Deos vos salve, ó Rei,
Entre desalinhos,
No amargo Passo,
Da Coroa d'espinhos.

Assim neste Passo,
Jesus Soberano,
Foi feito o opprobrio
Do genero humano.

Tolerou constante
O mais doloroso
Deliquio mortal,
Martyrio penoso.

Serrados seus olhos
De dor opprimidos,
Banhados em Sangue
Quasi amortecidos.

Sois nosso Divino
Grande Salomão

Mesmo no ultraje
Da vil c'roação.

Cubram-se de pejo
Os nossos semblantes
Pelas nossas culpas
A Deos aggravantes.

Pela gravidade
Dos vossos tormentos
Apartai de nós
Os maos pensamentos.

*

Deos vos salve, Christo
A todos notorio,
No tyranno Passo
Do falso Pretorio.

Perguntou Pilatos
Ao povo fallaz,
Qual queriam vivo
Christo, ou Barrabaz?

O povo insensato,
Tão maledicente,
Condemnou ao Filho
Do Omnipotente.

Todos os desprezam
Com más expressões,
Como a um objecto
De mil maldições.

Novo Mardoquêo,
Sem culpa, nem vicio
Condemnado á morte
Do féro supplicio.

Ferido e chagado,
Dos pés á cabeça,
Inda querem que
Seu tormento cresça.

Por essas palavras,
"Eis-aqui o homem"
Livrai-nos dos males,
Que aos povos consomem.

*

Deos vos salve, ó Justo,
Com culpas impostas,
No penoso passo
Da Cruz sobre as costas.

Se as portas de Gaza
Carregou Sansão,
Christo leva a Cruz
Para a Redempção.

Novo Eliacim
Ensanguentado
Carregando a chave
De David Sagrado.

Verdadeiro Izaac,
Para nós propicio,
Carregando o Lenho
Do seu sacrificio.

Vai todo em silencio
O homem de dores,
Qual ovelha entre
Os tosquiadores.

Tão desfalecido
Tristes Passos dá

O victorioso
Leão de Judá.

Qualquer de nós outros
Tome a sua Cruz;
Sigamos os Passos
De Christo Jesus.

*

Deos vos salve, ó Verbo
Divino encarnado
No ultimo passo
Já crucificado.

Pela luz da Fé
Contemplai e vede
O Justo Ismael
Morrendo de sede.

Divino Moysés
Com seccura e magoa,
Quem fez borbulhar
Dos penedos agoa.

Com voz moribunda
Quasi intercadente,
Pelos inimigos
Orou geralmente.

Dos Seus tristes passos
Consummou o gyro
Na Cruz exhalando
O final Suspiro.

Eu fui que dei morte,
Por minha maldade,
Ao Filho de Deos
Com impiedade.

Deste Abel o Sangue
Pede com clamores
Só misericordia
Para os peccadores.

PAULO JOSÉ DE MELLO AZEVEDO
E BRITO

PAULO JOSÉ DE MELLO AZEVEDO E BRITO

Aos annos do Principe D. Pedro

Em de 12 outubro de 1820

Elogio

Na quadra em que o colono o premio aguarda
Dos vertidos suóres; quando baixam
Os íncolas do Olympo conversaveis
De Lysia aos Campos, que brilhante scena

[Paulo José de Melo Azevêdo e Brito nasceu na Bahia, em 1779. — Segundo Varnhagen, *História da Independência do Brasil*, ps. 359, era formado em Leis. Fêz parte, como vice-presidente, da Junta Provisional de governo da Bahia, composta, além dêle (pela Agricultura), do desembargador Luis Manuel de Moura Cabral, presidente (pela Cidade); dcão José Fernandes da Silva Freire (pelo Clero); tenentes-coroneis Francisco de Paula de Oliveira e Francisco José Pereira (pelo Militar); Francisco Antônio Filgueiras e José Antônio Rodrigues Viana (pelo Comércio); bacharel José Lino Coutinho e desembargador José Caetano de Paiva Pereira, secretários; e tenente-coronel Manuel Pedro de Freitas Guimarães, comandante das armas. Essa junta tomou posse a 10 de fevereiro de 1821 e governou até 2 de fevereiro do ano seguinte, quando foi substituida por outra. Havia ela tomado o partido das Côrtes portuguêsas contra o Brasil, e mandou presos para Portugal a brasileiros como José Egídio da Barbuda Gordilho, Felisberto Gomes Caldeira, Antônio Maria da Silva Tôrres,

Os olhos arrebata! Aqui nos hortos
Verga Pomona ás arvores os ramos
C'o dôce pêso de corados fructos;
Ali reluz por entre verdes parras
O rôxo bago, que Lyeu criára
Nos combros racimosos; além Céres
C'os pães que enlourecêra alastra as eiras
D'ellas em tôrno o segador singelo,
Singelos villancêtes modulando,
Ora empunha o mangoal, ora o g'ravanço,
Em quanto a terna espôsa, e a tenra prole
Manejando a joeira o trigo estrema:
Em longo fio da Collina désce,
De cachos carregado o vindimeiro,
Em números atados descantando
Gratos louvores de Semêle ao Filho:
Reina a abundancia, e co'a abundancia reina
No sêio do colono alma alegria.

José Elói Pessoa, José Antônio da Fonseca Machado, major J. G. da Silva Daltro s outros.

Em defesa da lealdade de seus companheiros de Junta, escreveu e publicou Paulo José de Melo Azevêdo e Brito uma *Carta de Hum Membro da preterita Junta de Governo Provisional da Provincia da Bahia — Com hum appendice* (Armas portuguesas). Lisboa: Na Impressão de João Nunes Esteves. Anno 1822. — Rua dos Correeiros, n. 144. In-8.°, de 74 pp.; errata 2 pp. — Datada da Bahia, 22 de agosto de 1822, e assinada por Paulo José de Mello Azevedo e Brito. Essa carta é considerada um documento utilíssimo para a história dos sucessos então desenrolados na Bahia.

No Império, Azevedo e Brito foi deputado à Câmara temporária por sua província em várias legislaturas, e por último senador pela província do Rio Grande do Norte, nomeado em 15 de setembro de 1845, com assento em 6 de maio de 1846.

Era proprietário, veador da Imperatriz, e comendador da Ordem de Cristo.

Faleceu no Rio de Janeiro em 25 de setembro de 1848, sendo sepultado na igreja dos Terceiros do Carmo.

— Sua bibliografia em Sacramento Blake, *Diccionario Bibliographico*, VI, ps. 362. — R. G.].

N'esta quadra opulenta em que os celícolas,
Como á porfia os campos enriquecem,
Do Tronco Braganeez, Lysia, tu viste
Brotar nos campos teus um novo Fruto,
Mais que todos gentil, mais prestadío:
Sálve, Lucina amiga, o Luso Pôvo
Por Dom tão rico graças mil te rende.

De exquisito donaire ataviada,
Tithónca hoje se ergueu do niveo leito,
Risonha abrindo ao Pai e'os róseos dedos,
As claras portas do cheiroso Oriente.

Sálve, Fructo adoravel, firme abono
D'Arvore amosa, d'Arvore Sagrada,
Que Lysia ampara, que o Brazil abriga,
Co'a vicejante magestosa Cópa:
Sálve Próle de Reis, que aos Reis da Terra
Inveja foram, foram Nórte e Rumo
Na de Póvos reger arte sublime.
Do Vate a mente no Appolineo arroubo,
Éras invade, arcanos descortina,
Fórça os umbraes do carranculo Fado,
Abre o férreo volume, e lê Futuros!
Espelha-Te no Pai, fiel transumpto
Dos Claros Seus Avós, João reune
A cópia ingente das Reaes Virtudes,
Que os fez do Mundo assombro, e amor dos Lusos:
Quaes Elles foram, Tu serás um dia.

Eia, exulta, Brazil, ditosa plaga,
Que em teu opímo juvenil regaço,
Tal Fructo, antes Thesouro, agora encerras!

Debaixo d'outro Céo a luz primeira
O Regio Fructo viu; auras Celestes,
Dôces orvalhos, adequados succos,
Ali belleza e nutrição Lhe deram:
Mas o Braço invisivel, que do nada
Tirou os Orbes, e immutaveis regras

Aos Orbes prescreve; ante Quem dóbra
Quanto é feitura Sua, não consente,
Que o chão fecundo que nascer O vira,
O veja sazonar; essa ventura,
Região de Cabral, a ti foi dada!

N'esta do novo Mundo porção larga,
Com a qual foi tão pródiga Natura;
N'este terreno que no plaustro de oiro,
C'os raios verticaes Phebo visita;
Onde o Sexto João, o Pai da Pátria,
O Grande, o Pio, o Compassivo, o Justo,
Lançou eterna base a Throno eterno
Verão os filhos nossos, nossos nétos
Reinar o Excelso Pedro, e a Stirpe sua.
Do Augusto Pái altas lições bebendo
Leis na Terra dará dos Céos trasidas,
E as Éras de Saturno fabuladas,
Hão de Verdade ser reinando Pedro.

De remótos dominios, de conjunctos,
Contino affluirão Póvos e Póvos,
Guarida procurando em Seus Dominios:
Nações hão de almejar Sua alliança;
Para seu Rei, Nações hão de querl-O;
E o Mundo tem de ser de Pedro o Imperio.
Principe Egregio, os cem Clarins da Fama,
Hão de cançar, Teu Nome pregoando;
Sobêjo assumpto aos que perfilha Apollo,
Irás dando, Senhor, até que nasça
Novo Camões que Te arrebate aos Évos:
Qual é Teu Coração, sereno e puro;
Qual Tua Mente, luminosa e vasta,
Tal seja a têa que Te fie Clotho!

JOSÉ PEDRO FERNANDES

JOSÉ PEDRO FERNANDES

Ao regresso de Pedro 1º da Bahia

(Abril de 1826)

Nos braços da indolencia não se nutrem
Homens, quaes Deoses, que de espaço a espaço
Vem, combinando tempo, e circunstancias,
Dar novo arranjo ao quadro do Universo,
Fazer uteis, activas, productoras
Massas estereis de existencia inhabil.
Só de esforçadas, colossaes fadigas
Brota possante o celebre renome
Dos grandes Genios, que rompendo ousados
Cerrada turma de apinhadas trevas,
Em Chefes de Nações, ás Nações deram
Força, Grandeza, Liberdade, e Glória.

Mas onde esses Heroes! Acaso existem?
Das lousas sepulcraes resurgiriam

[São ignorados os precedentes dêsse poeta. Em 23 de agôsto de 1823 foi nomeado oficial da Secretaria de Estado dos Negócios do Império; em 30 de setembro de 1829 passou a oficial-maior da Secretaría do Senado; em 26 de julho de 1841 teve o título de Conselho. — *Documentos biográficos*, Secção de Ms. da Biblioteca Nacional, C. 222-9 e C. 1025-40.

— Sua bibliografia em Sacramento Blake, *Diccionario Bibliographico*, V, ps. 117/118. — R. G.].

Lucidas Phases do Romano Imperio?
Tomariam talvez nova existencia
Gregos, Latinos, venerandos feitos?
Veremos renascer os aureos tempos,
Em que Tito deu Leys, deu Leys Aurelio?
Não que do tempo a roda não desanda;
Porém novas acções, portentos novos,
D'esse antigo esplendor o brilho eclipsam.

O Imperio do Brazil nas Mãos de Pedro
Abriu principio de épocas sublimes.
Entre os Gigantes dous, entre os dous Rios,
Cancellos que lhe poz a mão do Eterno,
Avassallada a furia das revoltas,
Sobre extenso horisonte relampeiam
Dias sem mancha em seculo de assombros.

Lá vejo a Primogenita briosa,
Da audacia de Cabral trofeo primeiro,
Mal podendo suster commoções d'alma
Fervido impulso de prazer supremo.
Apertar contra o peito, contra os labios,
Cobrir de ternas lagrimas de gosto
A bemfeitora Mão, que soube dar-lhe
Existencia de Heroes. Patria sem ferros.
Lá ouço o som dos ecos repetindo:
"Eis-Me entre vós: Sou Grato aos vossos feitos
"Eis-Me entre vós: falai-Me com franqueza;
"O vosso Defensor Ha de Attender-vos.
"Os votos do Brazil são os Meus votos."
Lá sinto um terno Adeos... Breve que fosse
Tem azedume tal.... Nós o provamos:
Embóra o coração guardasse a imagem....
São quasi morte ausencias tão sentidas.

Mas nova scena em extasis me enleva!
Eis o momento suspirado ha muito:
Eis outra vez nas margens do Janeiro
O Terno Amigo, o Defensor da Patria,

A doce Mãi do Brazileiro Povo,
E a Princeza gentil delicias nossas.

O Amor, a gratidão, o gosto, o instincto
Ao jubilo geral dão largo impulso.
Livre expansão do ardente enthusiasmo
Na voz, no gesto, nas acções, e em tudo
Magica verte deleitoso encanto.

A pura, a verdadeira Libertada
Foragida de um Mundo turbulento,
Onde licença atroz, porção do Inferno,
O nome lhe infamou por varias fórmas,
Fugiu para o Brazil, veio asyllar-se
No codigo immortal das Leis de Pedro
A salvo do naufragio e das tormentas,
Já vê sem susto acapellar-se ao longe
O pavoroso mar, em que rebramam
Vagas feroces de paixões sem freio.
Já sente a salvo o retinir dos ferros,
Dos ferros por mil vezes preparados,
Em vituperio seu, mesmo em seu nome.

Nestas, sem termo, deleitosas Plagas
Os fóros da Razão não sofrem jugo.
Prole celeste da moral dos Numes,
Contente o coração gosta entre os risos,
Serenos risos de um Governo affavel
Aqui não vemos disfarçados Linces
Segredos prescrutar nos seios d'alma,
E em falha a sedições, que denunciem,
Sedições extrahir da propria mente,
Só a fim de lucrar um pouco de ouro,
No vil salario da perfidia horrivel;
Ou talvez por fartar brutal vingança,
Vertendo o sangue de innocentes peitos.
Aqui não freme o ronco das procellas,
Que tem de mil Nações cavado a ruina:
Aqui perpetuos bens meigos adoçam

Agros destinos, turbida existencia.
A voz da intriga, o incenso da lisonja
Não arde, não troveja aos pés dos Sólio,
Nem as trevas do engano alli transformam
Serviços em traições, virtude em crimes.

O Genio protector, que nos defende
Nunca retorce da carreira illustre,
Que do Emprego sublime o gráo Lhe marca;
Docil, e prompto no outorgar dos premios,
Sómente é tardo ao desfechar dos raios.
Inda nas crises de apurados lances
Não soube vacillar, tremer não soube,
Arduos projectos, que traçou na mente,
Pôde sempre ao seu fim levar sem custo
Impossiveis não vê, tudo Lhe é facil.
Sempre incansavel, desvelado sempre.
Fez abrolhar no solo Brazileiro
Todos os dons, os elementos todos
Da Gloria, do Heroismo e da Fortuna;
Fez tremular ovante e respeitado
O auriverde Pendão da Patria nossa;
Fez, finalmente, neste vasto Imperio
Ver um Povo feliz no amor do Throno,
E um Monarca feliz no amor dos Povos.
Cidadãos, exultai! O Augusto Movel
De todos esses Dons, de Assombros tantos;
O Grande Pedro, o Fundador do Imperio,
Já respira outra vez sobre estas margens.
Cidadãos, exultai! É nosso: é nosso.
Eil-O comnosco.

JOÃO PAULO DOS SANTOS BARRETO

JOÃO PAULO DOS SANTOS BARRETO

Elogio

(Ao mesmo assumpto antecedente)

Se o tumido, vastissimo Oceano,
Grato recebe as copiosas ondas,
Qu'o Soberbo Amazonas, e que o Prata
Em feudo perenal nelle derramão,

[João Paulo dos Santos Barreto nasceu no Rio de Janeiro, em 30 de abril de 1788. Seguiu a carreira das armas, com praça de soldado em 1807, no Regimento de Artilharia da cidade, recebendo logo a graduação de sargento. Em 17 de dezembro de 1808 foi promovido a segundo-tenente do mesmo Corpo, então chamado Regimento de Artilharia da Côrte. Suas sucessivas promoções até o posto de brigadeiro, em 12 de setembro de 1837, constam de sua fé de ofício e mais papéis que lhe dizem respeito, — *Documentos biográficos*, Secção de Ms. da Biblioteca Nacional, C. 162-5, C. 725-74 e C. 1025-42.

Completou o curso da Escola Militar da Côrte em abril de 1821. Fêz parte da expedição enviada do Rio de Janeiro para debelar o movimento republicano de Pernambuco, em 1817. Em 1831 foi comandante do Batalhão de oficiais, formado na Côrte para salvaguarda do trôno e das agitações reinantes. Foi ministro da guerra em 1835 e em 1846; em 1840 comandou em chefe o exército em operações no Rio Grande do Sul. Por duas vêzes teve assento na Assembléia Provincial do Rio de Janeiro e em 1845 foi deputado à Assembléia Geral. Teve comissão na França e em

Ah! Não regeita por mesquinho, e pobre
O tardio re"ato, que submisso
Tributo vai prestar-lhe reverente.
D'est'arte, Inclito Pedro, o vate implume
Se remontar não pode a Phebo ignifero,
Rasteiros vôos ensaia ao bifendido
Sagrado Monte, habitação das Musas.
Oh qu'assumptos não vejo magestosos
Para ingente Epopéa e altiva Historia!
Vejo abaladas na caduca Europa
Da Mole Social vetustas Bases,
Em quanto assoma no Brazil ovante
Magestoso Edificio, obra de Pedro.
Vejo na Terra de Cabral famoso
Novos brotarem venturosos dias
Que vão de Rhea os dias memorando:
Vejo (Oh Prodigio!) o Joven Sublimado
A gloria escurecer do Heroe, que outrora
Na Plaga Boreal seu Nome teve.
Se tanto fulgurou o Etesio Pedro,
Só porque soube Sabias Leis dictando,
Florente Imperio transmittir, que herdára;
Se pôde em fim ganhar de Grande o Nome:
Qual seja, Clio diz, qual nome pode
Convir a tanto Heroe, convir a Pedro
Quando no abismo quasi despenhado,
O convulso Brazil hia á sumir-se,
Quando das Serpes a cabeça horrenda
Pestilente veneno vomitando,
O dente estragador lhe morde o peito,
Quando affrouxados, rotos os ligames,
Em partes dissolvido o Grão Collosso,

Portugal. Era marechal do Exército, doutor em Matemática, do Conselho de S. M. o Imperador e fidalgo cavaleiro.

Faleceu no Rio de Janeiro, em 1 de novembro de 1864.

— Conf. Joaquim Manuel de Macedo, *Revista do Instituto Historico*, XXIX, parte 2.ª, ps. 417/421.

Sua bibliografia em Sacramento Blake, *Diccionario Bibliographico*, IV, ps. 16. — R. G.].

Gigantesco Brazil tocava o termo,
Eis surge Pedro, de Mavorte Alumno,
Forrado o Peito d'aço, o sabre em punho,
Arrojando p'ra além dos Mares bravos
As imigas, sacrilegas cohortes;
Qual Santelmo que traz a Náo do Estado
Bonança perenal, serenos dias
Surge do Abismo, surge da Discordia
O radiante, magestoso Solio,
Que Nascimento e Gratidão lhe outorgam:
Alça o Brazil a fronte triumfante
Em Pedro encontra Divinal Arrimo.
Sopra-lhe vida, Marca-lhe a carreira,
Que em breve percorrendo á meta chega.
Não cessa Pedro de benigno a dextra
Solicito estender. Não murcha a planta
Se de sabio cultor a mão a ampara.
D'est'arte assomam lucidos dictames,
Brotam as Artes, vingam as Sciencias:
Cede Neptuno o Reino Cristalino
Á dura quilha d'Argos renascida:
Marte abandona os campos devastados
Da prisca Europa, vem firmar seu trono
No fertil solo do Brazil benigno;
Bravos Alumnos, que Belona adestra,
D'envolta a morte com seus golpes mandam
Contra os infidos, horridos Titanes,
Que serros sobrepondo a altivos serros,
Sacro Olympo escalar ousam protervos.
Que mais pode outorgar fagueiro Nume?
Não tem doce Penhor na Prole Augusta
Concedido ao Brazil Jove Potente?
Não vemos congregados Nomothetas
Ardendo em zelo santo as Leis traçarem
A pár das Normas, que dictára Pedro,
Não vai doce conforto aos caros Póvos
Qual Nume tutellar prestar Amigo,
De Bóreas e Neptuno despresando
Rijas procellas, sibilantes sópros?

Não vemos'.... Musa, basta qu'altos feitos
Cantar só podem Vates, que libando
D'Aganype o licor sacro e prestante,
Sonoroso clarim do Pindo embocam.

PEDRO JOSÉ DA COSTA BARROS

PEDRO JOSÉ DA COSTA BARROS

CANTATA

(Imitação da de Dido)

Aos annos da Imperatriz Amelia, em 1830

Já Nicteroy buscava branquejando
A suspirada Brazileira frota;
Mostrando a furto o pavilhão dourado,
Que ora travessos ventos escondiam:

[Pedro José da Costa Barros nasceu em Santa Cruz do Aracati, Ceará, em 7 de outubro de 1779, filho do mestre de campo Pedro José da Costa Barros, português, e de D. Antônia de Souza Braga, pernambucana.

Matriculou-se na Universidade de Coimbra, Filosofia, em 30 de outubro de 1797 (obrigado), e Matemática, em 5 de outubro de 1798 (obrigado). — *Estudantes Brasileiros na Universidade de Coimbra*, n. 478.

Foi militar e alcançou os postos da carreira até o de tenente-coronel de artilharia; presidiu as províncias do Maranhão e do Ceará, e foi senador por essa última província desde a instalação dessa Câmara, nomeado em 22 de janeiro de 1826.

Faleceu no Rio de Janeiro em 20 de outubro de 1839.

— Suas biografia e bibliografia *in* Barão de Studart, *Diccionario Bio-Bibliographico Cearense*, III, ps. 32/17, Fortaleza, 1915. — R. G.].

Raivoza, mais que Dido
Turva-se a Inveja, morde-se ululando:
Co'as serpes atirar em vão procura
Ao Brazileiro Eneas:
Apinhada nas ruas, e nas praças
A Brazilica gente se apresenta;
Corre em ondas á praia ha pouco nua,
Té tocarem co's pés na praia as ondas:
Muitos das altas grimpas
Das Cathedraes soberbas
Roubam, sem susto, ou medo, o pouzo ás aves:
Na morte e no sepulcro
Ali não se imagina:
Perdem-se estas ideas como as cinzas,
Que o vento leva, que dissipa as vozes,
Á mais formoza, do que o fôra Elisa,
Á Amelia igual aos Numes
Já Nicteroy prepara,
Outr'ora esmorecida,
Queimar-Lhe incensos, erigir-Lhe altares.
A classe inferior do Povo as taças
Enche do rubro vinho,
Que em fido sangue corre a converter-se.
Já de prazer delira
O amavel sexo lindo;
A madeira subtil desentrançada
Sem arte aqui, ali, prende sem tino.
Do Regio apozento
Sae a buscar a amante,
A Espoza enternecida.
De Saudade esquecendo as agras queixas,
O Grande Imperador, que os Céos mostraram,
Para bem do Brazil, d'onde pendentes
Todos os Fados seus se descobriram:
Conquistou-nos amor; não dura espada;
Para reger-nos, Pedro, ah! não arranca
Jamais ferro oppressor d'aurea bainha:
Seu Paternal amor mais penetrante
Deu alma ao seu Direito, ás Leis deu corpo.

Já se avistam: nos labios murmurando
A amoroza expressão das linguas salta;
Ao ver de Pedro as faces rociadas,
Se esquecem de Munich aureas columnas:
Amelia sente erguer-se
Dentro do Coração da Dita o leito:
Quando aos olhos do Espozo os Seus levanta,
Do Espozo dão-lhe os olhos
Mais prazer, do que dor a Dido a malha
Do infiel Dardanio.
Esta scena de amor se repetia
Entre os vivas do Povo, entre os accentos,
Que por todo o Brazil inda voando
Hão de sempre escutar-se: assim se ouviram:
Feliz Consorcio!
Ditozos Laços!
Que Amelia guias
De Pedro aos braços:
Teus claros dias
Eternos sejam.
Ao novo Imperio
Hoje asseguras
Mil bens presentes,
Ditas futuras.
Discordia bruta
De nós já foge;
Da paz os mimos
Gozamos hoje.
O Par mimoso,
E Magestozo,
Que d'alta gloria
Um Deos premêa;
Já da Memoria
A clara vêa
Sulcando vai.

Fr. JOÃO BAPTISTA DA PURIFICAÇÃO

Fr. JOÃO BAPTISTA DA PURIFICAÇÃO

Da Provincia de Santo Antonio do Brasil (*)

(*A Antonio Joaquim de Abreo, em 1815*)

Deosas do Pyndo, placidas Camenas,
Que promptas florejaes-me a branda rima,
Cedei-me a Lyra eterna,
Que ao Luso Cysne déstes,
Para ao som modular dos aureos fios
O grato nome do Cantor Divino.
Flammifero vapor nas debeis fibras,
Serpeando embellece o frouxo alento
De um estro entorpecido:
Sôe em meu ronco peito
A linguagem Febea, a voz dos Numes
Troveje nas canções, que sagro ao Vate.

(*) Não temos toda a certesa de que fosse nascido no Brazil este religioso; mas, na dúvida, preferimos publicar esta ode, que recommenda o seu estro; e rogamos a quem esteja no caso de consultar os archivos da ordem de averiguar delle a naturalidade.

[João Batista da Purificação nasceu em Pernambuco entre o último quartel do século XVIII e o primeiro do seguinte. Foi franciscano professo no Convento de Santo Antônio do Recife. Pregador e poeta.

— Sua bibliografia resume Sacramento Blake, *Diccionario Bibliographico*, III, ps. 350/351. — R. G.].

Não fito as vistas da ambição grosseira
Nos amplos cofres, que a Fortuna encinta,
Meu genio não se ufana
Pelo vil interesse,
A candida amizade é quem só tenta
Do pobre alvergue requintar-me o vôo.
Transposto ao cume do Heliconeo monte
O sabio Ontanio, cuja fronte excelsa
Crystalisa a corrente
Da limpida Hypocrene,
Cinge o loiro, no Menalo cortado
Por mãos das Graças, que lhe fervem n'alma.
Faisca o Metro, que se estende aos Evos,
Ao tardio Porvir com gloria tanta,
Que a Gigantea Diva,
Deslisando as areias
De remotas Nações, fará que echôe
No brado universal, que vota em prêmio.
Tão galante expressão, tão linda fraze
Não doira os versos, que adorára Esmyrna
Ness' Aguia do Permesso
Por quem o Macedonio
Entre Marcias Phalanges suspirando
A sorte almeja do guerreiro Achilles.
Aprosada invenção, que o gosto espanca,
Não lhe rouqueja o Canto sonoroso,
Assombrosa harmonia
Lhe ameiga a voz canora,
Ideias immortaes concebe a mente
Nos floreo squadros, que o Universo admira.
Não mais, Musas não mais; guardai-me a Lyra,
Que de aljofar me destes enfeitada
Para louvar d'Ontanio
O nome venturoso,
Entalhado por vós em jaspe fino
A par de Mantuano e Venusino.

FIM DO FLORILEGIO

INDICE

ÍNDICE

	Pags.
Prefação, do A.	7
Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha	9
Notas do A. e de R. G.	11
Obras	11
José Elói Ottoni	27
Notas do A. e de R. G.	29
Obras	29
Vicente da Costa Jeques [*Taques*]	53
Notas do A. e de R. G.	55
Obras	55
Frei Francisco de P. de Paula de Santa Gertrudes Magna	61
Nota de R. G.	63
Manuel Ferreira de Araujo Guimarães	83
Nota de R. G.	85
Obras	85
Francisco Bernardino Ribeiro	91
Nota de R. G.	93
Obras	93
Luis Rodrigues Ferreira	101
Nota de R. G.	103
Obras	103

Págs.

Francisco Ferreira Barreto 115
Nota de R. G. 117
Obras 117

Antônio Augusto de Queiroga 135
Nota de R. G. 137
Obras 137

Gaspar José de Matos Pimentel 143
Nota de R. G. 145
Obras 145

Manuel Alves Branco (Visconde de Caravelas, 2.º) 149
Notas do A. e de R. G. 151
Obras 151

Domingos Borges de Barros (Visconde de Pedra Branca) 169
Notas do A. e de R. G. 171
Obras 171

Francisco Adolfo de Varnhagen 225
Notas do A. e de R. G. 225
Obras 225

APÊNDICE

Satisfação, do A. 243
Nota de A. P. 247

Bento Teixeira Pinto 249
Nota de R. G. 251
Obra 251

Diogo Grasson Tinoco 253
Obra 255

Sebastião da Rocha Pita 257
Nota de R. G. 259
Obra 259

Pags.

Gonçalo Soares da Franca 265
Obras 267

Sebastião Borges de Barros 271
Nota de R. G. 273
Obras 273

Cônego Francisco Xavier da Silva 275
Notas do A. e de R. G. 277
Obras 277

Dr. João Borges de Barros 279
Notas do A. e de R. G. 281
Obras 281

Silvestre de Oliveira Serpa 283
Nota de R. G. 285
Obras 285

Padre José de Oliveira Serpa 293
Nota de R. G. 295
Obras 295

Jerônimo Sodré Pereira 299
Nota de R. G. 301
Obras 301

Dr. José Pires de Carvalho e Albuquerque 303
Notas do A. e de R. G. 305
Obras 305

Antônio Cordeiro da Silva 307
Notas do A. e de R. G. 309
Obras 309

Angela do Amaral Rangel 317
Nota de R. G. 319
Obras 319

Dr. Simão Pereira de Sá 323
Notas do A. e de R. G. 325
Obras 325

Págs.

Padre Antônio José Gomes da Costa 329
Nota de R. G. 331
Obras 331

Dr. Rodrigo de Seixas Brandão 335
Nota de R. G. 337
Obras 337

Dr. Tomás Rubi de Barros Barreto 339
Nota de R. G. 341
Obras 341

Antônio José Vaz 345
Nota de R. G. 347
Obras 347

Salvador das Neves 355
Nota de R. G. 357
Obras 357

Paulo José de Melo Azevedo e Brito 365
Nota de R. G. 367
Obras 367

José Pedro Fernandes 371
Nota de R. G. 373
Obras 373

João Paulo dos Santos Barreto 377
Nota de R. G. 379
Obras 379

Pedro José da Costa Barros 383
Nota de R. G. 385
Obras 385

Frei João Batista da Purificação 389
Notas do A. e de R. G. 391
Obras 391

ACABOU-SE
DE
IMPRIMIR ÊSTE VOLUME
EM
21 DE OUTUBRO DE 1946,
CINQÜENTENÁRIO
DA FUNDAÇÃO
DA
ACADEMIA BRASILEIRA

COLEÇÃO AFRÂNIO PEIXOTO

(*continuação*)

Diálogos das Grandezas do Brasil, (notas de Rodolfo Garcia), 1930.
Cartas do Brasil, de Manuel da Nóbrega (notas de Vale Cabral e R. Garcia), 1931.
Cartas Avulsas de Jesuítas (1550-1568), (notas de Afrânio Peixoto), 1931.
Cartas, Informações, Fragmentos Históricos e Sermões, de Joseph de Anchieta (1554-1591) (notas de A. de Alcântara Machado), 1933.
Jesuítas do Brasil e da índia — do Padre José Caeiro — texto latino e português — 1 vol., 1936.
Tácito Português — Dom Francisco Manuel de Melo, 1940, introdução e notas de Afrânio Peixoto, Pedro Calmon e Rodolfo Garcia.
A Academia Brasileira de Letras (Notas e documentos para a sua história, 1896-1940), com prefácio de Afrânio Peixoto, 1940.

III — BIO-BIBLIOGRAFIA

Castro Alves, por Afrânio Peixoto, 1931.
Euclides da Cunha, por F. Venâncio Filho, 1931.
Álvares de Azevedo, por Homero Pires, 1931.
Junqueira Freire, por Homero Pires, 1932.
Luiz Guimarães Junior, por Iracema Guimarães Vilela, 1934.
Lúcio de Mendonça, por Edgar e Carlos Süssekind de Mendonça, 1934.
Artur de Oliveira, por L. F. Vieira Souto, 1935.
Artur Azevedo, por Roberto Seidl, 1937.
Manuel de Araujo Porto-alegre, por Hélio Lobo, 1938.
Gonçalves Dias, por Josué Montelo, 1942.
Raimundo Correia, pelo Cônego F. M. Bueno de Sequeira, 1942.
Francisco Alves de Oliveira, por Edmundo Moniz e Osvaldo Melo Braga, 1943.

IV — INÉDITA

Pedro Luís, Dispersos, 1934, por Afrânio Peixoto.
Artur de Oliveira, Dispersos, por L. F. Vieira Souto, 1936.

V — DISCURSOS

Discursos Acadêmicos, 11 vols. (1897-1943).

COLEÇÃO AFRÂNIO PEIXOTO

(nome dado às suas publicações pela Academia Brasileira, decisão unânime de 25 de junho de 1931)

Biblioteca de Cultura Nacional

I — LITERATURA

Prosopopéia, de Bento Teixeira, 1923.

Primeiras Letras (Cantos de Anchieta. O Diálogo, de João de Léry. Trovas indígenas), 1923.

Música do Parnaso. — A Ilha de Maré — de Manuel Botelho de Oliveira, 1929.

Obras, de Gregório de Matos: I — "Sacra", 1929; II — "Lírica", 1923; III — "Graciosa", 1930; IV e V — "Satírica", 2 vols., 1930; VI — "Última", 1933.

Discursos Político-Morais, de Feliciano Joaquim de Sousa Nunes (prefácio de Alberto de Oliveira), 1930.

O Peregrino da América, de Nuno Marques Pereira (introdução e notas de A. P., Rodolfo Garcia, Pedro Calmon, Varnhagen e Leite de Vasconcelos), 2 tomos, 1939.

Geórgicas Brasileira, de Prudêncio do Amaral e José Rodrigues de Melo, trad. de João Gualberto dos Santos Reis, biografias e notas de Regina Pirajá da Silva, 1941.

O Uraguai, de José Basílio da Gama (edição comemorativa do 2.º Centenário do Poeta, anotada por Afrânio Peixoto, Rodolfo Garcia e Osvaldo Braga), 1941.

Poesias, de José Bonifácio (Américo Elísio) — Edição facsimilar da 1.ª (1825), com prefácio de Afrânio Peixoto, — 1942.

Uma Página de Escola Realista, de Castro Alves. Edição facsimilar do autógrafo, com prefácio de Afrânio Peixoto, 1943.

Queda que as Mulheres têm para os Tolos, de Machado de Assis. Edição fac-similar da 1.ª, de 1861, com prefácio de Afrânio Peixoto, 1943.

II — HISTÓRIA

Tratado da Terra do Brasil. — História da Província Santa Cruz — de Pero de Magalhães Gandavo (notas de Rodolfo Garcia), 1924.

Hans Staden — Viagem ao Brasil (revista e anotada por Teodoro Sampaio), 1930.

Publicações da
Academia Brasileira

FLORILEGIO
DA
POESIA
BRAZILEIRA

TOMO III

Rio de Janeiro
1946

COLEÇÃO AFRÂNIO PEI

(nome dado às suas publicações pela Academia Br
decisão unânime de 25 de junho de 1931)

Biblioteca de Cultura Nacio

I — LITERATURA

Prosopopéia, de Bento Teixeira, 1923.

Primeiras Letras (Cantos de Anchieta. O Diálogo, d
Léry. Trovas indígenas), 1923.

Música do Parnaso. — A Ilha de Maré — de Manu
de Oliveira, 1929.

Obras, de Gregório de Matos: I — "Sacra", 1929;
rica", 1923; III — "Graciosa", 1930; IV e V —
2 vols., 1930; VI — "Última", 1933.

Discursos Político-Morais, de Feliciano Joaquim
Nunes (prefácio de Alberto de Oliveira), 1930.

O Peregrino da América, de Nuno Marques Pereir
ção e notas de A. P., Rodolfo Garcia, Pedro Ca
nhagen e Leite de Vasconcelos), 2 tomos, 1939

Geórgicas Brasileira, de Prudêncio do Amaral e José
de Melo, trad. de João Gualberto dos Santos R
fias e notas de Regina Pirajá da Silva, 1941.

O Uraguai, de José Basílio da Gama (edição comen
2.º Centenário do Poeta, anotada por Afrânio P
dolfo Garcia e Osvaldo Braga), 1941.

Poesias, de José Bonifácio (Américo Elísio) —
similar da 1.ª (1825), com prefácio de Afrân
— 1942.

Uma Página de Escola Realista, de Castro Alves.
similar do autógrafo, com prefácio de Afrân
1943.

Queda que as Mulheres têm para os Tolos, de Machad
Edição fac-similar da 1.ª, de 1861, com prefáci
nio Peixoto, 1943.

II — HISTÓRIA

Tratado da Terra do Brasil. — História da Prov
Cruz — de Pero de Magalhães Gandavo (notas
Garcia), 1924.

Hans Staden — Viagem ao Brasil (revista e anota
doro Sampaio), 1930.

17654

